# FONTES BIBLIOGRAFICAS PARA A PESQUISA DA PRATICA MUSICAL NO BRASIL NOS SECULOS XVI E XVII

Paulo Augusto Castagna

*Volume II*

*(documentação)*

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: George Olivier Toni.

– São Paulo, 1991 –

# ÍNDICE DOS DOCUMENTOS

*VOLUME II*

**SEÇÃO I – RELATOS DECRITIVOS**

*VOLUME III*

**SEÇÃO II – REGISTROS OFICIAIS**

**A – Documentos sobre a música na Sé de Salvador (1552-1701).**



**B – Ordenados de músicos da Bahia (1608-1638).**

**C – Documentos sobre atambores, caixas e trombetas na Bahia (1549-1703).**



**D – Documentos sobre a música em São Paulo (1562-1705).**



**E – Documentos sobre a música em Belém do Pará (c. 1658-1694).**

# SÍMBOLOS GRÁFICOS E ABREVIATURAS

| | |
|---|---|
| 23. | Número do parágrafo da parte considerada (livro, capítulo, etc.), quando já indicado pelo autor ou editor. |
| [23.] | Número do parágrafo da parte considerada, quando não ocorre na edição consultada. |
| <...> | Supressão de parte de um parágrafo. |
| [...] | Supressão de um ou mais parágrafos, anteriores ou posteriores ao que foi transcrito. |
| f. / p. | Fólio / página. |
| ff. / pp. | Fólios / páginas. |
| (*p. 23*) ou [*p. 23*] | Página do documento antigo consultado, quando indicada (parêntesis) ou não (colchetes). |
| [*p. 54*] (*p. 23*) | Página da edição consultada, precedida da página que corresponde ao documento antigo. |
| (*f. 54r*)<br>(*f. 54v*) | Indicação de fólio e lado (r, reverso, v, verso). |
| (*f. B3r*)<br>(*f. biijr*) | Fólios indicados por letras maiúsculas ou minúsculas (que correspondem ao caderno, unidade de encadernação dos livros antigos) e por algarismos arábicos ou romanos (grafia arcáica), que dão a posição do fólio no caderno. |
| [palavra] | Letra, palavra ou trecho restaurado (por nós ou pelo editor). |
| [*palavra*] | Palavra ou trecho interpolado na transcrição, com informações que facilitem a compreensão do assunto, principalmente com relação a nomes, datas e locais. |

| | |
|---|---|
| [*"palavra"*] | O mesmo, porém, utilizando-se de trechos extraídos ou traduzidos do texto consultado. É usado também para incluir no corpo da transcrição as notas marginais da edição antiga, geralmente encontradas ao lado das páginas. |
| [*grav.*] | Representação das gravuras que normalmente aparecem na página de rosto dos livros antigos. |
| ** | Indicação que remete à nota de rodapé. |
| v. | Volume. |
| cap. | Capítulo. |
| § / §§ | Parágrafo / parágrafos. |
| Cf. | Confira. |
| MS / MSS | Manuscrito / manuscritos. |
| \| | Divisão de linhas indicada pelo editor ou incluída na transcrição de um manuscrito consultado (original ou facsímile) ou da página de rosto de um livro antigo (anterior ao século XX). |
| ¶ | Divisão de parágrafos, indicada apenas em cabeçalhos e notas de rodapé. |
| MARTIN DE NANTES ★ | Indicação de que o texto citado desse autor consta da documentação recolhida. As obras com essa marca estão relacionadas no item B.1 da bibliografia (vol. I). |
| BIEB | Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. |
| BMMA | Biblioteca Municipal "Mário de Andrade" - São Paulo. |

# SEÇÃO I – RELATOS DESCRITIVOS

# 1

# PERO VAZ DE CAMINHA

## (1440 ? – 1500)

**DOCUMENTO:** CARTA A D. MANUEL, REI DE PORTUGAL. Ilha de Vera Cruz [Bahia Cabrália], 1º de maio de 1500.

**TEXTO:** Autógrafo em português. Lisboa, Torre do Tombo, Gaveta III, 2, 8, de 14 ff.. No f. 1r: « Sõor ». Endereço [f. 14v.]: « *A El Rey noso Sõor* » [Autógrafo]. Segunda letra: « *Carta de Pedro vaz caminha sobre o descobrimento da Terra nova ꝗ fez Pedro Alves. Feita na Ilha de Vera Cruz em o 1º de Mayo de 1500* ». Terceira letra: « *Carta de po Vaz decaminhadodescobrimẽto datrra noua ꝗ fez po Alvarez* » [do escrivão ou secretário de D. Manuel]. Quarta letra: « Gaveta 8ª Maço 2º – Nº 8 ». Quinta letra: « Aqui esta junto huma Copia para milhor inteligencia deste original ». Última letra: « Transcripto do L. 13 da Reforma dos Documentos das Gavetas a f. 43 ». Assinatura autógrafa: « pº uaaz de caminha ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Dezenas de edições deste documento vêm sendo feitas, desde o princípio do século XIX. JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro I, cap. 1, nº 1, pp. 3-4) enumera as principais, acusando a de JAIME CORTESÃO como uma das melhores.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (op. cit., livro I, cap. I, nº 1, p. 1) informa: « A biografia do nosso primeiro cronista [Porto? 1450? – Calecute 1500] não está escrita. Pertencente à classe média letrada, Caminha foi Cavaleiro das Casas de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel. Em 1476, herdou de seu pai, Vasco Fernandes de Caminha, a posição de mestre da Balança da Moeda, no Porto, cargo de responsabilidade em sua época. Em 1497 foi escolhido para redigir os capítulos da Câmara do Porto a serem apresentados às Cortes em Lisboa.¶ Caminha aceita ser escrivão da Armada de Pedro Álvares Cabral e navegar na capitânia com o comandante Aires Correia. Não parecia muito interessado em política e navegação, mas sim no comércio. Morreu no massacre de Calecute, em dezembro de 1500, presumivelmente aos 50 anos de idade ».

**PUBLICAÇÃO E LEITURA ATUAL UTILIZADA:** JAIME CORTESÃO – *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo, Livraria Editora Livros de Portugal LTDA, 1943. [*Transcrição paleográfica:*] Parte II – Transcrição e exegese da Carta: Cap. V] – Estudo paleográfico e transcrição da carta, pp. 127-189. [*Leitura atual:*] Cap. VII – Carta de Pero Vaz de Caminha. Adaptação à linguagem atual, pp. 193-241.

**LEITURA ATUAL:** idem supra.

**OBSERVAÇÕES:** 1) A edição de 1943 não possui paginação própria no capítulo onde a carta está reproduzida, sendo aqui deduzida; 2) O excelente trabalho de MANUEL VEIGA (Portuguese chronicler's: Caminha's letter as an ethnomusicological document. **Art**, (9): 3-62, dez. 1983) traz elementos suficientes para a compreensão das informações sobre músicas deixadas pelo escrivão de D. Manuel, complementando as notas que aqui transcrevemos.

### TEXTO PORTUGUÊS

[...]

[6.] [*f. 3v*] (*pp. 144-145*) ao sabado pola manhaã mandou ocapitã fazer vella | e fomos demandar aemtrada aqual era muy lar|gua e alta de bj bij braças e entraram todalas | naaos demtro e ancoraramse em b bj braças / a | qual ancorajem dentro he tam grande e tã fre|mossa e tam segura que podem jazer dentro neela | mais de

### LEITURA ATUAL

[...]

(*p. 207*) [*sábado, 25 de abril*] Ao sábado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, aqual era mui larga e alta de seis a sete braças. Entraram todas (*p. 208*) as naus dentro; e ancoraram em cinco ou seis braças – ancoragem dentro tão grande, tão formosa e tão segura que podem abrigar-se nela mais de

ij[1] navjos e naaos. e tamto que as naaos | foram pousadas e amooradas vieram os capitaães | todos aesta naao do capitam moor edaquy mandou | ocapitã a njcolaao coelho ebertolameu dijz que fo|sem em terra eleuassem aqueles dous homeẽs eos lei|xasem hir com seu arco e seetas. aos quaaes mãdou | dar senhas camisas nouas e senhas carapuças ver|melhas e dous rrosairos de contas brancas doso que | eles leuauam nos braços e senhos cascauees e senhas | canpainhas. e mandou cõ eles pera ficar la huũ | mancebo degradado criado de dom joham teelo aq̃ | chamã aª rribeiro pera amdar la com eles e saber | de seu vjuer e maneira e amỹ mandou que fose | cõ nicolao coelho. <...> E entam se começaram dechegar mujtos [f. 4r] (*pp. 146-147*) e entravam pela beira do mar pera os batees ataa | que mais nom podiam e traziam cabaaços dagoa | e tomauã alguũs barijs que nos leuantamos e em|chiamos dagoa etrazianos aos batees. nõ que eles | de todo chegasem abordo do batel. mas junto cõ ele | lançauãno damaão e nos tomauamolos epe|diam que lhes desem alguũa cousa. / leueua nj|colaao coelho cascauees e manjlhas e huũs daua | huũ cascauel e aoutros huũa manjlha. demanra | que com aquela encarne casy nos queriam dar | amaão. Dauãnos daqueles arcos e seetas por son|breiros e carapuças de ljnho e por qualq̃r cousa | que lhes homẽ queriã dar. / <...>

[...]

[8.] [*f. 5r*] (*pp. 150-151*) ao domjngo de pascoela pela manhaã detremj|nou ocapitam dhir ouuir misa e pregaçam na|quele jlheeo. e mandou atodos capitaães que se | corejesem nos batees e fosem cõ ele e asy foy feito. / | mandou naquele jlheeo armar huũ esperauel | e dentro neele aleuantar altar muy bem core|gido e aly com todos nos outros fez dizer misa | aqual dise o padre frey amrique em voz entoa|da e oficiada cõ aquela meesma voz pelos outros | padres e sacerdotes que aly todos heram. / aqual | misa segº meu parecer foy

duzentos navios e naus. E tanto que as naus quedaram ancoradas, todos os capitães vieram a esta nau do Capitão-mor. E daqui mandou o Capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fôssem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas, e isto depois que fez dar a cada um sua camisa nova, sua carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de ôsso, que êles levaram nos braços, seus cascavéis[1] e suas campainhas. E mandou com êles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a que chamam Afonso Ribeiro, para lá andar com êles e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fôsse com Nicolau Coelho.

[...]

(*p. 209*) Então se começaram de chegar muitos. Entravam pela beira do mar para os batéis, até que mais não podiam; traziam cabaços de água, e tomavam alguns barris que nós levávamos; enchiam-nos de água e traziam-nos aos batéis. Não que êles de todo chegassem à borda do batel. Mas junto a êle, lançavam os barris que nós tomávamos; e pediam que lhes dessem alguma coisa. Levava Nicolau Coelho cascavéis e manilhas. E a uns dava um cascavel, a outros uma manilha, de maneira que com aquele engôdo quase (*p. 210*) nos queriam dar a mão. Davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que homem lhes queria dar.

(*p. 212*) [*domingo, 26 de abril*] Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se apresentassem nos batéis e fôssem com êle. E assim foi feito. Mandou naquele ilhéu armar um esperavel, e dentro dêle um altar mui bem corregido. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre frei Henrique, em voz entoada[2], e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu

ouuida per todos cõ | mujto prazer e dauaçom. aly era com ocapitam | abandeira de xpos com que sayo debelem a | qual esteue senpre alta aaparte do auanjelho. / | acabada amisa desuestiosse o padre eposese em | huũa cadeira alta e nos todos lamcados per esa | area e preegou huũa solene e proueitosa preega|çom da estorea do auanjelho. e em fim dela tra|utou de nossa vijnda e do achamento desta trra cõ|formandose cõ o sinal da cruz so cuja obediençia | vĩjmos aqual veo mujto apreposito efez mujta deuaçom. | em quanto esteuemos aamisa e aapregaçom | seria na praya outª tanta gente pouco mais | ou menos como os domtem cõ seus arcos e seetas | os quaaes amdauam folgando e olhandonos | e asentaramse. e despois dacabada amisa aseẽ|tados nos aapregaçom aleuantaramse mujtos | deles e tanjeram corno ou vozina e começaram | asaltar e dançar huũ pedaço. <...> [*f. 5v*] (*pp. 152-153*) <...> sayo | huũ homẽ do esquife de bertolameu dijz. e | andaua antreles sem eles entenderem nada | neele quanta pera lhe fazerem mal. se nõ quã|to lhe dauam cabaaços dagoa e acenavã aos | do esquife que saisem em trra. cõ jsto se volueo | bertolameu dijz ao capitam e viemonos aas | naaos acomer tanjendo tronbetas e gaitas | sem lhes dar mais apresam e eles tornaramse aasentar na praya Easy por entam ficarã. / <...>

[10.] [*f. 7v*] (*pp. 160-161*) <...> aalem do rrio amdauã | mujtos deles dançando e folgando huũs | ante outros sem se tomarem pelas maãos e | faziãno bem / . pasouse emtam aalem do rrio | diego dijz alx[e] que foy de sacauem que he homẽ | gracioso edeprazer e leuou consigo huũ ga|yteiro noso co sua gaita e meteose cõ eles | adançar tomandoos pelas maãos e eles folga|uam e rriam e amdauam co ele muy bem | ao so[e] dagaita. despois de dançarem fezlhe | aly amdando no chaão mujtas voltas lige|iras e salto rreal deque se eles espantauam | e rriam e folgaua mujto. e com quanto os | cõ aquilo

parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Alí era com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho.

Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção. Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. E olhando-nos, sentaram-se. E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos dêles, tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e a dançar um pedaço. <...> (*p. 215*) Saiu um homem do esquife de Bartolomeu Dias e andava entre êles, sem implicarem nada com êle para fazer-lhe mal. Antes lhe davam cabaços de água, e acenavam aos do esquife que saissem em terra.

Com isso se volveu Bartolomeu Dias ao Capitão; e viemo-nos às naus, a comer, tangendo gaitas[3] e trombetas, sem lhes dar mais opressão. E êles tornaram-se a assentar na praia e assim por então ficaram.

(*p. 221*) [*domingo, 26 de abril*] Além do rio, andavam muitos dêles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer; e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se com êles a dançar, tomando-os pelas mãos; e êles folgavam e riam, e andavam com êle muito bem ao som da gaita. Depois de dançarem, fêz-lhes alí andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real[4], de que êles se espantaram e riam e folgavam muito. E conquanto com

muito segurou e afaagou. toma|uam logo huũa esquiuesa coma monteses e | foranse pera cjma. <...>

[...]

[12.] <...> [*f.* 9*r*] (*pp.* *166-167*) rresgataram la por cascauees e por | outas cousinhas depouco ualor q̃ leuauã pa|pagayos vermelhos mujto grandes e fremo|sos. e dous verdes pequenjnos e carapuças | de penas verdes e huũ pano de penas de mujtas | cores maneira de teçido asaz fremoso segº | vosa alteza todas estas cousas vera por que oca|pitã volas ha de mandar segº ele dise. <...>

[...]

[14.] <...> [*f.* 11*v*] (*pp.* *176-177*) em quanto aly este dia an|daram senpre ao soõ dhuũ tanbory nosso dançarã | e bailharã cõ os nosos. / ẽ maneira que | san muito mais nosos amj|gos que nos seus. / <...> Eoje que he sesta feira primeiro dia de mayo pola | manhaã saymos em trra cõ nossa bandeira | e fomos desenbarcar acjma do rrio contra osul [*f.* 12*r*] (*pp.* *178-179*) onde nos pareçeo que serja mjlhor chantar a cruz | pera seer milhor vista. e aly asijnou o capitã onde | fezesem acoua peraachantar. Een quanto aficarã fazendo. / ele com todos nos outros fomos pola † | abaixo do rrio onde ela estaua. / trouuemola da|ly cõ eses rreligiosos e sacerdotes diante cantã|do maneira depreçisam. / herã já hy alguũs de|les obra de lxx ou lxxx e quando nos asy virã | vĩjr / alguũs deles se forã meter debaixo dela ajudarnos. / <...> chentada | acruz cõ as armas e deuisa de vosa alteza | que lhe primº pregarom armarom altar ao pee | dela. / aly dise misa opadre frey amrique aqual | foy camtada e ofeçiada per esos ja ditos. / aly | esteueram cõ nosco aela obra de l ou lx deles | asentados todos em giolhos asy coma nos e quã|do veo ao avanjelho que nos erguemos todos . ẽ pee | co as maãos leuantadas. eles se leuantaram | co nosco e alçarom as maãos. estando asy ataa | seer acabado. / e entam tornaranse

aquilo muito os segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza como de animais monteses, e foram-se para cima.

[...]

(*p. 226*) [*segunda-feira, 27 de abril*] Resgataram lá por cascavéis, e por outras coisinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos e carapuças de penas verdes, e um pano de penas de muitas cores (*p. 227*) maneira de tecido assaz formoso, segundo Vossa Alteza todas estas cousas verá, porque o Capitão vê-las há de mandar, segundo êle disse.

[...]

(*p. 234*) [*quinta-feira, 30 de abril*] Nêste dia, enquanto ali andaram, dançaram e bailaram sempre ao som dum tamboril dos nossos*, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus.

[...]

(*p. 235*) [*sexta-feira, 1º de maio*] E hoje, que é sexta feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra, nossa bandeira; e fomos desembarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor chantar a Cruz, para melhor ser vista. Ali assinalou o Capitão o lugar, onde fizessem a cova para a chantar.

Enquanto a ficaram fazendo, êle com todos nós outros fomos pela Cruz abaixo do rio, onde ela estava. Dali a trouxemos com êsses religiosos e sacerdotes diante cantando, em maneira de procissão.

Eram já aí alguns dêles, obra de setenta ou oitenta; e, quando nos viram assim vir, alguns se foram meter debaixo dela, para nos ajudar.

[...]

(*p. 236*) Chantada a Cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiramente lhe pregaram, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o Padre Frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por êsses já ditos. Ali estiveram conosco a ela obra de cinqüenta ou sessenta dêles, assentados todos de joelhos, assim como nós.

assentar co|ma nos. E quando leuantarom adš que nos | posemos em giolhos. eles se poserã todos asy co|ma nos estauamos cõ as maãos leuantadas. e em tal maneira asessegados que certefico | a vosa alteza que nos fez mujta deuaçom. / <...> [*f. 12v*] (*pp. 180-181*) <...> acabada | amisa tirou o padre a vestim^ta decjma e ficou | naalua e asy se sobio junto cõ ho altar en hũa | cadeira e aly nos pregou do avanjelho e dos a|postolos cujo dia oje he trautando ẽfim | depreegaçom deste voso prosegujmẽto | tã santo e vertuoso que nos causou majs de|uaçam. / <...>

[...]

E quando veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, êles se levantaram conosco e alçaram as mãos, ficando assim, até ser acabado; e então tornaram-se a assentar como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, êles se puseram assim todos, como nós estávamos com as mãos levantadas, e em tal maneira sossegados, que, certifico a Vossa alteza, nos fez muita devoção.

(*p. 237*) Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficou em alva; e assim se subiu, junto com o altar, em uma cadeira. Ali nos pregou do Evangelho e dos Apóstolos, cujo é o dia, tratando, ao fim da pregação, dêste vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, o que nos aumentou a devoção.

1 . Nota de JAIME CORTESÃO, nesta edição [pp. 292-293, nota 8]: « Com os **cascavéis** e **manilhas** acontecia o mesmo que com as **carapuças** e **barretes vermelhos** ou os **sombreiros**, de que atrás falamos; eram objetos usuais de troca nesta espécie de comércio. Ao chegar à baía de Santa Helena, como na angra de S. Braz, em 1497, Vasco da Gama, presenteou os indígenas com cascavéis e anéis de estanho. E serviu-se para as trocas de **ceitís** e **barretes vermelhos**. "E nós, depois que jantámos, saímos em terra e com ceitís, que levávamos, rresgatámos **conchas** que eles trazíam nas orelhas, **que parecíam prateadas** ..." (*Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, ed. de A. Herculano, 1861, p. 6 e seg.). Êste interesse pelas **conchas**, **que pareciam prateadas** é digno de aproximar-se do interesse que mereceram a Caminha as **contas que querem parecer de aljaveira**. Lá e noutro caso tratava-se, porventura, da **mesma** suspeita. ¶ Chamava-se e chama-se **cascavéis** aos guisos, com que era e é costume, nalgumas províncias de Portugal e Espanha, ornar os arreios dos animais de tiro. Numa carta de quitação do Rei D. Manuel, passada em 1512, contam-se oito "peitoraes para zemolas com **cascaveis** e **campainhas**, guarnecidas de pano branco e vermelho..." (*Arquivo Histórico Português*, t. 22, p. 428). ¶ No Esmeraldo também se mencionam, com freqüência, barretes e **sombreiros**, **manilhas** e **bacias de latão**, contas azuis e **vermelhas**, objetos estes que serviam, a par dos tecidos, para as trocas comerciais em toda a Guiné e na Mina do Ouro ».

2 . MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 568), citando este trecho de CAMINHA, informa: « Voz entoada. Voz de quem fala de forma semelhante ao canto, variando as alturas dos sons durante o discurso », Trata-se do **cantochão**, usual nas missas cantadas dessa época.

3 . Nota de JAIME CORTESÃO, nesta edição (pp. 310-311, nota 49): « **Gaita**, desde que seja instrumento de **gaiteiro**, quer dizer **gaita de foles**, instrumento ainda hoje muito vulgar em festas de aldeia em todo o norte e centro de Portugal. Considerado na Escócia, na Bretanha, e nos Abruzos, como uma espécie de instrumento nacional, é de origem muito antiga, e como tal já se lhe referia S. Jerónimo no século V. Ao que parece, provém de **utricularium** ou **tibia utricularis** dos romanos. ¶ Mais adiante e relatando os acontecimentos do dia 30, Caminha diz: "Neste dia ... dançaram e bailaram ao som dum tamboril dos nossos ... ". ¶ **Gaita de foles** e **tamboril** eram, então os instrumentos mais comuns em Portugal, em folias e **bailos de terreiro**. ¶ Na *Tragicomédia pastoril da Serra da Estrêla*, de Gil Vicente, os **foliões, bailando de terreiro**, conforme a rubrica do autor, terminam cantando: "Não vos vades vós assi, | Leixae ora a **gaita** vir, | E o nosso **tamboril**, | E treis mortos daqui, | Sem vos saberdes bolir". ¶ E no *Triunfo do Inverno*, o mesmo autor vem à cena prologar som mágua: "E Portugal vi eu já | Em cada casa pandeiro, | E **gaita** em cada palheiro; | E de vinte anos a cá | Não ha hi **gaita**, nem gaiteiro. | A cada porta um terreiro, | Cada aldeia dez folias, | Cada casa atabaqueiro; | E agora Jeremias | He nosso **tamborileiro**." ¶ Os marinheiros portugueses, e à frente de todos Diogo Dias, ensinaram os naturais de Pôrto Seguro a bailar típicas danças de roda portuguesas, ao som dos mais típicos instrumentos de folia, naquela época, em Portugal. Nas miniaturas que acompanham as Cantigas de Afonso, o Sábio (séc. XII) figuram vários jograis, tocando gaita de foles. Podem ver-se as reproduções respectivas na ***Hist.ª da Literatura Portuguesa ilustrada*** (tomo I, pág. 107) ».

4 . Nota de JAIME CORTESÃO, nesta edição (pp. 311-312, nota 50): « Não lográmos encontrar nos escritos contemporâneos de Caminha qualquer passo em que se falasse de **salto real** e nos elucidasse o seu significado especial. Duarte Barbosa fala também de "muytas voltas no cham e saltos reaes", mas sem mais explicações. Supomos todavia, que se trata do que hoje dizemos - **salto mortal** - pois não vemos que outro género de acrobacia poderia o antigo almoxarife de Sacavém executar na praia, e para gáudio dos tupiniquis, que merecesse tão extremado qualificativo ».

5 . O **tamboril** parece ter sido utilizado pelos portugueses em ocasiões festivas, enquanto o **tambor** era encontrado apenas em funções militares. RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário *português e latino***, v. VIII, 1721, p. 34) define **tamboril** como « Espécie de pequeno tambor, com que bailão nas Aldeas, ao som da frauta, com que anda o moço, q guia aos cegos, tangendo com hũa só baqueta ».

# 2

# PILOTO ANÔNIMO PORTUGUÊS

DOCUMENTO: NAVEGAÇÃO DO CAPITÃO PEDRO ÁLVARES CABRAL, OU RELAÇÃO DO PILOTO ANÔNIMO. [s.l., 1500 ou pouco depois].

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Traduzido para o italiano e, posteriormente, para latim, alemão e francês, este texto, entre outros, foi impresso em um livro de FRACANZANO DA MONTALBODDO que teve, segundo RUBEM BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, t. 1983, v. II, pp. 578-580), as seguintes edições no séc. XVI: *Cum privilegio Paesi nouamente retrouati...* (Vicentia, Henrico Vicentino, 1507); *Itinerariũ Portugalesiũ...* ([Milão], s.ed., 1508); *Newe unbekanthe Landte...* (NÜrenbergk, Georgen Stüchssen, 1508); *Paesi nouamente retrouati...* (Milano, Io. Iacobo & fratelli da Lignano, 1508, 1512, 1517, 1519); *SEnsuyt le Nouueau mõde & nauigatiões...* (s.l. [Paris], s.ed. [Jean Janot], [1515]; Paris, Jehan Janot, s.d.; [Paris], [Jean Janot, s.d.]; [Paris, Jean Janot, s.d.]; Paris, Denis Janot, s.d. [após 1521]); *Le nouueau monde...* (Paris, Galliot du pre, s.d. [após 1516]). Aparece, ainda, em italiano, no livro de GIOVANNI BATTISTA RAMUSIO, *Primo volume, & terza editione delle navigationi et viaggi...* (Venetia, Stamperia de Givnti, 1563). JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, v. I, livro I, cap. 1, nº 3, pp. 7-8) aponta a existência de 4 manuscritos do princípio do séc. XVI, indicando um deles na "Sneyd Collection", em Newcastle-on-Tyne e dois na Biblioteca Marciana. RODRIGUES também informa a respeito das últimas reedições da relação do piloto anônimo, as principais impressas em: *Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes...* (Lisboa, Tipografia da Academia, 1867, tomo II, pp. 103-136); reprodução facsimilar, pela Princeton University Press, 1916; edição de William Brooks Greenlee, 1938, pp. 53-94.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: FRACANZANO DA MONTALBODDO - *Paesi nouamente ritrouati per | la Nauigatione di Spagna in Calicut. Et da Alber|tutio vesputio Fiorentino intitulato Mon|do Nouo: Nouamente Impressa.* [Colofão: « *Stampata in Venetia per Zorzi de Rusconi millanese: Nel. M.CCCCC.XVII. adi. XVIII. Agosto* »] [1517]. [BGEB: LR-2-2; 14 X 9; 124 f. inum.]

## TEXTO ITALIANO

### LIBRO SECVNDO

**Radice che ne fanno pane con suoi altri costumi. Capitulo. lxv.** [índice, *f. Av*: "**Doue fo fcõ vn altare; pane d radice cõ vsanza d hoi pardi**"]

[...]

(*f. h6r*) <...> Item in quello di medesimo che era la octaua de pascha. a. xxvi. Aprile determino el capitaneo magiore de aldire messa: & mãdo ad armare una tenda in quella spiaza donde mãdo ordinare uno Altare e tutti quelli de la dicta Armata andorono ad aldire la Messa: e la predicha: doue se giõtorono molti de quelli huomini ballando e cantando e solazando consuoi corni: & subito

## TRADUÇÃO

### LIVRO SEGUNDO

**Raízes, com que fazem pão e outros costumes seus. Cap. 65.** [Índice: "**Onde foi feito um altar. Pão de raízes que se usa entre os negros**"]

[...]

Naquele mesmo dia, que foi o da oitava da páscoa, 26 de abril [*de 1500*], determinou o capitão mór que fosse dita uma missa. Mandou levantar uma cobertura naquela praia, onde ordenou que fosse preparado um altar, para onde foram todos os homens da dita armada ouvir a missa e a prédica, onde se juntaram muitos daqueles homens ["*da terra*"], dançando, cantando e tocando seus cornos. Assim que a

come fu dicta la messa tutti se partirono per la loro Naue: e quelli huomini della terra intraueno in mar fin soto li brazi cãta(*f. h6v*)do e facẽdo li piacere e festa & dapoi hauẽdo el capitão disnato torno ĩ terra la gẽte della dicta armata: pigliãdo solazo e piacere cõ q̃lli hoi de la terra: e comẽzorno atracttare con quelli de la armata: e dauano di quelli archi suoi e frize per sonagli[6]: e fogli di charta e pezzi de panno: essi tutto quello di pigliorno apiacer cõ esso loro: <...>

[...]

missa foi dita, voltaram todos para o navio, e aqueles homens da terra entravam no mar, até que a água desse em seus braços, cantando, divertindo-se e fazendo festa. Após uma ordem do capitão, os homens da dita armada voltaram à terra, onde folgaram e divertiram-se com aqueles da terra. Os nativos, então, começaram a negociar com os da armada, dando de seus arcos e setas por cascavéis, cartas de baralho e pedaços de pano, ficando, ainda, muito contentes com essas coisas. <...>

[...]

6 . Sonaglio, aqui, é sinônimo de cascavel, que para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 179) é « Bolinha de metal do tamanho de huma avelãa, oca, & furada com hum bocadinho de ferro, ou de outra cousa dura por dentro, que causa hum tinido alegre. Poemse nos peitoraes das bestas, a os pés dos falcoens, & as pernas dos que bailaõ nas festas ». JUAN RUIZ, o ARCIPRESTE DE HITA, já cita o cascabel no *El libro de buen amor*, do séc. XIV (quarteta 723, verso 1), de acordo com ROBERT STEVENSON (*Spanish music in the age of Columbus*, 1979, p. 45). Já em 1497, informa DAMIÃO DE GÓIS (*Crônica do felicíssimo Rei D. Manuel*, 1556, parte I, cap. XXXV), VASCO DA GAMA mandava dar aos negros da Angra de Santa Helena « cascaueis, cõtinhas de cristalino, & outros brincos ». Mais adiante, o mesmo autor acrescenta: « Pelo que mãdou loguo Vasquo da gama poiar gente nos batels, com q̃ se veo a terra, trazẽdo consigo mostra despeçiarias, ouro, & alfojar, seda, ho que hos negros estimarão pouquo por nã saberem ho que era: entã lhes mãdou dar cascaueis, çeptis, & aneis destanho, & outras cousas desta calidade, ho que que tomaram muito alegres, speçialmente hos cascaueis pelo som q̃ faziã, & dalli por diante começaram de vir à praia seguramẽte, & dar dos mantimẽtos q̃ hauia na terra, a troquo de outras cousas ». Eram largamente utilizados pelos portugueses quinhentistas como objetos sonoros, como indica FRANCISCO DE SÁ MIRANDA (*Obras completas*, 1942, v. II, p. 144), no ato II, cena VI da comédia *Os estrangeiros* (séc. XVI): « Eras pera alfeloeiro, | que vai cascavéis tocando, | Bem sei que foste apalpando, | mas não és bom chocarreiro ». Cf. também MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, pp. 118-119).

# 3

# BINOT PAULMYER DE GONNEVILLE

DOCUMENTO: RELAÇÃO DA VIAGEM DO NAVIO L'ESPOIR DE HONFLEUR. 1503-1505.

TEXTO: ARMAND D'AVEZAC-MACAYA, na p. 17 da edição que utilizamos, dá algumas indicações sobre o manuscrito que fez imprimir: « Un manuscrit de la Relation complète est heureusement tombé en des mains intelligentes et amies, qui en ont immédiatement apprécié la valeur et voulu assurer la publication, en me faisant l'honneur de requérir mon concours ». JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da História do Brasil*, 1979, livro II, cap. I, nº 1, pp. 38-39) traz alguns comentários sobre esse documento, baseados na edição de D'AVEZAC-MACAYA, a única conhecida. Essa relação é considerada testemunho de uma das primeiras incursões francesas no Brasil.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Campagne | du navire L'ESPOIR de Honfleur | 1503-1505. | Relation Authentique | du voyage | du Capitaine de Gonneville | ès nouvelles terres des Indes | publiée intégralement pour la première fois | avec une introduction et des eclaircissements | par M. D'Avezac | membre de l'Institut.* In: ARMAND D'AVEZAC-MACAYA – **Annales | DES VOYAGES, | de la géographie, de l'histoire | et de l'archéologie, | avec cartes et planches | dirigées | par V. A. Malte-Brun, | membre des sociétés géographiques | de Paris, de Londres, de Berlin, de Vienne, de Russie, | de Dresde, de Leipzig, de Darmstadt, de Francfort S.M., | de Genève et de Mexico. | Année 1869. | Tome Troisième. | Paris. | Challamel aîné, Libraire-éditeur, | Commissionaire pour la marine, les colonies et l'orient, | Rue des Boulangers, 30, et rue de Bellechasse, 27.** [22 x 14; pp. 258-297] [BIEB: 10-d,1].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

OBSERVAÇÃO: D'AVEZAC atribui o local da cena descrita à foz setentrional do Rio S. Francisco do Sul, chamado Rio Alagado.

| TEXTO FRANCÊS | TRADUÇÃO |
| --- | --- |
| Annales des voyages. RELATION AUTHENTIQUE. Les gens tenants l'admirauté de France au siège général de la table de marbre du pallais a Rouen scavoir faisons que des registres du greffe dudit siège, année mil cinq cens cinq, a esté extrait et collationé a la minutte originalle ce qui ensuit. | Anais de viagens. Relação autêntica. Os homens dirigem o almirantado da França à sede geral da mesa de mármore do palácio em Ruão, encarregados dos registros cartoriais da dita sede, ano de 1505, extraída e concertada com a minuta original anexa. |
| PREMIÈRE PARTIE. Déclaration du vegage du Capitaine Gonneuille et ses compagnons ès Indes, et Remorches faites audit vegage baillées vers justice par il capitaine et ses dits compagnons. Jouste qu'ont requis les gens du | Primeira parte. Relação da viagem do Capitão Gonneville e seus companheiros às Índias e referências a essa viagem feitas com justiça pelo capitão e seus ditos companheiros, exatamente como requereram os homens do Rei Nosso Senhor, que |

Roy nostre sire et qu'enjoint leur a été.

Section troisième.

Séjour ès nouvelles terres des Indes.

22 - Plantement d'une croix.

[1.] (*p. 66*) Item disent voulant laisser merches audit pays qu'il y auoit là abordé des Chrestiens, fut faicte une grande croix de bois, haulte de trente-cinq pieds et mieux, bien peinturée; qui fut plantée sur un tertre à veüe de la mer, à belle et déuote ceremonie, tambour et trompette sonant, a jour exprez choisy, sçauoir, le jour de la grande Pasques mil cinq cens quatre. Et fut ladite croix portée par le capitaine et principaux de la nauire piede nuds; et aydoient ledit seigneur Arosca et ses enfans et autres greigneurs Indiens, qu'à ce on inuita par honneur; et s'en montroient joyeux. Suiouit l'equipage en armes[7] chantant la litanie, et un grand peuple d'Indiens de tout âge, à qui de ce longtemps deuant on auoit fait feste, coys et moult ententifs[8] au mistère.

[...]

lhes deu essa ordem no verão.

Seção terceira.

Passagem pelas novas terras das Índias.

22 - Chantadura de uma cruz.

Também por dizer que queríamos deixar marcas no dito país [*do Brasil, à foz setentrional do Rio São Francisco do Sul, chamado Rio Salgado*], onde houve o aportamento de cristãos, foi feita uma grande cruz de madeira, com trinta e cinco pés e meio de altura, bem pintada, que foi chantada sobre uma colina à vista do mar, com uma bela e devota cerimônia, ao som de tambor e trombeta, em dia especialmente escolhido, ou seja, o dia da grande páscoa de 1504. E foi a dita cruz levada pelo capitão e principais do navio a pés descalços, e [*nos*] ajudou o dito senhor Aroscá[9] [*o principal indígena*], seus filhos e outros índios agregados, que foram convidados por honra; e se mostraram alegres. Logo após, a tripulação em armas cantou a ladainha, e um grande grupo de índios de todas as idades, aos quais, de longo tempo presentes, houveram por fazer festa, quietos e muito atentos ao mistério.

[...]

7. Nota de M. D'AVEZAC, nesta edição (p. 66, nota 2): « ms: et. ».

8. Nota de M. D'AVEZAC, nesta edição (p. 66, nota 3): « ms: attentifs. ».

9. **Arosca**: nome de um principal indígena. O nome, nesta versão, está evidentemente estropiado.

# 4

# ANTÔNIO PIGAFETTA

## (c. 1480/1481 – c. 1534)

DOCUMENTO: RELAÇÃO DA NAVEGAÇÃO E DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA SUPERIOR, 1519-1522.

TEXTO: Cópia de original italiano perdido, publicado por CARLO AMORETTI (p. xlii da edição de 1900) « senz 'alcun vantaggio delle lettere, gli errori di lingua, d'ortografia, e di sintassi del non dotto Autore, e più ancora del Copista più ignorante e più trascurato » (p. xlii). Códice manuscrito da Biblioteca Ambrosiana de Milão. O título, nesta edição é « *NAVIGAZIONE* | *e* | *SCOPRIMENTO* | *DELL'INDIA SUPERIORE* | *fatta da me* | *ANTONIO PIGAFETTA* | *vicentino Cavalier di Rodi* | *e dedicata* | *all'Illustrissimo e reverendissimo monsignore il signore* | *Filippo de Villers Lisleadam* | *degnissimo gran maestro di Rodi* ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *PRIMO VIAGGIO* | *intorno al globo terracqueo* | *ossia* | *ragguaglio della navigazione* | *alle Indie Orientali per la via d'occidente* | *fatta dal cavaliere* | *ANTONIO PIGAFETTA* | *patrizio vicentino* | *Sulla Squadra del Capit. Magaglianes negli anni 1519-1522.* | *Ora pubblicato per la prima volta,* | *tratto da un Codice MS. della Biblioteca Ambrosiana di Milano* | *e corredato di note* | *da Carlo Amoretti* | *Dottore del Collegio Ambrosiano.* | *Con un* | *Transunto del Trattato di Navigazione* | *dello stesso Autore.* | *In Milano MDCCC.* [1800] | *Nella Stamperia di Giuseppe Galeazzi.* | *Con licenza de' Superiori.* [BIEB: 5-d-21; 29 X 22; lii, 237 pp., ilust., mapas].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

### TEXTO ITALIANO

**LIBRO I – Dalla partenza da Siviglia, sino all'uscita dallo Stretto di Magaglianes.**

[...]

[12.] (*p. 15*) [*"Dicem. 1518"*] Quando ebbimo la lignea equinoziale tendendo al polo antartico, perdemmo la tramontana, cioè la vista della stela polare. Navigammo fra'l mezzogiorno e'l libeccio, finchè giugnemmo in una terra, detta la **Terra del Verzino**, a gradi 23½ di lat. australe. Questa terra è una con (*p. 16*) tinuazione di quella in cui sta il capo di S. Agostino posto a gr. 8º30. di lat. australe. Ivi prendemmo copioso rinfresco di galline, di batate, e di certe pigne che sono frutti dolcissimi più gustosi di qualunque altro, di canne dolci, e di carne d'Anta, che somiglia a quella

### TRADUÇÃO

**LIVRO I – Da partida de Sevilha, até a saída do Estreito de Magalhães.**

[...]

Quando passamos a linha equinocial tendendo ao polo antártico, perdemos a tramontana [*no caso, a direção sul*], ou seja, a vista da estrela polar. Navegamos até o meio-dia em direção ao Africo [*no caso, sudoeste*], até que chegamos a uma terra, dita a Terra do Brasil[10], a 23 graus e meio de latitude austral [*pouco abaixo da atual cid. do Rio de Janeiro*]. Esta terra é uma continuação daquela onde está o cabo de Santo Agostinho, a 8º30' de latitude austral. Ali obtivemos [*em dezembro de 1519*] copioso refresco de galinhas, batatas e de certas pinhas [*abacaxis*] que são

vacca, e altre cose moltissime che per brevità ometto.

[13.] Utilissimo traffico noi facemmo con gli abitatori di quel paese. Per un amo da pescare, o per un coltello, ci davano cinque o sei galline: per un pettine un paio d'oche; per uno specchio, o per una cesoia, tanto pesce che avrebbe bastato a saziare dieci uomini: per un sonaglio o una stringa, una cesta di batate, che son certe radici lungue come i navoni ed hanno il gusto della castagna. Per un re di danari mi diedero sei galline, e ancora credeano d'aver fatto un buon negozio.

[...]

docíssimos, mais saborosos que quaisquer outros, de cana-de-açúcar e de carne de anta, que se assemelha à da vaca e outras muitíssimas coisas, que por brevidade omito.

Utilíssimo tráfico fazemos com os habitantes deste país. Por um anzol de pesca, ou por uma faca, nos davam cinco ou seis galinhas; por um pente, um par de gansos; por um espelho, ou por uma tesoura, tanto peixe que bastaria para saciar dez homens; por um cascavel[11] ou uma agulha, uma cesta de batatas, que são certas raízes longas como o nabo, e possuem o gosto da castanha. Por um rei de ouros[12] [*carta de baralho*] me deram seis galinhas, e ainda acreditaram ter feito um bom negócio.

[...]

10 . Nota de CARLO AMORETTI, nesta edição (p. 15, nota c): « Cioè del **Brasile** così detto dal legno di questo nome, che ora di là si trae specialmente ».

11 . Na edição quinhentista deste texto, encontrada no *Primo volume, & terza editione delle navigationi et viaggi raccolto gia da M. Gio. Battista Ramusio* ... (Venetia, Stamperia de Givnti, 1563) e que leva o título « Viaggio atorno il mondo fatto & descritto per M. Antonio Pigafetta ... », não encontramos estas informações sobre os **cascavéis**, constantes do manuscrito da biblioteca de Milão. Porém, PIGAFETTA informa (f. 354r) que travou relações comerciais em c. 1520, em localidade não indicada, utilizando « cortelli, forbici, specchi, sonagli, & pater nostri di cristallo ». Mas, ao final do texto, em uma espécie de glossário de termos estranhos às línguas européias (f. 370r), encontramos uma seção intitulada « Alcune parole che vsano le genti della terra di Bresil », onde se lê, entre outras informações: « Sonagli - Itami maraca ». O vocábulo indígena parece ser **itamaracá**, que os tupinólogos traduzem por **campainha** ou **sino**. Contudo, o termo tupi **mais** freqüente para o **cascavel** europeu era **itaguai**.

12 . Nota de CARLO AMORETTI, nesta edição (p. 16, nota e): « Carta da giuoco ». Esta curiosa informação já fora deixada de maneira semelhante pelo PILOTO ANÔNIMO PORTUGUÊS (Relação, 1500, livro II): « e dauano di quelli archi suoi e frize per sonagli: e fogli di charta e pezzi de panno ».

# 5

# PERO LOPES DE SOUSA
## (? - 1542)

**DOCUMENTO:** DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO. 1530-1532.

**TEXTO:** Cópia coeva de original em português perdido. Lisboa, Biblioteca da Ajuda (Lisboa), cód. 51-VI-10, 41 ff. Título: « *Naveguaçam q fez p.o lopez de sousa no descobrimento da costa do brasil militando na capitania de marti a.o de sousa seu irmão: na era de encarnaçam de 1530* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da História do Brasil**, 1979, livro I, cap. I, nº 5, p. 9) relaciona as edições conhecidas deste *diário*.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**idem**, p. 9) informa: « Desconhece-se a data de seu nascimento e os dias de sua infância. Foi navegador experimentado, capitaneou armadas e combateu corsários. Morreu moço, no mar, em 1542, de volta da Índia, chefiando expedição ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** *Pauliceae Lusitana Monumenta Historica*; organizado e prefaciado por Jaime Cortesão. Lisboa, Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 1956, v. I, Parte VIII, pp. 431-512.

[...]

(*p. 456*) dominguo [*correto: quarta-feira*] xiij dias de março ella menheã eramos de trª quatro leguoas e como nos acheguamos majs a ella Recogneçemos ser a baia de todolos sãtos e ao meo dia entramos nella faz a ẽtrada norte sul. <...> (*p. 457*) aquy estivemos tomando aguoa e lenha e corregẽdo as naos q̃ dos temporaes q̃ nos dias passados nos derã vinhã desaparelhadas nesta baia achamos hũ homem portugues q̃ avia xxij anos q̃ estava nesta trª. e deu Rezã larga do q̃ nella avia. os ꝑncipaees homeẽs da trª vierã fazer obedientia ao capitam .J. e nos trouxerã mujto mãtimẽto e fizeram grandes festas e bailos. amostrando mujto prazer por sermos aqui vindos. <...>

[...]

# 6

# GASPAR DE CARVAJAL
## (1504 – 1584)

**DOCUMENTO:** RELAÇÃO SOBRE O DESCOBRIMENTO DO RIO AMAZONAS POR FRANCISCO DE ORELLANA. [1542].

**TEXTOS:** 1) Cópia coeva em espanhol, de original espanhol perdido. Sevilha, Biblioteca de la Real Academia de Historia, A 118, pp. 6-113. Título: « *Descubrimiento del Amazonas por Orellana. Relación de Fr. Gaspar de Carvajal* ». Cópia da coleção do Duque de T'Serclaes.

2) Cópia do séc. XVIII em espanhol. Biblioteca de la Real Academia de Historia [antiga coleção "Muñoz"], A 93, ff. 66r-7. O título do documento, na edição de JOSÉ TORIBIO MEDINA [pp. 1-83] é o seguinte: « DESCUBRIMIENTO DEL RÍO DE ORELLANA – *Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal, fraile de la Orden de Santo Domingo de Guzmán, del nuevo descubrimiento del famoso río grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco de Orellana desde su nacimiento hasta salir a la mar, con cincuenta y siete hombres que trajo consigo y se echó, á su aventura por el dicho río, y por el nombre del capitán que le descubrió se llamó el Río de Orellana* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, livro I, cap. II, nº 1, p. 26) informa: « A Relación foi primeiramente editada pelo cronista Gonzalo Fernandes Oviedo, na sua **Historia General de las Indias** (Madri, Imprensa de la Real Academia de la Historia, 1851, tomo IV, pp. 541-574). (...) É também recomendável a edição de Clemente R. Markham, **Expeditions into the Valley of Amazonas, 1539, 1540, 1639** [(nota 6)] Londres, Hakluyt Society, 1859. Há edição mais acessível e igualmente recomendável, feita sob a direção de Jorge Hernandez Millares, México, Fondo de Cultura Economica, 1955. Biblioteca Americana], contendo a expedição de Pizarro e Orellana ». Existe também uma edição brasileira de 1941, da qual nos servimos para as indicações de local e data.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, livro I, cap. III, nº 1, p. 25) informa: « Penetrando no Amazonas a 12 de fevereiro de 1542, Orellana e os que o acompanhavam chegaram à desembocadura do Rio em 24 de agosto. É o relato do ocorrido entre dezembro de 1541 e 11 de setembro de 1542, quando chegaram à Nova Cádiz, na Ilha de Cubagua, que constitui o tema da *Relación* de Frei Gaspar de Carvajal (1504-1584), dominicano que acompanhou Orellana e relata, como testemunha de vista, os sucessos da viagem ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** *Descubrimiento | del | Río de las Amazonas | según la Relación | hasta ahora inédita | de Fr. Gaspar de Carvajal | con otros documentos referentes | á Francisco Orellana y sus Compañeros | publicados á expensas | del Excmo. Sr. Duque de T'Serclaes de Tilly | con una introducción histórica | y algunas ilustraciones | por José Toribio Medina | de la Academia de la Lengua | y de la Historia, de la de Buenas Letras de Sevilla y del Instituto | Geográfico Argentino. | Sevilla | Imprenta de E. Rasco, Bustos Tavera, num. 1 | MDCCCXCIV.* [BIEB: 16-c-7; CCXXXIX, 278 pp., ilust.].

**OBSERVAÇÃO:** As indicações de local e data foram extraídas das notas da *Relação* que escreveu Frei Gaspar Carvajal, In: GASPAR DE CARVAJAL; ALONSO DE ROJAS; CRISTOBAL DE ACUÑA – **Descobrimentos do Rio das Amazonas**; traduzidos e anotados por C. de Melo Leitão. São Paulo / Rio de Janeiro / Recife / Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1941. pp. 11-79.

[...]

[2.] (*p. 9*) El día de año nuevo de cuarenta y dos [*1º de janeiro de 1542, no rio Marañon, a 200 léguas de "Quena", esta a 130 léguas de Quito*] pareció á ciertos compañeros de los nuestros que habían oído atambores de indios, y algunos afirmaban y otros decían que nó; pero algún tanto se alegraron con esto y caminaron con mucha [mas] diligencia de la acostumbrada; y como a lo cierto aquel día ni otro no se viese poblado, vióse ser imaginación, como en la verdad lo era; y desta causa, así los enfermos como los sanos, desmayaban en tanta manera, que les parecía que ya no podían escapar; pero con las palabras que el Capitán les decía los sustentaba, y como nuestro Dios es padre de misericordia y de toda

consolación, que repara y socorre al que le lla (*p. 10*) ma en el tiempo de la mayor necessidad: y es, que estando lunes en la noche, que se contaron ocho del mes de enero, comiendo ciertas raíces montesinas, oyeron muy claramente atambores, de muy lejos de donde nosotros estábamos, y el Capitán fué el que los oyó primero y lo dijo á los compañeros, y todos escucharon, y, certificados, fué tanta la alegría que todos sintieron, que todo el trabajo pasado echaron en olvido porqué ya estábamos en tierra poblada y que ya no podíamos morir de hambre. <...> Al cabo de dos leguas que habíamos ido el río ["*Marañon*"] abajo ["*venida la mañana*"] vimos venir por el río arriba cuatro canoas llenas de indios á ver y requerir la tierra, y como nos vieron, dan la vuelta á gran priesa, dando arma, en tal manera que en menos de un cuarto de hora oímos en los publos muchos atambores que apellidaban la tierra, porque se oyen de muy lejos y son tan bien concertados, que tienen su contra y tenor y tiple: <...>

[...]

[14.] (*p. 30*) Complidos doce días de mayo llegamos á las provincias de Machiparo [*depois do rio Ucayali*], que es muy gran señor y de mucha gente y confina con otro señor tan grande, llamado Omaga, y son amigos que se juntan para dar guerra á otros señores que están la tierra adentro, que les vienen cada día á echar de sus casas. Este Machiparo está asentado sobre el mismo río en una loma, y tiene muchas y muy grandes poblaciones que juntan de pelea cincuenta mil hombres de edad de treinta años hasta setenta, porque los (*p. 31*) mozos no salen á la guerra ni en cuantas batallas nosotros con ellos tuvimos no les vimos, sino fueron viejos, y éstos muy dispuestos, y tienen bozos y no barbas.

[15.] Antes que llegásemos á este pueblo con dos leguas vimos estar blanqueando los pueblos, y no habíamos andado mucho cuando vimos venir por el río arriba muy gran cantidad de canoas, todas puestas á punto de guerra, lucidas, y con sus pabeses, que son de conchas de lagartos y de cueros de manatís y de dantas, tan altos como un hombre, porque todos los cubren. Traían muy gran grita, tocando muchos atambores y trompetas de palo, amenazándonos que nos habían de comer[13]. <...>

[...]

[18.] <...> (*p. 39*) Andaban entre esta gente y concas de querra [*dos índios da província de Machiparo, entre 13 de maio e 20 de junho de 1542*] cuatro ó cinco hechiceros, todos encalados y las bocas llenas de ceniza, que echaban al aire, en las manos unos guisopos, con los cuales andaban echando agua por (*p. 40*) el río á manera de hechizos, y después que habían dado una vuelta á nuestros bergantines de la manera dicha, llamaban á la gente, y luego comenzaban á tocar sus cornetas y trompetas de palo y atambores y con muy gran grita nos acometían; <...> y así nos llevaron desta manera fasta nos meter en una angostura en un brazo del río. <...>

[...]

[27.] <...> (*p. 49*) Hallóse también en esta misma plaza [*de uma pequena aldeia, posterior á foz do rio Negro, na 2ª feira depois do domingo da Santíssima Trindade de 1542*] una casa no muy pequeña, dentro de la cual había muchas vestiduras de plumas de diversos colores, las cuales vestían los indios para celebrar sus fiestas y bailar cuando se querían regocijar delante deste tablón ya dicho, y allí ofrecían sus sacrificios con su dañada intención.

[...]

[38.] <...> (*p. 58*) Estaba en medio deste pueblo [*a 24 de junho de 1542, c. 6 dias de viagem da Foz do rio Madeira*] muy gran copia de gente, hecho un buen escuadrón, y el Capitán mandó que fuesen los bergantines á abordar donde estaba aquella gente para buscar comida, y así fué que, en comezándonos á llegar a tierra, los indios comienzan á defender su pueblo y nos flechar, y como la gente era mucha, parecía que llovían flechas; pero nuestros arcabuceros y ballestresros no estaban ociosos, porque no hacían

sinó atirar, y aunque mataban muchos, no los sentían, porque con todo el daño que se les hacía andaban unos peleando y otros bailando: <...>

[...]

[43.] <...> (*p. 64*) Y otro día, veiticinco de Junio [*a mais de 1400 léguas do ponto inicial, antes da foz do rio Tapajós*], pasamos por entre unas islas que pensamos que estuvieran despobladas; pero después que nos hallamos en medio de ellas fueron tantas las poblaciones que en las dichas islas parecían y vimos, que nos pesó; y como nos vieran, salieron á nosotros al río [*Amazonas*] sobre doscientas piraguas, que cada una trae veinte y treinta indios, y de ellas cuarenta, y destas hubo muchas: venían muy lucidas con diversas divisas y traían muchas trompetas y atambores, y órganos que tañen con la boca[14], y arrabeles que tienen á tres cuerdas[15]; y venían con tanto estruendo y grita y con tanta orden que estábamos espantados. Cercáronnos entre ambos bergantines y acometiéronnos como hombres que nos pensaban llevar; mas saliółes al revés, que se holgaron de tenerse afuera; pues en tierra era cosa maravillosa de ver los escuadrones que estaban en los pueblos, tañendo y bailando todos con unas palinas en las manos, mostrando muy gran alegría en ver que nos pasábamos de sus pueblos. <...>

[...]

13 . Em 1639, CRISTÓBAL DE ACUÑA (**Nuevo descubrimiento del gran rio de las amazonas**, pela edição de 1891, p. 119) teve outra recepção entre os índios que viviam numa província que começava « Sessenta leguas más baxo de Tunguragua », entre este rio e o Rio del Cusco, « llamados comunmente Omaguas », e, sobre tal recepção discorre: « Llegámamos a vn pueblo destos Indios, recibiannos, no solo de paz, sino con danças y muestras de grande regocijo, ofrecian quanto tenian para nuestro sustento con gran liberalidad ». Além de CARVAJAL e ACUÑA, somente SAMUEL FRITZ deixou informações sobre a música desses índios, coletadas em data anterior a 1700, no MS *Mission de los Omaguas, Jurimaguas, Aysuares, Ibanomas, y otras Naciones desde Napo hasta el Rio Negro*, de 1731.

14 . ROBERT SOUTHEY (**History of Brazil**, v. I, 1810, cap. IV, p. 95) traz « but suddenly about two hundred canoes sallied out from them, each carrying from thirty to forty men, some of whom raised a loud discord with tambours, trumpets, three-stringed rebecks, and instruments which are described as mouth-organs, while they attacked the brigantines ». Esses **órgãos que se tocam com a boca** parecem ser, se não o mesmo, instrumento semelhante ao que FRANCISCO SOARES (autor suposto de *Alguas cousas mais notáveis do Brasil e alguns costumes dos índios*, c. 1590, f. 102v) indica por « frautas 7 juntas » e que RENATO ALMEIDA (1942, parte I, cap. II, p. 56) e MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, pp. 226-227) dão como sirinx ou flauta de Pã. Este último autor (p. 227) comenta: « W. Schmidt [**Ethnologia Americana...**, São Paulo, Nacional, 1942, p. 105] afirma que os indígenas do Brasil assimilaram o uso da flauta de Pã por contato direto com os povos andinos, e continua: "A admissão da procedência do domínio cultural andino é ainda mais fortalecida, nesse caso, pela informação de E. von Hornbostel (*Über einige Panpfeifen* von **Nordwest-Brasilien**, p. 390) segundo o qual as flautas de Pã do noroeste do Brasil coincidem com as peruanas antigas não apenas na seqüência dos sons como na afinção dos mesmos" ».

15 . Para RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. 1, 1712, p. 543), « Arrabil, ou Rabil, ou Rabel » era « Instrumento pastoril de cordas, & arco a modo de Rebecca pequena ». Os termos são muitos freqüentes na poesia portuguesa e espanhola dessa época, porém não há, além desta, qualquer outra referência a instrumentos semelhantes entre indígenas do Brasil até 1700.

# 7

# MANUEL DA NÓBREGA

## (1517 – 1570)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. Bahia, [10? de abril de] 1549.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 1r-2r. Título (f. 1r): « Carta que ho Padre Manuel da Nóbrega proposito provincial da Companhia de Jesu no Brasil escreveo ao P. Mestre Simão ho anno de 1549 ». Outra letra, ao fim: « No mez de Abril ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, 1956, v. 1, p. 106) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Padre da Companhia de Jesus, NÓBREGA foi fundador da missão do Brasil e seu primeiro provincial, de 1553-1560. Esteve na província de 1549 a 1570, destacando-se por sua atuação em prol da "conversão do gentio".

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae I** (1538-1553). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 5: « Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. Baía [10? de abril] 1549 », pp. 108-115.

[...]

5. [*f. 1r*] (*p. 111*) Desta maneira ir-lhe-ey insinando as orações e doctrinando-os ["*hos Indios desta terra*"] na fé até serem habiles para o baptismo. Todos estes que tratam comnosco, dizem que querem ser como nós, senão que nom tem com que se cubrão como nós, e este soo incoveniente tem. Se ouvem tanger à missa, já acodem, e quando nos vem fazer, tudo fazem: assentão-se de giolhos, batem nos peitos, alevantão as mãos ao ceo; e já hum dos principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado, e em dous dias soube o A B C todo, e ho insinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão e nom comer carne humana, nem ter mais de huma molher e outras cousas; soomente que há-de ir à guerra e os que cativar vendê-los e servir-se delles, porque estes desta terra sempre tem guerra com outros e asi andão todos em discordia. Comem-se huns aos outros, digo hos contrarios

6. Hé gente que nenhum conhecimento tem de Deus, nem idolos, fazem tudo quanto lhe dizem. Trabalhamos (*p. 112*) de saber a lingua delles e nisto o P.e Navarro nos leva avantagem a todos. Temos determinado ir viver com as Aldeas como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingoa e i-los doctrinando pouco a pouco. Trabalhey por tirar em sua lingoa as orações[16] e algumas pratic[as de] N. Senhor, e nom posso achar lingoa que mo saiba dizer, porque sam elles tam brutos que [nem vocabulos tem][17].

<...>

[...]

16. Este é o primeiro relato conhecido acerca da tradução de orações cristãs para a língua brasílica. A primeira versão jesuítica desses textos será publicada apenas em 1618 no **Catecismo na língua brasílica**, de ANTÔNIO DE ARAÚJO ♦.

17. Na carta de VICENTE RODRIGUES ♦ (maio de 1552, § 3) há o primeiro relato de sucesso efetivo desta prática: « cantando por su arte dezia muchas cosas que viera de nuestra fe ».

# 8

## MANUEL DA NÓBREGA

## (1517 – 1570)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. Bahia, 9 de agosto de 1549.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 3r-5v. Título: « *Carta que o Padre Manuel da Nóbrega, preposito provincial da Companhia de Jesus em as terras do Brasil, escreveo ao P.e Mestre Simão, preposito provincial da dita Companhia em Portugal no anno de 1549* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, v. I, 1956, pp. 118-119) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae I** (1538-1553). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. I – Missiones Occidentales). Doc. 7: « *Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. Baía 9 de agosto de 1549* », pp. 118-132.

[...]

15. [*f. 5r*] (*p. 128*) Agora pouco há vierão aqui a consultar-me algumas duvidas, e esteverão aqui por dia do Anjo [*21 de julho de 1549*], onde (*p. 129*) baptizamos muitos [*"Indios"*]. Tevemos missa cantada com diacono[18] e subdiacono[19]: eu disse missa, e o P.e Navarro a epistola[20], outro o evangelho, Leonardo Nunez e outro clerigo com leigos de boas vozes[21] região o coro[22]. Fizemos precissão com grande musica, a que respondião as trombetas[23]. Ficarão os Indios spantados de tal maneira, que depois pedião ao P.e Navarro que lhes cantasse asi como na precissão fazia[24]. Outra precissão se fez dia de Corpus Christi [*20 de junho de 1549*] muy solemne, em que jugou toda a artelharia que estava na cerca, as ruas muito enrramadas, ouve danças e invenções á maneira de Portugal[25].

[...]

18. MATHIAS DE SOUSA VILLA-LOBOS (**Arte de cantochão**, 1688, parte III, cap. LVIII, p. 186) e claro: « O Diacono não so deve saber cantar Evangelhos solemnes, & feriais, Ite missa est, & Benedicamus Domino: mas tambem tudo o que fica dito no capitolo precedente, que trata do Subdiacono ». Às pp. 187-194, este autor ilustra com exemplos musicais as obrigações do diácono. RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. III, 1713, p. 202) acrescenta: « Diacono he hum dos Ministros do Altar; & chamãolhe vulgarmente, **Clerigo do Evangelho** ». Por fim, FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (**Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa**, 1863, p.417) informa: « o que tem a segunda das ordens canónicas, abaixo do presbytero. Os diaconos erão encarregados na primitiva igreja de repartir as esmolas pelos fieis, e de outros officios ecclesiasticos ». ANTONIO FERNANDES (*Arte de música*, 1626, cap. XXVII, ff. 70v-73v) também dá exemplos musicais portugueses de competência dos diáconos.

19 . MATHIAS DE SOUSA VILLA-LOBOS (**Arte de cantochão**, 1688, parte III, cap. LVII, p. 176) diz: « O subdiacono para fazer seu officio com perfeiçaõ deve saber cantar Epistolas, liçoens do choro, liçoens de defuntos, Kalendas, lamentaçoens, & liçoens. ¶ Para cantar as Epistolas, deve saber que estas tem ponto, interrogaçam, suspenso, & final, de tudo se seguem exemplos (ás pp. 176-186) ». RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VI, 1720, p. 757) completa: « Clerigo de Epistola, cuja obrigação he lavar os corporaes, ter os vasos sagrados muyto limpos, & levallos ao Altar, quando convem, cantar a Epistola no Sacrificio da Missa, deytar agua no Caliz, levar a Cruz nas procissoens, &c. ». ANTONIO FERNANDES (op. cit., 1626, cap. XXVII, ff. 70v-73v) dá novos exemplos portugueses de uso dos subdiáconos.

20 . Este e outros cânticos que, nas missas e ofícios divinos são responsabilidade do subdiácono, foram exemplificados por MATHIAS DE SOUSA VILLA-LOBOS (*Arte de cantochão*, 1688, parte III, cap. LVII, pp. 175-186).

21 . MANOEL CARNEIRO (1668, ff. 84r-Cr), no **Sermão** proferido no « Collegio do Rio de Janeiro » em 1667, afirmava: « Toda a muzica pera ser boa hade constar de boas vozes. E que condiçoens hade ter huma voz pera ser boa? Se preguntares aos muzicos este ponto, ham vos de apontar entre outras, tres condiçoens. A primeira, que seja voz entoada: Segunda, q seja compassada a voz: Terceira, que saiba dar valia as figuras. Estas sam as condiçoens que se pedem pera a voz ser boa na muzica; & estas avia de ter pera bem a nossa voz. Mas ainda ani que na nossa muzica nam tem a nossa voz estas Condiçoens; & por faltarem estas condiçoens à nossa voz, porisso nós nam sabemos gratificar as misericordias de Deos; & porisso Deos nam canta muitas vezes nossa justificaçam ».

22 . Para MATHIAS DE SOUSA VILLA-LOBOS (**Arte de cantochão**, 1688, parte II, cap. XXXIV, p. 221), « O choro Ecclesiastico he huma congregaçam ajuntada para as cousas sagradas; consta o choro de muitas vozes, porem todas uniformemente em hum mesmo tom, assim o testifica Macrobio dizendo: **Non vides quam multorum vocibus chorus constet?** A causa porque no choro se cantam os officios divinos he, para verificar a alegria, & gosto celestial, que os santos possuem na Igreja triumphãte, & por esta causa a Igreja militante introduzio o cantarse no choro às horas Canonicas: Chamase choro de **concordia**, esta consiste na charidade, porque aquelle que a nam tem nam pode cantar bem ». Cf. também RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. II, 1712, p. 553) e PEDRO SINZIG (**Pelo mundo do som**, 1959, p. 157).

23 . **Trombeta**, segundo RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VIII, 1721, p. 306) é « Instrumento de assopro, bellico, musico, metallico, & retorcido. Os toques da trombeta saõ botasella, marcha, tocar a degollar, &c. ». DOMINGOS VIEIRA (**Grande dicionário português**, v. V, 1874, p. 831) acrescenta: «Instrumento de sopro, que se compõe de um cano de latão, ou prata, retorcido, e mais largo em um extremo, que n'aquelle que se applica á bocca; serve na musica, e para fazer signaes na guerra ».

24 . FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN (*História geral do Brasil*, v. I, 1854, seção XV, p. 200) comenta este trecho: « De volta, e em quanto não iam como foram logo para São Vicente, assistiram com os outros a uma pomposa festividade que se fez para celebrar o dia de Corpus. As ruas estavam enramadas; havia danças e invenções; jogava a artilheria da cerca, e muitos trombetas acompanhavam o côro de vozes que regia o dito padre Leonardo. Com tudo isto se deslumbravam os Indios, e a tal ponto que ao depois pediam aos Jesuitas que lhes cantassem, como faziam na procissão ».

25 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 29, nota 26): « Cf. Luís de Sousa Couto, *Origem das Procissões da Cidade do Porto* (ed. de A. de Magalhães Bastos) [Porto, 1936 (Documentos e memórias para a história do Porto, v. I)], onde de pág. 19 a pág. 50 se descrevem as 'danças e invenções', que na procissão de Corpus Christi se praticavam no Porto onde o pai de Nóbrega era Juiz de Fora em 1532 (e Nóbrega tinha 15 anos): mouriscas, danças, coros, músicas, bandeiras, representações figuradas, folias, etc. ».

9

# MANUEL DA NÓBREGA

## (1517 – 1570)

DOCUMENTO: INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO BRASIL [AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA]. [Bahia, agosto (?) de 1549].

TEXTO: Tradução espanhola de original português perdido, em: *COPIA DE VNAS CARTAS EM|biadas del Brasil por el padre Nobrega dela | companhia de Jesus: y otros padres que estan debaxo de su obediencia: al padre | maestre Simon preposito de la di-|cha compañia en Portugal: y | a los padres y hermanos | de Jesus de Co-|imbra. | Tresladadas de Portugues en Castellano | Recebidas el año de M.D.L.I.* Coimbra?, Tip. de João Barreira e João Álvares, [c1552], sem paginação [Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, 842 P]. É a 1ª carta (4 páginas). Título: « *Información de las partes del Brasil* ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, v. I, 1956, p. 146) relaciona as edições conhecidas deste texto.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliae* I (1539-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 9: « *Informação das terras do Brasil do P. Manuel da Nóbrega [aos padres e irmãos de Coimbra]. [Baía agosto? de 1549]* », pp. 145-154, sem indicação dos fólios da publicação utilizada.

[...]

3. <...> (*p. 150*) De ciertos en ciertos años vienen unos hechizeros de luengas tierras, fingiendo traer sanctidad; y al tiempo de su venida les mandan alimpiar los caminos, y van los a recebir con danças y fiestas según su custumbre, y antes que lleguen al lugar, andan las mugeres de dos en dos por las casas, diziendo públicamente las faltas que hizieron a sus maridos, y unas a otras, y pidiendo perdón dellas. En llegando el hechizero con mucha fiesta al lugar, éntrase en una casa oscura, y pone una calabaça que trae en figura (*p. 151*) humana[26] en parte más conveniente para sus engaños, y mudando su propria boz como de niño, y junto de la calabaça les dize, que no curen de trabajar, ni vayan a la roça, que el mantenimiento por sí crescerá, y que nunca les faltará que comer, y que por sí vendía a casa; y que las aguijadas se yrán a cavar, y las flechas se yrán al mato por caça para su señor, y que han de matar muchos de sus contrarios, y captivarán muchos para sus comeres. Y promételes larga vida, y que las viejas se han de tornar moças, y las hijas que las den a quien quisieren, y otras cosas semejantes les dize y promete, con que creen aver dentro en la calabaça alguna cosa santa y divina, que les dize aquellas cosas, las quales creen. Y acabando de hablar el hechizero, comiençan a temblar principalmente las mugeres con grandes temblores en su cuerpo, que parecen demoniadas, como de cierto lo son, echándose en tierra, espumando por las bocas, y en (*p. 152*) aquesto les suade el hechizero, que entonces les entra la santidad, y a quien esto no haze, tiénelo a mal. Y después le offrecen muchas cosas. Y en las enfermedades de los gentiles usan también estos hechizeros de muchos engaños y hechizerías. Estos son los mayores contrarios que acá tenemos, y hazen creer algunas vezes a los dolientes, que nosotros les metemos en el cuerpo cuchillos, tigeras, y cosa semejantes, y que con esto los matamos[27]. <...>

[...]

26 . NÓBREGA fala do **maracá**, apesar de não citar o nome.

27 . Este é o primeiro relato conhecido acerca das práticas musicais dos feiticeiros. A descrição mais completa de seus rituais será feita por JEAN DE LÉRY *, no cap. XVI de sua *Histoire d'un voyage* (1578).

# 10

# MANUEL DA NÓBREGA

## (1517 – 1570)

**DOCUMENTO:** **CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA.** Porto Seguro, 6 de janeiro de 1550.

**TEXTO:** Tradução italiana, feita, ao que parece, por outra espanhola (perdida), do original português perdido. Biblioteca Apostolica Vaticana, **Ottoboni lat.** 797, ff. 74r-77v. Título: « De Porto Sicuro nel Brasil. Manuel de Nóbrega a 6 de Genaro 1550 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 155) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae I** (1538-1553). Roma, Monumentae Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 10: « Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. Porto Seguro, 6 de janeiro de 1550 », pp. 155-170.

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** PAULO CASTAGNA.

### TEXTO ITALIANO

[...]

7. [*f. 74r*] (*p. 158*) Nella lingua di questo paese siamo alcuni di noi molto rudi, ma il P. Navarro ha speciale grazia da Nostro Signore in questa parte, perchè andando per questi castelli delli negri in puochi giorni che ci sta s'intende con loro et predica nella medesima lingua, et finalmente in ogni cosa pare che N. Signore li presti favore et grazia per poter più aiutare le anime. Il venerdi, [*f. 74r*] quando facciamo la disciplina insieme con molti della terra, che doppo la predica, fatta sopra la Passione de Christo, fanno il medesimo, anche lui ci viene; li altri giorni visita hor un luogo hor un'altro fuori della Città. Fa etiam a la notte cantare a li putti certe orationi che li ha insegnato nella loro lingua, dandoli esso il tuono, et queste in loco di certe canzone lascive et diaboliche che usaveno prima. <...>

[...]

### TRADUÇÃO

[...]

Na língua deste país estamos alguns de nós bastante rudes, mas o P. Navarro tem especial graça de Nosso Senhor nesta parte, pois que andando por estas aldeias dos índios, em poucos dias que aqui está se entende com eles e predica na mesma língua e, finalmente, em todas as coisas parece que N. Senhor lhe presta favor e graça para que possa ajudar mais às almas. Às sextas-feiras, quando fazemos juntos as disciplinas com muitos [índios] da terra, aos quais depois predica, feita [esta predicação] sobre a Paixão de Cristo, fazem o mesmo, também ele aqui vem; nos outros dias visita um e logo outro fora da cidade. Faz, pois, os meninos cantarem à noite certas orações que lhes ensinou em sua língua[illegible], dando-lhes o tom, e estas em lugar de certas canções lascivas e diabólicas[illegible] que antes usavam. <...>

[...]

28 . Aqui aparece, pela primeira vez, uma referência ao canto de orações cristãs na língua brasílica. MANUEL DA NÓBREGA ‡ já informara, na carta de [10? de abril] de 1549, § 6, que « Trabalhey por tirar em sua lingoa as orações e algumas practicas de N. Senhor », não indicando, porém, o uso do canto.

29 . As referências aos cantores indígenas feitas pelos jesuítas são, via de regra, depreciativas. SIMÃO DE VASCONCELOS ‡ (*Crônica*, 1663, livro I, § 157, p. 135) diz « lascivas » e (§ ibi, p. 137) « vãas, & gentilicas », enquanto PERO CORREIA ‡ (carta de 20 de junho de 1551, § 2) usa « harmonias diabólicas » e FERNÃO CARDIM ‡ (*Do princípio e origem*, 1584, cap. XVIII) « harmonia que parece música do inferno ». Os termos são extraídos da própria prática musical dos prtugueses, entre os quais se observavam os excessos que acreditavam semelhantes ao corriqueiro canto indígena, como relata GREGÓRIO DE MATOS ‡ (*Poesias*, ed. de 1966, v. 2, p. 24), acerca do costume da embriaguês na Bahia: « E para sentir, o quanto / se dá Deus por ofendido / não só por este pecado, / mas pelos seus conjuntivos: / como são cantigas torpes, / bailes, toques lascivos, / venturas e fervedouros, / pau de fôrca e pucarinhos ».

# 11

# PERO DOMÈNECH

## (? - 1560)

**DOCUMENTO:** **CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA.** Lisboa, 27 de janeiro de 1550.

**TEXTO:** Único. Cópia em português. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CVIII / 2-1, ff. 152v-153v.. Título: « Carta que o Abade Pero Domenecque escreveo de Lisboa aos Irmãos da Companhia de Jesus do Collegio de Coimbra aos 27 de Janeiro de 1550 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 170) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** PERO DOMÈNECH foi padre da Companhia de Jesus e fundador do Colégio dos Órfãos de Lisboa. Jamais esteve no Brasil.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - **Monumenta Brasiliae** *I* (1538-1553), Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X - Missiones Occidentales). Doc. 11: « Do P. Pero Domènech aos padres e irmãos de Coimbra. Lisboa 27 de janeiro de 1550 », pp. 170-174.

**OBSERVAÇÃO:** Apesar dos fatos relatados nesta carta terem ocorrido em Portugal, os fragmentos abaixo foram aqui incluídos como mostra da prática musical trazida ao Brasil pelos "meninos órfãos" de Lisboa.

[...]

2. [*f. 153r*] (*p. 172*) Vespora dos Reis [*5 de janeiro de 1550*] depois de jantar com grandes fervores e postos de giolhos diante de huma imagem de Nossa Senhora [*quatro dos "meninos orfãos que forão ao Brasil com os Padres e Irmãos nossos"*] tomarão sua cruz alevantada e abraçando alguns irmãos pequenos e enfermos que em casa ficavão, pedindo-se perdão huns aos outros com muitas lagrimas se despedião delles. E acompanhados de todos os outros irmãos orfãos andaram em procissão cantando uma cantiga que diz:

*Gran Senhor nos há nacido*
*humano e mais divino.*

Todas as ruas e janelas [*de Lisboa*] que estavão cheas de gente huns choravão, outros alevantarão as mãos aos ceos dando louvores ao Senhor, outros os benzião, outreos saião com esmolas pollas ruas, outros andavão carregados ás cosras do seu fatinho, outros corrião pera os ver chamando-lhes bem-aventurados. Era tanto fougo por onde elles passavão, que me acendia o rosto como se estivera numa estufa. Ora que faria a outros que tem outros espíritos mais limpos e mais enlevados no amor do Senhor! E assim passando polla Rua Nova e polla metade da cidade, forão a pé até Betlem acompanhados de muitos devotos; et ne deficerent in via[30], quis a Providencia divina que certos devotos nos esperassem na me[*f. 153v*]tade do caminho com refresco de muito pão e muyta fruyta.

3. Chegados a Betlem e postos de giolhos diante do Santíssimo Sacramento [*no Mosteiro de Santa Maria de Belém (Jerônimos)*], fizerão oração e, esperando pollo batel, cantarão a Salve Rainha e humas prosas a Nossa Senhora onde estavão muita gente e muytos frades, que ficarão muy edificados; e cantando humas cantigas de N. Senhora se alevantarão pera se

embarcar acompanhados de muytos homens e molheres. Chegado o batel pera se embarcar, vierão-se todos pera (*p. 173*) mim pecador e, prostrando-se com muyta humildade e lagrimas, pedindo-me perdão e a benção, confesso minha fraqueza que por muyto que dissimulasse non potui continere lacrymas, e abraçando-os cum osculo pacis et elevatis oculis in coelum[31], lhes dei a benção que aquelle nosso Padre eterno despensa com suas creaturas per mãos de seus ministros. Então abraçavão-se huns aos outros com muytas lagrimas e choros dizendo: "Irmãos meus, ficai muito embora". Outros dizião: "Ó irmão meu, como nos deixais?". Era tanto o choro que grandes e pequeninos, moços e velhos que ali estavão todos choravão. Então hum delles, que se chamava Francisco Carneiro, saltou no batel e arrimado à borda delle tomou a cruz na mão e, alevantada no ar com fervor, começou a cantar a alta voz:

*Os mandamentos de Deus*
*que avemos de guardar*
*dados pelo Rey dos ceos*
*pera todos nos salvar.*

Andava tam fervente que parecia daqueles que vão a receber martyrio. Então todos o seguirão, e eles chorando no mar e nós na terra, fazendo longum vale, se partirão sem partir-se nossos olhos deles até que chegarão ao galeão. Os nossos mininos que quá ficavão sentirão tanto a partida dos seus caríssimos irmãos que os não podiamos aquietar, que hera já perto da cidade e ainda alguns deles choravão. O dia despois dos Reis hà tarde [*7 de janeiro de 1550*], os Padres da Companhia e Irmãos nossos vistirão suas sobrepelices e hum deles huma capa e os meninos com sua cruz alevan-(*p. 174*)tada e hum retabolo de Nossa Senhora [que] levavão no ar, cantando a Salve Regina dederunt vela ventis. E assi no nome de Nosso Senhor Jesu Christo se partirãi. Por amor de Nosso Senhor, Irmãos meus charissimos, que os encomendamos a Nosso Senhor [*f. 154r*] que o mesmo fazemos quá nós outros.

[...]

30 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 172, nota 5): « Mat. 15, 32 s.

31 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 173, nota 7): « Luc., 9, 16 ».

# 12

# JUAN DE AZPILCUETA NAVARRO

## (1521/1523 – 1557)

**DOCUMENTO:** CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. Bahia, 28 de março de 1550.

**TEXTO:** Autógrafo em espanhol. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 27r-30r [antes 392r-395v]. No endereço o autor tinha escrito primeiro: « *Para el Padre Maestre Simón con [...] en Christo amados* », etc.]. Depois rasurou e escreveu o endereço transcrito no fim da carta (em **Mon. Bras.** *I*, p. 187).

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 177) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Padre da Companhia de Jesus, esteve no Brasil de 1549 a 1557 como missionário de índios. Foi praticante de música e usou essa arte na "conversão do gentio".

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae I** (1538-1553). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. I – Missiones Occidentales). Doc. 14: « *Do P. João de Aspilcueta aos padres e irmãos de Coimbra. Baía 28 de março de 1550* », pp. 177-187.

1. <...> [*f. 27v*] (*p. 180*) Estes [*"ciertos indios gentiles"*] já no hazen lo que les sus hechizeros, mas como se allan dolientes llaman a nos por que les rezemos las palabras de Dios. Agora acaberemos una iglesia junto dellos, en donde les tengo tirada la creación del mundo y encarnación de Jesú Christo, de manera que les quede declarados los articulos de la fe; los mandamientos y otras oraciones, tengo tanbien tiradas, las quales siempre les insiño así en la nuestra lengua [*português*] como en la suia [*tupi*][32], y el Pater Noster tiré en modo de sus cantares[33] para que más presto aprendiessen y gustasen, principalmente para los mochachos, a los quales enseno que las digan sobre los dolientes las dichas oraciones, mediante las quales se allan mejor. <...>

[...]

32 . NÓBREGA já informou, na carta de 6 de janeiro de 1550, § 7, que NAVARRO « Fa etiam à la notte cantare a li putti certe orationi che li ha insegnato nella loro lingua, dandoli esso il tuono ». Aqui, o próprio NAVARRO ratifica a observação de NÓBREGA.

33 . A expressão « en modo de sus cantares » não admite interpretação precisa. Pode se tratar do **Pater Noster** cantado na língua brasílica com melodia cristã ou cantado com melodia dos próprios meninos índios.

# 13

# PERO CORREIA

## (? – 1554)

**DOCUMENTO:** CARTA [AO PADRE JOÃO NUNES BARRETO], ÁFRICA. [S. Vicente, 20 de junho de 1551].

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 25v-26v [antes 195v-196v]. Título: « De otra del mismo *Pedro Correa* para los Hermanos que estan en África ». Incluída em um grupo de cartas: « *Copia de unas cartas de los Padres y Hermanos que están en el Brasil. De 1551 y 20 de Junio* » [ff. 23r-26v].

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 224) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Em 1542 PERO CORREIA já era morador de São Vicente, proprietário de terras nessa vila e em Peruíbe. Em 1549 ou 1550 entrou para a Companhia de Jesus, ocupando-se da "conversão do gentio".

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *I* (1538-1553). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 24: « *Do Ir. Pero Correia [ao P. João Nunes Barreto], África. [S. Vicente 20 de junho de 1551]* », pp. 223-229.

[...]

2. [*f. 25v*] (*p. 225*) Y allen desto ay entre ellos [*"los gentiles"*] muchas gentilidades y grandissimos errores, y de tiempos se llevantan entre ellos algunos [que] se hazen sanctos [*Pagés*] y [*f. 26r*] persuaden a los otros entran en ellos spiritos que les hazen sabedores de lo que está por venir y profetizan muchas mentiras. <...> Estos hazen unas calabaças a manera de cabeças con cabellos, ojos, narizes y boca, con muchas plumas de colores que les speguan con cera compuestas a manera de lavores, y dizen que aquél que es sancto y que tiene virtud y poder para valerles en todo, y dizen que habla. Y a honra destos sus ídolos[34] inventan muchos cantares que cantan delante dellos, biviendo muchos vinos assi hombres como mugeres, todos juntos, de día y de noche, haziendo harmonías diabólicas. <...>

[...]

34. A exemplo de MANUEL DA NÓBREGA (carta de agosto? de 1549, § 3), PERO CORREIA fala do **maracá**, cujo nome, se conhecia, preferiu não mencionar.

# 14

# DIOGO JÁCOME
## (? – 1565)

**DOCUMENTO:** CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. [S. Vicente, junho de 1551].

**TEXTO:** Cópia portuguesa. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], I-5, 2, 38, ff. 196v-199r. Título: « Copia de outra [carta] do Brasil do Irmão Diogo Jacome pera os *Padres e Irmãos do Collegio de Coimbra. Não tem era* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 239) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** DIOGO JÁCOME foi padre jesuíta, catequista e torneiro. Esteve no Brasil entre 1549 e 1565.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *I* (1538-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 28: « *Do Ir. Diogo Jácome aos padres e Irmãos de Coimbra. [S. Vicente junho de 1551]* », pp. 238-247.

[...]

2. <...> [*f. 197v*] (*p. 242*) E sem ventura, ainda que certo, meus Irmãos, grandíssima lastima poem, po[n]derando ho mal como hé, porque vireis e vê-lo-eis que cousa pode ser, entrar em huma povoação de Indios e ver quatrocentas almas ou mais por caminho de perdição, tan fora de saberem de quantos annos são, nem se an-de morrer, nem depois de mortos onde an-de ir, que nenhuma paixam nelles entra. Seus prazeres são como an-de ir à gerra, como an-de beber hum dia e huma noute, sempre beber e cantar e bailar, sempre em pee correndo toda a Aldea, e como an-de matar os contrarios e fazer cousa nova pera a matança; <...>

[...]

8. [*f. 198r*] (*p. 246*) Quanto ao demais de que vos desejo fazer sabedores pera louvor de N. Senhor, hé da nossa igreja, que já está a cerqua acabada, e da primeira missa que nella se disse, que foi dia da mesma vocação que foi dia de Jesu [*1º de janeiro de 1551*], a qual foy com toda a muziqua de canto d'orgão[35] e frautas[36], como se lá [*em Coimbra*] podera fazer[37]. <...>

[...]

35. MANUEL NUNES DA SYLVA (**Arte mínima**, 1704, explanação VII, p. 79) é bem claro: « Ao canto de Orgão chamaõ Figural, Mensural, & Multiforme: Figural, porque tem diversas figuras, humas que valem mais, & outras menos. Mensural, porque estas figuras se medem húas com outras, ou como numero binario, ou ternario: Multiforme pela composiçaõ, & armonia das vozes, em proporcionadas distancias ». JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA (**O ensino e a prática da música nas Sés de Portugal**, 1985, cap. I, pp. 33-34) acrescenta: « O canto d'orgão, ao contrário do que o nome insinua, nada tem a ver com o instrumento da mesma

designação. É termo de uso ibérico cujo significado aparece em todos os tratados da Arte ». Citando JUAN BERMUDO (**Declaración de instrumentos musicales**, Osuna, 1555) e ANTÓNIO FERNANDES (**Arte de música**, 1626), demonstra (p. 34), « Usando palavras pobres », que « o canto d'orgão, música de estante, de atril ou de facistol corresponde à música polifónica também chamada Multiforme ou Mensural, assim se distinguindo do Cantochão que é música Uniforme ». A documentação da época é suficiente para não deixar dúvidas sobre a identidade do **canto de órgão** e a **música polifônica**. Na Introdução do **Tractado de canto mensurable** de MATEUS DE ARANDA (1973, comento nº 2, pp. 12-13), JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA cita vários tratadistas da época que discorrem sobre o **canto de órgão**. Cf. também RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. II, 1712, p. 112 e v. VI, 1720, p. 115), F. J. FÉTIS (**A música ao alcance de todos**, 1858, p. 25), DOMINGOS VIEIRA (**Grande dicionário português**, v. II, 1873, p. 97), TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (**Dicionário de música**, v. I, 1962, pp. 272-273) e MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 106).

36 . RAPHEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. IV, 1713, p. 205) descreve a « frauta » como « Instrumento Musico com certo numero de agulheiros, que com o sopro, que se lhe dá por cima, variaõ o som ao mudar dos dedos ». TOMÁS BORBA & FERNANDO LOPES GRAÇA (**Dicionário de música**, v. I, 1962, p. 518) informa: « Foi pelo menos, em todos os tempos, um dos instrumentos mais acariciados por artistas e amadores. Se é certo que os antigos designavam por **flautas** todos os instrumentos de sopro, inclusive os de bocal, não é menos verdade também que a cada um se atribuía nome próprio e funções especiais ». Cf. também MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, pp. 225-226). A julgar pela quantidade de vezes que o termo era empregado, a **flauta era**, entre os portugueses do Brasil, o instrumento mais utilizado nos séculos XVI e XVII. E, como nas charamelas, havia também os **ternos**, indicando o uso de flautas de diversos tamanhos, como atesta ANTÔNIO BLÁSQUES « (carta de 9 de maio de 1565, § 5): « Un mercader tenía un terno de flautas muy bueno, el qual, viendo a los brasilicos tañer, se lo mandó, diziendo que mucho mejor empleado sería en ellos que no en él ». Na Espanha e em Portugal, era comuníssima a flauta, tanto na música religiosa quanto na música profana, ou de festas. JUAN RUIZ, o ARCIPRESTE DE HITA, registrou esse instrumento no El libro de buen amor, do séc. XIV (quarteta 1230, verso 3), de acordo com ROBERT STEVENSON (**Spanish music in the Age of Columbus**, 1979, pp. 6-8). ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (**Instrumentos musicais populares portugueses**, 1966, fotos 285 e 286) reproduz pinturas do séc. XVI, onde se observam flautas encontradas, respectivamente, na *Crônica geral de Espanha* (códice da biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa) e na tela de autor desconhecido *Adoração dos pastores* (Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa). Nas pp. 183-185, ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA traz um estudo detalhado deste instrumento em Portugal.

37 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 246, nota 12): « O P. Leonardo Nunes era músico e regente (carta 7 § 15). Cf. SERAFIM LEITE - **Artes dos Ofícios dos Jesuítas**, p. 225 ».

# 15

# ANTÔNIO PIRES

## (1519 – 1572)

**DOCUMENTO:** **CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA.** Pernambuco, 2 de agosto de 1551.

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido, publicada em: **COPIA DE VNAS CARTAS EM** | *biadas del Brasil por el padre nobrega dela* | *compañia de Jesus: y otros padres que* | *estan debaxo de su obediencia: al padre* | *maestre Simon preposito de la di-*|*cha compañia en Portugal: y* | *a los padres y hermanos* | *de Jesus de Co-*|*imbra.* | *Tresladadas de Portugues en Castellano* | *Recebidas el año de* | *M. D. LI.* | [s/ autor, s/ local (Coimbra?), s/ ed. (tip. de João Barreira e João Alvares?), s/ p. (Carta nº 2, 8 p.)]. Título: « *Uma embiada de la Capitania de Pernambuco* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 250) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** ANTÔNIO PIRES foi padre da Companhia de Jesus, Mestre de Obras, Vice-Provincial (1566-1572), Reitor, Superintendente e Mestre de Noviços na Bahia, desde 1553. Esteve no Brasil de 1549 a 1572.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *I* (1538-1553). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 32: « *Do P. Antônio Pires aos padres e irmãos de Coimbra. Pernambuco 2 de agosto de 1551* », pp. 250-264. Não indica paginação.

[...]

8. (*p. 258*) En la Baya está dado principio a una casa, en que se recojan y enseñen los niños de los gentiles nuevamente convertidos. [...] Cantan todos una missa cada día, y ocúpense en otras cosas semejantes. Agora se ordenan cantares en esta lengua [*tupi*], los quales cantan los mamalucos por las aldeas con los otros. Y ya tuviéramos la casa llena, si les pudiéramos sustentar, y si tuviéramos a donde aposentarlos[38]; <...>

[...]

38 . O uso da música nas tentativas de "conversão do gentio" não foi restrito nem ao Brasil e nem à Companhia de Jesus. ISABEL POPE (*Documentos relacionados con la historia de la música en México*, 1951, pp. 248-249) publicou trechos de um manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid [seção de MSS, 13367 e nº de catálogo 539], de título *Historia antigua de México sacada de los mejores Historiadores Españoles y de los manuscritos y pinturas antiguas de los Indios. Obra del Abate Don Francisco Xavier Clavigero*, tomo 2º (de fins do séc. XVIII). Neste documento, encontramos a seguinte afirmação: « Los primeros Religiosos que anunciaron el evangelio a aquellas Gentes, viendolas tan aficionadas al canto, y a la poesia, y advirtiendo que sus composiciones del Gentilismo no estaban exentas de superstición, compusieron en Mexicano muchos cantares en alabanza del Dios verdadero. El laborioso Franciscano, Fr. Bernardino Sahagun compuso en puro, y elegante Mexicano como 365 cantares que imprimió en Mexico, uno para cada día del año, llenos de los mas tiernos y devotos sentimientos de Religion; y aun los mismos Indios compusieron tambien muchos en alabanza del verdadero Dios. El Caballero Boturini hace mencion de las composiciones de Don Francisco Placido Governador de Azcapozalco, en loor de la Virgen Santa María. Y de sus cantares para los bayles sacros, que el con otros nobles Mexicanos hacia delante de la celebre imagen de N. Sra. de Guadalupe. Hicieron tambien aquellos zelosos Franciscanos varias composiciones dramaticas en Mexicano de los mysterios de la Religion Christiana. Entre otras fue celebrada la del juicio universal que trabajó el infatigable Misionero Fr. Andres de Olmos, é hizo representar en la Yglesia de Tlatelolco con asistencia del primer Virrey, y del primer Arzobispo de Mexico, y un gran concurso de la Nobleza y Pueblo Mexicano ». ISABEL POPE (p. 249) acrescenta a seguinte nota ao texto de CLAVIGERO: « La obra del P. Sahagun fue impresa segun se parece en 1540. El doctor Eguiara se lamenta en su Biblioteca Mexicana de no haber podido hallar ni aun una copia de esta obra. Yo vi un exemplar de ella en el Colegio de San Francisco Xavier de Jesuitas de la Puebla ».

# 16

## VICENTE RODRIGUES
## (1528 – 1600)

**DOCUMENTO:** **CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA.** Bahia, 17 de maio de 1552.

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-I, ff. 55v-56v [antes 282av-283v]. Título: « En otra carta viene relatado esto que sigue », palavras que o P. POLANCO riscou, escrevendo por cima: « Sacado de otra de la missa Baia ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 306) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Este padre da Companhia de Jesus chegou ao Brasil em 1549 e foi ordenado na Bahia, em 1553. Desde sua chegada, foi o primeiro Mestre-Escola do Brasil. Ficou na província até sua morte, em 1600.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae I*** (1538-1553). Roma, Monumentae Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 42: « Do Ir. Vicente Rodrigues aos padres e irmãos de Coimbra. Baia 17 de maio de 1552 », pp. 305-314.

[...]

4. <...> [*f. 56r*] (*p. 309*) Y recogiéndo-se ellos [*índios*], tornaron a perseguirnos y, siendo iá dos oras ante mannana, determinamos de desenterrar el muerto [*da "Aldea" de Monte Calvário, entre março e 17 de maio de 1552*] por nós aquietar, como hizimos mui secretamente a la candela, y lo llevamos a enterrar junto de la ciudad, sin niguno lo saber, que es mucho: que toda la noche bebían sus vinos, cantando y dançando, y en aquel paso adormecieron que ni cachorro bradó. <...>

5. [...] Finalmente ordenamos que viniessen los blancos con tumba y procisión de los ninnos y mucha gente, el qual enterramos en la hermita [*"junto de la Ciudad" da Bahia, na mesma data*] con missa cantada de defunctos, y desta hermita avemos constituido por maiordomo el Principal, padre del defuncto, y ésta es donde van todos los sábbados a la Salve con los blancos.

[...]

## 17

# VICENTE RODRIGUES

## (1528 – 1600)

**DOCUMENTO:** CARTA [POR COMISSÃO DO GOVERNADOR DO BRASIL TOMÉ DE SOUSA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA]. [Bahia, maio de 1552].

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-1, ff. 56v-57v [antes 283v-284v]. Título: « *Parte de algunas cosas que acontecieron a los Hermanos* [acrescenta o P. Polanco: "de la Compañía de Jesús"] *del Brasil que mandó* [Polanco riscou "mandó" e pôs "scrivió"] *el Governador Thome de Sousa* ». Com emendas de POLANCO.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 310) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae I*** (1538-1553). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 43: « [*Do Ir. Vicente Rodrigues por comissão do Governador do Brasil Tomé de Sousa ao P. Simão Rodrigues, Lisboa*]. [Baía maio de 1552] », pp. 315-321. A carta foi impressa sem levar em consideração as emendas do P. Polanco.

[...]

**3.** [*f. 57r*] (*p. 317*) Muchos enfermos recibieron salud por oración de los Padres [*em algumas "destas tres u quatro Aldeas", as primeiras da Bahia*], de los quales no se puede contar, principalmente dos moços; y quando se baptiçavan una summa del gentil, la noche siguiente dixo uno dellos que se allara en la gloria; cantando por su arte decía muchas cosas que viera de nuestra fe, y no se hartava en las contar.

**4.** Hun Principal por nombre Tacoí, el qual por tener dos mugeres no lo quisieron hazer christiano, un día vino con grande deseo a pedir el baptismo, y baptiçado, de sí a (*p. 318*) pocos días caió en una enfermedad mortal. Y estando instruído y preparado para morir christiano, alevantóse en la red y pidió a su hermana su ropa, y díxole: "O hermana, ¿no vees tantos cantares quantos vienen del cielo para me llevar?" Alevantadas las manos al cielo dió el spíritu al Señor. <...>

[...]

**12.** [*f. 57v* (...)] (*p. 320*) En una Aldea ["*destas tres u quatro*"] de un grande y más grave de los Principales de la tierra se puso una cruz, la qual pusieron los Padres en una procissión cantando con los ninnos las letanías[39], y toda la Aldea uno y uno ía a besarla y adorarla[40]. <...>

[...]

39. **Ladanias** ou **letanias** (esp.), **litaniae** (lat.), **litanei** (al.), **litania** (it.) e **litanie** (fr.) eram o mesmo que **ladainhas**, em português. RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. V, 1716, pp. 15-16) diz: « Preces, com que se invocão por ordem os nomes de Deos, & dos Santos, ou com que se fazem breves encomios à Virgem nossa Senhora, ou a alguns mysterios em geral, ou em particular. **Litania, arum.** **Fem. Plur.** Tomou a Igreja do Grego este nome, que significa supplicações ». DOMINGOS VIEIRA (**Grande dicionário português**, v. III, 1873, p. 1247) acrescenta: « Supplicas e orações, por

meio das quaes imploramos o auxilio da Divindade, rogando à Virgem Santíssima e aos Santos, que sejam nossos intercessores perante a Divindade, e que roguem por nós ». Cf. também PEDRO SINZIG (**Pelo mundo do som**, 1959, p. 343) e MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 281). RAPHAEL BLUTEAU (**op. cit.**), JOAQUIM ROSA DE VITERBO (**Elucidário**, 1865, v. II, pp. 50-51) e LUIS DA CÂMARA CASCUDO (**Dicionário do folclore brasileiro**, 1988, p. 426) discorrem sobre a tipologia das ladainhas e devem ser consultados para uma investigação mais acurada. GIL VICENTE (**Copilaçam de todalas obras**, 1983, v. I, livro I, p. 236) fala desta oração no *Auto da barca do purgatório*, de 1518, na voz do 'lavrador': « E de tudo fiz aquesta, | como homem diz, avantairo: | leixei ó cura a minha besta. | Ronda que nom aresta | será comigo o cossairo. | Um anal e um trintairo, | com responsos, ladainhas: | a Gil fiz tode repairo | com missas d'aniversairo | trinta dias ». FERNÃO MENDES PINTO (**Peregrinação**, v. VII, 1945, cap. CCXIII, p. 186), escrevendo em 1614, narra as práticas religiosas do padre mestre português Francisco, no Japão em 1551: « porque tinha o padre por custume quando acabava de dizer missa rezar com todos hũa Ladaynha para rogar a N. Senhor pela augmẽtação da fé Catholica, & nesta ladainha dezia sempre, como nella se custuma, **Sancte Patre ora pro nobis, Sancte Paule ora pro nobis**, & assi dos mais Santos ».

40 . BALTHAZAR TELLES ‡ (**Crônica da Companhia de Jesus na Província de Portugal**, 1645, livro VI, cap. XII, § 4, p. 487) descreve procissão no "Reyno do Algarve" em 1550: « Partiudose o Padre pera a villa da Alagoa, chegando à vista d'ella, achou todo o povo junto, que era de quinhentos visinhos, que em procissam ordenada vinham a receber o missionario do céo, com alegres repiques de sinos, musicas de cleragos, cantares de mininos, ramos nas mãos, & alvoroço do povo, representado, em parte, o que houve em Ierusalem na entrada do Salvador ».

# 18

# ANTÔNIO PIRES

## (1519 – 1572)

**DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA.** Pernambuco, 4 de junho de 1552.

**TEXTO:** Apógrafo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], I-5-2-38, ff. 26r-29r. Título: « *Carta do P. Antonio Pirez, de Pernambuc, de cinco de Junho de 1552* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Sobre as outras impressões desta carta, Cf. SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae**, v. I, pp. 321-322.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae I*** (1538-1553). Roma, Monumenta Historica S.J., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 44: « *Carta aos Padres e irmãos de Coimbra. Pernambuco, 4 de Junho de 1552* », pp. 321-327.

[...]

6. (*p. 325*) Há nesta Capitania grande escravaria asi de Guiné [41] como da terra. Tem huma Confraria do Rosario [42]. Digo-lhe missa todos os domingos e festas. Andão tam bem ordenados que hé para louvar a Deus Nosso Senhor. Muyta aventagem fazem os da terra aos de Guiné. Fiz procissão com elles todos os domingos da Quaresma, e entre homens e molheres sirião perto de mil almas, afora muytos que ficão nas fazendas, não entrando nella os brancos porque mais à tarde fazião os brancos a sua [43]; e o que hia da huma à outra (*p. 326*) de diferença, era os brancos, a poder de varas, juizes e meirinhos e almotaceis, se não podião meter em ordem, sempre falando, e os escravos hião em tanta ordem e tanto concerto huns traz outros com as mãos sempre alevantadas, dizendo todos: "Ora pro nobis", que fazião grande devação aos brancos, em tanto que os juizes lhe dão em rosto com os scravos.

[...]

41 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 325, nota 6): « Os Negros de África chegaram ao Brasil com a própria plantação da cana de açúcar à roça de 1532. LEITE – **História da Companhia de Jesus no Brasil**, II, 1938, p. 344; AFRÂNIO PEIXOTO, ***Cartas avulsas (1550-1568)***... Rio de Janeiro, 1931, p. 125 (Publicações da Academia Brasileira de Letras, "Colecção Afrânio Peixoto"); AFONSO DE E. TAUNAY – *Subsídios para a história do tráfico africano no Brasil*. ***Anais do Museu Paulista***, São Paulo, v. X, 1941, p. 31 ».

42 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 325, nota 7): « Pelo modo de falar, a Confraria do Rosario era dos Escravos, como tais, quer Negros quer Índios ».

43 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 325, nota 8): « Também este modo de falar insinua a existência já da Confraria do Rosário dos Brancos ».

## 18

# MANUEL DA NÓBREGA

## (1517 – 1570)

**DOCUMENTO: CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA.** Bahia, 10 de junho de 1552.

**TEXTO:** Apógrafo incompleto em português, de original perdido. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXVI / 1-33, ff. 189v-191v. Título: « Outra carta do mesmo Padre *[Nóbrega]* para o Provincial de Portugal ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 348) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae I** (1538-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 49: « *Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. Baía 10 de junho de 1552* », pp. 348-357.

[...]

3. [*f. 190r*] (*p. 350*) Este Collegio dos Meninos de Jesu vai em muito crescimento e fazem muito fructo, poeque andão pellas Aldeas com pregaçõis e cantigas de Nosso Senhor polla lingoa[44] que muito alvoraça a todos, do que largamente se escreverá por outra via. <...>

[...]

9. [*f. 191r*] (*p. 353*) Eu tinha dous meninos da terra pera mandar a V. R., os quais serão muito pera a Companhia. Sabem bem ler e escrever e cantar[45], e são quá pregadores, e não há quá mais que aprender; e mandava-os pera aprenderem lá virtudes hum anno e algum pouco de latim, pera se ordenarem como tiverem idade e folgara El-Rei muito de os ver serem primitias desta terra. <...>

[...]

44 . Aqui já estão consolidados os primeiros sucessos dos padres da Companhia de Jesus no ensino do canto às crianças indígenas.

45 . Segundo se depreende do texto, esta é a primeira referência a **meninos da terra** que aprenderam a entoar melodias cristãs.

# 20

# PEDRO FERNANDES SARDINHA

## (c. 1495 – 1556)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. [Bahia, julho de 1552].

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-1, ff. 102r-102v [antes 175r-176v, riscado; outra letra: 331r-332v]. Título: « *Copia de una que el Obispo del Brasil escrivió al P.e Maestro Simón* ». Depois do texto ha esta explicação [f. 103v]: « Esta carta mandó el Obispo del Brasil al P.e Maestro Simón no se sabe quando (entrelinha doutra letra: « la mandò l'an. 1552 poco da poi che l'istesso Vescovo era arrivato al Brasile »], porque no fué dada. Después sabiendo el Obispo que Maestro Symão no tenía el cargo y era ydo de Portugal parecióle que no era, porque venía en el sobrescripto que Maestro Symon solo la liesse, y escrivió otra al Padre Rector del colegio de San Antón de de aquí de Lixbona en que sumariamente cuenta algunas cosas de la carta, y después [as duas últimas palavras repetidas, mas riscadas] allando un treslado, que allá le avía quedado della, la treslado de su mano y la embió sin poner los días, y este es el treslado della ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 357) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** D. PEDRO FERNANDES SARDINHA esteve no Brasil de 1552 a 1556 como o primeiro Bispo de Salvador. Era partidário da impossibilidade da conversão dos índios ao cristianismo. Foi morto e devorado pelos caetés da Bahia em 1556.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae I** (1538-1553). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 46: « *D. Pedro Fernandes ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. [Baía julho de 1552]* », pp. 357-367.

1. <...> [*f. 102r*] (*p. 358*) Yo queriendo en el alguna manera de procurar hazer el officio de buen pastor, amonesté, en el primir sermón que hize luego como llegé a esta cuesta, que ningún hombre blanco uzase de las costumbres gentílicas, porque, ultra que ellas son provocativas a mal, son tan disonantes de la razón, que no sé quáles son las orejas que pueden oyr tales sonos y rústico tañer.

2. (*p. 359*) Los niños huérfanos antes que yo viniesse tenían costumbre de cantar todolos domingos y fiestas cantares de nuestra Señora al tono gentílico, y tañeren ciertos instrumentos que estes bárbaros tañen y cantan quando quieren bever sus vinos y matar sus inimigos. Platicé sobre esto com el Padre Nobrega y con algunas personas que saben la condición y manera destos gentiles, em especial com el que lleva ésta, que se llama Pablo Díaz, y allé que estos gentiles se alaban que ellos son los buenos, pues los Padres y niños tañían sus instrumentos y cantavan a su modo. Digo que Padres tañian, porque en la compañía de los niños venía hun Padre sacerdote, Salvador Rodriguez; tañia, dançava y saltava com ellos. Y tanto por esto ser en favor de la gentilidad, y com poco fruto de la fee y conversán, y com menos reputación de la Compañia, como también por inventor desto ser un Gaspar Barbosa, el qual en la ciudad de Lixbona huyó del cárcel y se acogió a la See, y de allí em la metad del día se descyó por una soga, y vino después degra[da]do acá para siempre; y por no dexar de usar aún aqua de sus costumbres malas, le mandó el Governador venir a esta ciudad preso, y salió la sentencia que no saliesse más desta ciudad. Después de andar aquí se metió velut lupus in vestimenta ovium[46] con los vuestros Padres, más zelos[os] de la virtud que esprimentados en la malicia, para le averem licentia de[l] Governador, como realmente ovieron, para se tornar.

Este es el que (*p. 360*) inventó esta curiosa y suprestiosa gentilidad, y él mismo cantava y tañia por las calles con los niños y Padres. La qual cosa defendí para quitar gentilidad que tan mal parecia a todos.

[...]

10. [*f. 103v*] (*p. 365*) Y con esto acabo lembrando a V. R. que cerca de la confessión por intérprete y de las otras cerimonias de los gentiles vaa mucho vellas aquá y escrevellas y estallas allá desputando, porque es esta gente tam afectionada a sus costumbres que no quiero más para dizir que quanto le predicamos es nada por ver que que gustamos de sus cantares, tañeres gentiles. <...>

[...]

46 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 359, nota 5): « Mat. 7, 15 ».

# 21

# MANUEL DA NOBREGA
## (1517 – 1570)

**DOCUMENTO: CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA.** [Bahia, fins de julho de 1552].

**TEXTO:** Apógrafo em português, de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 15, ff. 62r-63r [antes 298r-299v e mais antigo riscado: 172r-173v]. Cota do copista [63v]: « † *Trellado de huma do P.e Manuel da Nobrega, do Brasil. 1ª via* ». Outra letra: « Sine data ». Usado pelo P. POLANCO, que sublinhou palavras e escreveu à margem vários números.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 368) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *I* (1538-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. ) – Missiones Occidentales). Doc. 51: « *Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. [Baía fins de julho de 1552]* », pp. 367-375. Não se imprimiram as notas do P. Polanco.

[...]

7. [*f. 62v*] (*p. 372*) Os padres que o Bispo [*D. Pedro Fernandes Sardinha*] trouxe nom edificarão nada este povo, porque cá fazião-lhe tudo de graça e agora vêm outro modo de proceder. O vigairo desta cidade [*Manuel Lourenço*][47], que agora hé chantre, mandou-o prender o Bispo por uma paixão, porém soltou-se logo. <...>

8. (*p. 373*) Os mininos desta casa acustumavão cantar pelo mesmo toom dos Indios, e com seus instromentos, cantigas na lingua em louvor de N. Senhor, com que se muyto athraião os corações dos Indios, e asi alguns mininos da terra trazião o cabelo cortado à maneira dos Indios, que tem muyto pouca differença do nosso costume, e fazião tudo para a todos ganharem. Estranhou-o muyto o Bispo e na primeira pregação falou nos custumes dos gentios muyto largo, por donde todo o auditório o tomou por isso. E foy assi, porque a mym o reprehendeo muy asperamente, nem aproveitou escusar-me que nom erão ritos nem custumes dedicados a idolos, nem que perjudicassem a fee catholica. Obedeci-lhe e asi o farey em tudo, porque por menos mal tenho deixarem-se de salvar gentios que sermos ambos divisos.

9. Este negocio dos mininos e sua confraria[48] favorece-o muito mal e soltou palavras por donde se ficou entendendo nom levar disso muyto gosto. São eu tam mao, que sospeito que nom há por bem feyto senão o que elle ordena e faz, e todo o mais despreza.

[...]

47. Esta é a primeira referência conhecida a um **chantre** na Sé de Salvador. Contudo, seu nome não é citado nessa função nos **Documentos Históricos** (Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1928-1955. 110 v.). Sabe-se, ainda, que **Francisco de Vacas**, oficialmente o primeiro chantre da Sé de Salvador, também se indispôs com o bispo nessa época. Cf. a carta de DUARTE DA COSTA ✝ (8 de abril de 1555). SERAFIM LEITE, na **Monumenta Brasiliae** (v. I, 1956, doc. 7, p. 121, nota 4) informa: « A provisão do "clerigo Manuel Lourenço que ia como Vigario da Igreja de Salvador" é datada de 18 de Fevereiro de 1549. E já estava na Baía no Natal de 1549 (SERAFIM LEITE, op. cit., p. 23), cessando Nóbrega o seu ofício de Pároco, que embora interinamente, fora o primeiro a exercer na nova Cidade ».

48. RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. II, 1712, p. 460) dá: « Contraria. Irmandade. Ajuntamento de varias pessoas para exercicios espirituais ».

# 22

# MENINO[S] ÓRFÃO[S] [POR FRANCISCO PIRES]

## (1522 – 1586)

**DOCUMENTO:** CARTA DO MENINO DIEGO TUPINAMBÁ PERIBIRA MONGETÁ QUATIÁ [ESCRITA PELO P. FRANCISCO PIRES] AO P. PERO DOMENECH, LISBOA. Bahia, 5 de agosto de 1552.

**TEXTO:** Tradução em espanhol de original em português perdido, a qual o P. Doménech juntou umas palavras para o P. Geral (publicadas em **Mon. Bras.**, doc. 56, pp. 415-417). Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 64r-67v [antes 298r-301v]. Cota por letra do P. Doménech: « *Treslado de una carta del Brasil que escriven a Pedro Domenec sobre las cosas que Nuestro Señor obra por los niños de la doctrina en aquelles gentiles.* [Outra letra:] *1552 5 Augusti* ». Ao final (67r): « De vuestros hermanos [provável singular no original] | Diego Topinambá Peribira Mongetá Quatiá ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 375) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE OS AUTORES:** SERAFIM LEITE, na edição utilizada (pp. 389-390, nota 41), informa: « Esta cláusula requer alguns esclarecimentos: a) De vossos irmãos: Talvez o original estivesse no singular, e o tradutor ou copista o transpusesse para o plural, contando vários signatários, como aparentemente se apresentam a quem quer que desconheça a língua brasílica (tupi); b) Diogo: O facto de haver um só nome cristão, junto com a significação das palavras tupis, sugere que talvez se trate de um só menino com nome composto pelo P. Francisco Pires, autor da carta, que fazia diligência por aprender, o tupi sem nunca chegar a saber bem. Nome composto dos seguintes elementos: de batismo (Diogo), de tribo (Tupinambá), de família (Peribira), de escola (Mongetá Quatiá: ler, que lê e escreve); c) Mongetá: "Nhemongetá, falar a alguém"; "ler o escrito". [Leonardo do Vale] – **Vocabulário na língua brasílica.** Coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. São Paulo, 1938. I, [1953], 133; II, 20.; d) Quatiá: "Escritura, pintura, dibujo, papel, carta, libro"; "aiquatiá, escrivir"; "quatiá mongetá, leer". Antonio Ruiz de Montoya – **Vocabulario y Tesoro de la lengua Guarani o más bien Tupi.** Viena de Áustria, 1876, 282, 323v ». FRANCISCO PIRES esteve no Brasil de 1550 a 1586. Foi padre da Companhia de Jesus, fundador da Igreja da Ajuda em Porto Seguro e Reitor da "Escola Geral de Meninos da Terra e Filhos dos Cristãos", de 1559 a 1562.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *I* (1539-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 52: « *Carta dos Meninos Órfãos [escrita pelo P. Francisco Pires] ao P. Pero Doménech, Lisboa. Baía 5 de agosto de 1552* », pp. 375-389.

[...]

2. <...> [*f.* 64r] (*p.* 378) La cruz fué siempre levantada [*"por la tierra adentro"*] y los niños delante, de dos en dos o de tres en tres, predicando, unos delante de los otros por un espacio, a grandes vozes, predicando a Christo ser el verdadero Dios que hizo los cielos y la tierra y todas las cosas para nosotros, para que le conociéssemos y serviéssemos, y nosotros a quienes El hizo de la tierra y dió todo, no lo queremos conocer ni creer, obediciendo a sus hechizeros y malas costumbres, y que de allí adelante no tendrían escusa, pués Dios les imbiava la verdadera santidad, que es la cruz y aquellas palabras y cantares. <...>

[...]

4. <...> [*f.* 64v] (*p.* 379) En algunas casas de las Aldeas [*indígenas*], porque no fuéssemos a ellas, hazían fuego y quemavan sal y pimienta, porque con la fortaleza y edor no passássemos; e nosotros con todo visitávamos las casas todas con la cruz levantada. Y nosotros entrando ibamos con cantares de nuestro Señor[40], de manera que todo les era para consolación, porque les dezíamos la verdad, y que todo que llevávamos era

vida y que los ruines eran los que muríanporque no querían las cosas de Dios.

[...]

7. Quanto a la romería de las pissadas [*Pegadas de São Tomé*], de la Aldea donde posamos es un tiro de ballestra. Lo más de la noche tuvimos grandes cumplimientos con el Principal que estava al presente. Nos dixeron que morássemos (*p. 380*) allí y que nosotros, que sabíamos, los enseñariamos y ellos nos harían una casa en las pissadas del bienaventurado Santo. Con los quales de mañana partimos, después de plática y predicaciones por las casas e cantares, para las pissadas, con la letanía nuestra compañera, y ellos todos con ora pro nobis. <...>

[...]

10. <...> [*f. 65r*] (*p. 382*) Pusimos una cruz [*durante "otra peregrinación la semana de Lázaro (1º de abril de 1552) de ocho leguas donde llaman el Grillo", a 8 léguas da Bahia, próximo do Rio Matoim*] y diximosle lo que era, y fué luego como se lo dixieron, y con los suyos hizieron un camino donde la pusimos. Para llevarla hizimos una processión con girnaldas en la cabeça, con los negros [*i.e.: índios*] diziendo ora pro nobis. <...>

[...]

12. [*f.65v*] (*p. 383*) En esta Aldea [*do "Grillo", entre 1º e 17 de abril de 1552*] uvo muchas fiestas donde los niños cantaron y holgaron mucho, y de noche se levantaron al modo de ellos y cantaron y tañeron con tacuaras[50], que son unas cañas grossas con que dan en el suelo y con el son que hazen cantan, y con maracás, que son de unas frutas unos cascos como cocos y aguierados con unos palos por donde dan y pedrezuelas dentro con lo qual tañen[51]. Y luego los niños cantando, de noche (como es costumbre de los negros), se levantavan de sus redes e andavan espantados en pos de nosotros. Parézeme, según ellos son amigos de cossas músicas, que nosotros tañendo y cantando entre ellos los ganaríamos, pues[52] differencia ay de lo que ellos hazen a lo que nosotros hazemos y haríamos si V. R.ª nos hiziesse proveer de algunos instrumentos para que acá tañamos (imbiando algunos niños que sepan tañer), como son flautas, y gaitas[53], y nésperas[54], y unas vergas de yerro con unas argollicas dentro, las quales tañen da[n]do con un yerro en la verga[55]; y un par de panderos[56] y sonajas[57]. Si (*p. 384*) viniesse algún tamborilero[58] y gaitero[59] acá, parézeme que no havría Principal que no diesse sus hijos para que los enseñassen.

13. Y junto con esto, como el P.º Nóbrega determina yr lejos por la tierra adentro, yrian seguros con esto, porque los negros a sus contrarios (a los quales quieren muy mal, tanto que se comen unos a otros) los dexan entrar en sus tierras y casas, si les traen tañeres.y cantares, y assi los nombran santidades y les dan quanto tienen porque les dizen muchas cosas falsas y mentiras que el demonio, su padre, les enseña. Pues si esto que los negros saben que son mentiras y engaños, y assí lo confiessan, los atrae, ¿qué harán si con música, que nunca oyeron, les predicáremos la verdad del mismo Dios exercitada en nuestras almas? ¿Quien tendrá duda sino que tremerán los demonios y sus poderíos como nublados ante el sol? Esto dize el Padre Nóbrega[60] y téngolo por muy cierto, porque los niños tienen muchos sermones estudiados y tañen e cantan al modo dellos, lo qual huelgan de oyr. Y quando los niños van cantando y tañendo por sus Aldeas, vienen los viejos (que suelen aver miedo de nosotros y esconden sus hijos) a bailar sin descansar, y assimismo las viejas, por cujo consejo se rigen así viejos como moços; y los niños [*f. 66r*] andan tras nosotros y esperando quando emos de tañer o cantar, rogándonos que los enseñemos, y diziéndonos algunos que quieren venir con nosotros. Así lo desean, mas no osan del todo fiar por los engaños y males que hast'aqui recibieron de los christianos passados, lo qual agora nuestro Señor les abre los ojos y confiessan nuestra verdad muchos dellos y conocen sus engaños.

14. (*p. 384*) Para lo qual hemos menester se muchos y ayudados de muchos Padres y niños que canten, acompañados de virtud para que pueden enseñar a los otros, trayendo consigo las cosas que les hemos pidido y encommendado, y muchas campanas para quando se repartieren por las Aldeas con que llamen a la doctrina, de lo que acá tenemos mucha falta, porque los Padres y los niños son repartidos por las Capitanías, y an menester muchas campanillas[49] quando fueren por las Aldeas.

15. (*p. 385*) Despues tornaran los niños para la tierra adentro, adonde fué el Padre Nobrega e otro Padre y dos Hermanos, día del Angel Custodio [*19 de julho de 1552*] y acabada la processión, y después que comimos en casa, con la cruz toda pintada de pluma de la tierra muy hermosa, con el Niño Jesú en lo alto de la cruz en trage angéllico con una espada pequeña en la mano. Y assí fuimos con la cruz levantada por las Aldeas cantando en cada una dellas y tañendo a modo de los negros y con sus mesmos sones y cantares, mudadas las palabras en loores de Diós[50]. <...> (*p. 386*) En la otra [*"Aldea" no sertão dos Carijós ou Guaranía do Sul*] que primeiro durmimos tuvimos nuestros sermones y hablas de nuestro Señor [*pelo P. Nóbrega*]. <...> (*p. 387*) Y después desto tañiamos y cantávamos, de lo que algunos havían miedo, porque pensavan que nuestro cantar les daría la muerte, otros por el contrario hogavan mucho y venían a nuestro tañer a cantar y baylar, donde venían viejos y viejas que era para espantar, siendo éstas por quien ellos se rigen. <...>

[...]

17. [*f. 69v*] (*p. 388*) Anduvimos con mucho trabaxo de caydas fasta llegar a las pissadas [*"detrás de un río Matuin" ou Cotegipe, entre maio e julho de 1552*], donde allamos los negros tan buenos que huvo de quedar allí un Hermano [*Vicente Rodrigues*] con dos niños para (*p. 389*) los enseñar y hazer una casa en las pissadas [*de São Tomé*] donde se recojan niños y deprendan. Allí hallamos buen acogimiento, porque por un hijo suyo nos imbió a llamar a su casa el Principal, donde recibimos tanta consolación, qu fué mayor que los trabajos que passamos. Y en esa misma Aldea bailamos y cantamos a su modo y los cantares en su lengua, y la muger del Principal se levantó a bailar con nosotros. E otro día por la mañana nos fué amostrar en limonar donde los niños tomaron de los limones. Dey nos partimos para las pissadas con cantares de nuestro Señor u los gentiles de la Aldea yvan con nosotros. Y cantamos en las pissadas un hymno[51] del Spiritu Santo, y dey nos partimos de los Hermanos, los quales quedavan muy deseosos de nosotros.

[...]

49. FERNÃO MENDES PINTO (**Peregrinação**, v. III, 1545, cap. CCXVII, p. 41) descreve, entre portugueses de Goa, em 1554, um tipo de cantiga semelhante a esta: « Chegando o catur a bordo da nau, o padre Reitor com toda a mais cõpanhia entrou logo nella, & levava os minimos orfãos diante cõ capellas nas cabeças, & ramos nas mãos, cantãdo **Gloria in excelsis Deo**, &c. & outras muytas cantigas em louvor de Deos ».

50. GABRIEL SOARES DE SOUSA ‡ (Noticia do Brasil, 1587, cap. CLXXIX), informa que os tupinaés costumam « nos seus cantares tangerem com um canudo de uma cana de seis a sete palmos de comprido, e tão grosso que caba um braço, por grosso que seja, por dentro dele; o qual canudo é aberto pela banda de cima, e quando tangem vão tocando com o fundo do canudo no chão, e toa tanto como os seus tambores, da maneira que os eles tangem ». Esta **taquara**, espécie de **bastão de ritmo**, é descrita por

RENATO ALMEIDA (**História da música brasileira**, 1942, parte I, cap. II, p. 35), LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (**Dicionário do folclore brasileiro**, 1988, p. 111) e MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 503).

51 . Trata-se do **maracá**.

52 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 383, nota 25): « "Pues" não apouca a diferença, antes a acentua, com vantagem para os instrumentos músicos que se pedem de Portugal ».

53 . Gaita é o mesmo que frauta, para RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. IV, 1713, p. 8). Contudo, o termo é citado ao lado de "flautas", levando-nos a imaginar que o instrumento mencionado seja a **gaita de foles**. A referência a "gaiteiro", logo em seguida, corrobora esta hipótese.

54 . LUÍS DE CAMÕES (**Obras completas**, 1972, p. 216), no *Auto chamado de Filodemo* (publicação póstuma de 1587), já colocava na voz de "Vil": « A música não é senão das nossas; mas faço-te queixas, que nem com um cão de busca pode achar Das nêsporas por toda esta terra ». RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. V, 1716, p. 713) em « Nesperas. Campainhas sem badalo, que tangem tocando uma na outra, de que usaõ Bofarinheiros ». DOMINGOS VIEIRA (**Grande dicionário português**, v. IV, 1873, p. 427) e MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 361) repetem a definição de BLUTEAU, o primeiro usando o texto que citamos de CAMÕES e o segundo este trecho da carta dos meninos órfãos.

55 . Trata-se do **berimbau**, concordando esta descrição com as de DOMINGOS VIEIRA (**Grande dicionário português**, v. I, 1871, p. 796), LUÍS COSME (**Dicionário musical**, 1957, p. 18), LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (**Dicionário do folclore brasileiro**, 1988, p. 120) e MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, pp. 58-59). Este instrumento, que não deve ser confundido com o **berimbau-de-barriga**, ou urucungo, que os escravos africanos fizeram popularizar no nordeste brasileiro, será mencionado, pela primeira vez, na *Informação da missão do P. Christovão Gouvêa*, em FERNÃO CARDIM (1585, § 30).

56 . "Pandeiro", para RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VI, 1720, pp. 219-220) « Deriva-se do Arabico Pandair. He a modo de cercadura de huma peneyra, com huns vãos ao redor, em que estaõ metidas humas chapinhas de latão, a que chamão soalhas, que movidas fazem hum agradavel, & festivo sonido. Segundo Pedro de Maris, na historia de S. João de Sahagum, pandeiro se deriva do Grego Pandura, que significa instrumentos musicos, compostos de humas fasquias de taboas estreytas, & juntas em huma; porque tambem o nosso pandeyro he composto de variedades de soalhas, & de fasquias de madeyra estreytas, pag. 163 ». LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (**Dicionário do folclore brasileiro**, 1988, p. 574) informa que « Os pandeiros mais antigos não tinham pele, e apenas soavam atrito de soalhas lateralmente » e MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 381) acrescenta que « O pandeiro também pode ter a mocura, ou aro, na forma quadrada, e neste caso é chamado de pandeiro-adufo ou adufe ». Autores quinhentistas portugueses, como GIL VICENTE, citam-no várias vezes. ANTÓNIO FERREIRA (**Poemas lusitanos**, v. I, 1939, p. 192) traz uma referência a este instrumento na écloga *Archigamia* (de 1598): « Que dor, que mal, que mágoa sentiria, | quem visse que tangia num psalterio | Minerva, e c'um pandeiro concertava, | Que ora Venus tocava, ora acodia | Com sua voz? ». ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (**Instrumentos musicais populares portugueses**, 1966, pp. 198-209) traz excelente estudo sobre os pandeiros, ilustrado (fotos 288-295) com exemplares triangulares, quadrados e hexagonais, em uso atual no território português.

57 . **Sonaja** (esp.), como **sonaglio** (it.), são termos correspondentes no português **cascavel**.

58 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VIII, 1721, p. 34) dá para **tamborileiro** « O Rustico, que tange tamboril ».

59 . "Gaiteiro", para RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. IV, 1713, p. 6), é « O que toca gaita de folle ». Nesse caso, "Gaita" significa "Gaita de folle". MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 236) diz « Instrumento de sopro constituído de um odre ou fole que armazena o ar e tubos com funções diversas: o principal ou tubo melódico é o que tem orifícios a serem dedilhados pelo gaiteiro; o segundo, boquilha, serve para a injeção do ar e os outros dois, bordões, produzem sons correspondentes às notas com funções de tônica e dominante. As variações deste modelo básico estão no número de bordões e na injeção do ar que pode ser feita por fole mecânico acionado pelo instrumentista. A gaita-de-foles foi introduzida no Brasil pelos portugueses que já a empregavam nas festas de Natal e do Espírito Santo ». ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (**Instrumentos musicais populares portugueses**, 1966, fotos 206-208) reproduz pinturas do séc. XVI que exibem esse instrumento e faz estudo minucioso de seu uso em Portugal, às pp. 160-163. Entretanto, não há notícias seguras de sua presença no Brasil nos séculos XVI e XVII.

60 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 364, nota 27): « **Vasconcelos [Simão de]** resume assim este passo da carta de 1552: "Chegou a ser opinião de Nóbrega, que era hum dos meios, com que podia converter-se a gentilidade do Brasil, a doce harmonia do canto; e por esta causa ordenou se lhe pusessem em solfa as orações e documentos de nossa santa Fé; porque à volta da suavidade do canto entrasse nas suas almas a inteligencia das cousas do Ceo" [**Chronica**, Liv. I, nº 118, anno de 1552]. Também o P. **António Vieira** viu esta carta de 1552 e achou na Serra de Ibiapaba o mesmo "estilo" de Nóbrega: "Mas depois que os Padres lhes ensinaram a cantar os mesmos mistérios, que compuseram em versos e tons muito accomodados, viu-se bem quanta razão dizia Nobrega, primeiro Missionário do Brasil, que com música e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da América" (*Relação da Missão de Ibiapaba*, in **Vozes Saudosas** [Lisboa 1736] 37-38; Cf. Leite (Serafim), ***Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil*** 61-62). A *Relação* de Vieira imprimiu-se pela primeira vez em 1660 (Leite [***História da Companhia de Jesus no Brasil***] IV 244), três anos antes da *Chronica*. A fonte de Vasconcelos poderia ter sido Vieira, mas o facto de situar a notícia no ano de 1552 mostra que também ele viu esta carta em Roma, onde aliás ambos haviam estado: Vieira em 1650 e Vasconcelos em 1662. Cf. Leite, **Breve Itinerário** 88-90; **Cartas de Nóbrega** (1955) 171-172 ». FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN (*História geral do Brasil*, v. I, 1854, seção IV, pp. 201-202) também tem um comentário sobre a mesma matéria, que anexamos às observações de SERAFIM LEITE: « Para a conversão dos columins, ou crianças gentias, os meios que melhor se estrearam foram principalmente a musica, o canto e o apparato deslumbrador das ceremônias, que os enfeitiçava. Feitos acolytos os primeiros pilás mansos, todos os mais caboclinhos lhes tinham inveja, do que se aproveitaram os jesuitas entrando com elles pelas aldeas em procissões, de cruz alçada, entoando a ladainha, cantando rezas e arrebanhando muitos; com o que se honravam à vezes os pais. A musica atrahiu assim a civilização ao meio dos bosques muitos, que se estavam criando para homens-feras; e Nobrega foi quasi um segundo Orfeo em nosso paiz ».

61 . Para RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. II, 1712, p. 82), **campainha** « he diminutivo de **Campana**, que quer dizer sino ». GIL VICENTE (**Copilaçam de todalas obras**, 1983, v. I, p. 42E), em A comedia do viuvo, de 1514, diz: « Voyme a cas del sacristán | a pegalle las campanas | que tanió ». LUIS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, pp. 717-718) traz ótimas informações, sob o verbete "som": « Sinos, campainhas, guizos, sinetas, chocalhos, todos os produtores do som, expelsavam os demônios em todas as crenças do mundo. Ao lado da utilidade de fixar a presença do animal que o usasse, cavalo, boi, vaca, cabra, etc., havia o efeito de afugentar o mal e mesmo evitar o cansaço. Assim os cavalos eram cobertos de guizeiras e mesmo os falcões. Certos objetos do culto católico possuíam campainhas que não eram apenas decorativas mas, intrinsecamente, recordavam a função mágica do som. As custódias e os cálices-custódias tinham campainhas ». Cf. também MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, pp. 83-85), nos verbetes "campa", "campainha" e "campana".

62 . A expressão « con sus mesmos sones y cantares » indica claramente o uso de música indígena com letra cristã, registrando (agora com certeza) o primeiro exemplo conhecido desta prática entre os catecúmenos da Companhia de Jesus no Brasil.

63 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VIII, 1713, p. 63) que escreve "Hymno", informa: « Conforme a sua antiga significação he huma obra Poetica, em louvor de alguem. Muitos hymnos fizerão os Poetas Gregos em louvor de seus fabulosos Deoses. Hoje na Igreja Hymno, he hum louvor em versos composto a honra de Deos, ou dos seus santos. No officio divino se cantão hymnos nas Laudes, nas vesperas, & nas mais horas. O primeiro, que compoz hymnos para se cantarem na Igreja, foi Santo Hilario. **Hymnus, i. Masc. Mart.** ».

# 23

## FRANCISCO PIRES

## (1522 – 1586)

**DOCUMENTO:** **CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA.** Bahia, 7 de agosto de 1552.

**TEXTO:** Apógrafo incompleto em português, de original português perdido. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXVI / 1-33, ff. 186r-189v. Título: « *Carta do Padre nobriga (outra letra, riscado:) pera os irmãos de Purtugal* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 391) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae I** (1538-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 53: « *Do P. Francisco Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra, Baia 7 de agosto de 1552* », pp. 390-400.

[...]

3. <...> [*f. 186v*] (*p. 393*) E foi tudo ordenado por Nosso Senhor, porque levava tres mininos [*f. 187r*] com os quais principiou aquella Casa ["*casa de meninos*"], e não erão tão necessarios (*p. 394*) em São Vicente pera onde elles hião, os quais acarretarão outros da terra, que aprendem e causam muita devação com suas doctrinas e pregações e cantares de N. Senhor assi aos christãos como gentios, e vai em muito crescimentos aquella casa. <...>

[...]

8. [*f. 188r*] (*p. 396*) Os mininos da terra fazem muito fructo e ajudão muito bem aos Padres e espantão-se os verem-nos falar com fervor e sem medo nem vergonha de N. Senhor. Em casa se tem muito exercicio de tudo, assi das pregações, como de cantigas, pella lingoa [*tupi*] e em portugues, e aprendem muito bem ho necessario. <...>

[...]

# 24

# MANUEL DA NÓBREGA

## (1517 – 1570)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. [Bahia, fins de agosto de 1552].

**TEXTO:** Apógrafo em português, de original português perdido. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, [XV] / 1-33, ff. 194v-197r. Título: « *Outra do mesmo Padre [Nóbrega] ao Padre Mestre Simão* ». No final da carta: « Fim ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 400) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae I** (1538-1553). Roma, Monumentae Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 54: « *Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. [Baía fins de agosto de 1552]* », pp. 400-405.

[...]

12. [*f. 196v*] (*p. 406*) Com a vinda do Bispo [*D. Pedro Fernandes*] se moverão algumas duvidas, nas quais eu não duvidava, porque sam soberbo e muito confiado em meu parecer, as quais nos pareceu bem (*p. 407*) communicá-las com V. R. pera que as ponha em disputa entre parecer de letrados e me escreva o que devo de fazer.

13. Primeiramente, se se poderão confessar por interprete a gente desta terra que não sabe falar nossa lingoa, porque parece cousa nova e não usada em ha christandade, porto que Caietano in summam, IIª conditione, e os que alega Navarro, c. Frates, nº 8.º de penit. dist. 5.ª, digam que pode, posto que não seja obrigado.

[...]

15. Item. Se nos abraçarmos com alguns custumes deste gentio, os quais não são contra nossa fee catholica, nem são ritos dedicados a idolos, como hé cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingoa pello seu toom e tanger seus estromentos de musica que elles [usam] em suas festas quando matão contrairos e quando andão bebados; e isto pera os atrahir a deixarem os outros custumes esentiais e, permitindo-lhes estes, trabalhar por lhe tirar os outros; e assi o pregar-lhes a seu modo em certo toom andando passeando e batendo nos peitos, como elles fazem quando querem persuadir alguma cousa e dizê-la com muita eficacia; e assi trosquiarem-se os meninos da terra, que em casa temos, [*f. 197r*] a seu modo. Porque a semelhança é causa de amor. E outros custumes semelhantes a estes.

[...]

# 25

## VICENTE RODRIGUES

## (1528 – 1600)

**DOCUMENTO:** CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. Bahia, 17 de setembro de 1552.

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido, com numerosas emendas e cortes do P. POLANCO. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-1, ff. 68r-68v [antes 307r-307v]. Título: « *Treslado* [POLANCO riscou "Treslado" e escreveu "Sacado"] *de una carta de Vicente Rodrigues que está en el Brasil, de 17 de Setembro de 1552.* [letra de POLANCO:] *del Salvador* ». Cota de outra letra no fim [f. 69v]: « *Copia de* de [sic] *Vicente Rodrigues del Brasil. Roma* [e ainda outra letra:] 1552 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 409) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *I* (1538-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 55a « *Do Ir. Vicente Rodrigues* aos padres e irmãos de Coimbra. Baía *17 de* setembro de 1552 », pp. 409-415. Não se consideraram as emendas e cortes do P. Polanco.

[...]

5. [*f. 68r*] (*p. 413*) Algunas perigrinaciones hizieron acá el P.ᵉ Nobrega y los otros Hermanos con los ninnos. Muchos trábajos pasaron e dignos de notar, porque iendo por el sarthão visitando las aldeas con la † [*cruz*] alevantada a modo de procissión y con sus redes, donde duermen, a las cuestas, cada uno con la suia, assí ninnos como Padres, caminando todo el día, y quando lhegávamos a las aldeas entrávamos con cantares santos y hymnos, los gentiles con miedo que tenían de nós pensando que les traíamos la muerte no nos recibían ni osavan de nós dar de lo que tenían [*f. 68v*], mas antes quemavan pimienta para nos echar de casa con el numo della, y ansí andávamos mui grandes jornadas no dexando todavía de praedicar las grandeças de Dios. <...>

[...]

# 28

# PERO DOMÈNECH

## (? – 1560)

**DOCUMENTO:** **CARTA AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA.** [Lisboa, outubro de 1552].

**TEXTO:** Autógrafo espanhol. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-1, ff. 67r-67v [antes 301r-301v]. A seguir, na mesma folha da carta dos Órfãos [**Mon. Bras.**, doc. 52 (v. I)], como post-scriptum.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 416) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta** *Brasiliae I* (1538-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 56: « Do F. *Pero Doménech ao P. Inácio de Loyola, Roma.* [Lisboa outubro de 1552] », pp. 415-417.

**OBSERVAÇÃO:** Os relatos do F. Doménech não se basearam em observação direta, mas em informações provindas do Brasil.

1. [*f. 67r*] (*p. 416*) Después de ésta [*carta 52*], recebimos otras dediez o doze niños, hijos de padres gentiles convertidos e bautizados. Scriven cómo tienen ya hecho quatro casas de ninnyos, y iglesias y hermitas entre los gentiles. Y un ninno scrive que fuyó de su madre e vino para la casa de los niñyos, y después de instruydo en la fe, se fué a predicar a su madre la fe de Christo, y halló que tenía una cabeça y pedaços de carne humana colgada al humo para comer. Fuyó luego y después por obediencia tornó y reprendióla de sus malas costumbres.

2. La orden que tienen es esta: que a la noche los Padres que tienen cargo dellos les dan meditaciones de la muerte o de juizio o semejantes cosas; y por la mañana madrugan y vanse por las casas de los negros y gentios y tómanlos en la cama y allí les platican de la muerte y infierno e de la passión de nuestro Señor, y alguns vezes baylan y cantan, y ansí los ajuntan. Después desto que los tienen ajuntados, assí baylando y cantando, dizenles la passión de nuestro Señor, mandamientos[64], Pater Noster, Credo e Salve Regina en su lingua, de manera que los niñyos en su lingua ensenyan a sus padres, y los padres van con las manos juntas tras sus hijos cantando Sancta Maria, y ellos respondendo ora pro nobis. Loado sea Jesú Christo para sempre.

[*f. 67v*] †

El Pater Noster en li[n]gua brasil[65]

64 . Foram publicadas em Lisboa, no séc. XVII, pelo menos três versões dos **mandamentos** na língua brasílica. ANTÔNIO DE ARAÚJO * foi responsável por duas delas, no **Catecismo na língua brasílica** (1618) e no **Catecismo brasílico da doutrina cristã** (1686); JOÃO FELIPE BETTENDORF * é o autor da terceira, no **Compêndio da doutrina cristã na** *língua portuguesa e brasílica* (1678).

65 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 416, nota 3): « Escreveu apenas o título, não a oração na língua brasil, isto é, em tupi, oração, com outras, já corrente no Brasil em 1552 ». A versão brasílica do **Pater noster**, que é mencionada pela primeira vez por JUAN DE AZPILCUETA NAVARRO * na carta de 28 de março de 1550 (§ 1), foi publicada por ANTÔNIO DE ARAÚJO * (**op. cit.**) apenas em 1618. Contudo, ANDRÉ THEVET *, na **Cosmographie universelle** (1575, v. II, parte IV, cap. VIII) já apresenta uma versão feita pelos franceses, que pode ter sido utilizada na "França Antártica" entre 1555 e 1559.

# 27

## JOÃO DE BARROS
## (c. 1496 – 1570)

**LIVRO:** **ÁSIA. DÉCADA PRIMEIRA.** Lisboa, Germão Galharde, 1552.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Após a edição de 1552 da **Década primeira e segunda...** (Lisboa, Germão Galharde, 1552), surgiram a **Decada primeira da Asia...** (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1628), a **Asia de Joam de Barros...** (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932) e as **Décadas...** (Lisboa, Livraria Sá da Costa, v. I, 1945). A página de rosto da primeira edição, segundo RUBEM BORBA DE MORAES (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. I) é a seguinte: **Asia de Joam de Barros dos fectos que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente. Impressa per Germão Galharde em Lixboa: a XXVIIJ. de Junho anno de M. V. LIJ.** [1552] [22 X 24 cm, 1 f. inum., 128 ff. num., 1 f. inum., 143 ff. num.].

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOÃO DE BARROS foi um dos grandes historiadores portugueses do séc. XVI, bastante conhecido por suas **Décadas da Ásia**. A cena que descreve no porto de Lisboa é importante para se conhecer a música executada nas cerimônias portuárias dessa época, que poderiam ter sido utilizadas no Brasil.

**EDIÇÃO UTILIZADA:** **Décadas**; seleção, prefácio e notas de Antonio Baião. Lisboa, Livraria Sá da Costa, v. I, 1945. 259 pp. (Coleção de Clássicos Sá da Costa).

**OBSERVAÇÃO:** Este fragmento foi incluído neste volume apenas para ilustrar a prática musical portuguesa na partida dos navios.

**LIVRO QUINTO | CAPITULO I | Como el-rei, por razão da nova, que dom Vasco da Gama trouxe da Índia, mandou fazer uma armada de treze velas, da qual foi por capitão-mór Pedro Alvarez Cabral.**

[...]

[11.] (*p. 103*) A qual despedida, geralmente a todos, foi de grande contemplação, porque a maior parte do povo de Lisboa, por ser dia de festa e mais tão celebrada por el-rei, cobria aquelas praias e campos de Belém, e muitos em batéis, que rodeávam as naus, levando uns, trazendo outros, assim serviam todos com suas librés e bandeiras de côres diversas, que não parecia mar, mas um campo de flôres, com a frol daquela mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o espírito destas cousas, eram as trombetas, atabáques, séstros, tambores, frautas, pandeiros, e até gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gádos, naquele dia tomáram posse de ir sôbre as águas salgadas do mar [*9 de março de 1500*], nesta e outras armadas, que depois a seguiram, porque, para viágem de tanto tempo, tudo os homens buscavam para tirar a tristeza do mar. <...>

[...]

# 28

## MANUEL DA NOBREGA
## (1517 – 1570)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA. São Vicente, 12 de fevereiro de 1553.

**TEXTO:** Tradução espanhola de autógrafo português perdido. Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-1, ff. 106r-107v [antes 308r-309v]. Título: « *Copia de una del P.e Manuel da Nóbrega para el P.e Maestro Simón, del Brasil, del año 1553* ». No fim em vez do endereço: « *Copia de una del P.e Nóbrega para el P.e Maestro Simón, del Brasil* ». [Outra letra:] « *1553 del Brasil. Copia de una del P.e Nóbrega para el P.e Maestro Simão* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 419) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *I (1538-1553)*. Roma, Monumentae Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. I – Missiones Occidentales). Doc. 58: « *Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa. S. Vicente, 12 de fevereiro de 1553* », pp. 419-424.

[...]

3. [*f. 106r*] (*p. 421*) Y aparéjome con algunos para assentar daqui [*da Bahia*] a 100 legoas más conveniente fuere y más fruto speráremos. Toda esta gentilidad se quexa ya de nosotros por tardarnos tanto, y temo que se quexan aún mejor a N. Señor, dizendo nemo nos conduxit[66]. Levamos una tienda de herrero y todos los medios con que mejor los podamos atraher[67]. <...>

[...]

66 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 421, nota 4): « Sal. 20, 7 ».

67 . Com base nas informações recolhidas, podemos supor que a música estaria entre estes « medios » para « los atraher ».

# 29

## ANÔNIMO

**DOCUMENTO:** **CARTA AOS IRMÃOS DE PORTUGAL.** S. Vicente, 10 de março de 1553.

**TEXTO:** Tradução em espanhol de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-I, ff. 90r-91v (antes 315r-316v). Título: « Copia de una de un hermano del Brasil para los hermanos de Portugal, de San Vicente a diez de Março del año de 1553 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 425) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - **Monumenta Brasiliae** *I* (1538-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X - Missiones Occidentales). Doc. 59: « **De um** *irmão do Brasil aos irmãos de Portugal*. S. Vicente 10 de março de 1553 », pp. 425-433.

[...]

4. <...> [*f. 90v*] (*p. 428*) Llegando a esta Capitania del Spirito Sancto [*em fins de 1552*] nos vino a buscar el Padre Alfonso Braz en un barco y nos llevó al Collegio de Santiago. Fué allá también el Governador con toda la gente, y en la yglesia diximos el hymno Veni creator Spiritus. <...>

5. (*p. 429*) <...> Después fueron los Padres por el Rio arriba [*até a Ilha do Governador, "el Río de Henero", em fins de 1552*] a unas aldeas de unos indios que son amigos de los blancos, adonde les prediqué en su lengua y juntava los niños y les enseñava la doctrina. También les hazia decorar cantares de N. Señor en su lengua y les hazía cantar. <...>

[...]

9. [*f. 91r*] (*p. 431*) Ordena aora el P.ᵉ Nóbrega la Confradía del Niño Jesús, y día de la Purificación de N. Señora [*2 de fevereiro de 1553*] hizimos una processión todos los niños, y fuimos a la yglesia de la Villa todos con cirios encendidos [*na "Capitania de S. Vicente"*]. A la buelta cantamos missa, y predicó el P.ᵉ Nóbrega. <...> Muchas vezes cantan los niños todos missa de canto de órgano[56], lo que es muy acepto a los Indios y huelgan de los oír todos. <...>

[...]

56 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 431, nota 17): « Havia bom grupo de cantores. O P. Leonardo Nunes, cantor e regente, o Ir. António Rodrigues, cantor, regente e tocador de flauta, e os Meninos que já cantavam na Baía, sobretudo os Órfãos de Lisboa, onde se ensinava o canto e eram nisso favorecidos pela Corte de D. João III, diante do qual alguma vez honradamente se exibiram (**Epp. Mixtas** II 505). E embarcavam cantando. Leite, *O primeiro embarque de órfãos para o Brasil*, in **Páginas** [*de história do Brasil*], 1937, 77-78 ».

# 30

# ANTÔNIO RODRIGUES

## (c. 1516 – 1568)

**DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA.** São Vicente, 31 de maio de 1553.

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-I, ff. 91v-93v [antes 316v-318v]. Título: « *Copia de una del Hermano Antonio Rodrigues para los Hermanos de Coimbra de S. Vicente del último de Mayo de 1553* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. I, 1956, p. 476) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** ANTÔNIO RODRIGUES esteve no Brasil entre 1553 e 1568. Foi ordenado em 1560 na Companhia de Jesus, tornando-se o *primeiro* Mestre Escola de São Paulo. Atuou também como conversor de índios e destacou-se como praticante da música com fins catequéticos.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - **Monumenta Brasiliae** *I* (1538-1553). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X - Missiones Occidentales). Doc. 65: « *Do Ir. António Rodrigues aos padres e irmãos de Coimbra*. São Vicente 31 de maio de 1553 », pp. 468-481.

[...]

11. [*f. 93r*] (*p. 476*) Tornados a nuestra ciudad, hallamos admirable fructo hecho en los gentiles, porque un Padre llamado Nuno Gabriel [*"Juan Gabriel de Lescaño, clerigo"*], dexando una capellanía que tenía en la iglesia, se dió a doctrinar del todo estos gentiles, y tomava los principales dellos y los hijos de los principales; y los tenía en una casa grande e allí los enseñava a leer e escrevir, y sabían el Pater Noster y Ave María, Credo y Salve Regina, mandamientos y finalmente toda la doctrina. Hizoles cantares contra todos sus vicios, scilicet, para no comer carne humana, para no se pintar, para no matar, etc. Fué cosa para abalar a Diós el fructo que con estos gentiles hizo este Padre y la mudança que hizieron, porque siendo de antes grandes comedores de hombres, agora ya bj [*6*] legoas al derredor no los comen. Es tanto el fervor que tienen, que aún no es mañana quando son los caminos llenos de los que vienen a missa: mejor saben las fiestas que muchos christianos. Viene a missa un principal con todo su pueblo y después otro con el suyo, y conseguintemente los otros, y muy de mañana por tomar lugar en la yglesia. (*p. 478*) Hazía este Padre con ellos processiones y llevava consigo los que doctrinava cantando loores de nuestro Señor, y specialmente en las processiones de Corpus Christi cantanso muchos loores del Santíssimo Sacramento. Predicávales cada día, y venían de 5 légoas las mujeres con sus hijos a cuestas por fríos grandíssimos, hambres y muchos trabajos a baptizarse, y aun aora les parece que hazer mal a un christiano es el mayor mal que se puede hazer.

[...]

# 31

# MANUEL DA NÓBREGA

## (1517 - 1570)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. LUÍS GONÇALVES DA CÂMARA, LISBOA. São Vicente, 15 de junho de 1553.

**TEXTO:** 1) Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-I, ff. 96r-98r [antes 334r-336r]. Título: « *Copia de una del p.e Manuel de Nóbrega del Brasil para el P.e Luis Gonçalves, de XV de Junio de 1553* ». Cota: « † Copia de una del *P.e Nóbrega para el P.e Luis Gonçalves* [outra letra] *1553* ».

2) São 4 parágrafos da carta do dia 15 traduzido em espanhol do mesmo original, mas em diversa forma. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-I, ff. 93r-94r [antes ff. 318v-319r]. Título: « *De una del P.e Nóbrega para el P.e Luis Gonçalves, de S. Vicente a XII de Junio de 1553* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, v. I, 1956, p. 504) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - ***Monumenta Brasiliae*** I (1538-1553). Roma, Monumentae Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 4 - Missiones Occidentales). 1. Doc. 69: « *Do P. Manuel de Nóbrega ao P. Luís Gonçalves da Câmara, Lisboa. S. Vicente 15 de junho de 1553* », pp. 489-503. 2. Doc. 69 bis: « *Carta do P. Manuel de Nóbrega ao P. Luís Gonçalves da Câmara, Lisboa. São Vicente [15] de junho de 1553* », pp. 504-506.

**OBSERVAÇÃO:** A informação referente ao Colégio de S. Vicente (§ 10) aparece nos textos 1 e 2, sendo abaixo transcrita nas suas duas formas.

### Documento 1

[...]

3. <...> [*f. 96r*] (*p. 492*) Y considerando la qualidad de aquestos gentiles, que es tener poca constancia en dexar las custumbres en que se an criado, assentamos ir cien legoas de aquí a hazer una casa, y en ella recoger los hijos de los gentiles y hazer ayuntar muchos indios en una grande ciudad, haziéndolos bivir conforme a la razón, lo qual no fuera mucho diffícil por lo que de la tierra ya avemos sabido y veemos por experientia, y el Hermano Correa obligava a esso la vida por lo que de los Indios conosce. No se pudo esto esconder a Sathanás, porque avéndose el Governador [*Tomé de Sousa*] dicho que le parecía bién entrarmos, des que supo que llevávamos capilla[69] y cantores y que avíamos de hazer casa, lo estorvó por todas las vías, diziendo que se acogerían allá los malhechores y otros hombres deudores huyrían para allá, y que quando los Indios hiziessen alguna cosa mal hecha que no podrían vingarse dellos por el peligro en que nos poníamos. <...>

[...]

10. [*f. 97r*] (*p. 497*) En esta casa [*o Colégio de S. Vicente*] tienen los niños sus exercícios bien ordenados, aprenden a leer y escrevir y van muy avante, otros a cantar y tañer frautas[70], y otros mamalucos mas diestros aprenden grammática; <...>

[...]

## Documento 2

[...]
3[10]. [*f.* 93*v*] (*p.* 505) En casa tienen los niños sus exercicios ordenados. Aprenden a leer y escrevir; van muy adelante, y alguns a cantar, y otros de mejor ingenio aprenden ya la grammática. <...>
[...]

69 . **Capela** é o equivalente português para este termo. RAPHAEL BLUTEAU («**Vocabulário português e latino**, v. II, 1712, p. 123) diz apenas « Musicos da Capella. **Regiorum musicorum chorus**, i. Masc. ou **Regij musici**, à imitação de Tito Livio, que chama **Pueri Regij**, aos que hoje chamamos Pagens del-Rey ». Nesse sentido, ilustra FERNÃO MENDES PINTO (**Peregrinação**, v. II, 1945, cap. LXVIII, p. 166) o significado do termo através de uma cena ocorrida em Lisboa (1541 ou 1542): « Chegando à porta da igreja o sayraõ a receber oito padres revestidos em capas de brocado & tellas ricas, com procissaõ cantando, Te Deum laudamus, à que outra soma de cantores com muyto boas fallas respondia em canto dorgão tão concertado quanto se pudera ver na capella de qualquer grande Principe ». **Capela**, portanto, nada mais era que conjunto de cantores (com ou sem instrumentos) a serviço de uma igreja ou outra instituição religiosa, sendo encontrada, **também**, a serviço de nobres e homens de posse. Cf. TOMÁS BORBA & FERNANDO LOPES GRAÇA (**Dicionário de música**, v. I, 1962, p. 274) e MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 111).

70 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 497, nota 21): « Assinala-se aqui já a presença do Ir. António Rodrigues; mas o caso vem de mais atrás. Na carta de 12 de fevereiro § 3 diz que na entrada ao sertão levaria ferreiro e 'todos os meios com que melhor os possamos atrair'. Um destes principais meios dizia Nóbrega que era a música e o canto; e o dizia na Baía quando já pensava na empresa do sertão de São Vicente ("ir longe pela terra dentro"). Expõe o seu pensamento a Carta dos Meninos, de 5 de agosto de 1552 [Francisco Pires] § 15, supra, p. 384 ».

# 32

## BRÁS LOURENÇO

## (1525 – 1605)

**DOCUMENTO:** **CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA.** Bahia, 30 de julho de 1553.

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu. Bras., 3-1, ff. 89v-90r (antes ff. 314v-315r). Título: « *Copia de una del P. Bras Lourenço para los Hermanos de Coimbra de trinta de Julio de 1553* [letra de Polanco:] De la Baía del Salvador ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, v. I, 1956, p. 514) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – *Monumenta Brasiliae I* (1538-1553). Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X – Missiones Occidentales). Doc. 73: « *De P. Brás Lourenço aos padres e irmãos de Coimbra. Baía 30 de julho de 1553* », pp. 513-516.

[...]

6. [*f. 90r*] (*p. 517*) El Padre Vicente Rodrigues con otro Padre fueron a un logar de los gentiles adonde hazían grandes fiestas porque querían matar un inimigo suyo y comerlo, al qual trabayaran de hablar para que se hiziesse christiano, como avía días que hazían. Y hallando en él apareyo para recebir el baptismo, llegaron adonde estavan dos mil o más de los gentiles con grandes fiestas, cantares de diversas maneras, y el contrario que havía de matar, a quien ellos avían hablado, estava en um campo cobierto de ramos con mucha solemnidad, adonde no dexavan ir ningún christiano. A lo menos todavía llegaron y supieron estar aún firme en la voluntad de ser christiano. Los gentiles que cerca estavan, ententendiendo la cosa, no querian permittir ellos lo tocassen, porque les parece que tocando los christianos les dañan el comer suyo verdadero, que ellos piensan ser el de los contrarios. Estando así no sabiendo qué hazer por no tener agua para lo baptizar, ny en aquel tiempo la tienen los Indios porque todo es vino, detriminaron de comer algo por tener ocasión de pedir agua, y ansi lo hizieron. Y pendiendola no la quisieron dar, porque los que entendían la cosa tenían dado aviso que no la diessen. Quiso nuestro Señor que passó por allí una moger gentil con una calabaça de agoa, e llamáronla que les (*p. 518*) diesse de beber, y uno dellos, haziendo que bivía, moyó un paño y con aquella agua le baptizó. Sentiéndolo todavía los gentiles, con gran furia empeçaran a dar grandes bozes y las viejas los irritavan: "¿No véys que os dañan la carne?" Y viniendo con aquella furia contra los Padres, y ellos con gran siguridad les mostraron charydad y amor. <...>

[...]

# 33

# PEDRO FERNANDES SARDINHA

## (c. 1495 – 1556)

**DOCUMENTO: CARTA AO REITOR DO COLÉGIO DE S. ANTÃO, LISBOA.** Salvador [Bahia], 6 de outubro de 1553.

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-1, ff. 103v-103r [antes ff. 332r-332v; mais antigo, pp. 177-178]. Como se vê pelos fólios da paginação moderna, esta folha foi encadernada às avessas. Título: « *Capítolo de una del mismo obispo para el Reitor de San Antón* ». [Antes desta, está a cópia da carta do Bispo, de julho de 1552 (Mon. Bras. I, pp. 357-366)]. No fim o copista escreveu: « Para vuestra *Paternidad* estar más al cabo de lo que allá passa me mandó el P. Mirón que trasladasse algunas cosas que de allá escriven los Hermanos y hun clérigo de fuera virtuoso acerca del obispo *porque ya puede ser que hable o mande algo con passion* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na **Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, pp. 11-12.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae II*** (1553-1558). Roma, Monumentae Historica S.I., 1957, [Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales]. Doc. 2: « *De D. Pedro Fernandes ao Reitor do Colégio de S. Antão, Lisboa. Salvador (Baia) 6 de outubro de 1553* », pp. 11-12.

1. [*f. 103v*] (*p. 11*) En la carta que escrevía al P.ᵉ Maestro Symón [*em julho de 1552*] dizía y digo aora a VR que estrañé mucho, y estrañan todos a los Padres confessaren las mistiças mugeres casadas com portugueses per intérprere, niño de doze o 13 años nascido y creado en la tierra; y también andaren tañendo y cantando los días de fiesta los instrumentos y sonos que los gentiles tañen y cantan quando andan embriagados y hazen sus matares. Y aora me dixeron que enterraron algunos que hizieron christianos al [*f. 103r*] modo gentílico.

2. Esto[s] tañeres y modo de enterrar se V. R. quiere ver lea un tratadillo[71] que allá embío a Su Alteza y por él verá quan poco aperejados son estos bárbaros para se convertiren, y quanto más devemos ocuparnos que no se pervertan los blancos que en que se convertan los negros. <...>

[...]

71 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 12, nota 2): « Não vimos sinal de se ter conservado este "tratadinho". Mas a opinião do Bispo era pública e deve ter influído também no ânimo de Nóbrega para escrever o *Diálogo* sobre a *Conversão do Gentio*, persuadido de que se era bom ocupar-se dos Brancos, não era menos necessário ocupar-se dos Índios, pregando-lhes o Evangelho e procurando com zelo apostólico a sua conversão ». A perda do documento é, historicamente, significativa para a musicologia. Todavia, há elementos suficientes para se crer que seu conteúdo acrescentaria muito pouco, ou mesmo nada, ao conjunto das informações agora conhecidas sobre a música indígena daquela época.

# 34

## BRAS LOURENÇO
## (1525 – 1605)

**DOCUMENTO:** **CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA.** Espírito Santo, 26 de março de 1554.

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido, com lusitanismos e palavras antiquadas. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-1, ff. 108r-110r [antes 368r-370r]. Cota [f. 110v]: « *Copia de una del Brasil del P. Blás Lorenço para los Padres y Hermanos del Colegio de Jesus de Coimbra. 23 Brasil* [outra letra:] *26 Martii* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na **Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, pp. 38-45.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *II* [1553-1558]. Roma, Monumentae Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. II – Missiones Occidentales). Doc. 13: « *Do P. Brás Lourenço aos padres e irmãos de Coimbra. Espírito Santo 26 de março de 1554* », pp. 38-49.

[...]

7. [*f. 108v*] (*p. 43*) Y por la manhaba [*de 21 de novembro de 1553*] nos venimos para la tierra con una vela que ordenaran, y venimos por gracia de N. Señor a un Río que llaman de las Caravelas [*em frente aos Abrolhos*]. <...> [*f. 109r*] Y ansí también se pusieron los niños a cantar algunas cantigas que aquí[72] hizieron en lengua de los negros y otras en la muestra. <...>

[...]

72 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 43, nota 19): « "Aqui", no Brasil, e já se faziam há muito, cantando e tangendo à maneira dos índios "mudadas as palavras em louvores de Deus", como consta dos meninos da Baía nas suas peregrinações às Aldeias. **Mon. Bras.** *I*, 386; cf. Leite, **Breve Itinerario** *[para uma biografia do P. Manuel da Nóbrega*, 1955], 86 ».

# 35

## ANTÔNIO BLASQUES

## (1528 – 1606)

**DOCUMENTO:** **CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA**. Porto Seguro, 8 de maio de 1554.

**TEXTO:** Apógrafo ou tradução espanhola de original português perdido. Colégio de Chamartin [antigo Códice do Colégio de Alcalá], Madrid, Varia Historia III, ff. 618r-619v. Título: « *Copia de carta del P. Antonio Blasques* ... *Puerto Seguro, 8 Mayo 1554. Avisa lo que se ofrecia* ». BLASQUES sabia bem português e escrevia a portugueses. A « copia » foi enviada a Roma pelo P. Nóbrega (carta de 17 de setembro de 1554, **Mon. Bras.** *II*, doc. 24, § 1).

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na **Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, pp. 38-45.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Padre da Companhia de Jesus, epistológrafo, mestre de meninos e catequista, ANTÔNIO BLASQUES esteve no Brasil de 1553 a 1606.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *II* (1553-1558). Roma, Monumentae Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. II – Missiones Occidentales). Doc. 15: « Do Ir. Antônio Blásquez aos padres e irmãos de Coimbra. Porto Seguro 8 de maio de 1554 », pp. 53-60.

[...]

6. [*f. 618r*] (*p. 57*) Quedamos entonces y el Padre Navarro, el qual hizo su viaje [*f. 618v*] de aý a un mes. Llegado el día que se avía de partir [*de P. Seguro, na 3ª semana de dezembro de 1555*], fué tanto el sentimiento que en la missa tuvo, que a ttodos los circunstantes causava mucha devoción, y en voz, que claramente se oýa, hizo los votos, de que todos quedaron muy satisfechos. Acabada la misa, tomó su bordón donde llevava un crucifixo, y todos cantando las ledanías se fueron a enbarcar. <...>

[...]

# 36

# PERO CORREIA

## (? - 1554)

**DOCUMENTO:** CARTA [AO P. BRÁS LOURENÇO, ESPÍRITO SANTO]. São Vicente, 18 de julho de 1554.

**TEXTO:** Tradução espanhola de original português perdido. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-1, ff. 112r-114r [antes 371r-372ar]. Título: [f. 118bisv]: « † *Carta dum nosso Irmão que foi martir no Brasil, a qual escreveo antes que fosse affrechado, que é boa, e tenho pera mi que não foi mandada fora de Lisboa pera verem nos colegios nem tampouco a Roma* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, pp. 63-64) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae II*** (1553-1558). Roma, Monumentae Historica S.I., 1957. [Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales]. Doc. 17: « *Do Ir. Pero Correia [ao P. Brás Lourenço, Espírito Santo]. São Vicente 18 de julho de 1554* », pp. 63-72.

[...]

3. [*f. 112r*] (*p. 66*) Después deste Hermano [*"que sabe alguna cosa de la lengua por su precursor"*] ser entrado por el sertán dentro algunas cinquenta o sessenta leguas [*até Maniçoba ou proximidades*], fué el Padre Nóbrega con un Hermano grande [*Antônio Rodrigues*] consigo y con quatro o cinquo Hermanos pequeños. Y en su peregrinación (*p. 67*) tenían este estilo: que quando entravan en algun lugar huno de los niños llevava una cruz pequeña alevantada, y ivan cantando las letanías por una cierta manera muy biena; y luego los niños de los lugares se ayuntavan con ellos, y toda la gente se maravillava mucho de cosa tan nueva. Recebíanlos por donde yvan muy bien; y quando se partían de los lugares también salían cantando las letanías, y algunos [*f. 112v*] de los niños dexavan a sus padres y madres y ívanse con ellos.

[...]

8. [*f. 113r*] (*p. 70*) En el mismo lugar [*Piratininga*] ay escuela de niños y un Hermano [*Antônio Rodrigues*] tiene cuydado de enseñarlos a ler y a escorevir, y a algunos dellos a cantar. <...>

[...]

11. [*f. 113v*] (*p. 70*) Con estos que hiziemos christianos [*em Piratininga*] saltó la muerte de manera que nos mató tres Principales y muchos otros yndios y yndias, y algunos dellos (fueron dos) que no querían creer; y otros también, que eran muy buenos, casi cada día nos morían (ya andavan entre los ruýnes murmuraciones). Hizimos nueve procisiones a los nueve coros de los (*p. 71*) Angeles contra todo el ynfierno, y luego la muerte cesó. Esta procisión hazíamos a una cruz que tenemos metida en una cierta parte. Allí yvan los niños solamente de dos Yndios diciplinándose, y los yndios y yndias con candelas encendidas diziendo ora pro nobis; y preguntavan las diferencias de las letanías que querían dezir.

[...]

37

# JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 – 1597)

**DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA.** [Piratininga, 15 de agosto de 1554].

**TEXTO:** Tradução espanhola publicada de original português perdido, porque assim se diz em *Copia de unas cartas* (1555) e porque ANCHIETA escrevia aos irmãos de Coimbra nessa língua, como consta da sua carta de 20 de março de 1555 [*Mon. Bras. II*, doc. 30], autógrafa. **COPIA DE VNAS | Cartas de algunos padres y herma|nos dela compañia de Iesus que es|crivieron dela India, Iapon, y Bra|sil alos padres y hermanos de la mis|ma compañia, en Portugal trasla|dadas de portugues en castella|no. Fuero recebidas el año | de mil y quinientos y | cincuenta y | cinco. | Acabaronse a treze dias del mes | de Deziembre, Por Ioan | Aluarez. | Año. M. D. V.** [exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, 435 P]. Carta nº 8, fl. 31r-31v.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE reimprimiu esta carta pela primeira vez na **Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, p. 80.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOSÉ DE ANCHIETA viveu no Brasil de 1553 a 1597. Era gramático e ordenou-se na Companhia de Jesus em 1566. Foi superior na Capitania de São Vicente (1577) e quinto Provincial (1577-1587). Notabilizou-se por sua atuação na "conversão do gentio" e na composição de textos em quatro línguas diferentes, muitos deles para serem cantados pelos meninos indígenas.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae** II* (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales). Doc. 21: « Do Ir. José de Anchieta aos padres e irmãos de Coimbra. [Piratininga 15 de agosto de 1554] », pp. 80-82.

[...]

2. [*f. 31v*] (*p. 81*) Estamos como les he scripto en esta Aldea de Piratininga donde tenemos una gran escuela de niños, hijos de indios enseñados ya a leer y escrivir, y aborrecen mucho las costumbres de sus padres, y algunos saben ayudar a cantar la missa[73]. Estos son nuestra alegría y consolación, porque sus padres no son muy domables, puesto que sean muy differentes de los de las otras Aldeas, porque ya no matan ni comen contrarios, ni bevan como de antes.

3. Dia de Sant Lorente [*10 de agosto de 1554*] se dieron algunas ropas a algunos dellos del paño que el Rey nos da de limosna, cosa con que huelgan mucho. Y assí las más de las noches se juntan a cantar cosas de Dios en su lengua; algunos de otras Aldeas se vienen aquí a possar en esta con sus casas.

[...]

73. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 81, nota 2): « Anchieta, na Quadrimestre de Maio a Setembro § 6, dá o nome explícito do Mestre, Ir. António Rodrigues, e já a esta Escola dos Meninos Índios – de ler, escrever e cantar – se referia Pero Correia em 10 de Julho de 1554 § 9 (supra, p. 70). Cf. Leite, **Nóbrega e a fundação de São Paulo** (1953) ».

# 38

## JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 - 1597)

**DOCUMENTO:** **CARTA AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA.** São Paulo de Piratininga, [1º de setembro de] 1554.

**TEXTO:** Apógrafo ou tradução em latim de original perdido, provavelmente em português. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-I, ff. 115r-117v (duas letras); f. 118r branca; no fim, outra letra (f. 118v): « Piratininga »; ainda outra letra: « 1554 ». Texto copiado por duas mãos: primeira letra (ff. 115r-116v), segunda letra (ff. 116v-117v). Com sublinhados e sinais marginais do P. Polanco. Conferido com a) Apógrafo ou tradução em latim. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 3-I, ff. 119r-123v; f. 124r branca; no fim, outra letra (f. 124v): « Piratininga. 1554 »; b) Apógrafo ou tradução em latim. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (S. Roque, Lisboa), 1-5, 2, 38, ff. 199r-205r. Título: « *Litterae quadrimestres a Maio usque ad mensem Septembris. Ex India Brasilica anno 1554* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, p. 83) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – *Monumenta Brasiliae II* (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. 11 – Missiones Occidentales). Doc. 22: « *Do Ir. José de Anchieta ao P. Inácio de Loyola, Roma. São Paulo de Piratininga [1 de setembro de] 1554* », pp. 82-118.

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** SERAFIM LEITE – **Mon. Bras.**, idem.

### TEXTO LATINO

[...]

**8.** [*f. 115v*] (*p. 88*) Hi inter quos conversamur, filios suos erudiendos nobis libenter concedunt, qui postea, parentibus succedentes, Christo populum gratum efficiant, ex quibus 15 baptizati pluresque alii catheoumini in Schola, ab Antonio Rodriguez preceptore optime instituti, versantur. Qui horis antemeridianis, post lectionem, recitatis simul in eclesia letaniis, pomeridianis vero cantico Salve Regina decantato, dimituntur. Singulis autem sextis feriis, magna cum devotione, se usque ad sanguinem flagellantes, processiones faciunt.

[...]

**13.** [*f. 116r*] (*p. 92*) <...> Itaque duo solum, qui id facere neglexerunt, vulnerati, unus desideratus est; a reliquis hostes

### TRADUÇÃO

[...] (*p. 106*)

Estes [*índios*] entre os quais vivemos, entregam-nos de boa vontade os filhos para serem ensinados, os quais depois, sucedendo a seus pais, poderão constituir um povo agradável a Cristo. Na Escola, muito bem ensinados pelo Mestre Antônio Rodrigues, encontram-se 15 já baptizados e outros, em maior número, ainda catecúmenos. Os quais, depois de rezarem de manhã as ladainhas em coro na Igreja, a seguir à lição, e de cantarem à tarde a Salve Rainha, são mandados para suas casas; e todas as sextas-feiras fazem procissões com grande devoção, disciplinando-se até ao sangue.

[...]

<...> (*p. 109*) Os inimigos foram dispersos e postos em fuga pelos nossos catecúmenos, foram mortos e sepultados à maneira dos

fusi fugetique sunt, a nostris autem cathecuminis nonnulli capti, quos antea maxima cum letitia et summa cantuum solennitate comedere solebant, occisi sunt et more christianorum sunt seppulti. <...>
[...]

cristãos. Antes costumavam-nos comer com a maior alegria e grandes vozearias e cantos. <...>
[...]

# 39

## JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 – 1597)

**DOCUMENTO:** CARTA [AO P. INÁCIO DE LOYOLA ?], Piratininga, [setembro de] 1554.

**TEXTO:** Cópia em espanhol. Madrid, Colégio de Chamartin [antigo Códice do Colégio de Alcalá], *Varia historia III*, ff. 620r-620v. Título: « *Copia de carta del P. Joseph de S. Paulo en Agosto de 1554, aviso de aquel tiempo* ». Outra letra: « † Anchieta ». Texto em letra diferente dos precedentes.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na **Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, pp. 118-123.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - **Monumenta Brasiliae II** (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI - Missiones Occidentales). Doc. 23: « *Do Ir. José de Anchieta [ao P. Inácio de Loyola ?], Piratininga [setembro de] 1554* », pp. 118-123.

[...]

1. [*f. 620r*] (*p. 120*) Estamos en esta nueva población de cathecúminos llamada Piratininga, donde el Señor por su missericordia y bondad infinita quiere reduzir algunas destas ovejas perdidas al rabaño de su Yglesia, y esto no con pequeño trabajo que con ellos tenemos, predicándoles continuamente y trayéndolos por quentas vías podemos, porque es esta gente tan indómita y bestial, que toda su felicidad tiene puesta en matar y comer carne humana, de lo qual por la bondad de Dios tenemos apartados estos; y con todo tienen tan arraygada la costumbre de beber y cantar sus cantares gentílicos, que no ay remedio para los apartar del todo dellos. Así que muchas vezes nos dan mucha tribulación, y principalmente despu[é]s que tornaran de la guerra, por lo qual muchos dellos se an ydo de aquí por se ver libres de nosotros, que nunca dexamos de les importunar que dexen del todo sus malas costumbres.

2. Un indio que mucho tiempo ha es baptizado por unos christianos portuguezes que ya aquí [*em Piratininga*] moraron, se apartó destos por vivir más a su voluntad, y éste vino un día con dos mujeres cantando por la Aldea según su costumbre gentílica, y incitando los otros a hazer lo mesmo. Un Hermano, que tiene cargo de los enseñar, se levantó con unas disciplinas y los hechó fuera, aunque el indio se mostró muy áspero contra él. Este nos tiene hecho aquí mucho mal, moviendo los otros que bevan y (*p. 121*) canten como antes, y así algunos y los demás dellos nos dan bien en qué entender con su dureza.

3. Por lo qual nuestro principal fundamento es en la doctrina de los niños, los quales les enseño a leher, escrivir y cantar; éstos trabajamos de tener debaxo nuestra mano para que después vengan a succeder en lugar de sus padres y hagan pueblo de Dios.

**4**. Día de S. Lorenço [*10 de agosto de 1554*] se dieron algunas ropas a algunos dellos de paño, que el sereníssimo Rey de Portugal (*p. 112*) nos da de lymosna, y con esto se cativan tanto, como se les diessen una muy grande cosa. Y así éstos las más de las noches se juntan a cantar cantares de Dios en su lingua, al contrario de sus padres, para que ex ore infantium, et lactentium perficiatur laus Dei propter inimicos eius[74].

[...]

74 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 122, nota 6): « Ps. 8, 3; Mat. 21, 16 ».

# 40

# LUIS DA GRÃ
## (1523 – 1609)

**DOCUMENTO:** **CARTA AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA.** Bahia, 27 de dezembro de 1554.

**TEXTO:** Autógrafo em espanhol. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Epp. NN.**, 95, ff. 87r-88r [antes: 397r-399v, repetida a f. 399]. Sem endereço.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, p. 128) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** No Brasil de 1553 a 1609, LUÍS DA GRÃ foi padre da Companhia de Jesus, Reitor do Colégio de Coimbra, Superior da Bahia (1556-1560) e segundo Provincial do Brasil (1560-1570). Atuou na conversão e no aldeamento dos índios.

**PUBLICAÇÕES UTILIZADAS:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *II* (1553-1558). Roma, Monumentae Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales). Doc. 25: « *Do P. Luís da Grã ao P. Inácio de Loyola, Roma. Baía 27 de dezembro de 1554* », pp. 128-139.

[...]

7. <...> [*f. 141r*] (*p. 133*) Mas el demonio tiene de su mano aquellos ciegos [*"los infieles"*], que tanto que les hablamos de sus ánimas o cosas que les interrompa las lenguas mentiras, que suelen contar de sus [*f. 141v*] valentías, luego se van y las mugeres toman sus hijos, aunque no tan niños, i los van a esconder en los matos; y muchos me procuravão de estorvar con cantiguas que ellas cantan mui alto pera que sus hijos no oigan. Y esto hazen con dizer que haziéndose caraibas, que assí llaman a los (*p. 134*) christianos, an de morir luego: porque los días passados permitió Dios que los niños baptizados se morieron pocos a pocos, por ventura que aquellos eran los que desta tierra estavan determinados para el cielo, y antes que la malicia los mudasse los llevó el Señor pera sí.

[...]

# 41

## JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 – 1597)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA. São Vicente, [fins de março de] 1555.

**TEXTO:** Cópia ou tradução em latim. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, *Bras.*, 3-1, ff. 129r–133r [antes ff. 389r–391v]; f. 126r em branco; 128v: « Piratininga ». Com os sinais do P. POLANCO na seção A (1554). Conferido com Cópia de tradução em latim de Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, *Bras.*, 3-1, ff. 129r–133r [antes ff. 384r–388r]; ff. 133v–134r em branco; f. 134v: « 1555 Piratininga et S. Vincentii ». Com os sinais do P. POLANCO na seção B (1555), porque a carta compreende duas seções: A – Quadrimestre de setembro ao fim de dezembro de 1554; e B – Trimestral de janeiro ao fim de março de 1555.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, v. II, 1957, p. 174) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – *Monumenta Brasiliae II* (1553-1558). Roma, Monumentae Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80) – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales]. Doc. 32: « *Do Ir. José de Anchieta ao P. Inácio de Loyola, Roma. São Vicente [fim de março] de 1555* », pp. 173-209.

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** SERAFIM LEITE – *Mon. Bras. II*, idem.

### TEXTO LATINO

[...]

**3.** [*f. 125r*] (*p. 176*) Nostri hii cathecumeni, cum quibus negocium nostrum est, nonnihil a pristinis moribus recedere videntur, cum iam raro clamores ineffrenati, quos in potationicus excitare solent audiantur, quod potissimum ipsorum malum est, et ex quo omnia alia ipsis promanant. Dum enim maxime ebrii sunt, praeteritorum malorum memoria excitatur, in quibus cum gloriari coeperunt, continuo hostium interficiendorum desiderium et carnis humanae fames exardescit. Nunc vero cum potationum ineffrenata libido aliquantum cesset, alia etiam nefanda flagitia cessent, necesse est. Ita enim aliqui ex illis subditi nobis sunt, ut non sine nostra facultate potare audeant, idque magna cum moderatione si cum pristino furore comparetur, ex quo fit ut ecclesiam frequentius adeant, reprehensionesque et obiurgationes

### TRADUÇÃO

[...]

(*p. 194*) Estes nossos catecúmenos, de que nos ocupamos, parecem apartar-se um pouco dos seus antigos costumes, e já raras vezes se ouvem os gritos desentoados que costumam fazer nas bebedeiras. Este é o seu maior mal, donde lhes vêm todos os outros. De facto, quando estão mais bêbados, renova-se a memória dos males passados, e começando a vangloriar-se deles logo ardem no desejo de matar inimigos e na fome da carne humana. Mas agora, como diminui um pouco a paixão desenfreada das bebidas, diminuem também necessàriamente as outras nefandas ignonímias; e alguns são-nos tão obedientes que não se atrevem a beber sem nossa licença, e só com grande moderação se a compararmos com a antiga loucura. Donde se segue que frequentam mais a Igreja, sofrem com mais paciência repreensões e censuras, e alguns deles, casados em legítimo

patientius sufferant, nonnulli etiam ex illis a nobis sollicite et instanter petunt ut ipsis legitime ductis uxoribus, rectum vivendi modum committamus.

[...]

5. Sed minuit hanc nostram consolationem parentum ipsorum obstinata duritia, qui exceptis nonnullis, ad antiquorum morum vomitium videntur redire velle, et maxime (*p. 177*) nunc quibusdam miserrimis cantuum solemnitatibus et potationibus, quae cuidam iam iam interficiendo in quodam oppido huic propinquo parantur volentes interesse, quod non longe a carnis humanae epulis abest. Ita malorum exemplo comotti et depravati sunt.

[...]

*27*. <...> [*f. 126r*] (*p. 189*) In magna pace ac tranquilitate inter Indos nonnihil de ipsorum conversione sperantes agebamus, adeo ut cum ipsis a festivitatibus quibus (ut superioribus litteris dixi) interfuerunt redeuntibus Ecclesiae aditum negaremus, nisi prius se flagellantes a Domino veniam postularent. Omnes fere uno consensu ut nobiscum in gratiam redirent processione facta filliis ipsorum litanias decantantibus Ecclesiam calendis Ianuarii misericordiam patenter introierunt, puerorumque qui in schola versantur concursus et frequentia in dies augebatur.

[...]

matrimônio, pedem-nos com grande empenho que lhes ensinemos o modo de viver bem.

[...]

Diminui contudo esta nossa consolação a dureza obstinada dos pais, que, exceto alguns parece quererem voltar ao vômito dos antigos costumes, indo às festas dos seus misérrimos cantares e vinhos, na morte próxima de um [contrário] que se preparava numa aldeia vizinha. Como não estão longe destes comeres de carne humana, impressionam-se e depravam-se com o exemplo dos maus.

[...]

<...> (*p. 206*) Vivíamos em grande paz e tranquilidade entre os Índios, com alguma esperança da sua converção e até chegávamos a proibir-lhes a entrada na igreja se não pedissem primeiro perdão a Deus e tomassem disciplina quando voltavam de assistir às festas, como disse na carta precedente. E quase todos à uma entraram na igreja, no dia primeiro de Janeiro [de 1555], pedindo misericordia, enquanto os filhos deles cantavam as ladainhas; e aumentava dia a dia o grande concurso de meninos que frequentam a Escola.

[...]

# 42

## DUARTE DA COSTA

## (séc. XVI)

**DOCUMENTO: CARTA A D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL.** Salvador, 6 de abril de 1556.

**TEXTO:** Autógrafo. Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Corpo Cronológico, 1-95-41, ff. 1r-6v. Endereço (f. 6v): « A ElRey nosso Senhor ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae* II, pp. 212-213) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** D. DUARTE DA COSTA foi nomeado Governador Geral do Brasil em março de 1553, tomando posse na Bahia, em 13 de julho de 1553, governador até 28 de dezembro de 1557. Retornou, após o término de seu mandato, a Portugal, onde morreu.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - **Monumenta Brasiliae** I (1538-1568). Roma, Monumentae Historica S.I., 1956. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. X - Missiones Occidentales). Doc. 34 (Carta a D. João III, Rei de Portugal. Salvador, 3 de abril de 1555), pp. 212-222.

[...]

3. (*p. 217*) O Bispo [*D. Pedro Fernandes Sardinha*] quando veo do Reyno [*chegou à Bahia em 22 de julho de 1552*] trouxe por Adayam Gomez Ribeiro, capelão de V. A., e por preguador, com vinte mil reis d'ordenado, e o encarregou tambem de Vigairo Gerall e o mandou vissytar a costa em seu nome com seus regimentos, e des que tornou da visytação esteve muito tempo nesta Cidade na graça do Bispo, e indo-se pera Pernãobuco deixava nesta Cidade por seu Vigairo Gerall. E estando isto asy, Francisco de Vacas [75], chantre que hé no Reyno, fez huma petição ao Cabido em (*p. 217*) como o Bispo nom podia entrar na igreja nem celebrar os officios devinos por estar escomunguado e irregular por fferyr dous homens por sua mañao em sua cassa, dos quaes hum esteve à morte que lhe parecyam os meolos, sendo ambos d'ordes menores. <...>

4. <...> (*p. 219*) Nem favorecy em nenhuma cousa ao dito (*p. 220*) Gomez Ribeiro nem a Francisco de Vacas comtra o Bispo, como diz na dita carta de escomunhão, mas amtes me fizerom elles pitições de cousas muito feas e torpes que o Bispo fizera que ue nom quis amitir e a[s] rompi peramte pessoas fidalgos e dinos de fee que o dirão se comprir;

5. <...> (*p. 221*) E ao que tambem diz na dita carta, que meu ffilho embarcou o dito Francisco de Vacas, eu de tall nunca soube parte, e porem se o ffez nom foy pecar no Esprito Santo, porque nom hera deffeso por escomunhão nem por outra via, nem o dito Francisco de Vacas estava preso em cadea púbrica, nem por mais grave casso que por dar huma pescoçada a hum moço de treze ou catorze anos leiguo que elle ensynava. [76] <...>

[...]

75 . **Francisco de Vacas** é, oficialmente, o primeiro chantre da Sé de Salvador, apresentando a 22 de junho de 1553 (**Documentos Históricos** », v. XXXV, 1937, pp. 169-171) e substituído, por falecimento, a 16 de maio de 1554, quando é apresentado para o cargo **João Lopes** (**idem**, pp. 218-219). Portanto, já era morto quando D. DUARTE DA COSTA escreveu esta carta. RÉGIS DUPRAT (1965, p. 36, nota 16 e 1985, p. 44, nota 9) traz a seguinte informação: « Renato Almeida (1942, parte II, cap. XVI, p. 291) afirma que este Francisco de Vaccas veio com o primeiro Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, a 1 de janeiro de 1552, na qualidade de Mestre-de-Capela do Colégio dos Jesuítas e que, em 1554, era Chantre da Sé de Salvador. Por sua vez, Affonso Ruy, na sua **História do Teatro na Bahia** ("Publicações da Universidade da Bahia", X – 1, 1956, p. 9), citando Pedro Azevedo (**História da Colonização Portuguesa**, vol. III, p. 370), informa-nos de uma carta do Bispo Pedro Fernandes Sardinha ao rei de Portugal, datada de 12 de julho de 1552, em que dizia que Francisco de Vaccas havia ido à Bahia dois dias antes e que procedia da Capitania do Espírito Santo no Brasil, onde se encontrava há muito ». J. CAPISTRANO DE ABREU, em nota à 10ª edição da **História geral do Brasil**, de FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN (1981, v. I, p. 255, nota 6) esclarece: « Carta do Bispo de 12 de julho de 1552, na **Revista do Instituto Histórico**, 49, parte 1ª, 582. Diz dissimular as vacas, bois e granjeria que o vigário (Manuel Lourenço, como vimos) tem e outros tratos. Também anuncia o projeto de nomear deão da Sé Gomes Ribeiro, que fora frade de São Domingos, e lembra para arcediago Francisco de Vacas, secular chegado dois dias antes do Espírito Santo, e grande músico; depois ambos se tornaram seus inimigos e foram a verdadeira causa de todas as desordens narradas adiante ». CAPISTRANO DE ABREU volta a comentar o assunto mais adiante (p. 276, nota 5).

76 . Esta carta apresenta um problema que já fora abordado por MANUEL DA NÓBREGA », na carta de fins de julho de 1552 (§ 7), onde informa que « O vigairo desta cidade, que agora hé chantre, mandou-o prender o Bispo por uma paixão, porém soltou-se logo ». O vigário naquela época era **Manuel Lourenço**. Mas não há nos **Documentos Históricos** » (Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1928-1955, 110 v.) qualquer referência à ocupação do chantrado por esse clérigo. É possível que NÓBREGA estivesse mesmo se referindo a **Francisco de Vacas**, uma vez que a documentação é suficiente para apontá-lo como o primeiro chantre da Sé de Salvador.

# 43

## AMBRÓSIO PIRES

## (c. 1525 – após 1568)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. DIEGO MIRÓN, LISBOA. Bahia, 6 de junho de 1555.

**TEXTO:** Apógrafo em português. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 3-I, ff. 139r-139v [antes: 401r-401v]. Cota: « Copia de una del P. *Ambrosio Pires del brasil para el Provincial de Portogal* ». Outra letra: « 1555 12 Junio. Porto Siguro ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na **Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, pp. 228-233.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** AMBRÓSIO PIRES foi padre da Companhia de Jesus e esteve no Brasil entre 1553 e 1556. Foi também Reitor do Colégio da Bahia e deixou a ordem em 1568.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae II** (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales). Doc. 36: « Do *P. Ambrósio Pires ao P. Diego Mirón, Lisboa. Baía 6 de junho de 1555* », pp. 228-233.

[...]

6. [*f. 139v*] (*p. 231*) Também lembro a V. R. que hé cousa de muita importantia trabalhar por acrescentar as nossas letras appostolicas e previlegios da Companhia, que os que nella ou sem suas casas ouvirem missas nos dias de festas e domingo cumprão, pois o tem outras muitas religiões, porque estes Senhores Bispos, se nos vem a ter desgosto, também perseguem nosos devotos que querem antes ouvir huma missa rezada na Companhia que huma cantada na sua parrochia.

[...]

## 44

# JUAN DE AZPILCUETA NAVARRO

## (1521/1523 – 1557)

**DOCUMENTO:** CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA. Porto Seguro, 24 de junho de 1555.

**TEXTO:** Carta impressa em: COPIA DE VNAS | *Cartas de algunos padres y herma|nos dela compañia de Iesus que es|criuieron dela India, Iapon, y Bra|sil alos padres y hermanos de la mis|ma compañia, en Portugal trasla|dadas de portugues en castella|no. Fueron recebidas el año | de mil y quinientos y | cincuenta y | cinco. | Acabaronse a treze dias del mes | de Deziembre. Por Ioan | Aluarez.* | Año. M. D. LV. [exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, 433P]. Carta nº 9, ff. 31v-33v.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, p. 244) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *II* (1553-1558). Roma, Monumentae Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales). Doc. 39: « *Do P. Juan de Azpilcueta Navarro aos padres e irmãos de Coimbra. Porto Seguro 24 de junho de 1555* », pp. 244-251.

[...]

**3.** [*f. 32r*] (*p. 246*) Estava pues en esta aldea ["*por la tierra adentro trezientos y cincuenta leguas*"] mucha gente de otras aldeas, que era venida a las fiestas de los hechizeros [*em janeiro de 1554 ou depois*]. Luego que nosotros llegamos uvo en ellos algún alboroto, mas un indio principal que yva con nosotros, muy buen hombre, començó a hazerles una plática a su modo con que assossegaron. Y con todo esso no quesimos estar aý más que aquella noche, que fué para mi muy triste y muy larga, porque vi cosas de que quedé espantado. En mitad de una plaça tenían hecha una casa grande, y en ella otra muy pequeña, en la qual tenían una calabaça figurada como cabeça humana, muy ataviada a su modo, y dezían que aquel era su sancto, y llamávanle Amabozaray, que quiere dezir persona que dança y huelga, que tenía virtud de hazer que los viejos se tornassen moços. Los Indios andavan pintados con tintas, aun los rostros, y emplumados de plumas de diversos colores, baylando y haziendo muchos gestos, torciendo las bocas y dando aullidos como perros; cada uno traýa en la mano una calabaça pintada, diziendo que aquellos eran sus sanctos, los quales mandavan a los Indios que no trabajassen, porque los mantenimientos nacerían por sí, y que las flechas yrían al campo a matar la caça. Estas y otras muchas cosas, que eran para llorar muchas lágrimas, vi.

[...]

# 45

# [ANTÔNIO BLASQUES]

## (1528 – 1606)

**DOCUMENTO: QUADRIMESTRE DE JANEIRO ATÉ ABRIL [DE 1556].** [Maio de 1556?].

**TEXTO:** Copia em português. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXVI / 1-33, ff. 200v-203v. Título: « Do mesmo P.e [Nóbrega]. Quadrimestre de Janeiro até Abril de 1557. Ao nosso Padre Ignatio ». Está entre duas cartas do P. MANUEL DA NÓBREGA. Contém o pensamento e retoques ulteriores de NÓBREGA, mas LEITE (cf. infra) atribui sua redação primitiva ao Ir. ANTÔNIO BLASQUES.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, v. II, 1957, p. 266) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae II*** (1553-1558). Roma, Monumentae Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales). Doc. 43: « *Quadrimestre de janeiro até abril de [1556] pelo Ir. António Blásquez (?). Baía [Maio de 1556?]* », pp. 266-274.

[...]

10. [*f. 202v*] (*p. 272*) A hum destes [*índios da "povoação do Tubarão"*], que estão junto da igreja, nasceo hum filho [*antes de 18 de fevereiro de 1556*] e fez muito que lho bautizasem logo como a filho de christão com solenidade, ho que se fez em hum domingo com festa e solenidade. Fizerão-lhe o oficio solene e cantado, os meninos fizerão procissão con todos polla Aldea cantando a ladainha; ali se fes huma boa pregação a todos, que erão mais de trezentas pessoas. Ofereceo este com seu filho huma oferta de peixe asado e farinha. Con este se bautizarão outros inocentes, por serem filhos de indios, que crem estarão quedos sem se mudarem dali por terem obrigação ao lugar.

[...]

# 46

# DAMIÃO DE GÓIS

## (1502 – 1574)

LIVRO: **CRÔNICA DO FELICISSIMO REI DOM MANUEL**. Lisboa, Francisco Correa, 1566.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A primeira edição tem 4 volumes (1566-1567). Foi seguida das respectivas reedições: Lisboa, Antonio Alvarez, 1619; Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1749; Coimbra, Officina da Universidade, 1790 e Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926. A página de rosto da primeira edição é a seguinte: **CHRONI|ca do Felicissimo Rei Dom Ema-|nuel, composta per Damian de | Goes, dividida em quatro partes, | das quaes esta he ha primeira. | Foi vista, & approuada per ho R. P. Emanuel da veiga examinador dos liuros. | Em Lisboa em casa de Francisco Correa, impressor do serenissi|mo Cardeal Infante, ahos xvij dias do mes de Iulho de 1566. | Esta taxada esta primeira parte no regno em papel a duzentos, & cinquoenta reaes, & fora delle segundo ha distancia dos lugares onde se vender, & has outras tres partes polo mesmo | modo naquillo em que forem taxadas. | Com priuilegio Real.**

NOTA SOBRE O AUTOR: DAMIÃO DE GÓIS foi historiador e humanista português e também compositor. É considerado um dos maiores escritores portugueses do séc. XVI.

EDIÇÃO UTILIZADA: *Crónica do felicíssimo rei D. Manuel composta por* **Damião de Góis**. Nova edição, conforme a primeira, anotada e prefaciada. Dirigida por J. M. TEIXEIRA DE CARVALHO e DAVID LOPES. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926. v. 1, 241 pp. (Scriptores Rerum Lvsitanarum, série A).

**CAPITU. lv. De quomo ha frota partio do porto de Bethelem, & do descobrimento de terra de sancta Cruz a quẽ chamão do Brasil.**

<...> [*f. 51r, col. 2*] (*p. 117*) Surta ha frota mãdou Pedralures algũs dos capitães nos esquifes ver ha terra, q̃ logo tornáram cõ dous homẽs q̃ estatuã pescãdo em hũa almádia, dos quaes se quisera informar da calidade della, mas achou hos tam barbaros, que allẽ de nam hauer lingoa que hoos entendesse, nẽ per açenos sabiã dar sinal de cousa q̃ lhes pergũtasse, pelo q̃ lhes mandou dar de vestir, cascaueis, manilhas de latã, espelhos & outros brincos, & assi ajaezados hos fez poer em terra, hos quaes contẽtes de bom trattamento, tornarão logo á frota com outros da companhia, carregados de milho, farinha, fauas, & outros legumes, & fructas da terra, que dauam a troquo de papel, cascaueis [77], spelhos, paño de linho, & outras cousas desta calidade. Achando Pedralurez tanta familiaridade, & simpreza nesta gẽte, ordenou que aho outro dia dixesse frei (*p. 118*) Henrique Missa ẽ terra onde em amanhecendo mandou armar hum alter debaixo de hũa muito grande aruore. Ha Missa foi de Diacono, & Subdiacono, officiada com todolos frades, capellães da naos, & saçerdotes q̃ iham narmada, & outras pessoas que entendiam de canto, em q̃ houue pregaçam, sendo presentes muitos dos da terra a todo ho officio diuino, com grande espãto, & acatamento. Acabada ha Missa Pedralurez se recolheo ahos bateis, non toda ha gente acom-[*f. 51v, col 1*]panhandoho hos da terra com grandes festa, cantares, saltos, & tregeitos que faziam em sinal dalegria, tangendo cornos, & buzinas, lançando frechas pera ho ar, com outras mostras de contentamento, aleuantando has mãos aho çeo, quomo que dauam graças a Deos pela merçe que lhes fezera em lhes deixar ver gente daquella calidade, no que iham tam enleuados, que muitos delles seguirã hos bateis atte lhes ha aguoa dar pelos peitos, & outros nadando, & algũs ẽ almádias atte chegarem as naos. <...>

**Capit. liiii. Da segunda armada qve elrei mandou à India de que foi por capitão Pedralurez cabral.**

<...> [*f. 50v, col. 1*] (*p. 116*) E porque elRei foi sempre muĩ inclinado ás cousas que tocauão á nossa sancta fé catholica, da ordem de sam Frãçisco, homẽs letrados, de q̃ era vigairo frei Hẽrrique, que depois foi confessor delRei, & Bispo de Çepta, hos quaes com oito capellães, & hum viga.ro ordenou que ficassem em Calecut, pera administrarem hos sacramentos a hos Portugueses, & a hos da terra que se quisessem cõuerter á fé. <...>

**Capitu. lvi. Dalgũas particvlaridades da terra de sancta Cruz, & costumes da gente della.**

<...> [*f. 53r, col. 1*] (*p. 121*) Estãdo assi neste desatino [*"sembebedam, & depois de bem tornados, fazem geitos, & ceremonias quomo demoninhados"*] ameaçã muitos á morte, & em qualq̃r tempo que depois morrem, dizẽ hos outros q̃ viuera muito mais se hos pagés ho não ameaçara, a qualquer lugar a que vem lhes fazem muita festa, & hos reçebem cõ danças, & cantares, & lhes dão [*f. 53v, col. 2*] tudo ho que hão mister: <...> [*f. 55v, col. 1*] (*p. 122*) sam commmẽte folgazões, & muito alegres porque quomo nam tem guerra seu officio he bailhar, comer, & beber. Tem hum çerto genero de bailhar, em que andam todos aho redor, quasi quomo has rondas de Flandres, sem se mudarem de lugar em que começam, cantando todos por hum tom cantigas, em que contam suas valentias, & feitos de guerra, dando muitos assuios, & fazendo mui grande estrondo com hos pes. Aho redor desta andam outros q̃ dam de beber ahos dançantes, se çessarẽ de noite nem de dia, nas quaes danças se embebedam todos, ou hos mais delles. <...> [*f. 54v, col 1*] (*p. 124*) Pera estas festas [*quando "matam hũ destes captiuos"*] fazẽ muita beberajem, & ajuntam muita caça, pera banquetearẽ todolos que a ellas vem & aho mesmo captiuo desatam no piar algũas vezes, & atado com ha corda que tem pela çintura, ho fazem bailhar, & alegrar com ha beberagem que lhe dam a meude. Isto dura tres dias, nos quaes nam fazem outra cousa que comer, beber, & bailhar, <...>

77 . Como DAMIÃO DE GÓIS, muitos outros autores se preocuparam em transmitir as notícias do descobrimento que interessam à musicologia. No séc. XVI, a principal fonte foi a relação do piloto anônimo ♦ de 1500 ou pouco depois, impressa nos livros de FRACANZANO DA MONTALBODDO e GIOVANNI BATTISTA RAMUSIO. Encontramos tais notícias em JERÔNIMO OSÓRIO ♦ (*De Rebus Emmanuelis*, 1571, livro II), MANUEL DA ILHA ♦ (*Divi Antonis Brasiliae Custodiae enarratio*, 1621, § 51), SIMÃO DE VASCONCELOS ♦ (*Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, 1663, livro I, § 10), JOÃO JOSÉ DE SANTA TEREZA (*Istoria delle guerre del Regno del Brasile*, 1698, parte I, livro I, p. 6), ROBERT SOUTHEY (*History of Brazil*, v. I, 1810, cap. I, p. 63) e ALPHONSE DE BEAUCHAMP (*Histoire du Bresil*, 1815, livro II, p. 36). Com a impressão da carta de PERO VAZ DE CAMINHA ♦, inclusive em outras línguas (HIPPOLYTE TAUNAY & FERDINAND DENIS incluíram a *Lettre de Pedro Vas de Caminha sur la Découverte du Brésil*, em seu *Le Brésil*, 1882, v. VI, pp. 4-72), informações mais precisas sobre o evento foram aparecendo em vários trabalhos, como em FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN (*História geral do Brasil*, 1843, cap. V, p. 17, cap. VI, pp. 22, 23, 25 e cap. VIII, p. 38; e na *História geral do Brasil*, v. I, 1854) e outros autores. Mas os musicólogos só se interessaram por essas notícias recentemente, culminando com o excelente trabalho de MANUEL VEIGA, publicado em *Art* (9): 5-62, dez. 1983.

# 47

## [ANTÔNIO BLASQUES]

## (1528 – 1606)

**DOCUMENTO: QUADRIMESTRE DE SETEMBRO DE 1556 A JANEIRO DE 1557.** [Bahia, 19 de janeiro de 1557].

**TEXTO:** Cópia em português, que parece ter sido enviada diretamente ao Provincial de Portugal. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] I-5, 2, 38, ff. 39r-42r. Título: « *Letras quadrimestres de Setembro a Janeiro de 1556 na Baya do Salvador para nosso P.e Inácio* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, p. 346) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *II* (1553-1558). Roma, Monumentae Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales). Doc. 52: « *Quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557 pelo Ir. Antonio Blásquez (?). [Baía 1 de janeiro de 1557]* », pp. 345-356.

[...]

5. [*f. 39v*] (*p. 348*) E pera que nosso prazer fosse de todo comprido, em esta sazão dixe missa nova o P.e João Gonçalvez, em dia de Nossa Senhora de Agosto [*15 de agosto de 1556*], achando-se a ella presente o Governador [*D. Duarte da Costa*] com toda a mais gente da cidade. E dado que não foy festejada com frautas e canto de orgão, todavia tivemos cá huma cousa que leva aventagem a toda a musica e cantares, porque ordenou o Padre [*Nóbrega*] que os indiozinhos cathecumenos os bautizamos elle [*João Gonçalves*] em este mesmo dia. O negocio passou asi: Vinhão os meninos com suas roupetinhas brancas e humas capellas de flores em a cabeça e palmas em as mãos em sinal da victoria que alcançavão do demonio. Yá em este comemos estavão os Padres aguardando por elles à porta da igreija, aonde lhe fizerão os cathecismos com toda a solenidade e festa que nós podemos. Estãodo pois tudo a ponto pera os bautizar, começarão os Padres e meninos a ladainha cantada, não com pequena devação e lagrimas dos presentes, por ver como a piadosa clemencia do Senhor se dignava de escolher a estes por filhos, nacidos de gente tão bruta e boçal. Depois de feitos christãos nos fomos para dentro levando-os em o meo de nós outros, cantando Te Deum laudamus, e os (*p. 350*) abraçamos não como a servos e estranhos, senão como a filhos de Deos. A gente de fora, maxime as indias e gentios, vendo o gasalhado que lhe faziamos, ficavão juntamente edificados e espantados, e há verdade por este respeito se tangeo àquella hora à doutrina pera que vendo esta obra se afeiçassem a receber nossa fee e viessem em conhecimento de seu Criador. Em casa não faltava prazer; mayormente o Padre missam cantans[78], pola sorte que lhe coube, estava muy alegre: e certo parece aver-lhe Deos guardado este premio pera lhe galardoar o trabalho que elle tomou em os hir a buscar, porque estes são os indiozinhos que em as outras faço relação que deixados seus pays se vinhão a elle.

6. O que em ordem despois disto socedeo [*após maio de 1556*], foy a fundação da igreija do Rio Vermelho, pera cujo principio ordenou o P.e Antonio Rodriguez que em muy breve com a graça do Senhor e ayuda dos Indios fez huma hermida junto de sua Aldea, situada em hum outeiro, un tiro do mar, ao pee do qual estaa hum rio que os Indios chamão Camarajipe, que em nosso vulgar chamamos Rio Vermelho. O dia antes que en ella se dixesse a primeira

missa, por mandado do Padre [*Nóbrega*] vim eu com os mininos studantes pera que elles a oficiassem. De madrugada veo o Padre [*Nóbrega*] com o Mestre da capella da See[79] e com outro homem amigo e devoto de casa, os quais por sua devação se offerecerão a a officiar. Antes que ha benzessem, disemos as ladainhas repartidos em dous choros, porque para entr'ambos avia *(p. 351)* vozes sufficientes. Logo se fez ao derredor da igreija, dizendo hos meninos huma cantigua[80], e respondeo o outro choro com as frautas, cousa que parecia muito bem, maxime por ser entre estes gentios que em extremo são affeiçoados à música e cantares, e en tanto que os feiticeiros, que entre elles chamão santos, usão desta manha quando lhes querem apanhar alguma cousa. A missa foy tãobem cantada com a ayuda de noscos devotos e maravilhavão desta novidade. O irmão Antonio Rodrigues lhes pregou em a lingua brasilica como soe, scilicet com grande fervor e zelo. Elle continuou este exercício soo por algum espaço de tempo [*f. 40v*] soprindo com seu talento tudo o que era necessario até que o Padre lhe deu por companheiro e capelão ao P.e Ambrosio Pirez, encomendando-lhe muy expressamente aprendesse a lingua em a qual por então se exercitava, ensinando por si soo aos Indios, ayuntando ao Irmão a levar pro sua virili parte daquele santo trabalho. <...>

7. Elle [*o Irmão Antonio Rodrigues e*] o P.e Ambrosio Pirez vão pola menham a huma Aldea o que nós outros pussemos por nome Sam Lourenço e feita lá a doutrina se veem pera casa a buscar os meninos que andão a pescar pola praya, porque hé gente tão pobre que não tem outra cousa pera comer senão o que pescão. E por esta ocasião se lhes faz algum tanto duro acudir à campainha, mas todavia veem e juntos alguns (porque todos não hé possivel) lhes dão lição e insinam a doutrina. Despois de comer tem o mesmo trabalho em os *(p. 352)* hir a chamar, mas então vem todos, e os doutrina mais de espaço porque, ultra da lição, doutrina, insina-lhes o Irmão [*Antonio Rodrigues*] a cantar missa e dizer a Salve, a qual sabem já e cantão por si com alguns introitos[81] da missa, conformando-se em tudo com a ordem de S. Vicente.

[...]

10. [*f. 41r*] *(p. 353)* Os dias passados partio o Irmão Antonio Rodriguez do Rio Vermelho com setenta indios, a mayor parte meninos, e chegando a huma hermida que está hum bom pedaço da cidade nos fez saber como erão chegados. Sairão os meninos de casa com sua cruz a os receber e juntos vierão todos em procissão cantando pola cidade as ladeinhas: alguns se disciplinavão, outros levavão alanternas em a mão, do que se edificava a cidade dando ao Senhor muitas graças. En caso nos estava aguardando o Padre [*Nóbrega*] com muito alvoroço e delle forão todos recibidos e agasalhados como custuma, scilicet com grande charidade e desejo de os ver a todos muy boons christãos, epolos alegrar, mandou o Padre aos meninos que lhes cantassem em sua lingua e a nossa algumas cantiguas, do que elles gostavão muito. Finalmente acabou-se esta festa com dizer tudo em voz alta a Salve e as orações da doutrina.

11. Dahi a quatro dias, que foy bespora de Todos os Santos [*31 de outubro de 1556*], por lhes pagar esta vinda, mandou o Padre à Aldea os meninos orfãos a que lhe cantassem as vesperas e officiassem a missa. Estiverão os estudantes em a hermida dous messes [*novembro e dezembro*] refazendo-sse em as forças corporais, porque do continuo trabalho estavão muy debilitados e avião enfermado alguns. Asi que, como dizem, fizerão de huma via dous mandados, porque hindo a cobrar saude do corpo, davão a outros a saude d'alma ensinando aos *(p. 354)* filhos dos gentios a doutrina christãa, tomando-lhes também conta de sua lição. <...>

[...]

78 . Aqui, o mesmo que **missa-cantante**. MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário* ***musical brasileiro***, 1939, p. 338), citando este trecho, afirma: « Missa cantante – Aquele ou quem canta durante a missa, o mesmo que chantre ».

79 . Em 3 de agosto de 1553, **João Lopes** é chamado de "Mestre de Capela" em um mandado do Governo Geral (***Documentos Históricos*** , v. XIV, 1929, p. 363 e v. XXXVIII, 1937, p. 176), sendo apresentado na dignidade de **chantre** em 16 de maio de 1554 (***idem***, v. XXXV, 1937, pp. 218-219) e renunciando antes de 15 de março de 1560 (***ibidem***, v. XXXVI, 1937, pp. 77-80). Oficialmente, o cargo de **mestre de capela** da Sé de Salvador é criado apenas em 15 de junho de 1560, por carta régia (***ibidem***, v. XXXVI, 1937, pp. 92-93). Como supõe RÉGIS DUPRAT (*Música na Bahia colonial*, 1965, p. 96), é possível que **João Lopes** tivesse exercido esta função extra-oficialmente desde a fundação da Sé, em 1551, até a posse de **Bartolomeu Pires**, em 1560.

80 . **Cantiga** é termo muito frequente na documentação da época sobre o Brasil. RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário português e latino***, v. II, 1712, p. 111) diz apenas « Versos, ou trovas, que se cantaõ com certo tonilho ». FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (***Elucidário***, 1863, p. 217) diz « copla de versos menores para se cantar, cançoneta », enquanto TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (***Dicionário de música***, v. I, 1962, p. 269) dão « Ária popular, quadra musicada, cântico ou rimance ». GIL VICENTE (v. II, 1970, p. 246) caracteriza o **ethos** da **cantiga** na *Tragicomédia do inverno e verão* (representada para D. João III): « Se olhardes as cantigas | do prazer acostumado, | todas têm som lamentado, | carregado de fadiga, | longe do tempo passado ». A julgar pelas 21 **cantigas** que existem no **Cancioneiro** d'Elvas (1977), coletânea poético-musical do séc. XVI, o padrão normal desta forma é o de três estrofes de quatro versos cada. A música geralmente segue o esquema A (1ª estrofe) – B (1º e 2º versos da 2ª estrofe) – B (3º e 4º versos restantes) – A (3ª estrofe). Os textos, quase sempre, expressam profunda dor e melancolia.

81 . RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário português e latino***, v. IV, 1713, p. 178) informa: « Introito da Missa. O principio da Missa. As primeiras palavras, que os cantores entoão numa Missa cãtada. **Requiem aeternam**, he o **Introito** de huma Missa de Defunctos. O Papa Celestino foy, o que introduzio o uso das Antiphonas para Introito da Missa. **Introitus, us. Masc.** ».

# 48

## JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 – 1597)

**DOCUMENTO:** **CARTA [AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL ?].** São Paulo de Piratininga, fim de abril de 1557.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 36, ff. 29v-31v. Cota: « Do Brasil e de Janeiro até Mayo de 1557. 1ª via ». Cota precedida dum título, que não pertence a esta carta, mas à do fim de dezembro de 1556 [*Mon. Bras.*, doc. 50]. Manuscrito já ilegível em muitos passos, e com falta da folha 30r-30v.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, v. II, 1957, p. 364) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – *Monumenta Brasiliae II* (1555-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales). Doc. 56: « Do Ir. *José de Anchieta (aos padres e irmãos de Portugal ?). São Paulo de Piratininga fim de abril de 1557* », pp. 364-370.

**OBSERVAÇÃO:** Para a impressão da folha faltante, LEITE se servia de JOSEPH DE ANCHIETA – *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J.* (1554-1594); [nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Sommervogel; notas e postfácio de A. de Alcântara Machado]. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. (Publicações da Academia Brasileira – Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 3), pp. 97-102.

[...]

5. [*f. 30r*] (*p. 367*) Porque se offereceo fazer menção dos contrarios, direi algumas cousas não fora de proposito. Veio poucos dias há, grande copia delles, e combatendo um lugar de Portugueses o roubou. Acolheram-se à fortaleza sete ou oito Portugueses, que se acharão presentes, e, como quisessem entrar com elles os inimigos, foram mortos mui delles. Por outra parte acometerão uma casa onde estavão dois christãos, e saltando como simios na telhado, derribando as telhas, os tomarão por força, e levarão com muitos dos escravos e mais presa. Não muito depois se seguio uma peste de que morreo grande numero dos contrarios; tiravam os mortos de casa e deitavão-os às onças, as quais de noite vinham e os comião. Desta maneira os castigou a dextra do Senhor. E depois indo a elles os Portugueses em navios, tomarão mais de 50, que estavão fazendo grandes festas, com muito vinho e cantos sobre a morte dos dois Portugueses christãos que já tinham comido. Depois de tornados ao porto, sentenciarão dois à forca, os quais o (*p. 368*) pastor [*Francisco Fernandes*] que tem as vezes do Bispo pouco há defunto, que pouco antes tinha chegado, consolou e instruio na fé (porque não estava presente nenhum de nossos Irmãos); e assim recebidos a bautismo, chamando sempre o nome de Jesus, foram enforcados.

[...]

## 49

# FRANCISCO PIRES

## (1522 – 1586)

**DOCUMENTO:** CARTA [AO P. MANUEL DA NÓBREGA, BAHIA]. Espírito Santo, [maio de 1557].

**TEXTO:** Tradução autógrafa de ANTÔNIO BLASQUES em espanhol, com cortes do P. POLANCO. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 15, ff. 47v-48v [antes f. 188v-189v, mais antigo pp. 712-716]. Título: « *Trelado de algunos capitulos que de cartas del P.e Francisco Pirez que são venido del Spiritu Sancto, algunos se dexan d'escrivir po[r] seren yá lebiados a S. Vicente donde se hão o'embiar a V. P. segun la horden qu'está dada* ». Título e esclarecimento autógrafo do Ir. ANTÔNIO BLASQUES, inserindo esta carta na sua autógrafa de 30 de abril de 1558 (**Mon. Bras.** *II*, doc. 65), por onde se vê que não a transcreveu na íntegra; e no fim retoma o próprio texto sem fazer distinção entre ambos.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. II, 1957, p. 371) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *II* (1553-1558). Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales). Doc. 57: « *Do P. Francisco Pires (ao P. Manuel da Nóbrega, Baía), Espírito Santo (Maio de 1557)* », pp. 371-377.

[...]

6. [*f. 48r*] (*p. 374*) Fuimos a buscarlo [*o corpo de "Bastião de Lemos, el hijo del Gato"*] con gran ponpa y solenidad [*a 3 de abril de 1557 ou alguns dias depois*]: primeramente el P. Vicario lhevava hun crucifixo en las manos cubierto de luto, como en los viernses de la Cuaresma se custumbra hazer, y su cruz delante, y la de los ninhos, y el Señor Governador [*Vasco Fernandes Coutinho*] en la procesión con toda la demás gente de la tierra; y así nós cantando y los suios pranteando, lo truximos a la nuestra yglesia. Mucho se espantaron y edificaron los Yndios de ver aquel concierto que dávamos, que luego la noche seguiente predicó Jaragoai, diziendo que aquella era la verdad y que devían todos ser buenos christianos. Ciertos días después de su enteramiento le hizimos hun oficio entonado al qual estuvo presente el padre y algunos de los suios, y el Señor Governador lo assentó entre sí y su hijo Vasco Fernandes. <...>

[...]

# 50

## ANTÔNIO BLASQUES

## (1528 - 1606)

**DOCUMENTO:** CARTA POR COMISSÃO DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA. [Bahia], 10 de julho de 1557.

**TEXTO:** Parece tradução portuguesa de original espanhol perdido. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [S. Roque, Lisboa] I-5, 2, 38, ff. 34r-38v. Título: « *Suma de algumas cousas que hião em a nao que se perdeo do Bispo pera nosso padre Ignacio* ». Texto único, com vários passos deteriorados.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, v. II, 1957, p. 377) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - *Monumenta Brasiliae II* (1553-1558), Roma, Monumenta Historica S.I., 1957. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 80 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI - Missiones Occidentales). Doc. 58: « *Do Ir. António Blásquez por comissão do P. Manuel da Nóbrega ao P. Inácio de Loyola, Roma. [Baía] 10 de julho de 1557* », pp. 377-391.

[...]

7. <...> [*f. 35v*] (*p. 383*) Este mesmo dia [*entre janeiro e julho de 1556*], antes que hos Principaes se fossem de casa do Governador, aonde forão chamados pera este contrato, firmarão todos em hum acto publico que se fez, de guardar penas e a ser deitados de suas proprias terras se [*f. 36r*] inteiramente não no cumprissem; e pera que os outros Indios entendessem ordenou-se que se desse hum pregão[82] polas Aldeas com hum atambor[83] que relatasse a suma do contrato. Ficarão elles dalli por diante medrosos e com medo de faltar em o que tinhão prometido, como por experiencia se vio em os negros que matarão e não quiserão comer. <...>

[...]

9. (*p. 384*) Com esta ordem [*"huma procissão" entre janeiro e julho de 1556 "em a qual forão os filhos dos gentios, mamalucos e meninos orfãos, e em sua companhia levavão ao Irmão João Gonçalves e a mim"*] forão a huma povoação [*Vila Velha*] de christãos em a qual pregou aos moradores o P.ᵉ Navarro com muito fervor, e despois de comer se tocou a campainha pera que viessem os escravos e escravas dos homens brancos, que forão tantos que estava a igreija quasi chea. Ensinou-lhes primeiro a doutrina em nossa lingua e despois em a brasilica com huma pratica que lhes declarava o mais necessario à fee. Acabado isto, elle se foy pera a cidade porque ainda aquele dia avia de fazer lá huma pratica, e nós outros fizemos nosso caminho per'a Aldea do Rio Vermelho. Como chegamos à vista dela mandou João Gonçalvez que cada menino orfão levasse hum filho dos gentios a seu cargo por amor das feiticeiras que não nos embaissem, e asi entrarão em procissão cantando, do que elles se maravilhavão muito e ficavão como attonitos porque em estremo são dados à musica e ouvir cantar.

10. <...> [*f. 36v*] (*p. 385*) São suas casas [*a dos Índios*] escuras, fedorentas e afumadas, em meo das quais estão huns cantaros como meas tinas que figurão as caldeiras do inferno. Em hum mesmo tempo estão rindo huns e outros chorando tão de-vagar que se lhes passa huma noite em isto sem lhe hir ninguem à mão. Suas camas são humas redes podres com a ourina, porque são tão priguiososos que ao que demanda a natureza se não querem alevantar. E dado caso que isto bastara pera imaginar em o inferno, todavia

ficou-se-nos mais imprimido com huma invenção que vimos saindo desta, a qual hé esta:

Vinhão seis molheres nuas polo terreiro cantando a seu modo e fazendo tais gestos e meneos que parecião os mesmos diabos: dos pees até à cabeça estavão cheas de penas vermelhas; em suas cabeças trazião humas como carochas de pena amarela; em as espaldas levavão hum braçado de *(p. 386)* penas que parecia coma de cavalo, e por alegrar a festa tangião humas frautas[84] que tem feitas das canellas dos contrarios pera quando os hão de matar. Com estes trajos andavão ladrando como cães e contrafazendo a fala com tantos momos que não sey a que os possa comparar; todas estas invenções fazem sete ou oito dias antes de hos matar. <...>

[...]

82 . Por "Pregão", entende RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VI, 1720, p. 692) « A publicação de qualquer cousa, que convem q todos saybão ». E acrescenta: « Baraço pregaõ se dá a criminosos pelas Cidades, ou Villas, com açoutes, ou sem elles. Vid. livro das Ordenaç. lib. 5. tit. 139. § 1 ». O mesmo autor (v. II, 1712, p. 31) o dá como sinônimo de 'Bando', informando que « Entre nos Bando he pregão de guerra, a som de caxa, com pena imposta aos transgressores de alguma ley militar ».

83 . RAPHAEL BLUTEAU (**op. cit.**, v. VIII, 1721, p. 34) informa: « Deriva-se do Arabico, **Altambor**, que he o mesmo. O Tambor he instrumento militar, composto de hũa caxa de pao de carvalho delgado, & dobrado em figura Cylindrica, cõ suas faces, & cada hũa dellas cuberta de hũa pelle de carneyro, estirada sobre arcos, & apertada com cordeis; toca-se cõ duas baquetas, nas marchas da Infantaria, & para incitar os animos à batalha ». Instrumento essencialmente militar entre os europeus, é descrito com detalhes também por DOMINGOS VIEIRA (**Grande dicionário português**, v. V, 1874, p. 671), PEDRO SINZIG (**Pelo mundo do som**, 1959, p. 562), LUIS DA CÂMARA CASCUDO (**Dicionário do folclore brasileiro**, 1988, p. 737) e MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 457). Era freqüentemente associado ao **pífaro**.

84 . O termo português **flauta** (ou **frauta**) foi utilizado com muita freqüência para designar uma série de instrumentos de sopro indígenas. Entre estes podemos encontrar a **cangüera**, o **mimby**, o **mimbyapara** e o **mimbyguassu**.

# 51

## HANS STADEN
## (c. 1520 – ?)

LIVRO: VERDADEIRA HISTÓRIA E DESCRIÇÃO DE UMA REGIÃO DE CANIBAIS SELVAGENS, NUS E FEROZES DA AMÉRICA, NO NOVO MUNDO. Marpurg, Andres Kolben, 1557.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: São estas as edições mais conhecidas do texto de HANS STADEN, impressas individualmente: **Warhaftige Historia...** (Marpurg, Andress Kolben, 1557; **Warhaftige beschreibung...** (Marpurg, Andres Colben, 1557]; **Warhaftige Historia...** (Franckfurdt, Weygandt Han, [1557]]; **Warhafftig Historia...** (Franckfurdt, Weygandt Han, [1557]]; **Warhaftige Historie...** (Tantwerpen, Christoffel Plancijn, 1558); **Warachtiighe Historie...** (Thantwerpen, Ian Roelants, 1563]; **Warachtige Historie...** (Amstelredam, Cornelis Claesz, 1595); **Hans Staden von Homborgs Beschrijvinghe van America...** (Amsterdam, Broer Iansz, 1625); **idem** (Broer Iansz, 1627); **idem** (Broer Iansz, 1634); **idem** (Broer Iansz, 1634); **idem** (Jan Jacobsz Bouman, 1635]; **idem** (Utrecht, Jurian van Poolsum, 1685]; **idem** (Amsterdam, Gijsbert de Groot, s.d. [séc. XVII]); **idem** (Amsterdam, G. de Groot, [1701]); **De voornaame Scheeps-Togten van Jan Staden...** (Leyden, Pieter Vander AA, 1706); **Hans Staden von Homborgs Beschrivinge van America...** (Amsterdam, G. de Groot, 1714); **Veritable histoire...** [Paris, Arthus Bertrand, 1837]; **The captivity of Hans Stade of Hesse...** (London, Hakluyt Society, 1874); **Meu captiveiro entre os selvagens do Brasil...** (2ª, Rio de Janeiro, Ed. Nacional, 1926); **Warhaftige Historia...** (Franckfurt, Wüsten & Co., 1927); **Viagem ao Brasil** (Rio de Janeiro, Officina Industrial Graphuca, 1930); **Zwei Reisen nach Brasilien...** (São Paulo, Hans-Staden-Gesellschaft, 1941); **Duas viagens ao Brasil...** (São Paulo, [Tipografia Gutenberg], 1942); **Duas viagens ao Brasil...** (Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1974). Mas o texto de STADEN também foi impresso em coletâneas. As mais antigas são estas: THEODORE DE BRY – **America Tertia Pars...** ([Franckfurt, Theodore de Bry], 1592) e edições posteriores; SEBASTIAN FRANCK – **Ander theil dieses Weltbuchs von Schiffahrten...** (Franckfurt, [Sebastian Franck], 1567) e edições posteriores; JOHANN LUDWIG GOTTFRIED – **Newe Welt Americanische Historien...** (Franckfurt, Merianischen Erben, 1655) e edições posteriores; JOHANN JUST WINKELMANN – **Der Americanischen Neuen Elt Beschreibung...** (Oldenburg, Heinrich-Conrad Zimmer, 1664) e edições posteriores; PHILIPP ZIGLER – **America, Das ist Erfindung und Offenbahrung der Newen Welt...** (Franckfurt, Nicolaus Hoffman, 1617). Resumos da obra de STADEN também foram impressos em vários livros. Os mais célebres são o **Le Brésil...**, de HIPPOLYTE TAUNAY e FERDINAND DENIS (Paris, Nepveu, v. VI, 1822) e a **Historia geral do Brasil...**, de FRANCISCO ADOLFHO DE VARNHAGEN (Rio de Janeiro, E. e H. Laemmert, v. I, 1854). A página de rosto da primeira edição é a seguinte: **WARHAFTIG | Historia vnd beschreibung eyner Landt-|schafft der Wilden / Nacketen / Grimmigen Menschfresser | Leuthen / in der Newenwelt America gelegen / vor vnd nach | Christi geburt im Land zů Hessen vnbekant / biß vff dise ij. | nechst vergangene jar | Da sie Hans Staden von Hom | berg auß Hessen durch sein eygne erfarung erkant / | vnd yetzo durch den truck an tag gibt. | Dedicirt dem Durchleuchtigen Hochgebornen herrn / | H. Philipsen Landtgraff zů Hessen / Graff zů Catzen= | elnbogen / Dietz / Ziegenhain vnd Nidda / seinem G. H. | Mit eyner vorrede D. Joh. Dryandri / genant Eychman / | Ordinarij Professoris Medici zů Marpurg. | Inhalt des Büchlings volget nach den Vorreden. | Getruckt zů Marpurg / im jar M. D. LVII.** [88 f. inum., ilust., ests.]. Não consultado. A Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da USP possui uma segunda edição em LR 2, 4, cujas gravuras são completamente diferentes da primeira edição, acima descrita.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, livro I, cap. 3, nº 8, p. 14) informa: « Hans Staden [c. 1520 – ?] é um admirável aventureiro da Hessia, disposto a enfrentar as mais ousadas aventuras para conhecer o novo mundo. Engajado num navio português que comerciava pau-brasil, como artilheiro, vem pela primeira vez ao Brasil em 1547, onde alcança Pernambuco. Aí participa de lutas contra indígenas na vila de Igaraçu, vai à Paraíba e volta a Lisboa, em 1548. Depois de passar cerca de um ano naquela cidade, delibera acompanhar os espanhóis em suas viagens, na expedição de D. Mencia Calderon de Sanabria, que devia fundar dois povoados, um na costa de Santa Catarina e outro na embocadura do Rio da Prata. Staden parte de Ilha de Palma a 15 de junho de 1550 e a 16 de dezembro deste mesmo ano atinge Santa Catarina. Depois de várias peripécias, alcança São Vicente, onde se emprega como arcabuzeiro, na Ilha de Santo Amaro, em frente a Bertioga. Aprisionado pelos índios tupinambás, por volta de janeiro de 1554, permanece entre eles nove meses e meio, libertando-se em outubro de 1554. Aos 20 de fevereiro de 1555, chega à França, vai a Londres, à Antuérpia e retorna à sua pátria ».

EDIÇÃO UTILIZADA: **Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschafft der wilden nacketen grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen**; Faksimile-Wiedergabe nach der Erstausgabe "Marpurg uff Fastnacht 1557" mit einer Begleitschrift von Richard N. Wegner; Zweite vermehrte Auflage mit 6 Abbildungen und 1 Karte. Frankfurt a. M., Wüster & Co. (Faksimiledruck und Verlag), 1927. 88 ff. inum., 52 pp., ilusts., ests. [SISB: 9-e-14].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: **Duas viagens ao Brasil**; tradução de Guiomar de Carvalho Franco [transcrito em alemão moderno por Carlos Fouquet, prefácio de Mário Guimarães Ferri, introdução e notas de Francisco de Assis Carvalho Franco]. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. XX, 216 pp. (coleção Reconquista do Brasil, v. 17).

TEXTO ALEMÃO

ERSTE BÜCHLING

Was sich auff der wider vmb reyse begab nach jrem lande. Cap. 20.

[...]

[2.] (*f. fr*) Wie ich nun in so grosser angst vnd jamer war / bedachte das ich vor nie betrachtet / nemlich der betrŏbte jamertal / darinn wir hie leben / vnd ich sieng an mit weynenden augen zusingen auß grundt meines hertzen den Psalmen: Aus tieffer Not schrei ich zu Dir.

[3.] Da sagten die Wilden: Sihe wie schreiet er / ytzt jamert jn. <...>

[...]

Wie sie des tages mit mir vmbgiengen / da sie mich bei jre wonunge brachten. Ca. 21

[...]

[3.] (*f. Fijv*) Wie wir nun an landt kamen / lieffen sie alle auß

TRADUÇÃO

LIVRO PRIMEIRO: AS VIAGENS

[Capítulos 20 a 24: Hans Staden é prisioneiro dos Tupinambás na Ilha de Santo Amaro (Bertioga), entre meados de janeiro e fins de outubro de 1554]

CAPÍTULO 20.

O que aconteceu durante a viagem para a terra dos tupinambás.

[...]

(*p. 84*) Na minha grande aflição e miséria, pensei em cousas que, antes, nunca me haviam vindo à mente, no triste vale de lágrimas em que aqui vivemos, e cantei com os olhos úmidos de pranto, do fundo do coração, o salmo: "Do abismo da miséria clamo eu a Ti***". Ao que disseram os selvagens: "Vejam como êle grita; agora está desesperado".

[...]

CAPÍTULO 21.

Como os selvagens se portaram comigo no primeiro dia em sua aldeia.

[...]

(*p. 87*) Fomos à terra. Acudiram então todos, moços e velhos, das

den hütten (welchs auff eynem berge lage) jung vnd alt / mich zubesehen. Vnd die männer giengen mit jren bogen vnd pfeilen nach jren hütten / vnd beholfen mich jren weibern / dieselbigen namen mich zwischen sich / vnd giengen etliche vor mir / vnd etliche hinter mir her / Sungen vnd tantzten an eynem singen / die gesenge so sie den eygenen leuten pflegen zusingen wann sie die wöllen essen.

[...]

[5.] <...> (*F. fiijr*) Wie ich nun hinein kam / leiff das fraewn volck zû mir / vnd schlûgen mich mit feusten / vñ rauffen mich bei dem bart / vnd sprachen in jrer spraach: Sche inname pepike a e. Das ist so vil gesagt: Den schlag reche ich an dir von meines freunds wegen / Den die / darunter du gewesen bist / getödtet haben.

[6.] Darnach furten sie mich in die bütten / da muste ich in eyn Jnni leigen / da kamen die weiber vor vnd nach schlugen vnd raufften mich / vnd draweten mir wie sie mich essen wölten.

[7.] So was das Mans volck in einer hütten bei eynander / vnd trunckten die geträcke welche sie Kawi nennen / vnd hatten jre Götter bei sich / Tammerka genant / vnd sungen jnen zun ehren / das sie jnen so wolgeweissaget hatten dz sie mich fangen solten.

[8.] Solchen gefang höret ich / vnd es kam inn eyner halben stund keyn mans volck bei mich / dañ alleyn weiber vnd kind.

cabanas, que ficavam num outeiro, e queriam ver-me. Os homens se retiraram com os arcos e flechas para suas moradias e deixaram-me com as mulheres, que me rodearam. Algumas foram à minha ferente, outras atrás, dansando e cantando uma canção que, segundo o costume, entoavam aos prisioneiros que tencionavam devorar. Assim trouxeram-me elas até a caiçara [*próxima à enseada Mangaratiba*] arrojaram-se as mulheres todas sobre mim, dando-se socos, arrepelando-se a barba, e diziam em sua linguagem: "Xé anama poepika aê!" "Com esta pancada vingo-me pelo homem que os teus amigos mataram".

(*p. 68*) Depois introduziram-me elas na choça, onde tive que deitar-me numa rêde, e de novo vieram, bateram-me, escarapelaram-me os cabelos e significaram-me, ameaçadoras, como iriam devorar-me.

Os homens estavam durante êste tempo reunidos em uma outra choça. Lá bebiam cauim e cantavam em honra dos seus idolos, chamados Maracá, que são matracas feitas de cabaças, os quais talvez lhes houvessem profetizado que iriam fazer-me prisioneiro.

O canto eu ouvia, mas durante meia hora não houve nenhum homem perto de mim, apenas mulheres e crianças.

**Wie meine benden Hertzn zu mir Kamen vnd sagten mir / wie sie mich jrer Freunde eynen verschenckt hetten / der solte mich verwaren und tod schlagen / weñ man mich essen wolte. Caput xxij**

## CAPÍTULO 22.

**Como meus dois senhores vieram vêr-me e disseram que me haviam dado de presente a um amigo, que a princípio me guardaria e depois, quando quisesse devorar-me, matar-me-ia.**

(*f. fiijv*) [fig. 16][96]




CAPÍTULO 23.

**Wie sie mit mir tantzten vor den hütten / darinne sie die argötter Tamerka hatten. Ca 24. [correto: 23]**

[1.] [*f. f4v*] DArnach fuhrten sie mich von dem Ort / da sie mir die augen brawen ab geschoren hatten / vor die hütten / da die Tammerka jre abgötter inn ware / vnd mechten eynẽ runten breyß vmb mich her / da strund ich mitten innen / vnnd zwey weiber bei mir / vnd bunden mir an eyn beyn etliche dinger an eyner schuren / die rasselten / vnd bunden mir auch eyne scheibe von vögel schwentzen gemacht / war vierecket / (*f. gr*) hinden auff den hals das sie mir vber das heubt gieng / vnd heysset auff jre sprache Arasoya / darnach

**Como as mulheres dansaram comigo diante da choça na qual estavam os idolos.**

(*p. 91*) Do lugar onde me haviam raspado as sobrancelhas, conduziram-me as mulheres em frente da choça em que estavam os seus ídolos, os maracás[97], e fizeram uma roda em volta de mim. Fiquei no meio. Duas mulheres amarraram-me com um cordel alguns chocalhos a uma perna e por detrás , no pescoço, de modo que me ficasse acima da cabeça, um leque quadrangular de penas da cauda de papagaios, que êles chamam araçoiá. Depois começaram elas todas a cantar. De acordo com seu compasso, devia eu bater o pé com a perna à

sieng das weibe volck alle mit eynander an zusingen / vnd gleich wie jr thon lautet / so muste ich mit dem beyne / daran sie mir die rasseln gebunden hatten / nider tretten / vff das ed rasselte vnd zusammen stimmete. Vnd das beyndarin ich verwundert war thet mir so wehe / das ich kaum stehen kunte / dann ich war noch nit verbunden.

qual estavam atados os chocalhos, de modo chocalhasse acompanhando o seu canto. E a perna ferida doía-me tanto que mal me podia ter em pé, pois ainda não estava passada[89].

[*f. 4v*] [fig. 17][90]



CAPÍTULO 24.

**Wie sie mich nach dem tantze dem Jpperu Wasu / der mich tödten solte / beimbrachten. Caput xxiiij.**

**Como, depois da dansa, levaram-me ao Ipirú-guaçú, que devia matar-me.**

[...]

[9.] (*f. gr*) WJe nun der tantze eyn ende hatte / ward ich dem Jpperu Waso vberliffert.

(*p. 93*) Concluída a dansa fui entregue ao Ipirú-guaçú e lá conservado sob severa guarda.

Daselbst hatten sie mich in gûter bewarung. Da sagte er mir / Jch bette noch etlich zeit zu leben / Vnd sie brachten jre abgötter alle so in der hûtten waren / vnd setzen sie vmb mich her vnd sagten / Die hettens geweissaget / das man eynen Portugaleser hette sollen fangen. Da sagte ich / Die dinger haben keyne macht / vnd können auch nicht reden / vnd liegen / das ich eyn Portugaleser bin / sonder ich bin der Frantzosen freund verwanten eyner / Vnd das land da ich daheyme bin / heysset Allemanien. Daruff sagten sie / Das mûste ich liegen / dann wañ ich der frantzosen freund were / was ich dann vnter den Portugalesern thet / sie wusten wol / das die frantzosen eben so wolder Portugaleser feinde weren als sie. Dañ die frantzosen kōmen jar mit schiffen / vnd brechtē jnen Prasilien holtz / Baumwoll / vnd andere wahr / als federwerck vnd pfeffer darfür. Derhalben weren es jre gûte freund / welchs die Portugaleser also nicht gethan hetten / Dann sie weren / in verlegen jaren / (*F. gv*) da ins land kommen / vnd hetten / da sie itzt noch woneten / vnter jren feinden freundschafft gemacht / vnd darnach werē sie zu jnen auch kommen / vnd mit jnen zuhandelen begert / vnd sie weren aus gûter meynunge an jre schiffe kom̄en vnd darein gestigen / gleich wie sie noch heutiges tag theten / mit den frantzöschischen schiffen / vnd sagten wen dañ die Portugaleser jrer gnung im schiffe gehabt / hetten sie sie den angegriffen / gebunden vnd jren feinden zugefürt vnd denen geben die hetten sie den gedöttet vnd gessen / vnd jrer etlich hetten sie mit jren gexchûtz zu tod geschossen / vnd vil hochmût mehr / so jnen die Portugaleser gethan hetten / auch weren sie offtmals mit jren feinden zu kriege kommen / sie zufangen.

**Wie eyn Frantzose so die schiffe vnter den Wilden gelaffen hatte / dahin kam mich zubesehen / vnnd Jhnen**

Disseram-me que ainda tinha algum tempo de vida. Trouxeram todos os ídolos que havia na choça, colocando-os em torno de mim e contaram que êstes ídolos haviam profetizado que aprisionaram um português. Então respondi: "Esses objetos não têm poder nenhum. Também não podem falar, e mentem que sou um português. Sou um amigo dos franceses, e a terra, que é minha pátria, se chama Alemanha". Retrucaram que isso devia ser mentira, pois que fazia entre os portugueses, se era um amigo dos franceses? Sabiam muito bem que os franceses eram tão inimigos dos portugueses como êles próprios, pois os franceses vinham anualmente em navios e traziam-lhes facas, machados, espelhos, pentes e tesouras. E êles lhe davam em troca páu-brasil, algodão, e outras mercadorias, como penas e pimenta. Eram portanto bons amigos.

Com os portugueses era diferente. Pois anos antes haviam chegado à terra - assim continuaram contando - e lá, onde ainda moram, estreitado amizade com os tupiniquins, seus inimigos. Logo depois os procuraram para comerdiarem. Êles os tupinambás, também tinham ido com muita confianç aos navios e subido a bordo, como fazem ainda nos dias presentes com os navios franceses; quando os portugueses conseguiram um número suficiente dêles a bordo, os assaltaram, amarraram, conduziram e entregaram aos tupiniquins, pelos quáis foram então mortos e devorados. Atiraram ditos portugueses alguns com sua artilharia e cometeram ainda outras violências e vieram com os tupiniquins para guerreá-los e fazer prisioneiros.

CAPÍTULO 26.

**Como chegou para vêr-me um dêsses franceses aí deixados, e como aconselhou aos selvagens que me**

**behalfe / sie solten mich essen / ich were eyn Portugaleser. Caput xxvj.**

[...]

[2.] <...> (*f. gijv*) und sagte bei mir selbst / sol ich dannja sterben / warumb solte ich dann eynem andern mein fleisch lenger vor hegen. Da leyteten sie mich widerumb in die hütten / da sie mich verwareten. Da gieng ich in mein netz leigen. Gott dem ist bekant das ellend so ich hatte / vnd hůb so schreien an zusingen / den verß. Nun bitten wir den heiligen Geyst / vmb den rechten glauben aller meyst / Das er vns behůte an vnserem ende / wenn wir keym Jahren auß diesem ellende / Kyrioleys. Da sagten sie: Er ist eyn rechter Portugaleser / Yetzt schreiet er / jme grawet vor dem tode. <...>

**devorassem, pois que eu era português.**

[...]

<...> (*p. 95*) Se eu devia morrer mesmo, por que havia de cuidar ainda da minha carne para os outros! Assim pensei comigo. Reconduziram-me à minha choça, e deitei-me de novo em minha rêde. Só Deus sabia como estava aniquilado! Cantei, em altas vozes, o verso[90]:

> Agora pedimos ao Espírito Santo
> Pela fé verdadeira, com todas
> [as verdades
> Que nos preserve em nossa morte
> Quando deixarmos esta mísera
> [vida
> Kirie eleison![91]

(*p. 96*) Os selvagens porém disseram: "é um português legítimo. Agora grita, apavora-se diante da morte."

[...]

**Wie sie mich zů jrem obersten Könige Konyan Bebe genant / fůhreten / vnd wie sie damit mir vmb giengen. Cp. xxviij.**

[...]

[2.] (*f. giijv*) Wie ich nun hart bei die hütten kam / hörete ich eyn groß gerůff von singen vnd posaunen blasen / vnd vor den hütten stund eyn kopff oder funfftzehen auff reydeln / die selbigen waren von den leuten / so auch ire feind sein / vñ heyssen die Mar kayas / die sie gessen hatten / <...>

[...]

## CAPÍTULO 28.

**Como me conduziram ao Cunhambebe, seu mais alto chefe, e como lá me trataram.**

[...]

(*p. 97*) Quando vinha me aproximando das choças [*na aldeia "Arirabe", na Bahia de Angra dos Reis, após outubro de 1554*], ouvi um grande alarido; cantavam e tocavam em seus instrumentos de sopro. Diante das choças estavam espetadas cerca de quinze cabeças, sobre postes. Eram cabeças de maracajás, seus inimigos, e que êles haviam devorado. <...>

[...]

[*f. g4v*] [fig. 18][92]



[...]

[6.] <...> (*f. hr*) Darnach muste ich jnen singen / vnd ich sang Geystliche lieder / Da solte ich ich jnen außlegen auff jre sprache / Do sagte ich / Jch habe von meinem Gott gesungen. Sie sagten mein Gott were eyn vnflat / Das ist vff jre spraache / Teuire / gesagt / die worte theten mir wehe vñ gedachte / O du gütiger Got / was kanstu villeiden eyn zeit lang. <...>

[...]

[...]

<...> (*p. 100*) Tive que cantar-lhe alguma cousa, e entoei cantos religiosos, que precisei explicar-lhes em sua lingua. Disse: "Cantei sobre o meu Deus". Responderam que o meu Deus era uma imundicie, em sua lingua: teõuira. As palavras me doeram, e pensei comigo: "Ó tu, bom Deus, tens às vezes que tolerar muito!"

[...]

**Wie die xxv. nachen der o Tuppin Jkins ankamen / dauon ich den könig gesagt hatte / wolten die hötten anfallen darin ich war. Ca. 17 [correto: 28]**

CAPÍTULO 29.

**Como os tupiniquins vieram em vinte e cinco canoas, o que eu havia predito ao chefe, e atacaram a aldeia na qual eu estava.**

(f. hv) [fig. 19][93]




CAPITULO 34.

Wie der krankte König Jeppipo Wasu wider heym kam. Caput xxxv.

Como o chefe doente Nhaêpepô-oaçú voltou para casa.

(*f. ir*) [fig. 21][94]




CAPÍTULO 41.

**Wie die wilden zû krieg zogen / mich mitnamen / vnd was sich auff dem zuge begab. Caput xlij.**

[...]

[8.] (*f. liijr*) Wie der tag nu anbrach versamleten sich die obersten vmb eyn becken vol gesotner fisch / welche sie assen / vnd ertzelten die treume / sso vil das sie jnen wol gefielen / etliche tantzten mit den abgöttern / vnd sie waren willens den selbigen tag uff die naheyt bei jrer feind land zu fahren / bei eynen ort Boywassukange genät / daselbs

**Como os selvagens partiram para a guerra, levando-me consigo, e o que aconteceu nesta expedição.**

[...]

(*p. 127*) Ao romper do dia [*"numa capoeira em frente de uma ilha que é chamada pelos portugueses de São Sebastião e pelos selvagens, Meembipe", alguns dias após 14 de agosto de 1555*] reuniram-se os chefes em torno de uma igaçaba com peixes cozidos, que comiam, narrando uns aos outros os sonhos, até onde lhes aprazia. Alguns dansavam com os ídolos.

wolten sie dañ beyten bi d' sbentkem.

[...]

Desejavam no mesmo dia chegar bem perto da terra (*p. 126*) do seu inimigo [*os tupiniquins*], até um lugar chamado Boiçucanga, onde queriam ficar de espreita até à tarde.

[...]

(*f. liijv*) [fig. 25][95]



[*f. 14r*] [fig. 28][96]




CAPÍTULO 42.

**Wie sie mit den gefangenen vmbiengen auff dem heymzüge. Cap. xliij.**

[...]

[4.] <...> (*f. mijr*) Aber die Wilden waren mir sehr günstig / dañ ich hatte zuuorne gesagt / auff eben theur / die feind würden vns begegnen. Wie es nun also geriet / sagtẽ sie / Jch were eyn besser Prophet dañ jr Maraka.

Como trataram os prisioneiros durante a sua viagem de volta.

[...]

<...> (*p. 131*) Estavam portanto os selvagens bem intencionados para comigo [*entre fins de agosto e princípio de setembro de 1555*], pois eu lhes havia profetizado — por acaso — dizendo que os inimigos viriam ao nosso encontro. Quando isso aconteceu, disseram que eu era melhor profeta do que os seus maracás.

CAPÍTULO 43.

**Wie sie mit jren feinden tatzten / da wir vns des andern tages legerten. Cap. 44.**

Como dansaram os selvagens com os seus inimigos, quando acampamos no dia seguinte.

(*f. mijv*) [fig. 28][97]



[...]

[3.] (*f. mijv*) Den selbigen abent gebot er / eyn yeder solt seine gefangene vor den walt bringen bei das wasser auff eynem platz. Das geschahe. Da versamleten sie sich / machten eynen groessen run den kreyß / da stunden die gefangenen in. Da musten die gefangenen alle sampt singen vnnd rasseln mit den Abgöttern Tammaraka. Wie nun die gefangenen gasungen hatten / fiengen sie an zureden eyner nach dem andern / so freuelmütig vñ sagten: Ja / Wir zogen auß / gleich wie tapffere leut pflegen / (*f. miijr*) euch vnsere feinde zu fangen vnnd zuessen. Nun habt jr die oberhaut kriegt / habt vns gefangen / aber wir fragen nichts darnach / Die wehrhafftigen dapffern leut sterben in jrer fein de landt. So ist auch vnser lant noch so groß / die vnsern werden vns an euch wol

[...]

(*p. 132*) Na mesma tarde ordenou [*Cunhambebe*] que cada qual devia trazer o seu prisioneiro a um lugar, que ficava fronteiriço ao bosque, junto do mar [*em "Ocaraçu", promontório a sudoeste da baía de Parati*]. Assim fizeram. Os índios se reuniram, formaram uma grande roda e colocaram dentro os prisioneiros. Estes deviam todos juntos cantar e matraquear com os ídolos, os maracás. Depois, um após outro, discursava com audácia, dizendo: "Sim, partimos, como fazem os homens corajosos, a-fim-de a vós, nosso inimigo, aprisionar e comer. Mas então tivestes a supremacia e nos capturastes. Isso não nos importa. Guerreiros valorosos morrem na terra de seus inimigos. E a nossa terra ainda é grande. Os nossos logo nos vingarão em vós". Ao que respon(*p. 133*)diam os outros: "Vós já exterminastes

rechnen. Ja sagten die andern / Yhr habt der unsern schon vil vertilget / das wöllen wir an euch rechen.

[4.] Wie die rede außwar / führet eyn yeder sein gefangen wider in sein losament.

[...]

muito dos nossos. Tal queremos vingar em vós". Quando terminaram de discursar assim, cada um conduziu de volta o seu prisioneiro ao seu abrigo.

[...]

[LIVRO SEGUNDO]

LIVRO SEGUNDO

A TERRA E SEUS HABITANTES

**Warhafftige kurtzer bericht / handel vnd sitten der Tuppin Jnbas / derer gefangner ich gewesen bin / wonent in America jre landt schafft ligt in 24. gradus uff der Seuden seit 8 linienaequinoctial / jr landtstoffet an eyn resier / Rio de Jenero genant.**

**Pequeno relatório verídico sobre a vida e costumes dos tupinambás dos quáis fui prisioneiro.**

**Habitam a América; sua terra fica a 24º de latitude sul, limitando com uma região que é chamada Rio de Janeiro.**

**Von eynen grossen gebirge / welches im Lande ligt. Cap. iij**

[1.] (*f. pv*) ES hat eyn gebirge / reychet auff drei meil nahe bei das Meer auff örtern weiter / auch wol neher / vnd gehet an vngeferlich inn der höhe / Boiga de Todolos Sanctus / eyn flecken so genant / dahin die Portugaleser gebawet vnd da wonen / vnnd dasselbige gebirge strecket sich die lenge andem mercher / vollkomlich 204. meil / vnd in der höhe 29. gradus / auff der Suden seiten / der linien aequinoctial / <...>

[...]

[5.] (*f. pijr*) Sie lassen lang har dem heupt / Auch lange negel auff den fingern erwachsen. Sie haben sunst auch der rasselen Maraka genant / wie die andern Wilden / welche sie für göter halten / haben jre getrencke vnd däntze / <...>

[...]

CAPÍTULO 3.

**De uma grande cadêia de montanhas que existe na terra.**

(*p. 153*) Existe aí uma cadêia de montanhas que se aproxima até três milhas do mar, nalguns lugares mais, noutros menos. Começa mais ou menos à altura da baía de Todos-os-Santos, – povoação que os portugueses erigiram e habitam – estendendo-se num total de duzentos e quatro milhas ao longo da costa, até terminar a 29º ao sul do Equador. <...>

[...]

(*p. 154*) Deixam [*os guaianás, índios que vivem nessa serra*] crescer os cabelos e as unhas. Como outros gentios, têm matracas chamadas maracás, que consideram deuses. Organizam também festins e dansas. <...>

[...]

CAPÍTULO 15.

**Wie sie jre gedrencke machen daren sie sich drincken / vnd wie sie sich halten mit dem trincken. Caput xv.**

**Como preparam a bebida, com que se embriagam, e como agem relativamente a ela.**

[...]

[6.] [*f. q4r*] Das trincken wehret die gantze nacht / dantzen auch wol zwischen den brenden her / rüffen vnnd blasen mit possunen / machen eyn schrecklich gerücht wann sie truncken werden. Auch sihet man wenig das sie vneyns werden. Sie sein auch eynander sehr günftig / was der eyne mehr hat von essen speiß dann der ander / teylet er jme mit.

[...]

(*p. 167*) Bebem durante a noite toda. Dansam também às vezes entre as fogueiras ardentes, clamam, sopram em seus instrumentos e fazem uma gritaria medonha, quando ficam embriagados[98]. É raro ver-se porém que se desavenham. São muito benévolos entre si; o que tem em maior quantidade para comer do que outro, cede-lh'o.

CAPÍTULO 23.

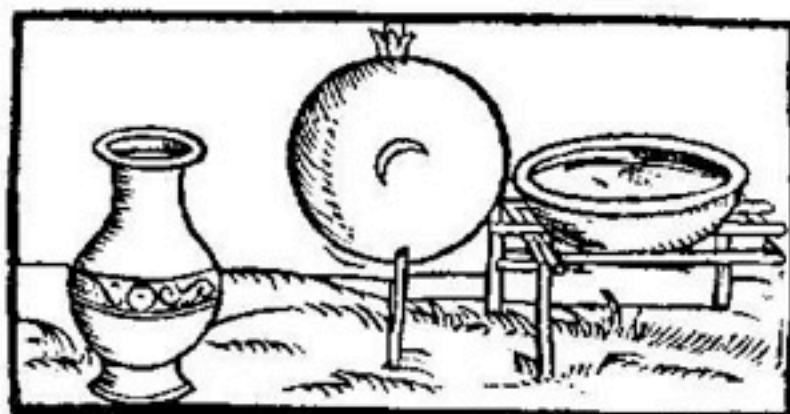
**Woran sie gleuben. Cap. XXIII.**

**No que acreditam.**

[1.] (*f. riijv*) SJe gleuben an eyn ding / das wechst wie eyn kürbs / ist so groß wie eyn halb muß döppen. Jst inwendig hoel / stecken eyn stecklin dardurch / schneiden eyn löchlein darein wie eyn mundt / vnd thun kleyne steunlein darein / es rasselt / Rasseln darmit wann sie singen vnd tantzen / vnd heyssen es Tammaraka. Jst so geformirt wie volget.

(*p. 173*) Os selvagens crêem numa cousa que cresce como um abóbora. É grande como um pote de meia pinta e ôca por dentro. Fincam-lhe attravés um pequeno cabo, cortam-lhe uma abertura como uma boca e metem-lhe no interior pequenas pedras, de modo que chocalha. Sacolejam isto quando cantam e dansam. Chamam-no maracá. Cada um dos homens possue o seu, particularmente[99]. Tem o aspeto que mostra a seguinte figura.

[*f. r4r*] [fig. 41][100]



[2.] [*f. r4r*] Dieselbigen hat das Mans volck / eyn yeder seun eygens / so feind nin etliche vnter jnen / welche sie heyssen Paygi / werden vnter jnen geachtet gleich wie man hie die warfager achtet / dieselbigen ziehen des jars eyn mal durchs landt in alle hütten / vnd geben für / Wie das eyn geyst sei bei jnen gewesen / welcher weit hervon freunbden örtern kom̃en were / bette jnen macht geben / das alle die rasselen Tammaraka / welche ße wöllen / sollen sprechen vnd macht bekommen wo sie es vmb bitten solle er gewehret sein Eyn yeder will dann / das in seine rasselen die gewalt kom̃e / machen eyn groß fest / mit trincken singen vnd weissagen / halten vil seltzamer Ceremonien. Darnach bestimmen die wahrsager eynen tag / in eyne hütten / welche sie ledig machen / müssen keyne weiber oder kinder darinne bleiben dañ gebieten die wahrsager / das eyn jeder sein Tammaraka tot vermale / mit jedern vnd dahin komme / so wöllo er jnen die gewalt vberlifferen das sie sprechen sollen. Darnach komen sie in die hütten / so setzen sich die warsager obenan vñ haben jre Tammaraka bei sich in der erdenstecken / Darbei stecken die andern jre auch / Eyn yeder gibt den [*f. r4v*] Warsagern geschenck / welches sein flitschpfeile / feddern / dinger die sie an die ohren hencken / auff das ye seines Tammaraka nicht vergessen werde. Wann sie dañ alle bei eynander sein / so nimpt er dann eyn yedern Tammaraka sinderlich / vnd bereuchert es mit kraude / welchs sie Bittin nennen. Darnach nimpt er die Kassel hart vor den mundt / vnd rasselt mit / vnd sagt zů jm: Nee Kora / nun rede / vnd laß dich hören / bistu darinne. Dann redet er kleinlich / vnd gerad eyn wort das man nicht wol mercken kan. Ob es die rassel thu / oder ob er es thue / Vnd das ander volck meynet / die rasset thu es. Aber der warsager thuts selbs / so thut er mit allen rasseln / eyner nach der andern. Eyn yeder meynet dann / das seine rassel grosse macht bei sich

Há entre êles algumas pessoas a que chamam pagé. São considerados por êles como aqui se consideram os adivinhos. Perambulam uma vez por ano através da terra, vão a todas as choças e relatam que um espírito, vindo de longe, do estranho, os visitara, investindo-os da faculdade de fazer falar e dar poder a todas as matracas — os maracás — se o quisessem; o que pedissem os pagés, ser-lhes-ia concedido. Cada um então queria que sua matraca tivesse poder. Preparam uma grande (*p. 174*) festa, bebem, cantam e fazem agouros, levando ainda estranhos usos a efeito.

Depois disso, designam os adivinhos um dia. Desocupa-se uma choça, na qual nenhuma mulher ou criança deve permanecer. Os feiticeiros ordenam que cada um pinte de vermelho o seu maracá, adorne-o com penas e lá entre. Querem então dar às matracas o poder de falar.

Quando entram na choça, sentam-se os adivinhos em primeiro lugar e cravam seus maracás no chão, perto de si. Os demais fincam-lhes ao pé os seus, e cada qual dá aos feiticeiros um presente — flechas, penas ou ornatos que trazem pendurados às orelhas, a-fim-de que seu ídolo não seja esquecido. ogo que estão todos reunidos, toma o adivinho o maracá de cada um dêles e incensa-o com uma herva que chamam pitim. Segura então a matraca bem junto à boca, chocalha-a e diz-lhe: "Né cora", fala agora e faze-te ouvir, se aí estás. Profere após em voz alta e depressa uma palavra, de modo que não se pode bem distinguir se a emitiu êle ou a matraca. Os presentes acreditam que a matraca a disse, mas o próprio feiticeiro a emitiu. Assim o faz com todas as matracas, uma após outra, e cada um fica pensando que o seu maracá tem grande poder. Ordenam-lhes então os adivinhos que partam para a guerra na captura de inimigos, pois apetece aos espíritos que estão nos maracás comer carne escrava. E partem após para a guerra.

hab. Dann gebieten jnen die warsager / das sie zû kriege ziehen / feinde fangen / dann die geyster so in den Tammaraka seien / gelûste schlauen fleysch zuessen / dennach ziehen sie zû kriege.

[3.] Wenn nun der warsager Paugi auß allen rasseln götter gemacht hat / so nimpt dañ eyn yeder sein rasseln hin / heysset sie lieber sohn / machet jr eyn eygen hûttlin / da es inne stehet / setzt jme essen vorr / begert von ime alles was jme von nôten ist / gleich wie wir den warhafftigen Gott bitten / das sien nu jre götter. <...>

[...]

[5.] Wie ich nu das erste mal vnter sie kam / vnd sie mir daruon sagten / meynte ich es were ettwan eyn Teufels gespenste / (*f. sr*) Dan sie sagten mir offtmals wie die dinger sprechen machen / musten sie sich alle nider setzen. Aber wie ich den betrûg sahe / gieng ich zur hûtten hinnaus / gedachte / Wie eyn armes verblentes volck ist das.

Quando o pagé, o feiticeiro, tornou divinas todas as matracas, toma cada qual a que lhe pertence de volta, chama-a "querido filho", faz-lhe uma pequena choupana, na qual será colocada, põe-lhe em frente comida e implora-lhe tudo quanto a si é necessário, do mesmo modo como rogamos nós ao verdadeiro Deus. São então os seus deuses.

[...]

A princípio, quando cheguei entre êles e falaram-me dos maracás, calculei que fosse, talvez, uma arte do diabo, pois narravam-me muitas vezez como os objetos falavam. Quando fui à choça em que estavam os feiticeiros que deviam fazer as cousas falar, tinham todos que assentar-se. Eu porém saída cabana, quando reconheci a farça, e pensei comigo: pobre gente cêga é esta!

## CAPÍTULO 27.

**Wie sie jre anschlege machen wan sie wôllen in jrer feinde landt zû krieg ziehen. Cap. 25. [correto: 27]**

**Como se preparam quando querem empreender uma excursão guerreira na terra dos contrários.**

[1.] <...> (*f. sijr*) Wañ jnen treume nun wol behagen / rûsten sie zû / machen in allen hûtten grosse getrencke / trincken vnd tantzen mit den abgöttern Tammaraka / eyn yeder bittet seinen / das er jm helff eynen feind fangen. <...>

[2.] <...> (*f. sijv*) Wie sie gessen hatten / verzeleten sie die treume / so viel das sie jnen wol behagten / darnach tantzten sie mit den Tammaraka <...>

[...]

(*p. 177*) Quando então os sonhos lhes agradam, armam-se, preparam em todas as choças grandes festins, bebem e dansam com os seus idolos, os maracás, e cada um pede a sua matraca que o ajude a capturar um inimigo.

[...]

<...> (*p. 179*) Depois que comeram, relataram seus sonhos, e havia muitos dêstes que os agradaram bastante. A seguir dansaram de alegria com os maracás.

[...]

CAPÍTULO 29.

**Mit was ceremonien sie jre feinde tödten vnd essen. Womit sie sie todtschlagen / vnd wie sie mit jnen vmbgehn. Cap. xxix.**

[1.] <...> [*f. s4r*] eynen tag oder zwen zuu den / ehe dann die weiber die getrencke machen / führen sie den gefangen eyn mal oder zwey auff den platz / dantzen vmb jnen her.

[2.] [*f. s4v*] Wann sie nun alle bei eynander sein / die von aussen kom̃en / so heysset sie der Oberste der hütten wilkommen / spricht / So kompt / helffet ewern feind essen. Des tages zuuorne / ehe sie anheben zutrincken / binden sie dem gefangenen die schnur Mussurana vmb den hals. Desselbigen tages vermalen sie das holz / Jwera Pemme genant / darmit sie jnen todt schlagen wöllen <...> Ist lenger dann eyn klaffter / streichen ding daran das klebet. Dañ nemen sie eyer schalen die sein graw / vnd sein võ eynem vogel Mackukawa genãt / die stossen sie kleyn wie staub / vnnd streichen dann an das holtz. Dann sitzet eyn fraw vnd kritzelt in dem angeklebten eyer schalen staub. Dieweil sie malet / stehet es vol weiber vmb sie her / die singen. Wann das Jwera Pemme dann ist wie es sein soll / mit fedder questen vnd anderer reyd schafft / hencken sie es dann in ayne reydel / vñ singen dañ darumb her die gantze nacht.

[3.] Desselbigen gleichen vermalen sie dem gefangenen sein angesicht. Auch dieweil das weib an jme malet / dieweil singen die andern. Vnnd wann sie anheben zutrincken / so nemen sie den gefangnen bei sich der trincket mit jnen / vnd sie schwerzen mit jme.

[...]

**Solenidades dos selvagens por ocasião da matança e devoramento dos seus inimigos. Como executam êstes e como os tratam.**

[...]

<...> (*p. 179*) Um ou dois dias antes das mulheres fabricarem as bebidas, conduzem o prisioneiro uma ou duas vezes ao pátio dentre as cabanas e dansam-lhe em volta.

Logo que estão reunidos todos os que vieram de fora, dá-lhes as boas vindas o principal da choça e diz: "Vinde agora e ajudai a comer o vosso inimigo". No dia, véspera de começarem a beber, amarram a mussurana [*corda*] em torno do pescoço do prisioneiro e pintam o ibirapema [*arma*] com que o pretendem matar. <...> Os selvagens a untam com uma substância grudenta. Tomam então cascas de ovo dum pássaro, o macaguá [*acauã*], que são cinzentas, reduzem-nas a pó, e espalham isto sobre o tacape. Depois se assenta uma mulher e garatuja nesta poeira de cascas de ovo, que está grudada. Enquanto ela desenha, rodeiam-na, cantando, muitas mulheres [fig. 43].

Estando o ibirapema como o deve, ornado com borlas de penas e outros enfeites, será pendurado acima do chão, numa vara, numa choça vazia. Os selvagens cantam então, através da noite toda, em volta desta choça. Do mesmo modo, pintam o rosto do prisioneiro, e enquanto uma mulher o pinta, cantam as outras. Quando principiam a beber, levam consigo o prisioneiro, que bebe com êles, e com o qual se divertem. <...>

[...]

(*f. tv*) [fig. 43][101]



(*f. tijr*) [fig. 44][102]



(*f. tijv*) [**fig. 45**][108]



95 . No excelente trabalho de HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (*Música sacra evangélica no Brasil*, 1961, cap. I, p. 33), podemos ler: « Assim é que, ferido, sangrando e rodeado de selvagens que ameaçavam devorá-lo, HANS STADEN ergueu a voz e entoou o **Salmo 130: "Das profundezas a ti clamo, ó Senhor"**, cuja versão alemã **Aus tiefer Noth schrei ich zu dir**, por êle cantada, fôra preparada e musicada em forma de coral por MARTINHO LUTERO alguns anos antes, em 1523, e publicada no ano seguinte em Wittenberg, na primeira coleção editada pelo Reformador: *Etlich Christlich Lieder Lobgesang und Psalm* (geralmente conhecida como **Achtliederbuch**). Muito estimado por LUTERO, êste **Salmo**, que é o célebre **De profundis**, tinha sido cantado em seu funeral, em 1546, e permanecia um dos corais preferidos nesses primeiros e difíceis tempos da Reforma, quando os seus adeptos encontravam muitas oportunidades de entoá-lo porque se tornara, por excelência, o verdadeiro grito de angústia dos sofredores ». A autora reproduz, em prancha entre as pp. 32-33, um fac-símile desta melodia, parte do tenor de um coral a 4 vozes, extraído do MS *Geystliche Gsangbüchlin*, de 1525. Cf. o EXEMPLO MUSICAL II-4.

96 . Título da figura, na edição de 1974 (p. 93): « A aldeia de Ubatuba, etapa final da viagem de retorno dos tupinambás, vindos de Bertioga e local onde permaneceu prisioneiro Hans Staden, que está agora sendo objeto do conhecimento das mulheres. Um pouco acima, outro mostra uma delas raspando-lhe as sobrancelhas ».

87 . Este é, efetivamente, o primeiro registro conhecido do termo **maracá**, o instrumento indígena que mais curiosidade causou aos europeus, sendo descrito já desde 1549, como se pode ler na carta de MANUEL DA NÓBREGA **+** , de agosto desse ano (§ 3). ANTÔNIO RUIZ DE MONTOYA (**Tesoro de la lengua guarani**, 1639, f. 212v) escreve « **Mbaracá**. Calabaço con cuentas dentro, que sirve de instrumento para cantar, y de ahi ponen nombre a todo instrumento musico ». Frei ONOFRE (por PLINIO MARQUES DA SILVA AYROSA, **Dicionário português-brasiliano e brasiliano- português**, 1934, p. 233) é mais sucinto: « **Maracá** – guiso, chocalho, cascavel ». GONÇALVES DIAS (**Dicionário da língua tupi**, 1858, p. 92) traz « MARACÁ I. Instrumento das solemnidades religiosas dos indios: cascavel. II. Arvore de fructo que nasce pela terra firme, que se dis semilhante a uma especie da **crescentia** de Linneo. III. Por ampliação do sentido directo da palavra, da-se hoje este nome a um chocalho feito de lata e cheio de pedrinhas, que serve às crianças de brinquedo ». JOÃO BARBOSA RODRIGUES (**Vocabulário indígena**, 1892, p. 23), que escreve "**Marabá**", dá apenas « chocalho, guizo » e BAPTISTA DE CASTRO (**Vocabulário tupi-guarani**, 1936, p. 67) diz « MBARACÁ – (**mbara** –|– cai) – instrumento musical dos tupis e guaranis; maracá, chocalho ». ERMANO STRADELLI (**Vocabulário da língua geral**, 1929, p. 514) também encontrou o termo no nheengatú: « Maracá – Maracá – Chocalho feito de uma cabaça esvasiada, enfiada num pão e cheia de pedrinhas ou de fructas duras. Os maracás são feitos em geral de cuiete, mas ha maracás feitos de um tecido de talas, e o dos pagés costumam ser feitos com uma espécie de pequena coloquintide silvestre, que cresce nas serras. Os que servem para puxar a dança são pelo commum ornados de pennas, que variam conforme a tribu, assim como de desenhos elegantissimos, incisos, e tornados vistosos com tabatinga ». TEODORO SAMPAIO (**O tupi na geografia nacional**, 1987, p. 275) acrescenta: « **Maracá** – corr. **Marã-acã**, a cabeça de fingimento ou de ficção ». LUIS DA CÂMARA CASCUDO (**Dicionário do folclore brasileiro**, 1986, p. 471) também o descreve: « O primeiro dos instrumentos indígenas no Brasil. É o ritmador dos cantos e das danças amerindios. É uma cabaça (**Crescentia cujeta**, Lin.) na extremidade de um pequenino bastão-empunhadura, no interior há sementes secas ou pedrinhas, fazendo rumor pelo atrito nas paredes internas do bojo ». Este autor, como MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, pp. 303-304), fornece ainda informações adicionais sobre o instrumento (MÁRIO DE ANDRADE também o dá sob a designação **tamaracá**, extraída de HANS STADEN **+** ). Bastante documentado nos séculos XVI e XVII, os maracás eram mais que simples instrumentos musicais. Os índios os tinham como ídolos, atribuindo-lhes o *poder da fala*. Os jesuítas já haviam notado esse fenômeno, mas é STADEN o autor que mais evidencia essa função religiosa do maracá. No cap. XXIII, f. r iiijv já é bastante clara: « SJe glauben an eyn ding / das wechst wie ey kürbs / ist so groß wie eyn halb maß döppen. Jst inwendig hoel stecken eyn stecklin dadurch / schneiden eyn löchlein darein wie eyn mundt / vnd thun kleyne steynlein darein / es rasselt / Rasseln darmit wann sie singen vnd dantzen / vnd heyssen es **Tammaraka** » ( « Os selvagens crêem numa cousa que cresce como uma abóbora. É grande como um pote de meia pinta e ôca por dentro. Ficam-lhe um pequeno cabo, cortam-lhe uma abertura como uma boca e metem-lhe no interior pequenas pedras, de modo que chocalha. Sacolejam isto quando cantam e dansam. Chamam-no maracá » ).

88 . ROBERT SOUTHEY (**History of Brazil**, v. I, 1810, cap. VII, p. 187) narra este episódio com tais palavras: « Then they led him before the door of the tabernacle wherein the Maraca, or rattles of divination, were kept; they fastened a string of little rattles round each leg, and placed upon his head a square coronal of straight feathers. Two women stood on each side of him, the rest made a circle round, and bade him dance his dance to their singing. He could scarcely stand for the pain of his wound, nevertheless dance he must, and keep time in his steps, that the anklets might rattle-in in time. This dance was the **Urasse**,.. it seems to have been a religious ceremony in honour of the Maraca ».

89 . Título da figura, na edição de 1974 (p. 92): « Dança das mulheres, em Ubatuba, tendo no meio Hans Staden, que está com um ornato de penas na cabeça. Ao centro, acima, vê-se duas ilhas bem em frente ao litoral da aldeia ».

90 . ROBERT SOUTHEY (**History of Brazil**, v. I, 1810, cap. VII, p. 190) resume esta passagem: « I call God to witness, says he, what my pain was! and with a sorrowful voice I began to sing a hymn ». O mesmo autor (**op. cit.**, p. 190, nota 7) dá a versão latina desse cântico: « Sanctum precemur Spiritum | Verâ beare nos fide, | Ut nos in hac reservet, | In fine nempe vitae | Hinc quando commigramus | Doloribus soluti | Kyrie eleison! ».

91 . HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (**Música sacra evangélica no Brasil**, 1961, cap. I, p. 35) informa, novamente: « Após acerba desilusão com respeito a um europeu em que confiara, dêle esperando que intercedesse favoràvelmente em prol da sua liberdade, voltou-se para Deus e recordou, em alta voz, o versículo que se encontra em **Jeremias 17:5** – "**Maldito o homem que no homem confia**" – e, conforme refere em sua obra, entoou o coral **Nun bitten wir den Heiligen Geist** (**Agora pedimos nós o Espírito Santo**), com isso atraindo a atenção dos silvícolas, particularmente propensos à música. Êste coral, um dos primeiros que LUTERO preparou para uso eclesiástico, é contemporâneo de **Aus tiefer Noth**, tendo, igualmente, integrado a coleção coràlica de 1524. De profunda expressividade, encerra em sua primeira estância um hino tradicional da Idade Média (séc. XIII) burilado pelo Reformador, que lhe acrescentou mais três estrofes de sua própria lavra para completar a invocação ao Espírito Santo nêle contida. Era muito apreciado entre os fiéis luteranos e a sua execução deve ter proporcionado a HANS STADEN, na precária situação em que se encontrava, o desejado confôrto espiritual ». A melodia é bastante conhecida e foi transcrita pela autora a partir de um *Evangelisches Kirchengesangbuch* (Kassel, 1950, melodia nº 99), acompanhada do seguinte texto (a primeira das

quatro estrofes: « Nun bitten wir den Heiligen Geist | um den rechten Glauben allermeist, | daß er uns behüte an unserm Ende, | wenn wir heimfahrn aus diesem Elende. | Kyrieleis ». Cf. o EXEMPLO MUSICAL *II-B*.

92 . Título da figura, na edição de 1974 (p. 99): « A aldeia de Ariró, do Chefe Cunhambebe, onde Staden com as pernas ligadas, se avistou com o mesmo, que é o indígena que traz acangatara, tembetá e enduape. Essa aldeia, segundo se deduz de Staden e de antigos mapas, ficava na baía de Angra dos Reis ».

93 . Título da figura, na edição de 1974 (p. 101): « Ataque dos tupiniquins à aldeia de Ubatuba ».

94 . Título da figura na edição de 1974 (p. 108): « Staden preparando-se para amparar os doentes que chegam. Êles morreram, no entanto, e estão sendo enterrados em covas junto às cabanas ».

95 . Título da figura na edição de 1974 (p. 126): « Acampamento de tupinambás nas proximidades da ilha de São Sebastião. Vê-se Hans Staden de pé, assinalado com uma cruz ».

96 . Título da figura na edição de 1974 (p. 127): « A luta entre tupiniquins e portugueses, com os tupinambás, nas proximidades de Boiçucanga. Ao fundo e à esquerda, os fortes de São Tiago (Bertioga) e de São Felipe (Santo Amaro) ».

97 . Título da figura na edição de 1974 (p. 132): « O acampamento de Ocaraçú, segunda etapa da viagem de retorno para a aldeia de Ubatuba. A dança a roda dos restantes prisioneiros ».

98 . ULRICH SCHMIDEL, na *Warhaftige vnd liebliche Beschreibung...*, publicada por SEBASTIAN FRANCK (***Ander theil dieses Weltbuchs***, 1567, livro II, cap. LII, f. 24r) traz informação semelhante: « Sie haben jhren wollust vnd freud mit dem ewsingen Kriegen. Trincken vnd essen / vnd seyn tag vnnd nacht voll / tantzen sie gern / vnd führen dermassen ein solch Epicurisch leben / darvon nicht zuschreiben ist » [**segue-se nossa tradução**]: « Eles [os "tupis"] têm freqüentemente na guerra sua diversão e alegria. Bebem e comem dia e noite e gostam muito de dançar, levando uma vida tão epicurista, que nem se pode descrevê-la ».

99 . ROBERT SOUTHEY (***History of Brazil***, v. I, 1810, cap. VII, pp. 197-198), resumindo o episódio que STADEN narra no princípio do cap. 24 do "livro primeiro", reescreve esta descrição do **maracá**: « All the Maraca were now brought out. This familiar oracle of the Brazilian Savages is made of a fruit so called, which resembles a gourd, and is capable of containing about three pints in its cavity. This is fixed upon a handle, human hair is sometimes fastened on the top, and a slit is cut in it to represent a mouth, through which their jugglers, whom they call Payes, make it utter its responses. A few pebbles are inserted to make it rattle, and it is crowned with the red feathers of the Goaraz. Every man had his Maraca ».

100 . Título da figura na edição de 1974 (p. 173): « Um maracá, um pote e uma panela de barro ».

101 . Título da figura na edição de 1974 (p. 181): « As mulheres pintando o ibirapema e o rosto do prisioneiro ».

102 . Título da figura na edição de 1974 (p. 182): « O ibirapema pendurado na cabana e a dansa em seu redor ».

103 . Título da figura na edição de 1974 (p. 183): « O prisioneiro ao centro bebe em companhia dos seus executores, que também fumam sentados à sua roda ».

# 52

## ANDRÉ THEVET
## (1502 - 1590)

LIVRO: AS SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTÁRTICA. Paris, Maurice de la Porte, 1557.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: As edições mais conhecidas deste livro são as seguintes: **Les singvlaritez de la France Antarctique...** (Paris, Maurice de la Porte, 1557); **idem** (Anvers, Christophle Plantin, 1558); **idem** (Paris, Maurice de la Porte, 1558); **Historia dell'India America detta altramente Francia Antarctica...** (Venezia, Gabriel Giolito de Ferrari, 1561); **The New found worlde, or Antarctike...** (London, Bynneman, 1568); **Les singularitez de la France Antarctique...** (Paris, Maisonneuve & Cie, 1878); **Singularidades da França antarctica...** (São Paulo, Ed. Nacional, 1944, Brasiliana, v. 219); **idem** (Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1978, col. Reconquista do Brasil, v. 45).

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, livro II, cap. I, nº 2, p. 40) informa: « Thévet era homem já viajado, de melhor formação cultural [que Léry], e autor de uma **Cosmografia** (**Cosmographie du Levant...** Lyon, 1554-1556) quando acompanhou Nicolas Durand de Villegaignon ao Brasil. Este projetara fundar aqui uma colônia francesa, a França Antártica. Thévet permaneceu no Brasil três meses, de 10 de novembro de 1555 a 31 de janeiro de 1556. Dessa permanência na terra e de suas observações, especialmente etnográficas, deixou uma crônica valiosa, testemunho dos fatos históricos e registo da vida dos grupos indígenas aliados dos franceses ».

EDIÇÃO UTILIZADA: *Les | SINGVLARI-|tez de la France An-|tarctique, avtrement nom-|mée Amerique, & de plusieurs Ter-|res & Isles decouuertes de no-|stre temps: | Par F. Andre Thevet, na-|tif d'Angovlesme. | A Anvers, | De l'imprimerie de Christophle Plantin | a la Licorne d'or. | 1558. | Avec Privilege dv Roy.* (16 x 9; 8 ff. pr., 166 ff. num., 2 ff. inum., grav.. BIEB: LR 2, 5).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: *As Singularidades da França Antártica*; tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1978. 271 p. (Coleção reconquista do Brasil, v. 45).

TEXTO FRANCÊS

Des faux Prophetes et Magiciẽs de ce païs qui communiquent auec les esprits malings: et d'vn Arbre nommé Ahouaï.

CHAP. XXXVI.

TRADUÇÃO

Capítulo XXXVI

Dos falsos profetas e magos desta terra, os quais se comunicam com os espíritos malignos – e também de uma árvore chamada "auaí[104]"

(*f. 65r [correto: 67r]*)[105] [fig. 13]



**La maniere de leurs combats, tant sur eau, que sur le terre.**

**CHAP. XXXIX.**

[1.] <...> (*f. 73v*) [*"Tabourins, fifres, et autres instruments, excitent les esprits."*] Noz Sauuages victorieux, monstrent tous signe de i'oye, sonans fifres, tabourins, & chantans à leur mode: ce qu'il fait tresbon ouïr, auec les instrumẽs de mesme, faits de quelques fruits cauez par dedans, ou biens d'os de bestes, ou de leurs ennemis. Leurs instrumens de guerre sont richement estoffés de quelques beaux pennaches pour decoration. Ce que l'on fait encores auiourd'huy, & non sans raison, ainsi en a l'on vsé le temps paßé. Les fifres, tabourins, & autres instrumens semblent eéueiller les esprits assopis, & les exciter ne plus ne moins que fait le souflet vn feu à demy mort. Et n'y a ce me semble, meilleur mogen de susciter l'esprit des hommes, que par le son de ces instrumẽts car non seulement les hommes, mais ausi les cheuaux, sans toutesfois en faire comparaison aucune, semblent tressailir comme d'vne gayeté de coeur: ce qu'a esté obserué de tout temps. Il est vray, que les Ameriques, & ces autres Barbares vsent coustumieremẽt en leurs assaults & combats de cris & hurlements fort épouuentables, ainsi que nous dirons cy apres des Amazones.

**Capitulo XXXIX**

**De como os selvagens combatem tanto na água quanto em terra**

[...]

(*p. 129*) Quando nossos selvagens regressam vitoriosos a seus lares, são recebidos pelos que lá ficaram com demonstrações de júbilo, ao som de pífaros[106], tamborins[107] e cânticos. É muito interessante ouvir-se esta música, tocada com instrumentos primitivos, feitos de frutos dos quais se retira a polpa, ou então de ossos de animais (quando não de ossos humanos[108]...). Estes instrumentos de guerra são ricamente enfeitados com alguns penachos decorativos. Trata-se de um costume muito antigo, que se conservou inalterado até os dias que correm.

Flautas, tamborins, etc, parecem despertar os ânimos adormecidos, reavivando-os qual sopro de fole no braseiro semi-apagado. Realmente, não me parece haver melhor meio de inflamar os espíritos do que o som destes instrumentos, pois a música excita não apenas os homens, mas até mesmo os cavalos! Não que eu queira com isso fazer qualquer comparação entre ambos, mas os cavalos até parecem estremecer ao som da música, em virtude da alegria que lhes enche o coração. Este fato tem sido frequetemente observado através dos tempos.

Na verdade, não só os americanos, mas também outros povos bárbaros têm o costume de realizar seus assaltos e combates ao som de medonhos gritos e uivos, como veremos dentro em pouco no capítulo referente às amazonas.

(*f.* 72r)[109] [fig. 16]



Capitulo XL

**Comme ces Barbares font mourir leurs ennemis, qu'ils ont pris en guerre, et les mangent. CHAP. XL**

**De como esses bárbaros matam e devoram seus prisioneiros de guerra**

[1.] <...> (*f. 74v*) Si de ce prisonnier & de la femme qui luy est donnée, prouiennent quelques enfants, le temps, puis ils les mangeront, se recordans qu'ils sont enfans de leurs ennemis. Ce prisonnier ayant esté bien nourri & engreßé, ils le feront mourir, estimas cela à grand honneur. Et pour la solennité de tel massacre, ils appelleröt leurs amis plus loingtains, pour y aßister, et en

[...]

(*p. 131*) Se porventura nasceram filhos da união do prisioneiro e da mulher que lhe foi dada, eles serão criados na tribo durante algum tempo, mas depois também serão devorados porque, afinal de contas, são filhos de um inimigo.

Depois que o prisioneiro está devidamente cevado e engordado, matam-no, considerando uma grande honra o ato da execução. E para a solenidade convidam todos os seus

manger leur part. Le iour du massacre il sera couché au lict, bien enferré de fers (dont les Chrestiens leur ont donné l'vsage) chantãt tout le iour & la nuict telles chansons, les **Margageas** noz amis sont gens de bien, forts & puissans en guerre, ils ont pris & mangé grand nombre de noz ennemis, außi me mangerõt ils quelque iour quand il leur plaira: mais de moy, j'ay tué & mangé des parents el amis de celuy qui me tiẽt prisionier: auec plusieurs semblables paroles. Par cela pouuez congnoistre qu'ils ne font conte de la mort, encores moins qu'il n'est poßible de penser. <...>

[...]

amigos, que moram mais distante, para que venham assistir às festas e participar do banquete.

Nesse dia, o prisioneiro é deitado na rede e preso com correntes de ferro (cujo uso, aliás, foi introduzido entre os índios pelos cristãos). Durante todo o dia e toda a noite, o condenado entoa canções como esta: "Meus amigos margajás são pessoas honradas e são (*p. 132*) hábeis e fortes guerreiros. Eles prenderam e devoraram grande número de inimigos. Agora serei devorado por eles, no dia marcado. Eu, porém, já matei e devorei muitos parentes e amigos do homem que me aprisionou". E outras canções como esta. Isto mostra claramente que a morte quase não lhes causa preocupação de espécie alguma.

[...]

### Des Ceremonies, sepulture, et funerailles, qu'ils font à leurs decés. CHAP. XLIII.

[1.] <...> (*f. 80v*) ["*Dueil des Sauuages à la mort d'un pere de famille.*"] Dõques entre ces Sauuages, si aucun pere de famille vient á deceder, ses femmes, ses proches parents et amis meneront vn dueil merueilleux, non par l'espace de trois ou quatre iours, mais de quatre ou cinq moys. Et le plus grand dueil, est aux (*f. 81r*) quatre ou cinq premiers iours. Vous les entendrez faire tel bruit & harmonie comme de chiens & chats: vous verrez tant hõmes que femmes couchez sur leurs couchettes pensiles, les autres le cul contre terre s'embraissans l'vn l'autre, comme pourrez voir par la presente figure: disans en leur lãgue, Nostre pere & amy

### Capítulo XLIII

### Das cerimônias fúnebres, do sepultamento e dos funerais que os selvagens realizam

[...]

(*p. 140*) Entre estes selvagens, quando falece algum chefe de família, suas esposas, seus parentes mais próximos e seus amigos mais chegados guardam pesadíssimo luto, não apenas por três ou quatro dias, mas durante quatro ou cinco meses! Os sinais exteriores deste luto são mais impressionantes nos primeiros quatro ou cinco dias. Nessa época, pode-se escutá-los fazendo um ululante alarido, como se fossem cães e gatos reunidos. Choram homens e mulheres, alguns deitados em suas redes, outros sentados no chão e abraçanco-se uns aos outros, como se pode ver na gravura, enquanto dizem em sua língua: "Como nosso

(*f. 81r*)[110] [fig. 19]



estoit tant homme de bien, si vaillant á la guerre, qui auoit tant fait mourir de ses ennemis. Il estoit fort & puissant, il labouroit tant bien noz iardins, il prenoit bestes et poissons pour nous nourrir, helas il est trespassé, nous ne le verrons plus, sinos apres la mort auec noz amis, aux païs que nos **Pagés** nous disent auoir veux, & plusieurs autres semblables parolles. Ce qu'ils repeteront plus de dix mille foix, continuans iour & nuit l'espace de quatre ou cinq heures, ne cessans de lamenter. Les enfants du trespassé ao bout d'vn moys inuiteront leurs amis, pour faire quelque feste et solennité à son honneur. [*"Oyseaux ayans semblable cry qu'un hibout."*] Et là

pai e amigo era bom! como era valente na guerra! Quantos inimigos ele derrotou e matou! Era um homem muito forte! Trabalhava na roça e sempre trazia muita caça e muito peixe para nos alimentar. Morreu, ai de nós! Nunca mais o veremos, a não ser depois da nossa morte, quando o encontraremos na terra que nossos pajés contam que viram." Etc. Repetem esta e outras frases semelhantes mais de dez mil vezes, ora de noite, ora de dia, intermitentemente, durando cada sessão entre quatro e cinco horas seguidas.

Decorrido um mês do falecimento, os filhos do morto convidam os amigos para uma festa solene que mandam celebrar em honra do pai. Reúnem-se todos, pintados

s'assembleront peinturez de diuer-[*f. 81v*]ses couleurs, de plumages, et autre equipage a leur mode, faisans mille passetemps & cerimonies. Ie feray en cest endroit mention de certains oiseaux à ce païs, tirãt sur le piteux: lesquels cer Sauuages ont en si grãde reuerence, qu'on ne les oseroit toucher, disans q̃ par ce chant piteux ces oyseaux plorent la mort de leurs amis: qui leur en fait auoir souuenance. Ils font donc estans

de diversas cores, ornados de penas, executando mil rituais e cerimônias.

(Aproveitando a ocasião, quero aqui mencionar certas aves cujo piado lúgubre é semelhante ao dos mochos. Os selvagens têm por elas tão grande respeito que nem sequer lhes tocam, dizendo que estas aves choram a morte de seus amigos com aquele cantao melancólico, fazendo com que também eles o relembrem.)

(*f. 81v*)[111] [fig. 20]



ainsi assemblez & accoustrez de plumages de diuerserses couleurs dãses, ieux, tabourinages, auec flustes faictes des os des bras & iambres de leurs ennemis, et autres instrumens à la mode du pais. Les autres, comme les plus anciens tout ce iour ne cessent de boire sans manger, et sont seruis par les femmes et parẽtes du defunct. Ce qu'ils font, ainsi que ie m'en suis informé, est à fin d'eleuer le coeur des ieunes enfans, les emouuoir & animer à la guerre, et les enhardir contre leurs ennemis. ["*Coustume des Romains et autres peuples aux funerailles d'aucun citoyen.*"] Les Romains auoyẽt quasi semblable maniere de faire. (*f. 82r*) Car apres le decés d'aucũ citoyẽ, q auoit trauaillé beaucoup pour la Republiq̃, ils fasoyent ieux põpes, et chãts funebres à la louenge et honneur du defunct, ensemble pour donner exemple aux plus ieunes de s'employer pour la liberté & conseruation du païs. Pline recite, qu'vn nõmé Lyacon fut inuẽteur de telles danses, ieux et chãts funebres, pompes et obseques, q̃ l'on faisoit lors es mortuaires. Pareillement les Argiues, peuple de Grece, pour la memoire du furieux liõ défait par Hercules faisoiẽt des ieux funebres. ["*Alexãdre le Grand.*"] Et Alexãdre le Grãd apres auoir veu ses prouesses cõmanda, et luy feit plusieurs caresses et solennités. <...>

Voltando ao assunto, os selvagens reúnem-se, ornados de penas multicoloridas, quando então se entregam a danças, disputas e cantorias, acompanhadas de flautas feitas de ossos dos braços e pernas de seus inimigos, e outros instrumentos típicos. Os mais velhos, enquanto isso, não param de beber durante todo o dia, sem nada comer, servidos pelas esposas e demais parentes do falecido. Este costume, ao que fui informado, tem por fim elevar o espírito dos mais jovens, comover seu coração e incitá-los à guerra, dando-lhes coragem para enfrentar seus inimigos. Também os romanos procediam de modo idêntico. Assim, em seguida ao falecimento de algum cidadão que muito tivesse lutado em prol do engrandecimento da república, organizava torneios, pompas e cantos funebres em seu louvor e honra, servindo tais cerimônias como um bom exemplo aos mais jovens, exortando-os a trabalhar em favor da liberdade e da defesa da pátria. Conta Plínio que teria sido um certo Liacon o inventor das belas danças, jogos e pompas que se realizavam durante estes festejos mortuários.

De maneira análoga, os argivos, habitantes da Grécia, realizavam torneios fúnebres em memória do ferocíssimo leão derrotado por Hércules. E Alexandre, o Grande, após ter visitado a sepultura do valoroso Heitor, ordenou que, em memória de suas proezas, fossem organizadas diversas homenagens e solenidades.

[...]

(*f. 83v*)112 [fig. 21]



Capitulo XLV

Description d'vne maladie nommé Pians, à laquelle sont subiets ces peuples de l'Amerique, tant es isles que terre ferme. CHAP. XLV.

Descrição de uma doença chamada "piã", à qual estão sujeitas as populações da américa, tanto nas ilhas quanto na terra firme

(*f. 86v*)[113] [fig. 22]



104 . ANTÔNIO RUIZ DE MONTOYA (**Tesoro de la lengua guarani**, 1639, f. 19v) escreve « **Aguâi**. agû â, redondo, fruta amarilla, y assi llaman al cascabel de **metal**, y al cascabel de la culebra. **moêi** agûâi ». O *Vocabulário na língua brasílica* (1621), atribuído a LEONARDO DO VALE **»** , indica « Aguay » para « **Cascauel de fruita** », informando, **também**, que o « **Cascauel de latão** » é o « Itaguay », palavra correta que **MONTOYA** deveria ter usado para seu « cascabel de **metal** ». Frei ONOFRE (por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA, **Dicionário português-brasiliano e brasiliano-português**, 1934, p. 161) **também** usa a grafia « aguay » para « Certa fruta **venenosa**. Cascavéis feitos das castanhas da fructe », **assim** como A. LEMOS BARBOSA (1955, p. 23), que dá « **aguai** – guiso, cascavel, colar feito com a casca do fruto de aguai ». ANTÔNIO GUASCH (**Diccionario castellano-guarani y guarani-castellano**, 1961, p. 494), F. SILVEIRA BUENO (**Vocabulário tupi-guarani português**, 1987, p. 36) e outros tupinólogos **confirmam** não só a grafia **aguai**, como seu significado. De todos eles, vale a pena citar, ainda, JOÃO CERQUEIRA CAPELLE (**Contribuição indígena ao Brasil**, 1989, v. II, p. 336): « AGUAÍ: cascavel de fruto, guizo, um dos designativos da **cobra** cascavel; **nome** d'um feijão (Montoya); colar feito da casca do fruto do **aguai** ou cascaveleira; cascaveleira ou tingui-de-leite; árvore da família das Sapotáceas ». Várias espécies, contudo, podem ter fornecido os frutos para a confecção dos **aguai**, uma vez que são conhecidas apocináceas do gênero **Thevetia**, notadamente a **Thevetia ahouai** (nome dado **em** homenagem ao autor das

**Singularidades**), cujos frutos são conhecidos, no Brasil, por awais, agais ou aguais. LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1969, pp. 21-22) inclui esse instrumento entre os **aiapá**, termo encontrado em RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1942, p. 37) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 14), que o extraíram de ERMANNO STRADELLI (*Vocabulário da língua geral*, 1929, p. 363). Os musicólogos antigos pouco se preocuparam com a grafia da palavra, gerando grandes confusões. RENATO ALMEIDA (*op. cit.*, parte I, cap. II, p. 37) escreve "ouay", citando também o "auáiú" dos Taubé, o qual volta a aparecer em MÁRIO DE ANDRADE (*op. cit.*, p. 30).

105 . Título na **Cosmographie vniverselle**, Liure XXI, CHAP. VII, f. 922r: « Arbre de l' Ahoua ».

106 . O termo português **pífaro** e seu correspondente francês **fifre**, foram utilizados com freqüência nos séculos XVI e XVII para identificar certos instrumentos de sopro indígenas. A julgar pelas informações de que dispomos sôbre a sua morfologia, esses nomes parecem ter sido aplicados ao **mimby** e à **canguera** (THEVET cita este último no mesmo parágrafo, ao se referir a instrumentos « d'os de bestes, ou de leurs ennemis » ). Os portugueses também usaram **flauta** ou **frauta** e **gaita**, com significados semelhantes.

107 . **Tambor**, **tamboril** e, mais raramente, **tamborin**, eram termos europeus bastante utilizados para nomear certos instrumentos de percussão indígenas. Desse período, conhecemos o vocábulo brasílico **guarará**, com os tipos **guararamiria** e **guararaguassu**. FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN, em nota ao texto de MAURÍCIO DE HERIARTE (*Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e rio das Amazonas*, de 1662, ed. de 1874, p. 81, nota 208), aponta os **trocanos** entre os Cambebas amazonenses, termo que, no entanto, não foi encontrado em documentação anterior a 1700.

108 . ANDREW GRANT (*History of Brazil*, 1809, cap. II, p. 29), baseado em relatos quinhentistas score os tupinambás, informa « The bones of their enemies slain in former battles furnish them with a rude kind of instrument resembling a flute, which is their only martial music, and they were led on by men who had displayed in former wars the most signal proofs of courage and intrepidity ».

109 . Título na **Cosmographie vniverselle**, Liure XXI, CHAP. XIII, f. 943v: « Contenance des sauuages deuant que venir au cōbat ».

110 . Título na **Cosmographie vniverselle**, Liure XXI, CHAP. VIII, f. 926r: « Ceremonie cōme ils enterrent les trespassez ».

111 . Título na **Cosmographie vniverselle**, Liure XXI, CHAP. VIII, f. 927v: « Banquets et dances, des Sauuages ».

112 . Título na **Cosmographie vniverselle**, Liure XXI, CHAP. IX, f. 929r: « Femmes et filles pleurēt de ioye ».

113 . Título na **Cosmographie vniverselle**, Liure XXI, CHAP. XI, f. 934r: « Comme les Sauuages vsent enuers leurs maladie ».

# 53

## MANUEL DA NOBREGA
## (1517 – 1570)

**DOCUMENTO: CARTA AO P. MIGUEL DE TORRES E A PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL.** Bahia, 5 de julho de 1559.

**TEXTO:** Apógrafo em português, mas de copista pouco diligente. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [São Roque, Lisboa] I-5, 2, 38, ff. 51v-56v. Título: « Copia de huma carta do P.e Manoel da Nobrega que escreveo do Brasil da Baya de Todos os Santos a 5 de Julho de 1559 ». Códice lacerado já com algumas palavras ilegíveis.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, v. III, 1958, p. 49) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – *Monumenta Brasiliae III* (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII – Missiones Occidentales). Doc. 12: « Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Miguel de Torres e padres e irmãos de Portugal. Baía 5 de julho de 1559 », pp. 49-67.

[...]

**3.** [*f. 52r*] (*p. 51*) E começando em Sam Paulo [*igreja a uma légua da Bahia, hoje Brotas*], que foy a primeira, direy primeiramente ha ordem que teve e tem em proceder. Aqui há escola dos meninos, que são pera isso, cada dia huma só vez, porque tem o mar longe e vão pelas menhãs pescar pera sy e pera seus paes, que não se mantem doutra cousa, e às tardes tem escola tres oras ou quatro. Destes ahi cento e vinte por rol, mas continuos sempre há de oitenta pera arriba. Estes sabem a doutrina e cousas da fee, lem e escrevem; já cantão e ajudão jà alguns hà (*p. 52*) missa. Estes são já todos bauptizados com todas as meninas da mesma ydade, e todos os innocentes e lactantes. Despois da escola há doutrina geral a toda gente, e acaba-sse com Salve cantada polos meninos e as Ave Marias. Despois, huma hora de noite, se tanje o sino e os meninos tem cuydado de ensinarem ha doutrina a seus pais e mais velhos e velhas, os quasi não podem tantas vezes ir hà igreja, e hé grande consolação ouvir por todas as casas louvar-se Nosso Senhor e dar-se glória ao nome de Jesu[114].

**4.** Aos domingos e sanctos tem missa e pregação na sua lingoa e de contino hé tanta a gente que não cabe na igreja, posto que hé grande; ali se toma conta dos que faltão ou dos que se ausentão e lhes fazem sua estação. Ho meirinho, que hé hum seu Principal delles, prega sempre aos dominguos e festas polas casas de madrugada a seu modo. A obediencia que tem hé muyto pera louvar a Nosso Senhor, porque não vão fora sem pedir licença, porque lho temos asym mandado por sabêremos onde vão, pera que não vão comunicar, ou comer carne humana, ou embebedar-se a alguma Aldea longe; e se algum se desmanda, hé presso e castigado pelo seu meirinho, e o Governador faz delles justiça como de qualquer outro christão e com maior liberdade. Se algum adoece, hé obrigado a mandar-nos chamar e hé de nós curado e remedeado asi no corpo com n'alma ho milhor que podemos, e assi poucos morrem [*f. 52v*] que não sejão bautizados no artigo da morte, quando elles amostrão sinaes de fee e de contrição, e assi destes como dos inocentes regenerados com a agoa do baptismo se salvão muytos.

[...]

**7.** [*f. 53r*] (*p. 56*) Ao sabado sancto loguo seguinte [*25 de março de 1559*] fezemos [*na igreja de "Sam Paulo"*] ho officio das fontes muy solenes

[*f. 53v*] e bautizamos naquelle dia a muytos, os quaes estavão confessados e aparelhados asi pera o bautismo como pera o casamento que avião de receber despois dia da Resureiçam [*26 de março*]. Ouve muitos desposados e fizemos a picissão muy solene, porque veio folia da cidade que Simão da Gama ordenou e Bastião da Ponte seu cunhado: os meninos cantando na lingoa [e] em portugues cantigas a seu modo dando gloria a Nosso Senhor; e forão todos os Indyos em pecissão asi homens como molheres, tendo as ruas limpas e bem enramadas, de que muyto se alegrou meu spiritu em ho Senhor.

**8.** (*p. 57*) Dia de Corpus Christi seguinte [*25 de maio de 1558*] se fez outra picissão solemne da mesma maneira e muytas vezes se faz polas necessidades que ocorrem com sua ladainha, a qual dizem os meninos e respondem todos; principalmente huma fezerão pedindo chuva pola grande secaa que avia, de maneira que se secavão os mantimentos e forão ouvidos de N. Senhor. Todos tem jaa per custume quando seus filhos adoecem trazerem-nos à igreja com suas pobres offertas a offerecer e dos que morrem fazemo-los enterrar con ponpa funeral, e (*p. 58*) dizem-lhe seus officios de que elles muyto edeficão; quando podemos tem missas cantadas en festas principaes.

114 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 52, nota 5): « Está clara e exemplarmente resumido, neste parágrafo e no seguinte, o método de catequese de Nóbrega, usado com leves variante, em todas as Aldeias do Brasil que fundou ou mandou fundar. »

## 54

# FRANCISCO PIRES

## (1522 – 1586)

**DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE S. ROQUE, LISBOA.** [Bahia, 30 (?) de julho de 1559].

**TEXTO:** Autógrafo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 36, ff. 195v-196v. Título: « *Copia de huma do Padre Francisco Pires do Brasil, de novas, depois da geral* ». Manuscrito com passos lacerados e ilegíveis.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (*Monumenta Brasiliae*, v. III, 1958, p. 109) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - ***Monumenta Brasiliae III*** (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (*Monumenta historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita*, volumen 81 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII - Missiones Occidentales). Doc. 15: « *Do P. Francisco Pires aos padres e irmãos de S. Roque, Lisboa. [Baía 30 (?) de julho de 1559]* », pp. 108-112.

[...]

4. [*f. 196r*] (*p. 111*) Hum dos negros [*i.e., índios*], que assima disse que morrerão, era hum delles desta villa de S. Paulo, chistão dos antiguos, e Principal. Fomos o P.º Antonio Pirez eu com outros alguns Irmãos fazer hum officio: e assi se trabalha solemnizar alle muyto o culto divino para em tudo tomarem novo espirito. Vierão todos à igreja [*antes de 21 de julho de 1559*], ouve huma solemne pregaçam na sua lingoa, scilicet, do inferno, purguatorio e gloria. E acabado o officio e a missa cantada, jantamos hum galo, que nos trouxeram de oferta.

[...]

# 55

# ANTÔNIO BLASQUES

## (1528 – 1606)

**DOCUMENTO:** CARTA POR COMISSÃO DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. DIEGO LAYNES, ROMA. Bahia, 10 de setembro de 1559.

**TEXTO:** Autógrafo em espanhol com portuguesismos. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 15, ff. 55r-56v [antes ff. 293r-296v, mais antigo, riscado, pp. 161-168]. Endereço autógrafo [296v]: « Al muy Reverendo en Christo Padre maestro, el Padre Maestro Diego Laynes, Prepósito General de la Compañía de Jesús, en Roma. Del Brasil. 1ª via ». Outra letra: « Brasilia 1559 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. III, 1958, p. 128) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae III** (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. [Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII – Missiones Occidentales]. Doc. 21: « Do P. Antônio Blázques por comissão do P. Manuel da Nóbrega ao P. Diego Laynes, Roma. Baía 10 de setembro de 1559 », pp. 129-140.

[...]

**14.** <...> [*f. 56r*] (*p. 135*) Como el Padre [*Nóbrega*] acabó este officio [*na "Villa de Sant Pablo", onde "se ha celebrado una fiesta de mucha aedificación y alegría spiritual avrá quinze días", a 27 ou 29 de agosto de 1559*], los yndiozicos christianos començaron a loar al Señor con una prosa en lengua brasílica y española [*português (?)*] cosa que (*p. 136*) movía mucho a devoción a los circunstantes, que todos estavan muy aedificados de los niños en los ver tan aedificados de los niños en las cosas de la fe. Officiaron la missa cantada los mesmos yndiozicos hijos de los baptizados, la qual acabada el Padre casó quinze yndios con sus mugeres, de aquellos que avían mostrado mayores desseos de guardar la ley de Christo, ultra de aver hecho muchos christianos este día asý de los lactantes como de los mayorzillos que estavan ynstruýdos en la doctrina.

[...]

# 56

## ANTÔNIO BLASQUES
## (1528 – 1606)

**DOCUMENTO: CARTA POR COMISSÃO DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. DIEGO LAYNES, ROMA.** Baía, 10 de setembro de 1559.

TEXTO: Autógrafo em espanhol. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 15, f. 59r [antes f. 297r, mais antigo, riscado, p. 171]. Endereço autógrafo [f. 60v]: « Al muy Reverendo en Christo Padre, el Padre Maestro Diego Laynes Praepósito General de la Compañía de Jesús en Roma. Del Brasil. 1ª via ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. III, 1958, p. 142) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *III* (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII – Missiones Occidentales). Doc. 22: « *Do P. Antonio Blázques por comissão do P. Manuel da Nóbrega ao P. Diego Laynes, Roma, Baía 10 de setembro de 1559* », pp. 141-144.

1. <...> [*f. 59r*] (*p. 142*) El Padre Nóbrega partió de aqui la semana passada para la Villa de Sant Spíritus, y del camino avía de llevar algunos niños que estavan en la Aldea de Itapuán, para que allá se doctrinassen [y] ynstruyessen en la fe, porque allí más que en otra parte ay mejor occasión. Como supieron la gente Sant Spíritus que él venía por el camino, primero fueron (*p. 143*) los niños con unas cruzes en las frentes y manos, unos lo fueron esperar una legua, otras media, y los más al puerto, mostrando todos summa alegría con su vista, porque saben bien (como ellos dizen) que es su Padre verdadero, que es manera de hablar suya. De aý lo llevaron cantando loores al Señor a nuestra Casa, y era tanto el fervor al besarle la mano, que no se podía el Padre valer; y él, que no podía allegrar, por yr tan apretado y cercado de la gente, tantas bueltas dava y tantos empuxones recebía, hasta que yva a tener con el Padre, a el qual le besava la mano con mucha mesura, y dezía levantadas las manos: "Loado sea nuestro Señor Jesú Christo".

[...]

3. [*f. 59r*] Luego a otro día de madrugada [*entre 2 e 9 de setembro de 1559*] vinieron los niños a la yglesia [*da "Villa de Sant Spíritus"*] y, repartidos en sus choros, començaron a rezar en voz baxa y entonada el rosario del Nombre de Jesús, que parecían unos ángeles que rezavan maytines, a los quales vienen no constrengidos, sino por su voluntad y gusto que el Spíritu Sancto les pone en todas las cosas del divino sevicio.

[...]

# 57

## ANTÔNIO RODRIGUES

## (c. 1516 – 1568)

DOCUMENTO: CARTA AO P. MANUEL DA NÓBREGA, ALDEIA DO ESPÍRITO SANTO. [Paraguaçu (Bahia), 26 de setembro de 1559].

TEXTO: Apógrafo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 65v-66r. Título: « *Copia de huma carta do P.e Francisco Pires e do Irmão Antonio Rodrigues pera o Padre Nobrega* ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. III, 1958, p. 154) relaciona as edições conhecidas desta carta.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *III* (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII – Missiones Occidentales). Doc. 26: « *Do Ir. Antonio Rodrigues ao P. Manuel da Nobrega, Aldeia do Espírito Santo. [Paraguaçu (Baia) 30 de setembro de 1559]* », pp. 153-156.

[...]

5. [*f. 65v*] (*p. 155*) Hé muyto grande sua alegria [*a do Governador Mem de Sá*] ver-me ensinar e pregar, e muyto mais ouvir cantar os meninos a Salve e ladainhas cada dia [*na "villa de Nossa Senhora da Victoria"*].

[...]

# 58

## JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 - 1597)

**DOCUMENTO:** **CARTA AO P. DIEGO LAYNES, ROMA.** São Vicente, 31 de maio de 1560.

**TEXTO:** Autógrafo em latim. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Epp. NN.**, 95, ff. 89r-92v [antes ff. 462r-465v]. Endereço autógrafo [f. 92v]: « † Reverendo in Christo Patri Iacobo Laynes, Praeposito Generali Societatis Iesu. 2ª via ». À margem: « De animalibus ». Outra letra: « *Informazione delle cose del Brasil. 1560* ». Outra letra, f. 89r: « S. Vicentii. Joseph 1560 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. III, 1958, p. 202) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - ***Monumenta Brasiliae III*** (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII - Missiones Occidentales). Doc. 34: « *Do Ir. José de Anchieta ao P. Diego Laynes, Roma. S. Vicente, 31 de maio de 1560* », pp. 202-236.

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** JOSEPH DE ANCHIETA - ***Cartas / correspondência ativa e passiva***: pesquisa, introdução e notas Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J.. São Paulo, Edições Loyola, Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1984. (Obras completas, v. 6), doc. 11, pp. 121-150.

### TEXTO LATINO

[...]

2. <...> [*f. 89r*] (*p. 205*) Non multis ante diebus cum essemus Piratiningae post occasum solis, caepit aër commisceri, subito obnubilari caelum, tonitruisque et fulguribus crebris minitari: tum ventus ab Austro <...> acceptis viribus tantopere invaluit, ut exitium minari Dominus videretur. <...>mirum est quantas mediae horae spatio (nec enim amplius duravit) arborum et tectorum strages editit, et quidem certe nisi Dominus breviasset tempus illud, nihil tantam vim posset retorquere, quin omnia funditus ad terram ruerent. Sed inter haec omnia illud magis miradum, quod Indi, qui eo tempore potationibus indulgebant et cantibus (ut solent) nihil ad tantam rerum confusionem esterriti, nec saltare desierunt, nec potare, perinde ac si omnia posita essent in summa tranquillitate. <...>

### TRADUÇÃO

[...]

<...> (*p. 124*) Não há muitos dias, estando em Piratininga, depois do pôr do sol, de repente começou a turvar-se o ar, a enevoar-se o céu, a amiudarem-se os trovões e os relâmpagos; o vento Sul <...> ganhou tal violência que parecia o Senhor ameaçar com a destruição. <...> Em meia hora (que não durou mais) é de espantar quanta devastação produziu em árvores e casa; e na verdade se Deus não abreviasse aquele tempo nada poderia resistir e tudo se arrasaria. E o mais admirável é que os índios, então entretidos em seus beberes e cantares (como costumam), sem nenhum temor a tamanha confusão das coisas, não deixaram de dançar nem de beber, como se estivesse tudo no maior sossego. <...>

[...]

# 59

## JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 - 1597)

**DOCUMENTO: CARTA AO P. DIEGO LAYNES, ROMA.** São Vicente, 15 de junho de 1560.

**TEXTO:** Autógrafo em espanhol. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Epp. NN.**, 95, ff. 106r-11v [antes ff. 506r-511v]. Endereço autógrafo [f. 111v]. Outra letra: « 1560 S. Vincenzo, prima Junii ». Outra letra [f. 106r] em cima: « Est altera notata », em baixo: « S. Vincentii. Ioseph. 1560 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. III, 1958, p. 247) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - ***Monumenta Brasiliae III*** (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. III - Missiones Occidentales). Doc. 36: « Do *Ir.* José de Anchieta ao *P.* Diego Laynes, Roma. S. Vicente 15 de junho de 1560 », pp. 246-296.

[...]

8. [*f. 108v*] (*p. 255*) En las fiestas principales, maxime quando se celebra el Nascimiento y Passión del Señor concorren a Piratininga de tódolos [*f. 109r*] lugares comarcanos quasi todos [*"Indios"*, *"Brasilles"*] muchos días antes. Están presentes a los divinos officios y processiones, disciplinandose hasta derramar sangre, para lo qual mucho antes aparejan disciplinas con mucha diligentia. Lo mesmo hazen en otros tiempos, quando por alguna necessidad se hazen processiones. El officio de las tinieblas hazemos en la Iglesia sin canto, el qual concluímos tomando una disciplina con tres Miserere. También les predicamos la Passión en su lengua no sin gran devotión y muchas lágrimas de los oyentes, las quales también derraman en abundantia en las confessiones y communiones.

[...]

# 60

# JOÃO DE MELO

## (c. 1525 – 1576)

**DOCUMENTO:** **CARTA AO P. GONÇALO VAZ DE MELO, LISBOA.** Bahia, 13 de setembro de 1560.

**TEXTO:** Autógrafo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] I-5, 2, 38, ff. 98v-100r. Título: « *Copia de huma carta que escreveo o P.e Joam de Melo pera o Padre Gonçalo Vaz de Melo Preposito da Casa de São Roche da Companhia de Jesus em Lisboa, do Brasil aos 13 de Setembro de 1560* ». O manuscrito tem duas partes destruídas, uma de maior extensão, no fim da carta.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (***Monumenta Brasiliae***, v. III, 1958, p. 280) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOÃO DE MELO esteve no Brasil entre 1559 e 1576, como padre da Companhia de Jesus e Reitor do Colégio da Bahia.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae*** *III* (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XI – Missiones Occidentales). Doc. 39: « *Do P. João de Melo ao P. Gonçalo Vaz de Melo, Lisboa. Baía 13 de setembro de 1560* », pp. 279-284.

**OBSERVAÇÃO:** Os pontos lacerados do manuscrito foram restaurados a partir de Cartas Avulsas (1550-1568); [nota preliminar, introdução e sinopse da história do Brasil e da missão dos padres jesuitas de 1549 a 1568, de Afrânio Peixoto]. Rio de Janeiro, Officina Industrial Graphica, 1931. (Publicações da Academia Brasileira – Collecção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuiticas, v. 2) pp. 250-253.

[...]

5. [*f. 99v*] Fizemos nesta povoação [*"de gentios, que estaa desta cidade do Salvador seis legoas polo sertão dentro, a qual dantes se chamava Rio de Joane e agora se chama Sancti Spiritus. Hé esta Aldea a mayor e mais principal que nestas partes do Braisl doutrynamos, no tempo que nella estava averá perto de 300 moços d'eschola, os quais quasi todos são christãos"*] algumas [sextas-feiras] da coresma procissões, yndo huma somana ao cabo da al[dea onde] está huma cruz, e a outra somana a outra parte donde esta [outra], e, pola parte por donde avia de passar a procissão, tinhão [muyto bem limpa e] varrida a rua. Acompanhavam-na quasi [todos os da aldea, que] hera huma gran copia de gente; quando volvia[mos pera a Igreja, (*p. 283*) hera en s querendo] cerrar a noyte e depois de [dito o "Senhor Deus Misericordia", deitadas as molheres fora e] encerradas as portas, avia [huma disciplina por espaço de hum "Miserere mei Deus" con hum "Respice", na qual sempre] avia muytos disciplinantes de cate chuminos e christãos. Tãobem quinta-feira de Endoenças ordenamos huma procissão em a qual ouve muytos disciplinantes e ferirão-se tanto que foy necessario muytos delles curarem-se em casa. <...>

[...]

# 61

## RUI PEREIRA

## (1533 – ?)

**DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL.** [Bahia], 15 de setembro de 1560.

**TEXTO:** Apógrafo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 90v-99v. Título « *Do o P.e Ruy Pereira para os Padres e Irmãos da Companhia da Provincia de Portugal, da Bahia a 15 de setembro de 1560* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. III, 1958, p. 285) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** RUI PEREIRA chegou ao Brasil em 1559 como padre da Companhia de Jesus. Abandonou a ordem antes de 1567.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *III* (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII – Missiones Occidentales). Doc. 40: « *Do P. Rui Pereira aos padres e irmãos de Portugal. (Baía) 15 de setembro de 1560* », pp. 285-306.

[...]

6. [*f. 91v*] (*p. 288*) Quanto aos estudantes ["*deste Collegio*" *da Bahia*], se faz muito fruito no spiritual e muitos andavão movidos para a Companhia e frequentavão moyto as confissões, mas por justos respeitos não se recebeo mais que hum criado do Senhor Bispo, que chamão Antonio Leitão, dos milhores cantores e falas que tinha. Será de idade até dezoito annos, tem bom yngenho e outras muytas boas partes para a Companhia. Dá ategora sinais de ser hum grã servo do Senhor.

[...]

10. <...> [*f. 94r*] (*p. 295*) Depois que a armada ["*com o Senhor Governador Men de Sá*"] partio [*a 16 de janeiro de 1560*] para o Ryo de Janeiro ["*para deitar dahí os Franceses, onde estavão muy fortes em huma fortaleza que tinhão feita com muita munição de artilharia para se defender*"] se fez cada somana [*na Bahia*] procissão por esa yntenção [*de realizar matrimônio dos casais indígenas unidos "in lege naturae" e de batizar o cônjuge não cristão*]. E quando não podião sayr se dezião as ledainhas na igreja , e às sextas feiras da quaresma yão-se os meninos diciprinando. E em todas estas procissões avia muyto concurso de gente, e vindo à igreja se sayão as molheres e se começava uma rija deciprina às portas fechadas, emquanto o Padre Antonio Rodrigues dezia o Miserere, e dando-se de modo que, estando hum Irmão junto de hum, sentio tanto sangue que lhe tomou as disciplinas, as quais estavão bem ensanguentadas. quinta-feira de endoenças [*11 de abril de 1560*] se forão daqui em procissão à cidade, aonde ya grande soma de diciprinantes, e lá forão na dianteira da procissão cantando sua ladainha, que dous deles acustumão dizer respondendo os outros, que foy cousa de muyta edificação.

Tem grande attenção nas pregações, tem tão differentes custumes entre si e em saudar os Brancos, quando se com (*p. 296*) eles encontrão, e sabem tam bem a doutrina asi na lingoa como no portugues, dizem com tanta devação e concerto huma Salve todos os sabados, e o rosario do Nome de Jesu todos os domingos e santos antes da missa, [*f. 94v*] que quem os vê tem muy grande motivo para dar muytas graças aaquele que tais cousas obra em suas criaturas.

[...]

# 62

## ANTÔNIO PIRES
## (1519 – 1572)

**DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL.** [Aldeia de Santiago (Bahia)], 22 de outubro de 1560.

**TEXTO:** Apógrafo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [São Roque, Lisboa] I-5, 2, 38, ff. 100v-102v. Título: « *Copia de huma carta que escreveo o P.e Antonio Pires, do Brasil, para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em o mes de Outubro de 1560* », Manuscrito já com algumas partes dilaceradas e delidas.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. III, 1958, p. 307) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** III (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII – Missiones Occidentales). Doc. 41: « *Do P. Antônio Pires aos padres e irmãos de Portugal. [Aldeia de Santiago] Baía 22 de outubro de 1560* », pp. 307-315.

[...]

5. <...> [*f. 101v*] (*p. 311*) Daqui se foi [*"o. P.eLuis da Grãa"*] a Sancti Spiritus [*depois de 29 de agosto de 1560*], que está a seis legoas desta cidade, onde o receberão os Principais com muyta (*p. 312*) gente e com folia de tamboris e com lhe dizerem todos, grandes e pequenos: 'Louvado seja Jesu Christo!" E vieram-no a receber com esta festa hum grande pedaço do caminho, e assi o foram festejando até a casa. <...>

[...]

# 63

# RUI PEREIRA

## (1533 – ?)

**DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL.** Pernambuco, 6 de abril de 1561.

**TEXTO:** Apógrafo em Português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [São Roque, Lisboa] I-5, 2, 38, ff. 102r-105r. Título: « *Copia de huma carta que escreveo o P.e Rui Pereira, do Brasil, para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em Portugal no anno de 1561 a 6 de Abril que foy dia de Pachoa* ». De todo o códice é esta uma das partes mais deterioradas, sem uma folha s/.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. III, 1958, p. 323) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *III* (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII – Missiones Occidentales). Doc. 45: « *Do P. Rui Pereira aos padres e irmãos de Portugal. Pernambuco 6 de abril de 1561* », pp. 323-336.

**OBSERVAÇÃO:** Reimprimiu-se com o auxílio das Cartas Avulsas (1550-1568); [nota preliminar, introdução e sinopse da história do Brasil e da missão dos padres jesuítas de 1549 a 1568, de Afrânio Peixoto]. Rio de Janeiro, Officina Industrial Graphica, 1931. (Publicações da Academia Brasileira – Colecção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 2) pp. 298-299.

[...]

14. <...> [*f. 105r*] (*p. 335*) Quanto aos officios da Somana [Santa e a solenidade com que] fizemos a Resureição com todo o estrondo d'artilha[ria, frautas e musica], e quanto com estas cousas o povo se consola e se nos afeiçoa, reme[to-me ao P.º] Ditio, porque vou sendo comprido. Encomendamo-nos em os Santos Sacrificios e orações.

[...]

# 64

# ANTÔNIO BLASQUES
## (1528 – 1606)

**DOCUMENTO:** **CARTA AO P. DIEGO LAYNES, ROMA.** Bahia, [1º de setembro] de 1561.

**TEXTO:** Apógrafo em espanhol com ortografia extremamente irregular, com muitas palavras portuguesas e portuguesismos. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 15, ff. 103r-108v [antes ff. 204r-209v, mais antigo, riscado, ff. 87r-92v]. Título: « ✝ *Jesús. Copia de una del P.e Antonyo Blasques, del Brasil, de la ciudad del Salvador de Todolos Santos, para el P.e General Maestro Diego Laynes y a los más Padres y Hermanos de la Compañía, de XXIII de setembro de 1561. Recebida en Lisbona a xxx de Março de 1562* ». Conferido com o apógrafo em espanhol da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 105r-111r, com o mesmo título e texto sensivelmente igual ao primeiro, mas aquele (**Bras.** 15) com uma ou outra palavra a mais.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. III, 1958, p. 395) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - ***Monumenta Brasiliae III*** (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII - Missiones Occidentales). Doc. 58: « *Do P. António Blázquez ao P. Diego Laynes, Roma. Baía, [1º de setembro] de 1561* », pp. 394-427.

[...]

7. <...> [*f. 104r*] (*p. 405*) Después de esta visitación primera [*do "P.e Provincial Lois de Grana" à "poblazón de S. Juan" entre abril e 1º de julho de 1561*], de aí a pocos días determinó el P.e Provincial de ir otra vez a esta Aldea para hazer otro baptismo soleme, para cuia llegada, los (*p. 406*) Padres le tenían aparejado otra buena mano para que los baptisase i casase. Sabido pues en la Aldea como si asercava, saliéronlo a recebir al camino con el alboroso y alegría acostumbrada, y por el camino ivan los Indios en su lengoa cantando: "Vamos a recebir el Padre Lois de Grana, que por nuestra causa (era entonces tiempo de inverno) no recela lluvias, ni charcos, ni malos caminos. Holgad todos con su venida, pues nos trae la vida buena[115]". E neste comenos de tiempo el Padre se occupó en examinarlos y enstruirlos para los sacramenteo, y entre ellos se mostraron algunos que con grande fervor lo desearon. Así que domingo de la Trinidad [*1º de julho de 1561*], precediendo primero los sólitos exercicios y exames, baptizó el P.e Provincial desta segunda vesitación a 113 y casó 11 casales en lei de gracia i a xxviii en lei de natura, los quales por la bondad del Señor biven mui bien y esperamos en el Señor que con su exemplo muevan a otros a hazer lo mesmo. <...>

[...]

12. [*f. 105r*] (*p. 411*) Así que concertado nuestro monumento [*"en la See" da bahia*], que a todos movia a devoción, se fizeron los officios de aquellos tres días [*quarta, quinta e sexta-feira da Semana Santa (2, 3 e 4 de abril de 1561)*] conel mejor concerto i orden que nos supimos aco(*p. 412*)modándose al modo que se sole guardar en Portugal quando acá se podía conpadecer. Siempre, acabadas las tinieblas, avía miserere, diziéndolo los Hermanos repartidos en dos coros mui pausadamente, y puesto que movese mucho a lágrimas a los sircunstantes aquel roído y disciplinas, no viene a cuento

a las muchas que derramavan el Jueves Santo en cujo diá, llegada la ora del Mandato, antes de se predicar, salieron los Padres i Hermanos en orden de dos en dos con una Crux adelante, y un Padre revestido como diácono, el qual dixo el Avangello de aquel día; <...>

13. <...> [*f. 105v*] (*p. 414*) De aquí [*"población de Santiago"*] se partio [*"Lois de Grana"*] para Sant Juan [*em abril de 1561*], adonde hizieron los Indios aqel recebimento tam solemne que ariba dixe, i baptisó a ciento y tantos con grande alvoroço y alegría de todos.

Luego se partió para la poblazón de Santo Antonio por camino mui aspérrimo y lleno de matos, será de S. Tiago yornada de un día, mas el camino es tan fraguoso que bien podía pasar por dos. Fue aquí recebido Su R.ª con gran regosiyo de los Indios, porque con atanbores lo salieron a recebir al camino. Aquí baptisó y casó el P.ᵉ Provincial por esta vez a dezisiete casales en lei de gracia, ultra otros que se hizieron christianos sin se casar. Hordenó lo que convenía en esta casa, se partió al Spiritu Santo, que está de Santo Antonio algunas quatro legoas, y allí hizo lo que en las otras, scilicet, baptisar i casar todos los que para ello estavan aparejados.

Hecha esta visitación en la qual se detuvo algún tiempo, haziendo en este comenos buen número de Indios christianos, servivio mui accepto i agradable al Señor, se tornó a la ciudad, i luego en llegando se quería embarcar para la Isla de Taparica sino se lo estorvaron los Padres y Her(*p. 415*)manos. Pero descansando tres o quatro días se fue para la Isla de Taparica; y la noche antes que llegasen él y su compañero [*o padre Gaspar Lourenço*] la tuvieron en el campo en un tixupar, i que son como allá ramadas, bien desabrigados de consolación umana, porque no tenían que comer y el aposento estava lleno de gusanos y hormigas que no los dexavan reposar; hasta luego (si bien me acordo) no allharon. Tornando pues a my propósito, como llegó a la poblazón se occupó en sus sólitos exercicios; y víspera [*3 de maio de 1561*] de la Invención de la † [*Cruz*] (que así llama esta Casa) hizieron una procesión mui solemne, llevando los Indios a cuestas una † mui hermosa y grande para arborarla en un monte adonde se mudó agora la iglesia. Ivan ellos tañendo i cantando una folía a su modo y de quando en quando venían a hazer reverencia a la Crux, que un Hermano llevava. El otro día sigiente baptisó el P.ᵉ Provincial a ciento y setenta y tres, guardándose el modo y horden acustumbrado.

14. Luego después de concluído lo que convenía en esta población, se tornó para la ciudad, y essotro después que llegó se fue a la población de Santiago, y de aí a Xb [*15*] días al Spíritu Santo para que se mudase aquella población, porque con ser el sitio mui dolentío morían muchos i mui a menudo. Y porque en este comenos me allé allá diré, como testigo de vista, que día se hazia que morían ora quatro ora tres, y lo común no passava día que no moriesen, de lo que ellos andavan mui tristes i desconsolados viendo tanta mortandad entre ellos, y no ai que dudar sino que era para quebrar el coraçón de lástima ver tantos ninhos huérfanos, tantas mugeres biudas, y la dolencia y enfermedad tan continoa en ellos que parescía pestilencia; andavan attónitos y como pasmados viendo lo que por (*p. 416*) ellos pasava. No usavan de sus cantares y bailes, mas todo era tristeza y por la Aldea no se oía sino lloros y gimidos por los defuntos. <...>

[...]

16. <...> [*f. 106r*] (*p. 416*) Como llegó [*"el P.e Provincial"*] a la poblazón de Santo Antonyo, lo primero que hizo fue aparejar a los Indios que avían de ser baptizados. Vinieron a este baptismo [*dia 13 de junho de 1561*] muchos Indios de otras partes que avían sido convidados del Principal de esta Aldea, que es mui afamado, el qual entonces se hazia christiano. Asta hombres blancos de diez legoas venieron con una folía[116] a riguosijar esta festa. <...>

[*Na seqüência, carta do P. Antônio Rodrigues (pp. 420-427), §§ 17-22*]

**17.** [*f. 106v*] (*p. 420*) Después que el P.ª Lois de Grana llegó a la población de Santiago, luego dió orden para que se hiziesse un (*p. 421*) baptismo solemne en la misa nueva del P.ª Vicente Fernandez, a la qual se allaron presentes algunos Padres y Hermanos de la Ciudad para oficiarla, porque fue de canto d'organo con algunas chançonetas[117] y motetes[118] lo mejor que se pudo y supo. <...>

<...> [*f. 107r*] (*p. 422*) Venido pues el día del glorioso Apóstol Santiago [*25 de junho de 1561*], lo primero que se hizo fue una procissión luego por la mañana, estando con palmas armadas las calles, por onde truxieron el missa cantante [*à "población de Santiago"*] con grande alegría y recozijo de todos. Iva una grande procissión de niños Indiosicos christianos, ultra otros muchos casados en ley de gracia con otra grande muchedumbre de gentiles. Disparavan por la procissión tiros d'espingardas y cámaras por festejar esta fiesta. El Padre missa cantante yva en medio de sus padrinos, que levevan revestidas sus capas muy ricas con una cruz dorada delante, y los Padres y Hermanos cantando algunos motetes y hymnos en loor del Señor. Finalmente, acabada la processión y echos los cathecismos, se commençó la missa de canto de órgano con la mayor solemnidad y fiesta que se pudo; <...>

**18.** [*f. 107v*] (*p. 423*) Estuvo el P.ª Provincial [*"Lois de Grana"*], despues desta venida [*à Bahia*], en casa algunos dies o doze días, y luego se fue a la población de Sanct Pablo para aparejar otra buena mano que se avían de casar y hazer christianos, en el qual baptismo el Señor Obispo [*D. Pedro Leitão*] se havia de hallar praesente. El qual, después que tuvo recado, nos fuímos con él un domingo por la mañana, no queriendo llevar consigo más de un criado y dos niños cantores. Sabido en la población como el venia, salió el P.ª Provincial a recibirlo con una muchedumbre de niños christianos y otra mucha de la población, assim hombres como mugeres, mostrando todos grande contentamento y alegría con su venida. Bezavanle la mano, y, haziéndole el acatamento y reverentia divida, dezian: "Loado sea Jesú Christo". No sé como encaresca quán bien parecía este recebimiento y el alvoroço que todos mostravan con su venida, y la afabelidad y benevolencia que Su Señoría usava con ellos. Como entró en nuestra yglesia les hechó (como es costumbre de los Praelados) su bendición. De ay a poco se començó la processión y el Señor Obispo con un Padre nuestro començaron las ledanias, y ansí salimos de la yglesia en processión, ellos dos solo cantando y los demás respondiendo, cosa que no sé a que ojos no pareciera bien, ir un Praelado entre sus ovejas desta manera. <...>

[...]

115. SERAFIM LEITE (*A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI*, 1949, p. 33) traduz assim esta cantiga: « Vamos receber o Padre | Luís da Grã, | Que por nossa causa | Não receia chuvas, | Nem charcos, | Nem maus caminhos. | Folgai todos com a sua vinda, | Pois nos traz a vida boa ».

116 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. IV, 1713, p. 160) informa: « Entre nós Folia val o mesmo que Festa de varias pessoas, tangendo, & cantando com tambor, & pandeiro, ou dança com muytas soalhas, & outros instrumentos, com tanto ruido, extravagancia, & confusão, que os que andão nella parecem doudos. (...) ¶ Folia. Qualquer espectaculo, jogo, ou demonstração alegre, que se faz em dias de festa ». Acrescenta, ainda, que "Folião" ou "Folião" é « Aquelle, que dança, ao som do Tambor, Pandeiro, &c, fazendo folias que movem a gente a riso ». Cf. também TOMÁS BORBA & FERNANDO LOPES GRAÇA (**Dicionário de música**, v. I, 1962, pp. 525-526).

117 . "Chançoneta", para RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. II, 1712, p. 272) é apenas « Cantiga pequena ». MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 128) dá as seguintes informações: « 1. Tradução de chansonette. (...) 2. Português arcaico, o mesmo que cançoneta. (...) Também grafado chançoneta ». TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (**Dicionário de música**, v. I, 1962, p. 290), sob a designação "cançoneta", informam: « Não é apenas uma pequena canção, como afirmam alguns dicionários, mas sim uma canção com espírito e graça, por vezes satírica e com seus laivos de crítica. Não é, nem nunca foi, genero de grande cultura de Portugal, não obstante as inúmeras canções de maldizer de que estão cheios os nossos cancioneiros medievais. Mas estas são outra coisa ». Cf. também F. J. FÉTIS (**A música ao alcance de todos**, 1858, p. 22).

118 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. V, 1716, p. 604) traz um bom texto sobre esse termo: « Motête. Breve composição Musica, que de ordinario se canta nas Igrejas. Deriva-se do Italiano **Motetto**, ou do Francez **Motet**, & estes se derivão de **Muttum**, palavra Latina, antiquada, que se acha em Lucilio, aonde diz, **Non audet dicere Muttum**; & em Cornuto sobre a primeira satira de Persio, aonde diz, Proverbialiter dicimus, **Muttum nullum emiseris**, id est., **verbum**. De **muttum** fizerão os francezes o seu **Mot**, que quer dizer **Palavra**, & de **Mot** fizerão **Motet**, que he **Motete**, nome que denota a sua brevidade, porque o motete ainda que figurado & enriquecido com todos os primores da Arte, em breves periodos acaba ». MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 350) completa: « Motete – O mesmo, e palavra mais vernácula que moteto. Forma de composição da música vocal, conhecida a partir do século XIII, que consiste basicamente na combinação de duas ou três vozes a uma melodia principal, o motete. O termo é derivado do francês "mot", palavra, pelo fato da voz de tenor cantar vocalises enquanto as demais encarregam-se do texto, litúrgico ou não ».

# 65

## LEONARDO DO VALE
## (c. 1538 – 1591)

**DOCUMENTO:** **CARTA POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AO P. DIEGO LAYNES, ROMA.** Bahia, 23 de setembro de 1561.

**TEXTO:** *Apógrafo em português, coevo.* Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [São Roque, Lisboa] i-5, 2, 38, ff. 111v-113r. Título: « *Esta carta que se segue hé fim da precedente que não a pode acabar o Padre Antonio Blasquez* ». No fim da precedente [f. 111r]: « Esta carta de cima [*Mon. Bras.* III, doc. 58] hé do P.ᵉ Antonio Blázquez e non a pode acabar por adoecer, e acabou-a por elle o Padre Leonardo, que hé a que se segue nesta folha ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (***Monumenta Brasiliae***, v. III, 1958, p. 435) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Padre da Companhia de Jesus, mestre de língua brasílica e catequista, LEONARDO DO VALE esteve no Brasil entre 1553 e 1591.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae III*** (1558-1563), Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII – Missiones Occidentales). Doc. 61: « *Do P. Leonardo do Vale por comissão do P. Luís da Grã ao P. Diego Laynes, Roma. Baía 23 de setembro de 1561* », pp. 435-541.

[...]

6. [*f. 112r*] (*p. 440*) Em outro lugar se aconteceo que pondo o Padre Provincial [*"Luys de Gran"*] em prática sua detreminação [*de se fazer casa para a conversão dos índios*], que era a mesma que nos outros lugares, o Principal dela, como homem de pouco siso e pouco sequioso da agua viva, que o Senhor como a outra Samaritana lhe oferecia, mostrou hum desadosegno com meneos e palavras, fazendo pouco cazo do que lhe dizião, o que por ventura lhe vinha de não ter noticia dos Padres ou os não conhecer por tais, pera o que o Padre usou também de outra mesinha, [*f. 112v*] que foy dizer: "Foão, chamando-o por seu nome, chega-te aqui, tu não me conheces". E em penitencia de sua dureza e soberba o fez assentar no chão, dizendo-lhe: "Como falas tu dessa maneira e dás tal resposta sem primeiro falares com os teus? Ora ajunten-se elles aqui e ouvirey eu sua fala, porque indo-me eu, não ey-de dizer: Foam não quis, nomeando-te a ti só, mas ey-de dizer: todos não quiserão". E nisto vinha a outra gente e mancebos da Aldea con grandes alaridos de danças e tangeres. E pôs o Senhor tanta virtude nesta mesinha de simpleces palavras e ditas a seu modo, que de improviso ho Principal se mudou e esteve com grande asosego e reverencia ao que o Padre dezia. E os seus, que como digo, vinhão tão embebidos em suas danças, tendo parece alguma noticia do que passava, supitamente se callarão e ficou tam quieto que parecia não aver gente na Aldea. Cousa, certo, muyto pera louvar ao Senhor, porque hé tanto contra seu costume que poucas cousas avrá que os tire daquellas diabruras quando nellas andão. E, junto elles, finalmente se fez o que o Padre quis, mostrando elles disso serem muyto contentes.

[...]

8. <...> [*f. 113r*] (*p. 444*) E con estes emfadamentos [*"começarão muytos de enjoar"*] chegamos a huma grande e fermosa praya [*a 12 de setembro de 1561*], huma legoa quasi antes da Aldea [*"povoação de Santa Cruz", "à Ilha de Taparigua"*], e, repousando à sombra de muitas arvores e palmeyras que ao longo della avia, mandamos recado à Aldea que viessen levar o pontifical e mais fato. E partindo à tarde polla praya, com o que boamente se pôde levar, topamos hum dos nossos Padres, que nos vinha a receber com tantos mininos da terra, que era cousa pera muyto louvar a Nosso senhor. Todos se yão ao Bispo

[*D. Pedro Leitão*] que [*f. 113v*] hya em huma reyde que levavão dous indios, e fazendo suas reverencias dezião por saudação: "Louvado seja Jesu Christo"! e despois a cada hum dos Padres que com elle yamos. E passando o Padre, que os trazia, com elles pollo fatto que dexavamos, muyto alegres por nossa ida, tangendo com seus tamboris. E chegando à Aldea se encheo a Igreja de gente, de maneira que dentro nem fora me parece que cabião, onde o Bispo lhe lançou a benção cantada; e asentado em huma cadeira junto do altar lhe yão todos assi homens como molheres a beijar a mão. E com isto se despedirão [e] se forão a suas casas.

Ao outro dia, que foy sabado vespera [*13 de setembro de 1561*] da festa, logo polla menhã nos mandou o Padre à Igreja, os que sabiamos a lingua, a confessar os que se avião de bautisar ao outro dia. A qual confissão, como já saberão, não hé mais que pera lhe fazer detestar a vida passada e conhecer a que querem tomar; e alguns, que já erão christãos, se confessavão pera casarem. E com isto, e o fazer do rol, se gastou o dia. E no mesmo dia chegou, em outro barquo, o Ouvidor Geral [*Brás Fragoso*] com gente da cidade, que também pollo (*p. 445*) conhecerem por tal, foy delles e de nós bem recebidos. E à tarde, junta a gente, se disserão as vesporas muy solemnes de canto d'orgão. E ellas acabadas, se fez polla Aldea Huma procissão, onde hião duas cruzes, scilicet, huma nossa dourada, e outra de prata, grande e fermosa, da See.

Ao domingo [*14 de setembro*], que foy dia da Exaltação da Cruz, se levantou o P.ᵉ Provincial e o P.ᵉ Antonio Pyrez, que hi residia, 2 ou 3 oras antemenhã; e, mandando logo chamar a gente, se começou a occupar nos roes e en concertar os casamentos que avião de ser, e nós os linguas a confessar como o dia dantes. E vindo o dia e horas pera dizir missa, se começou, de canto d'orgão com diacono e subdiacono[119], mas era tanto o numero da gente, grande parte da qual erão lactantes e outros innocentes, que, fazendo o possivel porque o bautismo se fizese despois do offertorio, e despois se acabasse a missa, por mais que esperamos, não pôde ser; e por não botar os pagãos, que estavão na Igreja, huns com os filhos que se avião de bautizar, outros olhando o que nunca virão, o fomos acabar debaixo de huma ramada, que estava feita em hum lugar por amor dos muytos Padres que avia para dizer missa, por na Igreja não poderem, ficando o P.ᵉ Provincial na Igreja com o P.ᵉ Antonio Pirez e hum Irmão lingua.

[...]

12. [*f. 114r*] (*p. 447*) E acabada a missa [*dia 15 de setembro, na Aldeia de Santa Cruz*], se fez huma procissão, onde ya o Bispo debaxo dum paleo vermelho com os ministros, que já dixe, revestidos, por huma muy comprida e fermosa rua; e porque a festa não parecesse somente nossa e dos novos christãos, muytos dos gentios, cheos de fervor e ataviados à sua gisa com pena muyto louçã e seus maracás nas mãos tangendo, ordenarão sua folia com que descorrião polla procissão. Asi foy celebrada com motetes em canto d'orgão e psalmos bem acompanhados de vozes e também com os cantares e folia dos que, se mais souberão, mais fizerão. <...>

[...]

119. JOAQUIM SANTA ROSA DE VITERBO (*Elucidário*, 1865, v. II, p. 95) define a « Missa dos diaconos, subdiaconos, e acolitos » nos seguintes termos: « Differião das missas dos leigos, em constarem não de Pater noster, mas sim de alguns psalmos, preces e orações ».

# 66

## LEONARDO DO VALE

## (c. 1538 – 1591)

**DOCUMENTO: CARTA POR COMISSÃO DO P. LUIS DA GRÃ AOS PADRES E IRMÃOS DE S. ROQUE, LISBOA.** Bahia, 26 de junho de 1562.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] I-5, 2, 38, ff. 118r-124v. Título: « Jesus. *Copia de huma do P.e Leonardo, da Baya de Todolos Sanctos de 26 de Junho de 1562. Para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesu em San Roque* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. III, 1958, p. 469) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *III* (1558-1563). Roma, Monumenta Historica S.I., 1958. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 81 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XII – Missiones Occidentales). Doc. 66: « *Do P. Leonardo do Vale por comissão do P. Luís da Grã aos padres e irmãos de S. Roque, Lisboa. Baía 26 de junho de 1562* », pp. 469-507.

[...]

5. <...> [*f. 117r*] (*p. 475*) Asi que sendo avisados os Indios de sua [*a do "Padre Provincial" Luis da Grã*] ida [*a "huma grande povoação, 10 legoas além d Bom Jesu", em outubro ou novembro de 1561*] se alegrarão muito, e os Principaes lhe mandarão fazer os caminhos, que hé a maior honra e recebimento que antre elles se faz, e lhe mandarão 15 ou 20 mancebos ao caminho pera o levarem em hum rede, os quaes o forão tomar algumas tres legoas antes da Aldea, e elles com a mais gente o forão receber huma legoa dela, por ordem, scilicet: os meninos, primeiro, com suas capellas de flores nas cabeças; e, indo mais por diante, estavam os homens e depois as molheres, e todos cheos de contas e suas galantarias de pena de diversas cores e lavores. E com muitos tangeres e atabales se forão pera o lugar antes do qual, obra de hum tiro de pedra, estava no campo feito hum terreiro limpo e concertado, pera o Padre repousar e pratiquar hum pedaço antes de entrar, como elles usão com os grandes Principaes e de muita autoridade. <...>

[...]

# 67

# LEONARDO DO VALE
## (c. 1538 – 1591)

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. GONÇALO VAZ DE MELO, LISBOA. Bahia, 12 de maio de 1563.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [São Roque, Lisboa] I-5, 2, 38, ff. 132r-137r. Título: « † Jesus. *Copia de huma do Padre Leonardo, da Baya, pera ho Padre Guonçalo Vaz Provincial da Companhia de Jesus em Portugal, aos 12 de Maio de 1563* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. IV, 1960, p. 2) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae IV** (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII – Missiones Occidentales). Doc. 1: « *Do P. Leonardo do Vale ao P. Gonçalo Vaz de Melo, Lisboa. Baía 12 de maio de 1563* », pp. 3-22.

[...]

7. [*f. 132v*] (*p. 6*) Em Sam Paulo [*"Setembro passado de 1562", ou outubro*] se aparelhou outro [*"bautismo"*], pera o qual o Padre Provincial [*Luís da Grã*] mandou hum dos novo-ordenados se apercebesse pera dizer missa nova. Porque er necessário ser o bautismo algum tanto mais festejado que os outros, por ser de homens principais e de mais pollicia, como criados ao bafo dos brancos e vizinhos muy antigos desta cidade. Ha vespora polla menhãa foy ho Bispo [*D. Pedro Leitão*], que os avia de baptizar, e logo aquella tarde hos baptizou, ajudando-lhes os Padres, que ay estavamos; e, depois disso, se deseram has vesporas de canto d'orgão mui solennemente, e huma procissão polla Aldea. E ao outro dia, estando grande multidão de gente junta, assi Indios que os novo-christãos avião convidado de diversas e remotas partes, como Brancos, homens e molheres que fora nem dentro na ygraja caniam, bautizou o Bispo algums que ficarão do outro dia e deu ordens menores a alguns que a ysso forão da cidade: o qual acabado, se começou a missa de canto d'orgão com tão boa capella e tam bem fornecida de cantores, como se poderia achar em qualquer das principais ygrejas de Lisboa, com Diacono e Subdiacono, afora os padrinhos, e todos com riquas [d]almaticas e capas. E ao tempo da missa e lugar acustumado, se asentou ho Bispo pera fazer os casamentos, precedendo huma pratica, que ho Diacono lhes fez em sua lingoa sobre ho sacramento que avião de receber; e, depois delles casados e a missa dita, se fez huma solenne procissão pollo lugar. E o mais que restava do dia puserão elles com [*f. 133r*] folias e danças com que aguardecião ao Bispo a honra que lhes fizera. Forão os bautizados trezentos e doze, e casados em ley de graça cento e sesenta e hum.

[...]

# 68

## SEBASTIÃO DE PINA
## (1542 – após 1581)

**DOCUMENTO:** **CARTA AO P. GONÇALO VAZ DE MELLO, LISBOA.** Bahia, 12 de maio de 1563.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 138r-139r. Título: « *Copia de huma do Irmão Sebastião de Pina, de Baya, pera o Padre Gonçalo Vaaz, de 12 de Mayo de 1563* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (***Monumenta Brasiliae***, v. IV, 1960, p. 23) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** SEBASTIÃO DE PINA foi padre da Companhia de Jesus e esteve no Brasil de 1563 a 1577. Quando deixou a ordem, em 1568, ensinava a ler e escrever no Colégio da Bahia. Em 1574 era Superior em Ilhéus.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta*** ***Brasiliae IV*** (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII – Missiones Occidentales). Doc. 2: « *Do Ir. Sebastião de Pina ao P. Gonçalo Vaz de Mello, Lisboa. Baia 12 de maio de 1563* », pp. 21-27.

[...]

3. <...> [*f. 138v*] (*p. 24*) Logo o primeiro dia em que partimos de Lixboa [*"aos 15 de Fevereyro"*] começamos de enjoar sobre a tarde todos quatro; o Irmão Luis Carvalho todavia quis Nosso Senhor guardar para remedio dos tres, porque nunqua foy tão enjoado que não pudesse andar em pee, e acucindo-nos a muytas necessidades. Fomos assi enjoados todos tres até as Canarias. Dahi por diante quis o Senhor que convallescessemos de maneyra que pudessemos já sevi-llo em alguma cousa, e assi começamos (*p. 25*) logo a orndenar algumas cousas de seu serviço, scilicet; o Padre Quericio pregasse todos os domingos por seu tempo de quoresma e que ouvesse sempre missa cantada nelles, e que todos os dias à tarde ouvesse ledainhas publice, e aos sabados a Salve, e que hum dos Irmãos ensinasse todos os dias a doutrina aos mininos que na naao hyão à demais gente que a quisesse prender. <...>

[...]

# 69

## ANTÔNIO BLASQUES

## (1528 – 1606)

**DOCUMENTO:** CARTA [AO P. DIEGO MIRÓN, LISBOA]. Bahia, 31 de maio de 1564.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em espanhol com portuguesismos. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 145v-148v. Título: « † *Copia de huma de Antonio Blásquez* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. IV, 1960, p. 53) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae IV** (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. [Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII – Missiones Occidentales]. Doc. 6: « Do P. António *Blázquez [ao P. Diego Mirón, Lisboa]*. Baía 31 de maio de 1564 », pp. 52-70.

[...]

1. <...> [*f. 145v*] (*p. 54*) Y, por desto tenga V. R. más charidad, sepa que uvo elhos [*"los Yndios, "el año atrás passado"*] dos grandes mortandados. La primera tuvo origen y principio de unas febres que según ellos dezían les davan luego en el coraçón, <...> (*p. 55*) En este tiempo, entre ellos no se vían ni oían los bayles ni recozijos acostumbrados. Todo era lloro y tristeza, <...>

[...]

5. De aquí [*"Aldea" de "Sancto Antonio"*] el P.ᵉ Provincial [*Luís de Grã*] hizo su viage pera el Spíritu Santo, a donde lo estava aguardando el P.ᵉ Antonio Rodrigues con grande alboroço [*em abril de 1564*], porque así el como los Indios lo deseavan mucho. Hizo en esta Aldea el P.ᵉ Provincial noventa christianos y dellos casó ochenta en ley de gracia, precedendo la fiesta y regosijo acostumbrado, assí de parte de los nuestros com hymnos y cánticos, como de la dellos con sus cantares e bayles. Avrá en esta Aldea algunas mil almas poco más o menos, y creo que la maior parte dellos o quasi todos christianos, porque ha muchos años tratamos con ellos. Tiene a su cargo esta casa el Pᵉ Antonio Rodrigues, un grande obrero inter gentes, assí en zelo y fervor, como en obra y trabajos que entre ellos tiene tomado muy continuos, de doze años a esta parte que en nuestra Compañía con ellos conversa, com es ayudar missa, cantar y dizer la doctrina en casa a sus parientes. De todo sea gloria al Señor.

[...]

8. <...> [*f. 147r*] (*p. 61*) Cantaronse las bísperas muy solenemente [*Na igreja da "Aldea" de "Sant Pablo", por ocasião da "fiesta del baptismo" pelo P. Provincial, em maio de 1564*] y tanto que se maravillavan los que nos conocían, pareciéndoles que entre nosotros no avría quien fuesse para esto. Acabadas las bísperas, que fueron de canto de órgano, el Padre Provincial que solo los niños de las Aldeas dixessen la Salve cantada, la qual dixeron con tanto aire y gracia que no fue pequeño motivo de loar al Señor la gente que allí se halló, viendo muchachos tan bien doctrinados en las cosas del Señor. Poco después de dicha la Salve, ya quasi noche, estando los Padres confessando en la iglesia, llegó el Padre Baltezar Álvares con una gran muchedumbre de niños que traýa de [*f. 147v*] su Aldea de Sanct Juan, que será

desta algunas cinquo leguas, los quales venian en procesión, cantando las letanías, verdaderamente spectáculo con que todos nos alegramos y consolamos; máxime la gente de fuera toma de aquí materia para echarle mil bendiciones. <...>

9. <...> (*p. 62*) Algunas indias y brasílicas [*mamelucas, em 20 de maio de 1564*], imitando a los christianos, también se confessaron; yo soi acordado que en mi missa dí el Santo Sacramento a algunas dellas. Loores al Señor que a gente [de su nat]ural boçal y de baxos entendimientos haze por su divina piedad y demencia capazes de tan grandes misterios. Antes de dizir la missa se hizo una processión por esta Aldea mui grande y creo que si Vuestra R.ª la viera se alegrara mucho en su spírito, porque viera preceder grande número de niños todos christianos con sus palmas en las manos y sus guirnaldas llenas de cruzes en las cabeças; após dellos se siguía un grande esquadrón de gente anciana y de días y en medio dellos muchos dançantes y bailadores que a su guisa y moda hazían la cosa más solenne. Junto a estos yva el coro de los Hermanos cantando Te Deum laudamus y Laudate Dominum omnes gentes[120], e luego venían el diácono u subdiácono revestidos con dalmáticas de brocado que Su Señoria [*D. Pedro Leitão*] nos emprestó. Con esta orden se anduvo por la Aldea, loando al Señor: yvan quatro cruzes, una de Sancto António, otra de Sanct Juan, otra de Sanctiaguo y la pros(*p. 63*)trera del Spíritu Sancto, precedendo los muchachos por su orden siguiendo su cruz y felegresía. Acabada la processión, se començó la missa cantada y a ella predicó el Padre Rector, y después dél, el Padre Gaspar Lorenço a los brasiles con tanto aplauso y gusto de los oyentes que aun los que no entendían la lengua se holgavan mucho de se hallar presentes, viendo su actión y gracia que Diós en esta parte le tiene communicado mui particulas. Acabada la missa, no se acabó a los circunstantes la devoción y gusto que sintieron en este jubileo, porque dizían que por ningún aver quisieran aver perdido cosa tan buena, yendo por una parte quietos en la consciencia y consolados y por otra parte con lo que vieron mui edificados y dando [*f. 148r*] al Señor muchas gracias. Algunos señores, por reguozijar más la fiesta, después de comer corrieron la sortija en la Aldea y los Indios también hizieron sus bailes y danças todos y cada uno en su manera, alegrándo-se en el Señor. A él sea por todo gloria y alabança sempiterna.

[...]

**13.** [*Post Scriptum*] <...> [*f. 148v*] (*p. 66*) El dia, que predicó [*D. Pedro Leitão*], fue el de la Assencion de Señor, a un missa nueva de los Padres de cassa; y quando no puede, por su humildad, es el padrino de los missas cantantes [*en nuestra Cassa", na Bahia*], y esto commúmente. <...>

[...]

120 . MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 282) diz: « Salmo que integra as vésperas cantadas no dia que antecede uma missa solene ».

# 70

## ANTÔNIO BLASQUES

## (1528 – 1606)

**DOCUMENTO: CARTA AO P. DIEGO MIRÓN, LISBOA.** Bahia, 13 de setembro de 1564.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em espanhol, com portuguesismos. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 156r-160v. Título: « *Copia de una del P.e Antonio Blázquez del Collegio de la Baia de Todo[s] los Sanctos del Brasil para Portugal y escrita a 13 de Setiembre de 1564* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. IV, 1960, p. 71) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *IV* (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII – Missiones Occidentales). Doc. 7: « *Do P. António Blazquez ao P. Diego Mirón, Lisboa. Baía 13 de setembro de 1564* », pp. 70-83.

[...]

**3.** [*f. 156v*] (*p. 74*) Estando ja quasi toda la gente junta y todo a punto pera se començar las vísporas de pontificial [*a 29 de junho de 1564, na "población" de "S. Pablo"*], dan nos rebate cómo venían todos los niños de las otras poblaciones en processión; y, saliendo, divisamos a longe ser el P.e Antonio Rodriguez, el P.e Simeón Gonçalvez, el P.e Antonio de Pina y el P.e Baltezar Álvarez, los quales con toda la gente de sus Aldeas venían a ganar el jubileo[121]. Traían quatro cruzes, las quales seguían gran multitud de niños. Venían todos, como tienen de custume, con sus devisas de galentería, unos con sus grinaldas en las cabeças y palmas en las manos, otros con unas diademas hechas de plumas de diversas colores a su modo, hermosas y lustrosas, otros con grandes ramales de cuentas blancas al percueço, finalmente cada uno llevava aquello que a los oyos de todos pareciesse más gallano u polido. En el cabo desta processión, venían sinco Padres vestidos con sus sobrepelizes y iunto a ellos (*p. 75*) los discípulos, que sabían mejor cantar, y ansí, con esta orden y concierto, venían cantando las letanías. La gente, que avía venido a ganar el jubileo [*"de la Ciudad y de los aderredores"*] quando los vieron venir por aquellas valles, acodió luego a recibirlos, y todos los romeros se alvoroçaron con su venida, no cansándosse de dar mil loores y gracias al Señor con tan devoto espectáculo. <...> Finalmentem, toda esta multitud de niños entró por la Aldea resonando las alabanças del Señor y traxeron consigo a la iglesia quantos blancos avía en la población.

**4.** Junto pues todos, assí los christianos, que avian venido a ganar el jubileo, como los Indios y niños, que avían venido de las otras poblaciones, concertada y ataviada la iglesia con muy ricos ornamentos, se començaron las vísporas en pontificial con toda la solennidad possible, porque cantores, ornamentos y todo lo demás necessario S. Señoria [*"el Señor Obispo", D. Pedro Leitão*] lo avía mandado proveer; crea V. R. que en algunas partes de Portugal no se dirán con tanto decoro, ni por la ventura con tan gran auditorio, ni oýdas con tanta devoción. <...> [*f. 157r*] Acabadas las vísporas, se pusieron los Padres a confessar y, por cumplir con la devo(*p. 76*)ción de todos, estuvieron mucha parte de la noche oyendo confessiones.

5. Toda esta noche, ansí de la parte de los Indios con sus bailes y danças como de la de los Blancos con su tambor y folía, se passó festejando la fiesta con mucho plazer y regozijo.

[...]

7. Dichas las missas ["*venida la mañana*"], en las quales comulgaron algunas ciento y veinte personas de las que venieron a ganar el jubileo, se dio orden en cómo se hiziesse la procession en la qual ivan 6 cruzes, las quales seguía gran multitud de niños con las divisas que atrás tengo dicho. Luego venia el choro, con su música, cantando hymnos e psalmos, y máxime aquel que comiença Laudate Dominum omnes gentes [*salmo 116, 1*]. Junto el choro estavan nuestros Padres con sobrepelizes, salvo los que trayan capas que yvan junto del Obispo, <...>

8. (*p. 77*) Dexando esto a parte y tornando a mi propósito, sin duda que si V. R. viera el concierto y decoro desta processión, la alegría y fiesta de los Indios, la devoción y contentamiento de los Blancos, la muchedumbre de Indios christianos, las bendiciones y loores que davan al Señor, creo que in Domino se oviera mucho de alegrar, si truxera a la memoria que la mucha parte de aquellos Indios, que moravan en la sombra y región de la muerte, se le tenía ya dada la lux de la fee, en la qual doctrinados y enseñados, todo aquello que antes era instrumento de Satanás convertían en honra de su Dios y Criador. Porque se V. R. viera (como yo com mis proprios hojos) la manera que no ha mucho que tenían en la matança de sus contrarios quando avían de comer alguno, pasmara viéndoles tan mudados. Entonces sus bailes y beberes eran por honrar la fiesta de aquel contrario, cuja carne avían de comer, (*p. 78*) agora todo se muda en gloria y alabança del Señor. <...>

[...]

10. <...> [*f. 157v*] (*p. 79*) Tomó el assumpto de festejar esta fiesta [*de 25 de julho de 1564, em "Santiago"*] el Señor Simón de Gama, como otras vezes lo tiene hecho en algunos baptismos solemnes, porque para ello, puesto que quanto al mundo tenga mucha possibilidad y aparejo, acressiéntasse a esto ser él muy devoto y afficionado a la Compañía. Así que, llegándosse el tiempo, él partió de su casa con su muger y hijos, y entró por esta población de Santiago [*"el P.e Provincial", "8 días antes"*] con un atambor y bandera y con grande alboroto (*p. 80*) y plazer. <...> Y con esto ser assí [*"son estos Indios tan pobres que a lo mucho que se podría entender era darles un lanço de casa de paja en que se recogiessen"*] los que venían a ganar el jubileo tenían a buena [*f. 158r*] dicha caerles tal aposento que a otros (digo de Portogal) se les hiziera horror y asco entrar, quánto más dormir y apossentarsse en ellos. No fue esto impedimiento a que por esto dexassen de venir hombres de toda suerte, así nobles como baxos. Finalmente el Señor Obispo, el Daián, Chantre[122] y Canónigos de la See, no quisieron ser defraudados de lo que otros gozavan. Así que, la víspera del glorioso Santiago por la mañana estava esta población, así del ecclesiástico como del secular, tan ocupada y llena de romeros que no avía ya casa donde pudiessen caber.

[...]

12. (*p. 81*) Venía tan prima y tan bien ordenada esta processión [*do dia 24 de julho, "quasi a horas de jantar"*] que para Indios braziles no avía más que pedir, dexando a parte los niños que a porfía trabajan por quién hirá más galano con sus diademas y grinaldas donde [hay] muchas cruzes. Yvan en medio de la processión 2 Principales muy antigos y ancianos y muy bien vestidos a la purtug[u]esa, los quales con sus varas el las manos regían la processión. <...> Allegándosse ya cerca de casa de modo que los ouíamos, salió el P.e Provincial con los Padres y Hermanos a recebirlos; y juntamente la otra gente, que avía venido al jubileo, como lo supieron, se salieron al encuentro con atambor y folía y con una bandera de tafetá de muchos colores. También vino la música de los cantores ajudarles a cantar sus letanías y

psalmos; y assí, devididos en 2 choros, hazían su officio. El P.º Provincial, para edificación de los romeros, mandó que diessen con aquella orden una buelta por la Aldea, rodeándola toda no con pequeño contentamiento de los que los vían, porque juntamente loavan al Señor y magnificavan su bondad que los avía tirado de tanta ceguedad; y viéndolos tan bonitos y tam bien enseñados, le echavan mil bendiciones y manifestavan abiertamente que no se hartavan de verlos.

13. Finalmente, después de aver passado la Aldea deziendo las letanías con música solene a canto d'organo, entramos en nuestra Iglesia, la qual estava con mucha gente que avía venido a verlos, la qual se edificó mucho quando los oyeron cantar la Salve. <...>

14. (*p. 82*) Acabado de jantar, se possieron los Padres a oyr confessiones y estuvieron hasta que se començaron las vísperas de pontificial que se dixeron con mucha más solemnidad que en S. Pablo, porque los cantores eran en número muchos más. <...> Assí que en muy breve se confessaron muchos; y, por este jubileo, tomaron lo Santíssimo Sacramento algunas 150 personas de aquellas que vinieron a ganar el [*f. 158v*] jubileo.

15. Dexé de contar hun auto, que hizieron, del glorioso S. Thiago, muy devoto, y el regozijo y plazer con que se passó aquel día, porque como son passatiempos de gente de fuera no haze tanto a nuestro propósito relatarlos; <...> (*p. 83*) No menos [*na procissão do dia 25*] contentava la música de los cantores con sus hymnos y psalmos que con grande melodía resonavan en alabança del Señor. <...>. (*p. 84*) Finalmente, en medio desta processión, yvan danças, atambor con su vandera, folía, assí de parte de los Indios, como de los Christianos, que no poco regozijavan y alegravan la fiesta. Con esta orden y concierto se dió una buelta por la Aldea con grande satisfación de todos; <...>

[...]

121 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (pp. 66-67, nota 18): « Estes "jubileus da conversão" foram concedidos por Pio IV no Breve Unigeniti Aeterni Patris, de 2 de Fevereiro de 1563. Para promover a conversão e honrar as igrejas e capelas da Companhia de Jesus nos Colégios e Casas, já fundadas ou ainda a fundar, em terras de missão (Oriente, África e Brasil, citadas no texto), e o Papa concedeu indulgência plenária a quem tivesse convertido algum fiel ou gentio, ou em certos dias visitasse as igrejas da mesma Companhia (**Literae Apostolicae quibus variae facultates et indulgentiae Religiosis Societatis Iesu et aliis Christi fidelibus in Indiarum Orientalium et Occidentalium Provinciis conceduntur**. Romae (1565), nº 1, 3-7). O Bispo houve por bem de pregar por si mesmo este jubileu no Colégio da Baía [**Mon. Bras. IV**, doc. 6, § 13, p. 66], dia da Ascenção (11 de Maio de 1564), e o primeiro que se celebrou e ganhou, foi logo daí a dez dias na Aldeia do Espírito Santo, na festa titular, 21 de Maio. Seguiram-se-lhes os jubileus das Aldeias de S. Paulo e S. Tiago, nos dias santos respectivos, 30 de Junho e 25 de Julho, e se descrevem nesta carta [de 31 de maio] e na de 13 de Setembro § 2 e seguintes. Além destes jubileus dos Padroeiros, o Papa Pio V, a 16 de Outubro de 1567, concedeu por dez anos aos fiéis de todas as missões da Companhia, tanto orientais como ocidentais, quatro grandes jubileus, pelo Natal, Páscoa, Espírito Santo e Assunção de Nossa Senhora; Atestado de Polanco, Roma 26 de Março de 1571. (**Bras. 2**, ff. 121v-122r; Leite, Serafim – **História da Companhia de Jesus no Brasil**, v. II, [1938], p. 311 s.

122 . A partir de 23 de março de 1560, assume o chantrado Ruy Pimenta, confirmado por carta régia de 15 de março de 1560 (**Documentos Históricos** A , v. XXVI, 1937, pp. 77-80 e 149-150). Segundo documentação publicada, permanecia no cargo pelo menos até 12 de fevereiro de 1563 (**op. cit.**, pp. 102-103), uma vez que não aparece nomeação de um outro chantre. Sua provisão era de 35$000 réis anuais, valor estabelecido por carta régia de 14 de setembro de 1559 (**op. cit.**, pp. 13-15). Cf. também RÉGIS DUPRAT (*A música na Bahia colonial*, 1965, p. 95).

# 71

# JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 – 1597)

**DOCUMENTO: CARTA AO P. DIEGO LAINES, ROMA.** São Vicente, 8 de janeiro de 1565.

**TEXTO:** *Apógrafo coevo em espanhol* (com palavras portuguesas e portuguesismos). Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 167v-188v. Título: « *Copia de huma do Irmão Joseph para o Padre Mestre Diogo Laines Praeposito Geral da Companhia de Jesu* ». Outra letra: « 1565 ». Códice deteriorado e em partes de leitura difícil.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. IV, 1960, p. 121) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - **Monumenta Brasiliae IV** (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII - Missiones Occidentales). Doc. 14: « Do Ir. José de Anchieta ao *P. Diego Laines, Roma. São Vicente, 8 de janeiro de 1565* », pp. 120-181.

[...]

11. <...> [*f. 173r*] (*p. 135*) La vida de los franceses que están en este Río ["*Ryo de Henero*"] es ya no solamente oie apartada de la Iglesia Cathólica, mas también hecha salvage. Biven conforme a los Indios comiendo, bibiendo, bailando y cantando con ellos, teñiéndose con sus tintas prietas y bermejas, ornándose con las plumas de los páxaros, andando desnudos a las vezes, sólo con unos pañetes, y finalmente matando contrarios según el rito de los mismos Indios, y tomando nombres nuevos como ellos, de manera que no les falta más que comer carne humana, que en lo más su vida es corruptíssima.

[...]

15. <...> [*f. 175v*] (*p. 146*) Al otro día, que fue de Corpus Christi [*10 de junho de 1564*], nos fuemos mui de mañana a su [*de "Cuñambeba"*] Aldea [*em "Iperuig"*], onde él avía días que nos avía mandado hazer una casita pequeña en medio della para dizir missa. Y quando nos vio saaý él como todas las mugeres dei Aldea, recibieron tanta alegría, como si resuscitáramos aquella hora, hablándonos palabras de mucho amor; y fuesse luego al otra Aldea a combidar a los otros que veniessen a beber a la suya, onde les tenía grandes vinos.

Y andando bibiendo y bailando con gran fiesta, les dixo que no quería que nadie nos hisiesse mal, ni hablasse alguna palabra áspera, y no estorvassen las pazes que él hazía con nosotros, que determinava de nos defender, aunque supiesse quebrar con ellos. <...>

Para prueva de lo qual ["*es ésta una gente tan mala, bestial y carnicera*"] es de saber que en este mismo tiempo los del Campo dieron por la sierra en una hazenda de un hombre, al qual aunque teníamos mandado aviso por cartas, no se quiso guardar, pareciéndole que, como supiessen que estavan muchos de los suios entre nosotros, ya no le harían mal [*f. 176r*]; mas ellos no curando de nada, aunque les dixieron que teníamos ya hechas pazes, le pusieron fuego a la casa y la quemaron, y mataron a él y a su muger, y hizieron luego en pedaços; y otra muger medio quemada y herida llevaron biva, y en su Aldea la mataron con grandes fiestas de vinos y cantares, y junto con ella algunas esclavas.

[...]

17. <...> [*f. 177r*] (*p. 150*) Finalmente lo lievaron fuera [*"el esclavo", na mesma aldeia, a 25 de junho de 1564*] y le quebraron la cabeça, y junto con él mataron otro su contrario, los quales luego despedaçaron con grandíssimo regozijo, máxime de las mugeres, las quales andavan cantando y bailando: unas les punçavan con palos agudos los membros cortados, otras untavan las manos con la gordura dellos, y andavan untando las caras y bocas a otras, y tal avía que cogía la sangre con las manos y la lambía, spectáculo abominable; de manera que tuvieron una buena carnicería, con que se hartar. <...>

[...]

23. <...> [*f. 183r*] (*p. 165*) Mas ni esto bastante para nos poder hazer seguros entre gente [*em "Iperoig"*] que a nadie sabe tener respecto ni obediencia, y que quasi siempre anda caliente del vino, en el qual gastavan los más de los días bibiendo y cantando todo el día y noche con grandes gritos y deshonestidades, hombres y mugeres mesclados, de manera que ni en casa [*f. 183v*] ni fuera podíamos estar sin oir y ver sus borracharías y suziedades. Noche me aconteció, lloviendo mucho y haziendo grande frío, estar grande parte della fuera de casa em pie, mal guardado de la lluvia y padesciendo el frío hasta que ellos acabassen de bever sus vinos, y en fin, no podiendo más esperar, tornarme para dentro a guarescer el fuego y acabar la noche entre ellos. Y aquellos que andavan amotinados ya passavan por nosotros sin nos hablar ny mirar sino de travez, como hombres que no nos conoscían; y assí todas las noches, máxime quando bebían y cantavan, los acostávamos a dormir, offreciendo la cabeça a la espada, mas no era digna, a lo menos la mía, de la recebir sobre sý. <...>

[...]

# 72

## ANTÔNIO BLASQUES

## (1528 – 1606)

**DOCUMENTO:** **CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL.** Bahia, 9 de maio de 1565.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em espanhol, com portuguesismos. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 153r-155v. Título: « † Jesus. Copia de huna de Antonio Blazquez pera o P.e Provincial de Portugal ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. IV, 1960, p. 185) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae** *IV* (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII – Missiones Occidentales). Doc. 36: « Do P. *Antônio Blázquez aos padres e irmãos de Portugal. Baía 9 de maio de 1565* », pp. 185-196.

[...]

**2.** <...> [*f. 153r*] (*p. 187*) En las Aldeas uvo sus baptismos solennes trabajando (ut moris est) de ser solennizados con el maior aparato y ponpa que puede ser, porque me parece que los Indios lo toman en caso de honra, y por esto cada Aldea trabaja, quando vienen semejantes fiestas, esmerarse lo possible. En la población de Sam Juan uvo ciento y sesenta baptismos, en Santiago uvo algunos, pero non fueron tantos; y ansí mesmo, en Sancto Antonio y el Espírito Sancto y San Pablo se baptizaron y casaron un buena mano dellos, pero muchos más recebieron el sacramento del matrimonio que del baptismo. <...>

[...]

**4.** [*f. 153v*] (*p. 189*) Estando todo a punto [*para a festa da véspera do dia de Jesus, 31 de dezembro de 1564, "a la ciudad"*], se començaron las vísporas de pontificial con tanto concierto y decoro y con tanta devoción y lágrimas, quantos días ha que no tengo vistas en semejantes fiestas[123]. Todo este espacio que duraron las vísperas, que no fue poco, por ser dichas con grande solennidad, se vio siempre en la gente de fuera muestras de mucho sentimiento, o fuesse porque la novedad del negocio lo demandava, o la música y melodía del canto hazí subir su consideración a cosas maiores, o finalmente la contrición de sus pecados los movía a tener sentimiento dellos. Uvo en estas vísporas tres choros diversos, uno de canto d'organo, otro de un cravo[124], y otro de flautas, de modo que, acabando uno, començava el otro, y todos cierto con mucha orden, quando le venía su vez. Y dado que el canto d'organo delitava oyéndosse, y la suavidad del cravo detuviesse los ánimos con la dulçura de su harmonía, todavía quando se tocavan las flautas se alegravan e regozijavan mucho más los circunstantes, porque allende de lo hazer mediocremente, los que las tañian eran los niños brasiles, a quien ya de tiempo el P.e Antonio Rodrigues tien enseñado. Fue para el pueblo tan alegre este espectáculo, que no sé cómo lo pueda encarecer, u muchos (*p. 190*) de los que estavan en la Iglesia no lo podían creer, como de hecho no lo crieron si no tiraran a limpio la verdad con sus proprios ojos; y esto, allende de ser motivo para devoción, éralo también para dar muchas gracias al Señor, porque no se hablava entonces en la ciudad otra cosa sino en la buena criança [*f. 154r*] y enseñamiento destos niños.

5. <...> Y antes que se començasse [*"la missa de pontifical" na manhã do dia 1º de janeiro de 1565*], se hizo por nuestra castra [*i.e., claustro*] una processión, donde los Padres de casa yvan acompanhando a Su Señoría, el qual yva vestido de Pontifical con su Diácono y Subdiácono. Enfín, fue tam concertada y festejada, asý de cantores como de todo lo demás, que no avía más que pedir. Mas, como arriba dixe, todo el regozijo era ver los indiozicos brasiles tañer sus flautas; y ansi me dixo el Obispo [*D. Pedro Leitão*], porque paravan ellos un poco, que avisasse el Padre que dellos tenía carguo, que los hiziesse tañer, por(*p. 191*)que en esto parece que ponían mucha parte de su contentamiento. Acabada la processión, entretanto que se revestía Su Señoría, se tocó un poco el cravo, con que mucho se consolaron y provocaron a devoción los circunstantes, y luego después desto se començo la missa de pontifical, y a sus tiempos tañian las flautas, y, a los suyos, cantavan los cantores sus motetes, todo cierto com mucho ayre y gracia. Su Señoría, estando revestido de pontifical, subió al pulpito y hizo una predicación muy buena y de grande doctrina, y de ahý por delante se prosiguió la missa, a la qual tomáron el Sanctíssimo Sacramento muchos, y a las otras fueron tantos, que dizían los Padres que nunqua por Jueves Santo ni por día de Pascua vieran tanta copia de gente tomar el Sanctíssimo Sacramento. Un mercader tenía un terno de flautas[125] muy bueno, el qual, viendo a los brasílicos tañer, se lo mandó, diziendo que mucho mejor empleado sería en ellos que no en él. <...>

[...]

9. [*f. 155r*] (*p. 194*) Los officios de la Semana Sancta [*em 1565, sexta-feira desta semana foi 20 de abril*] con mucha devoción y concierto. <...> (*p. 195*) Concertado y ornado nuestro monumento deste modo, se hizieron los officios de la Semana Sancta en nuestra Iglesia con mucha devoción, de modo que, aunque en la See se solemnizassen con canto, dexavan todo y se venían a nuestra Casa. <...>

[...]

123 . Na documentação da época, as festas em Portugal eram relatadas com uma terminologia semelhante àquela aplicada ao Brasil. Nota-se, porém, maior coalência entre os reinóis. Muitas vezes, vendiam-se folhetos com o programa dos festejos, seguidos, pouco tempo depois, de impressos que descreviam os seus acontecimentos. É o caso, por exemplo, da **Relacion de las fiestas, que la Compañia de Iesv haze en la Ciudad de Lisboa** (1622, f. A4r), onde se lê: « El discante será de vihuela, rabequilla, y arpa, la qual acabada la dança, comencará a dançar a solas con gran donaire ». Na **Relaçam geral das festas que fez a religiaõ da Companhia de Jesus na provincia de Portugal** (1623, f. 26v), o mesmo episódio da festa, que durou de 30 de julho a 7 de agosto de 1622, agora é descrito após sua ocorrência: « O descante a que dançauão, era de viola, rabequinha, & arpa: o que tangia esta; acabada a dança sahia a dançar só com ella com tanta graça, que a todos leuaua os olhos ».

124 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. II, 1712, p. 603), descreve o instrumento: « Cravo de Tanger. Instrumento musico. Consta de huma caxa mais comprida, que larga, com seu jogo de teclas brancas, & pretas: tem cordas de aço, ou arame, martinetes, espelhos, &c. ».

125 . Esta, que é a única referência clara que nos chegou da época acerca dos « ternos de flautas », indica o uso de instrumentos de vários tamanhos, como nos **ternos de charamelas**. Contudo, é possível que seu uso fosse freqüente e estivesse implícito no termo flautas.

# 73

# QUIRÍCIO CAXA

## (1538 – 1599)

**DOCUMENTO: CARTA AO PROVINCIAL DE PORTUGAL.** Bahia, 13 de julho de 1565.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em português (Caxa sabia-o bem) ou tradução de original espanhol perdido. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 188v-190r. Título: « *Copia de huma do Padre Quiricio, da Baya 13 de Julho de 1565 (fala também no Rio de Janeiro) que escreveo ao Padre Doutor Diogo Mirão, Provincial da Companhia de Jesus* ». Parte muito deteriorada. Deterioração antiga, pois já na primeira edição não foi possível ler todas as palavras.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. IV, 1960, p. 255) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Padre da Companhia de Jesus, QUIRÍCIO CAXA foi Mestre em Artes e professor, vivendo no Brasil entre 1563 e 1599. Ensinou teologia moral e teologia especulativa na Bahia, sendo também pregador, Vice-Reitor do Colégio da Bahia e Consultor da Província.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae IV** (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII – Missiones Occidentales). Doc. 21: « *Do P. Quirício Caxa ao Provincial de Portugal. Baia 13 de julho de 1565* », pp. 255-260.

[...]

3. [*f. 188r*] (*p. 257*) Fizeram [*os portugueses, no Rio de Janeiro, pouco depois de 31 de março de 1565*] apontar huma espera [*antiga peça de artilharia*], e a primeira que chegou, que era a capitania [*nau Capitânia, francesa*], a qual ia mui soberba com estandartes e bandeiras de seda, pifaro[128] e tambor de guerra, foi varada da popa à proa com a espera, com o qual recebeu muito damno, e sendo alguns mortos acudirão-lhe com outros; <...>

[...]

128 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VI, 1720, p. 501) informa sobre o pífaro com suficiente precisão: « Especie de frauta, curta, & estreita, que faz hum som muito agudo. He instrumento musico de guerra, que serve de accompanhar o tambor. Algũas nações do Norte, & particularmente os Esguisaros usaõ delle. Deriva-se de Pfeiffer, que he palavra Alemã. (...) ¶ Pifaro tambem se chama na guerra o moço, que acompanha ao tambor, tangendo pifaro ». RAPHAEL COELHO MACHADO (**Diccionário musical**, 1842, p. 176) dá « Instrumento agudo, de carater marcial, unicamente usado nos corpos de infantaria e artilharia, e sempre accompanhado dos tambores ». De fato, a documentação portuguesa e holandesa do período deixaram gravuras onde aparece essa associação instrumental. Um dos melhores exemplos foi impresso no ***Wilhelm en Maurits van Nassau, Princen van Orangien***, de JAN JANZ ORLERS (Amsterdam, Jan Janez, 1651, entre pp. 74-75).

# 74

## JORGE RODRIGUES

## (c. 1539 - 1617)

**DOCUMENTO: CARTA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL.** Ilhéus, 21 de agosto de 1565.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 160v-162r. Título: « *Copia de huma do P.e Jorge Rodrigues dos Ilheos do Brasil para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesu de Portugal, escrita a 21 de agosto de 1565* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. IV, 1960, p. 276) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JORGE RODRIGUES esteve no Brasil de 1559 a 1612. Foi padre da Companhia de Jesus, ensinando latim no Colégio da Bahia em 1562 e primeiras letras em Ilhéus, tornando-se depois Mestre de Humanidades e Mestre de Noviços na Bahia. Sabia a língua brasílica e foi também Mestre de Índios.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE - **Monumenta Brasiliae** IV [1563-1568]. Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 - Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII - Missiones Occidentales). Doc. 23: « *Do P. Jorge Rodrigues aos padres e irmãos de Portugal. Ilhéus 21 de agosto de 1565* », pp. 271-282.

[...]

7. [*f. 161v*] (*p. 280*) Esta festa de Nossa Senhora d'Asumpção [*de 15 de agosto de 1565, em Ilhéus*] se confessou a comungou muita gente e creo que alguns, ou por milhor dizer muitos, ficaram por confessar por não podermos acudir a todos, ainda que eramos quatro Padres os que confessavamos.

8. <...> As vesperas forão cantadas em canto d'orgão, o P. Francisco Pirez pregou. <...>

[...]

# 75

# ANTÔNIO GONÇALVES

## (1531 – 1611)

**DOCUMENTO: CARTA AO PADRE DIEGO MIRÓN, LISBOA.** Porto Seguro, 15 de fevereiro de 1566.

**TEXTO:** Apógrafo coevo em português. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [São Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 162r-164v. Título: « *Copia de huma do Padre Antonio Gonçalves, da Casa de São Pedro de Porto Seguro, do Brasil pera o Padre Diogo Mirão, Provincial de Portugal. Escrita a 15 de Fevereiro de 1566* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (***Monumenta Brasiliae***, v. IV, 1960, p. 308) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Padre da Companhia de Jesus e Missionário de Índios, ANTÔNIO GONÇALVES sabia bem a língua brasílica. Esteve no Brasil entre 1560 e 1611.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae IV*** (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII – Missiones Occidentales). Doc. 31: « Do *P. Antônio Gonçalves ao P. Diego Mirón, Lisboa, Porto Seguro, 15 de Fevereiro 1566* », pp. 307-320.

[...]

11. [*f. 164r*] (*p. 315*) Outro Jubileu se celebrou em esta nossa Casa, dia de São Pedro [*29 de junho de 1565*], por ser o oraguo da mesma Casa, no qual ouve muitas confissõis, e por falta de confessores não ouve mais das que podera aver e não sermos senão dous. Ainda que começamos a confessar alguns dias antes não abastou pera poder satisfazer a vontade de todos. Esteve a igreja muito bem concertada, conforme a pobreza da terra e nós estáremos muito pobres de ornamentos, e, tanto, que com frontais de papel nos servimos e isto ainda por festa; ouve muitas envenções de foguo a vespora à noite, como são foguetes e rodas de foguo etc., que ajudarão a celebrar a festa; ao dia, ouve missa cantada, preguação e muita devação e lagrimas na gente, reconhecendo ao Senhor a mercê tão grande que lhes fez com lhes dar este jubileu pera salvação de suas almas.

12. <...> (*p. 316*) A sexta-feira seg[u]inte [*20 de abril de 1565, Sexta-feira Santa*] se fez o officio do desenserramento do Senhor (*p. 317*) com o mesmo sentimento, e devação, levando dous Padres vestidos com suas alvas e descalços ao Santissimo Sacramento em huma tumba toda cuberta de preto que pera isso estava feita, indo diante as Tres Marias, cantando **Heu, Heu, Salvator noster**[127], cubertas con seus mantos e (*p. 318*) coroas em as cabeças, o que tudo causava grande devação e admiração a esta gente por não averem visto outra tal nesta terra depois de ser povoada, dizendo que no Reino se poderia fazer tam bem, e milhor não. <...>

13. [*f. 164v*] No dia de Jesus seguinte [*1º de janeiro de 1566*], celebramos o jubileu, homde se confessou quasi toda a gente desta terra. Esteve a igreja muito bem armada e concertada, assi de panos como de ramos muito frescos, e ouve também muitas envenções de foguo, que hum devoto fez pera este dia; ouve touros, folia e outros joguos, que outras pessoas devotas ordenarão para o mesmo fim.

[...]

127 . SERAFIM LEITE, nesta edição (pp. 317-318, nota 17), informa: « O **Missal Bracarense**, de 1558 (não dos anos anteriores), traz o seguinte diálogo, que se cantava nesta cerimônia (**"Depositio Christi"**) de sexta-feira santa: (Pueri) – Heu! Heu! Domine! Heu! Heu! Salvator Noster! ¶ (Chorus) – Pupilli facti sumus absque patre, mater nostra vidua. ¶ (Pueri) – Heu! ... ¶ (Chorus) – Cecidit corona capitis nostri, vae nobis quia peccavimus. ¶ (Pueri) – Heu! ... ¶ (Chorus) – Spiritus cordis nostri, Christus Dominus, morte turpissima condemnatus. ¶ (Pueri) – Heu! ... ¶ (Chorus) – Defecit gaudium cordis, versa est in luctum cithara nostra. ¶ (Pueri) – Heu! ... ¶ **Missale Bracarense** (Lugduni 1558) [f]. XCVI, Solange Corbin, **Essai sur la Musique Religieuse au Moyen Age** (Paris 1952) 305-307. Cit por Mário Martins, *O teatro litúrgico na Idade Média peninsular*, in **Brotéria** 69 (1959) 297. Solange Corbin, *La déposition du Christ* (1960), em gravura no começo do livro, reproduz a música deste **planctus**, segundo o missal bracarense de 1558, e cf. a 28 das gravuras reunidas no fim desse livro (gravuras não paginadas). No Catálogo nº 2, de Pintasilgo & Fernandes, Rua da Escola Politécnica 183 (Lisboa 1959), nº 457, vem descrito um exemplar desse **Missale Bracarense**, e se diz que se conhecem mais dois exemplares em Portugal, um na Biblioteca Nacional de Lisboa, outro na Biblioteca Pública de Braga ». Esse texto é **normalmente** encontrado nos arquivos musicais brasileiros dos séculos XVIII e XIX.

# 76

## AMARO GONÇALVES

## (1531 – 1579)

**DOCUMENTO: CARTA AO P. FRANCISCO DE BORJA, ROMA.** Bahia, 16 de janeiro de 1568.

**TEXTO:** Tradução coeva em espanhol, com palavras portuguesas ou aportuguesadas, de texto anterior perdido. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 36, ff. 208v-211v. Título: « *Annual del Brasil para la Provincia Toletana y Aragonia del año 1567* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE (**Monumenta Brasiliae**, v. IV, 1960, p. 435) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** O padre AMARO GONÇALVES, da Companhia de Jesus, esteve no Brasil de 1566 a 1579. Foi Mestre de Noviços na Bahia, Mestre e Reitor do Colégio de Pernambuco.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae IV** (1563-1568), Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 – **Monumenta Missionum Societatis Iesu**, vol. XVII – Missiones Occidentales). Doc. 50: « *Do P. Amaro Gonçalves ao P. Francisco de Borja, Roma. Baía 16 de janeiro de 1568* », pp. 435-445.

[...]

7. [*f. 209v*] (*p. 440*) Viene mucha gente a la doctrina de los niños [*no Colégio da Bahia*], que se haze a los domingos y días de fiesta, a la tarde, después de la de los esclavos, que se la declara en su lengua, con una plática en el fin; mas éstos todos los días de la semana acuden a ella, puesto que no tantos por andar en sus trabajos, vienen todavía los esclavos que sirven en casa a sus señores, decláranse muchas cosas, que la gente huelga de oyr saber. También se edifica de oir cantar los niños cantares devotos y diversos, los quales se le dan accomodados a los tiempos, y estórvanse con elles otros muchos poco honestos y que escassamente se pueden cantar sin offensa de Dios N. Señor.

[...]

14. [*f. 211r*] (*p. 445*) Costumbran-se ayuntar los moços de la escuela en un lugar o ayuntárense por las mañanas temprano en la iglesia o loar a Dios, rezando el hymno "Veni Creator Spiritus" y el rosario del nombre de Jesus entonado, lo que hace ciertamente mucha devoción a los que lo veen, [se consideran quánto tiempo ay que estavan estas gentes en tenieblas y oscuridades, envueltas en peccados y vicios nefandos, sin noticia de Dios y sin se acordar de más que de offender a su Creador y Señor, el qual ya agora es de los mismos tan bien servido y loado.] <...>

[...]

# 77

# ANTÔNIO DE SÁ

**DOCUMENTO:** CARTA AO P. FRANCISCO DE BORJA, ROMA. [Pernambuco], 3 de julho de 1568.

**TEXTO:** Autógrafo em português. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 62, f. 238r-238v [antes f. 390r-390v]. Cota de secretaria: « 1568 Antonio de Saa 3 de Julio ». Ao pé do endereço, as letras « m p » [Mirón, Polanco]. Endereço autógrafo [f. 239v]: « † Ao muy Reverendo em Christo Padre o P.e Francisco de Borja Preposito Geral da Companhia de Jesus. Do Brasil ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE imprimiu esta carta pela primeira vez na ***Monumenta Brasiliae IV***, pp. 469-472.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** ANTÔNIO DE SÁ foi, provavelmente, um dos órfãos de Lisboa, nascido em c. 1537 e ingressando na Companhia de Jesus em 1559. Sabia a língua brasílica e trabalhou nas aldeias da Bahia, Espírito Santo e Pernambuco. Voltou a Portugal em c. 1570.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***Monumenta Brasiliae IV*** (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII – Missiones Occidentales). Doc. 66: « Do P. António de Sá ao P. Francisco de Borja, Roma. [Pernambuco] 3 de julho de 1568 », pp. 466-472.

1. <...> [*f. 238r*] (*p. 470*) Esta, Muy Reverendo Padre, não hé para mais que pedir que V. P. me conceda estas graças, que aquy vão, em huma conta, no que receberey grande charidade, assim para mym como para todos. <...>

2. As graças são as seguintes:

- Que todas as vezes que hum se confessar ou commungar ou dixer missa, tendo esta conta (que peço) consigo, ganhe indulgentia plenaria sem obrigação nenhuma de rezar.

- Que com huma "O gloriosa Domina"[128], ou "Ave Maris Stella"[129], ou "Magnificat"[130], se tire huma alma do Purgatorio todas as vezes que se dixer.

- Que todas as vezes confessar alguem ou der communhão ou provocar algum pagão a se fazer christão, (*p. 471*) posto que se não faça, ganhe indulgencia plenaria; e o mesmo, se baptizar.

[*f. 238v*] – Que cada vez que rezar o "Rosairo do Nome de Jesus", ganhe indulgencia plenaria.

– Que todas as vezes que dixer de geolhos "Deus propitus esto mihi peccatori"[131], ganhe dous mil annos de verdadera indulgentia.

– Que com cinco Padres-Nossos e 5 Avé-Marias, se ganhem todas as graças, que se ganhão em Roma, o dia que se rezarem, huma vez no dia.

– Que trazendo esta conta comigo, ganhe todas as graças que ganhão os que trazem a correa de S. Augustinho e o cordão de São Francisco e o escapulário de Nossa Senhora da Conceição.

– Que com qualquer oração, verso, etc., se ganhem mil annos de verdadeira indulgentia.

– Que na hora da morte, tendo esta conta comigo (ou quem me quer), ganhe indulgencia plenaria de todos meus peccados sem nenhuma obrigação de rezar; porque cá hé muitos perigos, nos quaes hum pode morrer sem se alembrar de Deos nem se tem conta ou não.

[...]

128 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 470, nota 5): « "O gloriosa Domina": Ulysse Chevalier traz 12 hinos que começam por estas palavras, no *Repertorium Hymnologicum*. ***Catalogue des Chants, hymnes, proses, séquences, tropes, en usage dans l'Église Latine***. Louvain, 1892-1920, II, 197-198 ».

129 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 470, nota 6): « "Ave Maris Stella": 5? hinos, ibidem, I, 112-113 ».

130 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 470, nota 7): « "Magnificat": Cântico de Nossa Senhora, Luc. I, 46-55 ».

131 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 471, nota 9): « Luc. 16, 13 ».

# 78

# INÁCIO DE AZEVEDO

## (1526 – 1587)

**DOCUMENTO:** VISITA DA PROVINCIA DO BRASIL. [Bahia, julho(?) de 1568].

**TEXTO:** Apógrafo em português. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras. 2**, ff. 137r-138v [antes pp. 249-252]. Título: « Visitas dos Padres Visitadores depois de serem aprovadas pelo Padre Geral. *Primeira Visita, do P. Ignacio de Azevedo* » [f. 136v]. A segunda visita é do P. Cristóvão de Gouveia. Colocaram-se juntas neste códice já no século XVII, porque antes delas, na f. 136r, acha-se copiada uma carta do secretário da Companhia Bernardo de Angelis, datada de Roma 7 de fevereiro de 1600 para o Provincial Pero Rodrigues. Foi este padre quem mandou copiar as « Visitas » e ele mesmo, por sua letra, indicou à margem o sentido dos parágrafos; e no começo, também ao lado, mas a coincidir com o título geral de « Visitas », escreveu: « Esta Visita ainda tem vigor ». Como, sobre a do P. Gouveia não havia dúvida de continuar em vigor, Pero Rodrigues deve-se referir à do P. Azevedo ao menos parcialmente. Dos 20 §§ em que a dividimos [isto é, S. Leite], exceto os §§ 7, 16, 12, 17, parte do 8 (do batismo dos índios descidos do sertão) e parte do 11 (portaria com chave), todos estão riscados.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** SERAFIM LEITE fez imprimir esta carta pela primeira vez na **Monumenta Brasiliae IV**, pp. 482-489.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Padre da Companhia de Jesus, INÁCIO DE AZEVEDO esteve no Brasil entre 1566 e 1568, como visitador. Morreu num ataque de corsários em 1587, quando vinha novamente para o Brasil.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Monumenta Brasiliae IV** (1563-1568). Roma, Monumenta Historica S.I., 1960. [Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 87 – Monumenta Missionum Societatis Iesu, vol. XVII – Missiones Occidentales]. Doc. 69: « Visita da Provincia do Brasil pelo P. Inácio de Azevedo. (Baía julho? de 1568) », pp. 482-489.

[...]

3. [*f. 137v*] (*p. 484*) As escolas de ler e escrever, que estão introduzidas em as cazas das Capitanias se podem continuar, (*p. 485*) não se insinando canto[132] nem latim etc., e procure-sse em quanto puderem aproveitar bem os moços assi no ler e escrever como nos costumes christãos, e não os castiguem os nossos por sua mão, como [se] diz na 4ª parte das Constituições, mas busque-sse algum bom modo pera isso; e, de novo, não se comecem a insinar em parte nhuma, sem especial licença do Provincial.

[...]

5. Acerca de cantar missa e outros officios divinos e processiões etc., em as parets onde há curas e vigairos, que o fazem em sua Igreja, os nossos guardem as Constituições, procurando ajudar as almas com as confissões e (*p. 486*) pregações, e insinar a doctrina Christã, e evitar-se-há a emulação dos curas.

[...]

132. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 485, nota 7): « O canto ensinou-se e foi sumamente útil nos primeiros contactos com os Índios da Baía e de Piratininga e na Casa de S. Vicente (**Mon. Bras. II** 483; **Biografia de Nóbrega** 88-90). Com o povoamento do Brasil, as Casas das Capitanias começavam a atender mais à população das vilas e cidades e a assumir o caráter das residências européias. Mas o canto e a música renascia quando se operavam novos primeiros contactos com Índios, como iria suceder no Norte com Luís Figueira e António Vieira, que invoca expressamente o exemplo de Nóbrega (LEITE, **Biografia de Nóbrega** 89) e ordena na sua "Visita" que nas Escolas das Aldeias, os mais hábeis se ensinem a ler e escrever, e, havendo muitos, se ensinem também a cantar e tocar instrumentos para beneficiar os ofícios divinos (LEITE, **História da Companhia de Jesus no Brasil**, v. IV, p. 112; MAURÍCIO [GOMES DOS SANTOS, DOMINGOS] – Balanço cultural [dos jesuítas no Brasil (1549-1760), Brasília, Coimbra, 9: 257-311, 1955], 308) ».

## 79

# JERÔNIMO OSÓRIO

## (1506 – 1580)

LIVRO: **DA VIDA E FEITOS DE EL-REI D. MANOEL**. Lisboa, Antonio Gonçalo, 1571.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Estas são as edições mais conhecidas deste opúsculo: *De Rebvs, Emmanvelis Regio...* (s.l., Antonius Gondisalvo, 1571); *Hieronymi Osorii Lvsitani...* (Coloniae Agrippinae, 1574); *Histoire de Portvgal...* (s.l., François Estienne, 1581); *Historiae Hieronymi Osorii...* (Coloniae Agrippinae, Arnoldi Birckmanni, 1581), existindo, também com esse título, edições de 1576, 1580, 1586, 1595 e 1597; *L'Histoire de Portvgal...* (Geneve, Samvel Crespin, 1610); *Leven en doorluchtig bedrijf van Emmanuel...* (Rotterdam, François van Hoogstraten, 1661-1662); *d'Indiaensche Historie der Portugeesen...* (Rotterdam, François van Hoogstraeten, 1670); *The History of the Portuguese...* (London, A. Millar, 1752); *Da vida e feitos d'El-Rei D. Manoel...* (Lisboa, Impressão Regia, 1804). Esta é a página de rosto da primeira edição: **De Rebvs, Emmanvelis Regis Lvsitaniae invictissimi virtvte et avspicis gestis Libri dvodecim. Avtore Hieronymo Osorio Episcopo sylvensi. Olysippone. Apud Antonium Gondisalui Typographum. Anno Domini M.D.LXXJ. Cvm privilegio Regio.** (32 X 21, 3-480 pp., 1 ff. inum.)

NOTA SOBRE O AUTOR: OSÓRIO foi escritor e religioso português, bispo do Algarve e lente da Universidade de Coimbra, onde recebeu o título de "Cícero português". Suas notícias do Brasil estão baseadas em escritores do princípio do séc. XVI, particularmente FRACANZANO DA MONTALBODDO (que imprimiu a relação do piloto anônimo « ).

EDIÇÃO UTILIZADA: HIERONYMI | Osorii Lvsitani, | Silvensis In Algar-|biis Episcopi; | De Rebvs; Emmanve-|lis Regis Lvsitaniae Invi-|ctissimi Virtvte Et Avspicio, | annis sex, ac viginti, domi forisq, ges-|tis; libri duodecim. | Quibus; potissimùm ea, quae in Africa et India bel-|la confecit, explicantur. | Adiectus est rerum, ac verborum, index. | (grav.) | Coloniae Agrippinae, | Apud Haeredes Arnoldi Burckmanni. | CIↃ.IↃ LXXIV. (1574) (BIEB: 12-5-4; 16 X 10 cm; 15 ff. inum., 416 ff. num., 16 ff. inum.)

TRADUÇÃO PORTUGUESA: Da Vida E Feitos | D EL REI D. MANOEL, | XII. Livros | Dedicados | Ao | Cardeal D. Henrique | Seu Filho | Por | Jeronymo Osorio, | Bispo De Sylves: | Vertidos Em Portuguez | Pelo Padre | Francisco Manoel Do Nascimento. | Tomo I. | Lisboa. M.DCCC.IV. (1804) | Na Impressão Regia. | Por Ordem Superior. (BIEB: 21-b-2; 411 pp.)

### TEXTO LATINO

HIERONYMI | Osorii Silvensis | Algarbiorvm In Lv-|sitania Epi-|scopi, | DE REBVS EMMA-|nvelis, Lvsitanorvm Re-|gis Invictissimi Vir-|tute & auspicio gestis, | Liber Secvndvs.

(*f. 52v*) Sed tanta erat in hominibus ingenij tarditas, tantusq stupor in animo, vt nullis signis de re aliqua admoneri potuerint. Tum Capralis eos vestibus ornatos, tintinabulis et aeneis armillis, et speculis donatos in terram exponi iubet. <...> Admirantur specula,

### TRADUÇÃO

Da Vida E Feitos D'ELREI D. MANOEL. Livro II.

[...]

<...> (*p. 144*) Mas tão boto engenho tinhão estes Indios, e tão embaçados estavão de animo, que se lhes não póde por sinaes dar nada a perceber. O que visto por Cabral, lhes deo alguns pannos, cascaveis, anneis de latão e es-(*p. 145*)pelhos, e assim dadivados, os

obleotantur tintinabulis, efferuntur armillis, intuentur nostros, *et* expleri, singula spectando nequeunt. Tum Capralis simplicitate gẽtis inuitatus, in terrã descẽdit. Igiq sub vmbra arboris ingentis altare construi iubet, *et* statuit, vt res diuina maxima cum caeremonia fieret, *et* concio etiam de rebus diuinis haberetur. Ab huius sacrificij spectaculo nõ fuẽre terrae illius cultores exclusi taciti verò *et* stupore defixi, Caeremonia-rũ sanctitatem, *et* symphoniae concentum intimis sensibus vsurpabant: *et* demisso corpore se moueri plurimĩ religione significabant. Cũ verò, peractis rebus sacris, Capralis se in classem recipere voluisset, eum ad schaphas cum maximo gaudio prosegunti sunt. Quanta verò Laetitis affecti essent, cantibus crebris, *et* buccinarũ *et* cornũu concentib. *et* corporum gestibus, *et* sagitis in serem mißis, *et* manib. (*f. 53r*) in caelum intentis indicabant. Videbantur enim DEO summas agere gratias, quòd gentem illam ad eas oras detulisset. <...> (*f. 54r*) Est in magno apud illos honore quoddã genus hominum maleficũ quos de rebus incertis (*f. 54v*) consulunt. Appellantur ab illis Pages. Hi gestant in summa sagitta cucurbitam ignem subijciunt, *et* fumum ex herbis congestis faciunt. Tum sumum illum naribus accipiunt, vsq eò, dum ebrij vacillent, *et* corruãt, *et* extra mentem rapiantur. <...> Hi quocunque veniunt, summo omnium plausu recipiuntur, viae muniuntur, carmina ad tibias gentis more concinnuntur, Choraeae agitantur: <...> Sunt ad Laborem pigri, ad luxum *et* otiũ propensi: quoties à bellis conquiescunt, totum tempus in conuiuijs, *et* saltationibus sine vllo modo consu-(*f. 55r*)munt. Choros in eodem loco per insistentes circum orbem versant. In cantibus non distinctis sonorum interuallis, sed simplici vocum ratione carmina modulantur. Illic autem quae fecerint in bello commemorant, facinoraqũe sua summis

mandou pôr em terra. <...> Embelezavão-se nos espelhos, divertião-se com os cascaveis, altanavão-se com os braceletes, estavão fitos em nós, sem se poderem fartar de remirar cada cousa per si. A simpleza desta gente empenhou a Pedro Alvares Cabral descer á terra, e alli á sombra de huma arvore grossissima mandar erguer hum Altar, onde com grande ceremonia se celebrasse Missa cantada, e houvesse prégação. Nem forão excluidos daquelle espectaculo os colonos daquella terra, que mudos e estupefactos entranhavão sem pestanejar no intimo dos sentidos a santidade das ceremonias, e a harmonia do canto; e na inclinação de seus corpos mostravão-se muito entrados do nosso culto. E quando o Cabral se vinha retirando para as náos, o vierão com muito gosto acompanhando até ás lanchas: tão declaradas erão estas significações de rigozijo, que com amiudados cantos, com tangêres de cornos e buzinas, com gêstos de seu corpo, com settas atiradas ao ar, e as mãos apontadas para o Ceo, parecião render immensas graças a Deos, de ter (*p. 146*) alli trazido aquelles homens. <...> (*p. 149*) Observão agouros [*os homens do "Brazil"*], e são dados a empeçonhamentos. São entre elles em muita honra certos homens maléficos, a quem vão consultar nos casos duvidosos. Chamão-lhes Pages. Trazem estes na ponta d'huma setta huma cabaça com figura de homem ¹²³, e cada vez que lhes dá na vontade, mettem brazas (*p. 150*) na cabaça e de sobrepostos hervas sahe fumo, que resfolgam pelos narizes, até bebados tremelhicarem, se esponjarem, e sahirem de si. <...> (*p. 151*) São mui preguiçosos para o trabalho, e mui inclinados ao jogo, e descanço: todo o tempo que não empregão na guerra, o dão aos banquetes, ao canto e dança sem theor algum. Toda a sciencia de sua dança está n'huma roda, que vai sempre saltando, e seu canto n'huma nota monotona, que não sobe, nem desce na entoação das coplas. Alli se recitão as proezas, que na guerra

laudibus extollunt: & omnes cantus ad virtutis militaris laudem reuocant, & interim sibilis & pedum strepitu eandem symphoniam prosequuntur. Alij verò saltantibus pocula ministrant, donec tandem omnes temulètia oppreßi sternantur. <...>

[...]

acabárão, a que dão consummados elogios, e todas as canções tornão em applauso do esforço militar: o acompanhamento desta musica lho fazem elles assoviando e batendo com os pés. Andão em tanto os outros occupados a dar de beber aos dançantes, até que assoberbados do beberete caião sem sentidos. <...>

[...]

133. OSÓRIO se refere ao **maracá**, mas não menciona seu nome, o que era comum entre os escritores portugueses. SIMÃO DE VASCONCELOS (*Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, 1663, Das notícias antecedentes, livro II, § 36) parece ter tomado este trecho, reorganizando-o da seguinte maneira: « Vsão alguns de hum cabaço a modo de cabeça de homem fingida, com cabellos, orelhas, narizes, olhos, & boca: estriba esta sobre hũa frecha, como sobre pescoço, & quando querem dar seus oraculos fazem fumo dentro deste cabaço com folhas secas de tabaco queimadas; & do fumo que sae pellos olhos, ouvidos, & boca da fingida cabeça, recebẽ pellos narizes tanto, até que com elle ficão perturbados, & como tomados do vinho ».

# 80

# PERO DE MAGALHÃES GANDAVO

## (1540 ? – ?)

**DOCUMENTO:** HISTÓRIA DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ. c. 1575.

**TEXTO:** Único manuscrito conhecido. Apógrafo em português, do fim do século XVI. Biblioteca do Escorial, IV-b-28, 31 ff. [3 ff. brancas no começo e 9 no fim]. Título [f. 5r]: « *História da provincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil: feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Illustre sñor Dom Lionis Pereira* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da História do Brasil**, 1979, livro I, cap. I, nº 2, p. 429) informa: « Emmanuel Pereira Filho mostrara antes que Gândavo escrevera duas versões do *Tratado [da Terra do Brasil]*, uma dedicada à Rainha D. Catarina, e outra dedicada ao Cardeal Infante D. Henrique. "Estas duas versões que deveriam ter sido redigidas entre 1567 e 1569, foram posteriormente (entre 1570 e 1572), refundidas e ampliadas num trabalho definitivo que recebeu o título de **História da Província de Santa Cruz**" [(nota 29): "As duas versões do Tratado de Pero de Magalhães Gândavo", **Revista do Livro**, 21-22, março-junho 1961, 85-107] ». Nas pp. 429-430 RODRIGUES dá as principais edições desse texto, que resumimos: a edição de Lisboa, 1576; a edição na **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, (v. 21, 1858); a edição inglesa por John B. Stetson (New York, Cortez Society, 1922); e a conhecida edição com advertência de Afrânio Peixoto, nota bibliográfica de Rodolfo Garcia e introdução de Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1924. Há também a edição de 1980 (Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP), col. reconquista do Brasil, nova série, v. 12.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (op. cit., p. 436) informa que « Pouco se sabe sobre sua vida. Natural de Braga, descendia de flamengos. Barbosa Machado [**Bibliotheca Lusitana**. Lisboa, v. III, 1752, p. 591] escreveu que ele foi humanista e latino e abriu escola pública entre o Douro e o Minho ».

**PRIMEIRA EDIÇÃO:** História da prouincia sãcta Cruz | a qua vulgarmẽte chamamos Brasil feita por Pero de | Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito Illr. sñor Dom Lionis P^ra gouernador que foy de Malaca et das mais partes | do Sul na India. [Colofão]: Impressa em Lisboa, na officina de Antonio Gonsalues Anno de 1576. [48 ff. num. no verso, 2 ests.].

**EDIÇÃO UTILIZADA:** HISTORIA | DA PROVINCIA SANTA CRUZ, | a que vulgarmente chamamos Brasil, | feita por Pero de Magalhães de Gandavo, | dirigida ao muit illustre senhor | Dom Leonis Pereira, | Governador que foi de Malaca e das mais partes do sul | na India. | Lisboa | na Typografia da Academia Real das Sciencias | 1858. [Collecção | de opusculos reimpressos | relativos à historia das navegações, viagens | e conquistas | dos | Portuguezes | pela | Academia Real das Sciencias | Tomo I | Nº III.] XX p., 68 p. [Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, L-6, 39]. Nesta edição, que acusa a existência de outro exemplar da "historia" na biblioteca de M. Ternaux Compans, há a seguinte observação, à p. VII: « A copia manuscripta, de que nos servimos para esta segunda edição, pertence á Bibliotheca da Academia Real das Sciencias [...] ».

[1.] (*p. 58*) Huma das couzas em que estes Indios [*"que habitam pela costa, e em partes pelo sertão dentro muitas legoas, com que temos communicaçam. Os quaes ainda que estejam divizos, e haja entre elles diversos nomes de nações, todavia na semelhança, condiçam, costumes, e ritos gentilicos, todos sam huns"*] mais repugnam o ser da natureza umana, e em que totalmente parece que se extremam dos outros homens, he nas grandes e excessivas crueldades que executam em qualquer pessoa que podem haver ás mãos, como nam seja de seu rebanho. Porque nam tam somente lhe dam cruel morte em tempo que mais livres e desempedidos estam de toda a paixaõ: mas ainda depois disso, por se acabarem de satisfazer lhe comem todos a carne uzando nesta parte de cruezas tam diabolicas, que ainda nellas excedem aos brutos animaes que nam tem uzo de razam nem foram nascidos pera obrar clemencia.

[2.] Primeiramente quando tomam algum contrario se logo naquelle fragante o nam matam levamno a suas terras pera que mais a seu sabor se possam todos vingar delle. E tanto que a gente da aldêa tem noticia que elles trazem o tal cativo, dahi lhe vam fazendo hum caminho atê obra de meia legoa pouco mais ou menos onde o esperam. Ao qual em chegando recebem todos com grandes afrontas e vituperios tangendolhe humas frautas que costumam fazer das canas das pernas doutros contrarios semelhantes que matam da mesma maneira.

[3.] E como entram na aldêa depois de assi andarem com elle triunfando de uma parte pera outra lançamlhe ao pescoço huma corda de algodaõ que pera isso tem feita, a qual he muy grossa, quanto naquella parte que o abrange, e tecida ou enlaçada de maneira que ninguem a pode abrir nem cerrar senam he o mesmo official que a faz. Esta corda tem duas pontas compridas per onde o atam de noite pera nam fogir. Dali o metem numa caza, e junto da estancia daquelle que o cativou lhe armam huma rede, e tanto que nella se lança cessam todos os agravos sem haver mais pessoa que lhe faça nenhuma offensa. E a primeira couza que logo lhe apresentam, he huma moça, a mais fermosa e honrada que ha na aldea, a qual lhe dam por mulher: e dahi por diante ella tem cargo de lhe dar de comer e de o guar(*p. 57*)dar, e assi nam vay nunca pera parte que o nam acompanhe. E depois de o terem desta maneira muy regalado hum anno, ou o tempo que querem, determinam de o matar, e aquelles ultimos dias antes de sua morte, per festejarem a execuçam desta vingança, aparelham muita louça nova, e fazem muitos vinhos do sumo de huma planta que se chama aipim de que atraz fiz mençam. Neste mesmo tempo lhe ordenam huma casa nova onde o metem. E o dia que ha de padecer pela manhaã muito cedo antes que o sol saya, o tiram della, e com grandes cantares e folias o levam a banhar a uma ribeira. <...>

[...]

# 81

# ANDRÉ THEVET

## (1502 – 1590)

LIVRO: A COSMOGRAFIA UNIVERSAL. Paris, Guillaume Chandiere, 1575.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A *Cosmografia* nunca foi reeditada por completo. Mas a parte que interessa ao Brasil foi transcrita, com notas por SUZANNE LUSSAGNET no **Les français en Amérique, pendant la deuxième moitié du XVIe siècle** (Paris, Universitaires de France, 1953, v. 1).

EDIÇÃO UTILIZADA: *LA | COSMOGRA-|phie vniverselle | d'André Thevet Cosmo-|graphe dv Roy. Illvstree de diverses figvres de | choses plvs remarqvables vevës par | l'Auteur, & incogneuës de noz Anciens & Modernes. | Tome Second. | A Paris, | Chez Guillaume Chandiere, rue S. Iaques, à l'enseigne du | Temps, & de l'Homme sauuage. | 1575. | Auec Priuilege du Roy.* [37 X 23; 1 f. pr., 8 ff. inum., 1 mapa, (2f.), 557 ff. num. (de 469 a 1025), 1 mapa, 1 f. inum., 16 ff. inum.] (BIEB: 15-5,13).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CAETANA.

OBSERVAÇÃO: As gravuras deste livro são as mesmas do « **Les singularitez de la France Antarctique** », do mesmo autor (1556), mas a sua apresentação é invertida (da esquerda para a direita).

TEXTO

**Tome Qvatrieme. Description de la Qvatrieme partie dv Monde, illustree de nostre temps.**

**De la racine D'hetich, de laqulle ils vsent en leur manger, et de leurs Pagez et Caraibes. CHAP. VII.**

[1.] <...> (*f. 921v*) Et s'aident sur toute poison, d'vn arbre, qu'ils nomment **Ahoua**, qui a son fruict venimeux & mortel, de (*f. 922r*) la grosseur d'vne Chastaigne moyenne, dangereux sur tout venin, & mesmement le noyau: & ce fruict est blanc, auec son noyau, fait en la forme d'vn Δ lettre grecque. <...>

TRADUÇÃO

Tomo quatro. Descrição da quarta parte do mundo, ilustrada ao nosso tempo.

Cap. VII.

Da raiz de jetica [*batata-doce*], da qual eles se usam em sua alimentação, e de seus pagés e caraíbas.

<...> Servem-se, entre todos os venenos, de uma árvore que eles chamam **aguai**, cujo fruto é venenoso e mortal, do tamanho de uma castanha de porte médio, perigosa pelo seu veneno, mesmo o seu caroço. Esse fruto é branco, com o caroço em forma de letra grega Δ [*delta*] <...>

(*f. 922r*) Arbre de l'Ahouaí [*árvore de aguaí*]



<...> Les Sauuages ne donneroient pour rien du monde de ce fruict [*Ahoua*] fraiz cueilly aux estrangers, s'ils ne sont de leurs ennemis, & à qui ils veulent nuyre: mesmes ils deffendēt à leurs enfans d'y toucher, iusques à ce que le noyau soit dehors, auquel gist & consiste toute la force du venin, & les coquilles du fruict estans

<...> Os selvagens não dariam por nada no mundo deste fruto [*auaí ou chapéu-de-Napoleão (Thevetia ahouai)*] frescamente colhido aos estrangeiros, a não ser aos seus inimigos, a quem eles quisessem prejudicar. Até proibiam aos seus filhos de tocá-lo, antes de terem tirado seu caroço, no qual se concentra toda a força do veneno. E

seiches, ils en font des sonnettes, qu'ils portent en leurs iambes, lesquelles sonnent aussi dru, que celles qu'on fait par deça, & en vsent hommes & femmes, lors qu'ils font leurs **Cahouina**(*f. 922v*)**ges** & massacres: tellement que quelquesfois vous n'orriez pas tonner, lors qu'ils dansent, accompagnez de diuerses sortes d'instruments, faits à leur mode. Et de telles braues sonnettes i'en ay vne belle rangee en mon Cabinet, auec quelques vnes de leurs espees, & pareillement diuerses sortes de peaux d'oyseaux escorchez. <...>

com as cascas do fruto, estando secas, fazem chocalhos, que colocam nas pernas, os quais soam tão forte quanto os fabricados lá [*na França*]; os homens e as mulheres os usam quando fazem suas cauinagens e massacres. Assim é que, às vezes, não se ouve outra coisa, quando dançam, acompanhados pelos diversos tipos de instrumentos, feitos ao seu modo. Tenho em meu Gabinete uma bela fileira destes bravos chocalhos, com algumas de suas espécies, e também diversos tipos de peles de pássaros deviscerados. <...>

**Les Sauuages croyent que l'ame est immotelle: et la façon de mettre les morts en terre. CHAP. VIII.**

Cap. VIII.

**Os selvagens acreditam que a alma é imortal; e o modo de colocarem os seus mortos na terra.**

[1.] <...> (*f. 924v*) [*"Curiosité de Quõniabeo"*] Il prenoit si grand plaisir à nous regarder, pendant que nous faisions noz prieres, qu'il se prosternoit à deux genoux & esleuoit les mains au ciel, tout ainsi qu'il nous voyoit faire: & estoit si curieux de sçauoir ce que nous disions qu'il me pria luy apprendre quelques vnes de noz oraisons. Ce qui m'incita de tourner & reduire en leur lãgue, auec vn esclaue Chrestiẽ, nostre oraison Dominicale, la salutatiõ Angelique, & le Simbole des Apostres: afin d'attirer ce grand Roy, & tous ses subiets, à la cognoissance de leur salut, & admiration des faits de Dieu: ce que ie vous ay bien voulu icy representer soubs les mesmes termes & langage du païs, comme chose non encores veuë, ny descrite par aucuns des anciens ny modernes.

(*f. 925r*) | **Oraison Dominicale en Sauuage.** | [*"Pater"*] **O** Re rure vbacpé Ereico. Toicoap pauemgatu aua vbu | Iagatou oquoauac charai b'-amo derera reco | Oreroso Ieppé vuacpé. Toge mognenga | deremipotare vbucpé vuacpé igemonang iaué. | Araiauion ore remiou Zimëeng cori oreue. De guron oréuo | orememoan angai paue

<...> [*"Curiosidade de Cunhambeba" (principal indígena)*] Ele tinha grande prazer em nos observar enquanto faziamos as orações, ao que ele se prostrava sobre os dois joelhos, elevando as mãos ao céu, tudo como nos via fazer. Ficou tão curioso em saber o que diziamos, que me pediu para aprender algumas de nossas orações. Isso me animou a traduzir para a lingua, com o auxilio de um escravo cristão, nossa Oração Dominical [*Pater noster*], a saudação Angelical [*Ave Maria*] e o Simbolo dos Apóstolos [*Credo*], a fim de levar esse grande rei e todos seus súditos ao conhecimento de sua salvação e admiração dos feitos de Deus. E isso desejei representar com as mesmas palavras e lingua do país, como coisa nunca antes vista, nem descrita pelos autores antigos ou modernos.

**Oração dominical em** [*língua*] **selvagem:** [*"Pai Nosso"*].

supé, orereconemoa-sara supe supe oregiron iaué. | Eipotarume aignang oremonomaugé. Eipea pauemgne ba emenoam ore fuy. | Emona né toico, Iesus. | **Salutation Angelique.** | ["*Ave*"] **DE** rori Maria Toupan oico de irumnamo de ognonnian, | Ereico inombeou gatoupiramo cogna sui as aué | de suy osanuae puera de Iesus. | ["*Sancta*"] Sancta Maria Toupan su cieruré demembouira supé | tigburon oraue, ore memoan angat paua supé. | Emona ne toico Iesua. | **Le Simbole des Apostres.** | ["*Credo*"] **A**Robia Toupan rouua mae letiroan supé y hauangauemaë | Vbacque mognangare, vboy aue mognangare. | Arobia Iesu Christo taure ô Ieppé, Toupan Espirito sanctos, ô Iaese, | Igemosae nandape turi y anderoo rauo aëosen Maria virgon suy, | baërasy catúpaue. Pilato oiporarauoap ysupé vbuira gecunasaue | riymo iamaruca seon rire, ita caramemoam | Pupe ytuma yanga oso ognanga retan, | aësioytury ouo oraue, opoerape | carai caturamo oicouë mosapoi araroupe ygeou poiri | vbacpé teonbouere reid suy oua picqua ô iucua, | Ecatouuaua, cotoyoine maëtetiroan supe yhauan | gabmae sesuiturine oicaueuaë, omenoueuae, | puera, recopuera repugme enge ysupene, | Arobia Espírito sanctos, Arobia Toupan roqu'gemonga-raipaue | Toupan rofe ogerobia ruuae gemongaraipaue: | Arobia ychagnuam pupe catou Toupan roupapé | y cataicatonae gagnugnangaue à se raroaue soupé | gurundaua à se rete poëropaue, Arobia Toupan | roripaue à sereco be boucon. | Emona ne toico Iesus.

[...]

[1.] <...> (*F. 926r*) Or donc quand quelque pere de famille est decedé entre ces Sauuages, soit en guerre, de vieillesse, ou bien de quelque accident: leurs femmes font couper leurs cheueux pres de la teste, apres en auoir arraché vne grand partie auec horribles pleurs & lamentations fort piteuses, qu'elles continuent, non deux ou trois iours, mais bien par l'espace de demy an: Neantmoins le grand dueil se fait les quatre ou cinq

**Saudação angelical.**
["*Ave Maria*"].

**O símbolo dos apóstolos.**
["*Credo*"].

<...> Quando algum pai de família entre esses selvagens morre, seja em guerra, de velhice, ou então acidentalmente, suas mulheres prendem seus cabelos à testa, após ter arrancado parte deles com grandes choros e lamentos muito lúgubres, que eles continuam não por dois ou três dias, mas durante meio ano. Todavia, o grande duelo se faz nos primeiros quatro ou cinco dias decorridos do falecimento. É coisa horrível ouvi-las chorar,

premiers iours apres le trespas. C'est chose hideuse de les ouyr crier, lors qu'ils lamentent: & en est aussi plaisante l'harmonie, qu'est le bruit des Chiens & Chats s'entrebattans ensemble. Vous verriez hommes & femmes conchees sur leurs litz pendants, les autres le cul contre terre, s'enbrassans l'vn l'autre, & faisans mille signes de tristesse, vsans les femmes de telles parolles en leur langue **Chérémimotarouére ymen**, faisans cest **ymen** long de quatre à cinq poses ou enuiron, puis apres font vn souspir ainsi, **eh hé hé hé hé heh**: puis vn autre **éh, hé, héh, heh, heh**, de deux poses & demie, lesquelles pleurs & lamentations si elles estoient vsitees aux femmes de pardeça pourroient estre ainsi interpretees. Cestuy-là que i'aymois tant helas!

enquanto se lamentam. É uma harmonia tão agradável de ser ouvida quanto a de cães e gatos que se debatem. Podem ser vistos homens e mulheres deitados em suas redes, outros sentados no chão, abraçando-se e transmitindo muitos sinais de tristeza. Usando as mulheres dessas palavras de sua língua, **Xeré mimotarú erê imã**, falam esse **imã** durante quatro ou cinco tempos, aproximadamente, e depois suspiram assim: **he, he, he, he, he, he**. Novamente dizem **he, he, he, he, he**, em dois tempos e meio, aproximadamente. E, pela quarta vez, **he**, em um tempo e meio, podendo esses prantos e lamentos serem assim interpretados, se fossem emitidos pelas mulheres daqui [*da França*]: "Ai de mim! lá está aquele que tanto amei!"

(*F. 926r*) Ceremonies cõme ils enterrent les trespassez
[*Cerimônias com que eles enterram os mortos*]



*Ceremonies cõme ils enterrent les trespassez*

Les enfans & autres parens vsent de parolles de telle substance, **Helas**, Nostre pere & amy est mort! il estoit tant hõme de bien, si vaillant à la guerre, & qui auoit fait mourir grand nombre de noz ennemis. Hé qu'il estoit puissant & fort! comme il labouroit bien noz iardins, & prenoit des bestes & poissons pour nous nourrir Helas! il est trespassé, nous ne le verrons plus, si ce n'est apres la mort que nous irõs auec noz amis, au païs que noz Pagez nous disent auoir veu. Et encor vsent-ils de mille autres propos, qui seroient longs à discourir, qu'ils repetent plus de mille fois nuict & iour, par l'espace des cinq iours, qu'ils lamentent le plus: & lors mettent le corps en terre, comme ie vous ay dit cy dessus, se mettãs à l'entour de sa fosse, ainsi que ie vous ay exprimé par la presente figure faite au naturel. <...>

[...]

As crianças e outros parentes dizem palavras desta natureza: "Ai de nós! Nosso pai e amigo está morto! Foi tão bom homem, tão valente na guerra, matou tantos dos nossos inimigos. Como era forte e vigoroso! Como trabalhou bem em nossos jardins e caçou animais e peixes para nos alimentar! Ai de nós! Ele está morto, não o veremos mais, a não ser após a nossa morte, quando iremos, com nossos amigos, ao país que nossos Pagés dizem existir!" Usam também de milhares de outras falas, que seriam longas demais para serem descritas, as quais repetem mais de mil vezes, noite e dia, durante os cinco dias em que se lamentam. Então colocam o corpo na terra, como descrevi acima, descendo-o no túmulo, como representei na presente gravura, feita ao natural. <...>

[...]

(*f. 327v*) Banquets et dances des Sauuages
[*Banquetes e danças dos selvagens*]



<...> (*f. 927v*) Apres auoir donc bien bãquetté, faisans des fluttes, des oz des braz & iambes de leurs ennemis, & autres instrumens, cõme tabourins faits à leur mode, (*f. 928r*) & s'en vont sautans & dançans ioyeussementtout autour de leurs loges, là où ce pendant les plus anciens ne cessent tout le long du iour de boire sans mãger, selon lacoustume, & sont seruis par les vefues du deffunct, & parentes d'iceluy. <...>

<...> Depois de terem então banqueteado muito bem, fazendo flautas com os ossos dos braços e das pernas dos seus inimigos, e outros instrumentos, como tamborins feitos ao seu modo, vão pulando e dançando alegremente em volta de suas casas, onde os mais velhos ficam o dia todo bebendo e comendo, segundo o costume, e são servidos pelas viuvas do defunto e os seus parente. <...>

**De la charité des Savvages enuers les Estrangers. CHAP. IX.**

Cap. IX.

**Da indulgência dos selvagens com os estrangeiros.**

(*f. 929r*) Femmes et filles pleurẽt de ioye
[*Mulheres e meninas chorando de alegria*]



Cap. XI.

Description de la maladie des *Pians*, ferremens desquels ils vsent pour s'inciser des arbres, herbes *et* fruicts. CHAP. XI.

Descrição da doença chamada *piã*; instrumentos que eles usam para cortar árvores, hervas e frutos.

(*f. 934r*) comme les Sauuages vsent enuers leurs maladies
[*como os selvagens procedem em suas doenças*]



Cap. XIV.

Comme ces Savvages se font la guerre, *et* dequoy ils font leurs bastons à combattre. CHAP. XIIII.

Como esses selvagens fazem a guerra e com o que produzem os artefatos para o combate.

(*f. 943v*) contenance des sauuages deuant que venir au cõbat
[*Uso dos selvagens durante o combate*]



Cap. XIV.

**Comme ces Savvages se font la guerre, et dequoy ils font leurs bastons à combattre. CHAP. XIIII.**

**Como estes selvagens fazem a guerra e de que fazem suas clavas para o combate.**

[1.] <...> (*f.* 944r) ["*Fiffres et autres instrumẽs des Sauuages.*"] Et ayans rapporté la victoire, c'est plaisir que de voir noz Sauuages, s'en retourner en leurs maisons, gais & ioyeux, s'eiouyssans auec tout signe d'allegresse, sonans de leurs fifres, faits des oz de leurs ennemis, & de grosses coquilles de mer, & fruits desseichez, propres à sonner, tel son & harmonie, que diriez les cornets des postillons de pardeça, y adioustans la voix.

<...> E tendo eles vencido, é um prazer ver os nossos selvagens retornanso às suas casa, alegres e felizes, fazendo sinais de alegria, e tocando seus pífaros, feitos com os ossos de seus inimigos, e grandes conchas do mar e frutos secos, próprios para soarem, com tal som e harmonia como as cornetas dos postilhões de lá [*da França*], substituindo a voz. O que é muito bom ouvir, e ainda mais ver, é como têm suas armas ornamentadas e enriquecidas de ricas penas, e

Ce qui fait tresbon ouyr, & encor plus plaisant voir, comme ils onr leurs armes estofees & enrichies de riches plumages: & ainsi ils viennent triomphans & brauens dresser leurs banquets en leur terre. Autres font des trompettes d'oz de grosses bestes: tellement qu'estans ainsi assẽblez, ils rendẽt la plus magnifique melodie qu'il est possible de voir. <...>

assim voltam triunfantes e altivos, para fazerem banquetes na sua terra. Outros fazem trobetas com ossos de grandes animais. E quando estão assim juntos, produzem a melodia mais magnífica que é possível de se ver. <...>

# 82

# LUÍS DA FONSECA

## (c. 1550 - 1594)

**DOCUMENTO:** CARTA POR COMISSÃO DO R. P. PROVINCIAL INÁCIO TOLOSA AO P. GERAL DA COMPANHIA DE JESUS EM ROMA. São Salvador da Bahia, 17 de dezembro de 1577.

**TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Essa carta foi publicada apenas nas *Lettres du Iappon, Peru, et Brasil* (edição única de Paris, Thomas Brumen, 1578), no capítulo « *Aucuns points tirez des Lettres du Brasil, enuoyées au R. P. General de la Compagnie de Iesv par ceux de la mesme Compagnie, 1577* », com a data (p. 110): « A Dieu mon R. Pere De Baya, cité de S. Sauuer, le dixseptiesme du mois de Decembre, l'an de salut. CIϽ IϽ LXXVII. ¶ Par la cõmission du R. P. Prouincial, Ignace Tholose. ¶ De V. R. Paternité ¶ Le tres-indigne fils, en nostre Seigneur, ¶ Louys Fonseca ».

**NOTA SOBRE O AUTOR:** SERAFIM LEITE (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, v. VII, 1943, p. 254) informa: « Nasceu cerca de 1550 em Lisboa (Alvalade). Entrou na Companhia, com 18 anos, em 1568. Foi para o Brasil em 1569, e na Baía tirou o grau de Mestre em Artes. Fez a profissão solene, na mesma cidade, a 30 de Novembro de 1583, recebendo-a Cristóvão de Gouveia ». FONSECA foi para Roma em 1593, morrendo em Madrid (1594), quando voltava para o Brasil.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** LETTRES Dv | Iappon, Perv, Et Brasil, | Enuoyees av R. P. General | de la Societé de Iesus, par ceux de la-|dite Societé qui s'employent en ces | Regions, à la conuersion des Gentils. | Dediees à Monsieur Chartier, | seigneur d'Alein-ville. | (grav.) | A Paris, | Chez Thomas Brumen, demeurant au clos | Bruneau, à l'enseigne de l'Oliuier. | M. D. LXXVIII. [1578] | Avec Privilege. (RIEB: 16-c-1; 110 pp., 1 f. inum.)

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** PAULO CASTAGNA.

### TEXTO FRANCÊS

[...]

[4.] <...> (*p. 37*) On leur feit dresser des Croix par tout les villages, deuant lesquelles s'estãs mis à genoulx chantoient les Letanies. <...>

[...]

[7.] <...> (*p. 44*) [*"Visite du P. Prouincial, & sa bien venue par tout"*] Cette année comme les autres, nostre P. Prouincial les a visitez, demeurant huict iours en chasque Bourgade, qui sont quatre. Et pourtant i'escriray ce qui est aduenu en ce mois. Les habitants du bourg sainct Iacques, entendãs la venuë dudict Prouincial, sont allez au deuant en procession, chantans harmonieusement le Pseaume **Laudate Dominũ**, le conduisent en toute allegresse iusques à l'Eglise. <...>

[...]

[13.] <...> (*p. 54*) [*"Le Catechisme appris des enfans, & des*

### TRADUÇÃO

[...]

<...> Fizeram [*aos tapuias*] erguer cruzes em todas as aldeias, diante das quais ajoelham-se para cantar as ladainhas. <...>

[...]

<...> [*"Visita do p. Provincial e boas vindas que lhe deram"*] Este ano [*1557*], como os outros, nosso p. Provincial [*Inácio Tolosa*] os visitou [*"os índios"*], permanecendo oito dias em cada aldeia, que são quatro. E, portanto, escreverei o que ocorreu nesse mês. Os habitantes da aldeia de São João perceberam a chegada do dito provincial e foram, em procissão, ao seu encontro e, cantando harmoniosamente o salmo **Laudate Dominum**, conduziram-no com toda a alegria até a igreja. <...>

[...]

<...> [*"O catecismo entre as crianças e os outros de maior*

*autres plus agez"*] LEs Dimãches & iours de festes leurs enfans vont chantant par les rues le Catechisme en langue Brasilienne, & Portugaise si dextrement, qu'ils ne adent en riẽ aux enfans des Portugalois. <...>

[...]

[19.] <...> (*p. 65*) [*"Peraya, en chemĩ prie & catechise"*] Or estant party auec vn Compagnon, & quelques autres du pays, tous les matins deuant que sortir du logis, chantoient ensemble les Letanies, <...>

[...]

[25.] <...> (*p. 73*) [*"Les bons offices que ceux de la Cõpaignie faisoient en l'armée Chrestiene"*] Le P. Barthasard Aluarus, auec Louys Gonsaluo, l'accõpaigna pour encourager les soldats en vne si saincte querelle, leur celebrãt tous les iours la Messe, chantant les Letanies en la preference de tous agenouillez, entendant leurs conffessions, les communiãt, dressant des croix en tous les lieux (*p. 74*) qu'ils s'arrestoient. <...>

[...]

[31.] <...> (*p. 91*) Les plus nobles du Bourg, gisoiẽt en des licts faicts (*p. 92*) comme rets, tandus sur quatre pauts, ou bois fuchez en terre, parmy la grande court, laquelle retentissoit des cris, siflades, risses, hurlemens, chansons, ieux, danses, & autres telles Orgyques dissolutions, si qu'on eut dict à la verité que c'estoit vn Enfer: <...>

[...]

[33.] <...> (*p. 98*) Ce que ayant communiqué auec d'aucuns Gentils-hõmes de nostre bourg, s'en alla au village des Ethniques, accõpagné de plusieurs resoluz de morir pour le defendre. Le iour qu'iceux arriuerent audict village, les Sorciers estoient en vn autre voisin, chãtans, dansans, banquetans & faisans grand chere. <...>

[...]

*idade"*] Aos domingos e dias de festa suas crianças saem pelas ruas cantando tão destramente o catecismo na língua brasílica e portuguesa, que em nada ficam a dever aos filhos dos portugueses. <...>

[...]

<...> [*"Pereira reza e catequiza em seu caminho"*] Tendo partido [*"João Pereira, bem versado na língua brasílica"*] com um seu companheiro e mais outros do país, cantavam as ladainhas juntos, todos os domingos, antes de deixar suas casas, <...>

[...]

<...> [*"Os bons ofícios que têm os da Companhia no exército cristão"*] O p. Baltazar Álvares, com Luís Gonçalves, os acompanha para encorajar os soldados em uma disputa tão santa, celebrando-lhes a missa todos os dias e cantando as ladainhas, preferentemente com todos ajoelhados; ouve suas confissões e os comunga, levantando cruzes em todos os lugares onde param. <...>

[...]

<...> Os [*índios*] mais nobres de cada aldeia deitam-se em leitos feitos como redes, sobre quatro paus ou madeiras fixas na terra, no meio da grande corte, a qual faz soar gritos, assovios, risos, uivos, canções, toques de instrumentos, danças e outras tais dissoluções orgiásticas, que realmente se pode dizer que aquilo é um inferno. <...>

[...]

<...> Assim que se comunicou com alguns fidalgos de nossa vila, foi à aldeia dos nativos, acompanhado de muitos, resolvidos a morrer para defendê-la. O dia em que chegaram à dita aldeia, os feiticeiros estavam em um outro vizinho, cantando, dançando, comendo e preparando grandes manjares. <...>

[...]

# 83

# JEAN DE LÉRY
# (1534 - 1611)

**LIVRO:** **HISTÓRIA DE UMA VIAGEM FEITA NA TERRA DO BRASIL, TAMBÉM DITA AMÉRICA.** La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** São estas as edições mais conhecidas do livro de LÉRY: ***Histoire d'vn voyage...*** (La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578); ***Histoire d'vn Voyage...*** (Geneve, Antoine Chuppin, 1580); ***Histoire d'vn Voyage...*** ([Geneve], Antoine Chuppin, 1585); ***Historia navigationis in Brasiliam...*** ([Genevae], Eustathius Vignon, 1586); ***Histoire d'vn Voyage...*** ([Geneve], Eustache Vignon, 1594); ***Historia Navigationis in Brasiliam...*** (Genevae, Eustathij Vignon, 1594); ***Historie van een Reyse...*** (Amstelredam, Cornelis Claesz, 1596); ***Histoire d'vn voyage...*** [Geneve], Eustache Vignon, 1599); ***Histoire d'vn Voyage...*** ([Geneve], Eustache Vignon, 1600); ***Histoire d'vn voyage...*** (Geneve, Iean Vignon, 1611); ***De seer aanmerklijke en vermaarde Reys...*** (Leyden, Pieter Vander Aa, 1706); ***Des Herrn Johann von Lery Reise in Brasilien...*** (Münster, Platpoetischen Buchhandlung, 1794); ***Johann von Lery's Reise in Brasilien...*** (Leipzig, Sommerschen Buchhandlung, 1909); a tradução portuguesa na ***Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro***, 52(2): 11-372; ***Histoire d'vn voyage...*** (Paris, Alphonse Lemerre, 1879-1880); ***Historia de uma viagem...*** (Rio de Janeiro, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1926); ***Viagem à terra do Brasil...*** (São Paulo, Martins, 1941), com segunda edição em 1972; ***Histoire d'vn voyage...*** (Paris, Epi, 1973); ***Histoire d'vn voyage...*** (facsimile da edição de 1580, Genève, Droz, 1976); ***Viagem à terra do Brasil...*** (Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980). O texto completo de LÉRY também foi publicado em coletâneas, como a ***America Tertia Pars...***, de THEODORE DE BRY (Francofvrti ad Moenvm, Theodori de Bry, 1592) e suas edições posteriores, mas resumos de sua ***Histoire d'vn voyage*** aparecem em dezenas de livros (a maioria contendo as informações que interessam à musicologia), dos quais destacamos os principais que foram escritos até o fim do século XIX, sem mencionar as edições posteriores: GIROLAMO BENZONI - ***Historia Del Mondo Nvovo...*** (Venetia, Pietro & Francesco Tini, strade, 1572); DE LA POPELLINIERE - ***Les Trois Mondes...*** (Paris, Pierre l'Huillier, 1582); GUILLAUME SALUSTE DU BARTAS - ***La Seconde Sepmaine...*** (Anvers, Herman Mersman, 1591); PHILIPP ZIEGLER - ***America, Das ist Erfindung...*** (Franckfurt, am Mayn, Nicolaus Hoffman, 1617); JOANNES BOEMUS - ***Mores, leges, et ritus omnium gentium...*** (Genevae, I. Tornaesium, 1620); JOHANNES DE LAET - ***Nieuwe Wereld ofte Beschrijvinghe van West-Indien...*** (Leyden, Isaack Elzevier, 1625); THEODORE DE BRY - ***Decima Tertia Pars Historiae Americanae...*** (Francofvrti ad Moenvm, Mathaei Meriani, 1634); PIERRE D'AVITY - ***Description Generale De L'Amerique...*** (Paris, Lavrent Cottereav, 1643); VINCENT LE BLANC - ***Les Voyages Fameux du Sieur Vincent Le Blanc...*** (Paris, Gervaise Clousier, 1649); JOHANN LUDWIG GOTTFRIED - ***Newe Welt Americanische Historien...*** (Franckfurt am Mayn, Merianischen Erben, 1655); ERASMUS FRANZ - ***Ost und West-Indischer wie auch Sinesischer Lust und Stats-Garten...*** (Nürnberg, Johann Andreae Endters, 1668); FRANÇOIS COREAL - ***Voyages De François Coreal Aux Indes Occidentales...*** (Paris, André Cailleau, 1722); JEAN LOUIS HUBERT SIMON - ***Storia di naufragi...*** (Milano, Paolo Emilio Giusti, 1821-1822); HIPPOLYTE TAUNAY & FERDINAND DENIS - ***Le Brésil...*** (Paris, Nepveu, 1822).

**EXEMPLOS MUSICAIS:** Reproduzimos os exemplos musicais da edição brasileira de 1980, originalmente extraídos de THEODORE DE BRY. A cada edição da obra de LÉRY, foram introduzidas mudanças nas melodias, a ponto de ser extremamente difícil saber como eram os cantos que o viajante francês ouviu, se é que realmente os presenciou. Há um excelente estudo comparativo das versões existentes das melodias recolhidas por LÉRY em LUIS HEITOR CORREIA DE AZEVEDO - Tupinambá melodies in Jean de Léry's "Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil". ***Papers of the American Musicological Society***. Annual Meeting, 1941. Minneapolis, Richmond, The William Byrd Press, Inc., 1946, pp. 85-96.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Transcrevemos, aqui, as observações de JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES na ***História da história do Brasil*** (1979, livro II, cap. I, nº 3, pp. 41-42): « O outro cronista é Jean de Léry, autor da ***Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil***, que aqui aportou aos sete de março de 1557, voltando a 4 de janeiro de 1558. Calvinista de formação muito modesta, com vinte e dois anos veio ao Brasil acompanhando os quatorze genebrinos enviados por Calvino e como narrador desta expedição sua história conta os sucessos da mesma e as lutas religiosas da colônia. É documento etnográfico, de história natural e civil. ¶ Thévet editou suas ***Singularidades*** vinte anos antes da ***Narrative*** de Léry, ou cinco, se aceitarmos a declaração deste de que redigira sua obra em 1563. O fato é que Léry foi o primeiro a imputar a Thévet faltas graves e erros grosseiros, iniciando assim, a

campanha contra a credibilidade do testemunho histórico deste. Desde então, ele foi sempre tido como superior ao capuchinho francês pelos autores brasileiros e estrangeiros. O próprio Gaffarel, que editou as melhores edições de Thévet e Léry e escreveu ele próprio um estudo sobre a história do Brasil Francês no século XVI [nesta edição (p. 41, nota 19): « **Histoire du Brésil Français au seizième siècle**, Paris, Maissonneuve et Cie., 1878. » ], censura a fidelidade e o estilo de Thévet, considera sua erudição nem sempre sólida, louvando-o apenas como o primeiro ou mais antigo dos historiadores franceses da América. ¶ Coube a Heulhard reivindicar para Thévet o crédito merecido. Thévet, diz ele, não é um polemista; ele se engana, mas não mente como Léry. Thévet é o historiógrafo da expedição e Léry nunca foi mencionado até 1578. Ele surge inopinadamente com uma relação de viagem, onde se atribui um papel importante e demonstra memória fantástica, transcrevendo discursos inteiros de Villegagnon e Coligny, e o que ele deseja é evitar que Thévet fixe a história da colônia francesa no Brasil. O plagiário torna-se o censor do que ele pilhou e a história torna-se prisioneira da legenda [nesta edição (p. 41, nota 20): « A. Heulhard, **Villegagnon, Roi d'Amérique. Un homme de mer au XVIe. siècle, 1510-1572**, Paris, E. Leroux, 1897, 311-313. » ]. ¶ Heulhard era uma voz dissonante na unanimidade com que se considerava Thévet um mentiroso, imaginativo e infidedigno. Mas a melhor crítica, crítica de textos, bem informada e erudita, invalidando o acordo de tantos, restaurando senão a total credibilidade, mas, pelo menos, a primazia e a completa originalidade de Thévet, é a de Rodrigues Leite [nesta edição (p. 41, nota 21): « Francisco Rodrigues Leite, *Jean de Léry, Viajante de Singularidades*, Separata da Rev. do Arquivo Municipal (São Paulo), n.º 108, São Paulo, 1947. » ]. Para ele, quase tudo que Léry conta, outros viajantes já contaram. Frases inteiras que usa, outros já usaram. Entre Thévet e Léry há uma fonte. A fonte direta não é Léry, é o outro. É uma lição, senão nova, já que Heulhard a defendera em 1897, pelo menos explicitada com método, os textos à vista e em comparação. Para que esta tese seja inteiramente esclarecida só falta que Rodrigues Leite faça um confronto mais completo, não se limitando a alguns exemplos ».

**EDIÇÃO UTILIZADA:** a) Texto base: *HISTOIRE | D'VN VOYAGE | fait en la terre | dv Bresil, dite | Amerique. | Contenant la navigation, | et choses remarquables, veuës sur mer par l'Autheur. Le com-|portement de Villegagnon en ce païs la. Les moeurs et façons de | viure estranges des Sauuages Bresiliens: auec vn colloque de leur | langage. Ensemble la description de plusieurs Animaux, Poissons | diformes, Arbres, Herbes, Fruicts, Racines, et autres choses sin-|gulieres, et du tout incognues par deçà: dont on verra les sommaires | des chapitres au commencement du liure. | Auec les figvres, reveve, cor-|rigee & bien augmentee par l'Autheur. | Qvatrieme Edition, | Dediee | a Madame la Princesse d'Orange. | Le tout recueilli sur les lieux, par IEAN DE LERY, | natif de la Margelle, Terre de Sainct Sene au | Duch de Bourgongne. | Pseavme CVIII. | Seigneur, ie te celebrerai entre les peuples, & te dirai | Pseaumes entre les nations. | Povr les Heritiers d'Eustache Vignon. | 1600.* [16 X 10; 36 ff. inum., 478 pp., 8 ff. inum., 5 ests. . BIEB: II-a, 6].

b) Texto auxiliar: *Histoire | D'VN VOYAGE | fait en la terre dv Bresil, avtre-|ment dite Ame-|rique. | Contenant la nauigation, choses remar-|quables, veuës sur mer par l'aucteur: Le compor|tement de Villegagnon, en ce pais là. Les meurs | & façons de viure estranges des Sauuages A-|meriquains: auec un colloque de leur langage. | Ensemble la description de plusieurs Animaux, | Arbres, Herbes, et autres chôses singulieres, | et du tout incogneues par deça, dont on verra les | sommaires des chapitres au commencement du | liure. | Non encores mis en lumiere, pour les causes | contenues en la preface. | Le tout recueilli sur les lieux par IEAN DE | LERY natif de la Margelle, terre de sainct Sene au Duché de | Bourgongne, | Seigneur, ie te celebreray entre les peu-|ples, & te diray Pseaumes entre les na-|tions. PSEAV. VIII. | A La Rochelle, | Pour Antoine Chuppin. | M. D. LXXVIII.* [1578] [16 X 10; 24 ff. inum., 424 pp., 7 ff. inum., 6 ests.. BIEB: II-a, 3; também em II-a, 2].

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** 1) (feita a partir da 2ª edição): **Viagem à terra do Brasil**; tradução e notas de Sérgio Milliet; bibliografia Paul Gaffarel; colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas Plínio Ayrosa. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980. 303 pp. (Col. Reconquista do Brasil, nova série, v. 10).

2) (Complementação da tradução da 4ª edição, entre colchetes): PAULO CASTAGNA.

**OBSERVAÇÃO:** Os parágrafos da versão brasileira foram reorganizados, em função da tradução dos trechos complementares.

TEXTO FRANCÊS

CHAP. II.

**De nostre embarquement au port d'Honfleur, païs de Normandie: ensemble des tormentes, rencontres, prinses de Nauires, et premieres terres et Isles que nous descouurismes.**

[...]

[2.] (*p. 10*) Ainsi ce mesme iour qu'enuiron midi nous mismes voiles au vent, à la fortie au port dudit Honfleur, les canonnades, trompettes, tabours, fifres, & autres triomphes accoustumes de faire aux Nauires de guerre qui vont voyager, ne manquerent point en nostre endroit. <...>

[...]

CHAP. VI.

**De nostre descente au Fort de Coligny en la terre du Bresil: Du recueil que nous y fit Villegagnon, et de ses comportements, tant au fait de la Region, qu'autres parties de son gouuernemẽt en ce païs-là.**

[...]

[3.] (*p. 65*) Apres cela, ayant commandé que tous ses gens s'assemblassent promptement auec nous en vne petite sale, qui estoit au milieu de l'Isle, ques que le Ministre, Richier apres eut invoqué au Dieu, que le Pseaume cinquieme, Aux paroles que ie veux dire &c. tut chanté en l'assemble: ledit Richier prenant pour texte ces versets du Pseaume vingtseptieme, I'ay demandé vne chose au Seigneur laquelle ie requerrai encores, c'est, que i'habite en la maison du Seigneur tous les iours de ma vie, fit le premier presche au fort de Coligny en l'Amerique. <...>

[...]

TRADUÇÃO

Cap. II

**Do embarque no Porto de Honfleur, na Normandia, das tormentas, encontros, abordagens de navios, primeiras terras e ilhas que descobrimos.**

[...]

(*p. 59*) Nesse mesmo dia [*19 de novembro de 1556*], ao meio-dia, deu-se a nossa partida e as salvas, trombetas, tambores e pifanos, e outras demonstrações festivas que se costumam fazer aos navios de guerra nessas ocasiões não nos faltaram. <...>

[...]

Cap. VI

**Do desembarque no forte de Coligny; da acolhida de Villegagnon e de seu comportamento em relação à religião e ao governo país.**

[...]

(*p. 86*) Mandou ele [*Villegagnon, a 10 de março de 1557*] então reunir toda a sua gente conosco em uma pequena sala existente no meio da ilha e o ministro Richier invocou Deus. Cantamos em coro o salmo V e dito ministro, tomando por tema estas palavras do salmo XXVII: - "Pedi ao Senhor uma coisa que ainda reclamarei e que é a minha vida"[134] - fez a primeira prédica no Forte de Coligny, na América. <...>

[...]

CHAP. VIII.

**Du naturel, force, stature, nudité, disposition et paremens du corps, tant des hommes que des femmes Sauuages Bresiliens, entre lesquels i'ay frequenté enuiron vn an.**

[...]

[15.] (*p. 116*) Que s'il est question de sauter, boire & Caoüiner, qui est presque leur mestier ordinaire, afin qu'outre le chant & la voix, dont ils vsent coustumierement en leurs danses, ils ayent encor quelques choses pour leur reueille l'esprit, apres qu'ils ont cueilli vn certain fruict qui est de la grosseur, & aucunement approchant de la forme d'vne chastagne d'eau, lequel a la peau assez ferme: bien sec qu'il est, le noyau osté, & au lieu d'iceluy mettans de petites pierres dedans, en enfilans plusieurs ensemble, ils en font des iambieres, lesquelles liees à leurs iambes, font autant de bruit que feroyent des coquilles d'escargots ainsi disposees, voire presque que les sonnettes de par deçà, desquelles aussi ils sont fort conuoiteux quand on leur en porte.

[16.] Outreplus, y ayant en ce païs-là vne sorte d'arbre qui porte son fruit aussi gros qu'vn oeuf d'Austruche & de mesme figure, les Sauuages l'ayant percé par le millieu (ainsi que vous voyez en France, les enfans percer de grosses noix pour faire des moulinets) puis creusé, & mis dans icelui de petites pierres rondes, ou bien des grains de leur gros mil, duquel il sera parlé ail leurs, passant puis apres vn baston d'enuiron vn pied & demi de long à trauers, ils enfont vn instrumēt qu'ils nomment **Maraca**: lequel bruyant plus fort qu'vne vessie de

Cap. VIII

**Índole, força, estatura, nudez, disposição e ornatos dos homens e mulheres brasileiros, habitantes da América, entre os quais permaneci quase um ano [*na margem esquerda de quem entra no Rio da Guanabara, a meia légua do Forte de Coligny, no sítio Olaria, entre fins de outubro de 1557 e 4 de janeiro de 1558*].**

[...]

(*p. 116*) Para dançar, beber e cauinar, o que constitui sua ocupação ordinária, procuram algo que os anime, além do canto com que em geral acompanham as danças; para isso colhem certo fruto do tamanho da castanha-d'água e com ela parecido. Depois de secá-lo, tiram-lhe os caroços e colocam no lugar algumas (*p. 117*); amarram-nos então aos tornozelos, pois assim dispostos fazem tanto barulho quanto os guizos dos europeus, dos quais aliás se mostram muito cobiçosos.

Existe também no país uma árvore que dá frutos do tamanho e da forma do ovo de avestruz. Os selvagens os furam no centro como as crianças francesas furam as nozes grandes para fazer molinetes; esvaziam-nos depois, colocando dentro pedrinhas redondas ou grãos de milho, e atravessam-nos com um pau de pé e meio de comprimento. Têm assim o instrumento a que chamam maracá[139] e que faz mais barulho do que uma bexiga de porco cheia de ervilhas. Os brasileiros os trazem em geral na mão e quando me referir à sua religião direi qual a sua opinião acerca do maracá

pourceau pleine de pois, nos Bresiliens ont ordinairement en la main. Quand ie traiteray de leur (*p. 119*) Religion, ie diray l'opinion qu'ils ont tant de ce **Maraca**, que de sa sonnerie, apres que par eux il a esté enrichi de belles plumes, e dedié à l'vsage que nous verrons là. <...>

e da sua sonoridade, sobretudo depois de enfeitados com lindas plumas e empregados em determinada cerimônia.

[...]

[...]

[*ed. de 1578*]

[20.] (*p. 122*) Finalement adioustant aux choses susdites son **Maraca** en sa main, le pennache de plume nommé **Arraroye** sur les reins, (*p. 123*) & ses sonnettes composees de fruits à lentour de ses iambes, vous le verrez lors, ainsi que ie le representeray encores en vn autre lieu, equipé en la façon qu'il est quand il dance saut boit & gambade.

(*p. 118*) Acresecentai-lhe [*à imagem do índio*] agora na mão o maracá, colocai-lhe na cintura o penacho de plumas denominado araroyê e ao redor das pernas os guizos feitos de frutos e o vereis trajado para a cerimônia da dança, do salto, da bebida e da cabriola como adiante o mostrarei.

[...]

[...]

[*ed. de 1600*]

[25.] <...> (*p. 128*) & quelquefois le corps peinturé, ne failloyent iamais de venir en troupe danfans au devant de nous quand ils (*p. 129*) nous voyoyent arriuer en leurs villages. <...>

[...]

<...> (*p. 120*) Tinham não raro o corpo pintado e nunca deixavam de vir dançar diante de nós, em grupos, quando nos viam chegar às suas aldeias. <...>

[...]

## CHAP. IX.

**Des grosses racines, et gros mil, dont les Sauuages font farines qu'ils mangent au lieu de pain: et de leur breuuage qu'ils nomment Caou-in.**

## Cap. IX

**Das grossas raízes e do milho com que os selvagens fabricam a farinha, comida em lugar do pão; da bebida a que chamam cauim.**

[...]

[21.] (*p. 143*) Quand donc ils mettent apres, & principalement, quand auec les ceremonies que nous verrons ailleurs, ils tuent solennement vn prisonnier de guerre pour le manger: leur coustume (du tout contraire à la nostre en matiere de vin, lequel nous aimons frais & clair) estant de boire ce **Caoû-in** vn peu chaud, la pre-(*p. 144*)miere chose que les femmes font, est vn petit feu à l'entour des cannes de terre, où il est pour le tieder. Cela fait, commêçant à l'vn des bouts à

[...]

(*p. 130*) Quando querem divertir-se e principalmente quando matam com solenidade um prisioneiro de guerra para o comer, é seu costume (ao contrário do que fazemos com o vinho que desejamos fresco e límpido) beber o cauim amornado e a primeira coisa que fazem as mulheres é um pequeno fogo em torno dos potes de barro para aquecer a bebida. Começam então por uma das extremidades a descobrir o primeiro pote e a remexer e turvar a bebida de que vão tirando cuias cheias, algumas de três quartilhos

descouurir le premier vaisseau, & à remuer & troubler ce bruuage, puisans puis apres dedans auec de grandes courges parties en deux, dõt les vnes tiennent enuiron trois chopines de Paris, ainsi que les hommes en densant passent les vns apres les autres aupres d'elles, leur presentans & baillans à chacun en la main vne de ces grãdes gobelles toutes pleines, & elles mesmes en seruant de sommeliers n'oubliant pas de choupiner d'autant: tant les vns que les autres ne faillent point de boire & trousser cela tout d'vne traite. Mais scauez vous cõbien de fois? ce sera iusques à tãt que les vaisseaux, & y en eust-il vne centeine, seront tous vuides, & qu'il n'y restera plus vne seule goute de **Caou-in** dedans. <...>

de Paris; os homens passam dançando, uns após outros, junto das mulheres que entregam a cada um a (*p. 131*) sua cuia cheia; e enquanto os homens bebem de um trago elas, no desempenho do ofício de despenseiras, não se esquecem de bebericar sofrivelmente e isso tantas vezes quantas vezes necessárias para que na centena de potes ali enfileirados não fique uma só gota de cauim.

[...]

[**24**.] (*p. 145*) Ainsi pour continuer mon propos, tant que ce **Caou-inage** dure, nos friponniers & galebontemps de Bresiliens, pour s'eschaufer tant plus (*p. 146*) la ceruelle: chantans, sifflans, s'accourageans & exhortans l'vn l'autre de se porter vaillamment, & de prendre force prisonniers quant ils iront en guerre, estans arrengez comme grues, ne cessent en ceste sorte de danser & aller & venir parmi la maison où ils sont assemblez, iusques à ce que ce soit fait: c'est à dire, ainsi que i'ai ia touché, qu'ils ne sortiront iamais de la, tant qu'ils sentiront qu'il y aura quelque chose dans les vaisseaux. <...>

[...]

Prosseguindo no assunto, direi que enquanto dura a cauinagem os nossos brejeiros americanos, para melhor esquentar o cérebro, cantam, assobiam e se incitam uns aos outros a portarem-se valentemente e a fazerem muitos prisioneiros de guerra; enfileiram-se, como grous, e não cessam de dançar, de entrar e sair da casa em que se reúnem, até que tudo se conclua, isto é, (*p. 132*) que se tenha esgotado toda a bebida. <...>

[**25**.] Semblacement aussi, soit qu'ils boiuent, peu (*p. 147*) ou prou, outre ce que i'ai dit, qu'eux n'engendrans iamais melancolie, ont ceste coustume de s'assembler tous les iours pour danser & s'esiouïr en leurs villages, encor les ieunes hommes à marier ont cela de particulier, qu'auec chacun vn de cer grans pennaches qu'ils nomment **Araroye**, lié sur leurs reins, & quelques fois de **Maraca** en la main, & les fruicts secs (desquels i'ai parlé ci dessus) sonnans comme coquilles d'escargots, liez & arrengez à l'entour de leurs

<...> Bebam pouco ou muito porém, como não sofrem de melancolia congregam-se todos os dias para dançar e folgar em sua aldeia[134]. Os moços casadoiros adornam-se com um desses grandes penachos a que chamam araroy e que são atados à cintura; empunhando às vezes o maracá e dispondo nas pernas os chocalhos de frutos sêcos de que acima falei, [soando como conchas de caramujos, presos e arranjados em volta de suas pernas], não fazem outra coisa todas as noites senão entrar e sair de casa em casa dançando e saltando.

iambes, ils ne font presque autre chose toutes les nuicts qu'en tel equipage aller & venir, sautans & dansans de maison en maison: tellement que les voyant & oyant si souuent faire ce mestier, il me resouuenoit de ceux qu'en certins lieux par deçá on appele valets de la feste, lesquels és temps de leurs vogues & festes qu'ils font des sainots & patrons de chacune parroisse, s'en vont aussi en habits de fols, auec des marottes au poing, & des sonnettes aux iambes, baguenaudans & dansans la Morisque parmi les maisons & les places.

[26.] Mais il faut noter en cest endroit, qu'en toutes les danses de nos Sauuages, soit qu'ils se fuyuent l'vn l'autte, ou, comme ie dirai, parlant de leur religion, qu'ils soyent disposez en rond, les femmes ni les filles, n'estant iamais mesleer parmi les hommes, si elles veulent danser cela se fera à part elles: comme Iean Leon dit aussi, qu'au Royaume de Fez en Afrique les (*p. 148*) femmes dansent separes des hommes: tellemẽt que c'est grande hôte aux Chrestiens, que popur le moins ils n'ayent autant de modestie en cest endroit que les Sauuages & Mahometãs en ont.

[...]

Ao vê-los assim fazerem tantas vezes a mesma coisa vinham-se à lembrança aqueles sujeitos que em certas aldeias nossas são conhecidos por valets de la fête, os quais nos dias de festa ao padroeiro das paróquias andam vestidos de bobos com cetro em punho e guizos nas pernas, brincando e dançando à mourisca pelas casas e praças.

Cumpre notar que em todas essas danças [dos nossos selvagens, ou porque fogem uns dos outros, ou, como eu diria, falando de sua religião, porque estão dispostos em círculos], quaisquer que sejam, nunca as mulheres se misturam aos homens; se querem fazem-no em grupo separado. [Como diz também Jean de Leon, no reino de Fez na África as mulheres dançam separadas dos homens: tanto que é grande vergonha para os cristãos, que eles não tenham, pelo menos, tanta modéstia neste lugar os selvagens e maometanos têm.]

[...]

## CHAP. XI.

**De la varieté des oiseaux de l'Amerique, tous diferens des nostres: ensemble des grosses chauuesouris, abeilles, mousches, mouschillons et autres vermines estranges de ce païs-là.**

[...]

[8.] (*p. 172*) L'autre nommé **Canindé**, ayant tout le plumage sous le ventre & à l'entour du col aussi iaune que fin or: le dessus du dos, les aisles & la queuë, d'vn bleu si naïf qu'il n'est pas possible de plus, estant aduis qu'il soit vestu d'vne toile d'or par dessons, &

## Cap. XI

**Da variedade de aves da América, todas diferentes das nossas; dos bandos de grandes morcegos, das abelhas, moscas varejeiras e outros vermes singulares desse país.**

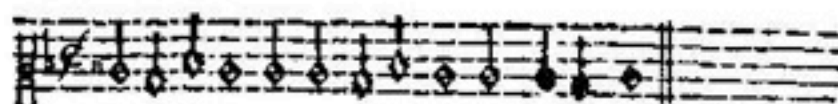
[...]

(*p. 149*) A outra ave, dita canindé tem a plumagem do peito amarela como o ouro fino; o dorso, as asas e a cauda são de um belíssimo (*p. 150*) azul, e pasmamos ante tanta formosura ao vê-la como que vestida de ouro e por cima toda sombreada de roxo.

emmantelé de damas (*p. 173*) violet figuré par dessus, on est raui de telle bauté.

[10.] Les Sauuages en leurs chansons, font communément mention de ce dernier, disans & repetans souuent selon ceste musique:

Os selvagens em suas canções aludem freqüentemente a essa ave, dizendo e repetindo muitas vezes:



*Canidé-iouue, canidé-iouue heura-oueh*

c'est á dire, vn oiseau iaune, vn oiseau iaune, &c. car **ioune**, ou **ioup**, veut dire iaune en leur langage. <...>

[...]

canindé-iune, canindé-iune heÿra-ueh[137], pois na sua linguagem june ou jupe[138] quer dizer amarelo. <...>

[16.] (*p. 176*) [*"Toucan, oiseau"*] Les autres oiseaux du païs de nos Bresiliens sont, en premier lieu celui qu'ils appelent **Toucan**, (dont à autre propos i'ai fait mention ci-dessus) lequel est de la grosseur d'vn Ramier, & a tout le plumage, except le poictral, aussi noir qu'vne Corneille. [*"Poictral iaune du Toucan, à quoi sert aux Sauuages."*] Mais ce poictral (comme i'ai aussi dit ailleurs) estant l'enuiron quatre doigts de longuer & trois le largeur, plus iaune que safran, & bordé de roüge par le bas: escorché qu'il est par les Sauuages, outre qu'il leur sert, tant pour s'en couurir & parer les ioüës qu'autres parties du corps, encores parce qu'ils en portent ordinairement quand ils dansent, & pour ceste cause le noment **Toucan-tabouracé**, c'est à dire, plume pour dancer, ils en font plus d'estime. <...>

[...]

(*p. 152*) é o **tucan**, a que já aludi, outra bela ave do país dos americanos. É do tamanho de um pombo trocaz e, com exceção do papo, tem a plumagem negra como a da gralha. O papo, de quatro dedos de comprimento por três de largura, é mais amarelo do que o açafrão e orlado de vermelho por baixo. Os selvagens utilizam-se de suas penas para cobrir o corpo e o rosto quando dançam e, por isso, o denominam **tucantaburacé**, o que quer dizer pena de dançar.

## CHAP. XII.

**D'aucuns poissons plus communs entre les Sauuages Bresiliens: et de leur maniere de pescher.**

[...]

[3.] (*p. 188*) CAMOVROVPOVR-OV ASSOV, est vn biẽ grand poisson (car aussi **Ouassou** en langue Bresilienne veut dire grand ou gros, selon l'accent qu'on lui dõne) duquel nos **Toucupinambaoults** dansans & chantans, font ordinairement mention, disans, & repetãs souuent ceste chantrerie, &c. & est bon à manger.

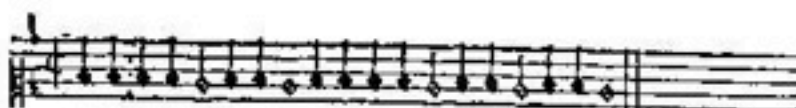
[...]

## Cap. XII

**Dos peixes mais comuns e do modo de pescá-los.**

[...]

(*p. 161*) O camuroponi-uassu [139] é um peixe muito grande a que os (*p. 162*) tupinambás fazem menção, em suas danças e cantos, repetindo muitas vezes: pirá-uassú a uêh, camurupuí-uassú etc.[140], o que quer dizer "bom de comer".



## CHAP. XIII.

**Des arbres, herbes, racines, et fruicts exquis que produit la terre du Bresil.**

[...]

[8.] <...> (*p. 206*) [*"Aouai, arbre puãt et son fruict venimeux"*] D'autre au contraire, que les Sauuages appelent **Aouai**, qui put & sent si fort les aulx, que quand on le coupe ou qu'on en met au feu, on ne peut durer aupres: & a ce dernier les fueilles quasi comme celles de nos põmiers. Mais au reste son fruict (*p. 207*) (lequel ressemble aucunement vne chastaigne d'eau) & encore plus, le noyau qui est dedans, est si venimeux que qui en mangeroit il sentiroit soudain l'efect d'vn vrai poison. Toutesfois parce que c'est celui,

## Cap. XIII

**Das árvores, ervas, raízes e frutos deliciosos que a terra do Brasil produz.**

[...]

<...> (*p. 172*) Outra [*árvore*], ao contrário, denominada **auái** tem um cheiro de alho tão ativo que quando a cortam e põem no fogo ninguém pode ficar perto; suas folhas são muito parecidas com as das nossas macieiras e seus frutos muito semelhantes à castanha, mas o caroço é venenosíssimo. Todavia é com esse fruto que os selvagens fazem os chocalhos a que já me referi e os adornos das pernas, razão pela qual o têm em grande estima. <...>

duquel i'ai dit ailleurs que nos Bresiliens font des sonnettes qu'ils mettent à l'entour de leurs iambes, à cause de cela ils l'ont en grande estime. <...>

[9.] <...> [*"Choyne, arbre portant fruict gros, duquel les Sauuages font leur Maraca, et autres vaisseaux"*] L'arbre que les Sauuages appelent **Choyne**, est (*p. 208*) de moyenne grandeur, a les fueilles presque de la façon, & ainsi vertes que celles du laurier: & porte vn fruict aussi gros que la teste d'vn enfant, lequel est de forme comme vn oeuf d'Austruche, & toutes fois n'est pas bon à manger. Mais parce que ce fruict a l'escorce dure, nos **Toupinambaoults** en reseruant de tous entiers qu'ils percent en long & à trauers, ils en font l'instrumẽt nommé **Maraca** (duquel i'ai ia fait & ferai encor mention) comme aussi tant pour faire les tasses où ils bouient qu'autres petits vaisseaux, desquels ils se seruent à autre vsage, ils en creusent & fendent par le milieu.

(*p. 172*) A árvore a que os selvagens chamam **choyne** é do tamanho médio; tem folhas verdes semelhantes às do loureiro; dá um fruto volumoso como uma cabeça de menino e com a forma de um ôvo de avestruz; não é comestível. Como esse fruto tem a casca dura, os tupinambás o conservam inteiro. Preferem-no ao comprido, com ele fazendo o instrumento chamado **maracá**, (*p. 173*) já mencionado. Cortados ao meio, servem para outros usos, na qualidade de cuias ou pequenas vasilhas.

## CHAP. XIIII.

### De la guerre, combats, hardiesse & armes des Sauuages Bresiliens.

[...]

[12.] (*p. 234*) Au surplus, tant au desloger de leur païs, qu'au departir de chacun lieu où ils s'arrestent & seiournent: afin d'aduertir & tenir les autre en ceruelle, il y en a tousiours quelques vns, qui auec des cornets, qu'ils nomment **Inubia**, de la grosseur & longeur d'vne demie pique, (comme ceux que les Suysses portent en guerre, entre lesquels ceux de Lucerne en ont d'Airain, dont ils vsent en lieu de trompettes qui rendent vn son efroyable, dit M. Simler en sa Repub.) mais par le bout d'embas large d'enuiron demi pied comme vn Haubois, sonnent au milieu des troupes. Mesmes aucuns ont des fifres & fleutes faites des os des

## Cap. XIV

### Da guerra, combate e bravura dos selvagens.

[...]

(*p. 187*) Tanto no momento da partida como ao levantarem acampamento nos lugares onde pousam, surgem indivíduos armados de cornetas[141] da grossura de um oboé e de quase pé e meio de largura na extremidade inferior, a que chamam inybia[142] [(como os que os suiços usam na guerra, entre os quais os de Lucerne os têm de arame, que usam em lugar de trombetas e que dão um som aterrorizante, diz M. Simler em sua *República*)]. Esses indivíduos tocam no meio das tropas para lhes dar coragem e excitação. Outros carregam pífanos e flautas feitos de ossos dos braços e pernas dos inimigos devorados e não cessam tampouco de tocar durante todo o

bras & des cuisses de ceux qui auparauant ont esté par eux (*p. 235*) tuez & mangez, desquelles semblablement (pour s'incitet tant plus d'en faire autant à ceux contre lesquels ils s'acheminent) ils ne cessent de flageoler par les chemins. <...>

caminho, incitando o bando guerreiro a matar e devorar os adversários contra os quais se atiram.

[...]

[**15.**] (*p. 237*) Premierement quand nos **Tououpinambaoults** d'enuiron demi quart de lieuë, eurent aperceu leurs ennemis, ils se prindrent à hurles de telle façon (comme aussi l'ancienne coustume des Romains & autres peuples, selon T. Liue, & (*p. 238*) mesme Cesar en plusieurs endroits, estoit de commencer les combats auec grands cris, tant pour s'accourager l'vn l'autre, que pour efrayer l'ennemi) que non seulement ceux qui vont à la chasse aux loups par-deça, en comparaison, ne menẽt pas tant de bruit, mais aussi pour certain, l'air fendant de leurs cris & de leurs voix, quãd il eust tonné du ciel, nous ne l'eussions pas entendu. Et au surplus, à mesure qu'ils aprochoyent, redoublans leurs cris, sonnãs de leurs cornets, & en estendant les bras se menaçans & monstrans les vns aux autres les os des prisonniers qui auoyent esté mangez, voire les dents enfilees, dõt aucuns auoyent plus de deux brasses pẽdues à leur col, c'estoit vn horreur de voir leurs contenances. <...>

[...]

(*p. 188*) Logo que os nossos tupinambás avistaram os inimigos, a quase um quarto de légua de distância, principiam a urrar[143] como não o fariam os nossos caçadores de lobos; e tão alto berravam que nesta hora não teríamos ouvido o trovão. À proporção que se aproximavam redobravam os gritos, soavam as cornetas, levantando os adversários os braços em sinal de (*p. 189*) ameaça e mostrando-se mutuamente os ossos dos prisioneiros que haviam comido e os colares de dentes de mais de duas braças de comprimento que alguns traziam pendentes ao pescoço; e o espetáculo dessa gente era horrível. <...>

[...]

[**18.**] (*p. 243*) Les prisonniers donques mis au milieu & pres de ceux qui les auoyẽt prins, voire aucuns hommes de plus forts & robustes, pour s'en mieux affeurer, liez & garrotez, nous-nous en retournasmes contre nostre riuiere de Geneure aux enuirons de laquelle habitoyent nos Sauuages. Mais encor, parce que nous en entions à douze ou quinze lieuë loin, ne demãdez pas si en passant par les villages de nos alliez, vẽnẽs au deuãt de nous, dansans, sautans & claquans des mains ils nous caressoyent & aplaudissoyent: & falloit que les pauures

[...]

(*p. 190*) Os prisioneiros foram colocados no meio dos vencedores, sendo amarrados para maior segurança, os homens mais robustos; quanto a nós, voltamos para o Rio de Janeiro em cujos arredores habitavam os selvagens. Estávamos entretanto, a doze ou quinze léguas de distância, por isso à nossa passagem pelas aldeias de nossos aliados vinham os moradores ao nosso encontro dançando, pulando e batendo palmas. Festejavam o sucesso[144]. [E era preciso que os pobres prisioneiros, segundo seu costume, estando perto das casas, cantassem e dissessem às mulheres:

prisonniers, selon leur coustume, estans pres des maisons, chantassent & dissent aux femmes, voici la viãde que vous aimez tant qui approche de vous. <...>

[...]

"eis a carne da qual vocês ao seu modo tanto gostam".] <...>

(pp. 204-205)

Portrait du combat entre les Toüoupinambaoults & Margajas sauvages Bresiliens.



Ce pourtraict se doit mettre entre le fueillet 204. & 205. apres Q. iiii

CHAP. XV.

Comment les Sauuages Bresiliens traitent leurs prisonniers prins en guerre, et les ceremonies qu'ils obseruent tant à les tuer, qu'à les manger.

[...]

[2.] (*p.* *245*) Premierement apres que tous les villages d'atentour de celui où sera le prisonnier auront esté aduertis du

Cap. XV

De como os Americanos tratam os prisioneiros de guerra e das cerimônias observadas ao matá-los e devorá-los.

[...]

[*p.* *193*) Todas as aldeias circunvizinhas são avisadas do dia da execução e breve começam a chegar de todos os lados homens,

iour de l'execution, hommes, femmes & enfans arriuez de toutes parts, ce sera à danser, boire & caoüiner toute la matinnee. Mesme celui qui n'ignore par que telle assemble se faisant à son ocasion, il doit estre dans peu d'heure assommé, emplumassé qu'il sera, tãt s'en faut qu'il en soit cõtristé, qu'au cõtraire, sautã & buuãt il sera des plus ioyeux. Or (*p. 246*) cependant apres qu'auec les autres il aura ainsi riblé & chanté six ou sept heures durant: deux ou trois des plus estimez de la troupe l'empoignans, & par le milieu du corps le lians auec des cordes de cottõ ou autres faites de l'escorce d'vn arbre qu'ils appelent **Yuire**, laquels est semblable à celle du Til de par deçà <...>

mulheres e meninos. Dançam então o cauinam. O próprio prisioneiro, a pesar de não ignorar que a assembléia se reúne para seu sacrifício dentro de poucas horas, longe de mostrar-se pesaroso enfeita-se todo de penas e salta e bebe como um dos mais alegres convivas. Depois de ter comido e cantado durante seis ou sete horas com os outros, é ele agarrado por dois (*p. 194*) ou três dos personagens mais importantes do bando e sem que oponha a menor resistência, é amarrado pela cintura com cordas de algodão ou de fibra de uma árvore a que chamam vyire, semelhante à nossa tília. <...>

[...]

[9.] <...> (*p. 256*) Semblablement ils serrent fort soigneusement, tant les plus gros os des cuisses & des brs, pour (comme i'ai dit au chapitre precedent) faire des fifres & des fleutes, que les dents, lesquelles ils arrachent & enfilent en façon de paternostres, & les portent ainse tourtillees à l'entour de leurs cols.

[...]

[...]

<...> (*p. 200*) Guardam muito cuidadosamente os ossos das coxas e dos braços para fazer flautas e pífanos, e os dentes para seus colares, [os quais arrancam e enfileiram à maneira de terços, e os levam ao redor dos seus pescoços], como já expliquei no precedente capítulo. <...>

## CHAP. XVI.
[*índice: XVII; errata: XVIII*]

**Ce qu'on peut appeler religion entre les Sauuages Bresiliens des erreurs ou certains abuseurs qu'ils ont entr'eux nommez *Caraibes* les detienent: et de la grande ignorance de Dieu où ils sont plangez.**

## Cap. XVI

**Religião dos selvagens da América; erros em que são mantidos por certos trapaceiros chamados caraíbas; ignorância de Deus.**

[...]

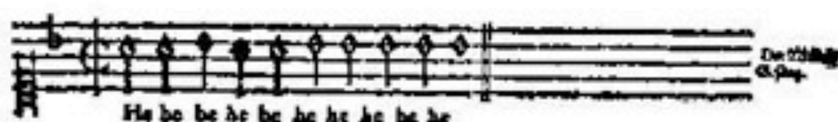
[12.] (*p. 305*) [*"Caraibes faux Prophetes"*] Pour donc entrer plus auant en matiere, il faut sauoir qu'ils ont entre eux certain faux Prophetes qu'ils nomment **Caraibes**, lesquels allans & venans de village en village, comme les porteurs de Ragatons en la Papauté, leur font acroire, que communiquans auec des

[...]

(*p. 209*) Os selvagens admitem certos falsos profetas chamados **caraíbas** que andam de aldeia em aldeia como tiradores de (*p. 210*) ladainhas[149] e fazem crer não somente que se comunicam com os espíritos e assim dão força a quem lhes apraz, para vencer e suplantar os inimigos na guerra,

esprits, ils peuuent non seulement par ce moyen donner force à qui il leur plaist, pour veincre & surmonter les ennemis, quand on va à la guerre, mais aussi que ce sont eux qui font croistre les grosses racines & les fruicts, tels que i'ai dit ailleurs, que ceste terre du Bresil les produit. <...> (*p. 306*) Ainsi apres que les **Caraibes**, auant que departir d'auec les femmes & enfans, leur eurent estoitement defendu, de ne sortir des maisons où ils estoyent, ains que de là ils escoutassent attentiuement quand ils les orroyent chanter: nous ayans aussi commandé de nous tenir clos dans le logis où estoyent les femmes, ainsi que nous desiennions, sans sauoir encor ce qu'ils vouloyent faire, nous commençasmes d'ouïr en la maison où estoyent les hommes (Laquelle n'estoit pas à trente pas de cele où nous estions) vn bruit fort bas, comme vous diriez le murmure de ceux qui barbotent leurs heures: ce qu'entendans les femmes, lesquelles estoyent en nombre d'enuiron deux cens, toutes se leuans debout, en prestant l'oreille se serrerent en vn monceau. Mais apres que les hommes peu à (*p. 307*) peu eurent esleué leurs voix, & que fort distinctement nous les entendismes chanter tous ensemble, & repeter souuent ceste interiection d'acouragement,

mas ainda persuadem terem a virtude de fazer com que cresçam e engrossem as raízes e frutos da terra do Brasil. <...> Antes de se separarem das mulheres e meninos, os caraíbas proibiram severamente de sair das casa em que se encontravam; aí também nos encerraram. Já havíamos começado a almoçar sem nada perceber ainda do que pretendiam os selvagens quando principiamos a ouvir na casa dos homens, a qual distava talvez trinta passos daquela em que estávamos, um murmúrio surdo de rezas; imediatamente as mulheres, em número de quase duzentas, se puseram todas de pé e muito perto umas das outras. Os homens pouco a pouco erguiam a voz e os ouvíamos distintamente repetir uma interjeição de encorajamento:




nous susmes tous esbahis que les fẽmes de leur costé leur respondans & auec vne voix tremblante, reïterans ceste mesme interiection, **He, he, he, he,** se prindrent à

– He, he, he, he[146]. mais ainda nos espantamos, porém, quando as mulheres, por seu turno, a repetiram com voz tr@mula: – He, he, he, he. (*p. 212*) Assim

crier de telle façon, l'espace de plus d'vn quart d'heure, que nous les regardans ne sauions quelle contenance tenir. Et de faict, parce que non seulement elles hurloyent ainsi, mais aussi qu'auec cela sautans en l'air de grande violence failoyent bransler leurs mammelles & escumoyent par la bouche, voire aucunes (comme ceux qui ont le hautmal par-deça) tambouent toutes esuanouies, ie ne croi pas autrement que le diable ne leur entrast dans le corps, & qu'elles ne deuinssent soudain Demoniaques. Comme aussi on a escrit, qu'Alphonse Roy de Naples, regardant vne femme qui dansoit & sautoit trop des-hontément, dit aux assistans, Attendez vn peu, la Sibylle donnera tantost ses Oracle: pource qu'elle ne rendoit iamais responce, comme on dit, si elle n'estoit surprise de fureur. Tellement qu'ayant leu cela, auec ce que dit Bodin en sa Demonomanie, alleguant Iam-(*p. 308*)blique, de l'ecstase laquelle, dit-il, est ordinaire aux Sorciers, qui ont fait paction expresse auec le diable, & sont quelquesfois transportez en esprit, demeurant les corps insensible (combien que quelquefois aussi cela se face en corps & en ame) ioint, dit Bodin, qu'il ne se fait point d'assembles entre eux où lon ne danse: & mesmes par la confession de quelques Sorcieres, qu'il nomme, elles disent en dansant, har, har, (c'est le he, he, de nos Sauuages) Diable, Diable, saute-ici, saute-la: les autres respondant, Sabbath, Sabbath, c'est à dire, la feste & le iour du repos, en haussant les mains & ballets qu'elles tienent en haut, pour donner certain tesmoignage d'allegresse, & que de bon coeur elles seruent & adorent le Diable, & aussi pour contrefaire l'adoration qui est deuë à Dieu, lequel souz la Loy commandoit aux Israëlites, d'esleuer leurs mains à lui, & qu'ils s'essiouïssent en sa presence. Considerant, di-se, ces choses, i'ai conclu, que le maistre des vnes estoit le maistre des autres: à sauoir que les femmes

aconteceu durante um quarto de hora e nós não sabíamos o que fazer. Ao mesmo tempo urravam, saltavam com violência, agitavam os seios e espumejavam pela boca até desmaiar como vítimas de ataques epiléticos; por isso não me era possível deixar de acreditar que se tivessem tornado repentinamente possuídas do Diabo. [Como também foi escrito, Alfonso, rei de Nápoles, olhando uma mulher que dançava e saltava muito desonestamente, disse aos presentes: "esperem um pouco, a Sibila pronunciará logo os oráculos"; porque ela nunca dava resposta, como dizem, a não ser que fosse surpreendida com muito furor. Tanto que tendo lido isto, relaciono com o que diz Bodin em sua "Demonomanie", referindo-se a Jâmblico, do êxtase, o qual, diz ele, é comum aos bruxos, que fizeram pacto expresso com o diabo, e são às vezes transportados espiritualmente, permanecendo o corpo insensível (apesar disso, este fato às vezes se dá em corpo e alma). Juntamente, diz Bodin que não existe reunião entre eles que não tenha dança. E, mesmo pela confissão de algumas bruxas, que ele cita, que dizem cantando "har, har" (é o "he, he" dos nossos selvagens), "diabo, diabo, pula aqui, pula ali", os outros respondendo "Sabath, Sabath", quer dizer, a festa e o dia do descanso, levantando as mãos e vassouras que seguram ao alto, para dar certos testemunhos de alegria, e que de bom grado servem e adoram ao diabo, e também para se contrapor à adoração devida a Deus, o qual, segundo a lei, mandava os israelitas levantarem as mãos para eles, e que eles se alegrassem em sua presença. Considerando essas coisas, concluí que o mestre de uns era mestre dos outros, ou seja, que as mulheres brasileiras, entre as quais há também bruxas nomeadas por eles "mossen-ygerre", e as que fazem esta profissão infernal lá na Europa, eram conduzidas por um mesmo espírito de Satã, sem que a distância dos lugares, nem a longa travessia do mar proiba este pai da

Bresiliennes, entre lesquelles il y a aussi des Sorcieres nommees par eux, **Mossen-y-gerre**, & celles qui font ce mestier infernal par-deçá, estoyent conduites d'vn mesme esprit de Satan: sans que la distance des lieux, ni le long passage de la mer, empesche ce pere de mensonge d'operer çà & là en ceux qui lui sont liurez par le iuste iugement de Dieu. Ainsi, pour continuer mon propos, nous oyans semblablement les enfans brâsler & se tourmenter au lo-(*p.* 309)gis où ils estoyent separez tout aupres de nous, combien qu'il y eust ia plus de demi an que ie frequentois les Sauuages, & que fusse desia autrement acoustumé parmi eux, tant y a pour n'en rien desguiser, qu'ayant en lors quelque frayeur, ne sachant mesme quelle seroit l'issue du ieu, i'eusse bien voulu estre en nostre Fort. Toutesfois apres que ces bruits & hurlements confus furent finis, les hommes faisans vne petite pose (les femmes & les enfans se taisans lors tous cois) nous les entendismes derechef chantans & faisans resonner leurs voix d'vn accord si merueilleux, que m'estant vn peu r'asseuré, oyant ces doux & plus gracieux sons, il ne faut pas demander si ie desirois les voir de pres. Mais parce que quand ie voulois sortir pour en aprocher, non seulement les femmes me retiroyent, mais aussi nostre truchement disoit que despuis six ou sept ans, qu'il y auoit qu'il estoit en ce pays-là, il s'estoit iamais osé trouuer parmi les Sauuages en telle feste: de maniere adioustoit-il, que si i'y allois, ie ne ferois pas sagement, craignant de me mettre en danger, ie demeurai vn peu en suspens. Neantmoins parce que l'ayant sondé plus auant, il me sembloit qu'il ne me donnoit pas grand raison de son dire: ioint, que ie m'asseurois de l'amitié de certains bons uieillards, qui demeuroyent en ce village, auquel i'auois esté quatre ou cinq fois auparauant, moitié de force & moitié de gré, ie me hazardai de sortir. M'aprochant doncques du

mentira de operar aqui e lá, nos que são entregues a ele pelo justo juizo de Deus. Assim, para continuar com o que propus,] também os meninos se agitavam e se torturavam, no aposento em que se achavam encerrados e, embora já freqüentasse os selvagens há mais de seis meses e estivesse até certo ponto acostumado com seus costumes, confessarei que tive medo; ignorando o fim disso tudo, desejei achar-me longe dali. Ao cessarem o ruído e os urros confusos dos homens, calaram-se também as mulheres e os meninos; mas voltaram todos a cantar, mas dessa feita de um modo tão harmonioso que o medo passou e tive o desejo de tudo ver de perto. Quando quis porém sair, para aproximar-me do lugar do festim, não só mo obstaram as mulheres, mas ainda o nosso intérprete, o qual, vivendo embora nesse país há seis ou sete anos, nunca se atrevera a meter-se entre os índios durante tais cerimênias e considerava que se eu o fizesse correria grande risco. Hesitei por um instante, mas como não me pareciam suficientes as razões do intérprete e eu confiava na amizade dos bons velhos da aldeia em que habitara durante quatro a cinco meses, arrisquei-me a sair, aproximando-me do lugar de onde vinha a cantilena. <...> Ao contrário do que afirmara o intérprete, não se incomodaram os selvagens conosco; conservaram-se em seus lugares e continuaram as suas cantorias, em vista do que eu e meus companheiros nos acomodamos em um canto a fim de contemplar sossegadamente a cena. Ao falar das danças por ocasião das cauinagens prometi descrever também suas outras espécies de danças. Unidos uns aos outros mas de mãos soltas e fixos no lugar, formam roda, curvados para a frente e movendo apenas a perna e o pé direito; cada qual com a mão direita na cintura e o braço e mão esquerda pendentes, suspendem um tanto o corpo e assim cantam e dançam. Como eram numerosos, formavam três rodas no meio das se mantinham três ou quatro

lieu où i'oyois (*p. 310*) ceste chantrerie, comme ainsi soit que les maisons des sauuages soyent fort longues, & de façon rondes <...> Voyans doncques que les sauuages (comme le truchement estimoit) ne s'efarouchoyent poit de nous, ains au contraire, temans leurs rangs & leur ordre d'vne façon admirable, continuoyẽt leurs chãsons, en nous retirans tout bellemẽt en vn coin, nous les contẽplasmes tout nostre saoul. Mais suyuant de que i'ai promis ci'dessus, quand i'ai parlé de leurs danses durant leurs beuueries & **Caouïnages**, que ie dirois aussi l'autre façon qu'ils ont de danser: afin de les mieux representer, voici les morgues, gestes & contenances qu'ils tenoyent. Tous pres à pres l'vn de l'autre, sans se tenir par la main, ni sans se bouger d'vne place, ains estans arrengez en rond, courbez sur le deuant, guidans vn peu le corps, remuans seulement la iambe & le pied droit, chacun ayant aussi la main dextre sur ses fesses, & le bras & la main gauche pendant, chantoyent & dansoyent de ceste façon. Et au surplus, parce qu'à cause de la multitude il y auoit trois rondeaux, [*ed. de 1578*] (*p. 273*) ayant tout au milieu d'vn chacũ trois ou quatre des ces **Caraïbes** richemẽt parez de robes, bon[*ed. de 1578*](*p. 274*)nets & bracelets de belles plumes naifues naturelles & de diuerses couleurs: tenans au reste en chacune de leurs mains vn de ces **Maracas**, c'est à dire sonnetes faites d'vn fruit plus gros qu'vn oeuf d'Austruche, dont i'ay parlé ailleurs, afin disoyent ils, que l'esprit parlast puis apres dans icelles pour les dedier à cest vsage ils les faisoyẽt sõner à toute reste: & ne vous les saurois mieux comparer en l'estat qu'ils estoyent lors, qu'aux sonneurs de campanes de ces Caphars, qui en abusant le pauure monde par deça portent de lieu en lieu les chasses de saint Anthoine, de Bernard & autres tels instruments d'idolatrie. Ce qu'outre la susdite description ie

caraibas ricamente (*p. 214*) adornados de plumas, cocares, máscaras e braceletes de diversas cores, cada qual com um maracá[147] em cada mão. E faziam ressoar essas espécies de guizos feitos de certo fruto maior que um ovo de avestruz [, dos quais falei anteriormente, para, diziam, que o espírito falasse, e depois, para dedicá-los a isso, faziam-nos soar em suas mãos durante todo o resto da cerimônia [148]. Só poderia dar uma idéia exata desses caraibas comparando-os aos frades pedintes que enganam a nossa pobre gente, e andam de lugar em lugar com relicários de Santo Antônio e de São Bernardo ou outros objetos de idolatria. [Além da descrição acima, apresento ainda pela figura abaixo, o dançador e o tocador de maracá.]

vous ay bien voulu encores representer par la figure suyuante, du Danseur & du Sonneur de **Maraca**.

(*p. 284*)



[*ed. de 1600*]

[13.] (*p. 313*) OVTREplus, ces **Caraibes** en s'auançans & sautans en dauant, puis reculans en arriere, ne se tenoyent pas tousiours en vne place comme façoyent les autres: mesmes i'obseruay qu'eux prenans souuent vne canne de bois, lõgue de quatre à cinq piede, au bout de

(*p. 214*) Os caraibas não se mantinham sempre no mesmo lugar como os outros assistentes; avançavam saltando ou recuavam do mesmo modo e pude observar que, de quando em quando, tomavam uma vara de madeira de quatro a cinco pés de comprimento em cuja extremidade

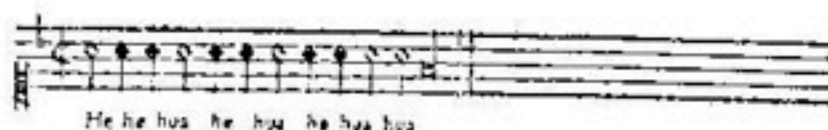
laquelle il y auoit de l'herbe de Petun (dont i'ai fait mention autre part) feiche & allumee: en se tournans, & soufflans de toutes parts la fumee d'icelle sur les autres Sauuages, ils leur disoyent: A fin que vous surmontiez vos ennemis, receuez tous l'esprit de force, & ainsi firent par plusieurs fois ces maistres **Caraibes**. Or ces ceremonies ayans ainsi duré pres de deux heures, ces cinq ou six cens hommes Sauuages ne cessans tousiours de danser & chanter, il y eut vne telle melodie qu'attendu qu'ils ne sauent que c'est de l'art de Musique, ceux qui ne les ont ouÿs ne croiroyẽt iamais qu'ils s'acordessent si bien. Et de faict, au lieu que du commencement de ce sabbath (estant comme i'ai dir en (*p. 314*) la maison des femmes) i'aouis en quelque crainte, i'eu lors en recompense vne telle ioye, que non seulement oyant les accords si bien mesurez d'vne telle multitude, & sur tout pour la cadence & refrain de la balade, à chacun couplet tous en traisnans leurs voix, disans en ceste, forte:

ardia um chumaço de petun e voltavam-na acesa para todos os lados soprando a fumaça contra os selvagens e dizendo: "Para que vençais os vossos inimigos recebei o espírito da força". E repetiam-na por várias vezes os astuciosos caraíbas. Essas cerimônias duraram cerca de duas horas e durante esse tempo os quinhentos ou seiscentos selvagens não cessaram de dançar e cantar de um modo tão harmonioso que ninguém diria não conhecerem música[147]. Se, como disse, no início dessa algazarra, me assustei, já agora me mantinha absorto em coro (*p. 215*) ouvindo os acordes dessa imensa multidão e sobretudo a cadência e o estribilho repetido a cada copla: Hê, he ayre, heyrá, heyrayre, heyra, heyre, uêh.

Heu heura heura heera heura, heura heora heura ouech.

i'en demeurai tout raui: mais aussi toutes lesfois qu'il m'en souuiẽt, le coeur me tressaillant, il m'est aduis que ie les aye encor aux oreilles. Quand ils voulurent finir, frappans du pied droit contre terre, plus fort qu'auparauant, apres que chacun eut craché deuant soi, tous vnanimement, d'vne voix rauque, prononcerent deux ou trois fois d'vn tel chant, & ainsi

E ainda hoje quando recordo essa cena sinto palpitar o coração e parece-me a estar ouvindo. E para terminar bateram com o pé direito no chão com mais força e depois de cuspirem para a frente, unanimemente, pronunciaram duas vezes ou três com voz rouca: Hê, hyá, hyá, hyá, hyá[150].




cefferent. Et parce que n'entendant pas encores lor parfaitement leur langage ils auoient dit plusieurs choses que ie n'auois peut com(*p. 315*)prendre, ayant prié le truchement qu'il les me declarast: il me dit en premier lieu qu'ils auoyẽt fort insisté à regretter leurs grands peres decedez, lesquels estoyent si vaillans: toutesfois qu'ẽfin ils s'estoyent consolez, en ce qu'apres leur mort ils s'asseuroyent de les aller trouuer derriere les hautes montagnes, où ils danseroyent & se resiouïroyent auec eux. Semblablement qu'à toute outrance ils auoyent menacez les Ouëtacas (autres Sauuages leurs ennemis, lesquels comme i'ai dit ailleurs, sont si vaillans, qu'ils ne les ont iamais peu dompter) d'estre bien tost prins & mangez par eux, ainsi que leur auoyent promis leurs **Caraïbes**. Au sur-plus qu'ils auoyent entremeslé & fait mention en leurs chansons, que les eaux s'estans vne fois tellement desbordees, qu'elles couurirent toute la terre, tous les hommes du monde, excepté leurs grands peres, qui se sauuerent sur les plus hauts arbres de leurs païs, furent noyez: lequel dernier poinct, qui est ce, qu'ils tiennent entre eux plus aprochant de l'Escriture saincte, ie leur ai d'autres fois despuis ouï reïterer. <...> (*p. 316*) Quãd les Virginiens veulent monstrer signe de resiouissance, principalement apres estre reschapez de quelque grand peril, soit en guerre, soit par mer, ou

Como eu ainda não entendia bem a língua dos selvagens pedi ao intérprete que me esclarecesse sobre o sentido das frases pronunciadas. Disse-me ele que haviam insistido em lamentar seus antepassados mortos e em celebrar-lhes a valentia: consolavam-se entretanto na esperança de ir ter com êles, depois da morte, para além das altas montanhas onde todos juntos dançariam e se regozijariam. Haviam em seguida ameaçado os goitacazes, proclamando, de acordo com os caraíbas, que haveriam de devorálos, embora esses selvagens sejam tão valentes que nunca os tupinambás os puderam submeterm, como já ficou dito[181]. Celebravam ainda em suas canções o fato das águas terem transbordado por tal forma em certa época, que cobriram toda a terra, afogando todos os homens do mundo, à exceção de seus antepassados que se salvaram trepando nas árvores mais altas do país[182]. Este último ponto, que muito se aproxima das Santas Escrituras, tive a oportunidade de ouvir inúmeras vezes. <...> [Quando os virginianos querem dar sinal de alegria, principalmente depois de se terem alvo de algum grande perigo, seja em guerra, seja por mar ou por terra, fazem uma grande fogueira, envolta da qual se sentão os homens e mulheres, segurando cada um na mão uma fruta, em forma de melão ou abóbora, que depois de extraírem as sementes, enchem de pequenas pedras, ou de alguns grandes grãos,

par terre, ils font vn grand feu, à l'entour duquel s'asseent hommes & femmes, tenans chacun en la main vne sorte de fruict, en forme de Melon ou Courge, lequel apres en auoir tiré les grains dehors, ils remplissent de petites pierres, ou de quelque gros grains, pour le faire mieux sonner, y mettant vn baston (qui est sans doute le **Maraca** de nos Bresiliens) & ainsi chantent & se resiouïssent à leur mode, ainsi que ie l'ai veu & obserué, dit l'histotien, lequel aussi l'a fort bien pourtrait en son liure. <...>

para fazê-la soar melhor, colocando-lhe um bastão (que sem dúvida é o maracá dos nossos selvagens) e assim cantam e se divertem ao seu modo, assim como o vi e o observei, diz o historiador, que o retratou igualmente muito bem em seu livro.] <...>

[**14.**] <...> Et au surplus de tout ce que dessus, apres que ces iours solennels (esquels comme i'ai dit, toutes les singeries que vous auez entendues se sont de trois en trois, ou de quatre en quatre ans entre nos **Toucupinambaoults**) sont passez & mesmes quelquesfois (*p. 317*) auparauant, les **Caraibes** allans particulieremẽt de village en village, font acoustrer des plus belles plumasseries qui se puissent trouuer, en chacune famille trois ou quatre, ou selon que ils s'aduisent plus ou moins, de ces hochets ou grosses sonnettes, qu'ils nomment **Maracas**: lesquelles ainsi parees fichãs de plus grand bout du baston qui est à travers dans terre, & les arrengeans tout le lõg & au milieu des maisons, ils commandent puis aprez qu'on leur baille à boire & à manger. De façon que ces afrõteurs faisans acroire aux autres pauures idiots, que ces fruicts & especes de courges, ainsi creusez, parez & dediez mangent & boyuent la nuict: chasque chef d'hostel adioustant foi à cela, ne faut point de mettre aupres des siens, non seulement de la farine auec de la chair & du poisson, mais aussi de leur bruuage dit **Caou-in**. Voire les laissans ordinairement ainsi plant[*ez*] en terre quinze iours ou trois semaines, tousiours seruis de mesme, ils ont apres cest ensorcellement vne opinion si estrange de ces **Maracas**, (lesquels ils ont presques tousiours en la main) que leur attribuant quelque sainoteté, ils disent que

<...> (*p. 216*) Além dessas cerimônias, realizadas de três em três ou de quatro em quatro anos, e às vezes mais, e durante as quais os tupinambás praticam essas macaquices, os caraíbas vão de aldeia em aldeia e enfeitam com as mais bonitas penas que encontram os seus maracás[153]; e fincam-nos em seguida no chão, do lado maior, entre as casas, e ordenam que lhes seja dado comida e bebida. Esses embusteiros fazem crer aos pobres idiotas dos selvagens que essas espécies de cabaças assim consagradas comem e bebem realmente à noite. E como os habitantes acreditam nisso não deixam de pôr farinha, carne e peixe ao lado dos maracás e nem esquecem o cauim. Em geral deixam assim os maracás no chão durante quinze dias a três semanas, após o que lhes atribuem santidade e os trazem sempre nas mãos dizendo que ao soarem os espíritos lhes vêm falar. Viviam de tal modo compenetrados desse erro que se ao passarmos por suas casas tomávamos dos alimentos oferecidos a esses maracás, o que muitas vezes nos aconteceu, julgavam os nossos americanos que isso nos causaria desgraças e se mostravão tão ofendidos quanto os sacerdotes Baal[154] ao ver tomarem as oferendas consagradas aos seu ídolos com as quais entretanto se alimentavam fartamente com suas marafonas e bastardos. E se aproveitávamos a oportunidade para adver(*p. 217*)ti-los de seus erros e lhes dizíamos que os caraíbas não

souuentesfois en les sonnans vn esprit parle à eux. Tellement qu'en estains ainsi embabouïnez, si nous autres passans parmi leurs maisons & longues loges, voyons quelques bonnes viandes presentees à ces **Maracas**: si nous les prenions & mangions (comme nous auons souuent fait) nos Ameriquains estimãs que cela nous causeroit quelque malheur, (*p. 318*) s'en estoyent pas moins ofendez que sont les supertiteux & successeurs des prestres de Baal, de voir prendre les ofrandes qu'on porte à leurs marmosets, desquelles cependant au deshonneur de Dieu, ils se nourtissent grassement & oisiuement auec leurs putains & bastards. Qui plus est, si prenans de là ocasion de leur remonstrer leurs erreurs, nous leur disions que les **Caraïbes**, leur faisant acroire que les **Maracas** mangeoyent & beuuoyent, ne les trompoyent pas seulement en cela, mais aussi que ce n'estoit pas eux, comme ils se vantoyent faussement, qui faisoyent croistre leurs fruicts & leurs grosses racines, ains le Dieu en qui nous croyons, & que nous leur annõcions: cela derechef estoit autãt en leur endroit, que de parler perdeçà cõtre le Pape, ou de dire à Paris que la chasse de saincte Geneuieue ne fait pas pleuuoir. <...>

só os iludem, quanto os faziam acreditar que os maracás comiam e bebiam, mas ainda os enganavam gabando-se de fazer crescer frutos e raízes; e se lhes afirmávamos que quem fazia tudo isso era o Deus em que acreditávamos e que pregávamos, era o mesmo que entre nós falas contra o Papa ou dizer que a relíquia de Santa Genoveva em Paris não faz chover. <...>

[...]

[17.] <...> (*p. 326*) ainsi qu'auec eux ie passois à truers d'vne grande forest, contemplant en icelle tant de dieurs arbres, herbes, & fleurs verdoyantes, & odoriferantes: ensemble oyant le chant d'vne infinité d'oiseaux rossignollans parmi ce bois, où lors le soleil donnoit, me voyant, diie, comme conuié à louër Dieu pour toutes ces choses, ayant d'ailleurs le coeur gai, ie me prins à chanter à houte voix le Pseaume 104. Sus sus mon ame, il te faut dire bien, &c. lequel ayant pourfuyui tout au long, mes trois Sauuages, & la femme qui marchoyent derriere moi, y prindrent si grand plaisir (c'est à dire au son, car au demeurant ils n'y entendoyent riens) que quãd i'eu acheué,

[...]

<...> (*p. 220*) Atravessamos [*"no continente"*] uma grande floresta de árvores variegadas, toda verde de ervas e cheirosa de flores, ouvindo o canto de infinidade de aves que gorjeavam no meio da mata banhada de sol. De coração alegre, senti-me levado a louvar a Deus por todas essas coisas e comecei a cantar em voz alta o salmo 104: "Exulta, exulta, minha alma, etc.". Os três selvagens e a mulher, que vinham atrás de mim, tiveram tamanho prazer na música de minhas palavras, pois o sentido não entendiam, que ao terminar eu o cântico, o Oheanan todo comvido e embevecido exclamou: "Na verdade cantaste maravilhosamente bem e fiquei muito contente em ouvir o

l'*Ouesnen*, tout esmeu de ioye auec vne face riante, s'auançant me dit, Vrayement (*p. 327*) tu as merueilleusement bien chanté, mesme ton chant esclatant, m'ayant fait ressouuenir de celui d'vne natiõ qui nous est voisine & alliee, i'ai esté fort ioyeux de t'ouïr. Mais, me dit-il, nous entendons bien son langage, & non pas le tien: parquoi ie te prie de nous dire ce dequoi il a esté question en ta chanson. Ainsi lui declairant le mieux que ie peux (car i'estois lors seul François, & en deuois trouuer deux, comme ie fis, au lieu où i'allai coucher) que i'auois, non seulement en general, loüé mon Dieu en la beauté & gouuernement de ses creatures, mais qu'aussi en particulier ie lui auois atribué cela, que d'estoit lui seul qui nourrisoit tous les hommes & tous les animaux: voire fait soit croistre les arbres, friucts & plantes, qui estoyent par tout le monde vniuersel: & au surplus, que ceste chanson que ie venois de dire, ayant esté dictee par l'Esprit de ce Dieu magnifiqué, duquel i'auois celebré le nom, auoit esté premierement chantee il y auoit plus de dix mille lunes (car ainsi contentils) par vn de nos grands Prophetes, lequel l'auoit laisse á la posterité, pour en vser à mesme fin. Brief, comme ie reïtere encores ici, que sans couper vn propos, ils sont merueilleusement attentifs à ce qu'on leur dit, apres qu'en cheminant l'espace de plus de demie heure lui & les autres eurent ouï ce discours, vsans de leur interiection d'esbahissement **The!** ils dirent, O que vous autres **Mairs**, c'est à dire François, estes heureux, de sauoir tant de secrets qui (*p. 328*) sont tout cachez à nous chetifs & pauures miserables: tellement que pour se congratuler, me disant, Voila, pource que tu as bien chãté, il me fit present d'vn **Agoti**, qu'il portoit, c'est à dire, d'vn petit animal, lequel, auec d'autres i'ai descrit au chapitre dixieme. Afin doncques de tant mieux prouuer que ces nations de

teu canto que me recorda o de uma nação aliada, nossa vizinha. Mas nós não entendemos a tua lingua, por isso explica-nos o teu canto". Como eu era o único francês ali presente e só ia encontrar intérpretes no lugar onde pretendíamos dormir, espliquei como pude que não só havia louvado a Deus em geral, pela beleza e o governo de suas criaturas, mas ainda o havia particularmente aplaudido como único criador dos homens e de todos os animais, frutos e plantas espalhados pelo mundo inteiro. Expliquei mais que a minha canção fora ditada pelo espirito desse Deus magnífico, cujo nome eu celebrava; que fora já cantada há cerca de 10.000 luas por um dos nossos grandes profetas o qual a legara à posteridade. Lembro mais uma vez que os selvagens não costumam interromper os discursos de ninguém; por isso me ouviram atentos pelo espaço de meia hora proferindo apenas de quando em quando sua habitual interjeição: Teh. E afinal disseram-me: - "Como vós os mairs sois felizes por saberdes tantos segredos ocultos a nós, entes mesquinhos, pobres miseráveis!" E para agradar-me deram-me um pequeno aguti, que traziam, dizendo: "Toma lá, já que cantas tão bem". (*p. 221*) Entendi dever contar esse episódio por entender que, por mais bárbaros que sejam com seus inimigos esses selvagens me parecem de melhor índole que a maioria dos campônios da Europa. E com efeito discorrem melhor do que inteligentes.

[...]

l'Amerique, quelques barbares & cruelles qu'elles soyent enuers leurs ennemis, ne sont pas si farouches qu'elles ne considerent bien tout ce qu'on leur dit auec bonne raison, i'ai bien voulu encor faire ceste digression. Et de fait, quant au naturel de l'homme, ie maintien qu'ils discourent mieux que ne font la pluspart de Païsans, voire qu d'autres de par-deça, qui pensent entre fort habiles gens.

[...]

## CHAP. XX.

[*vem antes do XIX*]

**Ce qu'on peut appeler loix et police ciuile entre les Bresiliens: comment ils traitent & reçoyuent humainement leurs amis qui les vont visiter: et des pleurs et discours ioyeux que les femmes font à leur arriuee et bien-venue.**

[...]

[8.] <...> (*p. 360*) Mais pour le present poursuyuant à reciter vne partie de choses notables qui m'aduindrent en mon premier voyage parmi les **Toucupinambaoults**, le truchement & moi, qui de ce mesme iour passans plus outre fusmes coucher en vn autre village nommé **Euramiri** (les François l'appelent Goset, à cause d'vn truchement ainsi nommé, qui s'y estoit tenu, trouuans sur le só(*p. 361*)leil couchant que nous y arriuasmes, les Sauuages dansans & acheuans de boire le **Cauïn** d'vn prisonnier qu'ils auoyent tué n'y auoit pas six heures, duquel nous vismes les pieces sur le **Boucan**: <...> Mais outre qu'à cause du bruit que les Sauuages, dansans & sifflans toute la nuict, en mangeant ce prisonnier, firent à ses oreilles, ie fus bien resueillé. <...>

[...]

## Cap. XVIII

**O que podemos chamar leis e policiamento entre os selvagens; modo por que tratam os visitantes amigos; prantos e discursos e discursos festivos das mulheres por ocasião das boas-vindas.**

[...]

<...> (*p. 235*) Nesse mesmo dia eu e o intérprete tocamos para diante e fomos dormir na segunda aldeia chamada Eyramiri e que os nossos denominam Goset por causa do trugimão aí residente. Ao chegarmos, pouco (*p. 236*) antes do por do sol, encontramos os selvagens dançando e bebendo cauim em homenagem a um prisioneiro morto seis horas antes e cujos restos ainda pudemos ver no moquém. <...> Com a bulha que faziam os selvagens dançando e assobiando e festejando a matança do prisioneiro não me foi possível dormir; <...>

[...]

CHAP. XIX.
[*vem após o XX*]

Comment les Sauuages se traittent en leurs maladies, ensemble de leurs sepultures et funerailles, et des grande pleurs qu'ils font apres leurs morts.

Cap. XIX

De como tratam os selvagens os seus doentes, dos funerais e sepulturas e do modo de chorar os seus defuntos.

(p. 341)



Y 3

[*ed. de 1578*]

[1.] <...> [*p.* 333] Ainsi pour reprendre mõ premier propos, les Ameriquains ont ceste coustume, que quant au traitement de la bouche de leurs malades: si celuy qui est detenu au lict deuoit demeurer vn mois sans manger on ne luy en dõnera iamais qu'il n'en demande: mesmes quelque grieue que soit la maladie, les autres qui sont en santé, suyuant leur coustume, ne laisseront pas pour cel, bruuans sautãs & chantãs, de faire bruit auteur du poure patiẽt: lequel aussi de son costé sachant bien qu'il ne gagneroit rien de s'enfascher, aime mieux auoir les oreilles rõpues que d'en dire mot. Toutesfois s'il aduient qu'il meure, & sur tout si c'est quelque bon pere de famille, la chantrerie estant soudain tournee en pleurs, ils lamẽtent de telle façon que si nous-nous trouuions en quelque village ou il y eut vn mort, ou il ne falloit pas faire estat d'y (*p.* 334) coucher, ou ne se pas attendre de dormir la nuit. Mais principalemẽt c'est merueille d'ouyr les femmes lesquelles braillans si fort & si haut que vous diriez [*ed. de 1600*] (*p.* 383) que ce sont hurlemens de chiens & de loups, font communément tels regrets & tels dialogues. Il est mort (diront les vnes en trainant leurs voix) celui qui estoit si vaillant, & qui nous a tant fait manger de prisonniers. Puis les autres en esclatant de mesme, respondront, O que c'estoit vn bon chasseur & vn excellent pescheur. Ha le braue assomeur de Portugais & de **Margaias**, desquels il nous a si bien vengez, dira quelqu'vne entre les autre: tellement que parmi ces grands pleurs, s'incitans à qui fera le plus grand dueil, & comme vous voyez en la presente figure, s'embrassans les bras & les espaules l'vne de l'autre, iusques à ce que le corps soit osté de deuant elles, elles ne cesseront rien de chifrant & recitoit par le menu tout ce qu'il aura fait & dit en sa vie, de faire de longues Kirielles de ses loüanges.

<...> (*p.* 246) Os americanos têm por hábito, após a sucção da parte doente do corpo, nada dar aos doentes acamados a menos que o peçam. E se o não fazem ficam às vezes um mês inteiro sem comer e por mais grave que seja a doença, nada impede os que estão com saúde de dançarem, cantarem, beberem e se divertirem com grande bulha em tôrno da vítima, a qual, consciente de que de nada adiantaria lastimar-se, se conforma em ouvir a algazarra silenciosamente. Todavia se ocorre morrer o doente, principalmente em se tratando de um bom chefe de família, converte-se a cantoria em súbito pranto e tal barulho fazem que se nos encontrarmos em uma ladeia onde tenha morrido alguém não nos será possivel fechar os olhos para dormir[339]. As mulheres sobretudo se exaltam nas lamentações e gritam tão alto que mais parecem cães ou lôbos a uivarem. Berram umas arrastando a voz: "Morreu quem era tão valente e tantos prisioneiros nos dava a devorar!" E outras replicam no mesmo tom: "Era um bom caçador e excelente pescador". E outras acrescentam: "Que bravo matador de perós e margaiá era ele, e como nos vingava". E assim, excitando-se mutuamente e se abraçando, não cessam a ladainha de seus louvores enqunato o cadáver estiver presente e dizem por miúdo, tudo o que em vida o defunto praticou. Dizem que as mulheres de Béarn fazendo do vício virtude, assim cantam no pranto erguido em presença de seus maridos defuntos: La mi amon, la mi amon, cara rident, oeil de splendon; cama leugé, bel dansadou; lo me balen, lo m'es burbat; mati depes; fort tard au lheit, o que quer dizer: meu amor, meu amor, cara risonha, olhos brilhantes, perna ligeira, bom dançarino, homem valente, madrugador; cedo de pé, tarde na cama. E afirmam as mulheres da Gasconha acrescentam: Vere, vere, ô le bet renegadon, ô le bet jougadom qu'here, ou seja: Ai de mim, ai de mim, que lindo renegado, que belo

[2.] BREF à la maniere que les femmes de Bearn, ainsi qu'on dit, faisans de vice vertu en vne partie des pleurs qu'elles font sur leurs maris decedez chantent **La mi amou, la mi amou: Cara rident, oeil de splendou: Cama leugé bet dansadou: Lo mé balen, lo m'esburbat: mati depes: fort tard cougat.** C'est à dire, Mon amour, mon amour: visage rient, oeil de splendeur, iambe legere, beau danseur, le mien vaillant, le mien esueillé, matin debout, ford tard au lict: Voire comme aucuns disent que les femmes de Gascongne adioustent, **Yere, yere, O le bet renegadou, ô le bet iougadou qu'here**: c'est à dire, Helas, helas, O le beau renieur, ô le (*p. 384*) beau ioüeut qu'il estoit: ainsi en font nos poures femmes Bresilienes, lesquelles au surplus, au refrein de chacune pose, adioustans tousiours, Il est mort, il est mort, celui duquel nous faisions maintenant le dueil: les hommes leur respondans disent, Helas il est vrai, hous ne le verrons plus iusques à ce que nous enseignent nos **Caraibes**, nous danserons auec lui: & autres semblables propos qu'ils adioustent: Or ces querimonies durans ordinairement demi iour (car ils ne gardent gueres leurs corps morts d'auantage) <...>

[...]

jogador era ele. Assim fazem as nossas americanas repetindo a cada estância o estribilho: "Morreu, morreu, aquele que agora carpimos". E os homens a isso respondem dizendo: "Em verdade não o (*p. 247*) veremos mais, a não ser quando formos para além das montanhas, onde como nos ensinam os nossos caraíbas, dançaremos com eles". Tal cerimônia dura em geral apenas meio dia, pois não conservam mais tempo os cadáveres insepultos. <...>

[...]

## CHAP. XX.
[*correto: XXII*]

**Colloque de l'entree ou arriuee en la terre du Bresil, entre les gens du païs nommez Toouupinambaoults, et Toupinenkins en langage Sauuage et François.**

[...]

[136.] (*p. 421*) **Inuby-a**. Des cornets de bois dont les Sauuages cornent.

## Cap. XXII

**Colóquio de entrada ou chegada ao Brasil, entre a gente do país chamada tupinambá e tupiniquim em linguagem brasílica e francesa.**

[...]

(*p. 291*) Inybi-á. Cornetim de madeira que os índios sopram.

134 . HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (**Música sacra evangélica no Brasil**, 1961, cap. II, p. 41) informa: « O versículo bíblico tomado por tema do sermão então proferido encontra-se em Salmos 27:4 – '**Uma coisa pedi ao Senhor e a buscarei: que possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a formosura do Senhor e aprender no seu templo**'. Antes, porém, em coro unissono, os fiéis calvinistas entoaram o **Salmo 5**: "Dá ouvidos às minhas palavras, ó Senhor" (**Aux paroles que je veux dire, plaise-toi l'aureille prester**) tal como fôra preparado para o **Saltério Huguenote**, com metrificação de CLEMENTE MAROT e melodia de LUIS BOURGEOIS, e até hoje se mantém nos hinários franceses com as indispensáveis modificações inerentes à evolução da língua ». Em nota de rodapé (p. 41, nº 46), a autora acrescenta que « CALVINO só admitia o canto congregacional em unissono. Vide: ALEXANDRE CELLIER. "La valeur musicale des Psaumes de la Reforme française" (**Protestantisme et Musique**, Paris, éditions "Je Sers", 1950, p. 63); e ISAAC PICCARD. "La Musique dans le Culte Protestant" (ALBERT LAVIGNAC. **Encyclopédie de la Musique et Dictionaire du Conservatoire**. Deuxième partie. Technique, Esthétique, Pédagogie. Paris Libraire Delagrave, 1929. Vol. 4, p. 2429) ». Na p. 42, BRAGA transcreve, de fonte não citada, a melodia do salmo 5 ("Verba mea auribus percipe"), escrita por LUIS BOURGEOIS em 1542 [Cf. EXEMPLO MUSICAL III], seguido destes comentários: « Por ordem expressa de VILLEGAGNON, passaram a realizar-se preces públicas noturnas após o trabalho quotidiano, devendo os pastôres pregar diàriamente e duas vezes aos domingos. A Santa Ceia segundo o rito evangélico foi pela primeira vez celebrada no Brasil alguns dias depois, no domingo 21 de março de 1557. Em todos êstes cultos entoavam-se Salmos, consoante o uso da Igreja Reformada. ¶ É de notar-se que, nessa época, por iniciativa de CALVINO, já se achavam quase completamente postos em música os cento e cinquenta **Salmos**, empreendimento realizado em grande parte por LUÍS BOURGEOIS, Diretor da Música na Igreja de Genebra de 1545 à 1557 e um dos grandes mestres da música francesa no séc. XVI. ¶ Esta realização foi posteriormente completada (1562) por outros colaboradores, entre os quais se destacam CLAUDIO GOUDIMEL que, além disso, trabalhou a coleção completa dos cento e cinquenta **Salmos** três vezes – elaborando-os a quatro vozes em contraponto florido, harmonizando-os a quatro partes nota contra nota, e preparando-os sob a forma de moteto – tornando-os um verdadeiro monumento da música sacra francesa ». Às pp. 44-45 do mesmo trabalho, encontramos a versão de CLAUDE GOUDIMEL, de 1542, transcrita de uma edição de 1580.

135 . Nota de PLÍNIO AYROSA, nesta edição (p. 117, nota 188): « **Maracá, de mbaraká**, é o denominativo tupi de um dos instrumentos de "música" mais comuns nas culturas primitivas. Simples chocalho, exige apenas uma cabaça e sementes ou pedrinhas para funcionar. Os maracás apresentam-se, às vezes, caprichosamente decorados, encabados e enfeitados com penas de várias cores. As decorações, principalmente, oferecem grande interesse etnográfico ».

136 . Nota de SERGIO MILLIET, nesta edição (p. 132, nota 234): « Exagero de Montaigne, I, XXX: "O dia inteiro se passa a dançar" ».

137 . Nota de PLÍNIO AYROSA, nesta edição (p. 150, nota 300): « Deve ser **jub**, **juba**. **Canindé-juba** dirá: canindé amarelo. Esse estribilho talvez possa ser assim entendido: **canindé amarelo, canindé amarelo, tal qual o mel** (**canindé jub, canindé jub, eyra oaé**). Nada podemos afirmar, está claro, em face da maneira por que se acha grafada a última palavra ».

138 . Nota de PLÍNIO AYROSA, nesta edição (p. 150, nota 301): « Na edição latina da obra de Léry, comentada por Batista Caetano, vem **jub**, corretamente ».

139 . Nota de PLÍNIO AYROSA, nesta edição (p. 161, nota 340): « Parece-nos que Léry deverá ter escrito **Camouroupouy** como, aliás, aparece linhas abaixo, e tal como encontramos em Claude d'Abbeville (**Histoire**, fl. 244). É o camurupi ou **camurupim** (**Megalopes thrissoides**, Bl. et Sch.). Em certos lugares é conhecido por **camboropi-uassú** ou **uassú** vale: grande, encorpado, grosso, etc. ».

140 . Nota de SERGIO MILLIET, nesta edição (p. 162, nota 343): « As palavras do estribilho dizem apenas: "Peixe grande, estou com fome! Camurupim, estou com fome!" ».

141 . Este termo aplicado a instrumentos indígenas é pouco preciso. É possível que se trate de instrumento feito de concha marinha (**guatapy, guatapyguassu, urugoá**) ou de bambú (**inybia, mimbyapára, mimbyguassu**). Dada a feição mais rústica dos "búzios", é mais provável que os europeus chamassem "cornetas" aos primeiros e "trombetas" aos últimos. Não comprovamos, contudo, qualquer tentativa nesse sentido.

142 . PLÍNIO AYROSA, nesta edição (p. 187, nota 436), informa: « Em obediência à prosódia francesa deveríamos grafar, com mais correção, **inybiá**. A corneta, tal como a referida por Léry, era chamada **mimbyapá**, isto é, instrumento de sopro, torto, encurvado; nos vocabulários do tupi da costa aparece a forma **memby**, evidente alteração de **mimby**. A pronúncia dessa palavra, vulgar no Brasil, parece-nos errônea. Os franceses escrevendo **inubia** indicavam claramente a pronúncia **inybiá** e não **inúbia** e **janúbia**. Gonçalves Dias (**Poesias Americanas**, ed. Garnier, t. II, p. 113) fala em **cantos da janúbia**... ». A maioria dos tupinólogos desconhece esse termo, que normalmente vem grafado **inúbia**. A. LEMOS BARBOSA (**Pequeno vocabulário tupi-português**,

1955, p. 161) há um certo **ybÿia**, que significa « entranhas; vão; oco », sem ter ligação provável com o instrumento mencionado por LÉRY. TEODORO SAMPAIO (**O tupi na geografia nacional**, 1937, p. 250) afirma: « Antigamente, como escreveu Jean de Léry, **yanubia**, designando uma trombeta usada pelos tupinambás do Rio de Janeiro. O vocábulo tupi se decompõe em **ya-nu-bia** que se traduz literalmente, o que soa agradável. Era uma trombeta de guerra, grossa, comprida e de grande abertura, cujo som se ouvia muito longe ». FREDERICO G. EDELWEISS informa, em nota ao texto de SAMPAIO, que a inubia consta apenas de LÉRY (e, evidentemente, dos escritores que se serviram de seu livro). Assim se refere ao termo, na p. 165: « parece mesmo tratar-se de erro ou cópia de impressão, já admitido por Batista Caetano. Veja **Ensaios de Ciencia**, 1:38 e Artur Neiva, **Estudos de Lingua Nacional**, pp. 248-297. ¶ Devemos, porém, lembrar que, ao lado de **mimby**, os dicionários brasilianos e nheengatus trazem **membyá**, **umiá**; estes certamente retificam melhor a estropiada inubia (inubia) de Léry; por não decifrar as suas notas lleu inubia por **iunbia** ». No século XIX, ANTONIO GONÇALVES DIAS, JOSÉ DE ALENCAR e CARLOS GOMES conheciam o termo. Em PEDRO SINZIG (**Pelo mundo do som**, 1959, pp. 320-321) há um bom texto de GOMES sobre esse instrumento. MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, pp. 265-266) também traz excelente contribuição, que vale a pena transcrever: « Instrumento de sopro usado pelos índios tupi-guaranis. Há certa confusão entre os autores que escrevem sobre **membi** e inúbia, mas é provável que de imbyá (corneta de madeira) tenha se originado mimbi e **membi**. A inúbia foi descrita vagamente com instrumento de sopro que se alarga gradativamente e se toca pela parte mais fina, uma trombeta guerreira de duas partes, formato cônico, lenho de maçaranduba (**mimusopus elatá**) escavado por dentro. As referências a membi, usado geralmente como sinônimo de inúbia, descrevem o instrumento como gaita feita de osso fêmur, ou corneta de madeira com som forte e sonoro; ou com flauta. Gonçalves Dias usou **membi** por **membitarará**. É mais provável é que **membi** indique genericamente instrumento soprado com o formato de flauta ou trombeta, podendo ser inclusive de osso. A inúbia teria as mesmas formas e funções que o **membi**. ¶ Guilherme de Melo refere-se à inúbia como sendo uma buzina ameríndia de guerra do mesmo tipo do **membitarará**, **mini** e **pemy** (...) (**A música no Brasil**, 1908, p. 26) ». Cf. bibliografia em MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 266).

143 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 188, nota 434): « Thévet, **Cosmog.**, p. e prancha 943 ».

144 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 190, nota 439): « Thévet (**Cosmog.**, p. 944): 'é prazer ver nossos selvagens voltarem para suas choças, alegremente, tocando seus instrumentos de conchas e frutos secos, e tirando deles tal harmonia que diríamos as trombetas de nossos cocheiros acrescidas de cantos' ».

145 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 210, nota 495): « Sem dúvida quer referir-se aos frades pedintes ».

146 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 210, nota 498): « Esses cantos, perfeitamente autênticos, eram conhecidos de todos os brasileiros e constituíam uma espécie de ritual familiar ».

147 . Nota de PLÍNIO AYROSA, nesta edição (p. 214, nota 500): « Hans Staden (p. 253) denomina-os indiferentemente, **maracás**, **tameracá** e **tamaracás**. Sua descrição confere com a de Léry. Os **maracás** são ainda usados na América Meridional. Spix e Martius os encontraram entre os Carapós, os coroados e outros. Mas não passam hoje em dia de pedaços de **écaille** cheios de milho e que produzem um som semelhante ao das castanholas. Os selvagens da Louisiana chamavam-nos **chichicoüs** e os usavam no século XVIII. "Trata-se de uma cabaça furada de ambos os lados. Atravessam-na com uma vareta cuja ponta externa serve de cabo. Dentro põe-se pedregulho ou favas ou ainda feijões secos, para o barulho". Lepage du Pratz, **Histoire de la Louisiane** I, 108. ### **Maracá**, de **mbará**, forte e **kã**, casca, invólucro. É o instrumento de música assemelhavel a um chocalho ».

148 . Os comentários de LÉRY sobre o **maracá** (bem como os de HANS STADEN ¶ e ANDRÉ THEVET ¶ ) são encontrados, com alterações de todos os tipos, em dezenas de escritos, do séc. XVI ao séc. XX, entre eles as inúmeras reedições de seu livro. Em M. HIPPOLYTE TAUNAY e M. FERDINAND DENIS, por exemplo (**Le Brésil**, 1822, v. VI, cap. VI, p. 204), encontramos esta passagem: « Pour animer les guerriers pendant la marche, quelques-uns d'entre eux faisaient entendre les sons perçans d'une espèce de flûte ou de fifre fabriqué avec les os des bras et des cuisses de ceux que l'on avait mangés. Vient ensuite le **maraca**, principalement consacré aux cérémonies religieuses. Cet instrument bizarre était formé d'une courge desséché, percée aux deux extrémités, rempli de cailloux ronds ou de grains de maïs, et traversée par un bâton d'un pied et demi de long. Les tupinambas outre cela s'attachaient aux jambes, pendant leurs danses, un certain fruit de la grosseur et la forme d'une châtaigne d'eau, dont l'écorce est extrêmement retentissante; ils en ôtaient le fruit intérieur, le remplaçaient par les cailloux, en enfilaient plusieurs à un cordon, et formaient ainsi de espèces de castagnettes marquant parfaitement la mesure ».

149 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 214, nota 502): « Tais cerimônias, ou cerimônias análogas estão ainda em vigor nas matas do interior. D'Orbigny assistiu a uma dessas festas. Um ancião entoava hinos a Deus e o coro repetia os estribilhos, tal qual na época de Léry. "Esses vozes masculinas, escreve o viajante, esses sons desafinados dos tambores, a atitude imponente dos cantores, seu aspecto, tudo nessa cerimônia me surpreendeu e espantou. Em verdade eu não sabia para onde fora transportado, mas não teria cedido meu lugar nem por muito dinheiro". **Voyage**, parte histórica, t. III, p. 13 ».

150 . Nota de PAUL GAFFAREL, nesta edição (p. 215, nota 504): « Comparar com esses cânticos certas poesias em tupi, de Cristobal Valente, citadas por F. Denis. **Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550**. Spix e Martius colheram também alguns cânticos brasileiros (**Reise in Brasilien**). Na grande obra de D'Orbigny também se encontram melodias índias ». PLÍNIO AYROSA completa: « Não há relação alguma entre estas toadas indígenas com os poemetos do Padre Cristóvão Valente. As poesias deste catequista são orações cristãs postas em tupi, metrificadas e rimadas rigorosamente ».

151 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 215, nota 505): « A propósito das palavras dos cânticos brasileiros, Cf. F. Denis, o. c. p. 40-51. Cf. trecho curioso de Montaigne, liv. I, XXX: "Além desse canto guerreiro que acabo de citar, conheço uma canção amorosa com esse sentido: – para fazer um rico cordel que eu dê à minha amiga; e que tua beleza e tua disposição estejam sempre acima das outras cobras". O primeiro **couplet** passa a estribilho da canção" ».

152 . FRANCIS DE CASTELNAU (**Expéditions dans les parties centrales de l'Amerique du Sud**, 1850, v. II, p. 35) traz uma observação curiosa sobre os cantos dos apinagés dos arredores de Boa Vista, que o autor ouvia em 1844: « Les danses religieuses des Apinagès ont de singuliers rapports avec celles que Correal et Lévy [sic] observèrent chez les sauvages de la côte du Brésil, lors de l'établissement des Français sous Villegagnon; la description de Lévy est particulièrement d'une exactitude frappante, et les notes du chant sont les mêmes chez les deux peuples. Il donne à la calebasse renfermant des pierres le nom de **maraca** [sic], et dit qu'elle est destinée à représenter la **voix de l'esprit** ». JOHANN BAPTIST VON SPIX e CARL FRIEDRICH PHILIP VON MARTIUS (**Reise in Brasilien**, v. I, 1823, livro IV, cap. II, p. 374) fizeram a mesma analogia, ao observarem rituais dos índios coroados às margens do rio Xipotó em 1818, de acordo com as informações deixadas nesta nota de rodapé: « Es ist merkwürdig, dass die Melodien, welche LERY vor mehr als zweihundert Jahren bei den von uns bemerkten sagen. Man vergl. LERY hist. nav. in Brasil. Genev. 1594 ». Na tradução brasileira (**Viagem pelo Brasil**, 1961, v. I, livro IV, cap. II, p. 227, nota 11), lê-se: « Admira terem as melodias, que Lery assinalou, há mais de duzentos anos, entre os índios dos arredores do Rio de Janeiro, tanta semelhança com as que nós notamos aqui. Veja-se Lery, hist. nav. em Brésil (Geneve, 1594) ». Eis o relato do canto ouvido pelos autores do **Reise in Brasilien** (pp. 374-375): « In dieser Stellung, wie sie unter der Aufschrift: "Tanz der Puris" im Atlas abgebildet sind, begannen sie ihr düsteres, in der Musikbeilage aufgezeichnetes "Han-ja-há, há-há-há." Unter schwermüthigem Affecte wurden Gesang und Tanz einigemal wiederholt, und beide Reihen bewegten sich langsam in einigem gemessenen Dreischritt vorwärts". Na tradução (p. 228): « Nessa atitude, puseram-se eles a cantar o triste "Han-ja-ha, há-há-há". Com emoções melancólicas foram repetidas várias vezes a cança e a cantiga, e ambas as fileras avançavam lentamente, num compasso de três tempos ».

153 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 216, nota 507): « Thévet (**Cosmog.**, p. 919) ».

154 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 216, nota 508): « Daniel, XII, 9-13 ».

155 . Nota de SÉRGIO MILLIET, nesta edição (p. 246, nota 573): « Thévet (**Cosmog.**, p. 926): "É horrível ouvi-los se lamentarem; e a desarmonia lembra a algazarra dos gatos e cães em luta. Homens e mulheres se mantêm em suas redes ou acocorados... e as mulheres cantam com longos silêncios de entremeio as seguintes palavras: **Chermiaouta rouere imen**. Suspiram então profundamente: eh hé, eh hé etc.". Tal costume era muito comum na antiguidade. Ver Pindaro. Cf. os miriólogos da Grécia moderna e os voceros da Córsega ».

# 84

## JOSÉ DE ANCHIETA
## (1534 – 1597)

**DOCUMENTO:** CARTA ÂNUA DE 1581, AO P. CLÁUDIO ACQUAVIVA. Bahia, 1º de janeiro de 1582. **Versão Latina.**

**TEXTO:** Tradução latina de Luís da Fonseca, com assinatura autógrafa de Anchieta. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras., 15, ff. 324r-329v [também em **Bras. Hist.**, 61r-64v]. Há ainda, no ARSI, mais três cópias latinas, todas com assinatura autógrafa de Anchieta.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, na edição abaixo citada (p. 393) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA:** JOSEPH DE ANCHIETA – **Cartas / correspondência ativa e passiva**; pesquisa, introdução e notas Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J.. São Paulo, Edições Loyola, Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1984. (Obras completas, v. 6) Apêndice IV, doc. 60: « *Annuae Litterae Provinciae Brasiliae, anni 1581, Datae, Bayae, Kal. Jan. 1582* », pp. 393-462.

**TEXTO LATINO**

[...]

**28.** <...> (*p. 455*) [*Collegium Fluvii Januarii*] Nostri hoc tempore cunctis etiam rebus providebant, domi namque jejuniis, flagelis ciliciisque corpora macerabant, orationi vacabant, litanias assidue recitabant, <...>

**29.** (*p. 458*) Est hic pagus indorum nostrae commissum curae. Indi viribus fidei ut sunt prompti, sic etiam constantes, praeceptis et ceremoniis Eclesiae dediti, sacramentorum cupidi. Primum sacrum, quod pater is, qui ipsorum gerit curam, fecit, maxima laetitia, pluribus choreis et trepudiis celebrarunt. Quae res quidem nec visa fuerat unquam ipsis, nec cognita, admirationis simul et voluptatis causa fuit. <...>

[...]

**TRADUÇÃO**

[...]

<...> (*p. 477*) [*Colégio do Rio de Janeiro*] Em casa mortificavam seus corpos, com jejuns, disciplinas e cilícios, davam-se à oração, recitando assiduamente as ladainhas. <...>

(*p. 478*) Há aqui uma aldeia de índios [*Aldeia de São Lourenço*], confiada à nossa direção. Professando a fé com prontidão, mostram-se igualmente os índios constantes, sujeitos à prática dos mandamentos e das cerimônias da igreja, bem dispotos em relação aos sacramentos. Com dança se cateretês[156], festejaram, em meio à maior alegria, a primeira missa que o seu missionário celebrou para eles. E se quisermos saber a razão, é que nunca a tinham presenciado, nem a conheciam, o que deu causa ao mesmo tempo para admiração e prazer.

[...]

156 . A tradução « **danças e cateretês** » não tem muita semelhança com a versão portuguesa e autógrafa do mesmo documento (transcrita a seguir), onde se lê (§ 31) « **danças e alegrias** ».

# 85

# JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 – 1597)

**DOCUMENTO:** **CARTA ÂNUA DE 1581, AO P. CLÁUDIO ACQUAVIVA.** Bahia, 1º de janeiro de 1582. **Versão Portuguesa.**

**TEXTO:** Cópia em português, com assinatura de Anchieta. Arquivo da Província de Toledo, **Varia Historia III**, ff. 443r-504v. Sem as simplificações da tradução latina é, sem dúvida, o texto primitivo desta carta.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, na edição abaixo citada (p. 300) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** JOSEPH DE ANCHIETA – **Cartas / correspondência ativa e passiva**; pesquisa, introdução e notas Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J.. São Paulo, Edições Loyola, Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1984. (Obras completas, v. 6) doc. 53: « *Carta Ânua da Província do Brasil, de 1581, dirigida a Cláudio Acquaviva. Bahia, 1º de janeiro de 1582* », pp. 300-392.

**OBSERVAÇÃO:** A edição foi feita com modernização da pontuação e da ortografia.

[...]

**30.** <...> (*p. 316*) Nesse tempo os nossos folgavam também de ambas as mãos. Dentro do colégio [*do Rio de Janeiro*], tendo oração, ladainhas e disciplinas. <...>

**31.** Está aqui a nosso cuidado uma povoação de índios cristãos [*Aldeia de São Lourenço*]. São bem doutrinados, muito afeiçoados às coisas da Igreja, muito amigos dos sacramentos. Celebraram com muitas festas e danças e alegrias a missa nova, que o padre que tem cuidado deles lá disse, que, por ser para eles coisa nova, foi causa de muito gosto. <...>

[...]

**38.** <...> (*p. 320*) E os meninos de nossa escola [*Colégio de Pernambuco*] de ler mostram bem, nos bons costumes e criação, quanta diferença há deles aos que, nas outras escolas da vila, aprendem. Fizeram, nesta quaresma, suas costumeiras procissões das sextas-feiras, cantando suas ladainhas, com os melhores cantores da vila, levando o padre vigário da vara, descoberto, um crucifixo debaixo de um pálio. Era tanto o concurso da gente, que não cabiam na igreja e grande parte dela ficava fora. Havia também sempre boa cópia de disciplinantes, que todos eram curados pelos estudantes com muita diligência.

[...]

# 86

## JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 - 1597)

**DOCUMENTO: CARTA ÂNUA DE 1583 AO P. CLÁUDIO ACQUAVIVA.** Bahia do Salvador, 1º de janeiro de 1584.

**TEXTO:** Apógrafo em latim, redigido por LUÍS DA FONSECA, com os dados fornecidos por Anchieta, ao regressar do Sul, e por este assinado. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.**, 8, ff. 3r-5v. Título (?): « Annuae Litterae *Provinciae Brasiliae anni 1583 datae in hoc sinu Salvatoris, primo januarii, 1584* ». Uma folha (duas páginas) da Ânua de 1584 se traspapelou para entre as desta carta (entre ff. 5v-6r), inclusive colocada às avessas, interrompendo o texto e dando origem à observação acima. Retirada essa folha, que vai completar o texto da Ânua de 1584 [**Epp. NN.** 95, entre ff. 118v-119v], resulta que esta Ânua de 1583 se encontra íntegra e de leitura perfeitamente corrente.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, na edição abaixo citada (p. 482) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA:** JOSEPH DE ANCHIETA — ***Cartas / correspondência ativa e passiva***; pesquisa, introdução e notas Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J.. São Paulo, Edições Loyola, Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1984. (Obras completas, v. 6) doc. 39 (tradução portuguesa): « *Carta Ânua da Província do Brasil, de 1583, do Provincial José de Anchieta ao Geral P. Cláudio Acquaviva. Bahia do Salvador, 1º de Janeiro de 1584* », pp. 336-353 e Apêndice V: « Annuae Litterae Provinciae Brasiliae anni 1583 datae in hoc sinu Salvatoris, primo januarii, 1584 », p.

### TEXTO LATINO

[...]

8. <...> (*p. 466*) [*Collegium Bayaense*] Totium anni exercitium cum indis nullum aliud est, quam doctrinam christianam edocere et explicare, baptizare, matrimonio conjugere, aegrotos invisere, sacro oleo infirmos perungere, mortuos sepelire, omnibus denique ad eorum spectentibus salutem intendere, scholam habere obecedariam, in qua etiam pueri concinendi arti, tibiis et cytharis diligenter dant operam, vespertinas horas et missae sacra, tam in pagis, quam in nostro collegio diebus sanctorum reliquiis sacris, organico concentu exornant. Ad quam illi eliguntur, qui ad vocis concentum efformandum videntur aptiores. Tantaque nostrorum industria in rebus habent dexteritatem, et maximam lusitanis admirationem incutiant.

### TRADUÇÃO

[...]

<...> (*p. 341*) [*Colégio da Bahia*] O ministério do ano inteiro com os índios consiste no seguinte: ensinar-lhes e explicar-lhes a doutrina cristã, batizá-los, uni-los pelo matrimônio, visitar os enfermos, ungir os doentes com os santos óleos, sepultar os mortos, dedicar-se à salvação de quantos lhes estão confiados, manter escolas primárias, em que os meninos aprendem também, com muito diligência a arte do canto e a tocar flautas e charamelas. Dão muito relevo, com o canto de órgão, às vésperas e missas, quer nas aldeias, quer no nosso colégio, nos dias consagrados às santas relíquias. E para isso são escolhidos aqueles, cujas vozes se apresentam mais afinadas para formar o coral. E tamanha é a perfeição que, pela indústria dos nossos, adquirem nessas funções, que enchem da maior admiração os portugueses. <...>

[...]

11. (*p. 487*) Scholasticorum numerus in dies maior censetur uberiorque ex studio fructus excipitur. <...>

Abecedarii pueri, qui octoginta numerum complent, non vulgare suae virtutis specimen praebent. Laborant diligenter in characteribus depingendis, ut ad latinas classes transferantur. Doctrinae christianae quam habent decantam et arithmeticae regulis frequenti disputatione, praemiis invitati, insudant. Puerorum exemplo excitati, superiores scholastici, in quadragesimae diebus veneris, in nostro templo aggregati, solemnes completas musico organo cytharisque comitantibus de cantarunt, quo tota fere civitas confluebat.

[...]

23. <...> (*p. 491*) [*Oppidum Divi Vincentii*] Instituta est hoc anno ad pietatem augendam celebris Rosarii confraternitas, cum solemni pompa et musico concentu peracto. Altaris sacrificium initium dedere, facta est tunc devota populi supplicatio, in qua omnes rosis benedictis (quae hic solummodo germinantur) aliisque floribus distinctas coronas copitibus deferebant, gestantes patre sub pallio serico Virginis Matris simulacrum, rubicundis itidem circumornatum rosis. <...>

24. <...> [*Praefectura Spiritus Sancti*] Hos cum pater provincialis visitaret, per latum et amoenum lintre cevectus, cumque jam pago appropinquaret, ecce subit indi, sericis vestibus induti, pennisque discoloribus ornati, bellica turba resonante, accurrunt, suisque lintribus, maximo remorum sonitu incitatis, patrem circundant, festivae aequali remigio eruptiones peragunt et uno passim ore salutant, tanta laetitia et applausu, ut socios summopere recreatos redderent. Et hoc modo ad portum usque ludentes et cantantes patrem comitantur.

[...]

(*p. 342*) [*Colégio da Bahia*] Cresce cada dia o número dos estudantes e melhora o resultado dos estudos. <...>

Os meninos da escola primária, que completam o número de oitenta, dão mostra incomum de sua virtude. Com muita aplicação, procuram traçar as primeiras letras, para se poderem transferir depois às aulas de latim. Atraídos pelos prêmios, envidam grande esforço nas freqüentes disputas a respeito da doutrina cristã, que decoram cantando, e das regras da aritmética. Incentivados pelo exemplo dos meninos, os estudantes das classes superiores, reunidos, nas sextas-feiras da quaresma, em nossa igreja, cantaram ao som do órgão e dos alaúdes[107] as completas solenes, função a que comparecia quase toda a cidade.

[...]

<...> (*p. 347*) [*Capitania de São Vicente*] Para aumento de piedade, foi instituída este ano a célebre confraria de Nossa Senhora do Rosário, com pomposa solenidade e concerto musical, tendo por início o santo sacrifício do altar. Procedeu-se a seguir a uma devota procissão rogatória, na qual todos traziam à cabeça suas coroas de rosas (que só aqui florescem) e de outras flores, carregando o padre debaixo do pálio de seda uma imagem da Vrigem Mãe, também ela emoldurada de rosas vermelhas.

[...]

(*p. 348*) [*Capitania do Espírito Santo*] Quando o P. Provincial, transportado numa ampla e aprazível canoa, os foi a ver, ao se aproximar da aldeia, eis que de súbito irrompem os índios, trajando roupas de seda e ornados de penas multicores, com alardes e em corpo de guerra. E em suas canoas, arrancadas com fragor altíssimo de remos, vêm rodear ao padre, executando em remadas compassadas festivos movimentos. E erguendo ritmadamente suas vozes de saudação, com tal contentamento e aplauso, que encheram os nossos do maior agrado. E dessa forma, em

[...]

28. <...> (*p. 492*) [*Collegium Pernambucense*] De studiis nihil notatis adjiciam, cum pauci sint scholastici. Conscientiae casu explicantur, pueri docentur, qui singulis annis in quadragesima devotas, cum letaniis, supplicantiones instituunt, quas tota fere populi turba commitatur.

[...]

canções e fogos, levaram o padre até o porto. <...>

<...> (*p. 349*) Sobre os estudos, nada acrescentarei ao que já foi notado, pois são poucos os estudantes. Lecionam-se casos de consciência; educam-se os meninos. Cada ano pela quares(*p. 350*)ma, realizam eles [*os meninos estudantes do Colégio de Pernambuco*], com devotas ladainhas, suas procissões, acompanhadas de multidão de povo.

[...]

157. A tradução de « cytharisque » por « dos alaúdes » é pouco adequada. MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 15), que fala do alaúde, informa corretamente que « não existem referências à sua presença no Brasil ». RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. I, 1712, p. 209) indica, para o **alaúde**, os termos latinos **Testudo** e **Cithara**, preferindo o primeiro. Tanto para a **citara**, que BLUTEAU (v. II, 1712, p. 331) diz ser « Instrumento pouco diverso do alaúde », quanto para a **viola** (v. VIII, 1721, p. 506) e a **guitarra** (v. IV, 1713, p. 159), este autor dá a versão latina **Cithara**. Mas observa, quando fala da **viola**, que « Chamaõlhe communmente **Cithara**, postoque o instrumento, a que os Latinos chamàraõ **Cithara**, possa ser muito diverso do que chamamos Viola ». **Cithara** é um termo que, em latim, significa qualquer instrumento de cordas dedilhadas, com braço e caixa de ressonância. A tradução, aqui, para **viola**, é a mais correta também do ponto de vista histórico, uma vez que, entre portugueses e espanhóis, esse instrumento foi muito mais utilizado que o alaúde, cuja origem árabe provavelmente desestimulou o interesse dos ibéricos pelo último. Há outras notícias do uso da viola em funções religiosas portuguesas, como na Relação da viagem, de FRUTUOSO CORREIA (doc. de 26 de maio de 1696, § 3) ou na **Peregrinação** de FERNÃO MENDES PINTO (Lisboa, 1614, pela reedição do Porto, v. II, 1945, p. 167). Os **vihuelistas** espanhóis (que escreveram, no séc. XVI, para o mesmo instrumento que os portugueses chamavam **viola**) deixaram dezenas de obras religiosas entabuladas, algumas para serem apenas tocadas e outras para serem cantadas e acompanhadas.

# 87

## JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 – 1597)

DOCUMENTO: INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS. 1584.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: CAPISTRANO DE ABREU obteve duas cópias desse documento na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, sobre as quais apenas conhecemos seus títulos: « *Enformación de la provincia del Brasil* » e « *Enformação do Brasil e das suas capitanias* », a partir dos quais o fez imprimir no **Diário Oficial** dos dias 14, 16 e 20 de abril de 1886, aparecendo em seguida no nº I dos ***Materiais e Achêgas para a História da Geografia do Brasil*** (Informações e Fragmentos Históricos do Padre Ioseph de Anchieta, S.J., 1584-1586), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886, p. 1-30 e na ***Revista do Instituto Histórico***, VI, pp. 404-435 (esta logo após a publicação no DO).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: JOSEPH DE ANCHIETA – ***Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J.*** (1554-1594); [nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Sommervogel; notas e posfácio de A. de Alcântara Machado]. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. (Publicações da Academia Brasileira – Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 3) doc. XXIX: « *Informação do Brasil e de suas Capitanias – 1584* », pp. 301-348. Sem numeração de parágrafos.

[...]

[15.] (*p. 305*) No princípio do ano de 1578 veiu por governados Lourenço da Veiga, o qual por si mesmo visitou as aldeias da doutrina que estão a cargo dos Padres, com muito gôsto e lagrimas de devoção, vendo as doutrinas, procissões, disciplinas e comunhões dos Indios e as missas oficiadas em canto de orgão, com flautas, pelos filhos dos mesmos Indios. <...>

[...]

[101.] <...> (*p. 330*) Com o vinho das frutas que é muito forte se embebedam muito e perdem o siso, mas deste bebem pouco, e sòmente o tempo que elas [*as "festas"*] duram; mas o vinho comum das raizes e milho bebem tanto que ás vezes andam dois dias com suas noites bebendo, e ás vezes mais, principalmente nas matanças de contrarios e todo êste tempo cantando e bailando sem cansar nem dormir. <...>

[...]

[104.] (*p. 331*) Estes [*os "Pagés"*] costumam pintar uns cabaços com olhos e bôca e os têm com muita veneração escondidos em uma casa escura para que aí vão os Indios a levar suas ofertas.

[...]

# 88

# JOSÉ DE ANCHIETA

## (1534 – 1597)

**DOCUMENTO:** CARTA ÂNUA DE 1584 OU BREVE RELAÇÃO DAS COISAS ATINENTES AOS COLÉGIOS E RESIDÊNCIAS DO BRASIL. Bahia, 27 de dezembro de 1584.

**TEXTO:** Autógrafo latino, com assinatura autógrafa de Anchieta. Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Epp. NN.**, 95, ff. 110r-119v. Como atrás ficou explicado, desta Ânua se deslocara uma folha, que se fora inserir, invertida, na Ânua de 1583 (**Bras.** 8, 3r-5v). Título (?): « *Annuae Litterae Provinciae Brasiliae, Anni 1584. De rebus ad collegia domiciliaque Societatis in hac Provincia Brasilica collocata spectantibus brevis narratio, Anni 1584* ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, na edição abaixo citada (p. 493) relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** JOSEPH DE ANCHIETA – **Cartas / correspondência ativa e passiva**; pesquisa, introdução e notas Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J.. São Paulo, Edições Loyola, Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1984. (Obras completas, v. 6) Apêndice VI, doc. 63: « *Annuae Litterae Provinciae Brasiliae, Anni 1584. De rebus ad collegia domiciliaque Societatis in hac Provincia Brasilica collocata spectantibus brevis narratio. Anni 1584* », pp. 493-517.

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** JOSEPH DE ANCHIETA – ***Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J.*** (1554-1594); (nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Sommervogel; notas e posfácio de A. de Alcântara Machado). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. (Publicações da Academia Brasileira – Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 3) doc. XXII: « Breve narração das coisas relativas aos *Colégios e residências da Companhia nesta província brasílica, no ano de 1584* », pp. 375-408.

### TEXTO LATINO

[...]

3. (*p. 494*) [*Collegium Bayacense*] Perfectum est omnium reliquiarum sacrarium, et in sacello, ubi frates quotidianis sacris intersunt, fuit collocatum. Satuit nempe pater visitator ut die inventionis Sanctae Crucis, in quo verum lignum populo, aliaeque reliquiae in templo nostro visitandae exponuntur, solemni nostrorum supplicatione per domestica deambulacra, pulchris tapetibus variisque imaginibus et floribus vestitis, omnes sanctorum reliquiae defferrentur, et in sacrario capsulis apprime ornatis distincto, magna cum celebritate ponerentur. Institutaque ita est devota supplicatio comitante organo, tibiis, clavichordio et cytharis psalmorum modulatione. <...>

### TRADUÇÃO

[...]

(*p. 396*) [*Colégio da Bahia*] Terminou-se o sacrário de todas as relíquias e foi colocado na capela, onde os Irmãos assitem aos exercícios quotidianos, pois o Padre Visitador determinou que, no dia da invenção da Santa Cruz [*3 de maio de 1584*], no qual se expõe o santo lenho e outras relíquias, para serem visitadas em a nossa igreja, em solene procissão dos nossos, pelos corredores particulares do Colégio, forrados de ricos tapetes, ornados de várias imagens e de todas as relíquias dos Santos fossem conduzidas e colocadas, com toda a publicidade, em sacrário distinto, em cofrezinhos, previamente ornados. Celebrou-se em seguida uma devota cerimônia, acompanhando o órgão, as flautas, e o clavicórdio[189] e as

[...]

**10.** (*p. 498*) [*Collegium Bayacense*] Duodecimo Kal. novembris, qui Virginibus sacer est, celebre initium dedere, vespertinas horas et missae sacrificium ad organa decantantes. Tunc enim poenitentium et communicantium insperatus fuit concursus. Postea denique solemnis instituta est, optimo ordine, processio in qua sacerdos noster, qui novum sacrum fecerat, cum acolitis, pia Virginum capita sub serico pallio gestabat. Post alia similia spectacula, vespere brevis dialogus est habitus, qui sanctas virgines jugulatas, sanguine conspersas, earumque cadavera ab angelis sumptua et suavi modulatione sepulturae dedita, <...>

**11.** <...> (*p. 498*) Postremo et ultimo loco scholastici ad primam nostem suam peregerunt hoc ordine: in principio pueri abecedarii 70 nudatis corporibus cingulo tenus, accensos cereos portantes, reliqui deinceps excalceati sequenbantur, litanias decantantes. In calce sub serico pallio, quod primarii civitatis viri ferebant humeris, portabant esterni quatour sacerdotes unam velut lecticam apprime (*p. 499*) ornatam, et in ea medium corpus argenteum, quod caput Virginis inclusum servat. <...>

[...]

**17.** (*p. 501*) [*Divus Vincentius*] In hac praefectura, quae Divus Vincentius nominatur, septem habemus ex nostris, quinque sacerdotes et duo frates. Tam hi, quam superiores sunt Societatis Instituti observantes. Statutis temporibus, vota cum praeparatione

citaras[107] a modulação dos salmos. <...>

[...]

[*indica-se, na p. 401, a falta das pp. 3, 4, 5 e 6 do MS, seguindo-se, portanto, com a tradução de HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, **supra cit.** pp. 360-478*]

(*p. 367*) [*Colégio da Bahia*] Dia 21 de outubro, consagrado às Santas Virgens, deram princípios com grande festa, com o canto das vésperas e missa cantada, ao som do órgão. O número dos que se confessaram e comungaram superou a expectativa. Em seguida efetuou-se, com excelente ordem, uma procissão, na qual um de nossos padres recém-ordenado, acompanhado de acólitos, levava sob o pálio de seda o relicário com as cabeças das Virgens. (*p. 368*) Após outros espetáculos [*teatrais*] semelhantes, à tarde houve nova representação, mais breve, em que os corpos degolados e cobertos de sangue das Santas Virgens, carregados pelos Anjos, foram entregues ao sepulcro entre suaves canções. <...>

<...> (*p. 369*) [*Colégio da Bahia*] Na primeira noite [*das "rogações públicas" pela falta de chuva*] os estudantes, abrindo e fechando o cortejo, caminhavam nesta ordem: setenta meninos da escola primária, com o dorso nu e levando velas acesas, vinham à frente, os demais de pés descalços seguiam cantando as ladainhas; no coice, sob um pálio de seda, erguido pelos cidadãos de maior destaque, carregavam quatro sacerdotes de fora, num andor em forma de liteira, enfeitada com esmero, uma herma de prata, que contém a cabeça de uma das Virgens. <...>

[...]

(*p. 372*) Nesta capitania, que se chama de São Vicente, temos sete dos nossos, cinco sacerdotes e dois irmãos. Tanto estes, como os superiores, observantes do Instituto da Companhia. Com a devida preparação, renovam a seu tempo os votos de religião. Consagram-se à salvação

solita instaurant. Proximorum saluti consulunt. Sanctarum Virginum festum, musicis instrumentis magnaque populi devotione, celebrarunt. <...>
[...]

dos próximos. Celebram, com instrumentos músicos e grande devoção popular a festa das Santas Virgens.
[...]

158 . Para RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário portuguêz e latino**, v. II, 1712, p. 339), que cita o **Tesoro de la lengua Castellana y Española** de COVARRUBIAS, **clavicórdio** « he instrumento de cordas de latão, que se toca com pluma. Toma-se às vezes por cravo ». E é bem possível que ANCHIETA estivesse se referindo a um **cravo**, e não a um **clavicórdio**, por duas razões: 1) o volume sonoro do **clavicórdio** era extremamente reduzido para que fosse utilizado como acompanhador do canto nessas circunstâncias; 2) as referências ao uso do **cravo** entre os jesuítas no Brasil até 1700 são significativas, não havendo qualquer menção (em português) ao **clavicórdio**.

159 . Como na Ânua que ANCHIETA escreveu em 1583, esta tradução de "cytharis" também é inadequada. Existiram, nessa época, vários instrumentos que receberam a denominação **citara**, particularmente uma espécie próxima do alaúde. Na vila de São Paulo, são mencionados nos **Inventários e Testamentos** « (inventário de Francisco Ribeiro, São Paulo, 22 de agosto de 1615, v. IV, 1920, p. 28): « Foi avaliada uma cithara com uma roda de rendas e outra meia em mil e duzentos e oitenta réis »; (inventário de Francisco Leão, Santana de Parnaíba, 19 de fevereiro de 1632, v. XIV, 1921, p. 1x): « Uma cithara avaliada em pataca e meia $480 ». Porém, mesmo em português, o significado desta palavra era impreciso, e pode ter sido usada também para designar **viola**. RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário portuguêz e latino**, v. 2, 1712, p. 516) confirma o pouco cuidado na nomenclatura dessa classe de instrumentos: « Confundem os Poëtas os instrumentos de Cordas, de sorte, que mal se pode entender, se falão em Alaúde, Viola, Theorba, Rebecão, ou Arpa ». Neste caso, sugeriamos a tradução **violas**, dado o largo uso que tinham entre os portugueses e, sobretudo, entre os catecúmenos da Companhia de Jesus no Brasil, como comprova a documentação da época. JOSÉ RAMOS TINHORÃO (**História social da música popular brasileira**, 1990, Século XVI, pp. 17-42) demonstra, como nenhum musicólogo até agora o fez, o quanto era comum o uso da viola naquela época, tanto em Portugal como no Brasil.

# 89

# FERNÃO CARDIM
## (c. 1549 – 1625)

**DOCUMENTO:** DO PRINCÍPIO E ORIGEM DOS ÍNDIOS DO BRASIL E DE SEUS COSTUMES E CERIMÔNIAS. [1584].

**TEXTO:** Manuscrito da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, sem indicação de título, códice e localização por parte de BAPTISTA CAETANO (infra cit.). Foi publicado pela primeira vez em inglês na coleção **Purchas his Pilgrimes**, Londres, 1625, v. VI, pp. 1289-1320, com o título: « A Treatise of Brasil written by a Portugal which had long lived there », por SAMUEL PURCHAS.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, livro VI, cap. 1, nº 5, pp. 265-266) informa: « Até há pouco, sobre a autoria e a edição das obras de Fernão Cardim, consideravam-se como suas apenas três: *Do clima e terra do Brasil*, *Do princípio e origem dos índios do Brasil* e *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica*. As duas primeiras foram pela primeira vez publicadas na Coleção de Viagens de Samuel Purchas, sob o título "A treatise of Brazil written by a Portugal which had long lived there" [(nota 70): **Samuel Purchas, Hakluyts posthumus or Purchas his Pilgrims**, 4 vol., Londres, 1625, p. 1320. <...>]. O manuscrito fora apreendido por Francis Cook, que levava Cardim prisioneiro para a Inglaterra. Como as últimas folhas do manuscrito iam acompanhadas de algumas receitas assinadas pelo Irmão Enfermeiro Manuel Tristão, Purchas atribuiu-lhe a autoria dos Tratados. Essas duas obras existem também em manuscrito na Biblioteca de Évora e eram referidas no Catálogo daquela Biblioteca, preparado por Cunha Rivara [(nota 71): J. H. da Cunha Rivara, **Catálogo da Biblioteca Eborense**. Lisboa, Imp. Nacional, 1850-71, 3 v.] ». As edições mais conhecidas, além da tradução de Purchas, são as seguintes: **Die ein vnd zwantzigste Schiffahrt...**, de LEVINUS HULSIUS (Franckfurt, Wolfgang Hoffman, 1629); a edição de Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro, Tipografia da Gazeta de Notícias); a edição na **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 57(1):185-212, 1894; a edição de 1931 (Rio de Janeiro, Briguiet), coleção Ensaios e Estudos, 1ª série, com reedição em 1976; e a edição de 1980, citada abaixo.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (op. cit., p. 265) informa: « Padre Fernão Cardim foi reitor do Colégio Baiano da Companhia de Jesus, entre 1587 e 1592, e do Colégio do Rio de Janeiro, de 1594 a 1598. Nascido cerca de 1549, chegou ao Brasil em maio de 1583 e fez profissão solene em 1588, falecendo ao 27 de janeiro de 1625. Aqui permaneceu, portanto, quarenta e dois anos, quase meio século, interrompida esta longa estadia apenas por uma viagem como procurador da Província de Jesus a Roma (1601) e algum tempo de prisão na Inglaterra, para onde foi levado quando voltava de Roma ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** FERNÃO CARDIM – **Tratados da terra e gente do Brasil**; introduções e notas de Rodolfo Garcia, Batista Caetano e Capistrano de Abreu. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980 (Coleção reconquista do Brasil, nova série, v. 13). Doc. II: « *Do principio e origem dos Indios do Brasil e de seus costumes, adoração e ceremonias* », pp. 75-106.

### Do conhecimento que tem do creador

[Cap. 2]

[1.] (*p. 87*) Este gentio não tem conhecimento algum do seu Creador, nem de cousa do Céo, nem se ha pena nem gloria depois desta vida, e portanto não tem adoração nenhuma nem ceremonias, ou culto divino, mas sabem que têm alma e que esta não morre e depois da morte vão a uns campos onde ha muitas figueiras ao longo de um formoso rio, e todas juntas não fazem outrem coisa senão bailar; <...>

[...]

### Do mundo que têm em seu comer e beber

[Cap. 4]

[...]

[3.] (*p. 69*) Têm alguns dias particulares em que fazem grandes festas, todas se resolvem em beber, e durão dous, tres dias, em os quaes não comem, mas sómente bebem, e para estes beberes serem mais festejados andão alguns cantando de casa em casa, chamando e convidando quantos achão para beberem, e revesando-se continuão estes bailos e musica todo o tempo dos vinhos, em o qual tempo não dormem, mas tudo se vae em beber, e de bebados fazem muitos desmanchos, e quebrão as cabeças uns aos outros, e tomão as mulheres alheias, etc. <...>

### Da creação dos filhos

[Cap. 8]

[1.] <...> (*p. 91*) Estimão mais fazerem bem aos filhos que a si proprios, e agora estimão muito e amão os padres, porque lh'os crião e ensinão a ler, escrever e contar, cantar e tanger, cousas que elles muito estimão.

### Dos seus bailos e cantos

[Cap. 14]

[1.] (*p. 93*) Ainda que são malencolicos, têm seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, em os quaes arremedão muitos generos de passaros, e com tanta festa e ordem que não ha mais que pedir, e os meninos são alegres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade, que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogão se desconcertão, nem desavêm por causa alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pelejão; de pequeninos os ensinão os pais a bailar e cantar e os seus bailos não são differenças de mudança, mas é um continuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem por tal compasso, com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo dos que usão os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que tambem fazem muito boas contas, e assim bailão cantando juntamente, porque não fazem uma cousa sem outra, e têm tal compasso e ordem, que às vezes cem homens bailando e cantando em carreira, enfiando uns detraz dos outros, acabão todos juntamente uma pancada, como se estivessem todos em um lugar; são muito estimados entre elles os cantores, assim homens como mulheres, em tanto que tomão um contrario bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comem nem aos filhos. As mulheres bailão juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gatimanhas e momos, principalmente quando bailão sós. Guardão (*p. 94*) entre si diferenças de vozes em sua consonância, e de ordinario as mulheres levão os tiples, contraltos e tenores.

## Dos seus enterramentos

[Cap. 15]

[...] (*p. 94*)

[2.] <...> depois de morto o lavão, e pintão muito galante, como pintão os contrarios, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma cuya no rosto, e assentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levão de comer, porque dizem que como cança de bailar, vem ali comer, <...>

## Do modo que este gentio tem acerca de matar e comer carne humana

[Cap. 18]

[1.] (*p. 95*) De todas as honras e gostos da vida, nenhum é tamanho para este gentio como matar e tomar nomes nas cabeças de seus contrários, nem entre elles ha festas que (*p. 96*) cheguem ás que fazem na morte dos que matão com grandes ceremonias, as quaes fazem desta maneira. <...> Chegando á sua terra [*os "tomados na guerra vivos"*], o saiem a receber as mulheres gritando e juntamente dando palmadas na boca, que é recebimento commum entre elles, <...>

[2.] Determinado o tempo em que ha de morrer, começam as mulheres a fazer louça, a saber: panellas, alguidares, potes para os vinhos, tão grandes que cada um levará uma pipa; isto prestes, assim os principais como os outros mandão seus mensageiros a convidar outros de diversas partes pera tal lua, até dez, doze leguas e mais, para o qual ninguem se excusa. Os hospedes vêm em magotes com mulheres e filhos, e todos entrão no lugar com danças e bailos, e em todo o tempo em que se junta a gente, ha vinho para os hospedes, porque sem elle todo o mais agazalhado não presta; a gente junta, começão as festas alguns dias antes, conforme ao numero, e certas cerimonias que precedem, e cada uma gasta um dia.

[...]

[4.] (*p. 97*) O segundo dia trazem muitos feixes de cannas bravas de comprimento de lanças e mais, e á noite poem-nos em roda em pé, com as pontas para cima, encostados uns nos outros, e pondo-lhes ao fogo ao pé se faz uma formaosa e alta fogueira, ao redor da qual andão bailando homens e mulheres com maços de frechas ao hombro, mas andão muito depressa, porque o morto que ha de ser, que os ve melhor do que é visto por causa do fogo, atira com quanto acha, e quem leva, leva, e com o são muitos, poucas vezes erra.

[5.] Ao terceiro dia fazem uma dança de homens e mulheres, todos com gaitas de cannas e batem todos á uma no chão ora com um pé, ora com outro, sem discreparem, juntamente e ao mesmo compasso assoprão os canudos, e não ha outro cantar nem falar, e como são muitos e as cannas umas mais grossas, outras menos, além de atroarem os matos, fazem uma harmonia que parece musica do inferno, mas elles aturão nellas como se fossem as mais suaves do mundo; e estas são suas festas, afora outras que entremetem com muitas graças e adivinhações.

[6.] Ao quarto dia, em rompendo a alva, levão o contrário a lavar a um rio, e vão-se detendo para que, quando tornarem, seja já dia claro, <...> e a ceremonia que se segue é já das mais propinquas á morte, assim como o que ha de aferrar mostra suas forças em só elle o subjugar sem ajuda de outrem, assim elle quer mostrar animo e forças em lhe resistir; e às vezes o faz de maneira que, afastando-se o primeiro como cansado em luta, lhe succede outro que se tem por mais valente homem, os quaes ás vezes ficão bem enxovalhados,

e mais o ficarião, se já a este tempo o captivo não tivesse a pêa ou grilhões. Acabada esta luta elle em pé, bufando de birra e cansaço com o outro que o tem aferrado, sae com coro de nymphas que trazem un grande alguidar novo pintado, e nelle as cordas enroladas e bem alvas, e posto este presente aos pés do captivo, começa uma velha como versada nisto e mestra do coro a entoar uma cantiga que as outras ajudão, cuja letra é conforme a ceremonia, enquanto ellas cantão os homens tomão as cordas, e metido o laço no percoço lhe dão un nó simples junto dos outros grandes, para que se não possa mais alargar, e feita de cada ponta uma roda de dobras as metem no braço á mulher que sempre anda detraz delle com este peso e se o peso é muito pelas cordas serem grossas e compridas, dão-lhe outra que traga uma das rodas, e se elle dantes era temeroso com a coleira, mais o fica com aqueles dous nós tão grandes no pescoço da banda detraz, e por isso diz um dos pés de cantiga: **nós somos aquellas que fazemos estirar o pescoço ao passaro**, posto que depois de outras ceremonias lhe dizem noutro pé:

[7.] **Si tu foras papagaio, voando nos fugiras** [180].

[8.] A este tempo estão os potes de vinho postos em carreira pelo meio de uma casa grande, e como a casa não tem repartimentos, ainda que seja de 20 ou 30 braças de comprido, está atulhada de gente, e tanto que começão a beber é um lavarinto ou inferno ve-los e ouvi-los, porque os que bailão e cantão aturão com grandissimo fervor quantos dias e noites os vinhos durão: porque, como esta é a própria festa das matanças, ha no beber dos vinhos muitas particularidades que durão muito, e a cada passo ourinão, e assim aturão sempre, e de noite e dia cantão e bailão, bebem e fallão cantando em magotes por toda a casa, de guerras e sortes que fizerão, e como cada um quer que lhe oução a sua história, todos fallão a quem mais alto, afora outros estrondos, sem nunca se calarem, nem por espaço de um quarto de hora. <...>

[9.] Ao quinto dia pela manhã, ali ás sete horas pouco mais ou menos, a companheira o deixa, e se vai para casa muito saudosa e dizendo por despedida algumas lastimas pelo menos fingidas; então lhe tirão a peia e lhe passão as cordas do pescoço á cinta, e posto em pé á porta do que o ha de matar, sae o matador em uma dança, feito alvo como uma pomba com barro branco, e uma a que chamão capa de (*p. 99*) penna, que se ata pelos peitos, e ficão-lhe as abas para cima como azas de Anjo, e nesta dança dá uma volta pelo terreiro e vem fazendo uns esgares extranhos com olhos e corpo, <...> Acabado isto, vem um honrado, padrinho do novo canalleiro que ha de ser, e tomada a espada lh'a passa muitas vezes por entre as pernas, metendo-a ora por uma parte ora por outra da propria maneira que os cachorrinhos dos sanfonineiros[181], <...>

180. Entre as primeiras edições deste texto, encontramos sensíveis diferenças. M. ALPHONSE DE BEAUCHAMP (*Histoire du Brésil*, 1815, livro III, p. 97) também traduziu alguns trechos de CARDIM, e aqui observamos: « Les femmes sauvages apportent la **mussurana**, la jettent à ses pieds, et la jettent à ses pieds, et la plus vieille d'entre elles commence la chanson de mort, tandis que les hommes mettent la noeud au cou du prisionnier, et l'y fixent. La chanson fait allusion à ces liens. "C'est nous, chantent les femmes sauvages, qui tenons l'oiseau par le cou"; et se moquant du captif, qui ne peut leur échapper: "Si, ajoutent elles, tu avais été un perroquet pillant nos campagnes, tu te serais envolé" ».

181. "Sanfonineiro", para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VIII, 1721, p. 469), é « O que tange sanfonina ». O mesmo autor informa, no verbete seguinte: « Sanfonina pois he instrumento commum nos cegos, que o tangem ao povo para ganhar a vida. Tem no ventre quatro cordas, duas das quaes se podem reduzir a unisonos, & a oytava, as outras duas estendidas por fóra, fazem hum perpetuo bordão con toda a variedade de tons, por meyo de hũas teclas, & em cima hũa roda de pao muyto liza, que a mão direyta move circularmente, & tocando a mão esquerda as teclas, faz hum som agradavel ». Cf. ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, pp. 159-167), onde há boa descrição e história desse instrumento em Portugal. Não há, porém, entre os documentos recolhidos, qualquer referência ao seu uso no Brasil.

# 90

# FERNÃO CARDIM

## (c. 1549 – 1625)

**DOCUMENTO:** **INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CRISTÓVÃO GOUVEIA ÀS PARTES DO BRASIL** ou **NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA.** Colégio da Bahia, 16 de outubro de 1585.

**TEXTO:** Cópia de Paulo Prado cedida a Batista Caetano, que não indica seu título, paginação e localização atual. Ao final: « Deste collegio da Bahia, a 16 de Outubro de 85. – Por comissão o Padre Visitador Christovão de Gouvêa. – De V. R. filho indigno em Christo N. S. – Fernão Cardim. ». A primeira publicação deste documento foi feita por FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN em 1847, no tomo LXV da **Revista Trimestral do Instituto Histórico**, Lisboa, Imprensa Nacional (pp. 1-70), com o título: « *Narrativa Epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo),* etc. *desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christovam de Gouvea Escripta em duas Cartas ao P. Provincial em Portugal pelo P. Fernão Cardim Ministro do Collegio da Companhia em Evora, etc., etc.* ». Há notícia de uma outra cópia encontrada entre os papéis do falecido Cônego Mendes de Almeida, cuja localização atual desconhecemos.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** FERNÃO CARDIM – **Tratados da terra e gente do Brasil**; Introduções e notas de Rodolpho Garcia, Baptista Caetano e Capistrano de Abreu. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980 (Coleção Reconquista do Brasil, nova série, v. 13). Doc. [II]: « *Informação da missão do P. Christovão Gouvêa ás partes do Brasil ou narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica* », pp. 141-175.

[1.] (*p. 141*) Nesta com o favor divino darei conta a Vossa Reverencia [*o "P. Provincial em Portugal"*] da nossa viagem e missão a esta provincia do Brasil, e determino contar todo o principal que nos tem sucedido, não sómente na viagem, mas tambem em todo o tempo da visita que Vossa Reverencia tenha maior conhecimento das cousas desta provincia, e para maior consolação minha, porque em tudo desejo communicar-me com Vossa Reverencia e mais padres e irmãos desta provincia.

[...]

[4.] <...> (*p. 142*) Todo o tempo de viagem [*de 5 de março a 9 de maio de 1583*] exercitámos nossos ministerios com os da náu, confessando, prégando, pondo em paz os discordes, impedindo juramentos e outras offensas de Deus, que em semelhantes viagens, se commettem todos os dias. Á noite havia ladainhas ás quaes se achava o Sr. Governador com seus sobrinhos e mais da náu. Na semana santa houve mandado[182] [*a 7 de abril*], ladainhas e **Miserere** em canto d'orgão. <...>

[...]

[7.] (*p. 143*) Quando o padre [*"Christovão Gouvea"*] visitou as classes [*do "collegio" da "Bahia de Todos os Santos", em maio de 1583, após o dia 13*], foi recebido dos estudantes com grande alegria e festa. Estava todo o pateo enramado, as classes bem armadas com guardamecins, paineis e varias sedas. O padre Manuel de Barros, lente do curso, teve uma eloquente oração, e os estudantes duas em prosa e verso: recitaram-se alguns epigramas, houve boa musica de vozes, cravo e descantes. <...>

[8.] Trouxe o padre [*na mesma ocasião*] uma cabeça das Onze mil virgens, com outras reliquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas reliquias da Sé ao Collegio em procissão solemne, com frautas, boa musica de vozes e danças[183]. <...>

[...]

[**13**.] (*p. 145*) Chegando o padre á terra [*"a aldêa do Espirito Santo", em junho de 1583*] começaram os frautistas tocar suas frautas com muita festa, o que tambem fizeram em quanto jantámos debaixo de um arvoredo de aroeira mui altas. Os meninos indios, escondidos em um fresco bosque, cantavam varias cantigas devotas enquanto comemos, que causavam devoção, no meio daquelles matos, principalmente uma pastoril[164] feita de novo para o recebimento do padre visitador seu novo pastor. Chegámos á aldêa á tarde; antes della um bom quarto de legua, começaram as festas que os indios tinham aparelhadas as quaes fizeram em uma rua de altissimos e frescos arvoredos, dos quaes saiam uns cantando e tangendo a seu modo, outros em ciladas saíam com grande grita e urros, que nos atroavam e faziam estremecer. Os **curumis** sc. meninos, com muitos mólhos de frechas levantadas para cima, faziam seu motim de guerra e davam sua grita, e pintados de várias cores, nusinhos, vinham com as mãos levantadas receber a benção do padre, dizendo em portuguez, "louvado seja Jesus Cristo". Outros sairam com uma dança d'escudos á portugueza, fazendo muitos trocados e dançando ao som[165] da viola[166], pandeiro e tamboril e frauta, e juntamente representavam um breve dialogo, cantando algumas cantigas pastoris[167]. Tudo causava devoção debaixo de taes bosques, em terras estranhas, e muito mais por não se esperarem taes de gente tão barbara. Nem faltou um **anhangá** sc. diabo, que saiu do mato; este era o diabo Ambrosio Pires, que a Lisbôa foi o padre Rodrigo de Freitas. <...>

[...]

[**15**.] (*p. 146*) Estas festas acabadas, os indios **Murubixaba**, sc, principaes, deram o Ereiupe ao padre, que quer dizer Vieste? e beijando-lhe a mão recebiam a benção. <...> Assim de toda a aldea fomos levados em procissão á igreja com danças e boa musica de frauta, com **Te Deum laudamus**. <...>

[**16**.] Ao dia seguinte, dia da visitação de Santa Isabel [*3 de julho*], precedendo as confissões geraes, renovaram os padres e irmãos das aldêas seus votos, para que estavam alli juntos, e o padre visitador disse missa cantada com diacono, e sub-diacono, officiada em canto d'orgão pelos indios, com suas frautas[168]. Dali fomos á aldêa de S. João, duas leguas desta, onde houve semelhantes recebimentos e festas, com muita consolação dos indios e nossa.

[...]

[**22**.] (*p. 148*) Chegámos á aldêa [*"de S. Matheus", em 22 de setembro ou depois*], que dista cinco leguas da villa [*de "S. Jorge", nos "Ilheos"*], por caminho de uma alegre praia. Foi o padre recebido dos indios com uma dança mui graciosa de meninos todos empennados, com seus diademas na cabeça, e outros atavios das mesmas pennas, que os fazia mui lustrosos, e faziam suas mudanças, e invenções mui graciosas: <...>

[...]

[**30**.] (*p. 150*) Tivemos pelo natal um devoto presepio na povoação [*"Nossa Senhora da Escada, ermida do collegio, que dista duas leguas da cidade" da Bahia*], aonde algumas vezes nos ajuntavamos com boa e devota musica, e o irmão Barnabé [*Tello*][169] nos alegrava com seu berimbáu[170]. <...>

[**31**.] Aos 3 de janeiro [*de 1584*] partimos o padre visitador, padre provincial e outros padres e irmãos, Fomos aquella noite agazalhados em casa de um sacerdote devoto da Companhia, que depois entrou nella [*Gonçalo de Oliveira (?)*]. <...> Ao dia seguinte [*5 de janeiro*] depois da missa nos acompanhou [*o "devoto"*] até á aldêa [*"do Espirito Santo"*], e no caminho junto da cachoeira de outro formoso rio, nos deu um jantar com o mesmo concerto e limpeza, acompanhado de várias iguarias de aves, e caças. Em quanto comemos os indios pescaram alguns peixes: <...> Tambem os frautistas nos alegraram, que alli vieram receber o padre. Junto da aldêa do Espirito Santo nos esperavam os padres que della têm cuidado, debaixo de uma fresca

ramada, que tinha uma fonte portatil, que por fazer calma, além de bôa graça, refrescava o lugar. Debaixo da ramada se representou pelos indios um dialogo pastoril, em lingua brasilica, portugueza e castelhana. Houve bôa musica de vozes, frautas, danças e d'alli em procissão fomos até á igreja, com várias invenções; <...>

[32.] Dia dos Reis [*6 de janeiro de 1584*] renovaram os votos alguns irmãos. O padre visitador antes da missa revestido em capa d'asperges de damasco branco com diacono e subdiacono vestidos do mesmo damasco, baptisou [*na "aldêa do Espirito Santo"*] alguns trinta adultos. Em todo o tempo do baptismo houve bôa musica de motetes, e de quando em quando se tocavam as frautas. Depois disse missa solemne com diacono e subdiacono, officiada em canto d'orgão pelos indios, com suas frautas, cravo e descante[171]: cantou na missa um mancebo estudante alguns psalmos e motetes, com extraordinaria devoção.

[...]

[34.] (*p. 151*) É muito para ver e louvar Nosso Senhor a grande devoção de fervor, que se vê nestes indios [*da "aldêa do Espirito Santo"*], quando hão de commungar; porque os homens quasi todos se disciplinam á noite antes por espaço de um **Miserere**, precedendo ladainha e sua exhortação espiritual na lingua: <...>

[...]

[36.] No meio da missa [*do dia 6*] houve prégação na lingua, e depois procissão solemne com danças e outras invenções. <...>

[37.] Acabada a festa espiritual lhes mandou o padre visitador fazer outra corporal, dando-lhe um jantar a todos os da aldêa [*ainda no dia 6*], debaixo de uma grande ramada. <...> Emquanto comiam, lhes tangiam tambores, e gaitas. A festa para elles foi grande, pelo que determinaram á tarde alegrar o padre, jogando as laranjadas, fazendo motins e suiças de guerra a seu modo, e á portugueza. Quando estes fazem estes motins, andam muitos juntos em um corpo como magote com seus arcos nas mãos, e molhos de frechas levantadas para cima; alguns se pintam, e empenam de várias côres. As mulheres os acompanham, e os mais delles nús, e juntos andam correndo toda a povoação, dando grandes urros, e juntamente vão bailando, e cantando ao som de um cabaço cheio de pedrinhas (como os pandeirinhos dos meninos em Portugal)[172]. Vão tão serenos e por tal compasso que não erram ponto com os pés, e calçam o chão de maneira que fazem tremer a terra. Andam (*p. 152*) tão inflammados em braveza, e mostram tanta ferocidade, que é cousa medonha e espantosa. As mulheres e meninos também os ajudam nestes bailos e cantos; fazem seus trocados e mudanças com tantos gatimanhos e tregeitos, que é cousa ridicula. De ordinario não se bolem de um lugar, mas estando quedos em roda, fazem os meneios com o corpo, mãos e pés. Não se lhes entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados. Arremedam passaros, cobras, e outros animaes, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar. Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são insignes trovadoras. Tambem quando fazem este motim tiram um e um a terreiro, e ambos se ensaiam até que algum cansa, e logo lhe vem outro acudir. Algumas vezes procuram de vir a braços e amarrar o contrario, e tudo isto fazem para se embravecer. Emfim por milagre tenho a domar-se gente tão féra; mas tudo póde um zeloso e humilde, cheio de amor de Deus, e das almas, etc.

[38.] Moravam os indios antes de sua conversão, em aldêas, em umas ocas ou casas mui compridas, <...> Parece a casa um inferno ou labyrintho, uns cantam, outros choram, outros comem, outros fazem farinha e vinhos, etc. <...>

[...]

[46.] (*p. 155*) Ao dia seguinte [*domingo, 9 de janeiro de 1584*] ás dez horas pouco mais ou menos, chegámos á aldêa de Santo Antonio: dos indios fomos recebidos com muitas festas a seu modo, que deixo por brevidade, e ao

domingo seguinte [*16 de janeiro*] baptisou o padre visitador antes da missa sessenta adultos, vestido de pontifical, com grande alegria e festa, e consolação de todos. Na missa, que foi de canto d'orgão, casou a muitos em lei de graça, e deu a communhão a 80; e tudo se fez com as mesmas festas e musica que na aldêa do Espirito Santo. <...>

**[47.]** Desta aldêa [*"de Santo Antonio"*] fomos á de S. João, dali sete leguas, tornando a dar volta para o mar. <...> Ao domingo seguinte [*23 de janeiro*] baptisou o padre 30 adultos, casou na missa outros tantos em ação de graça e deu a communhão a 120. Houve missa cantada, prégação com muita solemnidade, e depois das festas espirituaes tiveram outro jantar como os passados, e toda a tarde gastaram em suas festas.

[...]

**[48.]** Em todas estas tres aldêas [*"Espirito Santo", "Santo Antonio" e "S. João"*] ha escola de ler e escrever, aonde os padres ensinam os meninos indios; e alguns mais habeis tambem ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam bem, e ha já muitos que tangem frautas, violas[173], cravos, e officiam missas em canto d'orgão, cousas que os pais estimam muito. Estes meninos fallam portuguez, cantam á noite a doutrina pelas ruas, e encommendam as almas do purgatorio.

[...]

**[60.]** (*p. 159*) Tornando á quaresma em nossa casa [*na Bahia, a 21 de fevereiro de 1584*] tivemos um devoto e rico sepulchro. A paixão foi tambem devota que concorreu toda a terra; os officios divinos se fizeram em casa com devoção. Sexta-feira Santa [*30 de março*] ao desencerrar do Senhor, certos mancebos vieram á nossa igreja; traziam uma veronica de Christo mui devota, em panno de linho pintado, dous delles a tinham e juntamente com outros dous se disciplinavam, fazendo seus trocados e mudanças. E com a dança se fazia ao som de crueis açoutes, mostrando a veronica ensanguentada, não havia quem tivesse as lagrimas com tal espectaculo, pelo que foi notavel a devoção que houve na gente.

**[61.]** O padre visitador teve as endoenças [*29 de março*] na aldêa do Espirito Santo, <...> Tiveram mandado em portuguez por haver muitos brancos que alli se acharam, e paixão na lingua, que causou muita devoção e lagrimas nos indios. A procissão foi devotissima com muitos fachos e fogos, disciplinando-se a maior parte dos indios, que dão em si cruelmente, e têm isto não sómente por virtude, mas tambem por valentia, tirarem sangue de si, e serem *abaetê*, sc. valentes. <...> O padre visitador lhes fez todo os officios que se officiaram a vozes com seus bradados. Ao dia da Ressureição [*1º de abril de 1584*] se fez uma procissão por ruas de arvoredos muito frescos, com muitos fogos, danças, e outras festas. <...>

**[62.]** Aos 3 de Maio, dia da invenção da Cruz, houve jubilêu plenario em nossa casa, missa de canto d'orgão, officiada pelos indios e outros cantores da Sé[174], com frautas e outros instrumentos musicos[175]. Préguei-lhes da Cruz, por terem aqui uma reliquia do Santo Lenho em uma cruz de prata dourada, que foi de uma das freiras da Allemanha, a qual a imperatriz deu para este collegio, com licença do Summo Pontifice. Commungaram passante de trezentas pessoas, e tudo se fez com muita festa e devoção.

**[63.]** <...> Na procissão [*de 3 de maio, na Bahia*] houve bôa musica de vozes, frautas e orgãos. Em alguns passos estavam certos estudantes, com seus descantes e cravos, a que diziam psalmos, e alguns motetes, e tambem recitaram epigrammas ás santas reliquias. Com esta solemnidade e devoção, chegámos á capella, aonde houve completas solemnes. <...>

**[64.]** <...> (*p. 160*) Aqui [*"ao morro de S. Paulo, barra de Tinharé, doze leguas da Bahia"*] estivemos dia de S. João Baptista, S. Pedro e S. Paulo [*de 23 de junho a 2 de julho de 1584*], em os quaes diziamos missa em um **teigupaba** de palha. Os irmãos, passageiros e marinheiros, commungaram nestas festas: passamos estes dias com bôa musica, que alguns irmãos de bôas fallas faziam frequentemente ao som de uma suave frauta, que de noite nos

consolavam e de madrugada nos espertavam com devotos e saudosos psalmos e cantigas[176]. <...> Algumas vezes iamos gastar as tardes com bôa musica e praticas espirituaes, sobre um fresco rio á vista do mar e pelo lugar ser solitário cau(*p. 161*)sava não pequena devoção: <...>

[...]

[68.] (*p. 162*) Os estudantes de humanidades [*do "collegio de Pernambuco"*], que são filhos dos principaes da terra, indo o padre á sua classe [*a 18 de julho*], receberam com um breve dialogo, bôa musica, tangendo e dançando mui bem; porque se prezam os pais de saberem elles esta arte. O mestre fez uma oração em latim. O padre lhes distribuiu contas, reliquias, etc.

[...]

[78.] (*p. 164*) Acabada a visita de Pernambuco (aonde estivemos tres mezes), e chegadas as monções dos Nordestes, aos dezesseis de Outubro partimos para a Bahia, nove padres e tres irmãos, acompanhando-nos o padre Luiz da Grã, reitor, com alguns padres do (*p. 165*) collegio, até a barra, que é uma legua. Houve muitas lagrimas e saudades á despedida, e não se podiam apartar do padre visitador, tão consolados e edificados os deixava, e com estas saudades se tornaram cantando pela praia as ladainhas, psalmos e outras cantigas devotas. <...>

[79.] Ao dia seguinte [*17 de outubro*], por ser dia das Onze mil virgens, houve no collegio grande festa da confraria das Onze mil virgens, que os estudantes têm a seu cargo; disse missa nova cantada um padre com diacono e subdiacono. Os padrinhos foram o padre Luiz da Fonseca, reitor, e eu com nossas capas d'asperger. A missa foi officiada com bôa capella dos indios, com frautas, e de alguns cantores da Sé, com orgãos[177], cravos e descantes. E ella acabada, se ordenou a procissão dos estudantes, aonde levámos debaixo do pallio tres cabeças das Onze mil virgens, e as varas levaram os vereadores da cidade, e os sobrinhos do Sr. governador. Saiu na procissão uma náu á vella por terra, mui formosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro nella iam as Onze mil virgens ricamente vestidas, celebrando seu triumpho. De algumas janellas fallaram á cidade, collegio, e uns anjos todos mui ricamente vestidos. Da náu se dispararam alguns tiros d'arcabuzes, e o da d'antes houve muitas invenções de fogo, na procissão houve danças, e outras invenções devotas e curiosas. <...>

[...]

[81.] <...> (*p. 166*) Logo aos 25 [*de outubro de 1584, na "Capitania do Espirito Santo"*] se clebrou em casa a festa de Santa Catharina; disse missa nova um dos padres que vinha de Pernambuco, filho do governador de Paraguay; <...> O Sr. Administrador foi seu padrinho, e fez officiar a missa pelos de sua capella, e os indios tambem ajudaram com suas frautas. Toda a manhã houve muitas confissões, communhões e prégação.

[...]

[83.] <...> Vespera da Conceição da Senhora, por ser orago da aldêa mais principal, foi o padre visitador fazer-lhe a festa. Os indios tambem lhes fizeram a sua: porque duas leguas da aldêa em um rio mui largo e formoso (por ser o caminho por agua) vieram alguns indios **murubixába**, sc. principaes, com muitos outros em vinte canoas mui bem equipadas, e algumas pintadas, enramadas e embadeiradas, com seus tambores, pifanos e frautas, providos de mui formosos arcos e frechas mui galantes; <...> O padre assim armado [*com "um arco e frechas na mão"*], e elle [*"um menino", que lhe deu os objetos*] dando seus alaridos e urros, tocando seus tambores, frautas e pifanos, levaram o padre até á aldêa [*da Senhora da Conceição*], com algumas danças que tinham prestes. O dia da Virgem disse o Sr. Administrador missa cantada, com sua capella, e o padre visitador pela manhã cedo antes da missa baptisou setenta e tres adultos, em o qual tempo houve bôa musica de vozes e frautas, e na missa casou trinta e seis em lei de graça, e deu communhão a trinta e sete.

[84.] Por haver jubileu concorreu toda a terra, e toda a manhã confessamos homens e mulheres portuguezas. Houve muitas communhões, e tudo se fez com consolação dos moradores indios e nossa. Acabada a missa houve procissão solemne pela aldêa, com danças dos indios a seu modo e á portugueza: e alguns mancebos honrados tambem festejaram o dia dançando na procissão, e representaram em breve dialogo e devoto sobre cada palavra da Ave Maria, e esta obra dizem compoz o padre Alvaro Lobo e até ao Brasil chegaram suas obras e caridades.

[...]

[86.] (*p. 167*) Ao dia seguinte fomos á aldea de S. João, dahi meia legua por agua por um rio acima fresco e gracioso, de tantos bosques e arvoredos que se não via a terra, e escassamente o Céo. Os meninos da aldêa tinham feito algumas ciladas no rio, as quaes faziam a nado, arrebentando de certos passos com grande grita e urros, e faziam outros jogos e festas n'agua a seu modo mui graciosos, umas vezes tendo a canoa, outras mergulhando por baixo, e saindo em terra todos com as mãos levantadas diziam: Louvado seja Jesus Cristo! - e vinham tomar a benção do padre, os principaes davam seu **Ereiupe**, prégando da vinha do padre com grande fervor. <...>

[87.] Ao dia seguinte [*em "S. João"*] baptisou o padre visitador trinta e tres adultos, e casou na missa outros tantos em lei de graça, e tudo se fez com as mesmas festas. <...>

[...]

[89.] Os protugueses têm muita escravaria destes indioss christãos. Têm elles uma confraria dos Reis em nossa igreja, e por ser antes do Natal quizeram dar vista ao padre visitador de suas festas. Vieram um domingo [*em S. João*] com seus alaridos á portugueza, e a seu mod com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados, com outros principaes e confrades da dita confraria: <...>

[...]

[92.] (*p. 168*) Do Espirito Santo partimos para o Rio de Janeiro, que dista alli oitenta leguas. <...> (*p. 169*) aos 20 [*de dezembro de 1584*], vespera de S. Thomé, arribamos ao Rio. <...> Neste collegio tivemos o Natal com um presepio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal: e tambem cá N. Senhor dá as mesmas consolações, e avantajadas. O irmão Barnabé Telo fez a lapa, e ás noites nos alegrava com seu berimbáu.

[...]

[94.] Trouxemos no navio uma reliquia do glorioso Sebastião engastada em um braço de prata. Esta ficou no navio para a festejarem os moradores e estudantes como desejavam, por ser esta cidade do seu nome, e ser elle o padroeiro e protector. Uma das oitavas á tarde se fez uma celebre festa. O Sr. governador com os mais portuguezes fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pifaros e bandeiras foram á praia. <...> Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pifaros e frautas, com grande grita e festa dos indios; e os portuguezes da terra com sua arcabuzaria e também os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa e com esta festa andamos rica charola, com grande apparato de vellas accessas, musica de canto d'orgão, etc. <...> Estava um theatro á porta da Misericordia com uma tolda de uma vela, e a santa reliquia se poz sobre um rico altar em quanto se representou um devoto dialogo do martyrio do santo, com choros e varias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseteado um moço atado a um páu: causou este espectaculo muitas lagrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar ao vivo o martyrio do santo, nem faltou mulher que não viesse á festa; por onde acabado o dialogo, por a nossa igreja ser pequena lhes préguei no mesmo theatro dos milagres e mercês, que tinham recebido deste glorioso martyr na tomada deste rio, a qual acabada deu o padre visitador a beijar a reliquia a todo o povo e depois continuámos com a procissão e danças até nossa igreja:

era para vêr uma dança de meninos indios, o mais velho seria de oito annos, todos nusinhos, pintados de certas cores aprazíveis, com seus cascaveis nos pés, e braços, pernas, cinta, e cabeças com várias invenções de diademas de pennas, collares e braceletes. Pareceu-me que os que viram nesse (*p. 170*) reino, que andaram todo o dia atraz elles; foi a mais aprazivel dança que destes meninos cá vi. Chegados á igreja foi a santa reliquia collocada no sacrario para consolação dos moradores, que assim o pediram.

[95.] Têm os padres duas aldêas de indios, uma dellas de S. Lourenço, uma legua da cidade por mar; e a outra de S. Barnabé, 7 leguas também por mar, terão ambas tres mil indios christãos. Foi o padre visitador á de S. Lourenço, aonde residem os padres, e dia dos Reis lhes disse missa cantada officiada pelos indios em canto d'orgão com suas frautas; casou alguns em lei de graça, e deu communhão a outros poucos. Eu baptisei dois adultos sómente, por os mais serem todos christãos.

[100.] (*p. 172*) Desejavam os padres de Piratininga que o padre visitador se achasse naquella casa aos 25 de janeiro, dia da conversão de S. Paulo, por ser orago de nossa igreja. <...> Fomos em procissão até a igreja [*a 25 de janeiro de 1585*] (*p. 173*) com uma dança de homens de espadas, e outra dos meninos da escola; todos iam dizendo seus ditos ás santas reliquias. Chegando á igreja demos a beijar as reliquias ao povo. Ao dia seguinte disse o padre visitador missa com diacono e subdiacono, officiada em canto d'orgão pelos mancebos da terra. <...>

[...]

[102.] Piratininga é villa da invocação da conversão de São Paulo; <...> Terá cento e vinte vizinhos, com muita escravaria da terra, não tem cura nem outros sacerdotes senão os da Companhia, aos quaes têm grande amor e respeito, e por nenhum modo querem aceitar cura. Os padre os casam, baptisam, lhes dizem as missas cantadas, fazem as procissões, e ministram todos os sacramentos, e tudo por sua caridade: não tem outra igreja na villa senão a nossa. <...>

152 . JOSÉ ALBERTO L. DE CASTRO PINTO (**Dicionário prático de cultura católica, bíblica e geral**, 1971, pp. 166-167) tem um verbete sobre o **Sermão do Mandato**, onde informa: « Sermão que se prega na Quinta feira Santa após o Evangelho da Missa Vespertina, no tocante à cerimônia do Lava-pés, tendo como tema as palavras de Jesus na Última Ceia: "Mandatum novum do vobis"... "Dou-vos um novo mandamento, que vós ameis uns aos outros como eu vos amei" (Jo 13, 34); e que constituem a 1ª antífona dessa cerimônia ». O **Officio da Semana Sancta** (1675, pp. 282-283) traz detalhada descrição da cerimônia, dando os textos em latim e em português que se proferiam nessa ocasião. A primeira antífona que se canta (no *Officio* está "Joan, cap. 13") é « Mandátum novum do vobis: ut diligatis ínvicem, sicut diléxi vos, dicit Dóminus ».

153 . Nota de RODOLFO GARCIA, nesta edição (p. 184, nota 4): « Segundo Cardim, existiam no colégio da Bahia, quando chegou o visitador Cristóvão Gouveia, duas cabeças das Onze Mil Virgens; o padre trouxe mais outra. Até 1584, conforme Anchieta - **Informações e fragmentos históricos** (Rio de Janeiro, 1886), p. 25, havia em todo o Brasil seis dessas relíquias, que o texto assim distribui: três no Colégio da Bahia, uma em Pernambuco, uma no Rio de Janeiro; quanto à restante estaria talvez em Piratininga. Naquele ano foi criada na Bahia a Irmandade das Onze Mil Virgens. Dos *Annaes Litterarii*, excertados por A. Henrique Leal – *Apontamentos do escrivão do Salvador Rodrigo de Freitas*, 1585, in **Historia da colonização portuguesa do Brasil**, v. III, t. 12, p. 165, conta referências ao fato: "Faltando chuvas e havendo muita secca, fizeram preces e procissão nocturna indo nella um andor com a cabeça de uma das Onze Mil Virgens, e logo se toldou o céo, e começou a chover".

Representaram os padres por essa ocasião um mistério ou auto das Onze Mil Virgens: "o público chorava (dizem os Anais), e não se pode significar quanto começamos a ser procurados e concorridos depois desta solenidade" ».

164 . O **pastoril** é hoje bastante conhecido dos musicólogos e ainda muito difundido no nordeste brasileiro. Transcrevemos apenas um fragmento da ***Enciclopédia da música brasileira*** (1977, v. II, p. 590): « Dança dramática ou folguedo realizado nos festejos de Natal a Reis. Em suas origens européias, os pastoris (adjetivo substantivado de "autos pastoris") eram dramas litúrgicos, apresentados em igrejas; depois assumiram caráter profano, mantendo apenas fracas ligações com o acontecimento religioso festejado. Essa dança dramática chegou ao Brasil trazida pelos jesuítas, havendo indícios de sua existência já no séc. XVI ». Cf. também MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, pp. 389-390) e LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (***Dicionário do folclore brasileiro***, 1988, pp. 588-589).

165 . Por **som**, entende RAPHAEL BLUTEAU (*Suplemento do* ***Vocabulário português e latino***, parte II, 1728, p. 220) « Peça, que se poem à viola. Os sons, ou peças mais ordinarias, que na viola se tocaõ saõ os seguintes. Arromba. Arrepia. Bandò. Canario. Amorosa. Marinheira. Cãosinho. Passacalhe. Gatharda, Sarao. Fantesia. Neste Supplemento achará o Leitor a diffiniçaõ de cada som destes no seu lugar Alphabetico ».

166 . RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário português e latino***, v. VIII, 1721, p. 506) informa: « Viola. Instrumento musico de cordas. Tem corpo concavo, costas, tampo, braço, espelho, cavallete para prender as cordas, & trastes para as dividirem as vozes, & para se formarem as consonancias. Tem cinco cordas, a saber, a primeira, a segunda, & corda prima, a contraprima, & o bordão. Ha violas de cinco requintadas, violas de cinco sem requintes, violas de arco, &c. Chamãolhe communmente **Cithara**, posto que o instrumento, a que os Latinos chamàrão **Cithara**, podia ser muito diverso do que chamamos **Viola** ». ANTÔNIO DE MORAES SILVA (***Dicionário da língua portuguesa***, 1789, v. II, p. 528) acrescenta: « instrumento musico vulgar, com cordas de tripa de carneiro, e trastes no braço ».

167 . **Cantigas pastoris.** A julgar pela denominação, **cantigas**, que se cantam nos autos **pastoris**.

168 . **Com suas frautas** não parece indicar flautas indígenas, dada a solenidade da ocasião, mas flautas portuguesas, como era costume entre os jesuítas.

169 . Nota de RODOLFO GARCIA, nesta edição (p. 182, nota IV): « Na comitiva do visitador vieram os padres Fernão Cardim, Autor desta relação, e Rodrigo de Freitas, que já estivera em Pernambuco de 1568 até fins de 1573, quando, com o dr. Antônio de Salema, veio para a Bahia, de onde seguiu para Lisboa, levando em sua companhia o índio Ambrósio Pires (e não Rodrigues, como está na edição de Varnhagen e reedições posteriores), segundo se lê no texto. Veio também o irmão Barnabé Telo, o tocador de berimbau que antes fora secretário do padre Simão de Azevedo. A Cristóvão de Gouveia acompanhou esse irmão em toda a sua visita do Brasil e com ele voltou a Portugal, sofrendo na tornada as mesmas vicissitudes. Cardim, muitas vezes, com simpatia se refere a Barnabé Telo." ».

170 . DOMINGOS VIEIRA (***Grande dicionário português***, v. I, 1871, p. 759) informa: « O mesmo que **Birimbau**. Instrumento de preto; é feito de ferro com uma lingueta no meio de um arco; prende-se entre os dentes, e respirando pela bôcca faz-se vibrar o ar com a dita lingueta. Dá um som monótono, à maneira de zumbido, e sem graça. É um dos grandes divertimentos dos rapazes ». LUIZ COSME (***Dicionário musical***, 1957, p. 18) acrescenta: « Pequeno instrumento usado pelas crianças. Consiste num pedaço de ferro em forma de ferradura, no qual existe uma lingüeta. Executa-se colocando a parte curva entre os dentes, formando, dêste modo, a bôca uma caixa de ressonância, e batendo-se com o dedo na lingüeta ». LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (***Dicionário do folclore brasileiro***, 1988, p. 120) concorda com ambos: « Pequenino instrumento sonoro, feito de ferro (os mais antigos) e de aço (os relativamente modernos). Consta de dois braços que se ligam, arqueando-se com uma lingüeta no meio. Toca-se levando o berimbau à boca, prendendo-o nos dentes e fazendo a lingüeta vibrar, puxando-a com o dedo indicador. Dá-se um som monótono, espécie de zumbido ». Este excelente verbete de CASCUDO informa, ainda, que « Foi trazido ao Brasil pelos portugueses », citando o trabalho ***Frases Feitas***, de JOÃO RIBEIRO (Rio de Janeiro, 1908), que é da opinião de que « o berimbau do irmão Barnabé seria uma **marimba**, também denominada **marimbau** e mesmo confundida com o berimbau ». Este instrumento nada tem a ver com o **berimbau-de-barriga** ou **urucungo**, como informa MÁRIO DE ANDRADE (***Dicionário musical brasileiro***, 1989, pp. 58-59), fornecendo descrição semelhante aos autores citados e acrescentando (pp. 311-312) que "marimbau" é "O mesmo que berimbau". Indicação de seu pequeno valor e fácil aquisição no Reino é o relato de **MANUEL DE MENEZES** (*Recuperação da Cidade do Salvador*, c. 1625, livro terceiro, § 2), onde se lê que em "Cropani" (1625) « se davam panos podres por excessivos preços segundo se queixavam os portugueses, alfinetes, alaofaças, cascaveis, berimbaus ». JOSÉ RAMOS TINHORÃO (*A deculturação da música indígena brasileira*, 1972, p. 25, nota 25) comenta este trecho de CARDIM: « Os autores que citam as passagens do livro de Fernão Cardim referentes ao Irmão Barnabé Telo não esclarecem o verdadeiro tipo de berimbau que o jesuíta tocava, deixando supor ao leitor atual que seria o berimbau "de barriga", ou seja, o de arco e cuia, bastante conhecido hoje como instrumento de ritmo para capoeira. No entanto – e embora Fernão Cardim, de fato, não esclareça esse ponto – é certo que o irmão Barnabé tocava o chamado berimbau de

boca, tão popular em Portugal que chegou a originar o dito – "pensas que berimbau é gaita?" – e que muitas vezes ainda é seguido da explicação bem humorada: "não é não; é um ferrinho que se lhe toca". De fato, o berimbau de boca era um ferrinho recurvo que se introduzia na boca e se prendia com os dentes, fazendo vibrar com os dedos a ponta de uma lingueta de aço cuja colocação, coincidia com o centro dos lábios ».

171 . Aqui, **descante** parece significar um instrumento musical, assim como na carta de HENRIQUE GOMES « (16 de junho de 1614, § 4), onde se lê: « com boas músicas, que sempre há, descantes, órgãos, e às vezes frautas e charamelas ». FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (***Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa***, 1863, p. 373) dá para **descante** « Viola pequena ou machete, com que se descanta », enquanto JOSÉ DA FONSECA e J. I. ROQUETE (***Dicionário da língua portuguesa***, c. 1848, p. 354) « viola pequena, machete », DOMINGOS VIEIRA (***Grande dicionário português***, v. II, 1873, p. 822) « Viola pequena ou machete com que se descanta » e PEDRO SINZIG (***Pelo mundo do som***, 1959, p. ) « viola pequena ». MÁRIO DE ANDRADE (***Dicionário musical brasileiro***, 1989, p. 192), citando AUGUSTO BESSA DE CARVALHO (***A gíria portuguesa***. Lisboa, Gomes de Carvalho, 1901, p. 111), afirma: « discante é uma viola pequena, em Melgaço (Portugal) ». Algo semelhante escreve JAIME DINIZ (*Velhos organistas no passado*, 1971, p. 38, nota 14): « Cardim, Fernão. ***Tratados da terra e gente do Brasil***. Rio de Janeiro, J. Leite, 1925, p. 336. **Descantes**, pelo contexto, não parece significar polifonia, mas significa instrumentos: **com órgãos, cravo e descantes**. Na mesma obra, encontram-se passagens semelhantes (sempre indicando **genericamente** instrumentos, talvez de **sopro**): "boa música de vozes, cravo, e descantes" (p. 286); "com suas frautas, cravo e descante" (p. 303); "com seus descantes e cravos" (p. 324). Na Alemanha dos séculos XVI-XVII, conhece-se o **Discant Schalmey**, que é **o Superius** – ou em alemão **Diskant** – das charamelas, ou do oboé. A palavra **Diskant**, "castelhanizada" **em discante**, e aportuguesada **em descante**, foi empregada com sentido análogo de voz ou **instrumento** agudo, ou seja de tessitura "alta". Em qualquer das línguas, a origem da palavra é **mesmo** latina: **Discantus** ». Apesar das informações de DINIZ, preferimos concordar com os dicionaristas, aceitando para **discante** o sinônimo **de machete** ou **machinho**. Cf. também RAPHAEL COELHO MACHADO (*Dicionário* **musical**, 1842, p. 48).

172 . Nota de RODOLFO GARCIA, nesta edição (p. 190, nota XLV): « Cabaça cheia de **pedrinha** é o **maracá** ».

173 . **Vihuela** era o termo espanhol que correspondia à viola portuguesa. EMILIO PUJOL, in ALONSO MUDARRA (***Tres libros de musica en cifra para vihuela***, 1949, cap. I, pp. 1-15) traz excelente estudo sobre este instrumento, que desapareceu em fins do séc. XVI ou no princípio do séc. XVII. Informa, ainda, que nesse século coexistiram a **vihuela**, a **guitarra de 4 ordens** (4 pares de cordas) e a **guitarra de 5 ordens**. A **guitarra de 4 ordens**, provável ancestral do **machete** ou **descante** e, certamente, antecessora da **guitarra de 5 ordens**, desaparece, segundo a documentação européia, na primeira metade do séc. XVII. A julgar pela documentação portuguesa, **viola** poderia designar todos esses instrumentos, apesar do uso esporádico do **termo guitarra**. PEDRO DE AZEVEDO (*Costumes e festas populares dos séculos XV e XVI*, 1912) organizou documentos portugueses do séc. XV, onde se encontram várias **menções à viola**. GIL VICENTE (***Copilaçam de todalas obras***, 1983, v. I, livro 1, p. 441 e 444) traz várias referências a este instrumento, duas delas no *Auto chamado da Mofina Mendes*, de 1534, evidenciando certo **status aos** que dominavam sua técnica: « (Vidal) – "O marido que quereis | de viola de dessa sorte | não no há senão na corte, | que cá não no achareis". (Escudeiro) – "Sei bem ler, | e muito bem escrever, | e bom jogador de bola, | e quanto a tanger viola, | logo me ouvireis tanger" ». FRANCISCO DA COSTA (***Cancioneiro chamado de D. Maria Henriques***, 1961, parte III, p. 365), no auto da *Conversão de Santo Agostinho*, indica, ao final da peça: « Acabado isto, cantaõ, a quatro vozes, com violas que pera isso trazem ». As citações desse instrumento **em** Portugal e **em** suas colônias, durante os séculos XVI e XVII, são abundantes, sendo encontradas tanto na **música** profana quanto nas funções **da** Igreja. A julgar pela documentação conhecida, pelo **menos** no séc. XVI, era o instrumento polifônico **e** de harmonia **mais** difundido entre os povos ibéricos. No Brasil, pelo uso pouco freqüente do cravo, foi o principal instrumento **acompanhador** e de harmonia na **música** profana até o séc. XVIII. É provável **que** fosse utilizado **também em** igrejas que não **possuíam** órgãos. Cf. o excelente estudo de ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (***Instrumentos musicais populares portugueses***, 1966, pp. 123-154), sobre a viola e instrumentos semelhantes em Portugal.

174 . Desde 1559 (**Documentos Históricos** « , v. XXXVI, 1937, pp. 12-15), a Sé de Salvador possuía quatro « moços do coro », recebendo, cada um (até 1606), 6$400 réis por ano.

175 . Existe um *Regimento dos cantores da Sé de Evora* no *Arquivo da Sé, Instituições e Regimentos, pertencem ao Padroado do Arcebispo de Evora Mandados collegir pelos Sñors Deão e Cabido em Junho de 1634* (CEC 5-VIII, ff. 39r-42v), publicado em JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA (**História da escola de música da Sé de Évora**, 1973, apêndice II, pp. 133-136), onde se lê: « Todos os Domingos, e dias santos a tarde da quaresma avera cõpletas de cantores no choro de sima, as quais se officiarão desta maneira. ss. começara o choro em canto chão hum verso, e respõderá o orgão a que cantara o cantor, ou cantores a que o mestre das capella mandar, e tornara a responder o choro e então responderá outra vez o orgão, e assi se irão cantando todos os psalmos de maneira que sempre o canto chão se meta entre o orgão, e as fraulas, ou outros instrumentos que ouver ».

176 . Este tipo de cena musical é, geralmente, descrita como **capela**. MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, pp. 110-111) diz: « Mais ou menos o mesmo que rancho ou terno, porém especializado pro dia de S. João. Agrupamento andejo que na noite do santo vai cantando em coro lavar o S. João no rio », citando boa documentação, a exemplo de LUIS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, p. 191). Nota-se, portanto, diferença deste tipo de **capela**, para aquela que significa o grupo de cantores e/ou instrumentistas a serviço de alguém ou de alguma instituição.

177 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VI, 1720, p. 115) informa: « Orgão. Instrumento musico de cantoria, composto de muytos registros, ou canos de differente grandeza, de estanho, chumbo, ou pao, os quaes animados com o vento dos folles, distribuidos com artificioso methodo, formão harmonicas modulaçoes, soando hora frautado, & hora cheyo. He muy antigo o invento do orgão. No liv. 10. faz Vitruvio a descripção de hum orgão, que jogava com doze folles, & se ouvia em distancia de mil passos. Dizem, que Heron Alexandrino foy o primeyro Autor, que escreveo deste instrumento nas suas Pneumaticas. O Papa Vitaliano, primeiro do nome, introduzio orgãos no officio da Igreja, cousa que até seu tempo se não usava. Na Igreja do Convento de Villar de Frades, no Minho, ha um singular orgão, com charamelas, que nem todos os Organistas sabem tanger. Corogr. Portug. tom. I. 316 ». **Orgãos**, aqui, não significa vários instrumentos, mas um só. O plural é comum nessa época e a documentação geralmente menciona o **tangedor dos órgãos**.

# 91

## [JOSÉ DE ANCHIETA ou FERNÃO CARDIM]
## (1534 – 1594) (c. 1549 – 1625)

**DOCUMENTO:** INFORMAÇÃO DOS COLÉGIOS E CASAS DA COMPANHIA DO BRASIL E ALGUMAS PROPRIEDADES DE TERRA PARA NOSSO PADRE GERAL. s.l., [31 de dezembro de 1585].

**TEXTO:** Códice CXVI/1-33 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, ff. 37r-44r. Há outra cópia, mas bastante diferente desta no Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.** 15, ff. 333-339. No códice de Évora [f. 44r] há a assinatura de « Christovão de Gouvea ». Na folha seguinte, com outra letra, lê-se: « Enformacion de los collegios y casas de la Compañia del Brasil e algunas propriedades de la tierra para Nuestro Padre General ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA E AUTOR:** Capistrano de Abreu conheceu o códice de Évora, extraindo cópia da **Informação**, que traduziu para o português, atribuiu a JOSÉ DE ANCHIETA e fez imprimir no **Materiais e Achêgas para a História da Geografia do Brasil** (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886, nº I, pp. 31-55). Esse mesmo texto foi reproduzido em **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do padre Joseph de Anchieta, S.J., 1554-1594** (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933, doc. XXXII, pp. 409-447). O texto espanhol foi publicado apenas por FREDERIC MAURO, que indica ANCHIETA e CRISTÓVÃO GOUVEIA como prováveis autores.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** FREDERIC MAURO – *Le Brésil au XVIIe siecle. Documents inédits relatifs à l'Atlantique portugais*; separata de **Brasilia**, Coimbra, v. XI, 1961, « *IIIe Partie. Description du Brésil. (1) Informacion de la provincia* », pp. 135-166.

**OBSERVAÇÃO:** F. MAURO transcreve entre colchetes os trechos que não constam da cópia de Roma.

[4] **Baya**

[...]

[11.] [*f. 39v*] (*p. 142*) Los estudiantes en esta tierra, oltra de ser pocos, tambien saben poco por falta de los ingenios y no estudiares con cuidado, ni la tierra los dá de si por ser relaxada, remissa y melancolica y todo se leva en fiestas, cantar y holgar.

[...]

[14.] [*f. 39r*] (*p. 143*) Tiene este collegio tres aldeas de Indios Christianos libres a su cargo, que tendran dos mil y quinientas personas [178]; el Espiritu Santo que dista siete leguas de aqui, S. Juan que dista ocho, y S. Antonio que dista quatroze. En ellas residen de ordinario hasta ocho de los nuestros, dos e quatro en cada una [179]. Tienen en ellas sus casilias cubiertas de palma, [bien acomodadas], y iglesias capazes, adonde enseñan los Indios las cosas necessarias a su salvacion, [y les dizen mission y enseñan la doctrina christiana dos vezes cada dia], y tambien en cada una enseñan los hijos de los Indios a leer, escrivir, contar y hablar portugues, y toman bien y le hablan con gracia, ajudar das missas, y, desta manera, los hazen politicos y hombres. En una dellas les enseñan a cantar y tienen su capilla de canto y flautas para sus fiestas, y hazen sus danças a la portuguesa con tamboriles y vihuelas [180] con mucha gracia, como si fueran muchachos portugueses y quando (*p. 144*) hazen estas danzas se ponen unas diademas por la cabeça de plumas de paxaros [181] de varios colores, y desta suerte hazen tambien los arcos y empenan y pintan el cuerpo, y assi pintados y mui galanos a su modo hazen sus fiestas muy apazibles, dan

contento y causan devocion por ser hechas por gente indomita y barbara mas, por la bondad divina y dilligencia de los nuestros, hechos ya hombres politicos y christianos.

[...]

[11] Clima

[...]

[33.] [*f. 41r*] (*p. 155*) El verano es algo caliente mas templado y no ay mes en que no llueva muchas vezes. Todo el año traen los hombres poca ropa. Es tierra deslexada y remissa y algo melancolia, y por esta causa los esclavos y Indios trabajan poco y los Portugueses quasi nada y todo se leva en fiestas, combites y cantares etc., y unos y otros son muy dados a vinos y facilmente se toman del, y los Portugueses no lo tienen por afrenta y deshonra; y los combites que se dan en esta tierra, ultra de ser muchos y ordinarios, son de gran costa [y adonde se haze muchos [*f. 41v*] excessos de comeres exquisitos] etc. <...>

[...]

[20] Indios

[45.] <...> [*f. 43v*] (*p. 163*) De dia y de noche hazen sus comeres, cantares y fiestas hasta la mañana. <...>

[21] Conversion

[47.] <...> [*f. 44r*] (*p. 165*) Oyen missa cada dia [*os índios*] sin hablar, con modestia y devocion [aora de rodillas, aora en pie], las manos siempre tendidos al cielo y son tan afficionados a la iglesia y culto divino que estaran alli todo el dia. Los Padres le predican en las fiestas principales y les enseñan la doctrina christiana dos vezes al dia: por la mañana, acabada la missa, en portugues y en su lingua, y a la tarde acabados sus servicios, el dialogo de la fee y aparejo de la communion y confession; y todos muchachos y casados, mugeres, y niñas responden a las perguntas con gran candura. Los niños de los Indios deprenden con nuestros padres a leer y escrivir, contar, cantar, y hablar portugues y todo toman mui bien.

[...]

178 . F. MAURO indica no manuscrito do ARSI (p. 143, nota 4): « ultra dos mil personas ».

179 . F. MAURO indica no manuscrito do ARSI (p. 143, nota 5): « En ellas residen de ordinario doze de los nuestros, padres seis e otros hermanos ».

180 . **Vihuela** era o termo espanhol para viola, como se vê de portugueses que escreviam sobre este instrumento na língua de Castela, a exemplo de FRANCISCO DE SÁ MIRANDA (séc. XVI), na Carta em resposta a Jorge de Montemayor, estrofe 6 (Obras completas, v. II, 1943, p. 113): « Al son de las sus vihuelas y al su canto lo entonan siempre, vese clara prueva: cantando el nueve a gozo, mueve a llanto ».

181 . F. MAURO indica no manuscrito do ARSI (p. 144, nota 1): « pasaritos ».

# 92

## JOSÉ DE ANCHIETA
## (1534 -1597)

**DOCUMENTO: APONTAMENTOS SOBRE PADRES DA COMPANHIA DE JESUS.** Após 25 de novembro de 1586.

**TEXTO E NOTA BILIOGRÁFICA:** Manuscrito sem indicação de título, códice ou localização (a não ser "Apontamentos" de José de Anchieta), publicado pela primeira vez por CAPISTRANO DE ABREU no ***Materiais e Achêgas para a História da Geografia do Brasil***, Nº 1, pp. 56-76.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** JOSEPH DE ANCHIETA - ***Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J.*** (1554-1594); [nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu; bibliografia de Sommervogel; notas e postfácio de A. de Alcântara Machado]. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933. (Publicações da Academia Brasileira - Coleção Afrânio Peixoto, II, História, Cartas Jesuíticas, v. 3) [3:] "Fragmentos Históricos", pp. 467-482.

[...]

**[24.]** (*p. 476*) [*Sobre o Padre Manuel da Nóbrega*] No culto divino, ainda que faltavam ornamentos ricos, procuravam houvesse toda a perfeição. Dizia as missas cantadas com toda a solenidade, com canto de orgão e frautas, por amor dos Indios, cujos filhos os ajudavam a oficiar. Nunca deixava de lavar os pés dos Irmãos á quinta feira santa publicamente na igreja. Era tão zeloso de se prégar sempre a palavra de Deus que até aos Irmãos que lhe pareciam para isso, fazia prègar em português e brasil, ainda que não fossem sacerdotes. Por êste fim e por impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas, fez um ano com os principais da terra que deixessem de representar um que tinham, e mandou-lhes fazer outro por um Irmão, a que ele chamava **Prègação Universal**, porque além de se representar em muitas partes da costa com muito fruto dos ouvintes que com esta ocasião se confessavam e comungavam, em particular em S. Vicente á fama dele, por ser parte na lingua do Brasil se ajuntou quasi toda a Capitania vespera da Circuncisão, e estando se representando á noite no adro da igreja, sobreveiu uma grande tempestade, pondo-se uma nuvem muito negra e temerosa sôbre o teatro e começou a lançar umas gôtas de água muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, até que acabou a obra com muito silêncio e todos se recolheram quietamente a suas casas e então descarregou com grandíssima tormenta de vento e chuva, e a gente movida com muita devoção ganhou o Jubileo, que era o principal intento da obra[182].

[...]

**[27.]** (*p. 477*) Algumas vezes, estando em Piratininga com poucos Irmãos, mais afastado de negocios, se metia na sacristia com um devoto amigo, que lhe tangia uma viola ás portas fechadas, e ele entretanto se estava desfazendo em lágrimas com muita serenidade. <...>

[...]

182 . Nota de CAPISTRANO DE ABRÊU, nesta edição (p. 483, nota 494): « O auto da *Prègação Universal* foi escrito por Anchieta para ser representado em São Vicente, a 31 de dezembro, véspera da Circuncisão »,

# 93

# GABRIEL SOARES DE SOUSA

## (? – após 1587)

**DOCUMENTO:** DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA DA AMÉRICA PORTUGUESA ou NOTÍCIA DO BRASIL ou TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL ou ROTEIRO GERAL DA COSTA DO BRASIL ou MEMÓRIAS HISTORI-COSMOGRÁFICAS DA BAHIA. 1º de março de 1587.

**TEXTO:** CLÁUDIO GANNS, na edição espanhola do manuscrito, ***Derrotero General de la Costa del Brasil y memorial de las grandezas de Bahia*** (Manuscrito del siglo XVI) (introduccion de Claudio Ganns; notas finales de F. A. Varnhagen), Madrid, Ediciones Cultura Hispanica, 1958, pp. XXII-XXIII, cita a existência de cerca de 29 apógrafos desse documento. Faz ainda um levantamento dos que foram editados, o qual traduzimos e simplificamos a seguir: 1) « *Descrição Geográfica da América Portuguesa* » (ed. de Frei CONCEIÇÃO VELOZO). Consta de 2 códices da Biblioteca do Porto, os MMSS 1041 e 614. Há também MS incompleto na Biblioteca del Museo Naval, Madrid, editado no Rio de Janeiro pelo Instituto Histórico Brasileiro, em 1937; 2) « *Notícia do Brasil* ». Título com que foi publicado na coleção "Notícias para a história das nações ultramarinas", Lisboa, 1825. É o mesmo dos MMSS da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, nº 2-351, da Biblioteca da Ajuda, Lisboa, nºs 51/IX/14 e 51/IX/15 e um dos MMSS da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, códice CXV/-1x12. Foi utilizado por Pirajá da Silva em sua edição de 1944 (?); 3) « *Tratado descriptivo do Brasil, em 1587* ». É o da edição de VARNHAGEN, na ***Revista do Instituto Histórico***, v. XIV, 1851, e em sua 2ª edição, Rio de Janeiro, 1879. Seguiu-a, com nome idêntico, a edição da Livraria Editora Nacional, São Paulo, 1938; 4) « *Roteiro geral com | largas informações de toda a | costa que pertence ao Estado do | Brasil e a descrição de muitos | lugares delle, especialmente da Bahia de Todos os Santos* ». Apógrafo português que consta do MS nº 119 da Biblioteca Municipal do Porto, de 2 MMSS da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, códices CXV/1-10 e CXV/1-11. Assim também os da Biblioteca Nacional de Madrid, MS 3007, "Derrotero y relación"; MS 3139, "Derrotero General"; MS 2939, "Derrotero General". Ainda na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, MMSS 51/IX/16 e 51/IX/28; 5) « *Memorias historia-cosmograficas de la Bahia de Todos los Santos – capital del Estado del Brasil, derrotero de toda su costa, rios, puertos y ensenadas y relación puntual de sus abundantes producción de frutas, metales y preciosidades, variedad de naciones, su carater, costumbres y gentilidades, y necesidad de ponerlas en estado de defensa. Escrito en idioma portugués. Año 1587 y traducido al castellano* ». Tradução espanhola da Biblioteca del Palacio Real, Madrid, MS 2657. Na edição que utilizamos, baseada na de VARNHAGEN, 1851, indica-se a utilização de vários manuscritos, explicitando-se apenas 3 da Biblioteca de Évora (não fornece localização), 3 da Biblioteca das Necessidades (fornece apenas o 1019/2) e outros 2 da Biblioteca do Porto (indicados apenas os de nº 119 e 1019/6). O original português, ofertado a Christóvão de Moura, Madrid, pelo próprio autor, até hoje não foi localizado. JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (***História da história do Brasil***, 1979, livro I, cap. I, nº 3, pp. 436-437) dá todas as edições conhecidas desse texto.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*op. cit.*, p. 433) informa: « Sabe-se agora seguramente que Gabriel Soares arribou ao Brasil em 1569. Segundo Frei Vicente do Salvador, veio em companhia de Francisco Barreto, de viagem para a Índia, e aqui ficou. Casou-se, fez-se senhor de engenho de açúcar no Rio Jequiriçá e aqui residiu durante dezessete anos, ou seja, até 1586, dedicando-se à lavoura e ao açúcar, no litoral. Tornou-se homem rico e poderoso, como prova o seu testamento feito na Bahia, aos 10 de agosto de 1584, de onde se vê que instituiu legados, deu várias esmolas, determinou que se rezassem inúmeras missas em seu sufrágio e de seus pais, e deu bens em usufruto a pessoas de sua família. Aí declarou também que era possuidor de fazenda de raiz, com escravos, bois de carga, éguas, outros móveis, índios forros, engenhos de açúcar, terrenos na cidade de S. Salvador e nos arredores e muitas casas e foros de casas ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** GABRIEL SOARES DE SOUSA – ***Notícia do Brasil***; comentários e notas de Varnhagen, Pirajá da Silva e Edelweiss. São Paulo, Moderatore et Auctore Edgard de Cerqueira Falcão, 1974. 404 pp. (Brasiliensa Documenta, v. 7).

PRIMEIRA PARTE

**ROTEIRO GERAL COM LARGAS INFORMAÇÕES DE TODA A COSTA DO BRASIL**

**Capítulo XIII.**

**Que trata da vida e costumes do gentio potiguar.**

[1.] <...> (*p. 15*) Cantam, bailam, comem e bebem pela ordem dos tupinambás, onde se declarará miudamente sua vida e costumes, que é quase o geral de todo o gentio da costa do Brasil.

**Capítulo XIX.**

**Que trata de quem são estes caetés, que foram moradores na costa de Pernambuco.**

[...]
[5.] <...> (*p. 20*) Por natureza são estes caetés grandes músicos e amigos de bailar[183], <...>
[...]

**Capítulo XXXIX.**

**Em que se declara quem são os tupiniquins e sua vida e costumes.**

[1.] <...> (*p. 36*) são valentes homens, caçam, pescam, cantam, bailam, como os tupinambás[184], <...>

**Capítulo XLV.**

**Em que se diz quem são os goitacases, e de sua vida e costumes.**

[...]
[2.] <...> (*p. 41*) Tem esse gentio muita parte dos costumes dos tupinambás assim no cantar, no bailar, tingir-se de jenipapo, na feição do cabelo da cabeça, e no arrancar os mais cabelos do corpo, e outras gentilidades muitas, que por escusar prolixidade, as guardamos para se dizerem uma só vez.

**Capítulo XLVI.**

**Em que se declara em suma quem são os papanases e seus costumes.**

[...]
[2.] <...> (*p. 42*) cantam e bailam; tem muitas gentilidades, das que usam os tupinambás; <...>

### Capítulo LVIII.

**Em que se declara quem é o gentio tamoio de que tanto falamos.**

[1.] <...> (*p. 50*) São havidos estes tamoios por grandes músicos e bailadores entre todo o gentio; os quais são grandes componedores de cantigas de improviso; pelo que são muito estimados do gentio, por onde quer que vão[165]. <...>

[...]

### Capítulo LXVIII.

**Em que se declara parte dos costumes dos carijós.**

[1.] <...> (*p. 56*) tem mais outras gentilidades, manhas e costumes, como os tupinambás, em cujo título se contam mui particularmente.

## SEGUNDA PARTE

**MEMORIAL E DECLARAÇÃO DAS GRANDEZAS DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS, DE SUA NOTAVEL FERTILIDADE E DAS NOTÁVEIS PARTES QUE TEM.**

### [SUB-PARTE I]

### Capítulo VIII.

**Em que se declara o sítio da cidade, da Sé por diante.**

[...]

[2.] <...> (*p. 65*) Serve-se nesta igreja [*Sé de Salvador*] o culto divino com cinco dlgnidades[166], seis cônegos, quatro capelaes, um cura e coadjutor, quatro moços de coro[167] e mestre da capela[168]; e muitos destes ministros não são sacerdotes; e ainda que são tão poucos, fazem-se nela os ofícios divinos com muita solenidade[169], <...>

### [SUB-PARTE II]

**DAQUI POR DIANTE SE TRATA DA VIDA E COSTUMES DO GENTIO DA TERRA DA BAHIA.**

### Capítulo CLI.

**Que se trata do sítio e arrumação das aldeias, e as quantidades dos principais delas.**

[1.] <...> (*p. 168*) e como escolhe o sítio a contentamento dos mais antigos, faz o principal sua casa muito comprida, coberta de palma, a que os índios chamam pindoba, e as outras casas da aldeia se fazem também muito compridas, e arrumadas de maneira que lhe fica no meio um terreiro quadrado, onde fazem seus bailes e ajuntamentos; <...>

### Capítulo CLVIII.

**Que trata do modo de comer e do beber dos tupinambás.**

[...]

[3.] (*p. 173*) Este gentio é muito amigo do vinho, assim machos, como fêmeas, o qual fazem de todos os seus legumes, até da farinha que comem; mas o seu vinho principal é de uma raiz a que chamam aipim, que se coze, e depois pisam-na tornam-na a cozer, e como é bem cozida, buscam as mais formosas moças da aldeia para espremer estes aipins com as mãos, e algum mastigado com a boca, e depois espremido na vasilha, que é o que dizem que lhe põem a virtude, segundo a sua gentilidade; a esta água e sumo destas raízes lançam em grandes potes, que para isso têm, onde este vinho se coze, e está até que se faz azedo; e como o está bem, o bebem com grandes cantares, e cantam e bailam toda uma noite às véspera do vinho, e ao outro dia pela manhã começam a beber, bailar e cantar; e as moças solteiras da casa andam dando o vinho em uns meios cabaços, a que chamam cuias, aos que andam cantando, os quais não comem nada enquanto bebem, o que fazem de maneira que vêm a cair de bêbados por esse chão; <...>

### Capítulo CLXII.

**Que trata das saudades dos tupinambás, e como choram e cantam.**

[...]

[3.] (*p. 175*) Os tupinambás se prezam de grandes músicos, e, ao seu modo, cantam com sofrível tom, os quais têm boas vozes; mas todos cantam por um tom, e os músicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que acabam no consoante do mote; um só diz a cantiga, e os outros respondem com o fim do mote, os quais cantam e bailam juntamente em uma roda, em a qual um tange um tamboril, em que não dobra as pancadas[190]; outros trazem um maracá na mão, que é um cabaço, com umas pedrinhas dentro, com seu cabo, por onde pegam; e nos seus bailes não fazem mais mudanças, nem mais continências que bater no chão com um só pé ao som do tamboril; e assim andam todos juntos à roda, e entram pelas casas uns dos outros; onde têm prestes vinho, com que os convidar; e às vezes andam um par de moças cantando entre eles, entre as quais há também mui gandes músicas, e por isso mui estimadas.

[4.] Entre este gentio são os músicos mui estimados, e por onde quer que vão, são bem agasalhados, e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrários, sem lhe fazerem mal.

### Capítulo CLXVII.

**Que se trata de como os tupinambás se aperceben para irem à guerra.**

[1.] <...> (*p. 178*) e como todos estão prestes de suas armas e mantimentos, às noites antes da partida [*para a guerra*] anda o principal pregando ao redor das casas, e nesta pregaçao lhes diz onde vão e a obrigação que têm de ir tomar vingança de seus contrários, pondo-lhes diante a obrigação que têm para o fazerem e para pelejarem valorosamente; prometendo-lhes vitória contra seus inimigos, sem nenhum perigo da sua parte, de que ficará deles memória para os que após eles vierem cantar em seus louvores; e que pela manhã comecem de caminhar. Os roncadores levam tamboril, outros levam buzinas[191], que vão tangendo pelo caminho, com que fazem grande estrondo, como chegam à vista dos contrários. <...>

### Capítulo CLXVIII.

**Que trata de como os tupinambás dão em seus contrários.**

[1.] <...> (*p. 180*) e ordenam-se de maneira que possam dar nos contrários de madrugada, e em conjunção de lua cheia, para andarem a derradeira jornada de noite pelo luar, e tomarem seus contrários desapercebidos e descuidados; e em chegando à aldeia dão todos juntos tamanho urro, gritando, que fazem com isso e com suas buzinas e tamboris grande espanto; e desta maneira dão o seu assalto nos contrários; <...>

[...]

### Capítulo CLXX.

**Em que se declara como o tupinambá que matou o contrário, toma logo nome, e as cerimônias que nisso fazem.**

[1.] (*p. 181*) Costuma-se entre os tupinambás, que todo aquele que mata contrário, toma logo nome entre si, mas não o diz senão a seu tempo, que mando fazer grandes vinhos; e como estão para se poderem beber, tingem-se à véspera à tarde de jenipapo, e começam à tarde a cantar, e toda a noite, e depois que têm cantado um grande pedaço, anda toda a gente da aldeia rogando ao matador, que diga o nome que tomou, ao que se faz de rogar, e tanto que o diz, se ordenam lodo novas cantigas fundadas sobre a morte daquele que morreu, e em louvores do que matou, o qual, como se acabam aquelas festas e vinhos, se recolhe para a sua rede, <...>

[2.] <...> e como o matador faz estas festas deixa crescer o cabelo por dó alguns dias, e como é grande, ordena outros vinhos para tirar o dó; ao que faz suas vésperas cantadas, <...>

[...]

### Capítulo CLXXII.

**Que trata da festa e aparato que os tupinambás fazem para matarem em terreiro seus contrários.**

[1.] (*p. 182*) Como os tupinambás vêem que os contrários, que têm cativos, estão já bons para matar, ordenam de fazer grandes festas a cada um, para as quais há grandes ajuntamentos de parentes e amigos, que para isso são chamados de trinta a quarenta léguas, para a vinda dos quais fazem grandes vinhos, que bebem com grandes festas; mas fazem-nas muito maiores para o dia do sacrifício do que há de padecer, com grandes cantares, e à véspera em todo dia cantam e bailam, e ao dia se bebem muitos vinhos pela manhã, com motes que dizem sobre a cabeça do que há de padecer, que também bebe com eles. E os que cantam fundam nesta festa suas cantigas vituperando o que há de padecer e exalçando o matador, dizendo suas proezas e louvores; <...> (*p. 183*) e como estes cativos vêem chegada a hora em que hão de padecer, começam a pregar e dizer grandes louvores de sua pessoa, dizendo que já está vingado de quem o há de matar, contando grandes façanhas suas e mortes que deu aos parentes do matador, ao qual ameaça e a toda a gente da aldeia, dizendo que seus parentes o vingarão. <...>

### Capítulo CLXXIII.

**Que trata de como se enjeita e aparata o matador.**

[1.] <...> (*p. 183*) e como o matador está prestes para receber esta honra, que entre o gentio é a maior que pode ser, ajuntam-se seus parentes e amigos, e vão-no buscar em sua casa; donde o vêm acompanhando com grandes cantares e tangeres dos seus búzios[182], gaitas e tambores, chamando-lhe bemaventurado; pois chegou a ganhar tamanha honra, como é vingar a morte de seus antepassados e de seus irmãos e parentes; e com este estrondo estra no terreiro da execução, onde está o que há de padecer, <...>

### Capítulo CLXXV.

**Que trata das cerimônias que os tupinambás fazem quando morre algum, e como os enterram.**

[...]

[2.] (*p. 184*) E quando morre algum principal da aldeia em que vive, e depois de morto (*p. 185*) alguns dias, antes de o enterrarem, fazem as cerimônias seguintes. <...> armam-lhe sua rede embaixo de maneira que não toque o morto no chão; em a qual rede o metem assim enfeitado, e põe-lhe junto da rede seu arco e flechas, e a sua espada, e o maracá com que costumava tanger, <...>

### Capítulo CLXXVI.

**Que trata do sucessor ao principal que morreu, e das cerimônias que faz sua mulher, e as que se fazem por morte dela também.**

[...]

[3.] (*p. 185*) Costumam os índios, quando lhe morrem as mulheres, deixarem crescer o cabelo, no que não tem tempo certo, e tingem-se do jenipapo por dó; e quando se querem tosquiar, se tornam a tingir de preto à véspera da festa dos vinhos, que fazem a seu modo, cantando toda a noite, para a qual se ajunta muita gente para esses cantares, e o viúvo tosquia-se à véspera à tarde, e ao outro dia há grandes revoltas de cantar e bailar, e beber muito; e o que neste dia mais bebeu fez mor valentia, ainda que vomite e perca o juizo. Nestas festas se cantam as proezas do defunto ou defunta, e do que tira o dó, e o mesmo dó tomam os irmãos, filhos, pai e mãe do defunto, e cada um por si faz sua festa, quando tira o dó apartado, ainda que o tragam por uma mesma pessoa; <...>

## [SUB-PARTE III]

**DAQUI POR DIANTE SE VAI CONTINUANDO COM A VIDA E COSTUMES DOS TUPINAÉS E OUTRAS CASTAS DE GENTIO DA BAHIA QUE VIVE PELA TERRA DENTRO DO SEU SERTÃO, DOS QUAIS DIREMOS O QUE PUDEMOS ALCANÇAR DELES; E COMEÇANDO LOGO NOS TUPINAÉS.**

### Capítulo CLXXIX.

**Que trata de alguns costumes e trajes dos tupinaés.**

[...]

[2.] <...> (*p. 187*) são músicos de natureza, e grandes cantores de chacotas, quase pelo modo dos tupinambás; bailam, caçam e pescam, como eles, <...>

[...]

[4.] <...> (*p. 188*) e na guerra usam dos mesmos tambores, trombetas, buzinas que costumam trazer os tupinambás; <...>

[5.] <...> Costumam estes índios nos seus cantares tangerem com um canudo de uma cana de seis a sete palmos de comprido, e tão grosso que cabe um braço, por grosso que seja, por dentro dele; o qual canudo é aberto pela banda de cima, e quando o tangem vão tocando com o fundo do canudo no chão, e toa tanto como os seus tambores, da maneira que os eles tangem[103].

[...]

### Capítulo CLXXXI.

**Que trata da vida e costumes dos amoipiras.**

[...]

[4.] <...> (*p. 189*) e usam na guerra tambores que fazem de um só pau, que cavam por dentro com fogo tanto até que ficam muito delgados, os quais

toam muito bem[184]; na mesma guerra usam de trombetas que fazem de uns búzios grandes furados, ou de cana da perna das alinárias que matam, a qual lavram e engastam em um pau. <...>

[SUB-PARTE IV]

## COMEÇA A VIDA E OS COSTUMES DOS TAPUIAS.

### Capítulo CLXXXIV.

**Que trata de quem são os tapuias, que são os maracás.**

[...]

[2.] (*p. 191*) Quando estes tapuias [*maracás*] cantam, não pronunciam nada, por ser tudo garganteado, mas a seu modo; são entoados e prezam-se de grandes músicos, a quem o outro gentio folga muito de ouvir cantar. <...>

[...]

### Capítulo CLXXXV.

**Em que se declara o sítio em que vivem outros tapuias, e de parte de seus costumes.**

[1.] (*p. 191*) Pelo sertão da mesma Bahia, para a banda do poente oitenta léguas do mar, pouco mais ou menos, estão umas serras que se estendem por uma banda e para a outra, e para o sertão mais de duzentas léguas, tudo povoado de tapuias contrários destes de que até agora tratamos, que se dizem os maracas, mas todos falam, cantam e bailam de uma mesma feição, e têm os mesmos costumes no proceder da sua vida e gentilidade, com muito pouca diferença.

[...]

### Capítulo CLXXXVI.

**Em que se declaram alguns costumes dos tapuias destas partes.**

[1.] (*p. 192*) Estes tapuias, que vivem nesta comarca, são muito músicos, e cantam pela maneira dos primeiros; <...>

[...]

184. ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO («Novo orbe seráfico brasílico, preâmbulo, digressão I, estância III, § 16, pp. 11-12), baseado neste autor, afirma: « Eraõ estes Cayetes grandes musicos, e bailadores, com as outras Gentilidades communs aos mais, e da mesma lingua geral ».

184 . ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO ♦ (**idem**, estância V, § 18, p. 13) declara que « tinhaõ as mesmas Gentilidades dos Tupynambás seus vizinhos, e de quem se faziaõ tambem parentes, cantar, bailar, e beber ».

185 . ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO ♦ (**ibidem**, estância IX, § 22, p. 17) acrescenta uma informação interessante ao texto de G. SOARES DE SOUSA: « Eraõ ouvidos estes Tamoyos por grandes musicos, e bailadores entre todo o mais Gentio. Foraõ elles os primeiros que gostarão das celebradas agoas das correntes do Carioca do Rio de Janeiro, e experimentaráõ melhor os seus effeitos, e por isso eraõ estimados do mais Gentio onde se achavaõ, e porque ao som da voz compunhaõ tambem suas cantigas, e chançonetas, que ao seu modo rustico repetiaõ com singular donaire, e graça ».

186 . Uma das **dignidades** é o **chantre** que, em uma catedral, desempenha importante papel na execução da musica para as funções religiosas.

187 . Os dois primeiros **moços do coro** da Sé de Salvador (**João**, filho de João Velho e **Diogo**, filho de Matheus de Juro), são nomeados em 17 de agosto de 1552 (**Documentos Históricos ♦** , v. XXXV, 1937, pp. 131-132). Em 31 de março de 1554 é apresentado **Simão de Oliveira**, filho de Antonio de Oliveira (**idem**, pp. 219-221) e, em 27 de abril do mesmo ano, é apresentado **Diogo**, filho de Diogo Rodrigues (**idem**, pp. 221-222). Uma carta régia de 14 de setembro de 1559 (**idem**, v. XXXVI, 1937, pp. 13-15) determina que haja quatro, e não dois **moços do coro**, que passariam a receber 6$000 réis por ano, em lugar dos 2$000 que recebiam anteriormente. No entanto, parece que dois desses quatro moços do coro devem ter abandonado suas funções, uma vez que a 18 de dezembro de 1559 são nomeados **Felipe** e **Belchior** nos cargos vacantes (**idem**, v. XXXVI, 1937, p. 47). Curiosamente, o mesmo **Diogo**, filho de Diogo Rodrigues, volta a ser nomeado em 19 de dezembro de 1559, para receber 6$000 réis por ano (**idem**, pp. 91-92). Um documento de 10 de junho de 1560 (**idem**, p. 97) ainda fala em « dois Moços do Coro novos » e « outros 2 velhos », mas, a partir de 4 de janeiro de 1561 (**idem**, pp. 98), a documentação se refere sempre a quatro moços, sem dar seus nomes. A última notícia sobre esses músicos no séc. XVI que encontramos nos **Documentos Históricos** é de 12 de fevereiro de 1563, quando ainda recebiam 6$000 réis por ano, pagos à razão de 2$000 réis por quadrimestre (**idem**, pp. 102-103). A julgar por seus nomes, esses meninos eram filhos de portugueses, diferentemente dos **moços do coro** das capelas jesuíticas, que eram meninos índios.

188 . O cargo de **mestre de capela** da Sé de Salvador foi oficialmente instituído em 25 de junho de 1559 (**Documentos Históricos ♦** , v. XXXVI, 1937, pp. 92-93), mas **João Lopes**, que a 16 de maio de 1554 é apresentado na dignidade de Chantre, por falecimento de Francisco de Vacas (**idem**, v. XXXV, 1937, pp. 216-217), já era chamado de « Mestre da Capella » em 3 de agosto de 1553 (**idem**, v. XIV, 1929, p. 363 e v. XXXVIII, 1937, p. 176). Em todo o caso, é possível que em 1587 esse cargo ainda fosse ocupado por **Bartholomeu Pires**, que, pela documentação que possuímos, foi, efetivamente, o primeiro **mestre de capela** da Sé de Salvador.

189 . FRANCISCO ADOLFHO DE VARNHAGEN (**História Geral do Brasil**, v. I, 1854, seção XXIII, p. 298) comenta este trecho: « -Tinha já a cidade do Salvador [em 1587] bons edificios, porém a sé estava, como a de Pernambuco, por concluir. Havia nella cinco dignidades, seis conegos, dois meios conegos, quatro capellães, um cura e coadjutor, quatro moços de coro e mestre de capella, dos quaes muitos não eram sacerdotes, em geral mais mal pagos que os capellães dos engenhos; cujos logares os ecclesiasticos preferiam ».

190 . LUIS DA CÂMARA CASCUDO (**Dicionário do folclore brasileiro**, 1988, p. 737) faz uma observação sobre esta afirmativa: « Parece-me que o testemunho de Gabriel Soares de Sousa é meridiano. O não dobrar a pancada creio referir-se à função simples do tamboril marcar o compasso, como os nossos **surdos** atuais, mesmo das bandas musicais militares, e não o não ser tocado por uma vaqueta apenas, como pensou Métraux ».

191 . O "corno ou vozina" de PERO VAZ DE CAMINHA ♦ (carta, 1500, § 9) e as "buzinas" ou "bozinas" de que falam GABRIEL SOARES DE SOUSA ♦ (**Notícia do Brasil**, 1587, cap. CLXVII), VICENTE DO SALVADOR ♦ (**História do Brasil**, 1627, livro I, cap. XVI, § 3), ANTONIO VIEIRA ♦ (carta de 28 de novembro de 1659, § 13), JOÃO FELIPE BETTENDORF ♦ (**Crônica**, de 25 de maio de 1698, livro III, cap. IX, § 2 e cap. XV, § 1), RAFAEL DE JESUS ♦ (**Castrioto lusitano**, 1697, parte I, livro II, § 23) e ANDRÉ DE BARROS ♦ (**Vida do apostólico padre Antônio Vieira**, 1746, livro III, § II e § XLII) parecem se denominações portuguesas para uma classe de instrumentos de sopro indígenas, e não apenas para um único tipo. Os termos tupis que podem se enquadrar na designação portuguesa **buzina** são **guatapy**, **guatapyguasso**, **mimbyapara**, **mimbyguassu** e **urugué**.

192 . Como no caso da **buzinas**, a que GABRIEL SOARES DE SOUSA se refere no cap. CLXVII, esta denominação para instrumentos de tupinambás e amoipiras também é utilizada por outros autores portugueses. Os termos tupis que mais se aproximam ao que esses autores utilizam são **guatapy**, **guatapyguassu** e **urugué**. MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, pp. 75-76) traz boas informações sobre os **búzios** entre os indígenas do Brasil.

193. LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (**Dicionário do folclore brasileiro**, 1988, p. 111) identifica este instrumento pelo termo genérico **bastão de ritmo**. MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 500), citando RENATO ALMEIDA (**História da música brasileira**, 1942, parte I, cap. I, p. 39) e este fragmento de GABRIEL SOARES DE SOUSA, sustentam a designação **bastão de ritmo** para este tipo de instrumento, classificando-o como **taquara**. A carta dos MENINOS ÓRFÃOS, por FRANCISCO PIRES * (5 de agosto de 1552, § 12), informa que os meninos assistiram ao ritual indígena na "Aldeia do Grillo", onde os tupinambás « cantaron y tañeron con tacuaras, que son unas cañas grosas con que dan en el suelo y con el son que hazen cantan ».

194. Este tipo de **tambor** parece ser o mesmo que descreve MAURÍCIO DE HERIARTE * (Descrição, de 1662, cap. XVII, § 16), entre os Cambebas amazonenses: « trombetas de tristíssimo som, feitas de tabocas, que são humas canas grossas ocas por dentro, por ser o buraco pequeno, e com uns paos cobertos de resina os tocão como atabales, que se ouvem muito longe ». FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN (in ed. de HERIARTE, p. 81) informa serem estes instrumentos chamados de **trocanos**. O termo, contudo, não foi encontrado na documentação do período.

# 94

# [SIMÃO TRAVASSOS]

## (c. 1543 - 1618)

**DOCUMENTO: SUMÁRIO DAS ARMADAS.** Entre 1587 e 1589.

**TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA:** O documento foi publicado na RIHGEB vol. XXXVI, parte 1, pp. 5-89, com o título « *Summario das armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do rio Parahyba. Escripto e feito por mandado do muito reverendo padre em Christo, o padre Christovão de Gouvêa, visitador da companhia de Jesus de toda a provincia do Brasil* ». Na p. 5 da revista consta a seguinte nota: « Copia do original existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, offerecida ao Instituto pelo Sr. Antonio Henriques Leal ». O documento não indica autor e a última data que aparece no texto é (p. 84) « fim do mez de Janeiro de 87 ».

**AUTOR:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro 10, cap. II, nº 2, pp. 45-451, discute a autoria deste escrito, apresentando informações que apontam na direção de Simão Travassos. Na p. 451 comenta: « O 'Sumário' deve ter sido escrito entre 1587 e 1589, quando Simão Travassos tinha 44 para 46 anos. Ele nascera cerca de 1543 e faleceu em 1618, com 75 anos ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** *Revista Trimestral do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*. vol. XXXVI, parte I. Rio de Janeiro, B. L. Garnier - Livreiro Editor, 1873. 392 pp.

**CAPITULO XXII - Como destruida a copaoba foram ao Tejucupapo, aonde tiveram a maior briga de todas.**

[1.] <...> (*p. 74*) e por mais pressa que se por na dianteira sentirem grande volta não havia remedio [*em novembro ou dezembro de 1586*], e tambem por apparecerem por outras partes á roda inimigos temeram outra tal á retaguarda, que trazia Misse Hyppolito e Pero Lopes, e assim lhes mandou o ouvidor-geral que tocassem os seus tambores e trombetas, com que se tudo alvoroçou. Indo n'isto, vieram dar recado ao ouvidor-geral acudisse á vanguarda que estava desbaratada e para dar volta e que na cerca havia francezes com bandeira e tambor com muitos **Pitiguares**, e não tenho duvida que muitos se souberam a terra, com tal nova viraram as costas; <...> (*p. 79*) Aqui tambem morreu o alferes francez, que na cerca ficou estirado com a sua bandeira e tambor, que hoje está no Parahyba. <...>

**CAPITULO XXIV - Como despedida a gente o ouvidor geral fez o forte de S. Sebastião.**

[...]

[2.] (*p. 88*) Tenho acabado e cumprido com o preceito da obediencia V.P. me perdoe não lhe dar aqui conta das curiosidades d'esta terra, <...> nem dos muitos generos de cobras <...> e as que chamam cobras de cascavel, porque trazem cascaveis naturaes ao pescoço e ao longe soam, aviso da natureza para fugirmos d'ellas, por que são venenosas em extremo, e mordendo tiram logo a vista, e de cujas mordeduras poucos escapam com vida. <...>

# 95

## [FRANCISCO SOARES]

## (c. 1560 – 1597)

**DOCUMENTO: ALGUMAS COUSAS MAIS NOTAVEIS DO BRASIL E ALGUNS COSTUMES DOS INDIOS.** [1590]

**TEXTO:** Original [?] em português. Biblioteca da Real Academia de História de Madrid, **Jesuítas,** tomo 119 MS 234, ff. 1020r-1026r. Título: « De alguãs Cousas mais | notaueis do brasil e de | alguñs costumes dos | Indios ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** A edição que utilizamos é a única conhecida deste texto.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Segundo A. G. CUNHA, p. XII (Baseado em SERAFIM LEITE – **História da Companhia de Jesus no Brasil**, v. IX, 1949, p. 139), o padre FRANCISCO SOARES « nasceu em Ponte de Lima, por volta de 1560, e faleceu em Bragança, a 13 de Novembro de 1597. Entrou para a Companhia de Jesus no ano de 1575. Sabia a língua brasílica e, em 1589, acompanhou o Visitador Cristóvão de Gouveia na sua volta a Portugal, caindo em mãos de piratas ». Foi SERAFIM LEITE quem atribuiu a autoria do manuscrito a FRANCISCO SOARES.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** **Coisas notáveis do Brasil**; apresentação e introdução de A. G. Cunha. Lisboa, Instituto Nacional do Livro e MEC, 1966, v. 1, XXIV, 209 p. (Dicionário da Língua Portuguesa. Textos e Vocabulários, v. 6).

**LEITURA ATUAL:** PAULO CASTAGNA.

### TEXTO

[...]

[12.] [*f. 1021v*] Onde rezidem os nossos em suas aldeas communmte tem missa cantada | em canto de orgaõ os quais saõ mui inclinados a cantar he mossos | q' não chegam a 5 annos (e se os naõ vira, e o padre Cristouaõ de | gouuea boa testª naõ o crera q' cantam mto destros seus tipres as missas e | mais motetes e escasamte sabem ler tomam seus ditos e representaõ obras | ẽ portuges cõ certa graca no pronunciacam q' certo he pª ver e asim | os g.des e gente principal quando vai ao choro os tem no collo como cousas | de espanto q' asim o he alguñs tangẽ e dancam .s. viola, frautas 7 iun|tas, cravo, e orgaõs e o q' lhes ensinam tudo tomam.

[13.] Estes cantores todos andaõ vestidos os mais delles de

### TRADUÇÃO

[...]

Onde residem os nossos [*catecúmenos, da Companhia de Jesus*] em suas aldeias, comumente tem missa cantada em canto de órgão, os quais são mui inclinados a cantar. Há moços que não chegam a 5 anos (e, se eu os não vira, e o padre Cristóvão de Gouveia, boa testemunha, não o creríamos) que cantam muito destros seus tiples às missas e mais motetes, e escassamente sabem ler. Tomam seus ditos [*papéis*] e representam obras em português com certa graça na pronunciação, que certo é para ver. E assim, os grandes e gente principal, quando vão ao coro [*da igreja*], os tem no colo como coisas de espanto, que assim o é. Alguns tangem e dançam, a saber, viola, flautas 7 juntas[179], cravo e órgãos e o que lhes ensinam tudo tomam.

Estes cantores todos andam vestidos os mais deles de seda e os

seda e os mais das | aldeas todos tem suas roupas cõ q^e^ elles folgam e vaõ trabalhar logo 6. | meses aos portugezes por ellas e se andão Nus ẽ suas terras sendo gentios he | por naõ ter de q^e^ fazer roupas nem serto estranhaõ la isso q^e^ andaõ | ẽ sua inocentia e naõ lhes falta senaõ gente q^e^ cõ zelo os va buscar | e trazer p^a^ os doutrinar, pois tanto se faz cõ elles.

[...]

mais das aldeias todos têm suas roupas com que eles folgam e vão trabalhar logo 6 meses aos portugueses por elas. E se andam nús em suas terras sendo gentios, e [*também*] por não terem de que fazer roupas, nem certo estranham lá isso, [*pois*] que andam em sua inocência e não lhes falta senão gente que com zelo os vá buscar e trazer para os doutrinar, pois tanto se faz com eles.

[...]

195 . **Flautas 7 juntas** parece ser termo análogo a **órganos que tañen con la boca** de GASPAR DE CARVAJAL (*Descubrimento*, de 1542, § 43) e siringe ou **flautas de Pã**, encontrados entre os musicólogos. Seriam instrumentos comuns entre os índios já no séc. XVI, como informa C. F. ALMEIDA PRADO (*História da formação da sociedade brasileira*, 1954, cap. IV, p. 215): « As danças necessitavam instrumentos de música, que variavam de tribu para tribu, no geral improvizados segundo inspiração própria, ou por imitação de visinhos. As canas dos brejos foram aproveitadas, e pela natural sequência dos fatos, criaram repetições, como a flauta de Pan encontrada entre os Parintintins ».

# 96

## JOSÉ DE ANCHIETA
## (1534 – 1597)

**DOCUMENTO: CARTA AO CAPITÃO MIGUEL DE AZEVEDO, ESPÍRITO SANTO.** Bahia, 1º de setembro de 1592.

**TEXTO:** Autógrafo em português. Archivum Romanum Societatis Iesu, **Epp. NN.** 95, ff. 123r-126r. Cópia autêntica do original, retido em Évora por D. Cândida Josefa Rolim de Azeredo, lavrada a 21 de janeiro de 1730, por Manuel Soares da Cunha, notário apostólico, para remeter-se a Roma, à Congregação dos Ritos.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, na edição abaixo citada (p. 394), relaciona as edições conhecidas desta carta.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** JOSEPH DE ANCHIETA – *Cartas / Correspondência Ativa e Passiva*; pesquisa, introdução e notas Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J.. São Paulo, Edições Loyola, Vice-Postulação da Causa de Canonização do Beato José de Anchieta, 1984. (Obras completas, v. 6) doc. 56; « Carta do P. Anchieta ao Capitão Miguel de Azevedo, Espírito Santo. Bahia, 1º de setembro de 1592 », pp. 394-402.

[...]

7. <...> (*p. 39*) E foi o caso que o Rocha [*de Sá*] era favorecido do Mestre da Capela [*Bartolomeu Pires* 196]e lhe dava de comer. <...>

[...]

196 . Segundo nota de HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, nesta edição (por informação de A. DE ALCÂNTARA MACHADO – Anchieta na Capitania de São Vicente. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 159: 5-94, 1929), o **mestre de capela** nessa época seria **Bartolomeu Pires**. Se este dado estiver correto, **Bartolomeu Pires** estaria no cargo desde que o mesmo foi criado, em 15 de junho de 1559 (**Documentos Históricos** ♦ , v. XXXV, 1937, pp. 92-93).

# 97

# [FRANCISCO SOARES]

## (c. 1560 – 1597)

DOCUMENTO: ALGUMAS COISAS MAIS NOTÁVEIS DO BRASIL. [Entre 1591 e 1596].

TEXTO: Original [?] em português. Biblioteca da Universidade de Coimbra, MS nº 54, pp. 1-91. Título: + JESV | De algũas Cousas mais notaveis do Brazil +.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A edição de A. G. CUNHA, citada logo abaixo, é a única conhecida deste texto.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Coisas notáveis do Brasil; apresentação e introdução de A. G. Cunha. Lucas, Instituto Nacional do Livro e MEC, 1966, v. 1, XXIV, 209 pp. (Dicionário da língua portuguesa. textos e vocabulários, v. 6).

LEITURA ATUAL: PAULO CASTAGNA.

### TEXTO

**Cap. 2. donde dizẽ ter esta p'ua prĩcipio**

[1.] [*p.* *27*] (*p.* *83*) Sabẽ estes Jndios q' o homẽ tẽ alma e depois | de o homẽ morrer dizem q' se ha de tornar diabo de | q' elles tẽ grande medo e chamaõ lhe m$^{tos}$ nomes | .s. Cururupeba anhãgua Tagoupitanga | algũs Jndios os tẽ nos caminhos pĩtados | e dizẽ se lhes naõ offeressẽ algũa cousa q' | an de morrer e as uezes cuidaõ nisto e morrẽ | por terẽ grande eficazia na imaginação

[2.] Outros dizẽ q' depois de morrerẽ vaõ | suas almas a hũs campos m$^{to}$ fermosos cheos | de aruores e figeiras e se ajũtaõ cõ outros | [*p.* *28*] (*p.* *85*) doutra naçaõ mas os vẽ afastados e q' la naõ aj tristeza se naõ cantar e bailar jũto do Rjo <...>

[...]

**Dos costumes e cazam$^{tos}$ Cap. 22**

[1.] [*p.* *31*] (*p.* *91*) O gentio do brazil antes q' caze pr$^{o}$ ha de

### LEITURA ATUAL

**Cap. 2. De onde dizem ter princípio esta província**

Sabem estes índios que o homem tem alma, e depois de o homem morrer, dizem que se há de tornar diabo, de que eles têm grande medo, e chamam-lhe de muitos nomes, a saber: Cururupeba, anhanda, Tagupitanga. Alguns índios os vêem pelos caminhos pintados, e dizem [*que*] se lhes não oferecem alguma coisa, que hão de morrer, e às vezes se ficam nisto e morrem por ter grande eficácia sua imaginação.

Outros dizem que depois de morrerem vão suas almas a uns campos muito formosos, cheios de árvores e figueiras, e se juntam com outros de outra nação, mas os vêem afastados, e que lá não haverá tristeza se cantarem e bailarem junto ao rio.

**Dos costumes e casamentos. Cap. 22.**

O gentio do Brasil, antes que case, primeiro há de matar em

Matar | em guerra e a molher depois de lhe vir seu costume | dahi a tres annos caza cõ o matador e fazẽ | grandes festas de v° cantar e bailar <...>

guerra. E a mulher, depois de lhe vir [ao] seu costume, daí a tres anos, casa com o matador, e fazem grandes festas de vinho, cantar e bailar. <...>

[...]

**Como os armaõ Caualeiros Cap. 23**

**Como os armam cavaleiros. Cap. 23.**

[...]

[2.] [p. 32] (p. 33) Q^do^ mataõ naõ entraõ logo naldea ficaõ em | huã cabana ate 4 dias q' se estaõ bẽ co|zẽdo os v^os^ então os velhos o vaõ buscar | sẽ balhos mas ẽ emtrãdo na aldea as velhas | e moços cantãdo e nomeando m^tas^ vezes o nome | q' tomou vaisse asẽtar ẽ sua casa vẽ alli | hũ como padrinho cõ huã espada <...> | m^to^ galante e como quẽ esgrimi lha mete na | maõ e elle a poẽ debaixo dos pess e assi ha | de matar outros lhe botaõ hũ colar de cõtas | brancas ao pescoço de ossos de onças p^a^ | q' corra a matar o cõtrario ou fugir q^do^ cõuẽ | como onça

[...]

Quando matam, não entram logo na aldeia. Fizam em uma cabana até 4 dias, [em] que se estão bem cozendo os vinhos. Então os velhos o vão buscar sem bailos, mas entrando na aldeia as velhas e moças cantando; e nomeando muitas vezes o nome que tomou, vai se assentar em sua casa [e] vem alí um [*homem*] como padrinho com uma espada <...> muito galante e, como quem esgrime, lha mete na mão, e ele a põe debaixo dos pés, e assim há de matar. Outros lhe botam um colar de contas brancas ao pescoço, de ossos de onças, para que corra a matar o contrário ou fugir quando convém, como onça.

[3.] O 2° caualr° he q^do^ an de matar em terreiro os | contr^os^ q' elle toma ou o pay da ao f° p^a^ que | mate e tome o nome a estas festas vẽ m^tos^ de lõge | cõ v^os^ e q^do^ he tapuja ou prĩcipal vẽ de m^to^ | mais lõge a v' as festas e o q' 1° lhe toca na gerra | ou o frecha desse ha de ser e o mesmo he da | cassa porcos &c.

O segundo cavaleiro é [*para*] quando hão de matar em terreiro os contrários que ele toma, ou [*para quando*] o pai determina ao filho que mate e tome o nome a estas festas. Vêm muitos de longe com vinhos, e quando é tapuia ou principal, vêm de muito mais longe a ver as festas. E o que primeiro lhe toca na guerra ou o flecha, desse há de ser [*o nome*], e o mesmo é da caça, porcos, etc.

[4.] Antes q' chegue a aldea lhe fazẽ huã cabana | e vẽ alli as molheres todas a tomar nome nelle | porq' lhe daõ pancadas e punhadas e depois o | tinge cõ huã tinta m^to^ preta de ginipapo | e almecega e ao outro dia entra naldea cõ | cordas bẽ amarrado e vai cõ quẽ o tomou logo | lhe | da a f^a^ se a tẽ p' molhar e pera ter cuidado delle | ou parẽta mais chegada inda q' seja virgẽ | e se an f^os^ della mataõ nos e tomaõ nome e | tẽ pera si q' as molheres naõ tẽ nelles nada | loguo depois q' vẽ cõ os tangeres lhe mos|traõ o q' ha de matar e lhe daõ

Antes que [*o prisioneiro*] chegue à aldeia, lhe fazem uma cabana, e vêm alí as mulheres todas a tomar nome nele, porque lhe dão pancadas e punhadas e depois o tingem com uma tinta muito preta de genipapo e almecega. E ao outro dia entra na aldeia, com cordas bem amarrado, e vai com quem o tomou. Logo [*que o tomou*] lhe dá a filha, se a tem, por mulher, para ter cuidado dele, ou parenta mais chegada, ainda que seja virgem. E se [*nascem*] filhos dela, matam-nos, e tomam nome, e têm para si que as mulheres não têm neles nada. Logo

sertos pera | lhe caçar e sostetar do q' elle dezejar e assi | esta gordo porq' as vezes passaõ 2 annos | prº q' o matẽ q' vaõ apelidando gẽte pª a | festa nẽ lhe daõ tristeza nhuã gᵈᵒ saem | a tereyro pª o matarẽ elle vẽ fazẽdo o | moitĩ e atirãdo cõ fruita muj feros e assi | duraõ as vezes 4 e 5 dias as festas <...>

depois que vem com os tangeres lhe mostram o que o ha de matar e lhe dão certos [*homens*] para caçar e sustentar do que ele desejar. E assim está gordo, porque às vezes passam 2 anos primeiro que o matem, que vão apelidando gente para a festa, [*e*] nem lhe dão tristeza nenhuma. Quando saem a terreiro para o matarem, ele vem fazendo o motim e atirando frutas mui feroz. E assim duram às vezes 4 e 5 dias as festas. <...>

[Lº 2º dos animais]

[Livro segundo dos animais]

## Peixe viola

[*p. 81*] (*p. 191*) Ha hũ peixe mᵗᵒ fermoso a modo de laude e | tẽ o espelho na boca

## Peixe-viola [197]

Há um peixe muito formoso ao modo de alaúde[198], e tem o espelho[199] na boca.

197 . Vários autores, como RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VIII, 1721, p. 509), ANTONIO DE MORAES SILVA (**Dicionário da língua portuguesa**, 1789, v. II, p. 528), FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (**Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa**, 1863, p. 967) e DOMINGOS VIEIRA (**Grande dicionário português**, v. V, 1874, p. 958) indicam a existência de um peixe com o nome de viola. O primeiro declara: « Viola. Peyxe dos mares do Brasil, a que os Portuguezes derão este nome por ter alguã semelhança com a viola, que costumão tocar. O Gentio do Brasil lhe chama **Puraque**. He largo, pouco grosso, & cartilaginoso. Amplamente o descreve Jorge Maregravio, **Histor. Piscium, lib. 4, cap. 6**. Entre outras cousas, que delle conta, diz, que a cabeça deste peyxe sendo fresca, ou de noite, que a carne delle não se come, & quem come della, pelo espaço de tres horas fica como doudo, & depois naturalmente torna em si ». A descrição de GEORGE MARCGRAF, resumida por BLUTEAU, concorda com as características dos peixes americanos da famílias **Gymnotidae** e **Electroforidae**, que recebem o nome vulgar de poraquês. Mas tal peixe, além de não ser cartilaginoso, é alongado, não permitindo qualquer associação à forma da viola. O excelente trabalho de JOSÉ CERQUEIRA CAPELLE (**Contribuição indígena ao Brasil**, 1980, v. III, pp. 1077-1078) traz um estudo acurado do termo **poraquê**, que identifica com o **Electrophorus electricus** Lin. (família dos Eletroforídeos), citando, inclusive, 6 autores antigos. Não dá, contudo, qualquer notícia do nome **viola** ou **peixe-viola** para essa espécie. BLUTEAU e os dicionaristas da língua portuguesa que o citam [nos verbetes "viola"], além de alguns tupinólogos (nos verbetes "poraquê" ou "puraquê"] estão enganados. O ictiólogo WAGNER INTELIZIANO (FMVZ-USP) informa que no TERMINAL PESQUEIRO DE SANTOS-SP, adota-se o termo **viola** para uma espécie de cação (tubarão) encontrada naquela região, além de **violinha** para as espécies pequenas. De fato, MANUEL PEREIRA DE GODOY (**Peixes do Estado de Santa Catarina**, 1987, cap. 16, p. 280, nº 44) aponta a existência de um "cação-viola", ou "viola", o **Rhinobatos percelleos** (Walbaum, 1792), **Rhinobatidae**. Segundo o autor, « Este cação pode crescer até 1 m de comprimento total. Habita em águas costeiras e vive em quase todo o Atlântico ». A publicação **Sharks of the World** (1984, v. IV, parte 1, pp. 139-153) relaciona espécies conhecidas da ordem **Squatiniformes** (que inclui a família **Rhinobatidae**), cujas formas admitem perfeitamente comparação com a viola quinhentista. Há, na obra citada, bons desenhos desses peixes para confirmar essa associação.

198 . O a modo de laude à confirma, para a palavra **viola**, tratar-se de instrumento de cordas pulsadas, e não friccionadas com arco, caso em que usaríamos os termos **viola d'arco**, **rebeca** ou **rabeca**, como se observa, entre outros, em FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (**Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa**, 1863, p. 967).

199 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. III, 1713, p. 268) informa: « Espelho de viola. Chapa de pergaminho, redonda, lavrada ao pique, que antigamente se punha, & ainda hoje em algumas partes se poem sobre o vaõ do tampo da viola, por donde entraõ as vozes ». O autor do manuscrito compara os dentes do peixe ao **espelho** da **boca** da viola, o que pode ser visualizado pelas ilustrações do **Sharks of the World** (op. cit.), observando sua face ventral.

# 98

## QUIRÍCIO CAXA

## (1538 – 1599)

**DOCUMENTO:** BREVE RELAÇÃO DA VIDA E MORTE DO P. JOSÉ DE ANCHIETA. 1598.

**TEXTO:** Cópia em português. Biblioteca Municipal do Porto, MS 554. Título: « 7 N 5. | *Memorial de* | *Varias Cartas e cousas de* | *edificaçam dos da Comp.a* | *pera uso e proveyto spual dos Noviços sendo o* | *exemplo dos Antigos* | *Anno* | *1596.* ». Na lombada: « Cartas | da Compañ | de Jesu ». No rosto, alto à direita, riscados « Da Caza da Provação ». Possui 172 ff., estando entre os ff. 61v-66v a biografia de Anchieta, com o título « *Breve relação da vida e morte do P. José de Anchieta, 5º Provincial que foi do Brasil, recolhida por o P. Quiricio Caxa, por ordem do P. Provincial Pero Roiz no ano de 98* ». Cotejado com exemplar da Biblioteca da Ajuda, Lisboa, **Jesuítas na Ásia**, 49-VI-9, ff. 113v-122v. As informações obtidas por Caxa para a elaboração desta biografia, segundo SERAFIM LEITE, citado abaixo, foram dadas pelo Provincial PERO RODRIGUES.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** O conteúdo desta Breve Relação é muito próximo ao da *Vida do Padre José de Anchieta*, de PERO RODRIGUES (1607), provável fonte de QUIRÍCIO CAXA. SERAFIM LEITE reimprimiu este texto em **Páginas de História do Brasil** (1937, pp. 152-183).

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – *A primeira biografia inédita de José de Anchieta – Apóstolo do Brasil*; publicada e anotada por S. L., Separata da Revista **Brotéria**, Lisboa, Ed. Brotéria, v. XVIII, mar./abr. 1934, 24 pp.

### De como aprendeu a língua do Brasil

### Cap. 4

[...]

[3.] [*f. 62v*] (*p. 14*) E, porque lhe não ficasse coisa, com que pudesse aproveitar, compôs também **Cantigas**[200] devotas na língua, para que os moços cantassem, porque para tudo tinha habilidade. Uma vez a êste propósito, desejando o Pe. Nóbrega impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas[201], lhe mandou para que a noite de Natal fizesse um modo de representação devota, em português e na língua [dos índios], com que todos se aproveitassem em devoção e alegria espiritual. Esta se fêz em muitas partes da costa, com muito fruto dos ouvintes que com esta ocasião se confessavam e comungavam. E para N. S. mostrar que esta obra lhe era aceita sucedeu o seguinte. Havia-se de representar em S. Vicente, tendo-se já representado em Piratininga, e como, com o português, tinha muitas coisas na língua, ajuntou-se tôda a capitania, véspora da Circuncisão. E Estando tôda a gente junta sobreveio uma grande tempestade, e sôbre o teatro se pôs uma nuvem negra e temerosa, que começou [a] lançar de si algumas gotas grossas. Com isso se começou a gente a inquietar e levantar. Acudiu o Ir. José dizendo que se aquietasse que não era nada. Fêz-se a obra, que durou três horas, com muita quietação, devoção e lágrimas, e, depois da gente recolhida em suas casas, descarregou a núvem com tão grande tormenta de vento e água que a todos fêz espalhar e louvar ao Senhor.

[...]

## Da morte do Pe. José

### Cap. 11

[...]

[4.] <...> [*f. 55v*] (*p. 22*) O Administrador [*Bartolomeu Simões Pereira*] com seus clérigos e os religiosos lhe fizeram o ofício com tôda a solenidade e música, e ao outro dia lhe disseram a missa, e prègou o Administrador, dizendo dêle muitas coisas de muito louvor, chamando-o Apóstolo do Brasil, e dizendo que bom pai e protector haviam perdido assim todos os Índios como Portugueses. <...>

[...]

200 . SERAFIM LEITE, nas **Páginas de história do Brasil** (1937), onde esta **Breve relação também** foi impressa (pp. 152-187), traz a seguinte observação (p. 157, nota 164): « **Opp. NN. 24**, é uma coleção de poesias em português, espanhol, latim e língua brasílica. Algumas autógrafas, outras não. É possível que nem todas sejam de Anchieta. Além destas Cantigas, compôs o belo poema, em latim, *De Beata Virgine Matre Maria*, já publicado por Simão de Vasconcelos, no fim da sua Crônica (1663), e o poema *De gestis Mendi de Saa, praesidis in Brasilia*, cujo original se encontra na família Zuazola, de Algorta, na Biscaia - Cf. F. Ogara, «"Apostolo del Brasile Ven. P. Giuseppe Anchieta S. I." em **La Civiltà Cattolica**, anno 85º (17 Feb. 1934) vol. I, pág. 352) ». MARIA DE LOURDES DE PAULA MARTINS editou as **Poesias** de ANCHIETA, em 1954, acompanhando-as de reprodução facsimilar do códice citado. A edição de 1954 foi reimpressa em 1989 pela Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, e Ed. da Universidade de São Paulo, na "biblioteca básica de literatura brasileira", v. 3. Muitas poesias dessa coleção faziam parte de **autos** escritos por ANCHIETA e podem também ser encontrados, entre outras publicações, no **Teatro de Anchieta** (1977, "Obras Completas", v. 3). Há elementos suficientes para crermos que grande parte da obra poética de ANCHIETA se destinasse ao canto, o que nos levaria, por rigor científico, a transcrevê-las neste trabalho. Não o fizemos, entretanto, devido à sua grande quantidade, o que ocuparia excessivo espaço neste estudo. Os textos cantados de que nos ocupamos foram aqueles extraídos de obras raras, pouco estudados e quase desconhecidos do ponto de vista musicológico. Mas a falta desse material é compensada pela existência dessas boas edições, de fácil acesso na atualidade, e por nosso comentário em seção especialmente dedicada a esse tipo de texto.

201 . FERNANDO MENDES DE ALMEIDA (*O folclore nas ordenações do reino*, 1959) imprime documentos portugueses de suma importância para o estudo da música no Brasil desse período. À p. 65 há um trecho das proibições da « Constituição de Évora », também transcrita por JOSÉ RAMOS TINHORÃO (**A deculturação da música indígena brasileira**, 1972, p. 23, nota 14), onde estes **abusos** são enumerados: « Defendemos a todas as pessoas eclesiásticas e populares, de qualquer estado ou condição que sejam, que não comam nas igrejas, nem bebam, com mesas ou sem mesas; nem cantem nem bailem em elas, nem em seus adros, nem os leigos façam seus ajuntamentos dentro delas sobre cousas profanas; nem se façam nas ditas igrejas ou adros delas jogos alguns, posto que sejam em vigília de santos ou alguma festa; nem representações, ainda que sejam da Paixão de N. S. Jesus Cristo ou de sua Ressurreição, ou nascença, de dia nem de noite, sem nossa especial licença, por que de tais atos se seguem muitos inconvenientes e muitas vezes trazem o escândalo ao coração daqueles que não estão mui firmes na nossa santa fé católica ».

## 99

# ANÔNIMO

DOCUMENTO: HISTÓRIA DOS COLÉGIOS DO BRASIL. Século XVI.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Publicado nos ABN com o título « *História dos Collegios do Brasil, Manuscripto da Bibliotheca Nacional de Roma* (Copia) », vol. 19, 1897, pp. 75-144, não traz nenhuma indicação sobre a data. Porém, a última data que aparece no texto é 1574.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger, Vol. XIX, 1897, 267 pp.

**[1] Historia de la fundacion del Collegio de la Baya de todo los Sanctos, y de sus residencias**

**Cap.º 6.º — De como fue encrecim.to la conversion de los Indios y de las Iglesias q̃ los P.es entre ellos edificaron**

[1.] <...> (*p. 84*) Los P.es que entonces se occupavan el la conuersion [*em c 1570*] eran el P.e Gaspar l.ço P. Leonardo grandes lenguas. P.e Ant. ruiz̃ P. Gregorio Sarrano P.e Juã per.ra P.e P.o da costa co' algunos otros P.es y her.os lenguas. <...> dezian missas cantadas <...>

**Cap. 11. — De las cosas de edification q̃ acaecieron en las aldeas en este mismo año de 72**

[...]

[3.] <...> (*p. 96*) Este año [*1572*] fue el P.e Rector Greg.o Sarrano por orden del P. Provincial a visitar las aldeas y hallose en cada una en la fiesta de sus patrones en las quales todos los P.es de las otras aldeas se ajuntã a ganar el Jubileo. Celebranse estas fiestas con grandes solemnidades y con processiones y missas cantadas en canto de organo y flautas q̃ offician los proprios indios mozos de la escuela en special en la aldea de Santiago donde el P.e Diego fẽz dixo su missa nueva co' mucha fiesta y consolacion de los indios y muchos blancos q̃ alli se hallaron en este mismo año en el mes de Noviembre <...>

**Cap. 14. — De las cosas de edificacion q̃ acaecieron este año de 73 en las aldeas.**

[...]

[2.] <...> (*p. 10*) Introduxeronse este año algunas cosas por orden del P. Provincial que mucho ajudaron para su provecho spũal una fue la confraria de los defunctos con sus majordomos y las demas cosas necessarias. A essos perteneoe buscar y enterrar los defunctos, hallar se presentes a las missas q̃ todos los lunes se dizen por sus almas, tienen para esto mucha cera de limosna de harina y otras cosas q̃ ellos dan. A los enterramentos se halla p̃nte toda la gente del aldea y despues todos le sacó el alma por la cuenta bendita. Otros q̃ saben mejor rezar le rezan la corona de ñr̃a Sñra. <...> Lo

2º que major movim.to causo en todos fue el admittir los mas capazes a recebir el sanctiss.o Sacramento, cosa q̃ hasta entonces nunca se les avia concedido, haze-se esto con grande exame y rigor porque no se admite sino gente que ya sabe la doctrina y que da muy buen exemplo en la aldea gente q̃ se aparto de los demasoados beberes y cantares gentilicos y con los desseos que tenian de alcançar tanto bien dexan de beber vino aun los hombres viejos que es el major sacrificio que puede hazer de si. <...>

[...]

**Cap. 17. - De las cosas de edificaciones q̃ socedieron este año de 74 en las aldeas**

[1.] <...> (*p. 113*) Entre todos estod Jubileos el principal fue el q̃ se gano en la aldea de Santiago enel dia del mismo santo y por ser tiempo de invierno y de grandes lluvias se ajuntaron alli todas las demas aldeas y entravan de todas con su cruz allevantada y los de las cõfrarias con sus insignias cantando las letanias. Estarian en la Iglesia q̃ es muy capaz dos mil personas todos vestidos llevose la plata del collegio para mas solemnidad hizose una solemnissima procession llevando el P.e Prouincial el Sanctiss.o sacram.o con grandissimo orden y silencio cada aldea con su cruz y sus Maiordomos junto della con sus cirios todos los demas co' candelas. <...>

[...]

[12.] (*p. 117*) El p.e Leonardo [*Nunes*] compuso este año una doctrina en la lengua del Brasil [*em 1574*] quasi treeladando la q̃ hizo el P.e Marcos Jorge[202] de buena memoria Costo mucho trabajo mas entiendese que sera provechoso. Tambien se hizieron los aparejos para confessar baptizar y ajudar a bien morer y un confessionario en la lengua. Despues q̃ saben q̃ ninguno se a de admittir a la sagrada comũnion sin saber la doctrina Christiana, son muy diligentes en deprenderla. En taniendo a las avem.as se enseñan por las casas la doctrina de los hijos enseño a los P.es los maridos a las mujeres y a las vezes las mujeres a los maridos. Van los domingos los niños por las calles cantando la doctrina a manr.a de los blancos. Tienen entre si sus disputas con mucha viveza los domingos a las tardes acabada la doctrina dizen todos juntos unas letanias por la conversion de los gentiles y tienen sus conferencias spũales de las cosas que oyeron por la mañana enel sermon y de otras cosas y desto se entiende quan bien se aprovechan. <...>

[...]

**[2] IESVS - Historia de la fundacion del Collegio del Rio de Henero y sus residencias**

**Cap. 8. - de la muerte del P.e Manoel da nobrega y del P.e Ant.o roiz**

[1.] <...> (*p. 128*) fue este [*Antonio Rodrigues, falecido em 1568 aos 52 anos*] uno de los P.es que mas ayudo en las aldeas de la Baya en la conversion de los gentiles, era de mucho credito entre ellos y todos le tenian grande respecto y por esta causa lo llevo el P.o Ignacio azevedo consigo para la conversion de los Tamoyos, sabia cantar y tañer flauta con que causava mucha devocion en los gentiles y tenia muchos niños enseñados y estes agora tañen y cantan las missas en las aldeas. <...>

[...]

262 . SERAFIM LEITE (**História da Companhia de Jesus no Brasil**, v. VIII, 1949) sequer cita MARCOS JORGE e (**idem**, v. IX, 1949, pp. 16-17) não tem qualquer menção a esta « doctrina en la lengua del Brasil », de LEONARDO NUNES. Porém, A. LEMOS BARBOSA, na apresentação do **Catecismo na língua brasílica** (1618), de ANTONIO DE ARAÚJO (ed. de 1952, p. IX) declara que « Na Bahia, em 1574, o Padre Leonardo do Vale, « príncipe dos línguas do Brasil », traduz a *Doutrina Cristã*, escrita em 1571 pelo P. Marcos Jorge em forma de perguntas e respostas; e também a preparação para a confissão, batismo e morte, além de um confessionário ». De fato, ALFREDO DO VALLE CABRAL (Bibliografia das obras tanto impressas como manuscritas relativas à língua tupi ou guarani, 1880, parte II, p. 209, nºs 212-213) informa terem esses padres escrito uma « Doctrina na lingua do Brazil », citando como fonte o cap. 17, p. 77 desta *Historia de la fundacion del Collegio de la Bahia de Todo los Santos y de sus residencias*. Contudo, não existem notícias de se ter preservado este documento.

# 100

# FERNÃO GUERREIRO

## (1550? - 1617)

LIVRO: RELAÇÃO ANUAL DAS COISAS QUE FIZERAM OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS (...) NOS ANOS DE 1602 E 1603. Lisboa, Jorge Rodrigues, 1605.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta edição, única até a reedição dos trechos referentes ao Brasil por CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA em 1874, é a segunda de uma série de cinco *relações* anuais, referentes às «coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus» em várias partes do mundo, de 1600 a 1608, publicadas, respectivamente, em 1603, 1605, 1607, 1609 e 1611 (a primeira **relação**, apenas, foi reeditada em espanhol em 1604).

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo a ***Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*** (s.d., v. XII, p. 965), FERNÃO GUERREIRO «Era irmão do Padre Bartolomeu Guerreiro. Entrou na Companhia de Jesus em 22-I-1567. Foi por muitos anos missionário em Portugal e nas Ilhas adjacentes, governou o colégio de Bragança e o da Madeira e exerceu o cargo de visitador dos colégios das Ilhas. Escreveu 5 volumes de ***Relações anuais***, em que refere os trabalhos da Companhia nas Conquistas de Portugal, durante os anos decorridos de 1600 a 1608. Desta obra publicou-se nova edição em 3 volumes nos anos de 1930, 1931 e 1942. [Cf. ***Biblioteca Lusitana***, de Diogo Barbosa Machado, e ***História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal***, tomo III, vol. 1º, p. 155]». FERNÃO GUERREIRO nunca esteve no Brasil.

EDIÇÃO UTILIZADA: Relaçam Annal | **DAS COVSAS** | **QVE FEZERAM** | **os Padres da Companhia** | **de Iesvs nas Partes da India** | **Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos** | **de seiscentos & dous & seiscentos & tres, & do pro-|cesso da conuersam & christandade daquellas par-|tes, tirada da[s] cartas dos mesmos padres** | qu[e] de là vieram. | Pelo padre Fernam Guerreiro da **mesma** | **Companhia, natural de Almodouuar** | **de Portugal.** | **Vay diuidido em quatro liuros. O primeiro de Iapã** | **o II. da China & Maluco. O III. da India** | **O IIII. do Brasil, Angola, & Guiné.** | [grav.] | Em Lisboa: Per Iorge Rodrigues im-|pressor de liuros. ANNO M. D. CV. [1605] (18 X 12) 2 ff. pr.; 54 ff. num.; 142 ff. num. (há muitos erros na paginação) [IEB: Ja-a-12]

**LIVRO QVARTO das covsas do Brasil Angola, & Cabouerde, Guine. Capitvlo. I. – Da Prouincia do Brasil, do numero de casas & pessoas da Companhia que nellas ha.**

[...]

[3.] (*p. 112v*) Outra cousa, que muyto dificulta a conuersam, & cultiuação desta gente, he a muyta boçalidade, & pouca capacidade, que de sua natureza tem, que não sabemos outra mais boçal no mundo. Pello que custa muyto aos padres domesticalos, & fazellos capazes das cousas de Deos: mas com a perseuerança, & paciencia em lidar com elles, os tem nesta parte tam cultiuado, que tem ja suas igrejas em varias pouoações, & aldeas, & nellas suas confrarias do Santissimo Sacramento, & fazem suas procissoens solenes, & seus filhos oficiam missas de canto dorgam, & com doçainas[203], charamelas, & outros instrumentos semelhantes: & reconhecem aos padres por seus pais, como na verdade o sam nas obras. <...>

**Capitvlo. III. – Do fruito em geral, que os nossos fazem nesta prouincia, & de algũas missões q̃ fizerão ao sertam**

[...]

[6.] <...> (*f. 113v*) [*trecho de "parte de uma carta que escreveu um dos Padres que, no anno de 1602, forão, á uma destas Missões, ao Reitor do Collegio da Bahia", transcrita por Guerreiro*] Neste mesmo dia [*de novembro de 1602, numa aldeia de "tapuyas" do sertão da capitania da Bahia*] à tarde veyo o principal com gente bem armada. Chegando às portas da serca, correo

logo pola aldea hũa voz, que dezia. Vem o pay grande sahy todos a recebelo, dizendo isto polo mesmo principal. Sayramno todos a receber com diligencia: & elle começou a entoar hũa arauia, de que nada lhe entendemos, nem cuydo, que elles mesmos a entẽdem: & isto falando elle & respondendolhe os outros á maneyra de clerigos, que rezam coro. Eu tãbem sahy de casa tres ou quatro passos; Elle estaua como quem ensina a doutrina, mesturãdo mil desbarates como era dizer, santa Maria, Tupama, Re mireco, que quer dizer santo Maria molher de Deos: & outros despropositos semelhantes. Estaua posto de giolhos com os olhos no ceo & as mãos leuantadas & abertas como sacerdote *(f. 114r)* que diz missa; deylhe a boa vinda, elle me abraçou dizendo, q̃ me nam espantasse, de se recolher no mato, porque nam queria ser visto de todos, <...>

[...]

### Capitvlo. III. – Dalgũas outras saidas que fizerão os padres a varias partes do Brasil

[1.] <...> *(f. 115r)* Mostraram estes Petiguares [*de aldeias do sertão da "capitania da Parayba" em 1602 ou 1603*] geral alegria com a ida dos padres, & asi os *(f. 115v)* vinhão receber muyto lõge, alimpando os caminhos, & ruas, vinhão diante os moços, & de repente sahiam de suas emboscadas com tambores, & festas. Depois vinham os homẽs & perto das aldeas sahiam os principais, & as molheres, & quando os padres entrauão mãdauão tãger os sinos, em sinal de festa fazião entrar agente na igreja, onde depois dos padres fazerem oração, lhes faziam hũa pratica, de como os vinha a vizitar, dandolhe os parabẽs de terem ja igreja, & querem ser christãos, & que por isso vinhão a suas terras, apregarlhes para por meio da pregação conhecerem a Deos. <...>

[...]

[6.] *(f. 117r)* Desta mesma casa de sam Paulo, fez hũa sayda a hũa aldea desta gente [*"Garijoos", em 1602 ou 1603*] o padre Sebastiam Gomez, vieramno reçeber ao caminho legoa & meya, com muyta festa & gazalhado. Fez o padre alguns bautismos, entre elles hum de hũa menina de tres annos, a qual acabando de o receber começa a cantar cõ alegria, dizendo que ja era filha de Deos, que por isso estaua muyto contente. <...>

[...]

300 . CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, na edição dos *Excerptos Da Obra Relação Annual Dos Padres Da Companhia De Jesus Pelo P. Fernão Guerreiro Da Mesma Companhia – Das Cousas do Brasil 1602 E 1603* (**Memórias para a história do extinto estado do Maranhão**, Rio de Janeiro, Tip. do Comercio de Brito & Braga, v. II, 1874, p. 506, nota 1), acrescenta a seguinte nota: « **Doçainas** ou **doçainhas** especie de trombeta pequena com palheta e furos ». Para RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. III, 1712, p. 276), "doçainha" é « Instrumento Musico de assopro. He huma casta de frauta, da qual (se me naõ engano) faz o P. Kircher mençaõ na I. parte da sua Musurgia, pag. 500. onde diz **Et uno altero instrumento barytono, quod Dulcinum, sive fagottum vocabit** ». DOMINGOS VIEIRA (**Grande dicionário português**, v. II, 1873, p. 1100) diz: « Pequena trombeta munida de palheta e varios furos ou buracos similhantes á flauta doce ». Seu uso é descrito por FERNÃO MENDES PINTO (**Peregrinação**, v. I, cap. XIIII, p. 30) que, em 1614, narra a recepção do rei de Malaca em sua terra: « por mandado de Pedro de Faria lhe deu hum grande banquete ao seu modo, festejado com charamellas, trombetas, & atabales, & com musicas de boas falas à Portuguesa, com arpas, e doçaynas, & violas darco ». Há na « Crónica geral da Espanha », códice da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (séc. XVI), uma iluminura, reproduzida por ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (**Instrumentos musicais populares portugueses**, 1966, fotos 262 e 263), onde se pode ver uma **doçaina**. Esta é a única menção que encontramos a esse instrumento e, como no caso do **fagote**, citado por SIMÃO DE VASCONCELOS e (**Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil**, 1663, livro II, § 9, p. 179 e **Vida do veneravel padre**, 1672, livro III, cap. VI, § 6, p. 561 e por DIONIGI DE CARLI e (**Il moro trasportato nell'inclita città di Venetia**, 1672, pela edição de 1687, livro I, cap. V, § 10, p. 27), não foi visto por esses autores no Brasil. A coincidência não é sem razão. PEDRO SINZIG (**Pelo mundo do som**, 1959, p. 255) informa que o **fagote**, « Por seu som muito mais brando, teve, durante longo tempo, o nome de **dolcian** ou **dulcian** ». Podemos supor, portanto, que a **doçaina** de GUERREIRO, como o **fagote** de VASCONCELOS e CARLI eram uma modalidade do **baixão**, se não for o próprio, uma vez que DOMINGOS VIEIRA (**op. cit.**, v. I, 1871, p. 767) dá para este último o sinônimo "fagote". Cf. a GRAVURA X.

# 101

# [JERÔNIMO RODRIGUES]

## (1552 – 1631)

**DOCUMENTO:** RELAÇÃO DA MISSÃO DOS CARIJÓS. 1605-1607.

**TEXTO:** SERAFIM LEITE (**Novas Cartas Jesuíticas**) à p. 196 (nota 94) indica a procedência do MS: « [ARSI] **Bras. 15**, 73-100». Notitiae Missiones Brasiliensium. Original, em português. O autor, que não vem assinalado, é o P. Jerônimo Rodrigues ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (**História da história do Brasil**, 1979, L. VI, Cap. I, nº 5.4, p. 274): « A *"Relação da Missão dos Carijós"* foi encontrada sem assinatura no Arquivo Geral da Companhia de Jesus pelo Padre Serafim Leite, que a atribuiu a Jerônimo Rodrigues, a publicou e anotou [(nota 116): « *Publicado primeiramente in Novas Cartas Jesuíticas*, São Paulo, 1940, Brasiliana, vol. 194, 196-246 e *reproduzido por Mucio Leão, Autores e Livros (Suplemento Literário de A Manhã, II nº 10, Rio, 16 de outubro de 1942). A atribuição de autoria baseou-se nas repetidas referências do texto ao "Padre Lobato e eu", quando se sabe que o acompanhante daquele foi Jerônimo Rodrigues, que é autor também das Cartas do Padre Fernão Guerreiro (1550-1617), nas quais se resume o que se diz nas Relações.* » ] ».

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Segundo RODRIGUES (*op. cit.*, p. 274), « a Missão dos Carijós (1605-1606), empreendida pelos Padres Jerônimo Rodrigues (1552-1631) e João Lobato para catequizar os índios da costa sul do Brasil, de Santa Catarina ao Prata, é que mais atenção merecem. Tendo partido de Santos, a 27 de março de 1605, chegaram à Laguna dos Patos a 11 de agosto de 1605 ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – **Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1940. 344 pp. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5ª, Brasiliana, v. 194) [« II – Cartas Avulsas; 9 – A Missão dos Carijós – 1605-1607; Relação do P. Jerônimo Rodrigues », pp. 196-246].

[...]

<...> (*p. 226*) Os meninos [*carijós*] de cinco, seis anos, e daí por diante [*do "porto de D. Rodrigo, a que se chama o Embitiba", onde os padres missionários estiveram em 1606 e 1607*], bailam e bebem com os índios, de dia e de noite, e seus pais revêm-se nisso; e às vezes dormem por onde querem sem seus pais saberem parte disso. E em tudo fazem sua vontade, e se os mandávamos a algum recado, diziam que tinham preguiça, e não iam, e, se iam, não tornavam. <...>

[...]

<...> (*p. 239*) Primeiramente [*o índio carijó*] é gente boa de contentar, nem se toma de lhe darem menos que a outros. Não são ladrões, que pera gente tão cobiçosa, é cousa mui notavel, não pelejam entre si; e, posto que são muito amigos do vinho, não se embebedam, antes bebem com tanta quietação que cem destes não fazem a matinada que lá fazem quatro, e estando uma casa cheia deles, bebendo, parece que não está ali ninguém. Todos estão assentados, quando estão bebendo, tirando alguns moços e meninos, que andam bailando e cantando; quando vêm de fóra, que hão de beber, já de lá vêm todos enfeitados e empenados; e chegando perto das casas, lançam a correr com quanta veemência podem, e com grandes gritas, sem terem de ver com nada, até o lugar aonde está o vinho. <...>

[...]

# 102

# PERO RODRIGUES
## (1542 – 1628)

**DOCUMENTO:** VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA. Bahia, 30 de janeiro de 1607.

**TEXTOS:** Publicada nos ***Anais da Biblioteca Nacional*** (vol. XXIX, pp. 181-287) com o título « *Vida do Padre José de Anchieta pelo Padre Pedro Rodrigues Conforme a Copia existente na Biblioteca Nacional de Lisboa* », recebe, às pp. 286-287 o seguinte comentário: « Biblioteca Nacional de Lisboa. – Codice da Bibliotheca de Alcobaça, nº 438 (306 moderno), de pag. 1 a 59. ¶ Na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro ha uma copia de outra que se acha em Evora (Cod. ex. /117) menos completa; está dividida em 3 livros e contem 25 capitulos e no fim ha a data: Na Bahia a 30 de Janeiro de 1607. Não contem a carta do P.e Cardim, a dedicatoria do P.e Pedro Rodis, a approvação do Administrador Pocria, nem a tabua, nem a lista dos Governadores, Provincial e Visitadores. ¶ Esta copia de Evora vem impressa nos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro – 1897, vol. XIX, de pag. 2 a 49. B. N. 40.211. ». A cópia de Lisboa, segundo a impressão dos ABN, leva a data de « seis de dezembro, de seis centos e vinte annos » e é assinada por « Christovão de Souza Cout.o ». Seu título (na p. 183) é o seguinte: « VIDA Do Padre Jose de Anchieta da Companhia de JESV. Quinto Prouencial q. foy da mesma Companhia no Estado do Brazil. Escrita pello Padre Pero Roiz, natural da Cidade de Evora e setimo Prouencial da mesma Prouincia. ».

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Segundo a ***Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*** (v. XXVI, s.d., p. 11), PERO RODRIGUES « Entrou noviço em Évora a 18-II-1556 e fez profissão solene no Funchal a 27-I-1577. Ensinou Letras humanas por cinco anos e outros tantos Teologia moral; foi sete anos reitor do colégio do Funchal, onde compôs as desavenças entre o bispo e o conde da Calheta, e reitor do colégio de Jesus da Bragança, também por sete anos. A 3-II-1592 partiu para Angola como visitador dessa missão. Dali passou ao Brasil, onde chegou a 19-VIII-1594, para ser provincial, cargo que desempenhou até 1603. Durante ele imprimiu grande desenvolvimento às missões entre os índios, especialmente às dos Patiguares e Paramirins ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** ***Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.*** vol. 29, 1907. Rio de Janeiro, Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 319, 4 pp.

**LIVRO PRIMEIRO | Da Vida do Padre Jozeph de Anchieta da Companhia de IESV. Quinto Prouincial q. foy da mesma Companhia no Estado do Brazil**

**Cap.º noueno. Compoem o P.e Jose a uida de Nosa Srã em verso e outras obras**

[...]

[3.] ‹...› (*p. 209*) Outras muitas obras compos em diuersos tempos, por q̃. tinha para iso muita graça, e faselidade, em todas as coatro lingoas que sabia, latina portugueza, espanhola e brazilica. Mudaua cantigas profanas ao diuino, e fazia outras nouas, ha onrra de Ds e dos santos, q̃. se cantauão nas Igrejas e pellas ruas e praças, todas muy devotas com q̃. a gente se edeficaua, e mouia ha temor e amor de Ds.

[...]

**Cap.º quinze. Da morte e sepultura do Padre Joze**

[...]

[3.] <...> (*p. 224*) Ho admenistrador [*da "Villa do Esperito Santo"*] com os clerigos e religiosos, lhe fizerão o ofiçio de noue lições, com toda a solenidade e muzica posiuel, e a o outro dia lhe cantarão a missa, <...>

**LIURO SEGUNDO**

**Cap.º noueno. Das ocupações dos padres da Companhia q̃. residem com os Indios em suas aldeas**

[...]

[2.] <...> (*p. 244*) [*"Rozairo do nome de JESV"*] A doutrina q̃. a todos se ensina são as orações, e parte do dialogo que contem a declaração dos artigos da fee, e apos isto se recolhem os meninos, para a escola cada hũ a sua instançia hũs a ler outros a cantar cantocham e canto dorgão, e outros a tanger frautas e charamelas para ofiçiarem as missas em dias de festas, e ornarem as prosições, na aldea e na cidade, e em outros autos pubricos, como quando se examinão na sala, os estudantes do curso para bachareis, e lesençeados, e quando tomão os gráos. As sinquo oras da tarde se torna a tanger o sino ha doutrina, a que acode a gente que se acha pella aldea, e se lhes ensina a doutrina com a outra parte do diálogo, que contem a declaraçam dos sacramentos, finalm.ª ha boca da noite saem os meninos em prosiçam da porta da Igreja, atee a crus, cantando algũas orações, e encomendando as almas do fogo do purgatorio.

[...]

**LIURO QUOARTO | Dos milagres que Ds obrou pello Padre Jose de Anchieta**

**Cap.º noueno e vltimo. Do resplendor e muzica do ceo.**

[1.] <...> (*p. 265*) E tornando a trazer consigo a candea, o deixarão [*"a hũa Irmida de Nossa Sra", na "fortaleza da Britioga, sutuada em hũa das barras da Ilha de São Visente"*], soo as escuras. e se recolheram na torre, aonde veuião com suas familias, sendo ja alta noite, e estando todos dormindo soo a molher de Alfonso Gl'z estaua esperta, a qual o accordou dizendo: sõr, acorday e ouuireis hũa couza marauilhoza. Acordou leuantouse abrio hũa janella, da fortaleza e virão ambos com seus olhos ha Irmida, por entre as telhas e porta, e por sima dos frechães toda aluniada com grande resplendor, que os pos em admiração, e juntamente ouuirão hũa musica, tão suaue que ho enleuou a elle e tirou de seu sentido, como em seu testemunho jura, e querendo deser abaixo, para uer aonde a muzica se daua, por lhe pareser q̃. ha ouuia de longe, imaginando que seria, algũ nauio que viese entrando pella barra, aquellas oras da noite, querendo deser como digo, se lhe arepiarão, os cabellos com temor e lhe pareçia que pegauão e tinhão mão delle, e assy não se atreueo a ir uer o que era; durou a claridade e muzica por bom espasso de tempo, de que ambos ficarão por estremo consolados. Vinda

a menhã fizerão diligençia pellos moradores da fortaleza, e por sua gente de seruiso, se teuara alguem lume ha Igreja, e acharão que não, falarão então ao mesmo padre Jose, e tratando do resplandor e da muzica que ambos uirão, e ouuirão, ha resposta do padre foy obrigalos como filhos seus esperituaes q̃. erão, não descobrisem, a nimgem o que virão, e ouuirão, daquella claridade, e muzica emquanto elle viuese, o que elles pello amor e repeito que tinhão ao padre, goardarão inteiramente, sem o descobrirem a pesoa viua, atee aquelle dia que erão tres de outubro de seiscentos e dous annos, em o qual dia sendo então morador, da cidade de São Sebastião Ryo de Janeiro, preguntando (*p. 286*) juridicamente, pello reuerendo padre Martim Fr'z, Vigario Jeral da mesma cidade, se sabia algũa couza da vida do padre Jose de Anchieta, jurou tudo ho assima dito, e acrescentou o dito Afonso Gl'z que lhe paresera, aquella muzica e resplandor couza do ceo, assy pello grande temor que em sy sentira, e juntamente muita consolação como por se uer o que era, e tambem como o mesmo padre querendo primeiro encobrir esta marauilha, e vendo que não podia, lhes mandou o tiuesem em segredo. <...>

# 103

# DIVERSOS

**DOCUMENTO: CORRESPONDÊNCIA DE DIOGO BOTELHO. 1602-1608.**

**TEXTOS E NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Publicadas na RIHGB vol. 73, 1910, parte I, esta coletânea recebe o título " *Correspondencia de Diogo Botelho (Governador do Estado do Brazil 1602-1608); Copia paleographica extrahida da Torre do Tombo* " e traz dezenas de documentos, às pp. I-XXXIV e 1-258.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** *Revista do Instituto Historico Geographico Brazileiro*, vol. 73, 1910, parte I. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 327 pp.

**[Certidão da Câmara da Vila de Olinda, de 15/03/1603]**

[1.] <...> (*p. 27*) do que mandou fazer um auto e registra-lo na Camara e deitar bandos com caixas tangidas; <...>

**[Certidão de Francisco Sotil de Siqueiraa, provedor mór dos defunctos, resíduos e órfãos, Bahia, 20/04/1608]**

[1.] <...> (*p. 35*) e vindo a esta barra sete ou oito navios [*de Diogo Botelho, em Salvador em 1604, durante batalha com os holandeses*], estando senhor do mar, com uma tão poderosa armada, nenhum navio tomou, porque, em apparecendo, logo eram socorridos, e se lhes mettia infanteria dentro com bandeiras tendidas e tocando as caixas, sem o imigo ousar de os investir, <...>

[...]

**[Depoimento de Nicolao Soares, capitão da guarda do governador. Vila de Olinda, 09/09/1603]**

[...]

[35.] (*p. 114*) Do [*artigo*] trinta e sete disse que era verdade que, quando o governador viera a esta capitania, achara estanque no Recife, nas tavernas, barcos e palhas, com que se queimavam as náos, e outras muitas cousas, e outrossi não consentiam que as justiças entrassem no dito Recife e fazer seus officios, pelo que mandara, por pregões publicos e caixas tocadas, que se não uzasse dos estanques e que as justiças fizessem seus officios livremente, do que se mandara fazer autos, a que se reportava; e al não disse [204].

[...]

204. Esta informação sobre o artigo 37 é repetida no depoimento de LEONARDO BARRETO DA SILVA, na p. 130.

# 104

# PIERRE DU JARRIC
## (1566 - 1617)

LIVRO: SEGUNDA PARTE DA HISTÓRIA DAS COISAS MEMORÁVEIS OCORRIDAS TANTO NAS ÍNDIAS ORIENTAIS QUANTO EM OUTROS PAISES DESCOBERTOS PELOS PORTUGUESES, (...) DESDE A ENTRADA DOS JESUÍTAS ATÉ O ANO DE 1600. Bordeau, Simon Millanges, 1610.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta *Histoire de choses memorables* foi publicada em tres tomos, nos anos 1608, 1610 e 1614, o segundo deles, aqui utilizado, reeditado em 1611, também em francês.

EDIÇÃO UTILIZADA: Seconde Partie | DE L'HISTOIRE | des choses plvs | memorables advenues | tant ez Indes Orientales, que | autres païs de la descouurte | des Portugais, | En l'establissement et progrez de la foy | Chrestienne et Catholique: | Et principalement de ce que les Religieux de la | Compagnie de Iesvs y ont faict, & | enduré pour la mesme fin, | Depuis qu'ils y sont entrez | iusqu'à l'an 1600. | Dediée av Roy Tres-Chrestien | de France & de Navarre | Lovis XIII. | Par le P. Pierre Dv Iarric, Tolosain, | de la mesme Compaigne. | [grav.] | A Bovrdeavs, par Simon Millanges Imprimeur | ordinaire du Roy. 1610. [27 X 17; 1 f. pr.; 4 ff. inum., 699p., 20 ff. inum.] [BGEB: 15-c-18].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

OBSERVAÇÃO: A maioria das informações utilizadas por JARRIC foram compiladas das relações anuais de FERNÃO GUERREIRO (cf. doc. 100).

| TEXTO FRANCÊS | TRADUÇÃO |
| --- | --- |
| Livre Troisiesme DE L'HISTOIRE des Choses Plvs Memorables, adenuës tant és Indes Orientales, que autres païs de la descouuerte des Portugais; el l'establissement & progrez de la foy Chrestienne & Catholique: Et principalement de ce que les Religieux de la Compagnie de Iesvs y ont faict, et enduré pour la mesme fin. | Livro Terceiro da História das Coisas Mais Memoráveis, ocorridas tanto nas Índias Orientais, quanto em outros paises das descobertas portuguesas. Do estabelecimento e progresso da fé cristã e católica, e principalmente do que os religiosos da Companhia de Jesus fizeram e suportaram pela mesma fidelidade. |
| Comme ceux de la Compagnie de IESVS comencent de s'employer à la conuersion des Brasiliens, et deux d'iceux sont massacrez des barbares por ceste cause. CHAPITRE XXIIII | Como os da Companhia de Jesus começam a se empenhar na conversão dos brasileiros, e como dois deles são massacrados pelos bárbaros por esta causa. CAPÍTULO XXIV. |

[...]

[4.] (*p. 270*) Or il en y eust entr'autres vn de ceux, qui auoyent esté baptisez, lequel tout transporté de ioye s'en va trouuer les Peres, & leur faict entendre par signes & par parolles qu'il auoit euë certaine vision la nuict precedente, luy estant aduis qu'il auoit esté esleué au Ciel, ou il auoit receu (ce disoit-il) vn contentement indicible. Et il est croyable que nostre Seigneur voulust arrouser ceste nouuele plante de l'eau de ses consolations, pour la faire enraciner & croistre de plus en plus en la foy. Mas les autres estoyent si attachez à leurs banquets cruels & inhumains, à l'irongnerie, aux dances, à l'impudicité & pluralité des femmes, qu'on ne les pouuit diuertir, ny retirer, qu'auec grande peine, de ces meschancetez: tellement que le trauail qu'on employoit à cultiuer ceste barabare nation, estoit plus grand, que le fruict qu'on en recueillot. <...> (*p. 271*) De là vint que ces barbares commencerent à prendre goust, & à s'affectionner aux choses de nostre saincte foy, si que plusieurs demanderent d'estre enroollez au nombre des Catechumemes, lesquels failoyent retenir les bois, les chalups, & les riuages des noms sacrez de Iesvs, & de Marie, chantans auec vn singulier goust & plaisir, le Pater, l'Aue, le Credo, & les Credo, & les autres oraisons Chrestiennes. <...>

[...]

[...]

<...> Entre outros, houve um deles [*índios "brasileiros"*] que foi batizado [*antes de dezembro de 1554*] o qual arrebatado de alegria vai encontrar seus pais, fazendo-os entender, por meio de sinais e palavras, que ele teve uma certa visão na noite precedente, sendo-lhe mostrado que elevou-se ao Céu, onde recebeu (assim falou) um contentamento indizível. E pode-se acreditar que Nosso Senhor desejou regar esta nova planta com a água de suas consolações, para lhe criar raizes e fazê-la crescer mais e mais na fé. Mas os outros estão tão presos aos seus cruéis e inumanos banquetes, à embriaguês, às danças, à impudicidade e à pluralidade de mulheres, que não se lhes pode desviar nem retirar de tais vícios, senão com grande custo, de maneira que o trabalho que se tem no cultivo desta nação é maior que o fruto que dela se recolhe. <...> Disso procedeu que esses bárbaros começaram a tomar gosto e de afeiçoar ao grupo de catecúmenos, os quais faziam ecoar nos bosques, nas chalupas e nas margens os sagrados nomes de Jesus e de Maria, cantando com singular gosto e prazer o "Pater Noster", a "Ave Maria", o "Credo" e outras orações cristãs. <...>

[...]

**Trente-neuf Religieux de la Compagnie de Iesvs, auec le P. Ignace d'Azebedo leur Prouincial, s'en allans au Brasil sont massacrez pour la foy Catholique, par Iacques Sore, et quelques autres Caluinistes partis de la Rochelle. Chapitre XXV.**

Trinta e nove religiosos da Companhia de Jesus, com o P. Inácio de Azevedo, seu Provincial, indo para o Brasil, são massacrados pela fé católica, por Jacques Sore e outros ca[illegible] XXV.

[...]

[4.] <...> (*p. 282*) Pour ayder les passagers gens du naire, il ordons, que tous les iours on enseignast publiquement la doctrine Chrestienne: & luy mesme le fit les premiers iours, de façon que pour le respect & l'affection qu'vn chascun luy portoit, il n'y auoit personne qui n'y assistast, depuis le Capitaine & maistre du nauire, iusques au moindre de tous les matelots; & vn chascun d'eux estoit bien aise d'estre interrogé, comme s'il eut esté vn petit enfant. Au soir on chantoit les Litanies en musique: car il y auoit de bons musiciens, & tous ceux du nauire y assistoient, de mesme façon qu'a la doctrine Chrestiẽne. Les Dimanches & autres festes, le Pere fasoit dresser vn autel au plus haut du chasteau de la poupe, paré de beaux ornements: car il en auoit faict bonne prouision. Il mettoit sur ledit autel, l'Image de nostre Dame, qu'il estoit possible, la Messe seiche, qu'on appelle, c'est à dire sans consacrer. Car il n'est pas loisible, suyant les loix de l'Eglise, de faire la consecration sur mer. Mais il faisoit chanter en musique, ce qu'on a accoustumé de dire tout haut, & sur la fin de la Messe, apres auoir quitté la chasuble, il faisoit vn petit sermon ou exhortation, qui estoit ordinairement de la charité, de laquelle son ame tout' embrazée. <...>

[...]

[...]

<...> Para proteger os passageiros e outras pessoas do navio [*um dos que integravam a frota de 3 navios que partiram de Lisboa para o Brasil em 5 de junho de 1570, com um total de 69 pessoas*], ele [*o P. Inácio de Azevedo*] ordena que todos os dias se ensine publicamente a doutrina cristã. E ele mesmo o fez nos primeiros dias, de maneira que, pelo respeito e afeição que nele tinham todos, não houve ninguém que não o assistisse, desde o capitão e mestre do navio, até o mais baixo de todos os marujos. E cada um deles ficava bastante contente em ser interrogado, como se fosse uma pequena criança. À tarde se cantavam as ladainhas com música, pois que haviam bons músicos, e todos no navio os assistiam, da mesma forma que a doutrina cristã. Aos domingos e outras festas, o padre armava um altar na parte mais alta do castelo da pôpa, enfeitado com belos ornamentos, pois disso tinha feito boa provisão. Colocava sobre o dito altar a imagem de Nossa Senhora, que trouxe de Roma, cantando com toda a solenidade possivel a "missa seca"[208], como se diz, ou seja, sem consagração, pois que não é licito, pelas leis da Igreja, realizar a consagração sobre o mar. Mas ele fazia com que se cantasse em música, onde se costuma dizer tudo alto, e ao fim da missa, após tirar seus paramentos, fazia um pequeno sermão se exortação, que era normalmente sobre a caridade, na qual sua alma ficava toda abrasada. <...>

[...]

**De la fondation de quelques Colleges et maisons de la Compagnie de Iesvs au Brasil, et du fruict qui s'y est faict en general pour la conuersion des Barbares. Chapitre XXVII.**

**Da fundação de alguns Colégios e Casas da Companhia de Jesus no Brasil, e do fruto que se teve em geral na conversão dos bárbaros. Capitulo XXVII.**

[...]

[2.] <...> (*p. 312*) Car desia en plusieurs de leurs bourge, ils

[...]

<...> Como se queria em muitas de suas aldeias [*fundadas entre*

ont non seulement des Eglises basties: mais encore des Confrairies du S. Sacrement, & autres establies, ou ils font de fort belles & deuotes Processions, & tout plein d'autres actes de pieté. Leurs enfans officient és Messes, & les chantent en musique, tant de voix, que d'instruments, & apprennent la doctrine Chrestienne, & les lettres qu'on leur enseigne assés gentiment.

[...]

*1549 e 1600*], eles têm não somente igrejas fortificadas, mas também Confrarias do S. Sacramento e outras estabelecidas, onde fazem muitas belas e devotas procissões, tudo repleto de outros atos de piedade. Seus filhos [*dos índios*] oficiam as missas e as cantam com música, tanto com vozes, quanto com instrumentos, aprendendo a doutrina cristã e as letras que se lhes ensina muito gentilmente.

[...]

**Du College de Pernanbuco et des Missions faictes aux Paraybas et Petigares.**

[...]

[11.] <...> (*p. 358*) Car premierement les ieunes hommes alloient au deuant d'eux, sortans en plusieur bandes des bois, ou ils s'estoient cachez, comme en embuscade, & sonnans de leurs fiffres & tambours fort gayement. <...>

[...]

**Do Colégio de Pernambuco e das missões feitas entre os Paraibas e Potiguares.**

[...]

<...> Pois primeiramente os jovens [*"Potiguares, que são limítrofes dos Paraíbas e habitam 16 aldeias", observados em expedição de soldados com dois padres jesuítas, em 1585, durante guerra com os portugueses*] marcharam diante deles, saídos em muitos bandos da mata, onde se escondiam, como em emboscada, tocando seus pífaros e tambores muito alegremente. <...>

[...]

205. RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário portuguêz e latino**, v. V, 1716, p. 510) esclarece o termo: « Missa seca. Aquella que algũas vezes diz o Sacerdote no mar sem consagrar, & sem secretas. Chamãolhe **Missa navalis**, ou **Nautica**. Missa seca tambem he aquella dos que aprendem a fazer Missa, instruindose em todas as ceremonias deste sacrificio, sem chegar a consagrar. Os Authores Ecclesiasticos lhe chamão « **Missa sicca** ». Esta informação é confirmada por vários autores, destacando-se FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (**Novo** *dicionário crítico e etimológico da língua* **portuguesa**, 1867, p. 696). A origem do nome **missa seca** está na ausência do vinho que, na consagração, seria transsubstanciado no sangue de Jesus.

# 105

# [JÁCOME MONTEIRO]

## (c. 1575 – após 1614)

**DOCUMENTO:** RELAÇÃO DA PROVÍNCIA DO BRASIL. s.l., [1610].

**TEXTO:** Archivum Romanum Societatis Iesu, Vitae 153, ff. 54r-66v.

**AUTOR E DATA:** Segundo SERAFIM LEITE [citado abaixo, p. 380, nº 1], « O Autor escrevia na Baía, antes de Abril de 1610, mês em que tencionava regressar a Portugal; e, assistindo a uma cerimónia de Índios a si mesmo se identifica, nesta frase meio tupi, meio portuguesa: "O Pai Jacomi xerapi do Pai Guaçu" (f. 36r) ["Padre Jacomi do mesmo nome do Pae Grande"] ». No mesmo volume, LEITE transcreve outra informação que confirma a autoria e data do manuscrito, numa carta de JÁCOME MONTEIRO ao Padre Assistente, em Roma, de 29 de setembro de 1610, onde consta a frase (p. 380) « a informação do Brasil que enviei a VPª ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Este documento aparece publicado apenas em LEITE [1949], o qual faz preceder o texto de uma nota que, entre outras, contém a seguinte informação: « Esta Relação, não assinada, mas escrita em 1610 pelo P. Jácome Monteiro, secretário do Visitador Manuel de Lima, completa relações precedentes, de assuntos semelhantes, como as de Fernão Cardim, igualmente secretário do Visitador Cristovão de Gouveia. Redigiam-se quer ex officio, quer a rogos do assistente em Roma ou dalgum Superior em Portugal ».

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Na *História da Companhia de Jesus no Brasil*, de SERAFIM LEITE [v. VIII, 1949, p. 380] encontramos a informação: « Nasceu cerca de 1574 na Lousã, Bispado de Coimbra. Entrou na Companhia com 17 anos de idade. Mestre em Artes. Ensinou Latim 7 anos e foi Mestre de Noviços. Acompanhou ao Brasil o Visitador Geral P. Manuel de Lima em 1607. Fez a profissão solene na Baía a 29 de Junho de 1608, recebendo-a o mesmo Visitador. Concluída a visita, com ele voltou a Portugal e já ocupava o cargo de Reytor do Colégio de S. Antão, em Lisboa, em 1614. Excelente humanista, dotado de espírito crítico e observador ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, Livraria Portugalia; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1949, v. 8, Apêndice: « Relação da Província do Brasil, 1610 (do P. Jacome Monteiro) », pp. 393-425.

**TRANSCRIÇÃO:** Assim informa LEITE na nota que precede o documento, p. 393: « Dá-se à Relação a forma gráfica actual, por ser documento relativamente longo, e poupar ao leitor o tédio e embaraço de desdobrar abreviaturas antigas com que não está familiarizado e em que são fáceis os equívocos. (...) Como é de praxe, conserva-se o que toca à morfologia, pera, pola, etc. ».

[2] [De Santos ao Rio de Janeiro]

[...]

[2.] (*p. 396*) Nestas Capitanias não vi cousa notável, salvo a barra de Santos a que chamam Britioga, corrupto vocábul, que o próprio é **Biritioca**, que na língua dos Brasis quer dizer Casa de Bugios. Está esta barra fechada com duas fortalezas, que a fazem mui defensável. Uma delas está já arruinada, e nesta estava situada (*p. 397*) uma ermida de Nossa Senhora, em a qual, estando o nosso santo Anchieta em oração de noite, se viu nela um grande resplendor e ouviu música dos Anjos, como testemunharam pessoas que se acharam neste acontecimento.

[...]

[6] [Reritiba e Guaraparim]

[1.] (*p. 400*) Dos Gaitacases à Capitania do Espírito Santo vão 30 léguas, no meio das quais está um rio chamado Reritiba, na língua da terra **Rio das Ostras**, por haver ali muitas e boas. Dele pera o Sul começa a Capitania de Pero de Gois, que foi a primeira povoação de Portugueses nesta paragem. Junto a este rio está uma Aldeia de gentio, que temos a nosso cargo, e terá perto de três mil almas, aonde nos fizeram mil festas por mar e por terra, já a seu modo, já à portuguesa, esperando-nos uma légua antes da Aldeia, a qual toda estava de uma e outra banda, cercada de palmeiras que pera o dia se trouxeram, aonde os Principais Morubuxabas, vestidos ao natural, com os giolhos em terra, nos davam as boas vindas, acompanhados de colomins, bem empenados, e mui bons dançantes e tangedores de frautas, violas, e com bandeiras, arcabuzaria, e mil outras invenções. No princípio da Aldeia saiu o **Morubuxaba o açú** com uma cruz fermosa e bem enramada na mão, acompanhado de dous filhos seus, ricamente empenados, e fazendo uma arenga ou prática da entrega de sua Aldeia, meteu ao P. Visitador a cruz na mão e os meninos se botaram por terra, largando os arcos e frechas. E com notável devação, entoando um **Te Deum laudamus**, nos fomos à Igreja, na qual se lhes fez uma prática por intérprete, que pera isso levávamos conosco. <...>

[...]

[14] Relação do gentio do Brasil, e seus costumes

[...]

[7.] (*p. 407*) De maravilha se achará em entre eles que não seja cantor. Têm seus tiples, tenores, contrabaixos, contraaltas, e tomam qualquer tom, que lhe dão. <...>

[...]

[18] De como os armam cavaleiros

[1.] (*p. 409*) Um dos mores apetites, que tem esta nação, é a matança dos imigos, pelo que fazem extremos, donde nasce meterem-se com facilidade em evidentes perigos de morte, à conta de serem havidos por esforçados, que entre eles é a suprema honra e felicidade, tomando novos nomes, conforme aos contrários matam, dos quais chegam alguns a ter cento e mais apelidos, e em os relatar são mui miudos, porque em todos os vinhos, que é a suma festa deste gentio, assi recontam o modo (*p. 410*) com que os tais nomes alcançaram, com se aquela fora a primeira vez que a tal façanha acontecera; e daqui vem não haver criança que não saiba os nomes que cada um alcançou, matando os imigos, e isto é o que cantam e contam. Contudo os cavaleiros nunca fazem menção dos seus nomes, senão quando há festa de vinhos, na qual se ouve só a prática da guerra, como mataram, como entraram na cerca dos imigos, como lhe quebraram as cabeças. Assim que os vinhos são os memoriais e crônicas de suas façanhas.

[2.] As cerimônias que guardam, quando os armam cavaleiros, são as seguintes. Aqueles que na guerra a primeira vez mataram imigo, não entram logo na sua Aldeia, mas esperam em um tuguper, que é uma choupana que fazem pera o tal efeito, até se aprestarem os vinhos, no que se gastam 3, 4 dias, acabados eles, o vão buscar os velhos e mancebos, e o trazem com grande silêncio, mas contentes, sem bailarem nem tangerem; entrando pela Aldeia, saem-lhe as mulheres, casadas e moças, ao encontro, cantando cantigas, nas quais nomeiam muito a miudo o nome que o vencedor tomou no morto, e nesta forma o levam até o seu lanço, que é a casa em que ele mora, na qual o vinho

está a ponto em mui grandes potes; chegando o fazem estar em pé sem se assentar, e um dos principais, que é como seu padrinho, toma uma espada de pau mui galante, concertada de muita variedade de penas, e mete-lha na mão, o qual, movendo-a pera uma e outra parte, como quem esgrime, lha torna a tomar, e lha põem debaixo dos pés; depois lhe bota ao pescoço um grande colar de dentes de onças; tomam mais umas penas das asas das andorinhas e metem-lhas nas orelhas em lugar de arrecadas. Esta cerimónia acabada, vem uma sua irmã, e não-na havendo a parenta mais chegada, e dá-lhe uma façanhosa cuia de vinho, a qual bebe encostado sobre a espada, e acabado de a beber, dão todos juntos um medonho urro, e correm os vinhos por todos, e com isto dão fim à armação do cavaleiro, que daquela hora por diante, de todos é havido por tal.

[...]

### [19] Do costume que têm quando matam os imigos em seus terreiros

[...]

[2.] (*p. 411*) Feita esta cerimónia gastam dous anos em fazer roçarias de mantimento pera a festa, mudam a Aldeia, fazem casas de novo, as mulheres cozem muita louça na qual o hão-de cozinhar, e pera fazerem vinhos, e nisto gastam de ordinário um ano. Preparadas as cousas necessárias pera este auto, levam o contrario a um rio, no qual o lavam muito bem as mulheres, e um dos principais lhe faz uma fala em que lhe diz que se farte de ver o sol aquele dia, e que jamais o não verá, e que não é ele só o que morre, mas que já tem mortos muitos dos seus parentes, e que muitos mais hão de matar e comer. Acabado este arrezoamento o trazem, cantando, ao som terreiro da Aldeia, no meio da qual lhe têm feito uma casa, tiram-lhe as cordas, que trazia, e põe-lhe outras mui compridas, e mui galantes no feitio, nas quais gastam dous e tres anos; de comprimento têm 20, 30 braças, não nas vendem por nenhum preço. Preso com as tais cordas, metem ao que há-de morrer muitas fruitas nas mãos pera que com elas atire a quem quiser, o que se faz com grande festa, a qual concluída, o atam com muitas voltas das cordas pola barriga, e nesta forma o deixam ficar uma noite com boa vigia; e sucede fugirem muitos por estarem quase bebados e levados do sono e cansaço de bailar.

[3.] Depois tingem o que há-de ser matador de uma barro branco, a que chamam **tabatinga**, a qual cerimónia dizem eles que fazem pera que a alma do que ele há (*p. 412*) de matar não entre na sua; metem-lhe após isto uma espada na mão mui galante e empenada, e com ela na mão corre todas as casas, acompanhando de todos os moradores, os quais juntos vão bailando, com um bater de pés, bocas, e com uns urros e bater de armas, que é um espetáculo medonho, porque não há ferro velho que este dia não saia ao bailo; e nesta forma se vão aonde está o que há-de morrer, e o matador lhe faz uma fala, dizendo amanhã te hei-de matar, e jámais não verás o sol, por isso sê valente e esforçado, não morras como mesquinho, e procura de deixar de ti memória; e com isto acrescenta um motim, que é o seu bailo guerreiro, o qual faz com grande eficácia, e como cousa que lhe vai sua honra à vista de tanta gente. O dia seguinte, em saindo do sol, levam ao contrario a um terreiro, que têm no meio de suas casas, e será como as grandes praças e recios das cidades de Portugal. Aqui tomam os mancebos as pontas das cordas por que está atado, no meio das quais ele fica, porque querendo arremeter pera uma banda, o puxem pera a contrária; aqui jogam com ele touro com grandes gritas e alaridos, até chegar o matador, que vem acompanhado dos mais esforçados da Aldeia, padrinhando-o alguns velhos, diante dos quais com a espada no ar vem bailando e saltando. Parando diante do que há de morrer, lhe fazem as cerimonias seguintes.

[4.] Toma um dos mais honrados a espada com ambas as mãos, e põem-na nos peitos do que há-de morrer, cruzada; e depois lha passa duas ou três vezes por baixo das pernas, e o mesmo fazem ao matador, o qual tomando-a nas mãos esgrime com ela sobre a cabeça do que há-de ser morto, e se o tal é animoso às vezes toma-lha, e dá-lhe com tanta ligeireza que o deixa morto, pera o qual efeito tem seus padrinhos, que em semelhantes sucessos lhe acodem, voltando, como disse, a espada, lhe dá com ela no toutiço, e dando com elle em terra lhe quebra a cabeça. Acham-se presentes as mães com os meninos, os quais se untam com os miolos e sangue do morto, e dizem como assim aquele matou o inigo, assim eles quando homens matarão outros. Feito isto, ajuntam-se todos, assim homens como mulheres e crianças, e cercando o morto alevantam um choro espantoso, que dura com espaço; e isto fazem por memória e compaixão dos seus, que daquele modo foram mortos. Depois tomam o morto, e chamuscam-no como porco, e o repartem, pera a qual repartição têm um velho muito prático neste ofício, que entre eles é a suma dignidade, o qual dá a cada um seu quinhão, ao qual cada um faz particular festa de vinhos. O matador, no mesmo ponto que o mata, se lança em uma rede que lhe têm a ponto na qual está por espaço de um mês sem fazer cousa alguma em penitência, comendo só farinha sem beber nem se tosquiar. O mes acabado, tosquiam-no com grandes festas de vinhos. A qual tosquia se faz nesta forma. Têm no meio da casa uma pedra sobre a qual o assentam, e ali, uns bailando e outros cantando, outros bebendo, lhe fazem este ofício com muito tento e vagar, o qual acabado tingem-no todo de preto, e levam-no pelas casas e terreiros, e cada passo bebem, e por fim o sarjam com bem de dores com as quais sarjaduras fica pintado, e medonho, porque nunca se lhe tiram, por lançarem nas feridas certos pós que tiram pera azul, os quais com o sangue fresco ficam eternos.

[...]

### [21] Dos agouros da mulheres

[1.] ‹...› (*p. 414*) Em nascendo o menino, logo lhe fazem arco e frechas, e lhas de penduram no punhos da rede, em que dorme com alguns molhos de diversas ervas, que são os contrários que há-de matar. Juntamente em nascendo o menino, metem-no em um pote, e tengem-lhe com uns cascaveis pera que seja cantor.

### [23] Do costume que guardam em seus bailos e cantos

[1.] (*p. 415*) Não têm mudanças algumas no bailar. Todo o seu está em contínuo bater de pés no chão ao som de um cabaço cheio de umas fruitas pequenas e mui duras, de que eles fazem remais de contas mui galantes; e nunca bailam sem cantar; e com este canto e bater de chão vão em fileiras homens e mulheres, que estas de ordinário são tiples, e os dextros nesta arte são entre eles mui prezados, tanto que se têm em seu poder algum contrário, bom cantor e inventor de trovas, que entre eles são raros, como a insignes na arte lhe dão a vida e o têm em muita conta só pela música, que é o único remédio com que alguns se livram de morrer no terreiro. Com os braços e corpos fazem alguns meneios ou momos de várias maneiras, em particular com a boca, olhos, rosto, o que é mais particular das mulheres, quando bailam sós, cujo canto difere muito do dos homens, assim na toada como na letra. O seu cantar é de ordinário de noite, porque com a quietação dela dizem se ouve muito longe. Além de alguma consonância que nas vozes se enxerga, e põem toda a força em a lançar, são mui importunos nestas músicas, porque começam umas vezes pola manhã, e levam uma e duas noites, 3 e 4, sem dormir quase nada, com cantar e bailar sem cessar; e posto que os ouvi

muitas vezes, o que sobretudo me pasmou foi ver 50 Indios remeiros, que nos traziam de S. Vicente, começarem a remar ao sol posto, e, juntamente a cantar e, sem interromperem do remo nem das vozes, levarem a noite toda em puro grito sem enlouquecer até às 9 horas do outro dia, em que aportamos em terra, que, se isto não fora, ainda agora me parece que cantaram: e a graça é que ordinàriamente repetem a mesma cantiga, levando sempre a mesma toada, as quais eles compõem de qualquer sucesso em que se acham.

[2.] Assim que a 2ª bem-aventurança destes é serem cantores, pois a primeira é serem matadores.

### [24] Do costume que têm em chorar os mortos, e de como os enterram

[...]

[2.] <...> (*p. 416*) No 2º dia depois do enterramento, cortam as mulheres os cabelos, os quais têm negros como corvos, e há muitas que depois que perdem o primeiro marido nunca mais casam, guardando continência, e assi nunca mais entram nas festas dos vinhos nem em seus bailos e cantares. <...>

[...]

# 106

# HENRIQUE GOMES

## (1555 – 1622)

**DOCUMENTO: CARTA DO P. PROVINCIAL AO P. ASSISTENTE EM ROMA, ANTONIO DE MASCARENHAS.** Baía, 16 de junho de 1614.

**TEXTO:** Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.** 8, ff. 167r-174r.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Publicada unicamente na HCJB de SERAFIM LEITE, v. 5, pp. 9-24 (1945), é importante por ser uma das poucas cartas jesuíticas em português publicadas do século XVII.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** De acordo com SERAFIM LEITE (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, v. VIII, 1949, p. 268), HENRIQUE GOMES « Nasceu em 1555 em Pinheiro de Ázere (Comarca de Santa Comba Dão). Entrou na Companhia em Évora, com 16 anos, em 1571. Embarcou para o Brasil em 1587 com o provincial Marçal Beliarte, que o propôs em 1591 para Reitor de Pernambuco. Fez a profissão solene em Pernambuco a 1 de Janeiro de 1593. Veio a ocupar depois os cargos de Provincial a Roma (1617). Notàvelmente caridoso e de estilo e trato ameno. Promoveu as Missões. Faleceu na Baía a 18 de Agosto de 1622 ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro; Lisboa, Livraria Portugalia, v. V, 1945. Cap. I, pp. 9-24.

[...]

4. – (*p. 11*) Não é menos o fervor que se enxerga em as doutrinas, as quais se fazem todos os domingos à tarde na nossa Igreja, depois de o Padre, que as tem a cargo, ir pelas ruas com os mestres e estudantes, ajuntando quantos podem; e, assim com isso, como com boas músicas, que sempre há, descantes, órgãos, e às vezes frautas e charamelas, há de ordinário grande concurso, e se enche a Igreja como para qualquer prègação. <...>

[...]

<...> (*p. 12*) Para se atalhar êste mal [*"uma sêca mui extraordinaria"*] e desviar o golpe da divina justiça, se aplicaram muitos meios de orações, missas, comunhões, e outras pias obras, e entre as mais, muitas procissões de notável concurso de gente, e grande número de penitentes, que certo é para ver a facilidade com que nesta terra os homens se disciplinam, não só por tôda a quaresma com disciplinas de sangue, mas ainda sêcas em a nossa Igreja, em os dois dias da semana que para isso se lhes abre, passando de ordinário o número de cento e cinqüenta, cento e sessenta pessoas; e destas, a maior parte toma duas disciplinas, a primeira comum e a segunda com os cantores, que à primeira cantaram o **Miserere**; e todos assistem às práticas, que se lhes fazem às sextas-feiras. Mas tornando às nossas Procissões, foi entre as mais muito para ver, assim em concurso de gente com suas tochas e velas nas mãos, como em bom número de penitentes, que passariam de 60, a que fizeram os estudantes e confrades da **Confraria de Nossa Senhora**, ou, como lá lhe chamam, das **11.000 Virgens, Padroeira desta cidade**. Coube aos nossos grande parte de tudo quanto se fêz, não menos em penitentes e outras devoções, que em as prègações e particulares outras amoestações, com que a todos excitavam e principalmente a que tirassem a causa do mal, que eram pecados, de que se não colheu pouco fruto. E últimamente, querendo a Cidade, à imitação do cabido, que sua Procissão se terminasse com o Santíssimo Sacramento desencerrado, escolheram para isso a nossa Igreja, havendo (*p. 13*) (como alguns disseram) que quando o Senhor os não ouvisse por seus pecados, os ouviria pelo lugar em que o buscavam, e

merecimentos dos que ali o tinham e guardavam. Vieram para êsse efeito os da Câmara propôr sua pretensão a êste Colégio; fêz-se como pedíram, mas diferiu-se contudo, o despacho da nossa e sua petição, ou porque assim o mereciam nossas culpas, ou por querer o Senhor mostrar-nos quanto devíamos estimar a protecçzo e amparo, que tem esta cidade, em suas Padroeiras, as 11.000 Virgens, em a véspera de cujo dia e festa, que a confraria lhes faz, foi servido começar a levantar o castigo, com boa cópia de água, e ainda que esta não durou mais que dois ou três dias foi mui grande alívio para tôda a terra. Aqui era para ver a santa competêncoia de a quem se devia atribuir a mercê; porém os mais dos votos tiveram por si os meninos de nossa Escola, que levados de uma santa inveja, não contentes de se acharem em tôdas as mais quiseram também por si fazer sua Procissão. Para isto se preparam uns com suas velas metidas em lanternas de papel, postas em paus a modo de tochas, outros com cruzes, e outras insígnias de penitentes, e todos descalços; junto mais de 150, nesta forma, começaram a entoar dois as ladainhas à porta da nossa Igreja, da banda de fora, e respondendo os mais, se foram pelas ruas principais da Cidade com edificação mui notável de quantos os viam, não sabendo se se espantasse mais da ordem e concêrto com que iam, se da devoção que mostravam, e em especial um que no couce da procissão levava um crucifixo em as mãos, coberto com um véu, e acompanhado de duas tochas, representava a mais devota e bem composta figura, que com muitos ensaios se pudera pintar. Começou o acto com meninos, mas como se continuou, e voltaram por adonde saíram, podia-se ver o acompanhamento de gente que traziam após si, trocada já a música de cantochão em a de órgão, que alguns músicos bons cantavam movidos da devoção, que a todos fêz aquela vista, como lhe chamavam, de anjos. Nesta forma continuaram por muitos dias, indo umas vezes a uma Igreja, outras a outra; <...>

[...]

6. – <...> (*p. 18*) Este [*"pego", espécie de ponte de madeira*], de que falo, achei feito ou concertado de novo, e nêle muitos Índios da Aldeia vizinha [*à Bahia*], com um terno de charamelas em corpo, todos para nos passarem, e com seus arcos nas mãos, postos em ordem de guerra para nos acompanharem com fizeram no restante do caminho, suprindo à porfia com seus ombros em uma rede a falta de uma cavalgadura, que a um dos companheiros, fraco e convalescente ainda de uma doença, tinha fugido. Perto já da Aldeia estava outra esquadra com tambor e bandeira; mais adiante nos esperavam os **meninos e mancebos solteiros, a que chamam moços da escola, por todos aprenderem nela até serem casados**. Êstes costumam, em os recebimentos dos Provinciais e Visitadores, ir diante com danças por baixo de arcos triunfais, cobertos de ramos frescos até os meterem na Igreja, a qual achamos tão cheia de gente como em o mais solene dia de festa, e tal parecia êste com a boa música do **Te Deum laudamus**, som das charamelas, frautas, etc. <...>

(*p. 19*) E tornando aos Índios desta Aldeia, se muito me consolaram com as mostras grandes do amor com que nos recebiam, muito mais o fizeram com as que depois deram da estima do que se lhes ensina de nossa fé, virtude e piedade cristã, porque sendo isto em conjunção da festa do **Espírito Santo**, orago da mesma **Aldeia** [*7º domingo após a páscoa de 1614*], foi para ver o fervor que em todos houve, e nenhum ficar sem que se confessasse, e commungassem os que a isso se admitem; <...> A festa se fêz com várias e bem ensaiadas danças de moços e meninos, com seus ditos em louvor do dia, duas prègações, uma em português, outra na língua brasil, vésporas e missa a dois coros, também cantada, tudo com seu baixão, sacabuxa[206], frautas e charamelas, que dentro na cidade não sei se se fizera melhor.

236 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VII, 1720, p. 417) informa: « Sacabuxa, ou Sacabuxo. Instrumento musico, pneumatico, de metal, na feyção de trombeta, excepto que he mais comprido, & se estende, & se encolhe em si mesmo, de cima para bayxo. Chama-se assim, porque a qualquer que não estivesse advertido, lhe pareceria, quando se alarga, que o sacão, ou tirão do bucho. ... He instrumento muyto usado na Alemanha, & serve de contrabaixo em todas as consonancias de instrumentos de assopro ». DOMINGOS VIEIRA (**Grande diccionário português**, v. V, 1874, p. 367) acrescenta: « Especie de trombeta, dividida pelo centro, quando a tangem; he uma peça que sobe e desce por ella para se fazer a differença de vozes que a musica pede ». E, segundo PEDRO SINZIG (**Pelo mundo do som**, 1959, p. 516), o « primitivo trombone de vara », informação confirmada por MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1984, p. 449). O instrumento era comum em Portugal e bastante citado na poesia quinhentista como em JERÔNIMO CORTE REAL (*Naufrágio de Sepúlveda*, 1840, v. I, canto V, p. 113): « Trombetas, sacabuxas, atabales, | Baixões sonorosos, & as silvestres | Rudes gaitas, tocadas juntamente | Forão som, que os cabellos arrepia ». Contudo, esta foi a única referência à **sacabuxa** encontrada na documentação sobre o Brasil dos séculos XVI e XVII e pode ter sido informação forjada pelo padre provincial.

# 107

# CLAUDE D' ABBEVILLE

## (? – 1632)

LIVRO: **HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO.** Paris, François Huby, 1614.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: RUBENS BORBA DE MORAIS (**Bibliographia brasiliana**, c. 1983, v. I, p. 5) aponta duas edições pelo mesmo impressor, no mesmo ano, desta obra, da qual utilizamos a segunda (que difere da primeira, sobretudo na correção de erros que anteriormente apareciam na errata). Segundo este historiador, « The **Histoire de la mission** seems to have been printed very quickly ("com rapidez extraordinaria" says Francisco Leite de Faria 123) in order to take advantage of the presence in Paris of the six Indians from Maranhão, and the great curiosity they provoked among the people of Paris. The book was approved by the 'Provincial des Capucins' on January 17, 1614, by the 'Commissaire de la Mission des Indes Occidentales' on the 23d, and on the following day the "Privilege du Roy" was granted to François Huby, the printer. It appears that the first edition was soon out of print, and a second was printed. This was published with the misprints corrected, and a more extensive index was compiled and printed in 35 pp. in double cols. Nevertheless, it is possible that copies were made up with sheets of the first and second editions, as was usual in such cases ». A primeira tradução portuguesa leva o título ***História da missão dos R. P. Capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circumvizinhanças pelo padre Claudio d'Abbeville, traduzida e anotada pelo Dr. Cesar Augusto Marques.*** Maranhão, 1874 [8vo; viii, xvi, 456 pp.; 1 f. inum.; 3 pp.]. Em 1922 essa tradução é reproduzida, com notas de Eduardo Prado e prefácio de Capistrano de Abreu. A tradução para a edição de 1945 é de Sérgio Milliet, reproduzida em 1975 (Itatiaia-EDUSP).

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBENS BORBA DE MORAIS (**Bibliographia brasiliana**, c. 1983, v. I, p. 7) informa: « The work by Father Claude d'Abbeville is a history of the mission, and that of Father Yves [d'Evreux] a book about Maranhão. They complement one another. The second was written as a continuation to the first, leaving out what had already been said. Father Claude did not stay long in Maranhão, only four months, but it was enough to observe nature and the Indians with marvelling eyes ».

EDIÇÃO UTILIZADA: **Histoire | DE LA MISSION | Des Peres Capvcins | en l'Isle de Maragnon et | terres circonuoisines | ov | est traicte des singularitez admirable et des | Meurs merueilleuses des Indiens | habitants de ce pais Auec les missiues | et aduis qui ont este enuoyez de nouue. | Par | Le R. P. Claude d'Abbeuille | Predicateur Capucin. | Praedicabitur Euangelium | Regni In vniuerso orbe. Mat. 2. 4** | Auec priuilege du Roy | [gravs.] | A Paris | De l'imprimerie de François | Huby, rue St. Iacques à la Bible d'Or, | et en sa boutique au Palais en la gallé-|rie des Prisonniers. 1614. [18 X 10; 14, 395, 25 f.] [EIEB: LA-1-20]

TRADUÇÃO PORTUGUESA: ABBEVILLE, CLAUDE D' - ***História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas.*** **Apresentação de Mário Guimarães Ferri**; [tradução de Sérgio Milliet; prefácio de Rodolfo Garcia]. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 297 pp. (Série Reconquista do Brasil, v. 19)

### TEXTO FRANCÊS

**DE NOSTRE EMBAR-quement, et des tourmentes que nous eusmes iusques en Angleterre. CHAPITRE II.**

[1.] (*f. 22r*) [*"Partement des Peres Capucins et autres, de Cancale pour aller à Maragnan."*]

### TRADUÇÃO

**CAPÍTULO II De nosso embarque e das tormentas que sofremos até a Inglaterra.**

(*p. 20*) A 19 de março de 1612, festa do bem-aventurado São José, espôso da sagrada Mãe de Nosso

LE Lundy dix-neufiesme | de Mars mil six cens douze, que l'Eglise celebre la feste du bien-heureux S. Ioseph, Espoux de la Sacrée Mere de nostre Seigneur IESVS-CHRIST, nous fismes voile soubs la cõduite de Dieu, de la Vierge Sacrée, & de nostre Seraphique P. S. FRANÇOIS, & partismes de la rade de Cancale à six heures & demie du matin, apres quelques canonades tirées, les trompettes sonnants pour saluer lebourg, & dire à Dieu à tous nous Amis qui estoiẽt sur le bord de la Mer pour voir partir la flotte de nos trois vaisseaux. <...> (*f. 22v*) [*"Prieres des PP. Capucins et de leur suitte au cõmencement de leur nauigation."*] Commenceans ainsi à voguer en Meur auec vne ioye & allegresse nom pareille de toute la Compagnie, chacũ se prosterna à deux genoux inuoquant l'assistãce du sainct Esprit, de la glorieuse VIERGE MARIE, & de nostre bon Pere sainct FRANÇOIS, chantant le **Benedictus dominus Deus Israel**, auec les suffrages & Oraisons deuotes qui sont contenuës en l'**Itinerarium** du Breuiaire Romain.

[...]

Senhor Jesus Cristo, sob a proteçao de Deus, da Virgem e de nosso seráfico São Francisco, partimos do pôrto de Cancale às seis e meia da manhã, após uma salva de tiros e alguns toques de trombeta como adeus aos nossos três navios. <...> E iniciando-se a navegação com grande e geral alegria, invocaram todos, de joelhos, a proteção do Espírito Santo, da gloriosa Virgem Maria e do nosso bom pai São Francisco, cantando o **Benedictus dominus Deus Israel**, com as preces e orações devotadas do **Itinerarium** do Breviário Romano.[207]

[...]

**DE NOSTRE ARRIVEE à l'Islette saincte Anne, de l'Auis qui en fust dõné aux Indiens de Maragnã: de la benedictiõ de l'Islette susdite et cõme la Croix y fust plãtée. CHAP. IX**

[...]

[5.] (*f. 59r*) [*"Preparation de la Croix dãs l'Islette."*] Pendant que l'on faisoit cette embassade, nous estions demeurez au port de l'Islette auec nostre equipage, où nous attendions la resolution des Indiens; & faisions faire vne grande Croix (comme il est dit cy-dessus) laquelle estant paracheuée, chacun de nous mit pied à terre le Dimanche 28. de Iuillet. Apres auoir faict l'eau beniste, l'on chanta le **Veni Creator**, sur la place où la Croix auoit esté construite; & de ce pas nous alãmes en procession iusques au lieu

**CAPÍTULO IX De nossa chegada à Ilha Pequena ou Santa Ana; do aviso dado aos índios do Maranhão; da bênção da ilha e de como nela se plantou a cruz.**

[...]

(*p. 52*) Enquanto se realizavam essas negociações, ficamos com a equipagem no pôrto da Ilha Pequena à espera da resolução dos índios. Terminada a grande cruz que mandáramos fazer, saltamos à terra no domingo, 28 de julho. Depois da bênção cantou-se o **Veni creator**[208] na praça em (*p. 53*) que a cruz fôra construída e fomos em procissão até o local onde devia ser plantada, numa iminência ou colina, distante do pôrto cêrca de mil passos. Na procissão cantamos as ladainhas de Nossa Senhora. O sr. de Rasilly e todos os

auquel elle deuoit estre palntée, qui estoit vne petite bute ou colline distante enuiron de mille pas dudit port, durant laquelle procession nous chantions les Litanies de la Vierge. Le Sieur de Rasilly & tous les Principaux de nostre equipage portoient la susdite Croix sur leurs espaules, auec vne tres-grande reuerence & deuotion, les yeux baignez de larmes, accompagnées d'vne ioye & allegresse nompareille. Si tost (*f. 59v*) que nous fusmes arriuez, on commença le **Te Deum laudamus**, à la fin duquel, la Croix fut beniste solẽnellement, ayant prealablement fait vne petite exhortation. [*"Benediction de la Croix. L'Islette saincte Anne pourquoy ainsi nõmée par le Sieur de Rasilly."*] L'Islette fut pareillemẽt beniste & nõmée par le Sieur de Rasilly l'Islette saincte ANNE, à cause que nous y estiõs arriuez le iour de sa feste & solẽnité; & incontinent la Croix y fut plantée, pẽdant que le Sieur de la Rauardiere faisoit tirer de nos vaisseaux, force canonades en signe d'allegresse, & que nous autres chãtions l'Hymne deuot, **Vexilla regis prodeunt**, c'est à dire les Estendars & enseignes de nostre Roy IESVS-CHRIST sont maintenant mises au iour & cõmencent à paroistre. [*"La Croix plantée et adorée en l'Islette saincte Anne"*] En fin estant esleuée, elle fut adorée de tous les Catholiques, auec autãt de deuotiõ & tẽdresse de coeur, que nous auiõs de ioye & de contentement d'estre arriuez, & de voir les enseignes de IESVS-CHRIST si glorieusement arborées dans cette terre infidelle, qui iusques alors n'ayãt produit que des ronces & espines de malediction, deuoit de là en auant produire & rapporter les doux fruicts de la grace, par les merits de la Passion de (*f. 60r*) nostre Seigneur qui vit & regne auec le Pere & le Sainct Esprit en l'eternité des siecles.

principais de nossa equipagem carregavam a cruz aos ombros com grande respeito e devoção, com os olhos cheios de lágrimas e tomados de alegria sem igual. Logo depois de chegarmos, iniciamos o Te-deum laudamus[208], depois do que foi a cruz benzida com tôda solenidade e em seguida a uma pequena exortação. Benzemos também a Ilha Pequena a que o sr. de Rasilly batisou de Sant'Ana por aí têrmos chegado no dia de festa dessa santa. A seguir chantou-se a cruz, enquanto o sr. de la Ravardière mandava dar salvas aos navios em demonstração de alegria e que nós cantávamos o hino **Vexilla Regis prodeunt**. Assim os estandartes e as insígnias de nosso Rei Jesus Cristo se achavam agora desfraldados ao vento. Finalmente, erguida a cruz, foi ela adorada por todos os católicos, com tanta devoção e ternura quanto era a nossa alegria por têrmos chegado e visto tão gloriosamente arvoradas as insígnias de Jesus Cristo nessa terra infiel que até então só tinha produzido cardos e espinhos de maldição, mas iria doravante produzir os doces frutos da graça pelos méritos da paixão de Nosso Senhor que vive e reina com o Pai e o Santo Espírito na eternidade dos séculos.

**DE NOSTRE ENTREE en l'Isle de Maragnan, et de la disposition du fort. CHAP. X.**

[...]

[8.] (*f. 62v*) [*"Comme les PP. Capucins furent receus à Maragnã."*] AV sortir de nostre **Canot**, mettans pied à terre, le Sieur de Rasilly se prosterna à genoux auec tous les François, & apres nous estre saluez & embrassez, ie commençay à entonner le **Te Deum laudamus**, allans en procession auec cette belle compagnie Françoise qui marchoit en ordre, suiuie d'vne grande troupe d'Indiens. [*"Maragnan nouueau Royaume occupé premierement par les Capucins François, au nom de Iesus Christ."*] Chacun versoit des larmes en abondance, qui decouloient le long de nostre face, pour la ioye & allegresse que nous voir les premiers iouïssans de ce bon-heur, que d'entrer en asseurance en cette terre infidelle, d'autant que nous prenions possession de ce nouueau Royaume, au nom du Roy des Roys le Redempteur du Monde nostre Sauueur IESVS CHRIST. Ce ne fut sans loüer ce grand Dieu, (*f. 63r*) chantans à haute voix, des Cantiques de loüanges parmy ces Peuples, qui iusques alors ayant estés rebelles à sa Diuine Majesté, allouient processionnellement iubilans en leurs coeurs, de la veuë agreable des diuins rayons de la doctrine Euangelique, que le Sauueur du monde vray Soleil de Iustice, leur offroit si benignement.

[9.] [*"Le bon traitement que fait le Sieur du Manoir aux Capucins"*] LE **Te Deum laudamus**, & quelques autres deuotes oraisons acheuées, nous nous retirâmes tous quatre auec les Sieurs de Rasilly & de Pezieu, chez le Sieur du Manoir, lequel sur le soir, nous feit vn festin aussi magnifique que l'on sçauroit faire en France, où il y auoit abondance de toutes sortes de gibier & autres viandes accommodées à la façon des François: <...>

[...]

**CAPÍTULO X Da nossa entrada na ilha do Maranhão e da localização do forte**

[...]

(*p. 55*) Ao descermos da canoa e pormos o pé na terra, ajoelhou-se o sr. de Rasilly e ajoelharam-se os outros franceses; e depois de nos têrmos saudado e abraçado, comecei a entoar o **Te deum laudamus**, caminhando processionalmente com essa bela companhia francesa que marchava em formação seguida por grande multidão de índios; derramavam todos (*p. 56*) lágrimas de alegria pelo fato de sermos os primeiros a gozar dessa felicidade de entrar com confiança na terra dos infiéis, e a tomar posse dêsse novo reino, em nome do Rei dos Reis, do Redentor do mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo. E louvamos a grandeza de Deus entoando em altas vozes cânticos de louvores entre êsses povos, até então rebeldes à Majestade Divina e que caminhavam em procissão, cheios de júbilo pela vista agradável dos divinos raios da doutrina evangélica que com tanta bondade lhes oferecia o salvador do mundo, sol verdadeiro de justiça.

Findos o **Te deum laudamus** e algumas outras orações devotas, retiramo-nos os quatro, juntamente com os sr. de Rasilly e de Pézieux, para a casa do sr. du Manoir onde nos foi oferecido um banquete tão magnífico quanto poderia ser em França e no qual havia grande abundância de tôda espécie de caça e de carne, tudo preparado ao gosto francês; <...>

[...]

**COMME LA CROIX fut plantée à Maragnan, *et* la terre beniste. CHAP. XIII.**

[...]

[3.] <...> (*f. 86v*) [*"Les ceremonies et procession solénelle à planter la Croix à Maragnã"*] Nous autres quatre Religieux estant reuestus de nos surplis blancs nous suiuions la Croix par ordre: <...>

[4.] CEPENDANT nous commençâmes a chanter les Litanies de la Vierge MARIE, ainsi que nous auoins fait plantant la Croix en l'Islette saincte ANNE. Estans arriuez au fort, au lieu designé pour planter la Croix (laquelle estoit (*f. 87r*) fort grande, & toute preparée sur la place) l'vn de nous entonna le **Te Deum laudamus**, que l'on continua auec quelques oraisons. <...>

[...]

[7.] <...> (*f. 88r*) [*"Benediction et adoration de la Croix en l'Isle de MAragnan."*] Durant cette adoration, nous chantions l'Hymne **Vexilla Regis prodeunt**, que nous repetâmes plusieurs fois iusques au veset, **O Crux aue spes vnica**. Et apres que les François eurent acheué, tous les Indiens l'adorerent aussi les vns apres les autres, auec vne reuerence & modestie nompareille.

[...]

[10.] (*f. 89r*) [*"Indiens en plantant la Croix"*] PENDANT que les Indiens esleuoient & plantoient si courageusement la Croix, nous estions tous prosternez à genoüils, chantans **O crux aue spes vnica, in hac triomphi gloria**, & ce qui fuit, auec l'oraison à la fin que l'Eglise chante au iour de l'Exaltation de la saincte Croix: <...>

[...]

**CAPÍTULO XIII De como se plantou a cruz no Maranhão e foi a terra benzida**

[...]

<...> (*p. 72*) Nós outros, religiosos, acompanhamos a cruz em ordem, revestidos de sobrepelizes brancas. <...>

Enquanto isso, cantávamos as ladainhas da Virgem Maria como havíamos feito ao chantarmos a cruz na Ilha Pequena ou de Santa Ana. Chegando ao Forte, lugar escolhido para plantar a cruz (que era muito grande e aí já se achava preparada) entoou um de nós o **Te Deum Laudamus** a que se seguiram outras orações. <...>

[...]

<...> Durante a adoração da cruz, cantamos o hino **Vexilla Regis Prodeunt**, repetindo-o várias vêzes até o versículo **O Crux ave spes unica**. E ao terminarem os franceses a adoração, adoraram-na também os índios com grande humildade e respeito.

[...]

(*f. 73*) Enquanto os índios levantavam e chantavam corajosamente a cruz, nós, ajoelhados, cantávamos **O Crux, ave spes unica, in hac triumphi gloria** e o que se segue, com a oração final, cantado pela Igreja no dia da exaltação da cruz. <...>

[...]

[do f. 89v (Mv) da edição antiga (não consta da edição de 1975)]




**LA VISITE QVE NOVS fismes aux villages de l'Isle de Maragnan. CHAP. XV.**

[...]

[17.] (*f. 98r*) [*"Premier enfant baptisé à Ianouarë."*; *"Rauissement des Indiens en la*

(*p. 79*) Depois de cantarmos um Veni Creator com outras orações devotas, batizamos essa criança

*contëplation des belles ceremonies du Baptesme.*"] Et apres auoir chanté le **Veni Creator** auec d'autres Oraisons deuotes, nous baptisâmes cet enfant, qui estoit vne fille, laquelle fut nommée Marie, dont tous les Indiens furent si ioyeux & contents, & demeurent tellement rauis en admiration pour les belles ceremonies de ce bapteme, qu'ils disoient tous d'vne commune voix, que c'estoit vne belle chose, d'estre fait enfant de Dieu; <...>

[*filha de "uma india, de nome Tave Avaetê*"] a que, por ser menina, chamamos Maria. Fica(*p. 80*)ram os índios tão satisfeitos e tão cheios de admiração diante das belas cerimônias do batismo, que nos afirmaram todos ser uma bela coisa tornar-se filho de Deus; <...>

[...]

[13.] ["*3. visite, à Iuniparan.*"] TANT que les enfans mesme du Principal, qui est le premier de tout le (*f. 98v*) pays, croyans que nous ne manqueriõs point, ils vindrent tous au dauant de nous, accompagnez de quelques autres Indiens. ["*Comment les enfans des Principal du Iuniparan vont au deuant du sieur de Rasilly, et des Peres Capucins pour les receuoir.*"] A la rencontre, Ils commencerent aussi tost à nous embrasser & faire mille caresses, s'esiouyisans extremement de nostre venuë; & nous conduirent auec vne allegresse & vn contentement nompareil dans le village, où nous entrâmes tous de compagnie. Le trompette marchoit deuant & sonnoit comme il auoit de coustume à l'entrée de chacun village: <...>

Os filhos do principal, que é o primeiro de todo o país, certos de que não deixaríamos de vir, vieram ao nosso encontro com alguns índios e, apenas nos viram, começaram a abraçar-nos e fazer-nos mil agrados, alegrando-se extremamente com a nossa chegada; assim nos conduziram até a aldeia onde entramos todos juntos. O corneteiro ia à frente, tocando como costumava fazê-lo à entrada de cada aldeia; <...>

[...]

**COMME LES INDIENS bastirent vne Chappelle et planterent la Croix à Iuniparan, principal vilage de l'Isle de Maragnan. CHAP. XVIII.**

**CAPÍTULO XVIII De como construíram os índios uma Capela em Juniparã, principal aldeia da Ilha do Maranhão, e aí plantaram uma cruz.**

[...]

[14.] (*f. 117r*) ["*Comme la Croix fut beniste et plantee à Iuniparan la veille de S. François.*"] SI bien que la lendemain matin troisieme iour d'octobre, veille de la feste de nostre Seraphique Pere, Sainct FRANÇOIS, **Iapy Ouassou** Principal de l'Isle, reuestu de sa casaque & estant assemblé au milieu de la

[...]

(*p. 92*) Assim, na manhã seguinte, 3 de outubro [*de 1612*], véspera da festa de nosso pai seráfico São Francisco, Japi-açu, principal da Ilha, vestiu seu casaco e reuniu no centro da praça todos os principais e anciões, e também o povo todo de Juniparã e das aldeias vizinhas que, ao saber da notícia, para aí se encaminhara.

place auec les Principaux & Anciens & tout le peuple de **Iuniparan**, sans ceux des autres villages circonuoisins, qui ayant entendu cette nouuelle estoient venus expres, le Sieur de Rasilly y estant present auec plusieurs François qui estoient pour lors à Iuniparan; le R. Pere Arsene & moy reuestus de nos surplis blancs, portans nos bastons & Croix (*f. 117v*) à la main, apres auoir chanté le **Veni Creator, Aue Maris stella**, & quelques autres Oraisons deuotes, ayant aussi fait l'eauë beniste, nous commenceâmes à faire la benediction de la Croix, ainsi que nous auions fait au fort de S. Louys.

Achava-se presente o sr. de Rasilly bem como inúmeros franceses que se encontravam em Juniparã. O Reverendo Padre Arsênio e eu, revestidos de nossas sobrepelizes brancas, empunhamos nossos bordões com crucifixos e, depois de cantarmos o **Veni Creator, Ave Maris Stella** e outras orações devotas, e de benzermos a água, começamos a benzer a Cruz, tal qual fizéramos no Forte de São Luís.

[15.] [*"La Croix adorée par les Sauuages, et plantée à Iuniparan."*] LA benediction acheuée, nous commenceâmes à l'adorer les vns apres les autres, chantans tousiours cependant l'Hymne **Vexilla regis prodeant**. <...> (*f. 118r*) Et cependãt que ces Indiẽs la plantoient eux mesmes, nous estions tous à genoux chantans, **O crux aue spes vnica**, nous resiouïssans infiniment de cette si saincte action.

[...]

Benzida a cruz, pusemo-nos a adorá-la, uns após outros, cantando sempre o hino **Vexilla Regis prodeunt**. <...> Enquanto os índios a erguiam, nós, ajoelhados, cantávamos o **O Crux, ave spes unica**, felizes infinitamente ante tão santa ação.

[...]

**DE CE QVI SE PASSA en nostre visite à Carnaüpio, Itapary et Tymbohu. CHAP. XIX.**

**CAPÍTULO XIX Do que se passou em nossa visita a Carnaupió, Itapari e Timboú**

[...]

[2.] (*f. 118v*) [*"Assemblée des Indiens de Iuniparan pour entendre la doctrine Chrestienne."*] DVRANT nostre absence, tous les (*f. 118r*) soirs & matins, les Indiens de **Iuniparan**, s'assembloyent au son d'vne espece de tabourin, appellé en leur langue **Ouärara**, que ledict Sebastian auoit inuentã pour s'en seruir à faute de cloche.

[...]

(*p. 94*) Durante a nossa ausência, pela manhã e pela tarde, reuniram-se os índios de Juniparã ao som de uma espécie de tambor por êles chamado uarará 210, instrumento inventado por Sebastião para substituir o sino.

[3.] [*"Industrie pour plus facilement empraindre la doctrine Chrestienne en la memoire des Indiens."*] ESTANS tous assemblez, il les menoit de compagnie droit au pied de la Croix, où les faisant mettre tous à genoux auec luy, les

Assim reunidos, êle os conduzia ao pé da cruz onde, ajoelhando-se todos, punham as mãos, fitavam a cruz e ouviam a oração dominical, dita por Sebastião em sua língua e repetida em côro, palavra por palavra. E para que mais fàcilmente

mains ioinctes & les yeux finchez sur la Croix, il commençoit l'oraison Dominicale en leur langue, qu'il leur faisoit dire mot à mot apres luy. Et pour leur faire retenir plus aisement, il trouua inuention de leur faire dire en chantant, auec l'**Aue Maria**, le **Credo**, les Commandements de Dieu, de l'Eglise, & les sept Sacremens. Il faut que ie confesse que c'estoit vn chant si doux & si pitoyable, qu'il estoit impossible de l'entendre sans en ressentir ie ne sçay quoy d'esmotion.

[...]

os retivessem na memória, inventou Sebastião o expediente de fazê-los cantar, juntamente com a Ave Maria, o Credo, os Mandamentos de Deus e da Igreja e os Sete Sacramentos. Confesso que êsse canto era tão suave e melancólico que se tornava difícil ouvi-lo sem experimentar uma estranha comoção [311].

[...]

**COMME LES ESTENdars de la France furent plantez en l'Isle de Maragnan. CHAP. XXVII.**

[...]

[3.] <...> (*f. 160v*) Et suiuant la resolution qui fut là prinse d'vn commun consentemẽt, le lendemain (iour de la Tous-Sainots,) toute la Compagnie Françoise qui estoit dispersée par les villages, fut assemblée, & estans Tous en arme, braues, & au meilleur equipage qu'il leur fut possible, s'En allerent auec les tambours & trompettes, Suiuis de tous les Indiens, iusques aux logis des Sieurs Lieutenans Generaux pour Sa Majesté, querir le susdit Estendart de France, que les six susmentionnez Principaux du Pays porterent, auec l'ordre qui s'en suit.

[4.] [*"L'ordre de la compagnie Françoise et des Indiens portans l'Estendart de France pour le planter à Maragnan."*] LES Tambours & trompettes sonnantes marchoient deuant, auec la Compagnie Françoise en bonne conche, & en fort bel ordre: puis les six Principaux Indiens susdits suiuoient, Reuestus de leurs casaques bleuës marqueées de Croix blãches deuant & derriere, portans le susdit Estendart de France sur leurs espaules. Les Sieurs de (*f. 161r*) Rasilly & de la Rauardiere Lieutenans Generaux, marchoient

**CAPÍTULO XXVII Como se ergueram na Ilha do Maranhão os estandartes de França.**

[...]

<...> (*p. 122*) De acôrdo com a decisão tomada unânimente, na manhã seguinte, dia de Todos os Santos, reúniu-se a Companhia Francesa que se achava dispersa pelas aldeias. Em seguida, armados e com garbo nos seus mais belos uniformes, marcharam os soldados ao som das cornetas e tambores e seguidos pelos índios, até a residência dos senhores loco-tenentes-generais de Sua Majestade, a fim de buscar o estandarte de França, que foi carregado pelos seis principais, na seguinte ordem: tambores e (*p. 123*) cornetas iam à frente seguidos pela companhia francesa bem fardada e em boa ordem; vinham depois os seis principais índios, vestidos com os seus casacos azuis com cruzes brancas na frente e nas costas e carregando aos ombros o estandarte. Os srs. de Rasilly e de la Ravardière, loco-tenentes-generais, vinham atrás segurando as extremidades do estandarte e os acompanhavam todos os fidalgos franceses de nossa equipagem. Uma grande multidão de índios acorridos de tôdas as aldeias circunvizinhas fechava o cortejo. <...>

apres, tenans chacun d'vne main, les bouts & extremitez d'Iceluy, & estãt Accompagnez de tous les Gentils-hommes Frãçois de nostre Equippage. Il y auoit en apres vne grande multitude d'Indiens qui estoient accourus de tous les villages circonuoisins; <...>

[...]

[12.] (*f. 163r*) [*"Estendarts de France plantez à Maragnan par les Indiēs mesme auec solemnitez."*] A l'instant Ils planterent Eux mesmes cet Estendart, & les Armes de la France: ce pendant on sonnoit les trompettes, l'on battoit les tambours, & si l'on tiroit force canonades & mousquetades, en signe de IOYE, & d'Allegresse, auec vn grandissime contentement (*f. 163v*) des François, & de tous les Indiens.

[...]

Assim dizendo, fincaram êles próprios o estandarte e as armas de França, enquanto soavam as cornetas e os tambores e se disparavam tiros de canhão e de mosquetes em sinal de alegria, entre o entusiasmo dos franceses e de todos os índios.

[...]

**LES LOIX FONDAMENtales establies en l'Isle de Maragnan. CHAP. XXVIII.**

Capitulo XXVIII. Leis fundamentais decretadas na Ilha do Maranhão.

**DE PAR LE ROY**

[...]

[3.] (*f. 165v*) Et Nous Daniel De la Tousche, Cheualier, Seigneur de la Rauardiere, François de Rasilly außi Cheualier Seigneur dudit Lieu, *et* des Aumelles, faisant pour haut *et* Puissant Messire Nicolas de Harlay, Cheualier, Seigneur de Sancy, Baron de Molle, *et* de Grois-bois, Conseiller du Roy en ses Conseils d'Estat, *et* Priué, Lieutenants Generaux pour Sa Majesté aux Indes Occidentales.

[...]

[...]

(*p. 126*) Em nome de Sua Majestade, nós, Daniel de la Touche, Cavaleiro e Senhor de la Ravardiere, Francisco de Rasilly, também cavaleiro, senhor do dito lugar e de Aunelles, procurador do alto e poderoso senhor Nicolau de Harlay, cavaleiro, senhor de Sancy, Barão de Molle e de Gravois conselheiro de Estado e do Conselho Provado do Rei, loco-tenentes-generais de Sua Magestade nas Índias Ocidentais, <...>[212]

[...]

[16.] (*f. 168v*) [*"Loix extablies à Maragnan" (12ª lei)*] ORDONNONS que quiconque sera troué en larcin, sera pour la premiere fois foüetté au pied de la potence à son de trompe, & serue vn an entier d'esclaue aux heures publiques: perdant pendant ce temps, toutes dignitez, salaires & proufits: & pour la seconde fois,

(*p. 128*) [*12ª lei*] Ordenamos que quem quer se encontre furtando seja, da primeira vez, açoitado ao pé da fôrca, ao som da corneta[213], e sirva durante um ano nas obras públicas, com perda, nesse espaço de tempo, de tôdas as dignidades, salários e proveitos; da segunda vez seja o infrator enforcado. Em se tratando de criado

pendu & estranglé: & estant seruiteur domestique il sera pendu & estranglé dés le premier larcin.

[...]

doméstico, seja já no primeiro roubo enforcado.

[...]

**LES PRINCIPAVX VILLAges de Comma. CHAP. XXXIV.**

[...]

[5.] (*f. 118r*) [*"Les plus celebres villages de Comma et les nōs des Principaux d'iceux auec leur signification."*] Le quatriesme s'appelle **Couy-Ieup**, qui signifie la courge accommodee. Le Principal se nomme **Ingaroboüy**, c'est à dire le chantre bleu.

[...]

[7.] Le sixiesme village se nomme **Taeuonaio**, c'est à dire le fruict noir. Le Principal se nomme **Maracapou**, qui signifie le son d'vne sonnette.

[...]

**CAPÍTULO XXXIV Aldeias principais de Cumã.**

[...]

Chama-se a quarta **Cui Ieup**, cabaça preparada, e o principal **Ingarobui**[214], cantor azul.

[...]

(*p. 150*) Chama-se a sexta **Taevonajo**, fruto negro, e o principal **Maracapu**[215], o que quer dizer, som de um instrumento.

[...]

**DV TEINCT DES JNdiens, de la façon de portier leurs cheueux, et comme ils se percent la leure et les aureilles. CHAP. XLV.**

[...]

[8.] (*f. 268r*) [*"Coustume des Maragnans à se percer la leure"*] Ils ont vne autre coustume estrange de se percer la leure d'en bas. Quand leurs enfans viennent à l'aage de quatre, cinq ou six ans, ils preparent vn vin ou festin (qu'ils appellent **Caouin**) où ils conuient tous les parens & amis de l'enfant auquel on doit percer la leure, ensemble tous les habitans du village & des lieux circonuoisins, & apres auoir bien **Caouinné** & dācé deux ou trois iours selon leur coustume, ils font venir le petit enfant apres luy auoir fait entendre que c'est pour luy percer la léure à ce qu'il foit vn iour fort valeureux & grand guerrier, lequel tout encouragé pour telle raison, presente lebremēt & hardiment sa léure auec vne allegresse & grand contentement: & lors celuy qui est

**CAPÍTULO XLV Da tez dos índios, de como trazem os cabelos e furam os lábios e orelhas.**

[...]

(*p. 214*) É-lhes peculiar também outro costume estranho: o de furar o lábio enferior. Al atingirem seus filhos a idade de quatro a seis anos, preparam os índios um festim (o cauim), para o qual convidam todos os parentes e amigos do menino, além de todos os habitantes da aldeia e circunvizinhanças. Depois de **cauinar** bastante e de dançar durante três dias consecutivos, segundo seu costume, mandam vir o menino e dizem-lhe que vão furar o lábio para que se torne um guerreiro valente e prestigiado. A criança assim encorajada apresenta espontâneamente o lábio, com satisfação e decisão; pega-o então o índio incumbido de furá-lo e atravessa-o com um osso ponteagudo fazendo um grande buraco. Se o menino grita ou chora, o que raramente acontece, dizem-lhe que não prestará pra nada, que será

deputé la prend & la perce auec vne petite (*f. 268v*) corne ou quelque os bien pointu & y fait vn grand trou. Que s'il aduient que le petit enfant crie (ce qui n'arriue guere) ou qu'il iette quelque larme pour la douleur qu'il ressent, ils disent qu'il ne vaudra rien, & qu'il ne sera iamais qu'vn coüard & hõme sans courage. Que si au contraire il est ferme & constant (comme ordianirement ils sont) ils en tirent vn bon augure, & croyent qu'en sa vie, il sera grand, braue & vaillant guerrier.

[...]

sempre um covarde, um homem sem coragem. Se ao contrário, como ocorre comumente, se mostra corajoso e forte, tiram da cerimônia bom augúrio e afirmam que será mais tarde grande, bravo e valente guerreiro.

[...]

**DES COMPORTEMENS et exercices des Maragnans. CHAP. L.**

[...]

[7.] (*f. 299r*) [*"Commutation des marchandises vsitée entre les Maragnans sans vsage d'or ny d'argent monnoyé."*] Les Indiens donc ne sçauent que c'est d'achepter ny de vendre pour amasser l'or & l'argent, dont ils n'ont aucun vsage. [*"Aiepoayh."*] Que si quelquefois ils vendent leurs esclaues & autres marchandises, comme ordinairement ils font aux François qui trafiquent parmy eux, ce n'est qu'en eschange d'autres choses ausquelles ils prennent plaisir, qu'ils appellent **Aiepouih**, pendre de pource.

[8.] [*"Exercise des Maragnans"*] C'est pour cela qu'ils menent vne vie ioyeuse & contente sans se soucier beaucoup de trauailler. Aduenant qu'ils n'ayent point de guerre, ils passent vne partie de leurs temps en oysiueté, & employent le reste à danser, **Caouinner**, chasser & pescher plustost pour desir qu'ils ayent d'amasser des richesses.

[9.] [*"Danses fort frequentes entre les Maragnans."*] La danse est le premier & le princi-(*f. 299v*)pal exercise des **Maragnans**: lesquels sont à mon aduis les plus grands danseurs qu'on troue soubs le ciel: car il ne se passe iour qu'ils ne

**CAPÍTULO L Da conduta dos maranhenses e de seus exercícios**

[...]

(*p. 236*) Não sabem, pois, os índios o que seja comprar e vender no intuito de juntar dinheiro, ouro ou prata, cujo valor desconhecem. Quando vendem seus escravos ou outros gêneros, o que costumam fazer com os franceses, que negociam com êles, fazem-no em troca de outras mercadorias que lhes agradam e dão a essa operação o nome de **ajenpuig**, receber trôco.

É por isso que vivem alegres e satisfeitos, sem pensar em trabalho. Quando não estão em guerra passam boa parte da vida no ócio, empregando o resto na dança, na cauinagem, na caça e na pesca, mais para alimentar-se e distrair-se do que para juntar riquezas.

A dança é o primeiro e principal exercício dos maranhenses que são, a meu ver, os maiores dançarinos dêste mundo. Não se passa um só dia sem que para isso se reúnam nas suas aldeias, mas as danças entre êsses selvagens não

s'assemblent en leurs villages pour ce subiet. ["*Dances des Maragnans moins perilleuses que celles de pardeça.*"] Mais les danses ne sont si dissolués entre ces Barbares comme elles sont entre les Chrestiens; d'autant que les filles & les femmes ne dansent iamais auec les hommes, si ce n'est quelquefois en **Caouinnant** ou beuuant: encore se gardent-ils bien alors de beaucoup de folies, d'attraicts & deshonnestetez par trop ordinaires és danses de pardeçà; car les femmes ne mettẽt que la main dur les espaules de leurs maris qui dansent, aussi ne voit on tant de scandales & de malheurs qui arriuent icy par les dances & balets pleins de lubricites & de dissolutions.

não tão vergonhosas como entre os cristãos. Raparigas e mulheres não dançam nunca com os homens, a não ser durante a cauinagem; mesmo assim, estão longe as suas danças da loucura, da desonestidade e da licenciosidade comuns às nossas danças; as mulheres colocam sòmente as mãos sôbre os ombros de seus maridos e porisso não se vêem aí os escândalos e as desgraças que aqui ocorrem nos bailes em virtude da lubricidade e da lascívia.

[10.] ["*La maniere des Maragnans en leurs danses.*"] Quant à leur maniere de danser, elle est telle qu'ils ne font tant de mines & de folies, tant de sauts, tant de mignardises & destours: seulement ils se mettent tous en rond, fort pres les vns des autres, sans neantmoins se toucher ny s'entretenir aucunement, ne bougeant ordinairement d'vne place: (*f. 300r*) de sorte qu'ils ne s'eschauffent gueres en dansant, & encore moins en sautant, si ce n'est au temps de leur **Caouin**, car lors ils vont dansant & sautant autour des loges de leurs villages.

[11.] Lors qu'ils dansent, ils ont coustumierement les deux bras pendans, & quelquefois la main droite vers le dos, se contentans de remuer seulement la iambe & le pied droict. Il est bien vray, que quelquefois ils s'approchent les vns des autres, & puis ils se retirent en arriere, tournant apres en rond, tousiours frappant du pied contre terre, mais ayant tournoyé trois ou quatre tours, chacun à la cadence se retrouue en sa place d'où il estoit party.

Dançam sem trejeitos, nem saltos, nem requebros e rodeios; colocam-se todos em círculo, muito perto uns dos outros, sem entretanto tocar nem falar; quase sem sair do lugar. Assim não se entusiasmam demasiado durante a dança a não ser no tempo do cauim; então percor(*p. 237*)rem as aldeias dançando e saltando em tôrno de suas cabanas. Dançam em geral com os braços pendentes, as vêzes com a mão direita nas costas e contentam-se com mover a perna e o pé direito. É verdade que não raro se aproximam uns dos outros, voltam, param e giram batendo sempre com o pé no chão; mas depois de três a quatro voltas regressa cada um em cadência ao lugar de onde saiu.

[12.] ["*Maraca, dont les Maragnans se seruent au lieu d'instruments pour danser.*"] Ils ne se seruent d'autre instrument pour danser que du chant & de la voix, qui n'est pas moins estrange que

Para dançar usam apenas a cantoria. Seu instrumento é somente a voz, tão estranha aos que não estão acostumados. Para observar a cadência e marcar o compasso, usam um instrumento ou chocalho chamado

leur façon, à ceux qui n'ont accoustumé de les voir: & pour obseruer leurs cadences & tenir la mesure, ils portent à la main vn certain instrument ou hochet appellà **Maraca**, fait d'vn fruit vn petit long en forme d'vn moyen Melon, mais tout vny, qui croist en leur (*f. 300v*) païs, dedans lequel ils mettent force petits grains noirs fort durs: & passent vn baston au trauers pour seruir de mãche & poignée, qu'ils couurent de fil de cotton & l'enrichissement és iours de leurs grands festins auec de belles plumes de diuerses couleurs; ayans à leurs iartieres des sonnettes de coques de fruicts. Ils sonnent ces **Maraca** ou hochets selon le chant de leurs chansons en guise de tambour de bisquaye.

[**13.**] [*"Quelles sont les chansons des Maragnans."*] Il ne leur arriue iamais de chanter aucune chanson vilaine ou scandaleuse, comme l'on fait icy, auec par trop de licence, souuentefois au preiudice de l'honneur de Dieu, au detriment de l'Eglise, au deshonneur du prochain, & à la corruption des bonnes moeurs, estant pleines de saletez, de detractiõs, & quelquefois remplies de blasphemes. Mais leurs chansons ne sont qu'à la loüange d'vn Arbre, d'vn Oyseau, d'vn Poisson, d'vn animal & autre chose semblable, sans aucunes paroles scandaleuses; & sur tout ils prennent plaisir à chanter chansons de leurs combats, de leurs victoires, de leurs triomphes, & autres exploicts de guer-(*f. 301r*)re, dont ils se vantent à merueille, rapportant de tout à exalter & magnifier la vertu militaire; donnant des chants dieurs à toutes leurs chansons, auec vn refrain qu'ils repetent tous ensemble à la cadance & à la fin de chasque couplet.

[**14.**] Ils chantent fort bas au commencement de leurs danses; & petit à petit ils se mettent en haleine, esleuãt leurs voix en telle sorte, qu'en la fin vous les entendez chanter de fort loin auec vn accord merueilleux,

maracá[214]; e feito de um fruto pequeno, alongado e semelhante a um melão de tamanho médio mas inteiramente liso; êsse fruto cresce na região, e dentro dêle colocam os índios inúmeros grãozinhos pretos e muito duros. Atravessam-no em seguida com um pedaço de pau para servir de cabo, que cobrem de fio de algodão e enfeitam, nos dias de festa, com lindas plumas de variegadas côres; usam então em suas ligas chocalhos de outros frutos.

Com seus maracás ou chocalhos à guisa de tambores bascos, acompanham suas cantorias. Não lhes acontece jamais cantarem canções escandalosas ou torpes, como ocorre entre nós, onde certas canções cheias de licenciosidade se ouvem em detrimento da glória de Deus, da Igreja, da honra do próximo e dos bons costumes, pois são imundas, detratoras e não raro blasfematórias. Seus cantos são em louvor de uma árvore, de um pássaro, de um peixe ou de qualquer outro animal ou cousa e não contêm palavras escandalosas; mas, principalmente, cantam seus combates, suas vitórias, seus triumfos e outros feitos guerreiros, tudo no sentido de exaltar o valor militar. Cada canto tem sua melodia diferente e um estribilho que é repetido em côro ao fim de cada estrofe.

Cantam muito baixo a princípio, mas pouco a pouco elevam a voz a ponto de no fim de suas danças serem ouvidos de muito longe e numa afinação tanto mais admirável quanto são numerosíssimos de costume.

principalement estant assemblez en grand nombre comme ils sont ordinairement.

[15.] [*"Excez des Maragnans en leurs boissons."*] Que si ces Indiens sont grands danseurs, ils sont encore plus grands buueurs, bien est-il que ce n'est ordinairement, ains seulemẽt és iours de leurs assemblées ioyeuses, cõme lors qu'ils assoment quelques vns de leurs prisonniers pour les manger; quand ils deliberent de la guerre, ou qu'ils s'assemblent soit pour leur plaisir, soit pour aduiser de quelques affaires de consequence, lesquelles ne seroient iamais bien faites, si auparauant ils n'auoient fait vn vin ou **Caoin** pour boire (*f. 301v*) & **Caouinner** tout le saoul.

Se êsses índios são grandes dançarinos são ainda melhores bebedores; em verdade não costumam beber senão nos dias de reuniões festivas, como quando matam algum prisioneiro para comer, quando deliberam sôbre a guerra, em suma quando se juntam por prazer ou para tratar de negócios importantes, os quais não seriam bem sucedidos se antes não preparassem o cauim e não cuidassem à vontade.

[...]

[21.] (*f. 303r*) [*"Le caouin preparé par les femmes."*] Voila comme les indiens font le **Caouin**: & quand ils tiennent quelque assemblée ioyeuse, ou qu'ils vouloient cy-deuant massacrer quelque prisonnier (selon qu'il a esté dit au chapit. precedent) les femmes le preparent quelques iours auparauant & en font quelquefois plus de quinze ou vingt des susdits grands vaisseaux tout pleins qu'elles arrangent emmy leurs loges.

[...]

(*p. 239*) Assim preparam os índios seu cauim e quando se aprestam para alguma reunião solene, como já disse, fazem suas mulheres, dias antes, grande quantidade (quinze a vinte) dêsses vasilhames e os guardam em suas cabanas.

[22.] [*"Preparation des Maragnans pour aßister à leur cacuin."*] Ceux qui se doiuent trouuer au festin s'assemblent tous au iour assigné: & le soir de deuant, ils se preparent se reuestans le plus souuent de leurs plumages de diuerses couleurs & auec leur **Maraca** à la main vont tout autour (*f. 303v*) des loges chantans, dansans & sautans toute la nuict sans aucun repos.

Os que devem comparecer ao festim reúnem-se todos no dia designado. Já na véspera, à noite, começam a preparar-se, vestindo seus mais belos adornos de penas de variegadas côres e dançando em tôrno de suas casas, com seus maracás nas mãos cantando e pulando sem cessar.

[23.] Cependant les femmes mettent vn peu de feu à l'entour des susdits vaisseaux pour chauffer vn petit le **Caouin**, qu'ils boiuent estant presque tiede; puis apres descouurant le premier vaisseau, remuent & troublent ce **Caouin**; commençant aussi tost à boire & **Caouinner** aussi bien les femmes que les hommes: les vns desquels (comme

Entrementes deitam as mulheres um pouco de fogo junto aos vasilhames, para esquentar o cauim que costumam beber morno; em seguida é aberto o primeiro pote e se inicia imediatamente a cerimônia da cauinagem, de que participam homens e mulheres. Os velhos ficam deitados ou sentados em suas rêdes de algodão, com o cachimbo na mão

les vieillards) sont assis ou couchez dans leurs licts de cotton, auec le petunoir à la main s'entretenans de discours: les autres chantent, dandent & sautent auec leur **Maraca**: les femmes cependant tenant la main sur l'espaule de leurs maris, font par ensemble vn tintamare & vn bruit incroyable.

[**24.**] [*"Description des Maragnans en leur Caouin."*] Iamais ie ne fus tant estonné qu'alors que i'entray dedans leurs loges où ils **Caouinnoyent**, apperceuant de prime face ces grands vaisseaux de terre enuironnez de feu & remplis de **Caouin**, qui fumoient comme des grandes marmites boüillantes: y ayant d'autre part vn grand nombre de ces barbares tant hommes que femmes dont les (*f. 304r*) vns estoient tout nuds, les autres toutes descheuelées & les autres reuestus de dieurs plumages bigarrez, les vns couchez, comme dit est, exallant la fumée du **Petun** par les narines & par la bouche, les autres dansans, sautans, chantans & crians, ayant tous la teste si bien coeffée & la ceruelle tellement timbrée de Caouin qu'ils roüilloient les yeux dans la teste, tant qu'il me sembloit à voir quelque symbole ou figure d'vn petit Enfer. [*"Excez des Maragnans en leur Cauoin"*] Et de fait si le Diable se delecte (à sa plus grande confusion) parmy les compagnies de Bacchus, & prend ses esbats au milieu des danses pour perdre les Ames, ie ne doute pas qu'il ne reçoiue bien du contentement (non sans plus grande rage Diabolique) és assemblées de ce miserable peuple qui a tousiours esté sien comme barbares, cruels & yurongnes, ne prenant plaisir qu'à danser & Caouinner lors que l'occasion y eschet, quelquefois deux ou trois iours continuels sans cesser ny reposer ou dormir non plus la nuict que le iour, iusque à ce que toutes les cruches & vaisseaux soient vuides. Et (*f. 304v*) ce qui est de plus estrange, est qu'ils ne font que boire, & petuner à chasque fois

(*p. 239*) e conversam; outros cantam, dançam e saltam com seus maracás, e as mulheres os acompanham pondo as mãos nos ombros dos maridos; e todos juntos fazem um barulho ensurdecedor.

Nunca senti tamanho espanto como quando entrei numa dessas cabanas onde estava havendo uma cauinagem; no primeiro plano se achavam êsses grandes vasilhames de barro cercados de fogo e com a bebida fumegando; mais adiante, inúmeros selvagens, homens e mulheres, alguns completamente nus, outros descabelados, outros ainda revestidos de penas multicores, uns deitados expirando a fumaça do tabaco pela bôca e pelas narinas, outros dançando, saltando, cantando e gritando. E todos tinham a cabeça enfeitada e a razão tão perturbada pelo cauim que reviravam os olhos a ponto de parecer encontrar-me em presença de símbolos ou figuras infernais. E se na verdade o Diabo se deleita na companhia de Baco e busca por meio da dança perder as almas, há de por certo comprazer-se infinitamente nas reuniões dêsse miserável povo, que sempre lhe pertenceu pela barbárie, pela crueldade e embriaguez, e que sòmente encontra satisfação em dançar e cauinar quando se apresenta uma oportunidade, durante dois a três dias seguidos, sem repouso nem para dormir, até que todos os potes se esvaziem. E o que é mais estranho, bebem e fumam sem comer o que quer que seja. <...>

[...]

qu'ils boiuent, sans manger aucunement tout ce temps là.
[...]

**DE LA CROYANCE des Jndiens Topinamba. CHAP. LII.**

[...]
[22.] (*f. 326v*) [*"Les Pagé bien venus et fort estimez entre les Topinamba."*] Aussi le peuple fait-il estat de ces **Pagè**; en quelque lieu qu'ils aillẽt, ils sont les bien venus; on les reçoit fort honorablement auec chansons, danses, **Caouinnage** & toutes autres courtisies dont l'on se peut aduiser; tous ces pauures Sauuages croyans que toutes choses leur doiuẽt succeder à souhait quand ces **Pagé** leur sont amis; comme au contraire ils s'estiment malheureux (*f. 327r*) d'entrer en leur disgrace; si que tombant en quelque desarroy, & qu'ils soient menacez desdits **Pagé**, ils rapportent tout leur malheur à la prediction & diuination d'iceux.

[23.] Le mestier de ces **Pagé** ne vaut plus guere de chose, & n'eust plus si grand' vogue depuis que nous fusmes arriuez en ce païs-là; d'autant qu'il se trouua vn certain garçon de nostre equipage, lequel se mesloit de ioüer des gobelets & de plusieurs autres tours de passepasse. <...>

**CAPÍTULO LII Religião dos índios Tupinambás.**

[...]
(*p. 254*) Os índios, entretanto, apreciam êsses pajés; tratam-nos bem em qualquer lugar que se encontrem. São honrosamente mencionados em seus cantos e bem acolhidos nas danças e cauinagens e em tôdas as cerimônias, pois todos acreditam que as cousas correm bem quando são amigos dos pajés e, ao contrário, muito mal se não os agradam. Se em alguma desgraça que lhes ocorra são ameaçados pelos pajés, atribuem à praga, daí por diante, tôdas as suas infelicidades.

Perdeu muita importância o ofício de pajé depois que chegamos ao país, tanto mais quanto em nossa companhia havia um jovem que sabia fazer pelotiças com as mãos e muitas prestidigitações. <...>
[...]

**DV BAPTESME DES trois Indiens susdits CHAP. LIX.**

[...]
[6.] (*f. 367r*) [*"Le Baptesme des 3. Indiens dans l'Eglise des Peres Capucins de Paris."*; *"Iour du Baptesme des 3. Indiens."*] Le dieu de ce Baptesme estoit l'Eglise de nostre Cõuet des Peres Capucins aux faux-bourgs Sainct Honoré lez Paris: Elle estoit parée & toute couuerte de tapisseries de soye releuées d'or, sur lesquelles estoit effigiée la vie du Glorieux Precurseur de IESVS-CHRIST sainct IEAN BAPTISTE, pour respondre au iour de Sa Feste qui estoit le iour

**CAPÍTULO LIX Do batismo dos três índios**

[...]
(*p. 279*) Batizaram-se os índios na Igreja de nosso Convento dos Padres Capuchinhos, no bairro de Saint-Honoré em Paris. Estava a Igreja ornamentada com cortinados de sêda bordados a ouro, nos quais se estampava a vida do glorioso precursor de Nosso Senhor Jesus Cristo, São João Batista, pois estávamos a 24 de junho. <...>

(*f. 367v*) qu'on les baptisa à sçauoir est le vingtquatresme de Iuin. <...>

[...]

[14.] (*f. 396v*) Cependant les Chappelles & musiques de leurs Maiestez ne cesserent iamais de loüer Dieu tout long de ceste Saincte Action auec vne melodie nompareille, & de voix & d'instrumens musicaux.

[15.] (*f. 369v*) MAIS il y sucit bien encore vn autre ressouuenance, non moins agreable à Dieu, qui retentissoit des coeurs, non plus felons ne barbares, mais debonnaires & doux: non plus de Loups rauissans & d'Antropophages ou Cannibales, mais bien ces nouueaux anuertis, **Qui tanquam Agni exultabant**, comme dict le Sage, magnificantes te Domine qui liberasti illos ["*Sap. 19.*"]. Ils s'essioüissoient comme petits Agneaux, loüant & magnifiant le Seigneur de la grace ineffable qui leur a fait, les deliurant du dur (*f. 370r*) esclauage du Diable, où ils auoient esté detenus iusques alors.

[16.] QVELS accords des loüanges enterieures de ces petites Ames tout nouuellemẽt regenerees, & lauees du Sang tres-precieux de cet Agneau Immaculé, des voeux qu'ils faisoient lors en la face de l'Eglise, de la pureté de leurs coeurs, & de l'amour ou de la charité que ce grand Dieu y auoitversé par son Sainct Esprit au S. Sacrement de Baptesme? C'est ce qui rendoit vne douce harmonie infiniment plus agreable aux aureilles de sa diuine Maiesté, que tous les accords des plus douces voix & des meilleurs instruments musicaux qui se puissent trouuer au Monde.

[...]

[28.] (*f. 372v*) APRES que le tout fut acheué, le plus ancien des trois, qui s'appelloit **Itapoucou** auant son Baptesme, remercia tres-humblement leurs Maiestez, de l'honneur & du bien qu'ils auoient receus, ayans esté faits Enfans de Dieu, les suppliant tres-humblement d'vser des mesmes faueaux enuers

[...]

(*p. 280*) Entrementes, enquanto ocorriam êsses acontecimentos, não cessavam os coros de músicos de Sua Majestade de louvar a Deus, com harmonia incomparável de vozes e instrumentos, pela santa ação.

Mas havia ainda outra harmonia não menos agradável ao criador: a que se desprendia dos corações, não mais cruéis nem bárbaros, porém dóceis e bons; não mais de lôbos furiosos, de antropófagos ou canibais, porém de novos convertidos, **qui tanquam agni exuletabant magnificantes te domine qui liberasti illos**. Regozijavam-se como cordeirinhos êsses selvagens, louvando e exaltando o Senhor pela graça inefável de tê-los libertado do cruel cativeiro do Diabo.

Essa harmonia de louvores íntimos dessas pequenas almas recém-regeneradas e lavadas no sangue precioso do cordeiro imaculado; essa harmonia dos votos que faziam, em face da Igreja, de pureza, de amor e de caridade; isso é que era infinitamente mais agradável e suave aos (*p. 281*) ouvidos da Divina Majestade do que todos os acentos das melhores vozes e dos melhores instrumentos musicais encontradiços no mundo[217].

[...]

(*p. 282*) Tudo terminado, Itapucu, o mais velho dos três, agradeceu humildemente a Suas Majestades a honra e os benefícios recebidos ao serem todos os três feitos filhos de Deus, e pediu repeitosamente que prodigalizassem os mesmos favores aos seus compatriotas. Respondeu-lhe a Rainha que

ceux de leur patrie. Auquel la Reyne respondit qu'ils priassent Dieu pour le Roy son Fils & pour elle, & qu'elle auroit vn soin particulier d'iceux, leur promettant toute assistance en ce qui luy seroit possible.

orassem a Deus pelo Rei seu filho e por ela, pois dêles, índios, ela cuidaria com carinho e tôda a proteção possível.

[29.] A L'INSTANT leurs Maiestez se mettant à genoux, on commença à chanter le **Te Deum laudamus** en action de grace, en la fin duquel Monseigneur l'Euesque de Paris donna la Benediction.

Em seguida ajoelharam-se Suas Majestades. Entoou-se o **Te Deum Laudamus** em ação de graças, e o sr. Bispo de Paris deu sua bênção.

**COMME LES TROIS Jndiens susdits furent menez en procession apres leur Baptesme: *et* de la Confirmation qui leur fut donnee. CHAP. LX.**

**CAPÍTULO LX De como, após o batismo, foram êsses três índios conduzidos em procissão e da confirmação que lhes foi dada.**

[1.] (*f. 373r*) DAVTANT que ces Ames se belliqueuses au monde s'estoiët enrolees en l'Eglise, n'estoit-il pas raisonnable que leur courage genereux, qu'ils auoiët tant employé au seruice du Diable, fut dressé & reglé au seruice de Dieu, & qu'ils commeçassent à faire procession par action exterieure, d'vne affection & d'vn desir interieur qu'ils auoient de suiure la Croix?

[2.] [*"Proceßiõ faicte aux filles de la Paßion apres le Baptesme des Indiens."*] A ce subiect incontinent apres leur Baptesme, nous allâmes en procession, l'vn des nostres portant la Croix, apres laquelle nous allions tous, chantans les Litanies de la Vierge.

[...]

[5.] (*f. 344r*) A l'instant que nous fusmes arriuez en cette Eglise, lesdites Religieuses commencerent à chanter le **Te Deum laudamus**, auec quelques autres oraisons à la fin. <...>

[...]

(*p. 283*) ESSAS almas, tão belicosas no mundo, ao se alistarem na Igreja precisavam razoàvelmente ser encaminhadas para o serviço de Deus. Era justo que nesse serviço se aproveitasse a coragem generosa que haviam durante tanto tempo empregado em benefício do Diabo. Era justo que começassem a demonstrar por atos exteriores sua devoção e seu desejo interior de seguir a Cruz.

Porisso, logo depois do batrismo, saímos em procissão. Um dos nossos carregava a Cruz e atrás vinhamos todos cantando as litanias da Virgem.

[...]

No momento em que entramos nessa igreja [*de Santa Clara*], começaram as religiosas a entoar o **Te Deum Laudamus** e em seguida outras orações. <...>

[...]

**D'UN AVTRE INDIEN nommé Pyrauuua baptisé en nostre Eglise, *et* appellé Louys François. CHAP. LXII.**

**CAPÍTULO LXII De outro índio chamado Piravá, batizado na nossa Igreja com o nome de Luís Francisco.**

[...]

[3.] <...> (*f. 378v*) Et quand à la fin on chanta le **Te Deum laudamus**, il auoit les yeux tellement fichez vers le Ciel, que nos Peres, qui estoient là assistents, admiroient tous la singuliere deuotion d'iceluy.

[...]

[...]

<...> (*p. 287*) Não cessou jamais, durante a cerimônia, de contemplar o santo sacramento, principalmente ao dizer em sua língua o Padre Nosso, a Ave-Maria e o Credo. Quando, ao terminar a cerimônia, se cantou o **Te Deum laudamus**, tinha êle os olhos tão presos ao céu que muito se admiraram os nossos padres.

[...]

207 . Essas cerimônias portuárias, com execução de música e cânticos religiosos, provavelmente eram praticadas também no Brasil, já que era costume, tanto na partida quanto na chegada de navios, como mostra o seguinte trecho do capítulo LV de d'Abbeville (edição de 1614, ff. 334r-334v, § 2): « Nos canons porterent à la ville du Haure de Grace les premieres nouuelles de nostre arriuée le Samedy seiziesme de Mars; car selon la bonne coustume des ports de Mer, instituée pour obuier aux surprinses des estrangers, nous saluasmes la ville; & pour action de grace enuers celuy qui nous auoit plus seruy que le vent & par sa saincte grace nous auoit faity supporter l'inconstance de cet Element, nous chantasmes le **Te Deum laudamus** ». Também durante as viagens se entoavam cânticos religiosos, particularmente com o intuito de solicitar a proteção de Deus para eventuais situações de perigo, como é relatado no mesmo capítulo LV, onde os padres dirigiram à « Vierge Marie », por ocasião de um iminente naufrágio, « ses Litanies & autres Oraisons » (f. 335, § 8).

208 . O sentido de 'evocação divina' atribuído ao cântico "Veni Creator" é bastante claro no seguinte fragmento do capítulo I do livro de d'Abbeville (edição de 1614, f. 17v, § 13): « LE Reuerend Pere Leonard ayant receu la lettre de sa Majesté en fit faire la lecture le vingt troisiesme iour d'Auril deuant tous les Peres & freres de la Prouince de Paris, pour lors assemblez au Chapitre Prouincial, lesquels furent tous d'auis, auant que decider de ce negoce que l'on inuoqueroit le Sainct Esprit chantant vn **Veni Creator**, auec quelques suffrages à cet effect ».

209 . **Te Deum laudamus** é oração solene, feita com o fim primeiro de agradecer algo a Deus, como no fragmento transcrito na primeira nota desta tradução, também expresso na frase extraída do capítulo LV, por ocasião da chegada ao « Haure de Grace » (f. 337r, § 14, l. 16): « A l'entrée de l'Eglise on reitera le **Te Deum laudamus**, pour action de grace ».

210 . Nota de RODOLFO GARCIA (edição de 1975, p. 94, nota 21): « GUARARA – especie de tambourin. – **Guararâ** tambor, de onde provém o nome dos montes celebrados pelas duas batalhas, que se feriram entre luso-brasileiros e holandeses, em Pernambuco ». A. LEMOS BARBOSA (**Pequeno vocabulário tupi-português**, 1955, p. 64) confirma a grafia **guarará** e traduz por "tambor". O mesmo fazem LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (**Dicionário tupi-português**, 1984, p. 104) e TEODORO SAMPAIO (**O tupi na geografia nacional**, 1987, p. 238). Cf. também MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 249).

211 . YVES D'EVREUX (**Suite de l'histoire,** 1615, parte II, cap. VIII) imprimiu os textos tupis dessas orações, que devem ter sido utilizados durante toda a permanência dos franceses no Maranhão (1612-1615).

212 . Na edição de 1975, p. 126: « Tendo, pois, este grande Deus tido como conveniente dar início ao conhecimento da verdadeira religião católica, apostólica e romana aos habitantes da Ilha do Maranhão e circunvizinhanças, julgou-se necessário decretarem-se leis fundamentais a serem observadas rigorosamente. E foram elas as que se seguem ».

213 . A tradução correta é **trompa.** Para RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VIII, 1721, p. 307), "Trompa" é sinônimo de "Trombeta". Mas, como os instrumentos de sopro geralmente eram construídos em vários tamanhos, é possível que **trompa** fosse a designação para a mais grave das trombetas. MANUEL DE MENEZES (*Recuperação da cidade do Salvador*, c. 1625, livro I, p. 400), fala de uma "trombetinha", que tocavam os soldados holandeses. BENTO TEIXEIRA (***Prosopopéia***, 1873, f. F2r) escreve, em 1601: "A fama espero dar tão viva trompa, | Que a grandeza de vossos feitos cante, | Co som, que Ar, Fogo, Mar, e Terra, espante ».

214 . Nota de RODOLFO GARCIA (edição de 1975, p. 149, nota 7): « UIRAOBUY – Principal... c'est à dire le chantre bleu. – Deve ser **Guiraobi,** de **guirá** pássaro, **obi** azul ou verde ».

215 . Nota de RODOLFO GARCIA (edição de 1975, p. 150, nota 12): « MARACAPOU – Principal... qui signifie le son d'une sonnette. – **Maracapu,** de **maracá** (Vide **Maracá,** nota 4, pág. 237) [aqui, próxima nota] e **pú** ruído, rumor, barulho: ruído de **maracá,** como se traduz no texto ».

216 . Nota de RODOLFO GARCIA (edição de 1975, p. 237, nota 4): « MARACA – instrument... faict d'un fruict. – **Maracá,** de **abara** forte, resistente, e **cá** casca, a cásca, o envólucro ».

217 . A « Reception des Maragnans dedās le Haure de Grace », em março de 1614, é narrada da seguinte forma (edição de 1614, f. 336v, cap. LV, § 13): « L'ordre de la reception fut ordonné par Monsieur le Curé de ladite ville, qui fit disposer vne tapisserie au deuant de la maison du Gouuerneur auec des carreaux dessus. Où estans (f. 337r) conduicts par la Procession generale, tant de nos Peres & autres Ecclesiastiques que de plusieurs confrairies de la ville, nous adorasmes la Croix & de là fusmes menez à la grande Eglise. Pendant laquelle procession rien ne fut oublié de tout ce qui peut releuer les Esprits des Chrestiēs à la deuotion. Les cloches, les orgues, les psalmodies & autres ceremonies du Clergé, qui tiroient à plusieurs les larmes des yeux, & à tout le peuple des acclamations generales, les coups de canons mesme rendoient cette action la plus solemnelle que faire se pouuoit ».

# 108

# [DIOGO DE CAMPOS MORENO]

## (1566 – entre 1617/1621)

**DOCUMENTO:** **JORNADA DO MARANHÃO.** [Em viagem do Maranhão a Lisboa, entre janeiro e março de 1615].

**TEXTO:** ALMEIDA, na edição de 1874 deste documento, dá apenas a seguinte notícia na « Prefação », à p. 157: « O manuscrito foi comunicado á Academia [Real das Sciencias de Lisboa] pelo seu Correspondente Joaquim José da Costa e Sá ». O título é indicado pelo mesmo editor na p. 153 como « Jornada Do Maranhão Por Diogo De Campos Moreno Sargento Mor Do Estado do Brazil ». Na p. 160, já indica o título « Jornada do Maranhão Por Ordem de S. Magestade Feita o Anno de 1614 ». O texto figura as pp. 159-265 da sua publicação.

**AUTOR E DATA:** No « Prefação » para a edição de 1874, ALMEIDA afirma às pp. 155-157: « Em quanto ao Auctor, que a escreveo, não temos duvida em affirmar, que foi Diogo de Campos Moreno, Capitão e Sargento Mor do Estado do Brazil, o qual acompanhou Jeronymo de Albuquerque naquella Conquista, não só em o seu posto de Sargento Mór do Estado, mas como seu Adjunto e Collateral; expressões, de que se serve o Governador Gaspar de Souza em a patente, que lhe passou em Olinda aos 30 de Julho de 1614. ». E RODRIGUES (1979), indica no Livro 1, Cap. II, nº 3, p. 21: « Diogo de Campos Moreno escreveu a crônica da "Jornada do Maranhão" de janeiro a março de 1615, durante a viagem empreendida do Maranhão a Lisboa, a fim de levar à Espanha a notícia da trégua dos franceses no Maranhão ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Segundo Rodrigues (supra cit.), p. 21, « A **Jornada do Maranhão** primeiro publicada em Lisboa, em 1812 [(nota 19): « **Mo CAMENS**, t. 1, nº 4, 113. »], foi reproduzida por CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, em 1874 [(nota nº 20): « Nas ***Memórias para o extinto Estado do Maranhão***, Rio de Janeiro, Tipografia do Comércio, de Brito e Braga, 1874, 2º t., 156-265. »], e pelo Barão de Studart, em 1907 [(nota 21): « ***Revista do Instituto Cearense***, t. 21, 206-336. »]. Em todas essas edições o texto aparece bastante viciado, conforme notou Capistrano de Abreu [(nota 22): « Prolegômenos' ao livro V da ***História do Brasil*** de Frei Vicente do Salvador, 3ª ed., São Paulo, 1918, 451. »].

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** MORENO, DIOGO DE CAMPOS – *Jornada Do Maranhão [Por Ordem De S. Magestade Feita o Anno De 1614]* Por Diogo de Campos Moreno Sargento-Mór do Estado do Brasil. IN: ALMEIDA, CANDIDO MENDES DE – **MEMORIAS | Para A Historia | Do | Extincto Estado Do Maranhão | Cujo Territorio Comprehende Hoje As Provincias Do | Maranhão, Piahuy, Grão-Pará E Amazonas | Colligidas E Annotadas | Por | Candido Mendes de Almeida |** Rio De Janeiro (...) | 1874 [v. II, LXXII, 536, VIII pp.] [BIEB: 5-c-4].

[...]

[78.] (*p. 186*) Sabbado dia do beato Padre S. Francisco 4 de Outubro [*de 1614*], houve Missa solemne de canto de orgão, e frautas naquelles desertos de Jeruguaguará[218] com summa devoção, e grande alegria, em que commungou muita gente [*dentre os soldados da "Jornada"*]: <...>

[...]

[154.] (*p. 208*) E dando esta ordem, disse [*o "Capitão-Mór" português, a 19 de novembro de 1614*] ao Alferes Diogo da Costa, soldado velho, e de honra, natural das Ilhas: "V. m., se vá voando ao forte, e diga ao Capitão Gregório Fragozo, que com toda a sua companhia venha logo marchando pouco a pouco sem bandeira, e sem tocar caixa, e se ponha na retaguarda dos nossos Indios, e tanto que nos vir arremetter, entre pela praia de socorro com a sua arcabuzaria, para que os nossos Indios o sintão nas espaldas, e o inimigo (*p. 210*) se descomponha pela ilharga." Ordenado assim o que convinha aguardando o sinal dos da montanha, saltou em terra de huma canôa hum Trombeta com as Armas Reaes de França bem concertado, e tocando, e chamando, se veio até que hum tambor dos Portuguezes com ordem do Sargento-Mór do

Estado o foi recolher, e vindo á sua presença lhe deu huma Carta em Francez do seu General ao qual em quanto se via, lhe mandou o Sargento-Mór tapar os olhos ao Trombeta, e pôr boa guarda, e lendo a Carta para si sómente vio, <...>

[...]

[251.] (*p. 230*) E com isto se chegárao á meza [*o Sr. de la Ravardière e o Sargento Mór português, a 26 de novembro de 1614, em um navio francês*], donde não faltou de comer, e musica naval bem concertada, mostrando na autoridade e no trato hum vestígio honrado, em que se enxergava despeza mais que ordinária.

[...]

[255.] Com isto despedindo-se [*o "Sr. de la Ravardière", a 26 de novembro de 1614*] com mil modos de cortezias, e signaes de amor, ao desamarrar do batel toda a Armada disparou a artilharia, com grande ruido de trombetas, e vozes a seu modo.

[...]

228. No § 15, p. 166 (edição de 1874), DIOGO DE CAMPOS MORENO diz que « Partindo Martim Soares, o dito Jeronymo d'Albuquerque se foi ao Camuri ["ao Seará o anno de 1613"], e não achando commodo para povoar por ser toda a terra misera, secca, e sem agoa para beber, se tornou atraz cousa de oito legoas á bahia das Tartarugas chamada **Peruquaquará**, e alli assentou huma povoação; ». Na nota é de CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, mesma p., lê-se « **Peruquaquará**, hoje chamamos – **Jericoacoára**. Outros dizem – **Jurumècoara** ». FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA (*Estudo histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco*, 1900, p. 6) dá conta deste relato e deixa-nos o seguinte fragmento: « Já anteriormente, em 1614, haviam os padres franciscanos de Olinda, que acompanharam a expedição pernambucana destinada à conquista do Maranhão, levado comsigo alguns musicos seus cathecumenos, e no dia de S. Francisco celebraram missa em Gericoacoara, **com canto de orgão e frautas**, que pela primeira vez soaram naquelles desertos ».

# 109

## YVES D'EVREUX

## (1570 ? – 1630 ?)

**LIVRO: CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DAS COISAS MEMORÁVEIS OCORRIDAS NO MARANHÃO NOS ANOS 1613 E 1614, SEGUNDO TRATADO** (em seqüência ao livro de Claude d'Abbeville). Paris, François Huby, 1615.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Segundo Ferdinand Denis ("Introdução" à reedição de 1864, traduzida por CÉSAR AUGUSTO MARQUES em 1874, pp. XI-XLI), « (...) Ivo D'Evreux durante 15 annos não viu seu manuscripto, extraviado por um infortunio, que o feriu completa e absolutamente. ¶ Enviado aos superiores da Ordem este livro, complemento do de Claudio d'Abbeville, foi destruido antes de haver apparecido. Impresso por Francisco Huby, em cujas officinas já havia sido edictada a obra do seu companheiro, foi inteiramente dilacerado. ¶ (...) ¶ (...) Sabendo ["Francisco de Razilly"] que hia ser destruido o volume do Padre Ivo d'Evreux, apezar de impresso inteiramente, foi á imprensa de Huby para vêr se obtinha um exemplar: (...) Mandou o Almirante ["Razilly"] imprimir o seu protesto em outra parte, e não nas officinas da rua Sam Thiago, juntou-o ao livro, encadernado com todo o luxo, tendo na frente as armas da casa de França, e foi leval-o, não á Maria de Medicis, antiga protectora da Colonia do Maranhão, e sim a Luiz XIII. ¶ [...] ¶ O livro do Padre Ivo, junto ao do Padre Claudio, foi posto nas estantes da bibliotheca, e ahi todos o deixaram em paz. ¶ Foi no tempo do digno Van-Praet, no principio de 1835, que o autor d'esta noticia [Ferdinand Denis] teve a felicidade de encontral-o ». MORAES [c. 1983], v. 2, pp. 948-955, indica, porém, a existência de dois exemplares atualmente conhecidos deste livro. O primeiro, utilizado por F. Denis, na Bibliothèque Nationale de Paris (Rés. LK 12822), com páginas faltantes, entregue ao rei Louis XIII por François de Rasilly, e o segundo, bem mais completo, na New York Public Library. Duas outras cópias do livro de d'Evreux foram ainda referidas. Uma no convento da Piazza Barberini em Roma, desaparecido durante a chegada das tropas francesas em 1870 (talvez a mesma que um Fr. Court adquiriu em Paris, 1884, hoje em Nova York) e outra na biblioteca de Chartres, destruída em 1944 durante a guerra. A seguir, o título da edição antiga, dado por Morais à p. 949: *Svitte de L'Histoire des choses plus memorables aduenuës en Maragnan, és années 1613. & 1614. Second Traité*. À Paris. De l'Imprimerie De François Huby, rue saint Iacques à la Bible d'Or, & En Sa boutique au Palais, en la galerie des prisonniers. MDCXV. [sic, 1615] Avec privilege Du Roy. [17 x 10; 9 ff. inum.; 384 pp. (no original: 364 pp.); 2 pls.]

**NOTA SOBRE O AUTOR:** JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro II, cap. 1, nº 5, p. 45) traz estas informações: « Frei Yves d'Evreux (1577?–1623?) presidiu o grupo de capuchinhos que se uniram à aventura francesa no Maranhão, aqui se demorando dois anos. Escreveu a *Suite de l'histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan, les années 1613 et 1615*, logo destruída "par fraude et impetié, moyennant certaine somme de deniers entre les mains de François Huby, imprimeur", salvando-se um exemplar mutilado, que serviu a Ferdinand Denis para publicar a *Voyage dans le Nord du Brésil*. Dez anos depois publicou César Augusto Marques a tradução portuguesa do texto organizado por Ferdinand Denis. Conta este que François Huby tornou-se o instrumento mesquinho de uma ação política que tinha por fim evitar qualquer aborrecimento à Espanha, desde que foi feito, pelo casamento de Luís XIII com uma princesa espanhola, a união das duas coroas. Assim, qualquer projeto de conquista na América deveria ser abandonado, e esquecida qualquer relação que descrevesse empreendimento anterior ou da época ».

**GRAVURAS:** O exemplar da New York Public Library possui, ao final, duas ilustrações, assinadas « P. Firens, ex. – Joachim Du viert pinxit », com os títulos: 1) « Ce sont icy les vrais portraicts des sauuages de l'isle de Maragnon appellez Topinamous amenez au tres-Chrestien Roy de France et de Navarre par le S.r de Razilly en la presente annee 1613. Ou sont representees les postures qu'ils tiennent en dansant. »; 2) « Portraict au naturel des barbares amenez en france du pais de Topinambous. par le S.r de Razilly pour estre baptizez et conuertis a la foy de Jesus Christ et presentez a sa Ma.té en lannee presente 1613. ». As duas gravuras, reproduzidas por RUBENS BORBA DE MORAES (*Bibliographia Brasiliana*, c. 1983, v. II, pp. 950-951) recebem do mesmo a seguinte referência (pp. 952-953): « Two engravings, described above, are bound up in it which were made in 1613 before the book was published in 1615. Only one other reproduction of these engravings is known, bound up in a copy of the *Geographie du Monde* by Avity Fouquault, Rouen, 1633, in the Bibliothèque du Dépôt des Cartes de la Marine, in Paris. The existence of these engravings was made known by Charles de la Roncière (*Histoire de la Marine Française*. Paris, 1910, Vol. IV, p. 353, note 2). No other copy is known and due to their rarity and interest we reproduced them for the first time in the first edition of the *Bibliographia Brasiliana*. We believed at that time that they belonged to Yves d'Evreux's book, a mistake corrected by Francisco Leite de Faria (*Os primeiros missionários do Maranhão*. Lisboa, Centr. de Est. Ultramarinos e as Com. Henriquinas, 1961, pp. 93-216). The author reproduces in this study another engraving also published in 1613 entitled, "Le

baptesme de trois sauvages Toupinambous, qui furent baptisez en l'eglise des Capucins par monsieur l'Eveque de Paris & nommez par le Rey Louis treziesme, le iour sainct Iean Baptiste 1613' ).

REEDIÇÃO UTILIZADA: Voyage | Dans Le | NORD DU BRASIL | Fait Durant Les Années 1613 Et 1614 | Par Le | Père Yves D Evreux. | Publié D'Après L'Exemplaire Unique Conservé | A La Bibliothèque Impériale De Paris. | Avec Une Introduction Et Des Notes | Par | M. Ferdinand Denis, | conservateur à la bibliothèque sainte Geneviève. | Leipzig & Paris, | Libraire A. Franck | Albert L. Herold. | 1864. [xlviii, 456 pp.] [na página anterior:] Bibliotheca | AMERICANA | Collection D'Ouvrages | Inédits Ou Rares | Sur | L'Amérique. | [BIEB: LR-1-24]

TRADUÇÃO PORTUGUESA: *Viagem ao Norte do Brasil pelo Padre Ivo d Évreux*. Tradução do Dr. Cesar Augusto Marques. Rio de Janeiro, Depositarios Freitas Bastos & CIA, Livraria Leite Ribeiro, 1929. 442 pp. (Bibliotheca de Escriptores Maranhenses 1?)

## TEXTO FRANCÊS

**Svitte de L'Histoire des choses plvs memorables aduenuës en Maragnan és années 1613 & 1614. PREMIER TRAICTE**

**De la Preparation des Tapinambos, pour faire le Voyage des Amazones. Chap. VII.**

[...]

[6.] (*p.* 22) [*f.* 21r] Secondement les hõmes s'employët à faire des canots, ou à refaire ceux qui estoient ja faicts, propres à telles affaires; Car il faut qu'ils soient longs & larges pour y cõtenir plusieurs personnes, & porter aussi leurs armes & leurs prouisions, & neãtmoins ce n'est qu'vn arbre, Lequel apres qu'ils l'ont couppé par le pied, & bien esbranché, n'y laissant que le seul corps de l'arbre bien droit de bout à l'autre, ils fendent & leuent l'escorce auec quelque peu de la chair de l'arbre, enuiron la largeur & profondeur de demy-pied: ils mettent le feu dãs cette fente, auec des copeaux bien secs, qui bruslent à loisir le dedans de l'arbre, & à mesure qui le feu brusle, ils grattent le bruslé auec vne tille d'acier, & poursuiuent ceste façon de faire iusqu'à tant que tout l'arbre soit [*f.* 21v] creusé en dedãs, ne laissant

## TRADUÇÃO

**Continuação da historia das coisas mais memoraveis acontecidas no Maranhão em 1613 e 1614. PRIMEIRO TRATADO**

**Capitulo VII Dos preparativos dos tupinambás para uma viagem ao Amazonas.**

[...]

(*p.* 80) Em segundo lugar empregam-se os homens em fazer canoas, ou concertar as que já possuem proprias para este fim, porque é necessario, que sejam compridas e largas para levarem muitas pessoas, suas armas e provisões, e comtudo são feitas de uma arvore, cortada bem perto da raiz, sem galhos e ramos, ficando apenas o tronco bem direito em toda a sua extensão, e então tiram-lhe a casca, e racham-na dando-lhe meio pé de largura e profundidade: n'este caso lançam-lhe fogo n'essa fenda por meio de cavacos bem seccos, e vão queimando pouco a pouco o interior do tronco, raspam com uma chapa de aço, e assim vão fazendo até que o tronco esteja todo cavado, deixando apenas duas pollegadas d'espessura, e depois com alavancas dão-lhe fórma e largura: estas canoas conduzem ás vezes 200 ou 300 pessoas[217] com as suas competentes munições. São

d'entier que deux doigts d'apoisseur, puis auec leuiers lui dõnẽt la forme & largeur, & ces canots de guerre sont quelquefois ca(*p. 25*)pables de porter deux ou trois cens persõnes auec leurs prouisions. Ils voguent à la rame par des ieunes hõmes forts & robustes, choisis pour cela, tenãs chacun son auiron de 3. pieds de long, poussans l'eau en pique & non en trauers.

[...]

conduzidas por mancebos fortes e robustos, escolhidos de proposito, por meio de remos de pás de tres pés cada um, que cortam as agoas a pique e não de travessia.

[...]

**De la valeur & moeurs des Sauuages de Miary. Chap. XIII.**

[...]

[8.] (*p. 42*) [*f. 46v*] LES Principaux, qui ordinairement tiennent table ouuerte, & pour cet effect doiuent auoir vne grande estenduë de jardins, dressent un **Caouin** general, auquel ils conuient vn chacun, à la charge de coupper ses iardins. Cela se faict auec grande allegresse en vne belle matinee ou deux, puis vont boire en la loge de celuy qui les a mis en besogne, chacun [*f. 47r*] goustant au vin s'il est temps de boire, & au cas qu'ils le trouuent bon, le loüent grandemẽt de sa force, & composent des chansons là dessus, qu'ils recitent en faisant le tour des loges au son du **Maraca**, prononçans telles ou semblables paroles; O le vin, le bon vin, nous en boirons à nostre aise, ô le vin, le bon vin, nous n'y trouuerons point de paresse: Ils appellent vn vin paresseux, qui n'a point de force pour les enyvrer incontinent, & qui ne les prouoque à vomissement, pour derechet boire d'autant: Les filles seruent à cet escot, on danse, on chante à plaisir, on couche ceux qui s'enyurant soigneussement, il s'y fait rarement des quereles: mais ils sont joyeux & plaisans en leur vin, specialement les femmes qui font mille singeries, dont elles prouoqueroient les plus tristes & espleurez à se débonder de rire. Pour moy ie confesse que iamais en

**Capitulo XIII Do valor e dos costumes dos selvagens do Miary** [*rio Mearim*].

[...]

(*p. 96*) Os principaes [*destes "povos, antes de reunidos, chamados Tabajaras pelos Tupinambás"*], que ordinariamente tem mesa franca para o que necessitam de roças maiores, preparam um **Cauim** geral, e como todos partilham d'elle, se incumbem de cuidar nas plantações, o que fazem com alegria n'uma ou duas manhãs, e depois vão beber na casa d'aquelle para quem trabalharam, bebendo cada uma quando chega a sua vez, e (*p. 97*) quando o acham bom o gabam com todas as suas forças, compõem cantigas adequadas, que entoam ao redor da casa ao som do **Maracá**, pronunciando estas ou outras similhantes palavras: "oh! o vinho, o bom vinho, nunca elle teve igual; oh! o vinho, o bom vinho, nós o beberemos á vontade, oh! o vinho, o bom vinho, n'elle não acharemos preguiça."

Chamam o vinho preguiçoso quando não tem força bastante para embriagal-os immediatamente, e que não lhes provocam o vomito por mais que bebam.

Tomam as raparigas parte n'esta festa, onde se dança e canta-se a fartar, deitam-se os que se embriagam logo e raras vezes apparecem questões: são alegres e agradaveis n'esta occasião, especialmente as mulheres, que fazem mil macaquices a ponto de provocarem grande hilaridade, até a individuos mais tristes e melancolicos. Por mim

ma vie ie n'ay en tant enuie de rire, que lors que ces femmes escrimoient les vnes contre les autres, auec des gobelets de bois pleins de ce vin, beuuans [*f. 47v*] l'vne à l'autre, faisant mille grimaces & démarches.

[...]

[10.] (*p. 43*) ILS ont aussi une coustume, que i'ay pareillement remarquee entre les Tapinambos, c'est, qu'ils portent des siflets ou flutes, faictes des os de jambes, cuisses & bras de leurs ennemis, qui rendent un son fort aigu & clair, & chantent sur icelles leurs notes ordinaires, specialement quand ils sont en leurs **Caouins**, ou quand ils vont en guerre.

[...]

confesso, que nunca em minha vida me ri tanto como quando estas mulheres altercavam umas com as outras, empunhando copos de madeira cheios de vinho, bebendo ora um, ora outro, fazendo muitas macaquices e tregeitos.

[...]

Tambem tem por costume, que igualmente observei entre os tupinambás, o trazerem assobios e flautas, feitos dos ossos das pernas, coxas e braços de seos inimigos, dos quaes arrancam sons fortes, agudos e claros, e ao som d'elles entoam seos cantos usuaes, especialmente quando estão nos **Cauins**, ou quando vão a guerra.

[...]

### Des Loix de la Captiuité. Chap. XV.

[...]

[3.] (*p. 50*) [*f. 54v*] Ce qui arriua sur le champ: car il pria le Sieur de Pesieux [*f. 55r*] de ne faire mourir l'esclaue, sins seulement qu'il le mit au carcan, & qu'il luy fust permis de le fustiger à son plaisir; ouy ce dit le Sieur, à la charge que tu donneras quatre coups de corde à la femme, deuant toutes les femmes qui sont icy au Fort, & ce au son de la trompette. <...>

[...]

### Capitulo XV Leis do Captíveiro.

[...]

(*p. 104*) Conseguiu-o logo [*o Sr. de Pezieux, com que o principal tupinambá Uyrapyran não matasse um escravo que seduziu sua mulher*], porque elle [*Uyrapyran*] pedio ao Sr. de Pezieux, que não matasse o escravo, mas sim que o prendesse na golilha, e que lhe fosse permittido açoital-o á vontade.

"Sim, disse-lhe o Sr. de Pezieux, com tanto que dês quatro açoites com cordas em tua mulher, diante de todas as mulheres, que se acharem no Forte [*"de São Luiz"*], e ao som da corneta[220]."

[...]

### Des avtres Loix pour les Esclaues. Chap. XVI.

[...]

[8.] <...> (*p. 55*) [*f. 59r*] A ce propos ie demandois vn iour à l'vn des esclaues que i'auois, s'il ne se tenoit pas bien heureux d'estre auec moy. Premierement pour ce que ie luy apprendois à craindre Dieu. 2. d'autant qu'il estoit asseuré de n'estre iamais mangé, ains que quand il seroit Chrestien,

### Capitulo XVI Outras leis para os escravos.

[...]

(*p. 107*) Vem a proposito o contar que um dia perguntei a um (*p. 108*) dos escravos, que tinha em seu poder [*na Ilha do Maranhão*], sinão estava satisfeito vivendo commigo, não só porque lhe ensinei a temer a Deos, como também pela certeza, que tinha, de não ser comido, e que, quando christão,

on le feroit libre & demeuroit auec les Peres, ainsi que s'il estoit leur propre fils, il me fit ceste responce par mon Truchement, qu'à la verité il se tenoit bien fortuné d'estre tombé entre les mains des Peres, tant pour cognoistre Dieu que pour viure auec eux, neantmoins que pour l'autre chef, il ne se soucioit pas beaucoup d'estre mangé: car disoit-il, quand on est mort, on se sent plus rien, qu'ils mangent, ou qu'ils ne mangent point, c'est tout vn à celuy qui est mort, ie me fusse fasché pourtant de mourir en mon lict, & ne point mourir à la façõ *[f. 59v]* des Grãds au milieu des danses & des Caouins, & me vanger auant que mourir, de ceux qui m'eussent mãgé. <...>

[...]

seria livre, morando com os padres como si fosse filho d'elles.

Pelo interprete respondeo-me julgar-se feliz por haver cahido nas mãos dos Padres, tanto por conhecer a Deos como por viver com elles, e si fosse para o poder de outro chefe, não estaria socegado e nem descançado de não se comido, porque, acrescentava elle, quando se morre, nada mais se sente, quer elles comam ou não, é o mesmo para o morto: amofinar-me-ia de morrer na minha cama, e não á maneira dos grandes no meio das danças e dos Cauins, afim de vingar-me antes de morrer, dos que iriam comer-me.

[...]

**Combien les Sauvages sont misericordieux enuers les criminels de cas fortuit & sans malice. Chap. XVII.**

[...]

[3.] <...> *(p. 58)* *[f. 62r]* pour ce quelque temps apres, ce Principal faisant vn vin public, auquel il auoit inuité non seulement ceux de son propre village, mais aussi tous ceux des villages aux enuirons, Là tout le monde estant arriué, les danses, les chansons, les vins venus en leur ferueur, en sorte que plusieurs estoient yures, ses deux fils, dont i'ay parlé, se querelent, & celuy qui auoit le tort, par incident, voulant coleter son plus ieune frere, contre qui il quereloit, se fourra vne trousse de fleches dans le ventre, duquel coup il tomba incontinent à la renuerse esuanoüi: on luy retira les fleches du ventre auec vne douleur excessiue, ainsi que vous pouuez penser, & la douleur fist bientost passer le vin, lors la feste fut troublée, les chants tournez en lamentations & harlemens, le vin en larmes, les danses en esgratignemens, & arrachement de cheueux, <...>

[...]

**Capitulo XVII Quanto são misericordiosos os selvagens para com os criminosos por acaso e sem malicia.**

[...]

*(p. 110)* Pouco tempo depois, este Principal [*Gerpary, da aldeia Meioba, distante três léguas do Forte São Luiz*] fez uma festa de vinho publicamente, e para isto convidou não só os habitantes de sua aldeia como também os da vizinhança.

Quando todos dançavam e cantavam, quando o vinho fervia e muitos já se achavam embriagados, seos dois filhos, de que ja fallei, travaram-se de razões, e o autor da quer(*p. 111*)tão querendo agarrar seo irmão, por um acaso ferio-lhe no ventre com um punhado de flechas, que este trasia pelo que cahio logo banhado em sangue. Tiraram-se as flexas com muita dor, como bem se calcula, o soffrimento fez desapparecer o vinho, a festa ficou perturbada, as cantorias se mudaram em gritos e lamentos, o vinho em lagrimas, as dansas em espancamentos proprios e arrancamento de cabellos.

[...]

**Qu'il est aisé de civiliser les Sauuages à la façon des François, & de leur apprendre les mestiers que nous auons en l'Europe. Chap. XVIII.**

[...]

[3.] (*p.* 64) [*f.* 67v] LES **Tapinambos** depuis deux ans en çà que les François leur apprennent à oster leurs chappeaux & salüer le monde, à baiser les mains, faire la reuerence, donner le bon iour, dire Adieu, venir à l'Eglise, prendre de l'eau beniste, se mettre à genoux, ioindre les mains, faire le signe de la Croix sur leur front & poitrine, frapper leur estomach deuant Dieu, escouter la Messe, entendre le sermon, quoy qu'ils n'y conçoiuent rien, porter des Agnus Dei, ayder au Prestre à dire la Messe, s'asseoir en table, mettre la seruiette deuant soy, lauer leurs mains, prendre la uiande aueoques trois doigts, la coupper sur l'assiete, boire à la compagnie: bref faire toutes les autres honnestetez & ciuilitez qui sont entre nous, s'y sont si bien aduancez, que vous diriez qu'ils ont esté nourris toute leur vie entre les François. <...>

[...]

**Capítulo XVIII Quanto é facil civilizar os selvagens á maneira dos francezes, e ensinar-lhes os officios, que temos em França.**

[...]

(*p.* 116) Aos **Tupinambás**, depois de dois annos de convivencia com os francezes, estes lhe ensinaram a tirar o chapeu, a saudar a todos, a beijar as mãos, a cumprimentar, a dar os bons dias, a dizer adeos, a ir á Igreja, a tomar agua benta, a ajoelhar-se, a pôr as mãos, a fazer o sinal da Cruz na testa e no peito, a bater no peito diante de Deos, a ouvir missa e sermão, ainda que nada d'isto comprehendam, a levar o **Agnus Dei**, a ajudar o sacerdote á missa, a assentar-se á mesa, a estender a toalha diante de si, a lavar suas mãos, a pegar na carne com tres dedos, a cortal-a no prato e a beber em commum, e breve farão todos os actos de civilidade e delicadesa, que se costuma a praticar entre nós, e já se acham tão adiantados a ponto de parecerem ter sempre vivido entre os franceses.

[...]

**Ordre et Respect que la Nature a mise entre les Sauuages, qui se garde inuiolablement par la ieunesse. Chap. XXI.**

[...]

[7.] (*p.* 84) [*f.* 88v] Parmy les danses qui se font là, ces anciens & vieillards entonnent les chansons, & leur donnent la notte, commençans d'vne voix fort basse, mais graue, tousiours montant presque à la mesure de nostre musique. <...>

[...]

**Capitulo XXI Ordem e respeito da naturesa entre os selvagens, observada inviolavelmente pela mocidade.**

[...]

(*p.* 133) No meio das danças [*de cauinagem*] entoam [*os velhos, ou "Thuyuae", 6ª classe de idade dos homens, de 40 anos até a morte*] os cantos; dam-lhe a nota, principiando pela mais baixa até a mais grave, crescendo gradualmente até chegar á força da nossa música.

[...]

**Que le mesme ordre & respect se garde entre les filles & les femmes. Chap. XXII.**

[...]

[9.] <...> (*p. 91*) [*f. 92r*] Ie me suis lassé dire que les Sauuages, par opinion superstitieuse tiennent, que les femmes ont bien de la peine, apres qu'elles sont [*f. 92v*] mortes, de trouuer le lieu, où dansent leurs grands Peres, par delà les montagnes, & qu'vne bonne part demeure par les chemins si tant est que quelques vnes s'y arriuent. <...>

[...]

**Capítulo XXII A mesma ordem e respeito é observada entre as raparigas e as mulheres.**

[...]

(*p. 138*) Os selvagens creem supersticiosamente terem as mulheres, depois de mortas, muita difficuldade de deparar com o (*p. 139*) lugar onde, alem das montanhas, dançam seos ante-passados, e que muitas ficam pelos caminhos, se é que lá chegam.

[...]

**De la mort et funerailles des Indiens. Chap. XXXI.**

[...]

[4.] (*p. 125*) [*f. 139v*] BASTE comme ils sont aux abois de la mort, tous les parens s'assemblent, & generalement tous leurs concitoyens qui enuironnent le lict du moribond, les parens tenans le lieu le plus proche du lict, & apres eux les vieillards & les vieilles & ainsi d'aage en aage, personne ne dit mot, seulement ils regardent le mourant attentiuement, debondant de leurs yeux des larmes continuellles, & aussi tost que la pauure creature a rendu son esprit, vous entendez des hurlemens, cris & lamentations composez d'vne musique si diuerse de voix fortes, aiguës, basses, enfantines & autres, qu'il est impossible que le coeur n'en soit (*p. 126*) attendry: quoy que vous reputiez toutes ces douleurs & pleurs sortir d'vn coeur purement naturel, sans autre consideration du bien ou du mal, que peut encourir cet esprit sorty du corps mort.

[5.] APRES que se corps est bien pleuré le Principal de [*f. 140r*] la loge ou du village, où le Principal des Amis faict vne grande harangue pleins d'emotion, se frappant souuent la poitrine & les cuisses, & en icelle il raconte les

**Capitulo XXXI Da morte e dos funeraes dos indios.**

[...]

(*p. 166*) Quando chega a hora da morte [*do indio doente*], reunem-se todos os seus parentes, e geralmente todos os seos concidadãos, cercam-lhe o leito do moribundo, os parentes mais perto, depois os velhos e as velhas, e assim de idade em idade: não dizem uma só palavra, olham-no com toda a attenção, banham-se de lagrymas constantemente; mas apenas a pobre creatura exhala o ultimo suspiro, dão berros e gritos, fazem lamentações compostas por uma musica de vozes fortes, agudas, baixas, infantis, enfim de todo o genero, que infallivelmente enternece todos os corações, embora sejam naturaes todas essas dores e lagrymas, sem conhecimento do bem e do mal, que poderá gozar esse espirito desprendido do corpo morto.

Depois de muitas lamentações, o Principal da aldeia ou o Principal dos amigos fazia um grande discurso muito commovente, batendo muitas vezes no peito e nas coxas, e então contava as façanhas e proezas do morto, dizendo no fim — Ha quem

gestes & hauts faits du mort, disant à la fin de sa Harãgne: y a-il quelqu'vn qui se plaigne de luy? N'a-t-il pas faict en sa vie ce qu'vn fort & vaillant doit faire? <...>

d'elle se queixe? Não fez em sua vida o que faz um homem forte e valente?

[...]

[9.] (*p. 128*) [*f. 142r*] LA troisiesme Histoire fut d'vn petit enfant, en[*f. 142v*]uiron de deux ans, malade du flux de ventre, que ie baptisay auant de mourir, qui ne fut pas longtemps, car deux heures apres son Baptesme on me vint dire qu'il estoit trespassé. <...> (*p. 129*) à la façon des funerailles que nous faisons en l'Europe: Nous vinsmes en la Chapelle de Sainct Loüis au Fort, où le corps reposa tandis que ie [*f. 143r*] disois les Oraisons ordonnees de l'Eglise à cet effet.

[...]

(*p. 168*) Falleceo um menino com doença no ventre, de dois annos de idade, e duas horas depois de baptisado.

[...]

<...> (*p. 169*) fizemos o seo funeral á maneira da Europa, levando o seo corpo á capella do Forte de São Luiz, onde recitamos as orações prescriptas pela Igreja para esse fim.

[10.] NOS vieilles nous suiuirent de prez, & estans arriuees à la porte de l'Eglise, n'osans passer outre, commencerent à entonner vne Musique si haute & si forte, que nous ne nous entendions pas l'vn l'autre dans l'Eglise: <...>

Seguiram-nos as velhas de bem perto, e não se animando a entrar, começaram a entoar uma musica tão alta e forte, que não nos entendiamos dentro da Igreja.

[...]

**Du retour en l'Isle du sieur de la Rauardiere, & de quelques Principaux qui le suiuirent. Chap. XXXII.**

**Capitulo XXXII Do regresso á ilha do Sr. de la Ravardiere e de alguns principaes, que o seguiram.**

[...]

[9.] <...> (*p. 133*) [*f. 147r*] Aux vns il fist prendre en main des Courges, aux autres des Marmites, aux autres des Rondaches, aux autres des Espees & Poignards, aux autres des Arcs & Flesches & autres Instrumens dissemblables, & disposant les Ioüeurs de **Maraca** enuiron par dixaines, ils firent le tour des Loges des **Tabaiares**, puis vindrent en la Grãde Place du Fort, où nous estions, finir leur danse deuant nous, laquelle tiroit fort sur (*p. 134*) la danse des **Pantalons**, s'auançans & cheminans peu à peu auecques mesure, frappans également tous ensemble la terre de leur pieds, & ce au ton de la voix, & du son du **Maraca**, qu'ils

[...]

(*p. 172*) A uns deo cabaças, panellas, e rodela [*o principal "Arraia grande", dos "Caietés", quando de sua entrada na "praça de São Luiz"*], e a outros espadas e punhaes, a estes arcos e flexas, a aquellas differentes instrumentos, dividindo os tocadores de **Maracá**[221] pelas desenas, e assim percorreram a habitação dos **Tabajaras**, e (*p. 173*) depois foram á praça grande do Forte, onde estávamos, e ahi acabaram suas danças, muito similhantes a dos **Pantalons**, andando e fazendo mesuras, batendo todos ao mesmo tempo com o pé em terra, ao som da voz e do Maracá, cujo compasso todos observavam entoando sempre os

gardoient tous en [*f. 147v*] mesme cadence, recitans vne chanson de victoire à la loüange des François. Ils remuoient la teste de çà de là, & les mains aussi, auec tels gestes qu'ils eussent faict rire les pierres. Ceste façon de danser est appellee entre les **Tapinambos** **Porasséu-tapoüi**, c'est à dire, la danse des **Tapouis** par ce que la danse des **Tapinambos** est toute dissemblable: car elle se faict en rond, sans remuer de place. La danse finie, il nous vint salüer & puis s'alla reposer & manger en la loge qui luy estoit preparee.

louvores aos francezes.

Mechiam em todos os sentidos a cabeça e as mãos, com taes gestos que faziam rir as pedras.

Chamam os Tupinambás a esta dansa **Porasséu-tapui**, quer dizer, **dança dos Tapuias**, porque era outra a dança dos **Tupinambás**, sempre em roda e nunca mudando de lugar.

Acabada a dança, veio saudar-nos [*"Arraia grande"*], e foi comer e descançar na casa, que se lhe havia preparado.

**Du voyage du Capitaine Maillar dans la terre ferme, en l'habitation d'vn grand Barbier: Description de ceste terre, & des tromperies de ce grand Barbier. Chap. XXXIII.**

**Capítulo XXXIII Viagem do Capitão Mailar, pela terra firme à casa de um grande feiticeiro. Descripção d'esta terra e das zombarias d'elle.**

[...]

[6.] (*p. 137*) [*f. 150v*] 2. IL institua vne danse ou procession generale, & faisoit porter à tous les Sauuages, tant hommes, femmes, qu'enfans, des branches de Palme piquante, surnommee **Toucon**, & alloient tout autour des loges chantans & dansans, & ce disoit-il, pour exciter son esprit à enuoyer les pluyes, (car en ceste annee elles [*f. 151r*] vindrent trop tard) apres la procession ils cauïnoient iusqu'au creuer. <...> 5. Il planta vn May d'arbre, au mileu du village, chargé de coton, & apres auoir faict quelque tours & retours aux enuirons, il leur dit, qu'ils auroient ceste annee grande quantité de coton

[...]

(*p. 175*) Estabeleceo [*um principal feiticeiro "vindo do Maranhão", "com 40 ou 50 selvagens", numa "localidade muito boa, distante 100 ou 150 leguoas do Maranhão, na terra firme para as bandas do rio Mearim e longe d'elle 40 ou 50 legoas"*] uma dansa ou procissão geral fazendo com que todos os selvagens levassem na mão um ramo de palmeira espinhosa, chamada **tucum**, e assim andavam ao redor das casas, cantando e dansando, para animar, dizia elle, o seo espirito a mandar chuvas, então n'esse anno mui (*p. 176*) tardias: depois da procissão **cauinavam** (bebiam cauim) até cahir.

[...]

Plantou no centro d'aldeia uma arvore de maio, carregou-a de algodão, e depois de haver dado muitas voltas e vira voltas em redor, lhes prognosticou grande colheita n'esse anno.

[7.] (*p. 138*) OR pour toutes ces barberies, la pluye ne venoit point, & ne cessoit iour & nuit de faire danser les Sauuages, crier le plus hant qu'ils pouuoient pour [*f. 151v*] reueiller son esprit ainsi

Apezar de tudo isto não vindo a chuva, dia e noite fazia elle dançar e cantar os selvagens, gritando com quanta força tinham afim de despertar seo espirito, como faziam outr'ora os sacrificadores de Baal.

que iadis faisoient les sacrificateurs de Baal; nonobstant ces cris, la pluye ne venoit point. <...>

Com tudo isto não choveo. [...]

[...]

**De la venue des Tremembaiz; comme on les poursuiuit, & de leurs habitations & façons de faire. Chap. XXXIV.**

**Capitulo XXXIV Da vinda dos Tremembés, como foram perseguidos, suas habitações, e procedimento.**

[...]

[3.] (*p. 141*) [*f. 154v*] NOS Sauuages trouuerent vn de leurs semblables encore viuant, qui s'estoit sauué à la fuitte dans les [*f. 155r*] bois, & caché dans vn arbre: mais entendant le son des Trompes de guerre, qui est vn grand bois creusé, ayant la gueule d'en bas & d'en haut à la façon d'vne Trompette, il sortir tout defaict & sans figure d'homme, pour n'auoir rien mangé l'espace de huict iours, sinon des feuilles de l'arbre où il s'estoit caché, <...>

[...]

(*p. 179*) Encontraram os nossos selvagens [*"Tupinambás"*] ainda vivo um dos seus, que fugio para o mato [*depois de uma investida dos "Tremembés", aliados dos portugueses, em um "grande areial cercado de mato por tres lados, no continente*], e escondendo-se no concavo de uma arvore; porem ouvindo o som das trompas[222] de guerra, que eram feitas de um grosso madeiro cavado, tendo as aberturas superior e inferior similhantes á uma trombeta, sahio muito magro, e quase que sem figura humana por não ter comido durante oito dias senão folhas da arvore, onde escondeo-se: <...>

[4.] <...> **Carouatapyran**, mápprit ce que ie ne sçauoir pas, [*f. 155v*] touchant ces haches, faictes d'vne pierre tres-dure, & taillees en forme de croissant: car il me dit, que (*p. 142*) les **Tremembaiz** auoient coustume tous les mois, au premier iour du Croissant, de veiller toute la nuict à faire ces haches, & ne cessoient qu'elles ne fussent parfaites, ayans ceste superstition, que portans ces haches en guerre, ils n'estoient iamais vaincus, ains reportoient la victoire de leurs ennemis: pendant qu'ils font ces haches, les femmes, filles & enfans sont dehors les **Aioupaues**, dansant & chantant à la face du Croissant.

[...]

[...]

(*p. 180*) **Caruatapyran** [*"um dos Principaes de Comã" pegando um d'esses machados com que os "Tremembés" racharam as cabeças de "Tupinambás" e os deixaram sobre seus corpos*], feito em fórma de crescente, ensinou-me o que eu não sabia, dizendo-me terem os **Tremembés** o costume mensal de vellar toda a noite fazendo seos machados até ficarem perfeitos, em virtude da superstição, que nutriam, de que indo para a guerra armados com taes instrumentos nunca seriam vencidos, e sim sempre vencedores.

Em quanto os homens e as mulheres [*"tremembés"*] se entregavam a este trabalho, dançavam as moças e os meninos á frente das choupanas ao luar do crescente.

[...]

**De la chasse des Rats, Fourmis & Lezards. Chap. XLIII.**

[...]

[5.] (*p. 175*) [*f. 195v*] NOS Sauuages ne font pas la chasse à toute sorte de fourmis, ains seulement à celles qui sont grosses (*p. 176*) comme le pouce, apres lesquelles tout vn village sort, hommes, femmes, garsons & filles: & la premiers fois que ie leur vy faire ceste chasse, ie ne sçauois que c'estoit, ny où ils alloient si vistes, tous abandonnans leurs [*f. 196r*] Loges pour courir apres ces fourmis voulantes, lesquelles ils prenoient auec leurs mains & les mettoiẽt soigneusement dans vne courge, leur rõpans les aisles pour les fricasser, & les manger. Ils les prenent encore d'vne autre façon, & sont les filles & les fẽmes, lesquelles s'asseãs à la bouche de leur cauerne, inuitent ces grosses fourmis à sortir par vne petite chanson, laquelle ie fis interpreter au Tuchemẽt, & estoit telle: Venez mon amy, venez voir la belle, elle vous donnera des noisettes: & tousiours repliquoient cela, à mesure que les fourmis sortoient, lesquelles elles pernoient leur rompant les aisles & les pieds. Et quand elles estoient deux femmes en vn trou, elles recitoient l'vne apres l'autre la chanson, & les fourmais qui sortoient de là, pendant la chanson, estoiẽt à celle qui chantoit: <...>

[...]

**Capítulo XLIII Da caça dos ratos, das formigas e das lagartixas.**

[...]

[*p. 206*] Caçam os selvagens somente as formigas grossas como o dedo polegar, para o que abala-se uma aldeia inteira de homens, mulheres, rapazes e raparigas.

A primeira vez que vi esta caçada, não sabia o que era, e nem onde hia tão apressada tanta gente deixando suas casas para correr após as formigas voadoras, as quaes agarram mettem-nas n'uma cabaça, tiram-lhes as azas para frital-as e comel-as.

Caçam-nas tambem por outra maneira, e são as raparigas e as mulheres que, sentando-se na bocca da caverna, convidam-nas a sahir por meio de uma pequena cantoria, assim traduzída pelo meo interprete:

"Vinde, minha amiga, vinde vêr a mulher formosa, ella vos dará avelans."

Repetiam isto á medida que iam sahindo, e que iam sendo agarradas, tirando-se-lhes as azas e os pés.

Quando eram duas as mulheres, cantava uma e depois outra, e as formigas que então sahiam, eram da cantora.

[...]

**Instruction pour ceux qui nouuellement vont aux Indes. Chap. XLIX.**

[...]

[4.] (*p. 216*) [*f. 233r*] LES marchandises necessaires pour les Sauuages desquelles vous aurez d'eux, soit viures, soit marchandises de leur Pays, soit esclaues pour vous seruir & cultiuer vos iardins, sont celles-cy: Ayez force couteaux à

**Capítulo XLIX Instrucção para os que vão pela primeira vez às Indias.**

[...]

(*p. 239*) As mercadorias pelas quaes dos Indios obtereis em troca viveres e outros generos do paiz, e escravos para servir-vos e cultivar vossas roças, são as seguintes – facas de cabo de pau, de que usam os magarefes, e muito apetecidas pelos selvagens, muitas thesouras

manche de bois, desquel vsent les bouchers: car ce sont ceux qu'ayment plus les Sauuages. Prenez des oiseaux de malle en quantité, force peignes, miroirs, grains de verre de coupleur pers, qu'ils appellent rassade, serpes, haches, barsas, des chapeaux de petit pris, casaques, chemisoles, hauts de chausses de friperie, vieilles espées & harquebuses de peu de coust. Ils font grand estat de tout cecy, dont vous aurez moyen d'auoir des esclaues, & de bonnes marchandises d'iceux. N'oubliez aussi du drap pers & rouge, & du plus bas prix que vous *[f. 233v]* pourrez trouuer: car ils ne font pas grande difference des estroffes, des pens d'oreilles, siflets, sonnettes, bagues de cuiure doré, des hains à pescher, des grugeoires de laiton plates, longues d'vn pied & larges de demy, ce sont denrées lesquelles ils ayment. <...>

[...]

de bolsa, muitos pentes, contas de vidro verde-gaio, a que chamam missangas, foices, machados, podões, chapeos de pouco valor, fraques, camisollas, calções de adellos, espadas velhas, e arcabuses de pouco preço.

Dão muito apreço a tudo isto, e assim tereis escravos e bons generos.

Não esqueçaes tambem pannos verdes-gaios, e vermelhos de pouco valor, porque não fazem grande differença dos estofos, rosetas, assobios, campainhas, anneis de cobre dourado, anzóes, alicates de latão chatos, com um pé de comprimento e meio de largura, tudo isto por elles muito apreciado.

[...]

**Svitte de l'Histoire des choses plvs memorables aduenuës en Maragnan, ès annees 1613 & 1614. SECOND TRAITE.**

**Continuação da história das coisas mais memoraveis acontecidas no Maranhão em 1613 e 1614 SEGUNDO TRATADO**

**Des fruits de l'Euangile, qui tost parurent par le Baptesme de plusieurs enfans. Chap. I.**

**Capitulo I Dos fructos do Evangelho, que appareceram cedo pelo baptismo de muitos meninos.**

[...]

[6.] <...> *(p. 232)* *[f. 247v]* Leur Roy est puissant, qui les ayme, & nous assistera, tant qu'ils seront auec nous. Ah! que ne sommes nous plus ieunnes, pour voir les choses grandes que feront les Païs en nostre terre! Car ils bastiront de pierre de grandes Eglises, comme sont celles de France. Ils apporteront de belles étofes, pour orner le lieu, où le Toupan descend. Ils feront venir des **Miengarres**, c'est à dire, des Chantres Musiciẽs, pour chanter les grandeurs du **Toupan**. <...>

[...]

*(p. 251)* Dizem-nos [*os meninos indios catecúmenos*] que seo Rei [*o Deus cristão*] é poderoso, que os ama, e nos ajudará em quanto elles estiverem comnosco. Ah! porque não somos mais moços para vêr as grandes coisas, que farão os Padres em nossas terras! Elles construirão com pedra grandes Igrejas como ha em França.

Trarão bellos estofos para ornar o lugar, onde desce **Tupan**. Mandarão buscar miengarres, isto é, musicos cantores[2023] para entoarem as grandezas de **Tupan**.

[...]

**Du Baptesme de plusieurs adults, specialement d'vn nommé Martin. Chap. III.**

[...]

[6.] (*p. 246*) [*f. 262r*] IL arriua donc, que sans y penser, il vint auec plusieurs Sauuages, ses semblables, de **Tapouytapere**, en l'Isle de **Maragnan** pour nous voir, & les ceremonies auec lesquels nous seruions le **Toupan**. <...>

[...]

[8.] (*p. 247*) [*f. 262v*] IL raconta depuis, & en voulut estre informé, comme il auoit pris garde à tous les gestes que i'auois faicts en la celebration de ce haut & profond mystere de la Messe, à sçauoir, comment, & pourquoy il me reuestois d'vne Aube blanche, me ceignois d'vne ceinture, mettois le Manipule en mon bras & l'Estolle en mon col: Ie m'aprochois à la droite de l'Autel, où m'estois presenté vn vaisseau plein d'eau, & du sel, sur lesquels ie prononçois des paroles, en faisant plusieurs signes de Croix: toute l'assistance des François leuée de bout, laquelle me respondoit en chantant, & qu'ayant fait cecy, tenant en main vne branche de palme, ie la trempois dans ce vaisseau, iettant sur l'Autel des gouttes d'eau, puis sur moy, & que me leuant de là, i'allois asperger les François, commençant aux Chefs iusques aux derniers qui estoiẽt à la porte de l'Eglise: où les autres Sauuages nõ Chrestiẽs s'approchoiẽt pour en receuoir quelque goutte, estimans que celà leur seruoit contre **Geropary**: Luy mesme descendit de dessus le banc (*p. 248*) & fendit la presse pour receuoir aussi sur luy quelque goutte d'Eau beniste: ce qui luy arriua.

[...]

**Capitulo III Do baptismo de muitos adultos, especialmente de um chamado Martinho.**

[...]

(*p. 263*) Aconteceo porem, que inesperadamente viesse [*"um indio de Tapuitapera, principal n'uma aldeia antiga d'esta provincia, chamado Marentin, sempre amigo dos francezes", "tido outrora por afamado barbeiro ou feiticeiro"*] com muitos selvagens, seos similhantes, de **Tapuitapera** para vêr não só a nós como tambem as ceremonias, com que serviamos a **Tupan**.

[...]

(*p. 264*) Contou depois, como prestou attenção a todas as ceremonias, que fiz na celebração do alto e profundo mysterio da Missa, e desejou saber porque me revesti de alva branca, liguei a cintura, deitei o manipulo no braço, e a estolla no pescoço; aproximei-me á direita do altar, onde me apresentaram um vaso com agoa e sal, sobre o qual pronunciei algumas palavras fazendo muitos signaes da Cruz; levantaram-se os francezes, me respondiam cantando, e tendo eu um ramo de palma na mão o mergulhei n'agoa deitando algumas gottas no altar, depois sobre mim, e levantando-me fui aspergir os francezes começando pelos chefes e acabando pelos que estavam na porta da Igreja, chegando tambem para esse fim os selvagens não christãos, na convicção de que lhes serviria contra **Jeropary**, desceo elle mesmo do banco, rompeo a multidão para receber tambem algumas gottas d'agoa benta, o que conseguio.

[...]

**Des Grands fruicts que fit cet homme Chrestien en L'instruction & conuersion de ses semblables. Chap. III.** [*correto: capítulo IV*]

[...]

[5.] <...> (*p. 256*) [*f. 271v*] cependant le nombre des Catecumenes s'augmentoit de iour en iour en **Tapouitapere**, si bien qu'il fallut que les R. P. Arsene Y allast pour en baptiser vn grand nombre que l'on ne pouuoit refuser, tant pour le desir, qu'ils monstroient en auoir, que pour sçauoir parfaictement ce que doit sçauoir le Chrestien.

[6.] MARTIN auoit basty vne chappelle & vne loge tout aupres, au milieu de son village auec l'ayde des autres Chrestiens & des Sauuages de son village: <...>

[7.] <...> (*p. 257*) [*f. 272r*] Ce nom fut de **Paï-miry**, le petit Pere, ou le Vicaire des Peres. Et à la verité il meritoit bien ce nom: car depuis qu'il fut Chrestien, l'on n'a iamais remarqué en luy aucune trace de vieil homme, c'est à dire, des coustumes mauuaises que les Sauuages obseruent. Il estoit graue, modeste & peu parlant, & rarement pouuoit-il estre incité à rire: Il s'absteniot de tout ce qui luy sembloit contrarier à la profession du Christianisme.

[8.] TEL estoit le Formulaire de vie qu'il gardoit & faisoit garder à tous les Chrestiens comme le plus ancien. I. Ils conuenoient tous ensemble soir & matin, en la Chappelle: lors vn d'entre eux, se leuoit debout, les autres demeurans à genoux, puis [*f. 272v*] hautement, il disoit en sa langue, **Au nom du Pere, du Fils & du sainct Esprit**, & se marquoit le front du signe de la Croix, les yeux, la bouche, & la poitrine, ce que faisoient pareillement tous les autres, puis ioignant les mains, les yeux vers l'Autel, il recitoit posement & distinctement l'Oraison Dominicale, le Symbole des Apostres; les Commandemens de Dieu, & ceux de l'Eglise. Cela finy, s'il y auoit

**Capitulo IV Do que fez este christão** [*Marentin*] **em beneficio da instrucção e conversão dos seos similhantes.**

[...]

(*p. 271*) Augmentando-se diariamente o numero das catecumenos em **Tapuitapéra** foi necessario ahi ir o Revd. padre Arsenio para baptisar muitos d'elles, dignos d'essa graça tanto pelo seo desejo, como pela sua instrucção christã.

Tinha Martinho edificado uma Capella, e junto d'ella una casa, no meio de sua aldeia, com o auxilio dos outros christãos e selvagens ahi residentes.

[...]

(*p. 272*) Chamaram-no **Paí-miry**, "Padre pequeno ou o vigario dos Padres", e na verdade bem merecia tal nome, porque desde que se fez christão nunca mais se descobrio n'elle vestigios do antigo homem, ou os máos costumes dos selvagens. Era grave, modesto, pouco fallador e raras vezes ria-se, e nada fazia que procedesse ser contrario ao christianismo.

Era este o regimen de vida que observava, e como mais velho fazia observar aos outros christãos:

1º Pela manhã e á tarde reuniam-se todos na Capella: levantava-se um d'elles, ajoelhavam-se outros, e depois dizia em seo idioma **"em nome do Paí, do Filho, e do Espirito Santo"** e fazia o signal da Cruz, na testa, na bocca e nos peitos, no que era pelos outros imitado; punha depois as mãos, fixava a vista no altar, e recitava pausada e distinctamente o oração dominical, o symbolo dos Apostolos, os mandamentos de Deos e da Igreja, o que findo, si tinha alguma advertencia a fazer aproveitava a occasião, sinão, recolhia-se cada um á sua casa.

quelque auertissemẽt à donner on le disoit, puis chacun s'en alloit à sa besogne.

[9.] (*p. 258*) 2. ILS viuoient en cõmun, lors qu'ils se trouuoient ensemble, apportãs leurs pesches & chasses, pour estre également parties entr'eux, & auparauant que de manger le plus ancien d'entr'eux disoit en sa langue le **Benedicite**, faisant le signe de la Croix, sur soy & sur les viandes presentes, tous ostoient leur chappeau, & faisoient le signe de la Croix sur eux, lors que celuy qui benissoit la faisoit, & pas vn ne touchoit aux viandes, qu'elles ne fussent benistes. En mangeant ils ne contoient chose de risee ou mauuaise comme ont coustume de faire les **Tapinãbos**, mais le plus ancien recitoit quelque chose de Dieu, & de la Religion.

2º Viviam em commum quando se achavam juntos, e para isso traziam o resultado de suas pescarias e caçadas para ver igualmente dividido entre elles, e antes de comerem, o mais velho recitava em sua linguagem o **Benedicte**, fazendo o signal da Cruz sobre si, e sobre as iguarias: tiravam todos o chapeo, faziam em si o mesmo signal e ninguem tocava na comida antes de abençoada.

Em quanto comiam não contavam coisas más ou que ex-(*p. 273*)citasse o riso, como fazem os Tupinambás; porem o mais velho dizia alguma coisa á respeito de Deos e a Religião.

[10.] [*f. 273r*] 3. ILS n'alloient aucunement aux **Caouïns** & assemblees, selon la coustume des **Tapinambos**: c'estoit vn des points principaux que Martin François grauoit dans le coeur de ceux qu'il conuertissoit, à sçauoir, que les **Caouïns** estoient inuentez par **Giropary**, pour semer discorde entre ces Barbares, & pour prouoquer ceux qui s'y trouuoient à toute sorte de mal, qu'il estoit impossible que ceux qui aymoiẽt les **Caouïns** aymassent Dieu, c'est pourquoy, disoit-il, quand ie m'apperçoy que quelques-vns de mes semblables se retirent des **Caouïnages**, ie prens augure qu'ils seront bien tost Chrestiens, & ie les vay trouuer: mais ceux que ie voy aymer ce sabat, ie n'ay courage de m'adresser à eux. Ce qu'il dit est veritable, car c'est vn spectacle assez hideux de voir ces gens en telles assemblees, & semble plustost vn sabat de Sorciers, qu'vne assemble d'hommes. Ie m'y suis troué vne seule fois seulement pour en sçauoir parler, & iamais depuis ie n'y voulu retourner. Ie voyois d'vn costé les vns couchez dans leur lict, vomissans à grande force les autres faisans des demarches, ayant perdu [*f. 273v*] le iugement à cause du vin, d'autres

3º Nunca iam aos cauins e reuniões, conforme costumavam os **Tupinambás**: era um dos pontos principaes, que Martinho Francisco gravava no coração dos convertidos, isto é, que os cauins eram inventados por **Jeropary** [*entidade mitológica indígena, que os franceses associaram ao Demônio do cristianismo*] para semear a discordia entre elles, e fazer com que praticassem toda a especie de males os que frequentassem, sendo impossivel amar a Deos quem gostasse de **cauins**, porque, dizia elle, quando descubro, que alguns dos meos similhantes se retiram das **cauinagens**, agouro que bem depressa serão Christãos e vou procural-os; mas não tenho animo para fazer o mesmo aos que frequentam taes orgias.

O que elle dizia era verdade por ser horrivel espectaculo vêr essas gentes em reuniões, parecendo antes congresso nocturno de feiticeiros do que ajuntamento de homens.

Achei-me apenas uma só vez n'essas reuniões para d'ellas poder fallar, e nunca mais lá tornei.

Via aqui uns deitados em suas redes vomitando com muita força, outro caminhando ou marchando em diversos sentidos com o juiso

qui huoient, d'autres qui fasoient mille grimaces d'autres qui dansoient au son du **Maraca**, d'autres qui chantoient auec confusion de voix & de ton, d'autres qui beuuoient de grand courage, & petunoient pour se rendre (*p. 258*) bien tost yures, & le pis que ie trouuois en cela, c'estoit que les filles & les femmes y estoient peslemesle, me persuadât qu'il est bien difficile que Bacchus soit sans Venus: Et à la mienne volonté que les François facent en ce point, ce que les Portugais ont faict, qu'ils deffendent aux Sauuages tous ces **Caouinages**: les Portugais ont recogneu depuis le temps qu'ils sont habituez aux Indes, qu'vn des plus grands empeschemens de venir au Christianisme, ce sont ces assemblees diaboliques, desquelles aussi procedent presque toutes les discordes & vilennies qui sont entre ces Sauuages.

perdido pelo vinho, alí outros gritando, fazendo mil tregeitos, estes dançando ao som do **maracá**, aquelles bebendo com muito boa vontade, aquell'outros fumando para se embriagarem, e o que ainda é peior, é estarem mulheres e moças ahi misturadas parecendo bem difficil a presença de Bacho sem Venus.

Por minha vontade os francezes deviam fazer o que fizeram os portuguezes, isto é, prohibir todas estas **cauinagens**; os portugueses, depois que habitaram algum tempo na India, reconheceram, que um dos maiores embaraços para a propagação do christianismo eram essas reuniões diabolicas, de que procedem todas as discordias e desgraçam entre os selvagens.

[11.] 4. CES nouueaux Chrestiens vont vestus le mieux qu'ils peuuent, & marchent de compagnie ensemble, ne portans ny flesches, ny arcs, sinon lors qu'ils vont à la chasse, ou à la pesche, ains se contentent de [*f. 274r*] porter vn baston d'vne sorte d'Ebene noire ou rouge, tellement qu'il est aisé de les distinguer d'auec les autres. Et quant ils vont par les villages de leur contree, s'il se trouue vn Chrestien au village où ils abordent, ils se retirent chez luy, & se contenent de ce qu'il a faict prouision, viuans sobrement, comme il est bien seant & conuenable aux Chrestiens.

4º Vestem-se estes novos christãos o melhor que podem, caminham todos juntos, não trazem flechas e nem arcos, excepto quando vão á caça ou a pesca, contentando-se em trazer um cacete de uma especie de ebano, negro ou vermelho, com que se distinguem facilmente dos outros.

Quando vão a outras aldeias, si encontram algum christão, recolhem-se á casa d'elle, contentam-se com o que tem e virem sóbriamente como tanto convem a um christão.

**D'vn indien condamné à la mort, lequel demanda le Baptesme auant que de mourir. Chap. V.**

**Capitulo V De um Indio, Condemnado á morte, que pedio o baptismo antes de morrer.**

[...]

[6.] (*p. 262*) [*f. 277v*] CE paure condamné receut ses consolations de bon coeur & auant que marcher au supplice, il dist à toute la compagnie: Ie m'en vay

[...]

(*p. 276*) Este infeliz condemnado recebeo as consolações de muito boa vontade, e antes de caminhar para o supplicio disse aos que o acompanhavam: "vou morrer,

mourir & vous perdray de veuë, ie n'ay plus peur de **Giropari**, puis *(p. 263)* que ie suis enfant de Dieu: ie n'ay que faire de marchandise, ny de feu, ny de farine, ny d'eau, ny d'aucun ferrement pour mon voyage par delà les montagnes, où vous pensez que vos Peres dansent: mais donnez moy du Petun, à ce que ie meure allegrement la parole ferme, & sans peur, qui m'estouffe l'estomach. <...>

[...]

não mais os verei, não tenho mais medo de Jeropary pois sou filho de Deos, *(p. 277)* não tenho que prover-me de fogo, de farinha, de agoa, e nem de ferramentas alguma para viajar alem das montanhas, onde cuidaes que estão dançando vossos paes. Dae-me porem um pouco de **Petum** para que eu morra alegremente, com voz e sem medo."

[...]

**Formulaire de la Doctrine Chrestienne, laquelle les Catecumenes apprenoient & recitoient par coeur, auant que d'estre baptisez Chap. VII.**

**Capitulo VII Formulario da doutrina christã, que aprendiam e recitavam de cór, antes de serem baptisados.**

[...]

[...]

**DOCTRINE CHRESTIENNE en la langue des Topinambos & en François, & premierement l'Oraison Dominicale.**

**DOUTRINA CHRISTÃ na lingua dos Tupinambás[224] e em francez, e em primeiro lugar a oração dominical**

*(p. 272)* *[f. 286v]*
**Ore-roube vuac peté couaré**
Nostre Pere és Cieux qui es.

**Ymoe-tepoire derere-toico.**
Aduienne ton Royaume.
**Teiê-mognan deremiootare yboipé [ vuacpe iémognan eaue.**
Soit faicte ta volonté en la terre [ comme aux Cieux.
*(p. 273)*
**Oremiou-are miedouare eimé ioury [ oreue.**
Nostre pain quotidien donne [ aiourd'hui à nous.
**De-ieurou orê yangaypaue resse.**
Pardonne nos offences.
**Ore recome-mossaré soupè ore-ieuron [ eaue.**
*[f. 287r]*
Comme nous pardonnons à ceux qui [ nous ont offencez.
**Maar-ocar humé yepé tecomemo-poupé.**
Et ne nous induits point en tentation.
**Oré pessuron peyepè mäe ayue souy.**
Mais nous deliure du mal.
Amen Iesu.

**Ore-rube vuac peté cuare,**
Padre nosso, que estás no Ceo,
**y moe-tepoire derere-toico**
sanctificado seja teo nome,
**to-ure de reigne**
venha nós o teo reino,
**teié-mognan deremiootare yboipé [ vaacpe iémognan eaue,**
seja feita a tua vontade assim na [ terra como no Ceo,

**oreremiu-areduare eimé iury oreue,**

dae-nos hoje o pão quotidiano,

**de-eiuru oré yangaypaue rece,**
perdôa nossas offensas,
**ore recome-moçaré supé ore-ieuron [ eaue**

como nós perdoamos aos que nos [ offendem
**moar-ocar humé yepé tecomemo-pupé**
não nos deixes cahir em tentação
*(p. 286)*
**oré pessuron peyepé mae ayue suy.**
mas livrae-nos do mal. Amem Jesus.

## La Salutation Angelique

**Aue Maria gratia, Resse tonoussen**
**[ väe.**
Ie te saluë Marie, de grace pleine.
**Deyron yandé yaré-reco.**
Auec toy est le Seigneur.
**Ymonbeou Katou poïre aue edereico**
**[ Kougnan souy.**
Beniste tu es entre les femmes.
**Ymonbeau Katou poïre aue**
**[ demeinboïre** IESVS.
Benit est le fruict de ton ventre,
[ IESVS.

## SAUDAÇÃO ANGELICA.

**Ave Maria, gratia, resse tonussen**
**[ väe,**
Eu te saudo Maria, de graça cheia,
**Deyron yandê yarê-reco**
o Senhor é contigo,
**ymonbeu katu pöire aue edereico**
**[ kugnan suy**
benta és tú entre as mulheres,
**ymonbeau katu poïre aue demeinboïre**
**[ Jesus.**
bento é o fructo do teo ventre,
[ Jesus

## Oraison à la Vierge

**Sancta Maria Toupan seu.**
*[f. 287v]*
Saincte Marie mere de Dieu.
**Hé Toupan mongueta ore-yangaypaue**
**[vaë ressé.**
Prie Dieu pour nous pecheurs.
**Cohu yran ore-requi ore-roumeué.**
Maintenant, & à l'heure de nostre
[ mort.
Amen Iesu.

## ORAÇÃO Á VIRGEM.

**Santa Maria Tupan seu**

Santa Maria Mãe de Deos
**hê Tupan omngueta ore Jangaypaue**
**[vaë ressé**
rogae a Deos por nós peccadores
**cohu yran ore-requi ore-rumeuê**
agora, e na hora de nossa morte.
[Amen Jesus.

## Le Symbole des Apostres.

**Arobiar Toupan.**
Ie croy en Dieu.
**Toume opap Katou mäeté tirouan.**
Pere tout puissant.
**Mognangare vuac.**
Createur du Ciel.
**Mognangare ybouy.**
Createur de la terre.
IESVS CHRIST.
**Tayre oyepe vac.**
En IESVS CHRIST son fils vnique.
**Ahe** Sainct Esprit, **demognan pitan**
**[ amo.**
Qui a esté du sainct Esprit conceu.
**Ahé poïre oart** Saincte Marie, **Souy.**
Et ney de la Vierge Marie.
**Ponce Pilate Mouroumichaue amoseico**
**[ sericomemo poïre amo.**
*[f. 288r]*
Soubs Ponce Pilate President
[ à souffert.

## O SYMBOLO DOS APOSTOLOS.

**Arobiar Tupan**
Creio em Deos
**tuue opap katu maeté tiruan**
padre nosso todo poderoso
**mognangare vuac**
creador do Ceo
**mognangare ybuy**
creador da terra
*(p. 287)*
**Jesus-Christo tayre oyepe vac**
em Jesus Christo, seo filho unico
**ahe Sainct Esprit, demognan pitan**
**[ amo**
que foi concebido do Espirito Santo
**ahê poire aort Sainct Marie, suy**
e nasceo da Virgem Maria
**Ponce Pilate muruuichaue amoseico**
**[ sericomemo poïre amo**

padeceo sob poder de Poncio
[ Pilatos, presidente

**Yiouca poïre amo youira.**
A esté trué sur le bois de la
[ Croix.
**Ioasaue ressé.**
Il est mort.
**Ymoiar ypoïre ytemim bouïre amo.**
Et a esté enseuely & enterré au
[ Sepulchre.
**Oouae ieune eaue apeterpé.**
Est descendu aux Enfers.
**Ahé souï touriare mossa poïre ressè**
[ oouae ombouaue souï. Secobé
[ yereie-bouïre.
Le tiers iour est resuscité des
[ morts.
(*p. 275*)
**Oié oupire vuacpè.**
Est monté aux Cieux.
**Toupan toue opap-Katou mãeté**
[ tirouan mognangare Katou
[ aue cotu seua.
De Dieu son Pere tout-puissant, il
[ se pied à la dextre.
**Ahé souï tourinè yeobé vãe omano**
[ vae poïre pauè recomognan.
Et de la viendra les vifs & les
[ morts iuger.
**Arobiar Sainct Esprit.**
Ie croy au sainct Esprit.
**Arobiar Saincte Eglise Catholique.**
Ie croy la Saincte Eglise
Catholique.
**Arobiar** Sainct **tecokatou demosaoc**
[ **moroupé.**
Ie croy des Saincts la communion.
**Arobiar teco-engay paue ressè**
[ **moroupé Toupan deũron.**
Ie croy des pechez la remission de
[ Dieu.
**Arobiar asè-recobé ieboure.**
Ie croy la reserrection de la
[ chair.
**Arobiar teioubé**
[ **opauaerem-eim-rerecoe nouame.**
Ie croy la vie eternelle.
Amen Iesu.

**yíuca poire amo yuira**
morreo sobre o madeiro da Cruz
**ioasaue ressé**
morreo
**ymoiar ypoire ytemin buire amo**
foi amortalhado e enterrado no
[ sepulchro
**ouae ieuue euue apeterpé**
desceo aos infernos
**ahé sui turiare mossa poire ressé**
[ **uue ombueue sui. Secobè**
[ **yereie-buire**
ao terceiro dia resurgio dos mortos

**oié upire vuacpé**
subio ao Ceo
**Tupan tuue opap-katu mãeté tiruan**
[ **mognangare katu aue cotu seua**
está assentado à direita de Deos,
[ seo Pae Omnipotente
**ahé sui turiné ycobé vãe poire pauè**
[ **recomognan**
de lá virá a julgar vivos e mortos.
**Arobiar Sainct Esprit**
Creio no Espírito Santo
**Arobiar Saincte eglise catholique**
Creio na Santa Igreja Catholica,
**arobiar Saincte tecokatu demosaoc**
[ **morupé**
creio na Communhão dos Santos
**arobiar teco-engay paue ressé**
[ **morupé Tupan deuron**
creio na remissão dos peccados por
[ Deos
**arobiar asé-recobé iebure**
creio na ressureição da carne
**arobiar teiubé opauaerem**
[ **eim-rerecoe nuame**
creio na vida eterna. Amem Jesus.

**Les dix Commandemens de Dieu**

1. **Ymoeté yepé Toupan.**
1. Honore vn seul Dieu.
2. **Aytè eretè netieume poïre renoy**
[ **teigñé.**
2. Tu ne prendras point le nom de
[ ton Dieu en vain.

**OS DEZ MANDAMENTOS** 229

1º **Ymoetè yepé Tupan**
I Honra um só Deos
2º **Autè eretè netieume poire renoy**
[ **teigné**
II Não jurarás em vão o nome de
[ teo Deos.

3. **Ymoeté** Dimanche **are**
[ **maratecouare eum aue.**
[3.] [*f.* *289r*] Honore & sainctifie
[ le Dimanche iour de repos.
4. (*p.* *276*) **Y moëtè deroue dessen**
[ **eaue.**
Honore ton Pere & ta Mere.
5. **Eparapiti humé.**
Tu ne tueras point.
6. **Eporopotare humé.**
Tu ne pailladeras point.
7. **Emommaron humè.**
Tu ne déroberas point.
8. **Teromoen humé aua ressé.**
Tu ne diras point faux
[ tesmoignage contre l'homme.
9. **Yemommotare humé aua remerico**
[ **ressé.**
Tu ne conuoiteras de l'homme la
[ femme.
10. **Yemommotare humè aua maë ressé.**
Tu ne conuoiteras point de
[ l'homme chose qui
[ luy appartienne.

**Sommaire des Commandemens de Dieu.**

1. **Opap Katou maeté tiroüan sosay**
[ **osé Toupan raousoue.**
Sur toutes choses tu aymeras
[ Dieu.
2. **Oie aousoue eamé asé oüua**
[ **pichare raoussoue.**
[*f.* *289r*]
Ayme ton prochain comme
[ Toy-mesme.

**Les Commandemens de la Saincte Eglise.**

1. **Are maratecouare ehumé Messe**
[ **rendoue.**
Escoute la Messe les iours des
[ Festes.
2. **Sei hou iauion Yemonbeou.**
Tous les ans au moins vne fois
[ tu diras tes pechez.
3. **Toupan rare Pacques iauion.**
Ton Dieu à Pasques tu prendras.

3º **Ymoeté dimanche are maratecuare**
[ **eum aue.**
III Honra e santifica o domingo,
[ dia de repouso.
4º **Ymoeté deruue desseu eaue.**
IV Honra teu pae e tua mãe.
5º **Eparapiti humé.**
V Tu não matarás.
6º **Eporopotare humé.**
VI Tu guardarás castidade.
7º **Emommaron humé.**
VII Tu não furtarás.
8º **Teremoen humé aua ressé.**
VIII Tu não levantarás falso
[ testemunho contra teo proximo.
9º **Yemommotare humé uaa remerico**
[ **ressé.**
IX Tu não conhecerás a mulher de
[ outrem.
10º **Yemommotare humé aua mae ressé.**
X Tu não cubiçarás coisas
[ alheias.

**RESUMO DOS MANDAMENTOS DE DEOS.**

1º **Opap katu maeté tiruan sosay**
[ **asé Tupan rausuué.**
Sobre todas as cousas amarás a
[ Deos.
2º **Oie aussuue eaué asé uua**
[ **pichare raussuue.**
Ama teo proximo como a ti
[ mesmo.

**OS MANDAMENTOS DA SANTA IGREJA**

1º **Ave maratecuare ehumé messe**
[ **renduue.**
Ouve missa nos dias de festa.
2º **Sei hu iauion yemonbeu.**
Todos os annos ao menos uma vez
[ confessa teos peccados.
3º **Tupan rare pacques iauion.**
Teo Deos pela paschoa
[ commungarás.

4. (*p. 277*) **Iecouacouue iauion**
[ **erecoucoume.**
Les Ieusnes tu garderas de
[ Karesme & Vigile.
5. **Aimuion asé mãe moiaoc.**
Tu rendras les dismes.

### Les Sept Sacremens.

1. **Iemongaraïue.**
Baptesme
2. **Asé seuvap aua reou assou yendu**
[ **Karaiue non.**
[*f. 290r*]
Receures de la Saincte huyle au
[ front par la main
[ de l'Euesque.
3. **Asé-reon yanondé Toupan rare.**
Deuant mourir receuras le corps
[ de Dieu.
4. **Asé-reon yanondé yendu Karaiue**
[ **rare.**
Auant mourir tu receuras
[ l'huyle sacree.
5. **Oyekoacouue, Oyemonbeou.**
La Penitence & Confession.
6. **Oyemo-auare.**
L'ordre
7. **Mendar.**
Mariage.

### Quelle Croyance naturelle ont les Sauuages de Dieu, des Esprits & de l'Ame. Chap. VIII.

[...]

[8.] <...> (*p. 283*) [*f. 295v*] Quant aux Ames des bons, ils s'asseurent qu'elles vont en vn lieu de repos, où elles dansent à touiours sans manquer de chose aucune qui leur soit de besoin. <...>

4º **Iecuacuue iauion erecucuue.**

Tu guardarás jejuns pela
[ quaresma e vigílias.
5º **Aiamion asé mae moiaoc.**
Pagarás os dízimos.

### OS SETE SACRAMENTOS

1º **Semongaraiue.**
Baptismo.
2º **Asé seurap aua reu assu yendu**
[ **karaíue non.**

Receberás na testa o santo óleo
[ pela mão do Bispo.

3º **Asé-reon yanondé Tupan rare.**
Antes de morrer receberás o
[ corpo de Deos.
[4º **Asé-reon yanondé yendu karaiue**
[ **rare.**]
[Depois de morrer receberás o
[ óleo sagrado.]
5º **Oyekoacuue, oyemonbeu.**
Penitencia, confissão.
6º **Oyemo-auare.**
Ordem.
7º **Mendar.**
Casamento

### Capitulo VIII Qual a crença natural dos selvagens a respeito de Deos, dos espiritos e da alma.

[...]

(*p. 294*) Pensam, que as almas dos bons, vão para um lugar de repouso, onde dançam constantemente sem nada lhes faltar.

[...]

**EXTRAIT ET TRES-FIDELE RAPPORT** de six paires de lettres des Reuerens Peres Claude d'Abbeuille et P. Arsene predicateurs Capucins, escrittes tant aux Peres de Paris de leur ordre, qu'autres personnes seculieres, dont il y en a quatre du R. P. Arsene, et vne du P. Claude, et vne commune des deux ensemble.

[...]

[4.] (*p. 374*) Le Dimanche ensuiuant nous meismes tous pié à tierre, et en chantant le **Te Deum laudamus**, l'eau Beniste faicte, le **Veni creator**, les Litanies de nôtre Dame étant chantées, nous alasmes en procession depuis le lieu de nôtre descente iusques au lieu que nous auions designé pour y planter la Croix laquelle étoit portée par Monsieur de Rasilly, et tous les principaux de nostre compagnie. <...>

[...]

**Fidelíssima narração, extrahida de seis pares de cartas dos Revds. Padres Claudio d'Abbeville e Arsenio, Prégadores Capuchinhos, escriptas aos Padres da sua Ordem de Pariz, e a outras pessoas do seculo, sendo quatro do Rvd. Padre Arsenio, uma do Padre Claudio, e uma para duas pessoas.** [226]

[...]

(*p. 373*) No domingo seguinte [*ao dia de "Santa Anna, Mãe da Sagrada Virgem Maria"*] saltamos todos em terra [*na ilha do Maranhão*], levando agoa benta, cantando o **Te Deum laudamus**, o **Veni Creator**, a ladainha de Nossa Senhora[227], e depois caminhamos em procissão desde o porto até ao lugar escolhido para levantar-se uma Cruz, a qual foi carregada pelo Sr. de Rasilly e todos os Principaes da nossa Companhia[228].

[...]

[GRAVURA I]

[GRAVURA II]



219 . Nota de FERDINAND DENIS (edição de 1929, pp. 392-393, nota 14): « Gabriel Soares está aqui inteiramente de accordo com o nosso Missionário. ¶ Estas grandes cannas chamavam-se **Maracatim**, por causa do **Maracá**, que, como protector, traziam na

pria. **Iga** chamava-se uma canôa pequena, e **Igaripé**, uma canoa de cortiça ou casca de arvores, etc., etc. (Vide **Ruiz de Montoya**, *Tesoro*, na pag. 173). ». Não só MONTOYA, mas todos os tupinólogos consultados confirmam o significado que DENIS apresenta.

220 . A tradução correta é **trombeta**.

221 . Nota de FERDINAND DENIS (edição de 1929, pp. 408-409, nota 52): « O **Maracá** era um instrumento symbolico, usado tanto nas festas religiosas como nas profanas. Thevet, o guarda das curiosidades do Rei, o descreveu muito bem em seus manuscriptos, ineditos, e como sei que não será desagradavel para aqui transcrevo as suas palavras: ¶ "Tendo nas mãos um ou dois **maracás**, que é um fructo grande, de forma oval, similhante ao ovo de abestruz, e da grossura de uma abobora, mais agradavel á vista do que ao paladar, pelo que ninguem o come, fazem com elles muitos mysterios e superstições tão estravagantes como incriveis. Cavam o fructo, enchem-no de milho graudo, amarram-no á ponta de uma haste, enfeitam-no com pennas e enterrando a outra ponta, fica ella em pé. Cada casa tem um ou dois Maracás, que respeitam como si fosse **Tupan**, trazendo-o sempre na mão, quando dançam e fazendo chocalhar. ¶ Pensam que é Tupan que lhes falla" (Manuscripto de André Thevet, conservado na Bibliotheca Imperial de Paris.) ¶ Hans Staden e Lery, Roulox Baro escreveram largas paginas a respeito do Maracá, e o proprio Malherbe falla dos que ouviu em Paris por ocasião do baptismo de tres indios sendo padrinho Luiz XIII. ¶ Chegando a Paris, e residindo no Convento dos seus protectores, os indios revestidos dos seus bellos adornos, e com o **maracá** em punho, excitaram muito enthusiasmo, a ponto de haver muita paixão pela sua dança e pela sua propria **musica**. ¶ Seria muito curioso si hoje se achasse a Sarabanda composta em honra delles pelo famoso Gauthier. Malherbe escreveu ao celebre Peiresc dizendo tel-a mandado a Marco Antonio "como excellente peça digna de ouvir-se" (Vide **Correspondence**, pag. 285, antiga edição.) ¶ Ainda, passamos 12 paginas Malherbe tratou de musica então em voga, e do seu autor, dizendo "ser Gauthier considerado o primeiro no officio, ignorando porém si sahira bem, e si o gosto da Provincia se conformará com o da Côrte." ¶ Não se contentaram sómente de propor cionar aos pobres selvagens distracções ligeiras, pois procuraram obrigal-os a residir em França. ¶ Diz o poeta pag. 275 "os Capuchinhos, para obsequiaram completamente estes pobres selvagens, resolveram algumas beatas a casarem-se com elles, e já deram começo á execução deste plano." ¶ Enquanto porém eram bem acolhidos os guerreiros do Maranhão, suas mulheres não gozavam iguaes favores. ¶ Uma certa Princeza cujo nome calla o poeta, manifestando opinião singular, dizia "que para elles tinha muita satisfação de dar-lhes casa e comida, mas que ás senhoras, suas mulheres, não podiam se senão ..." bem me entendeis, e por isso não podia recebel-as em sua casa. ». MANUEL VEIGA fez uma tentativa para encontrar essa sarabanda. Publicou a pesquisa em *Marcos aculturativos na etnologia brasileira* (1982, pp. 19-56).

222 . A tradução correta também é **trombetas**.

223 . Nota de FERDINAND DENIS (edição de 1929, p. 424, nota 93): « O verbo **cantar** na linguagem tupy é **Nheengar**. Um **Nheengaçara** é um cantor propriamente dito ».

224 . Nota de FERDINAND DENIS (edição de 1929, pp. 425-426, nota 98): « Não se tem procurado esclarecer por meio de uma discussão grammatical – esta parte do livro. ¶ Differenças mui sensiveis, produzidas pelo tempo e sobre tudo pela pronuncia, fizeram este lugar para assim dizer indicifravel. Nada é mais difficil do que traduzir pelos caracteres de nossa escripta os sons das linguas indigenas. Essas inflexões tão delicadas, e ás vezes tão fugitivas, em sua apparente rudeza são difficultosamente fixadas no papel. Notou Humboldt pertencerem ellas algumas vezes a certos caracteres physicos das raças. ¶ As nações europêas, as mais habituadas a estes estudos, não percebiam da mesma fórma os sons, e nem os escreviam da mesma maneira: quando os portuguezes ouvem **Oca**, por exemplo, ou então, **Toba**, o francez percebe Oc e Tob, e quando aquelle ouve **Murubixaba** este percebe **Muruvichava**. Deixa a differença de ser grande quando são as palavras pronunciadas conforme o genio de cada lingua. ¶ A palavra **Tupinambás**, como se acha escripta no principio desta nota, (**Topinambos**) equivale absolutamente pelo som na lingua portugueza á palavra **Tupinambus**, como a pronunciavam os contemporâneos de Malherbe. ¶ Para a historia da lingüistica não é sem interesse esta curia doutrina christã, podendo ser comparada com certas obras do mesmo genero, escriptas por penna portugueza, estando neste caso, entre outras, os canticos religiosos em lingua tupy por Christovão Valente, os quaes inclui no opusculo – ***Une fête brésilienne***. Paris. Techener, 1850. ¶ Não se póde achar o livro que os contem, e talvez só exista na Bibliotheca Imperial. ¶ Reproduzimos aqui seu nome – *Cathecismo brasilico da doutrina christã, com o ceremonial dos sacramentos e mais actos parochiaes. Composto por padres doutos da Companhia de Jesus, aperfeiçoado e dado á luz pelo padre Antonio de Araujo da mesma Companhia, emendado nesta segunda impressão pelo padre Bartholameu de Leam da mesma Companhia*, Lisboa, na officina de Miguel Deslandes 1686, em 8º pequeno. A primeira edição foi em 1618. ¶ Si se quizesse, poder-se-ia completar este estudo comparativo procurando os seguintes manuscriptos, citados por Barbosa Machado, e que seria curioso si fossem publicados. ¶ Ludewig os omittiu em seu importante trabalho, completado por Mr. Trubener. O Padre João de Jesus **explicação dos mysterios da fé**. O Padre Manoel da Veiga Cathecismo. F. Pedro de Santa Rosa Confessionario. André Thevet nos seus manuscriptos conservados na Bibliotheca Imperial de Paris, dá o **Pater** e o Credo em lingua **tupy**, depois reproduzidos em sua grande **Cosmographia**. São preciosos estes dois documentos especialmente por sua antiguidade, pois datam de 1556. ¶ Entre os livros deste genero um dos mais modernos e dos mais curiosos é o do Padre Marcos Antonio, intitulado: *Doutrina e perguntas dos mysterios principaes de nossa santa fé na lingua Brasilia*. Foi composto em 1750 e Ludewig menciona-o como fazendo parte das

collecções do **British Museum** ». Transcrevemos esta nota de DENIS por sua curiosidade. No entanto, grande parte dessas questões que lhe eram obscuras no século XIX, hoje já foram esclarecidas e, no decorrer das notas e cabeçalhos destas transcrições vão sendo solucionadas. Graças aos esforços de grandes tupinólogos, como PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA e CARLOS DRUMMOND, já é possível conhecer melhor a pronúncia dessas orações.

225 . Transcrevemos aqui também os « mandamentos de Deus e da Igreja », cujo uso é indicado por D'EVREUX no capítulo III e por CLAUDE D'ABBEVILLE à (*Histoire de la mission des peres capucins en l'Isle de Maragnan*, 1614, cap. XII, § 3), existindo também documentação anterior comprovando que sob a tutela dos jesuítas portugueses, esses textos também eram cantados. Na carta ânua de 1583 ao P. Cláudio Acquaviva, escrita da Bahia em 1º de janeiro de 1584, JOSÉ DE ANCHIETA diz dos meninos índios catecúmenos do Colégio da Bahia, « que completam o número de oitenta » (tradução do texto latino por HÉLIO ABRANCHES VIOTTI): « Atraídos pelos prêmios, envidam grande esforço nas freqüentes disputas a respeito da doutrina cristã, que decoram cantando ».

226 . No « Discovrs et Congratvlations à la France: Sur l'arrive des Peres Capucins en l'Inde nouuelle de l'Amerique Meridionale en la terre du Brasil », primeiro documento, D'EVREUX indica, no último parágrafo a natureza deste « extrait et tres-fidele rapport »: (edição de 1864, § 29, p. 370) « L'extrait qui suit, vous fera foy de cette verite, faict, et tiré de quatre lettres, que le P. Arsene vn des quatre a escrit de ce pays là, vne au R. P. Commissaire Provincial, vne au R. P. Vicaire du couuent de Paris, et vne à son frere, dont trois sont dattées du 27 d'Aoust, et disent davantage que se quatriesme du 20. Vne du R. P. Claude à ses deux freres, Monsieur Foulon, et le P. Martial et vne commune des deux susdits Peres escritte à Monsieur Fermanel, et pour vous faire vne histoire et narre agreable, et ne repeter les mesmes choses tout a esté compilé et mis en vne seule lettre comme vous voirez, et tres-fidelement auec leur paroles propres. (...) ».

227 . MANUEL DA FONSECA à (*Vida do veneravel Padre Belchior de Pontes*, 1752, cap. III, § 4, p. 12) narra assim um episódio da vida desse padre no Brasil, em fins do séc. XVII: « Correo assustado o nosso estudante, e como nos casos repentinos sómente occorre aquillo, em que [cada] hum tem formado habito, levantou a voz, e quando costumaõ todos invocar o favor do Rey, invocou elle a Rainha dos Anjos, repetindo com descompassadas vozes a Ladainha de Senhora, que costumava rezar, dizendo **Sancta Maria, Sancta Dei Genetri. &c.** ».

228 . Este texto foi extraído do ***Discours et congratulation*** (Tournon, Claude Michel, 1612, p. 19) e também é encontrado no *L'Arrivee des peres capucins* (Paris, Iean Nigaut, 1613, pp. 5-6), de CLAUDE D'ABBEVILLE.

# 110

# FRANÇOIS PYRARD
## (c. 1570 – 1621)

**LIVRO:** VIAGEM DE FRANÇOIS PYRARD, DE LAVAL. Paris, Samuel Thiboust, 1615.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** RUBEM BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. II, pp. 694-695) descreve, deste livro, as edições de 1611 (*Discovrs dv Voyage des François avx Indes Orientales...*, Paris, David le Clerc), de 1615, considerada a melhor (*Voyage de François Pyrard de Laval...*, Paris, Samuel Thiboust e *Seconde Partie...*, idem), de 1619 (mesmo título, local e editor da edição de 1615, também em dois volumes), de 1679 (*Voyage de François Pyrard de Laval...*, Paris, Louis Billaine), de 1858 (*Viagem de Francisco Pyrard de Laval...*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 2 volumes), 1887 (*The Voyage of François Pyrard de Laval...*, London, Hakluyt Society, 2 v.) e de 1944 (*Viagem de François Pyrard, de Laval...*, Porto, Livraria Civilização).

**NOTA SOBRE O AUTOR:** PYRARD viajou pelo mundo de 1601 a 1611, passando pelo Brasil em 1610 e chegando de volta em Paris no ano de 1611. Segundo MORAIS [c. 1983], v. II, pp. 694-695, « When he arrived in Paris, Pyrard related his adventures to "president" Pierre Jeanning, minister to the king of France, a wise councillor who used to say that "one should obey slowly when the king commands in anger". Jeanning advised Pyrard to write and publish the story of his adventures. This he did, and in 1611 his work appeared entitled *Discovrs du Voyage des François aux Indes Orientales...* The publication drew attention to Pyrard, and a lawyer, Jerome Bignon, invited the adventurer to relate all his adventures to him "viva voce", taking notes of their conversations. ¶ These notes taken during the interviews were entrusted to Pierre Bergeron to be written up in book form. The result was published in 1615 entitled *Voyage de François Pyrard, de Laval...* (...) ¶ Pyrard was a simple and uneducated man, incapable of composing his own memoirs. Although there is no indication in the *Discours* as to who wrote it, it certainly was not Pyrard. But the writer of the *Discours* as well as Bergeron tried to maintain a certain simplicity and naiveté of style in accordance with Pyrard's narrative. Much in it must have been added by Bergeron, who was well-read as regards travel books ».

**EDIÇÃO UTILIZADA:** VOYAGE | de | FRANÇOIS PYRARD, | DE LAVAL, | Contenant sa navigation aux | Indes Orientales, Maldives, Moluques, & au Bresil: & | les divers accidens qui luy sont arrivez en ce Voyage pen-|dant son sejour de dix ans dans ce Païs. | Avec vne description exacte des moeurs, | Loix, Façons de faire, Police ,& Gouvernement: du Trafic ,& Commerce | qui s'y fait; des Animaux, Arbres, Fruits, ,& autres singularitez qui s'y | rencontrent. | DIVISE' EN TROIS PARTIES. | Nouvelle edition, reveuë, corrigée & augmentée de divers Traitez & | Relations curieuses. | Avec des Observations Geographiques sur le present Voyage, qui contiennent | entr'autres, l'Estat present des Indes, ce que les Europeens y possedent, les | diverses Routes dont ils se servent pour y arriver, autres matieres. | Par le Sieur DU VAL, Geographe ordinaire du Roy. | A PARIS, | Chez Louis Billaine, en la grande Salle du Palais. | M. DC. LXXIX. [1679] [24 X 18; Parte I: 4 ff. inum.; 1 mapa; 327 pp.; parte II: 218 pp.; Parte III: 144 pp.; 12 ff. inum.; BIEB 5-c-2]

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** FRANÇOIS PYRARD – *Viagem de François Pyrard, de Laval, contendo a notícia de sua navegação às Índias Orientais, Ilhas de Maldiva, Maluco e ao Brasil, e os diferentes casos que lhe aconteceram na mesma viagem nos dez anos que andou nestes países (1601-1611) com a descrição exacta dos costumes, leis, usos, polícia e govêrno; do trato e comércio, que neles há; dos animais, árvores, frutas e outras singularidades que ali se encontram.* Versão Portuguesa correcta e anotada por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara; edição revista e atualizada por A. de Magalhães Basto. Porto, Livraria Civilização, 1944. [2 v.] v. 2, 349 pp. (Biblioteca Histórica Ultramarina, nº II-III)

## TEXTO FRANCÊS

**CHAPITRE XXVI. Du Bresil, et des singularitez d'iceluy, et de ce qui y arriua pendant que l'Autheur y estoit.**

[...]

[35.] (*p. 210*) (*"II. Partie., f. Ddv*) [1. 11] [*"Mangue la Bote Seigneur au Bresil."*] Comme i'estois en cette baye, ie rencontré encore vn François natif de Prouence prés Marseille, qui estoit domestique d'vn des plus grands Seigneurs de ce païs-là, que l'on appeloit **Mangue la bote**, qui estoit vn nom que les Negres d'Angola luy auoient donné, qui veut dire **levaillant, et grand Capitaine**, à cause qu'il y auoit fait si vaillament la guerre contre ces Negres, qu'il estoit fort redouté entr'eux, & on le tenoit riche de plus de trois cent mil éous; Il tiroit vn grand reuenu de plusieurs engins à sucre qu'il auoit. Ce François qui demeuroit auec luy estoit Musicien, & ioüeur d'instruments, & ce Seigneur l'auoit pris pour aprendre à vingt ou trente Esclaues, qui tous ensemble faisoient vn accord de voix & d'instruments dont ils ioüoyent à toute heure. Ce Seigneur me pria & solicita fort de demeurer auec luy, & me promettoit cent éous d'appointement, & bien nourry, seulement pour commander certain nombre d'Esclaues à leur trauail, Il me disoit aussi que dans vn an au plus tard, il s'en iroit en Portugal, comme de fait il faisoit faire vn fort beau & grand Nauire du Port de cinq cent tonneaux pour cet effet; [*"Esure animaux."*] & faisoit recherche & amas de toutes les raretez tant d'animaux que de toutes autres choses rares qu'il pouuoit trouuer, pour en faire vn present au Roy d'Espagne. Entr'autres, il auoit deux de cer animaux qu'ils appelent **Esure**, dont ie fais mention au traitté des animaux. Pour moy, i'eusse

## TRADUÇÃO

Segunda Parte (Volume II)

**CAPÍTULO XXVI Do Brasil e suas singularidades, e do que ali aconteceu enquanto o autor lá esteve.**

[...]

(*p. 236*) Quando estava nesta baía [*de Todos os Santos, entre c. 12 de agosto e 7 de outubro de 1610*] encontrei ainda um francês, natural de Provença perto de Marselha, que era servidor de um dos maiores senhores daquela terra, a quem chamavam **Mangue la bote**, nome que os negros de Angola lhe haviam dado e quere dizer o **valeroso e grande capitão**, porque havia sido ali vice-rei. Êste senhor tinha feito tão valorosamente a guerra contra os negros, que era dêles mui temido[229]. Passava por ter de seu cabedal mais de trezentos mil escudos e tirava grandes rendimentos de muitos engenhos de açucar que possuía. Este francês, que estava em sua casa, era músico e tangedor de instrumentos; e servia-lhe para ensinar música a vinte ou trinta escravos, que todos juntos formavam uma consonância de vozes e instrumentos, que tangiam sem cessar.[230] Êste senhor me rogou e solicitou muito para ficar com ele, e me prometia cem escudos de salário e boa comida, somente para governar certo número de escravos no trabalho. Dizia-ma também que dentro de um ano, ao mais tardar, se iria para Portugal, e de feito estava fabricando um mui bom e grande navio de porte de quinhentas toneladas para êsse fim; e andava buscando e recolhendo tôdas as raridades, assim de animais, como de outras coisas, que podia achar, para fazer delas presente a el-rei de Espanha. Entre outros tinha dois animais dos a que chamam Zebras, de que faço menção no tratado de animais. Eu teria de mui boa vontade aceitado as condições, que êle me oferecia; mas

volontiers accepté la condition qu'il m'offroit, mais le mal est, que quand on est engagé auec eux, & qu'apres l'on s'en veut reuenir, ils ne le veulent pas permettre.
[...]

o mal é que quando se faz algum concêrto com êles e que depois se quere desfazer, êles o não permitem.
[...]

229 . AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (*Música e pintura seiscentista em São Paulo*, 1935, p. 11) faz o seguinte comentário acerca dessa passagem « Refere-se Pyrard, segundo pensa Pedro Calmon, à banda de musica do Bangala, o famoso personagem seiscentista de principios do seculo, Balthazar de Aragão, cuja alcunha o navegante francez teria estropiado para Mangue-bota ». JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA ainda comentava, na tradução de 1944 (v. II, p. 237, nota 1): « Governador devia ser, e não vice-rei. Percorrendo nós, porém, o catálogo dos governadores de Angola daqueles tempos, a nenhum achamos aplicável o sobrenome **Mangue la bote**, senão a João Furtado de Mendonça, que governou Angola desde 1594 a 1602. D. Francisco de Almeida, que governou pouco tempo em 1592, fugiu sim para o Brasil, mas não parece que lhe possa caber o título que Pyrard indica ». A dúvida sobre a identidade desse francês com o conhecido Baltazar de Aragão é sanada quando se consulta ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOATÃO ♦ (***Novo orbe seráfico brasílico***, parte II, 1662, livro IV, cap. XXVIII, p. 747), onde se lê: « e destes foi filha D. Maria de Arahujo, que cazou a primeira vez com Baltazar de Aragaõ, o Bangala, primeyro deste apelido na Bahya, donde foi governador interino, por morte de D. Diogo de Menezes Governador Geral do estado pelos annos de 1613 ». TAUNAY não indica a publicação de PEDRO CALMON que utilizou. Porém, no livro **Espírito da sociedade colonial**, deste último (1935, parte I, cap. IV, p. 63), há esta informação: « A primeira filarmônica que se formou na terra, toda de negros, foi a de Baltazar de Aragão. Admirou, em 1610, ao viajante Françoys de Pyrard ». De fato, PEDRO CALMON (**História do Brasil**, 1959, v. II, parte II, cap. II, item "O Bangala", p. 492 e, na 2ª edição, de 1963, **idem**, p. 490) identificou o personagem descrito por PYRARD, dedicando-lhe este trecho em sua **História do Brasil**: « Na ausência do governador, fazia-lhe as vêzes Baltazar de Aragão, que de Angola trouxera a alcunha de o **Bangala**. Genro do opulento Francisco de Araújo, pessoa principal da cidade, aprontara um navio para voltar a Portugal. À notícia de que o inimigo rondava a barra, nêle se meteu para combatê-lo. Vestiu, porém, a sua armadura. E, assim, não pôde salvar-se, quando o temporal, tomando de través a embarcação, a virou em mar alto. Desapareceu com cêrca de 200 companheiros de armas, tirados da melhor gente da terra ». Na nota 40 (p. 492), o historiador dá as informações que confirmam essa hipótese: « Em Angola havia perigosa passagem que se chamava **Bangala Ambota**, apelido de um conquistador, "o qual, conforme notícias, há seus descendentes em a cidade da Bahia", "ou êste conquistador tomou desta paragem", ANTÔNIO DE OLIVEIRA DE CADORNEGA, **História das Guerras Angolanas**, III, pág. 143, Lisboa, 1943. Manuel de Araújo de Aragão, no século seguinte, ainda tinha "por antonomásia o **Bangala**", carta de 1728, INÁCIO ACCIOLI, **Mem. Hist.**, VI, pág. 22. Perpetua-lhe a alcunha a rua, na Bahia, junto à igreja da Palma, possivelmente de sua morada. Traduzimos: bangala (bordão), ambote (melhor), ou seja, o homem de boa bordoada, fama que deixara em África (e não **mangue-la-bote**, como indevidamente escreveu PYRARD DE LAVAL, **Voyage**, pág. 563, Paris, 1615). Vid. sôbre o étimo, Fr. BERNARDO MARIA DE CANNECATTIM, **Observações Gramaticais Sôbre a Língua Bunda**, pág. 143, 2ª ed., Lisboa, 1859. E Fr. VICENTE [DO SALVADOR ♦ – História do Brasil, 1918], pág. 482, com a anotação de CAPISTRANO [DE ABREU]. Foi êste cronista que por primeiro descreveu o episódio. Confirma-o a carta da Câmara da Bahia que achamos no Arq. Hist. Col., Lisboa; e devassa, ***Liv. 1º do Gov.***, pág. 129 ». Por fim, o Frei VENÂNCIO WILLEKE, na edição de 1982 da ***História do Brasil*** de VICENTE DO SALVADOR ♦ (1627), traz uma nota à p. 347 onde corrobora a identidade de **Bangala**. Os modernos compêndios de história da música brasileira não costumam dar o nome desse personagem, quando citam a passagem escrita por PYRARD, como é o caso de BRUNO KIEFER (**História da música brasileira**, 3ª, 1982, p. 14), que transcreve informação de RENATO ALMEIDA (**História da música brasileira**, 1942, p. 291). **Baltazar de Aragão** morreu a 24 de fevereiro de 1613, durante batalha naval com os franceses, ao se afundar a nau em que estava, a qual já estava sendo construída em 1610, quando PYRARD o visitou. Mas a 23 de fevereiro, segundo VICENTE DO SALVADOR ♦ (*op. cit.*, 1627, livro V, cap. VI, § 2): « Estando assim prestes aguardando os inimigos, soube que andavam na barra pera a parte do morro de São Paulo seis naus francesas e, aprestando das portuguesas que estavam à cargo outras tantas, ele se embarcou em uma sua, que já tinha dentro trezentas caixas de açúcar, levando consigo suas charamelas, baixelas de prata e as mais ricas alfaias de sua casa, porque determinava levar logo de lá e presa ao governador, que estava em Pernambuco ».

230 . Se já sabemos quem era o senhor do engenho, o mesmo não pode ser dito com relação ao mestre francês e, muito menos, sôbre os músicos e cantores. TAUNAY e CALMON afirmam que a capela era constituída de negros. Aparentemente foi TAUNAY o primeiro quem, no artigo *Na Baía Colonial* (**Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 90, 1920, pp. 256-257), fez essa proposição, ao dizer que esse senhor « possuía uma banda de musica de trinta figuras, tôdas negros escravos, cujo regente era um francês provençal. E como devesse ser melômano, queria que a todo instante tocasse a sua orquestra, a acompanhar ainda, uma massa coral ». A frase de TAUNAY ficou famosa, principalmente após tê-la repetido no seu artigo de 1935 e ter sido transcrita por RENATO ALMEIDA (**História da música brasileira**, 1942, parte II, cap. VII, pp. 291-292). Não concordamos. Não haveria por que utilizarem-se negros em serviços musicais, quando os índios catecúmenos da Companhia de Jesus já vinham sendo treinados nesse ofício há mais de 50 anos.

# 111

## SEBASTIANO BERETTARI

## (1543 - 1622)

**LIVRO:** **VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA.** Lion, Horácio Cardon, 1617.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Há duas edições latinas no mesmo ano, levando a primeira o seguinte título, segundo RUBEM BORBA DE MORAIS [*Bibliographia brasiliana*, r. 1983, v. I, p. 99]: « *Iosephi Anchietae Societatis Iesu sacerdotis in Brasilia defuncti Vita. Ex iis, quae de eo Petrus Roterigus Societatis Iesu praeses Prouincialis in Brasilia quatuor libris Lusitanico idiomate collegit, aliisque monumentis fide dignis A Sebastiano Beretario ex eadem Societate descripta.* Prodit nunc primum. Lugduni, Sumptibus Horatij Cardon M.DC.XVII [1617] [18 X 11; 3 ff. inum.; 277 pp.]. Após a segunda edição latina (1617) e a edição espanhola (1618), surgem outras tres no século XVII, em francês (1619), em italiano (1621 e 1651) e uma no século XIX, em inglês (1849). Segundo MORAIS (*op. cit.*), « Beretario's life of Anchieta is based on the manuscript by Father Pedro Rodrigues, visiting Father to Angola and Brazil. This manuscript was unpublished at the time, but several copies were in circulation and served as the basis for all the biographies of Anchieta. Two of theses manuscripts have been, one in the National Library in Lisbon and the other, less complete, at Evora. The former was published in the *An. da Bibl. Nac. do Rio*, Vol. XIX [1907]. ».

**NOTA SOBRE O AUTOR:** BERETTARI foi jesuíta e professor de Belas Letras em Roma. Nunca esteve no Brasil. Seu livro é importante pela divulgação da vida de ANCHIETA ainda no princípio do século XVII.

**EDIÇÃO UTILIZADA:** Vita R. P. | IOSEPHI | Anchietae Socie-|tatis Iesv Sacerdo-|tis in Brasilia | defuncti. | Ex iis Qvae De Eo Petrvs | Roterigvs Societatis | Iesv Praeses Prouincialis In Brasilia | quatuor libris Lusitanico idiomate | collegit, alijs Qua monumentis | fide dignis à | Sebastiano Beretario | ex eadem Societate descripta. | Prodit nunc primum in Germania | [grav.] | Coloniae Agrippinae, | Apud Ioannem Kinchium. sub | Monocerote. | M. D. C. XVII. [1617] | Permissu Superiorum et priuil. [13 X 9; 1 f. inum.; 427 pp.; 1 f. inum. (paginação com erros)] [BIEB: Lr-1-13].

**TRADUÇÃO ESPANHOLA:** Vida | DEL PADRE | Ioseph de Ancheta | de la Compañia de | Iesvs, y Provincial | del Brasil. | Tradvzida de Latin en | Castellano por el Padre Estevan de Paternina | de la misma Compañia, y natural | de Logroño. | [grav.] | Con Priuilegio. | En Salamanca, En la Emprenta de Antonia | Ramirez viuda, Año 1618. [14 X 10; 8 ff. inum.; 436 pp.; 1 f. inum.] [BIEB: Lr-1-14].

**OBSERVAÇÃO:** Não há relação precisa entre a divisão de "livros" das edições latina e espanhola.

### TEXTO LATINO

**Vitae IOSEPHI ANCHIEtae e Societate Iesv Liber Primvs.**

[...]

[33.] <...> (*p. 74*) Et, vt erat studio ad rem diuinam promouendam indeffesso, & studio par ingenium, industriaque

### TRADUÇÃO ESPANHOLA

**LIBRO Primero de la Vida del Padre Ioseph de Ancheta de la Compañia de Iesvs.**

**CAPITVLO VI. Llegado Ioseph al Brasil enseña la lengua, y deprende la de la tierra.**

[...]

(*p. 50*) Y como su cuydado de la honra de Dios era infatigable, y su ingenio igual a su cuydado, para hazer oluidar a los Christianos

suppetebat, ad auertēdos à lasciuis cantionibus Christianos veteres, Neophytosq; & catechumenos iucundo oblectamēto ad (*p.* *75*) pietatem incitandos, contulit se ad pia conscribenda carmina. Erat ille linguarum quatuor, Latinae, Lusitanicae, Hispanice, & Brasilica benè peritus. His omnibus se scribendis versibus multa cum industria exercuit. Res illi successit ad votum: nā & lasciuas cantiunculas, quae vulgo canebantur, in pia cantica conuertit, & nouos ipse cantus, à se multa cum vetustate cōpositos, in vsum induxit. Quae ita omnium magna gratia excipiebātur, vt iis interdiu, noctuque assiduè plateae, vicią; personarent; in Ecclesia etiam inter catechistica cantica decantarentur. Quae res omne genus hominum tū nostratium, tū indigenarum as piè Deum venerandum excitabat. (...) <...>

[...]

antiguos, y modernos los Romances lasciuos, y entenderlos con gusto y suauidad a la virtud, compuso honestos y piadosos versos. Sabia muy bien quatro lenguas diferentes, Latina, Castellana, Por-(*p.* *51*)tuguesa; y Brasil, y en todas exercitò su ingenio, reduziendolas a metro. Respondio el sucesso a su desseo; porque conuirtio los Cantares deshonestos en canticos piadosos, introduziendo los que el con notable gracia auia compuesto. Recibianlos con tanto gusto, que de noche y de dia resonauan con ellos las plaças, y las calles, y en la Iglesia entre los canticos de la dotrina Christiana[illegible] se cantauan: incitanto assi a todos los Christianos Brasiles, y Portugueses a las alabanças, y a la reuerencia de Dios. <...>

**Vitae IOSEPHI ANchietae e Societate Iesv Liber Secvndvs.**

**LIBRO Tercero de la Vida del Padre Ioseph de Ancheta de la Compañia de Iesvs.**

**CAPITVLO II. Las missiones que los Padres de la Compañia hazen en el Brasil, y el modo con que enseñan a los Indios.**

[...]

[34.] <...> (*p.* *162*) Est in his instituendis certa descripta ratio. Manè cūm prima luce signum datur ad salutationem Angelicam; haud ita multo post conueniunt ad Missae sacrū, sub sacrū Christianam doctrinam ipsorum lingua, & inter (*p.* *163*) Cathechismum solemnes preces vna omnes edocentur; inde ad suum quisque opus dimittuntur.

<...> (*p.* *156*) Ay en doctrinarlos determinado ya este modo. Por la mañana quando la campana auisa, que se rezen las Auemaria, se juntā todos a oyr Missa en la Iglesia. Despues della en su misma lengua se les enseña el Catechismo, y las oraciones comunes; y luego se despiden cada vno a su trabajo. Este estilo se guar(*p.* *157*)da en todos los lugares donde se doctrinan Catechumenos, o Christianos, aun no bien enseñados en los misterios de la Fè. Pero dōde tiene casas la Compañia, y residen Padres della, con mas exercicios son cultiuados los Indios.

[35.] HAEC fere omnibus in locis, vbi aut Catechumeni, aut rudiores adhuc, Neophyti instituuntur. Quibus autem in locis Societatis Patres resident, & maior est vitae cultus inductus, post salutationem Angelicam ante Missam pueri, puellaeq; ad templi fores seorsim in choros distributi, assa voce alternatim rosarium decantant. Initium illo quasi proludio faciunt pueri: **Benedictum et clarificatum sit sanctissimum nomen** IESV. Quibus per antistrophē puellae respondent. **Et sanctissimae Virginis Mariae matris eius, nunc, et semper. Amen.** Inde alternantes cho-ri rosariam modulationem aggrediuntur: absoluta quaque decade, interponunt laudem: **Gloria Patri.** Decursa tota pētacontide, ad Missae sacrosanctum sacrificium se vna cum aliis componunt. Haec cum aliis in locis, tū praecipuè in vicis, qui ad coloniā Spiritus sancti pertinent quotidiana sunt. Missā breuis expli-(*p. 164*)catio sequitur Cathechismi ipsorū lingua communis omnibus: quā breui absoluta discedūt reliqui pue ri ad scholas suas se recipiunt; & pro aetatis gradu alijlegendo, musicis aij exercentur, tū Gregoriano cantu, tum harmonico. Non pauci etiam maiores minoresque tibias, quae **flauta**, & **ceramia** vulgò nominant, ad symphoniam inflare assuescunt, quo deide artificio diebus festis Ecclesiae sacra exequutio, & supplicationes, cum traducuntur, exornantur. Vespere porrò hora quinta pomeridiana, rursus dato signo ad Christianae doctrinae cōcionem euocantur; explicaturque iis pars altera Catechismi. Absoluto Catechismo,pueri supplicatione ab Ecclesia ad Crucem vsque non inde longè consecratam pio cum cantico procedunt, pro animalibus noxarum reliquias purgantibus supplicantes. <...>

[...]

Despues que se tocan, y se rezan las Auemarias, antes de oyr Missa se juntan a la puerta de la Iglesia los muchachos, y muchachas Brasiles, y diuididos en dos ordenes cātā a coros en alta voz el Rosario de la VIRGEN***. Dā principio al Rosario los muchachos diziēdo. **Bendito y glorificado sea el Sātissimo nōbre de** IESVS; y respōden las niñas, **y el de la Santissima Virgen** MARIA **su madre, por siempre jamas amen.** Y luego comiençan cantando su Rosario; despues de cada diez Auemarias, dizen el **Gloria Patri**; y acabado el Rosario entran en la Iglesia; y oyen con los demas la Missa. Hazese assi cada dia en todos los lugares nuestros; pero especialmente se vsa este exercicio en las aldeas de la Colonia des Espiritu Santo. (*p. 158*) Siguese a la Missa vna breue declaraciō de la Doctrina Christiana, y concluyda esta vanse los otros Indios, y los niños se regcogen a sus escuelas; donde segun la capacidad de su edad vnos leen, o escriuē, otros depreden cāto, o el llano****, o el de organo. Muchos en vez de nuestros instrumentos musicos se adiestran a tocar sus flautas; y assi se celebran las Missas, y processiones con musica de vozes, y de instrumētos. A las cinco d̄ la tarde buelue la cāpana a llamar a los Indios ala explicaciō de la Doctrina, y buelue a explicarse succintamēte otra parte del Catechismo. Despues los niños ordenados en processiō desde la Iglesia a vna Cruz leuātada à amediana distācia, van cantando a rogar por las almas q̄ en el Purgatorio padecē.

[...]

**Vitae IOSEPHI ANchietae e Societate Iesv. Liber Tertivs.**

[...]

[55.] (*p.* 264) [*corretto: p.* 284] PERFVNCTVS regendi munere Iosephus aliquandiu in Vincentiana sede: sed variae occasiones, seu Praesidium iussa modo huc, modo illuc hominem trahebãt. Venit aliquando ad dilectum sibi Maramosium gregem, qui circa Biritiocam confederant; de quibvs videtur praecipua cura solicitus fuisse, biduoque apud eos commoratus est: quo tempore petiit ab hospite, qui arcem tenebat, vt se noctu ex arce mitteret, cupere se noctem illam in Oratorio B. Virginis iuxta arcem sito transigere. Libenter ar-(*p.* 285)cis praefectus ei permisit, ipseq; vna cum Alfonso Gonzalo genero suo hominem eo deduxerunt, inde se in arcem receperunt, facem, qua ad nocturnum lumen vsi essent, referentes, Iosepho ibi nocturnis in tenebris relicto. Intempesta nocte, cunctis quiescentibus, vna Gonzali couiux vigilabat. Haec admirabili viso pernota, maritum ad eandem rem spectandam magno studio à somno excitat. Prospectant ambo per fenestram; sacellum vident admirabili splendore circunfusum: splendor è tegulis, valuis, culmine, fastigio, totaque porticu emicabat: concentum praeterea admirabili sono vocum non admodum lõge audiebant. Que res magnan eos in admirationem, ad propè extasim abripuit. Voluit Gonzalus ex arce excendere, vt quid id esset, cognosceret; ratus, quoniam harmoniam sibi à longe exaudire videbatur, nauem aliquam id noctis in portũ inuehi. Verũ cum descendere coepisset, capillus ei

**LIBRO Qvarto de la Vida del Padre Ioseph de Ancheta de la Compañia de Iesvs.**

**CAPITVLO III. Dexa Ioseph el Rectorado de san Vicente: y cuentanse cosas muy particulares suyas, miẽtras fue morador particular deste Colegio.**

<...> (*p.* 269) Vino vna vez a visitar la gente de los Maramosios, principal cuydado suyo, y muy queridos del, que auian hecho assiẽto en la jurisdicion de san Vicente, vezinos al fuerte, que cierra, y guarda la entrada del puerto de la villa. Estuuo entre ellos dos dias, y aposentauase en el mismo castillo; pero pidio al Alcayde vna noche que le dexasse salir A vn oratorio (*p.* 270) vezino, dedicado a la Virgen, poeq̃ queria passar en el aquella noche. Concedio el Alcayde con muy buena voluntad à Ioseph lo que pedia, y el y Alonso Gonçalez yerno suyo le acompañaron a la Iglesia, y se recogieron en el fuerte; dexando a Ioseph sin luz alguna, acompañado solamẽte de las tinieblas de la noche.

En el silencio della durmiendo todos velaua sola la muger de Gonçalo yerno del Alcayde. Esta mouida de la vista de vn estraño espectaculo, desperto a su marido, para que con ella gozasse del. Assomaronse ambos a vna ventana, y vieron la capilla en que oraua Ioseph llena de soberana luz, que embiaua sus rayos por las vẽtanas, y puertas, y cercaua todo el edificio; y oyeron juntamente musica de acordadas, y admirables vozes, que sonaua no lexos de los oyentes. Quiso Gõçalo baxar a aueriguar la causa, creyendo que alguna caue, segun la distan(*p.* 271)cia, a que se oyan las vozes, entraua en el puerto con aquella armonia. Pero començando à baxar se le erizaron con subito temor los cabellos, y sintio detenerse con

prae horrore (*p. 296*) obriguit; sensuque se quasi inuisibili manu retineri. Itaque eo spectaculo vna cum cõiuge diu potiti, mira ambo dulcedine perfusi sunt, cuius etiam memoriae iucũdo sensu in multos postea dies recreabãtur. Postero die, cum cõige diluxisset, domesticos, reliquosq; arcis vicinos, seruitiaq; percunctati, an aliquid luminis eorum aliquis in Oratoriũ per noctem intulisset, comperiunt nihil quidquam horum factum esse. Ipsum denique Iosephũ interrogant, vnde tantum lumen ea nocte è sacello effulsisset. Is initio contemptim tergiuersari, rem totam dissimulando obscurare: sed cum perspecta, & probata veritate teneretur graui contestatione, pro ea, quã spiritali Patri obedientiã deberẽt, illis praecepit, ne quandiu viuerent, cum vllo mortalium ea de re verbum vllum facerent. Aliud nihil ex eius semone expresserunt; quod illi pro ea reuerẽtia, qua Patrem prosequebantur, santè seruarunt do-(*p. 297*)nec illo vita functo anno salutis millesimo sexcentesimo tertio. 5. Non. Octobres Gonzalus in vrbe S. Sebastiano ad sinum Ianuariensem à Vicario generali eius ciuitatis proferre iussus est, siquid memoria dignum de Iosepho sciret, iuratus totam eius rei seriem narrauit, adiecitq; se Musicam illam, harmoniam, splendoremq; coelestem fuisse pro certo habere; <...>

[...]

inuisible mano. Gozaron el, y su muger largo rato de aquella fiesta Celestial, recreadas sus almas con soberana dulcedumbre, la qual sentian despues por muchos dias siempre que les representaua la memoria aquel admirable espectaculo. Preguntaron el dia siguiente a todos los que viuian en el fuerte, si alguno auia dexado luz en la Capilla de nuestra Señora la noche antes y todos respondieron que no. Vltimamente quisieron saber de Ioseph, qual fue la causa de tanta luz en el oratorio de Virgen? El al principio no hazia caso, ni rostro a la pregunta, queriendo con dissimulaciõ encubrir toda la cosa, pero apretado con la verdad vista, y atestiguada de los dos, les rogo com mucho afecto, y aun mando por obediencia que como (*p. 272*) a su confessor, y padre espiritual le deuian, que mientras à el le durasse la vida, a ninguno diessen noticia de parte alguna de aquel sucesso. No pudieron sacarle otra palabra, y respectando su mandamiento, como de padre suyo, le obedecieron; y guardaron fielmente secreto, hasta que despues de su muerte el año de 1603. a tres de Octubre, Alonso Gonçalo mandado del Prouisor en la Ciudad de san Sebastian, en la Colonia Januariẽse, que dixesse si sabía alguna cosa memorable de la vida des padre Ioseph de Ancheta: conto con juramento todo el caso passado. Y añadio, que se persuadía ciertamente que aquella luz, y armonia fue Celestial, <...>

[...]

**Vitae IOSEPHI ANchietae e Societate Iesv Liber Qvintvs.**

[...]

[23.] <...> (*p. 414*) [*corretto: 384*] Eius corpus sacerdotali indutũ ornatu, arca lignea inclusum, post biduum funebri pompa, indigenarum

**LIBRO Qvinto de la Vida del Padre Ioseph de Ancheta de la Compañia de Iesvs.**

**CAPITVLO VII. Exequias de Ioseph.**

<...> (*p. 404*) Vistieron el cuerpo con insignias Sacerdotales, y cerrado en vna arca (*p. 405*) de madera, en hombros de Brasiles fue

subcollatione ad oppidum Spiritum sanctum deportatum, prosequẽte de Societate Ioannes Ferdinando cum sacerdotali stola linteato, & Reritibanorum magna multitudine cum funebri lamentatione, & precatione. <...>

[...]

traydo al Espiritu santo con pompa funeral, dos dias despues [*11 de junho de 1597*] de su dichosa muerte. Venia acompañando al difunto el Padre Iuan Fernando de la Compañia vestido de Alba, y Estola, y grande multitud de vezinos de Reritiua cantando funebremente. <...>

[...]

231 . GIL VICENTE (**Copilaçam de todalas obras**, v. I, 1933, p. 101) traz, no « Auto dos Quatro Tempos », interessante intervenção do personagem "David", onde é patente a função da música na religião católica: « bendezid a Dios, barones, | con canciones ». E, no « Auto da Fé » (v. I, p. 75), o personagem "Fé" demonstra com clareza a centralização da prática musical na Igreja: « Fé é amar a Deus, só por ele, | quanto se pode amar, | por ser elle singular, | não por interesse delle | e se mais quereis saber, | crer na Madre Igreja santa, | e cantar o que ela canta | e querer o que ela quer ».

232 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VII, 1720, p. 378) informa: « Rosario. Cento & cincoenta contas à honra da Virgem nossa Senhora, & contém tres Terços, cada hum de cincoenta Ave Marias, & cinco Padre nossos em cada Terço; no primeyro Terço se considerão os mysterios Gozosos, no segundo os Dolosos, no terceyro os Gloriosos ».

233 . **Canto llano** equivale ao termo português **canto chão**. RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. II, 1712, p. 111) dá informações suficientes sobre esse tipo de "canto": « O canto chaõ, que tambem chamaõ canto firme, & coral, por se usar nos coros, he huma simples, & uniforme prolaçaõ na cantoria, sem variaçaõ alguma de tempo, demonstrado com algum caracter, ou figura simples, que os Musicos practicos chamaõ notas, as quaes nem se acrecentaõ, nem se diminuem de sua valia, porque nessa se poem o tempo inteiro, & indivisivel. O canto chaõ foi chamado por muito tempo **Canto Gregoriano**, pela muita noticia, que tinha delle, & pelo que havia aprendido; sendo Monge da Ordem de S. Bento o poz em mayor perfeiçaõ, ao qual despois deraõ o ultimo complemento Paulo Diacono, & Guido Aretino, tambem Monges de S. Bento. Na Igreja de S. Pedro de Roma se usa só o canto chaõ. **Planus, et simplex canendi modus** ». É usado, na documentação do período, em contraposição ao **canto de órgão**, a música vocal mensurada e polifônica. Cf. F. J. FÉTIS (1858, p. 24), ISAAC NEWTON (**Dicionário musical**, 1904, p. 59), MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 107) e JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA (**O ensino e prática da música nas sés de Portugal**, 1985, cap. I, p. 33), entre outros.

## 112

# [AMBROSIO FERNANDES BRANDÃO]

## (antes 1585 – após 1613)

## ou

# [SIMÃO TRAVASSOS]

## (c. 1543 – 1618)

**DOCUMENTO:** **DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL**. [Capitania da Paraíba (?), primeiro semestre de] 1618.

**TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA:** As informações a seguir são de JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES [*História da história do Brasil*, 1979, livro II, cap. I, nº 1, pp. 372-373]: « A obra, escrita em 1618, provavelmente no primeiro semestre [(nota 2): « Eládio dos Santos Ramos, ***A Autoria dos Diálogos das Grandezas do Brasil***, Recife, 1945, 17 »], é, como se vê, uma descrição da atualidade social e econômica do Brasil, sem outro objetivo que o de dizer aos contemporâneos as verdades, os merecimentos e os seus entusiasmos pela terra. Como descrição presente, ela se transforma numa crônica das mais fiéis, que a historiografia não pode desconhecer. ¶ O texto foi primeiramente encontrado na Biblioteca Nacional de Lisboa por Francisco Adolfo de Varnhagen; havia desaparecido quando o procurou João Francisco Lisboa. Apurou-se, então, que José Feliciano de Castilho o levara quando partira para o Brasil. E, com efeito, Castilho começou a publicar o documento no **Iris**, sem concluí-lo [(nota 3): « Os Diálogos saíram na gazeta *Iris*, II (1849), 107, 177, 218. »]. Mais tarde Varnhagen encontrou outra cópia na Biblioteca de Leide, oferecendo-a a José de Vasconcelos, que estampou o ***Diálogo I*** no ***Jornal do Recife*** e mais tarde confiou-a à Redação da Revista do **Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano**, que a publicou de 1883 a 1887. Em 1886 José Higino Duarte Pereira trouxe da Holanda nova cópia [(nota 4): « Cerca de 26 de maio de 1886 transcrita in Adriaen van der Dussen. ***Relatório sobre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses***; traduzido e anotado por José Antônio Gonsalves de Mello Neto, Rio, 1947, 147. »], que deve ter facilitado a ultimação final da publicação que demorara um lustro, declarando-se que a cópia do Instituto era incompleta [(nota 5): « ***Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano***, tomos nº XXVIII, 3-50; XXXI, 352-367; XXXII, 3-71; XXXIII, 83-146; A advertência e o posfácio de Varnhagen aparecem nos nºs XXVIII e XXXIII, 147-151, respectivamente, e a Apreciação crítica de Capistrano de Abreu na mesma RIAGP, LXIII, 559-573. »]. ¶ A publicação no ***Diário Oficial*** e posteriormente na série 'História', da Biblioteca de Cultura Nacional da Academia Brasileira de Letras, deve-se a Capistrano de Abreu [(nota 6): « ***Diário Oficial***, fevereiro a março de 1900. »]. Desde 1899 ele anunciava sua decisão de republicá-los e iniciava pesquisas e consultava amigos eruditos como Guilherme Studart, Mário de Alencar e Oliveira Lima [(nota 7): « ***Correspondência de Capistrano de Abreu***, preparada por José Honório Rodrigues, Inst. Nac. do Livro, Rio de Janeiro, 1954-56, I, 149, 150, 171, 204; III, 5. »], sobre o livro e seu autor. Em 1901, nas vésperas de publicar seu segundo artigo sobre os ***Diálogos***, escrevia a Mário de Alencar: 'Hoje vou ler pela vez n os ***Diálogos da Grandezas do Brasil*** para sobre eles fazer a segunda e última parte da introdução. Já na Gávea estava acabado, e creio que não seria difícil achar entre os papéis para aqui trazidos o artigo completo ou quase. Prefiro, porém, começar de novo, mesmo porque quero encarar o assunto sob novo ponto de vista. Hoje seu principal objetivo será aplicar o método de Taine, descobrir a sensação original do autor' [(nota 8): « ***Idem***, I, 204. O 1º e 2º artigos foram publicados no ***Jornal do Commércio*** de 24 de novembro de 1900 e 24 de setembro de 1901. O 2º serviu de Introdução à edição da Academia Brasileira de Letras. »]. Em 1922 solicitava de João Lúcio de Azevedo nova cópia existente na Biblioteca Nacional de Lisboa [(nota 9): « ***Correspondência***, II, 237. »] e o historiador português esclarecia: "Quanto aos ***Diálogos das Grandezas*** o caso é mais bicudo. O que existe na Biblioteca Nacional é somente o Diálogo Primeiro, em cópia do Século XIX, o manuscrito tem a nota da mão de Studart, de que o mesmo fora publicado da ***Revista do Instituto Pernambucano***. Isto não é verdade. O que saiu na ***Revista*** foi muito mais, creio que a obra toda, e portanto não foi a matéria extraída deste códice". E depois de contar o que se sabe sobre a vinda dos documentos com Castilho e sua publicação na *Iris* e na ***Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano***, declara não ter meios de satisfazer o pedido de Capistrano [(nota 10): « ***Correspondência***, III, 245. »]. A publicação da Academia em 1930 teve, assim, de satisfazer-se com a cópia de Varnhagen, talvez corrigida na própria edição final ***Revista*** pela de José Higino. A edição mais recente, com o nome de Ambrósio Fernandes Brandão, como autor, contém os mesmos trabalhos de Afrânio Peixoto, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, da edição da Academia, com uma nova apresentação de Jaime Cortesão e novas notas de Rodolfo Garcia [(nota 11): « Edição Dois Mundos, R. Janeiro, 1943. Na folha de rosto desapareceu o nome de Capistrano de Abreu — embora sua introdução e notas, as mais importantes, façam parte do livro — e aparece o de Jaime Cortesão, cuja Apresentação nada acresce de novo. »] ». Outra edição foi feita, não citada por JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES, com « Introdução de Capistrano de Abreu » e « Notas de Rodolfo Garcia » [Salvador, Livraria Progresso Editora, 1956. 388 pp. (Coleção de Estudos Brasileiros, Série Marajoara, nº 4)]. O texto das

edições de 1930, [1943] e 1956 diferem apenas por detalhes ortográficos, e o diálogo sexto, que contém informações sôbre música indígena, encontra-se, respectivamente, às pp. 261-295, 276-303 e 313-355.

AUTOR: São também de RODRIGUES (supra cit.), pp. 373-374 as observações que se seguem: « Os apógrafos de Lisboa e Leide eram anônimos e logo, com Varnhagen, iniciou-se o processo de crítica de atribuição. Pensava o grande historiador brasileiro que não podia ser Bento Teixeira, como supunha Barbosa Machado, mas sim um Brandão, como conjeturava D. André Gonzalez de Barcia, anotador de Antonio Leon Pinelo no seu **Epitome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Nautica i Geografica** [[nota 12]: « Madri, 1737-1738, III, p. 1.714; nova edição, Washington, 1958. »], e essa opinião sustentou sem maiores argumentos [[nota 13]: « José Honório Rodrigues, **Teoria da História do Brasil**. 4ª ed., 1978, 361-362. »]. ¶ Na correspondência com os amigos, como Studart e Oliveira Lima, por volta de 1900, quando iniciara no **Diário Oficial** a publicação dos **Diálogos**, revela Capistrano de Abreu sua constante e progressiva confiança na atribuição a Ambrósio Fernandes Brandão. "Quem julga V. seja o autor do **Diálogos**", pergunta a Studart. "Cada vez me convenço mais de que não é, não pode ser Bento Teixeira." E em 1900 escreve ao mesmo Studart: "Pode ter sido Ambrósio Fernandes Brandão; mas, conquanto não haja documento que se possa opor a isto, não tenho com que escorar a tese e portanto não me aventuro" [[nota 14]: « **Correspondência, ob. cit.**, I, 150, 175; 2ª ed., Rio, 1977, mesmas pp. »]. O mesmo afirma ainda em 1900 a Oliveira Lima, acrescentando apenas que teve "tendências de atribuir a autoria a Bento Lopes de Santiago mas também não é este", e lhe solicita que investigue no **British Museum** os papéis do Conde de Sabugal [[nota 15]: «**Correspondência, ob. cit.**, III, 5, 6, 8, 9, 15; 2ª ed., Rio, 1977, mesmas pp. »] ¶ Coube realmente a Capistrano de Abreu levar adiante a crítica mostrando, no 2º artigo de 1901, que os **Diálogos** são travados entre os interlocutores Alviano e Brandônio, o primeiro chegado há pouco na terra, ignorante e desafeiçoado de suas coisas, e o segundo conhecedor entusiasta do país, personagem real e, implicitamente, o autor da obra. De Brandônio a Brandão e deste aos vários Brandões existentes chegou-se a Ambrósio Fernandes Brandão, que morava em 1583 em Pernambuco, em 1613 na Paraíba; aí possuía dois engenhos, e pedira uma sesmaria para a construção de mais engenho. Sabe-se, ainda, pelos documentos da *Primeira Visitação do Santo Ofício* à Bahia [1591-1593], que Ambrósio Fernandes Brandão era cristão-novo e foi denunciado perante a Mesa do Santo Ofício em 8 de outubro de 1591. Se Brandônio é Ambrósio Fernandes Brandão, então Alviano será Nunes Álvares, incluído na mesma denúncia. Este o resultado da pesquisa de Capistrano de Abreu, adiantada por Rodolfo Garcia, no aditamento à edição da Academia. A crítica de atribuição não parou aí. Em 1945 Eládio dos Santos Ramos discordou da tese defendida por Capistrano de Abreu e seguida por Rodolfo Garcia para sustentar que o autor é Simão Travassos, o jesuíta que escreveu o "Sumário das Armadas" [[nota 16]: « Vide José Honório Rodrigues, **Historiografia del Brasil, siglo XVI**, México, 1957, 56-58. »]. Argumenta Eládio Ramos: 1) que o autor pertence a uma ordem religiosa; 2) deve ser um jesuíta, pelos seus conhecimentos religiosos, pelo estilo, e porque como procurador dos padres arrecadava os dízimos de açúcar; 3) que Simão Travassos em 1583 era novo na terra, como Brandônio, e entre 1583 e 1607, e, finalmente, falece em 1618, quando os **Diálogos** se concluíam. Nega também que um judeu pudesse revelar tantos conhecimentos religiosos. A crítica a este trabalho e o reforço documental, ainda não definitivo, mas quase decisivo a favor de Ambrósio Fernandes Brandão, foi feito por José Antônio Gonçalves de Melo Neto [[nota 17]: « "A Autoria dos **Diálogos das Grandezas do Brasil**", comunicação apresentada ao Congresso de História Comemorativa do Tricentenário da Restauração de Pernambuco, 1954, a ser publicada nos seus Anais. Há várias referências às atividades açucareiras de A. F. Brandão no documento "Certidão de traslados do Livro de saídas e despachos de navios da Alfândega de Pernambuco" (II, 33, 6, 30 da B. N. do Rio de Janeiro), cópia do século XIX do códice 642 da Coleção Pombalina da Biblioteca Nacional de Lisboa. »] ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: [ANÔNIMO] - **Diálogos Das Grandezas Do Brasil Pela Primeira Vez Tirados Em Livro com introdução De Capistrano de Abreu e notas De Rodolpho Garcia.** Rio de Janeiro, Offician Industrial Graphica, 1930. 315 pp. (Publicações da Academia Brazileira. Bibliotheca de Cultura Nacional - Classicos Brazileiros - II - Historia).

OBSERVAÇÃO: Os diálogos entre Brandônio e Alviano são sempre alternados, começando pelo primeiro. Anexa-se à transcrição o numeral, entre colchetes, que representa a posição da intervenção de cada personagem no « livro sexto ».

## DIALOGO SEXTO

### [43] Brandônio

(*p. 278*) Pois assim passa; quando antes o querem matar no terreiro, o que fazem por este modo: mandam primeiramente ao tal captivo se lhe faça, entre os seus, a vontade em tudo quanto queira ou peça, em tanto que, se desejar a mulher do próprio principal, e a pedir, não se lhe nega, tudo isso para effeito de que se desmaleconize e vá engordando; e como lhes parece que já o está, o que logo fazem é ordenar em grande caminho muito limpo, desde o lugar da aldeia até onde passa o rio, e o caminho feito,

fazem sabedor ao preso de como já é chegado o tempo pera haver de ser morto em terreiro, atando-lhe uma corda por debaixo dos braços, com lhe ficarem livres elles e as mãos; e de modo fazem esta atadura, que deixam duas pontas compridas á corda, cada uma por sua parte, e com grandes gritas e festas o levam desta maneira pelo caminho que tenho dito, ao rio, dentro no qual o lavam muito bem, desde os pés até a cabeça; e como está lavado, o tornam a trazer pera a aldeia com os mesmos cantos, bailes e festas e alli, posto no terreiro, se chegam a elle seis ou sete valentes e robustos mancebos, que lançam mão das pontas da corda, e a têm em teso, de modo que o desaventurado preso se não possa bolir, porque em o querendo fazer pera alguma das partes, o tiram pera outra, e desta maneira o têm em talas, (*p. 280*) até que entra o matador pelo terreiro muito arrogante, emplumado todo de pennas de varias côres e, com vagarosos passos, rodeado dos principaes cavalleiros, <...>

**[44] Alviano**

(*p. 281*) Bem mal se póde julgar se a comem [*a carne do cativo*] por vingança, se por gosto.

**[45] Brandônio**

Por vingançz se tem entendido que o fazem. E as tripas e intestinos botam as velhas em uns alguidares e com grandes cantos e bailes andam á roda delles com umas cannas nas mãos, nas quaes trazem atados alguns anzoes que lançam sobre as tripas, fingindo com grandes risos que estão pescando dentro nellas.

**[46] Alviano**

Os dias passados, indo visitar um amigo meu á sua fazenda, me não deixaram dormir toda uma noite uns indios que andavam nas suas borracheiras, na qual formavam uns cantos, qual eu nunca outros semelhantes vi.

**[47] Brandônio**

Esse é o seu costume mais ordinario, porque pera effeito de se emborracharem, apparelham muitos vinhos que fazem do sumo de cannas de assucar, qu vão buscar pelos engenhos, e também de mel e de uma fruta que chamam cajú, e, juntos em roda muitos homens e mulheres, estão nesse canto todo um dia e noite inteira, sem dormirem, bebendo sempre de ordinário muito vinho até cairem todos por terra sem accordo, e ás vezes saem também dalli alguns não pouco escalavrados.

**[47] Alviano**

(*p. 282*) E que metros ou cantigas são essas que cantam em tanto espaço de tempo?

**[48] Brandônio**

Nenhuma outra mais que alevantar o primeiro a voz, e dizer o passaro está sobre a folha, ou a folha sobre a água, ou outra cousa

semelhante, e com isto vão continuando sempre, dizendo uns e respondendo outros, por todo o espaço que lhes dura a borracheira, servindo as mulheres de tiple, por alevantarem a voz mais delgada.

**[48] Alviano**

Custoso entretenimento, pois passam todo um dia e noite sem dormirem, com despenderem tanto vinho; mas se acaso captivam algumas mulheres, folgára de saber se as matam tambem nesse terreiro, como os homens.

**[56] Brandônio**

*(p. 287)* Destes costumes, que até agora tenho tratado, são dos que usam no sertão o gentio que por elle habita, sem terem commercio nem conhecimento dos brancos, que os que andam entre nós e estão debaixo da doutrina dos religiosos vivem já muito desviados de semelhantes costumes; porque sabem a doutrina e baptisam os filhos, com se casarem na fórma do sagrado concílio, e não têm mais de uma mulher, com andarem vestidos, e juntamente aprendem a ler, a escrever e a contar; e saem alguns delles destros no canto, e assim são bons charameleiros[234], posto que sempre tiram á sua natural inclinação, como se vio em um caso, que succedeu os dias passados.

**[58] Alviano**

E que caso foi esse?

**[59] Brandônio**

Os Padres da Companhia ensinaram a um destes indios, por sentirem nelle habilidade, a ler e a escrever, canto e latinidade, e ainda algum pouco de artes; mostrando-se elle em tudo mui agil e de bons costumes, chegaram a lhe fazer dar ordens menores, e cuido que ouvi dizer que também as de epistola e evangelho, pera o ordenarem em sacerdote de missa. Mas o bom do indio, obrigado de sua natural inclinação, amanheceu um dia despido, e se foi, com outros parentes seus pera o sertão, aonde exercitou seus barbaros costumes até a morte, não se alembrando dos bons que lhe haviam dado.

234 . **Charameleiro** é o « Tangedor de charamelas », segundo RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário portuguêz e latino**, v. II, 1712, p. 277). Note-se o plural. FRANCISCO CURT LANGE (*As danças coletivas públicas no período colonial brasileiro e as danças das corporações de ofícios em Minas Gerais*, 1969, p. 31-a), referindo-se aos charameleiros setecentistas, informa: « É erro atribuir aos **charamellyros** o emprêgo dum só instrumento, a **charamella**. Trata-se de denominação genérica, muito antiga, para um grupo de músicos profissionais que tocavam diversos instrumentos de sôpro, um dos quais foi a charamela. E desta mesma existia um terno – soprano, contralto, tenor – , assim como o encontramos nas flautas doces, a **Blockflöte**, com os seus quatro registros: soprano, contralto, tenor e baixo ». A argumentação de LANGE concorda com a informação de ERNESTO VIEIRA (**Diccionario Musical**. Lisboa, E. Gazeta Musical, 1890), citada por PEDRO SINZIG (**Pelo mundo do som**, 1959, p. 149), segundo o qual, haviam três tipos de **charamelas**: a "bastarda", a "média" e a "charamelinha". De fato, não são raras as referências a "ternos de charamelas" no Brasil, anteriores a 1700, como em HENRIQUE GOMES « (carta de 16 de junho de 1614, § 6), « muitos Indios da Aldeia vizinha com um terno de charamelas em corpo », JOÃO FELIPE BETTENDORF « (Crônica, de 25 de maio de 1698, livro IV, cap. XIV), « entre outros ia um tambor, um terço de charameleiros para tocarem pela madrugada, jantar e ceia » e RAPHAEL DE JESUS « (**Castrioto Lusitano**, 1697, parte I, livro V, § 3, p. 200), « comprava ao Herege permissões, e sustentava em sua casa capela de Musicos escolhidos, e diversos ternos de charamelas ».

# 113

# ANTÔNIO DE ARAÚJO

## (1566 – 1632)

**LIVRO: CATECISMO NA LÍNGUA BRASÍLICA.** Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1618.

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** São conhecidas três edições deste livro no século XVII (uma em 1618 e duas, pelo mesmo impressor, em 1686) e as reedições de 1898 (relativa a uma das edições de 1686) e 1952 (relativa à primeira edição). As cópias do século XVII, sobretudo da edição de 1618, são bastante raras. Na « Apresentação » do P. Lemos Barbosa para a edição de 1952 (pp. II-III), encontramos as seguintes informações: « Desde os primeiros tempos jesuíticos se cuidou de traduzir para o tupi um resumo do catecismo cristão. Em São Vicente, o irmão **Pero Correia**, "o melhor língua do Brasil" (**Nóbrega**), escreve a ***Suma da Doutrina Cristã***. Na Bahia, em 1574, o Padre **Leonardo do Vale**, "príncipe dos línguas do Brasil", traduz a ***Doutrina Cristã***, escrita em 1571 pelo P. Marcos Jorge em forma de perguntas e respostas; e também a preparação para a confissão, batismo e morte, além de um confessionário. Em 1575, a Congregação Provincial, na Bahia, pede a impressão da ***Doutrina Cristã***. Em 1586, o P. **Gouveia** recomenda que se tenha no livro das casas a ***Doutrina*** e o ***Diálogo***. Em 1592, a Congregação torna a solicitar a impressão da ***Doutrina Cristã***, juntamente com a ***Arte de Gramática*** do P. **José de Anchieta**. O P. **Marçal Beliarte** sublinha: "Quarenta anos há que se compôs". Foi dada autorização para ambas as obras. A informação de **Agostinho Ribeiro** (setembro de 1594) refere-se a "êstes livros de Gramática e Diálogos, compostos pelo Padre José de Anchieta". A licença do Santo Ofício (Lisboa, 17 de dezembro de 1594) declara: "podem-se imprimir êstes livros de Gramática e Diálogos..." De fato, em 1595 foi impressa a ***Arte de Anchieta***, não porém os Diálogos. Só em 1618 saiu, por fim, um catecismo "composto a modo de Diálogos por Padres Doctos, bons línguas da Companhia de Jesus. Agora novamente consertado, ordenado, e acrescentado pelo Padre Antônio d'Araujo Teologo da mesma Companhia". [p. XII] ». « Impresso em 1618, com os aditamentos e correções do P. **Antonio de Araújo** (1566-1632) e sob a sua direção, o primitivo núcleo da obra remonta aos primeiros anos da catequese jesuítica, havendo fundados motivos para crer que na sua composição e revisões intervieram, entre outros, os inacianos **Pero Correia, Leonardo do Vale e José de Anchieta.** ¶ Em 1686, o P. **Bartolomeu de Leão** (1641-1715) fêz segunda edição, corrigindo erros tipográficos da primeira, sistematizando a sua grafia, atualizando a língua, já ligeiramente alterada, limando as frases para maior clareza ou elegância, e cancelando também algumas exortações (da autoria de **Araújo**), que lhe pareciam sobejas mesmo em um bom catecismo ». São estes os títulos das edições antigas, segundo facsímiles das páginas de rosto que constam nas reedições. **Primeira edição: Catecismo | NA LINGOA | Brasilica, No Qval | Se Contem A Svmma | Da Doctrina Chris-|tã. Com tudo o que pertence aos | Mysterios de nossa sancta Fé | & bõs custumes. | Composto a modo de Dialogos por Padres | Doctos, et bons Lingoas da Compa-|nhia de Iesv. | Agora nouamente concertado, ordenado, & acrescentado pello Padre | Antonio d'Araujo Theologo, | & lingoa da mesma | Companhia.** | Com as licenças necessarias. | Em Lisboa por Pedro Crasbeeck. Anno 1618. | A custa dos Padres do Brasil. | 8vo; 16 ff. inum.; 179 ff. num.; 1 f. inum. | **Segunda edição: Catecismo | BRASILICO | Da Doutrina Christãa, | Com o Ceremonial dos Sacramentos, & | mais actos Parochiaes. | Composto | Por Padres Doutos da Companhia de | Jesus, | Aperfeiçoado, et dado a luz | Pelo Padre Antonio de Araujo | da mesma Companhia. | Emendado nesta segunda impressão | Pelo P. Bertholameu De Leam | da mesma Companhia.** | [grav.] | LISBOA. | Na Officina de Miguel Deslandes | M. DC. LXXXVI. | Com todas as Licenças necessarias [13 X 13; 16 ff. inum.; 371 pp.; 4 ff. inum.].

**NOTA SOBRE O AUTOR:** De acordo com SERAFIM LEITE (*História da Companhia de Jesus no Brasil*. v. VIII, 1949, p. 60), ANTÔNIO DE ARAÚJO « Nasceu em 1566, na Ilha de S. Miguel, Açores. Filho de Joaquim de Araújo e D. Ana Pacheco. Entrou na Companhia na Baía em 1582. Mestre em Artes. Fez a profissão solene na Baía, recebendo-a o Visitador Manuel de Lima, a 25 de Março de 1608. Ensinou Humanidades e Teologia e foi Procurador do Colégio da Baía. Pregador. A vivacidade do seu espírito criou-lhe êmulos. Consagrou-se, então no trabalho com os Índios, cuja língua sabia e de que foi mestre com o seu famoso **Catecismo**. Superior nas Aldeias dos Índios. Em 1607 era-o de S. Sebastião na Baía. Fez uma entrada à Serra do Orobó, sertão da Baía, outra no Sul aos Carijós dos Patos onde ficou alguns anos Superior da missão, até 1628. Em 1631 residia no Colégio do Espírito Santo, e faleceu no ano seguinte, 1632, talvez no mesmo colégio. Homem de talento e virtude ».

**REEDIÇÕES UTILIZADAS:** [da primeira edição:] PADRE ANTÔNIO DE ARAÚJO – ***Catecismo Na Lingua Brasilica. Reprodução fac-similar da 1ª edição (1618), com apresentação pelo P.e A. Lemos Barbosa, Professor de Língua Tupi na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.*** Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1952. XVII pp.; 16 ff. inum.; 179 ff. num. (Biblioteca da Língua Tupi, v. 1) [BIEB: 498-Ae63c].

[da segunda edição:] [ANTONIO DE ARAÚJO – ] ***Catecismo | BRASILICO | Da | Doutrina Christãa | Publicado De Novo | Por Julio Platzmann | Edição Facsimilar*** | Leipzig | B.G. Teubner | 1898. [15 ff. inum.; 371 pp.; 4 ff. inum.] [BIEB: 16-b-o].

**VERSÃO DE 1618**

(*f. 13r*) IESVS. Livro Primeiro. DA DOCTRIna Christam.[295]

Capitvlo I

**Do sinal da Sancta Cruz, et mais oraçoens.**

SAncta Cruz
Raangába recè,
Oré pigcïrõ yepé
Tupã orê iar
Orè amotaré imbàra
çuî,
Tûba,
Taîra,
Espirito Sancto
Rera pupé.
Amen IESV.

(*f. 13v*) **Padre noßo**

ORê rûb
Igbàcupe tecoar,
Ymoetè pîramo,
Nde rera toicô
Toûr nde Reino
Tõnhémonhang
Nderemîmotara ibîpe
Igbãcupe, ynhemonhanga yabê
Orê remiu
Ara yabiõ ndoâra
Eimeeng cori orebe
Nde nhirõ
Ore angaipaba recè
Orebe
Ore tebe cõmemoáçera çupe
Ore nhirõ yabe
Ore moarû carumé yepe
Tentação pupé:
Ore pi cirõte yepe
Mbaê aiba çui.
Amen IESV.

**VERSÃO DE 1686**

(*p. 1*) Catecismo BRASILICO Da Doutrina Christãa, LIVRO I. Dos primeiros elementos da Fe Christãa, Summa dos mysterios, & doutrina Christãa.[296]

**Oração do sinal da Cruz**

S ANTA Cruz
räangãba recé
orepy cirõ iepé,
Tupã ore iár,
oré amotarëymbâra
çüí.
Tûba,
Täyra,
Espirito Santo
rëra pupé.
Amen.

(*p. 1*) **Padre Nosso**

O Ré rúb,
ybákype tecoár,
imöeté pyramo
nde rëra toicó:
Töúr nde Reino:
Tonhemonhang
nderemimotãra yby-(*f. 2*)pe,
ybákype inhemonhânga iabé:
Orérébiú
âra iabïõ ndoâra
eimëeng corí orëbe:
Ndenhirõ
oré angaipâba recé
orëbe,
oré rérecomemoãçâra çupé
orénhirõ iabé:
Oremoarucãrumé iepé
tentaçaõ pupé:
Orepycyrõ iepé
mbäé äiba çüí.
Amen.

**Aue Maria.**

AVe Maria
Graça rece tinĩ címbae.
(*f. 14r*)
Ndeirũnámo yande iára recou;
Yemombeũ catu pĩramo
Ereicò cunhã çuĩ
Ymombeũ catũ pĩrabẽ
Nde membĩra IESVS;
Sancta Maria Tupã ci
E Tupã mong etá,
Orê yangai pàbaê recê,
Cõir, irá,
Orê yequi-i
Orê rúmebêno.
Amen IESV.

**Ave Maria.**

A Ve Maria,
graça recé tynycémbäé:

nde irúnamo iande iâra recóu:
imombëú catúpyramo
ereicó cunhã çüí;
imombëú catúpyrabé
ndemembyara JESUS.
Santa María, Tupã cy,
etupã monghetá
oré ïangaipábäe recé
cöyr, irã,
oré iekyi
oré rũmebéno.
Amen.

**Salue Rainha.**

SAlue Rainha
Morauçubâra cĩ
Tecôbe ceembaẽ:
Orè yerobia çába.
Salue,
Ndẽbe
Oroça pûva puçâi,
Y peà piramo:
Eua membĩramo:
Nèbe oronheang erur:
Ore poacẽmamo,
(*f. 14v*)
Oroyã cẽgoabo
Icô igbi tigoáya yacegoaba pupè;
Eneĩ orerece yerureçar
Ebo ũïndereçâ y porauçubáribaè
Erobáo orecoti
Ae IESVS
Y mombeũ catupĩra ndemembĩra;
Yoõ yo pea çagoêra cicirẽ
Eoe piaûcaàr orẽbe
Nheraneĩn
Morauçub rerecõçár

Ceémbae Virgem Maria;
Etupã mong-etá orè recẽ:
Sancta maria Tupã ci;
Torê anga turãne
Christo remienoĩgoera recẽ
Ore yecõ çuba goama rĩ.
Amen IESV.

**Salve Rainha.**

S Alve Raĩnha,
morauçubâra cy,
tecobé, céëimbäe,
oré ierobiaçâba,
salve.
Ndẽbe
oroçapucápucai
ipëãpyramo
Eva membyramo.
Ndé be oronhëangherúr
orepöa cémamo,

oro iaceguâbo
icó ybytygoãia iaceguâba pupé.
Eneĩ ore recé ierureçár
eboiĩ nde reçá porauçubâra
erobáo oré coty.
Aẽ JESUS
imombëú catú pyra nde mẽbyra
icó iepëaçagoêra cykiré
ecepiác ucár, orẽbe.
Nheranẽym,
morauçúb erecoçar
(*p. 3*)
çëembäé, Virgem María.
Etupã monghetá oré recé,
Santa María Tupã cy,
torẽ angaturâne
Christo remienoĩgoêra recé
oré ie coçubagoãma ri.
Amen.

### Credo

ARobiar Tupã tûba
Opacâtu mae tetíruã monhãga
Eycâtûbae
Igbâoa, Igbî monhangára
Arobiar IESV Christo abê,
Taîra oyepêbae ace iára:
Espirito Sancto y monhangápe
(*f. 15r*)
Pitangamo onhemonhang-ibaè puéra
Ae bae cór
Maria a babî cagoereima çui.
Poncio Pilato
Morôbixâbamo cecóreme
Cerecómemoãbîramo cecou:
Ibíra ioçaba recè
Y moiari pîroeramo cecou,
Y iuca piroéramo,
Y timibiroeramo.
Ogoegib Igbî a pîteripe,
Ara moçapíra pupè,
Omanõbae puera çui ceoóbê iebíri
Oy eupir Igbácupe,
Tupã tûba
Opacátu mbae tetiruã monhãga
[ eicatubae
Ecatuaba coti ceni
Ae çui tûri
Oicóbêbae
Omanobae puera pabẽ
Recomonhangane.
Árobiar Espirito Sancto,
Arobiar Sancta Igreja Catholica.
Arobiar Sanctos recóôcâtu
Yemoiâo iaõca
Arobiar teco angaipaba rece
(*f. 15v*)
Moroupe tûpã nhirõ
Arobiar ace recobe yebiraõ ama,
Arobiar tecobe opabaerameîma.
Amen.

### Credo

A Robiar Tupã Tûba
opácatú mbäe tetiruã monhanga
eicatúbäe,
ybáca, yby abé monhangâra.
Arobiár JESUS Christo abé
Täyra oipébäe, acé iära:
Espirito Santo imonhêngâpe

pitangamo onhemonhangbäe poêra.
Aebäe õár
Maria abábycagoerëyma çüi:
Poncio Pilato
morobixâbamo cecôreme
cereocmémoâbyramo cecóu:
ybyrá ioaçâba recé
imoiäripyramo cecou,
ĩjucápyramo,
itymimbyramo.
Ogoegyb yby apytéripe,
ãra moçapyra pupé,
omanõbäe puêra çüi cecobé iébyri,
oieupir ybákype,
Tupã Tûba
opácatú mbäe tetiruã monhánga
[ eicatúbäe
ecatúaba coty ceni:
äé çüi tûri
oicobébaë,
omanõbäe poêra pabẽ
recomonhéngane.
Arobiár Espirito Santo:
Arobiar Santa Igreja Catholica:
Arobiár Santos recócatú
Yemoiäó iaöca:
Arobiár tecó angaipéba recé

moroupê Tupã nhirõ:
Arobiar acé recobé iebyraõáma:
Arobiar tecobé opábäerameyma.
Amen.

225 . É muito provável que toda esta « Summa dos mysterios, à doutrina Christãa » fosse cantada ou recebesse melodia « cristãa » para que os meninos melhor pudessem decorá-las, como conta José de Anchieta (cf. nota 5 da documentação de Yves d'Evreux). Contida no « Livro Primeiro DA DOCTRIna Christam » (1ª edição, ff. 13r-20v, 2ª edição, pp. 1-12), devido à sua extensão apenas transcrevemos quatro de suas orações. No entanto, deixamos os títulos de todas as orações que integram este « Livro 1 », segundo a ortografia da primeira edição, numeradas para esse trabalho: [1] Do sinal da Sancta Cruz, et mais orações; [2] Padre Noβo; [3] Aue Maria; [4] Salue Rainha; [5] Credo; [6] Artigos da Fè; [7] Este; [8] Mandamentos da Ley de Deos | dez; [9] Mandamentos da Santa Igreja | sinco; [10] Sacramentes | Sete. | Sancta Madre Igreja Sacramentos; [11] Peccados mortaes | sete; [12] Virtudes contra estes | sete tecô câtu; [13] Obras de Misericordia. | Quatrorze acè abà rauçubaçaba; [14] Sete aba anga rece indoara | He ey; [15] Bem auenturanças; [16] Dões do Espirito Sancto | sete; [17] Virtudes Theologaes; [18] As Cardeaes; [19] Potencias dalma; [20] Cinco sentidos; [21] Nouissimos; [22] Confissaõ geral.

226 . Apenas a edição de 1618 apresenta as orações em verso. As orações da edição de 1686, apesar de apresentadas em prosa, seguem aqui a forma da primeira edição, para facilitar a comparação.

# 114

# CRISTÓVÃO VALENTE

## (1566 - 1627)

**DOCUMENTO:** CANTIGAS NA LÍNGUA [TUPI] (POEMAS BRASÍLICOS), PARA OS MENINOS DA SANTA DOUTRINA. s.l., 1618 (ou antes).

**TEXTO:** Há duas versões dessas « cantigas », publicadas, respectivamente, nas edições de 1618 e 1686 do « Catecismo » de ANTÔNIO DE ARAÚJO (cf. referências bibliográficas no cabeçalho dos textos editados por ANTÔNIO DE ARAÚJO). Na edição de 1618 aparecem nos ff. 4r-7v, com o título [f. 4r] « *CANTIGAS NA LIN-|goa, Pera Os Mininos | da Sancta Doctrina. | Feitas pello Padre Christouão Valente Theo-|logo, et mestre da lingoa* ». Na edição de 1686 estão nos ff. iijr-[6]r, levando o título [f. iijr] « POEMAS BRASILICOS | Do Padre Christovaõ Valente, Theo-|logo da Companhia de JESUS, **Emendados para os mininos cantarem | ao Santissimo nome** de JESUS ».

**NATUREZA DO TEXTO:** PLÍNIO AYROSA, na edição de 1941 das « cantigas », faz os seguintes comentários nas « Notas Prévias » (p. 10: « Os "Poemas Brasilicos", apesar da designação pomposa, não passam de simples orações cristãs, postas em versos correntios "para os mininos cantarem ao Santissimo nome de Jesus". Rimados à feição portuguesa, sem preciosismos de linguagem e sem altas qualidades literárias, denunciam desde logo as intensões catequizadoras de seu autor. ¶ Como documentos da primeira fase da cristianização do gentio brasílico e como documentos linguísticos são, incontestavelmente, de grande valor ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Depois de editados nos livros de 1618 e 1686, FERDINAND DENIS inclui a segunda versão no seu « **Une | Fête Brasilienne | Célébrée A Rouen En 1550 | Suivie | D'Un Fragment Du XVI^e Siècle Roulant Sur La Théogonie | Des Anciens Peuples Du Brésil | et Des Poésies En Langue Tupique De Christovam Valente** | Par | Ferdinand Denis | [grav.] | A Paris | J. Techener, Libraire | Place De La Colonnade Du Louvre, Nº 20 | 1851 [pp. 96-103] [BIEB: 12-c-12] ». PLÍNIO AYROSA estudou alguns desses « poemas » em artigos na *Revista da Academia Paulista de Letras* (Ano II, nº 7, 12/09/1939, p. 31; Ano II, nº 8, 12/12/1939, p. 24 e Ano III, nº 11, 12/09/1940, p. 36), posteriormente realizando transcrição e tradução integral, da maneira mais criteriosa possível em ***Poemas brasílicos* do Pe. Cristóvão Valente, S.J.**, em 1941, reproduzidas na III parte da tradução portuguesa do livro de FERDINAND DENIS, ***Uma Festa Brasileira***, de 1944.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** SERAFIM LEITE (***História da Companhia de Jesus no Brasil***. v. IX, 1950, p. 172) informa: « Nasceu em 1566 em Montemor o Novo, Alentejo. Foi menino para o Brasil e entrou na Companhia em 1583, na Baía, onde também fez a profissão solene a 25 de Março de 1608, recebendo-a o Visitador Manuel de Lima. Mestre de Gramática na Baía, prefeito dos Estudos e da Congregação em Pernambuco, Superior de Ilhéus e de S. André de Goiana. Exímio pregador e mestre da língua brasílica no Colégio da Baía. Intrépido em acudir aos Índios e homem de vida interior. Cegou alguns anos antes de morrer, na Baía, em 1627 ».

**REEDIÇÕES UTILIZADAS:** Reproduzimos os textos originais das « cantigas », segundo as reimpressões do « Catecismo » de 1952 e 1898 (cf. cabeçalhos dos textos editados por ANTÔNIO DE ARAÚJO).

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** 1) PLÍNIO AYROSA – ***Poemas brasílicos do Pe. Cristóvão Valente, S.J.* (Notas e tradução)**. São Paulo, s. ed., 1941. 50 pp.

2) FERDINAND DENIS – ***Uma Festa Brasileira Com os Poemas Brasílicos do Pe. Cristóvão Valente, S.J. de Plínio Ayrosa***. Rio de Janeiro, EPASA, 1944. 192 pp. [Biblioteca Brasileira de Cultura nº IV] [III Parte: « Poemas Brasílicos do Padre Cristóvão Valente Teólogo da Companhia de Jesus Emendados para os meninos cantarem », pp. 145-190].

**NOTA SOBRE A TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO:** Na edição de 1941, PLÍNIO AYROSA comenta (pp. 10-11): « Na transcrição dos versos, e nos comentários, servimo-nos do sistema ortográfico atualmente em uso pela Cátedra de língua tupi-guarani de nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Extremamente simples e essencialmente fonético, parece-nos menos mau dentre os vários sugeridos

aqui e no Paraguai. Com exceção do sinal ch, que sempre representa o som do grupo ch português em chave, chefe; do g, que corresponde a gu das palavras guerra, guitarra e a g de gato, gula; do j que vale dj; do ñ idêntico a nh; do r que é sempre brando, mesmo no início dos vocábulos; do s, que soa como ss e ç portugueses; do h, levemente aspirado e do y, que representa o i gutural característico do tupi, todos os demais equivalem, com pequenas variantes, às letras do alfabeto português. A acentuação das palavras faz-se por meio do til ou do acento agudo; o primeiro, a indicar também a nazalidade da vogal à qual se superpõe e o segundo apenas a sílaba tônica. O som aberto do e ou o, raríssimo no tupi-guarani, não tem indicação gráfica especial ». E, na p. 10: « A tradução que delas fizemos, baseada em rápidas anotações léxicas e gramaticais, é simples tentativa de interpretação do pensamento ingênuo e cristão de um dos poucos missionários que nos legaram versos escritos em tupi-guarani da costa do Brasil ». A única diferença que existe nas edições de 1941 e 1944, de PLÍNIO AYROSA, é o uso, na segunda, de alguns acentos graves no lugar de agudos, o que reproduzimos abaixo.

**VERSÃO DE 1618**

(*f. 4v*) Do nome santissimo de IESV.

IESV moro pîcîroãna
IESV tecõ catû jara,
IESV torîb erecoãra
IESV xepoçang imãna
IESV xeremimotâra.

Pay IESV xepoçanga
Xe piâ, xerecôbe,
Xe peãûme yepê,
E porè au çûbòc xeanga
Tipîâtã nde recê,

Nde morerecoãr xerî,
Nde poguîrêpe xenonga
Nde raquîpoêra rupî
Toçõ xeanga yepi,
Tecõ catû mono onga.

(*f. 4v*) Xepiâ xeanga ejãr
Nde mbaêramo tauyê,
Xemoãpîcîc-yepe,
Nde rauçûba aipotãr
çaauçubî pîra çocê.

Ocîqui, yê nde çuî
Anhanga nde moabâ etêbo,
Ejorî ymocî quîyébo,
Topicõûmé õca rupî
Ore anga mongûèbo.

Orê re recoárete
Nde pô pe orè angarùi.
Orô yerobiá nde recê
Orê rauçûbã yepê
Orê recôbê pûcûî.

**VERSÃO DE 1686** [237]

(*f. iijr*) IESU, moropycyroána,
JESU, tecó catú iára,
JESU, toryberecoára
JESU, xe poçánga ymana
JESU, xe remimotára.

Päí JESU, xepoçánga,
Xe pyâ, xe recobé,
Xe pëá umé iepé,
Eporauçuboc xe ánga,
Tipyatã nde recé.

Nde po guyripe xe nónga
Nde morerecoár xe ri,
Toçó xe ánga iepí
Tecó catú monõonga
(*f. iijv*) Nde rekypoéra rupí.

Xe pyá, xe ánga eiár
Nde mbäéramo tauié:
Xe möapyçyc iepé,
Nde rauçûba aipotár
Caucubipyra çocé.

Ocykyié nde çuí
Anhánga nde möabäetêbo
Eiorí emoçykyiêbo,
Toçó umé õca rupí
Oré ãnga monghúêbo.

Nde pópe oré ânga rui,
Oré rerecoãreté:
Oroierobiá nde recé,
Oré recobé pucuí
Ore rauçubá iepé.

OVTRA EM LOUVVOR da Virgem.

**Mote.**

TVpã cî angaturãma
Sancta Maria xejâra,
[*f. 5r*] Nde reçã porauçubâra
Xe recò catû angoãma
Xeanga remiecâra.

**Volta.**

Abá bícagoêreima
Caraibebê poaîtâra,
Igbac pôra mbori pâra
Tecô tebẽ çabeîma
Anhanga momocembâra.

Eneîmorerecoâra,
Ycô xenheẽg, paãma
IESV robaquê moãma,
Tecõ catû angagoâra
Tupã ci angaturãma.

Catunhé eierurêbo
Orẽcatû angoámari;
Eipeâ yarupari
Coãra çuî orêbo
Toro çone nde rupî.

Xeiequîj xerûmecori
Eipeâ serobajâra
Xeanga nde rauçûpâra
[*f. 5v*] Eraçõ ceroyeupî
Sancta Maria xejàra

Abâpe nderenoí dâra
Ocõ tenhé nde çuî?
Tecõ tenhẽ monhîgara
Morẽ auçûba rerecoára,
Nderê rapoana yepî.

Igbí pôra ai pô ey
Ceî jnhé nde reca çára
Apiába bé mombegoára
Oimoçaî tâba rupî
Ndereçâ poraûcûbára.

Otî coáracî ocêma
Nde berâba roba quê
Yacî tatá cuépé ê
Ynhe mimi nde coêma
Ara rorî pábété

**A Virgem Santissima Maria Mãy de Deos Senhora Nossa.**

MOTE.

T Upã çy angaturáma,
Santa Maria xe iára,
Nde reçá porauçubára
Xe recó catuãoáma
Xe ánga remïecára.

(*f. iiijr*) GLOSSA

A Babycagoéréyma,
Caräibebé poaitâra,
Ybácpôra mborypâra,
Tecótebẽçâbëyma,
Anhânga momocembara.

Enẽî morerecoâra,
Icó xe nhẽéng pãamã
JESUS robaké möãma,
Tecó catú angagoâra,
Tupã cy angaturâma.

Ereicatú xe pëãbo
Anhánga recó çüí:
Xe catú ãoãma rí
Enëî xemboguatâbo
Nde angaturâma rupí.

Xe iekyîme bé cori
Emocanhem xe räangâra:
Xe ánga nde rauçupâra
Eraçó ceroieupí,
Santa Maria xe iãra.

Abépe nde renoîdâra
Oçó tenhé nde çüí?
Enhemoçainan xe rí:
Moreauçûba rerecoâra
Nde rerapoâna iepí.

(*f. iijv*) Ybypôra aípó ëi;
Ceyinhê nde recaçâra,
Apyäba abé mombegoâra
Oimoçaî tába rupí
Nde reçá porauçubâra.

Otî coaracy ocêma
Nde berâba robaké;
Iacy tatá cuêpe é
Inhemimi, nde cöêma
Ara rorypâbeté.

Apiaba ndeiteê
Oîbamo ndemoána.
Nei nei epuâma
Terei mombeû pabé
Xerecô catû agoáma.

[f. 6r] Paranã robaicatû
Nde porcauçûbára cîc-î
Opabẽ tâba mondîc-î
Y xocê nde ê catû
Cõ ãra moápîcîc-i.

Coipô Anhanga pîcic-i
Tecô catû potâçára
Yorí xepîcîrõçára
Nde angaturãmanopic-i
Xeanga remiecâra.

OVTRA DO ANIO da Guarda

**Mote.**

PEyõri apiàbetà
Oyepè tiay moẽté
Yandé caraîbèbẽ

**Volta.**

Xeraroána igbac-igoára
Caraibebê poranga,
Eimboè catû xeanga
[f. 6v] Toicuab igbaca piára
Tupána remimonhanga.

Nde yepí ore poçanga
Nderecê orogoâta
Tiâçapiár Vmã Anhanga
Peyorî apiabetã
&c.

Tupã robaquê eicóbo
Xe çuî nde recîrîqui
Naxã mopià tîtic-i
Anhanga xera pecõbo.

Ndeiteé moxí oçóbo
O âtâpe xerejá:
Nde recénho guitecõbo
Acenoî apiabetá
Peyori tiaimoêtê
Yande caraibebé.

Apyãba dëitëé
Oybamo nde möáma:
Nëî, nëî epûâma
Tereinéeng opâbenhé
Xe recó catû ãoáma.

Tupã JESUS nde membyra
Oimöin çupí mbäé,
Iangaipabäé dëitëé
Oceca eté nde poguyra
Oiecoçurëymebé.

Xe angaipabóramo abé
Aipouçú eté eté xe iára,
Iorí xe pycyrõçára
Xe moiecoçûb iepé,
Xe ánga remiecâra.

[f. 5r] **Ao Santo Anjo da Guarda**

ESTRIBILHO.

P Eiorí apyábetá,
Oiepé tiaimöeté
Iandé Caräíbebé.

**Copla.**

X E raroãna ybakyguâra,
Caräíbebé porânga,
Eimböé catû xe ánga,
Toicûáb ybâca piâra.
Xe rûba, xe rerecoâra,

Nde recé nho taguatá
Eipëá xe räangâra,
Peiorí, apyábetá,
Oiepé tiaimöeté
Iandé Caräíbebé.

Tupã robaké eicõbo
Xe çûi derecyryki,
Naxemopyá tytyki
Anhânga xerapecõbo.

Deitëé moxy oçõbo
Oätápe xe reiá
[f. 5v] Nde po guyrpe xe moingõbo,
Peierî apyábetá, &c

Nde rauçûba poépica
  Xeretê, xeanga abê
  Oecó poxi reitica
  Oipotá catû nde ê.

[*f.* 7r] Tupã nhõ mbaé ête;
  Anhanga tiaipeá
  Coîr auyeráganhé
  Peyorí apaibetá
  Oyêpe tiaimoété
  Yandé caraibêbé

OVTRA DO SANTISSImo Sacramento

**Volta.**

**M**Iápê íbac igoâra
  Abiá bebé remiû.
  Xeanga recó pucu.

Xe ambíâci poçanga
  Xerecô tebẽ rupiára
  Ece piac xe maraára
  Tere çauçûbar xeanga
  Yorî xerecô monhanga.
    Miãpe íbac-igoâra
    Apiâbebé remiû
    Xeanga recô pucû

[*f.* 7v] Xeanga taîgaîba
  Xereté yerobiâçâba
  Toriba nhe monhangába
  Moroauçûbâra îba
  Ndenhõ xeremiêcâra.
    Miapê íbac-igoâra
    Apíabebé remiû
    Xe anga, &c

Miapé tecô bejâra
  Tûpá rauçupárape
  Ypoxí baè taçâra
  Teõ remiû pabẽ
  Oyepémiû pupê
    Ecepiac tecô parâba
    Apiâbebê remiû
    Xeanga recô pucû.

  Xe irúnamo memé
Nde ãme xe rauçubâbo,
Daëicatûi nhemonguyãbo
Tecó angaipâba pupé.

Dotĩi cerã acé
Narã oicôbo ára ia.
Oarõâna robaké,
Peiorí, payábetá, &c.

**Do Santíssimo Sacramento da Eucharistia.**

ESTRIBILHO.

**M** Yapé ybakygoâra,
Apyábebé rembiû,
Xe ánga recó pucú.

**Copla.**

**X** E ambyacy poçánga,
Xe recó tebẽ rupiára,
Ecepiác xe maräâra,
Tereçauçubár xe ánga.
Iorí xe recó monhánga,
Myiapé ybakygoâra,
[*f.* 6r] Apyábebé rembiü
Xe ánga recó pucú

  Xe ánga täygayba,
Xe ánga ierobiaçâba,
Ybypôra moeçaîbâba,
Ybâca pôra roryba,
Moreauçubâra yba,
Myiapé ybakygoâra, &c.

  Nde angaturâma rí
Eiorí xe poreauçubôca
Eipytybyróc xe róca
Nde pytaçâba iepí,
Taguatá nho nde rupí,
Myiapé ybakygoâra, &c.

  Iangarurámbäé çupé
Myiapé tecobé iára:
Ipoxybäé taçâra
Têõ oguár cioupé:
Oiepé mbiû pupé
Pecepiác tecoparâba?
Apyábebé rembiû,
Xe ánga recó pucú.

## RESTURAÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA DA VERSÃO DE 1686 [230]

### I – AO SANTÍSSIMO NOME DE JESUS

| | |
|---|---|
| 1 – Jesú, moropysyroána, | Jesus, salvador! |
| 2 – Jesú, tekó katú iára, | Jesus, bemaventurado! |
| 3 – Jesú, toryberekoára, | Jesus, fonte de alegria! |
| 4 – Jesú, che posánga ymana | Jesus, meu remédio antigo! |
| 5 – Jseu, che remimotára. | Jesus, meu amado! |
| | |
| 6 – Paí Jesú, che posánga, | Pai Jesus, meu alívio, |
| 7 – Che pYà, che rekobé, | Meu coração, minha vida, |
| 8 – Che peá umé iepé, | Não me abandones tu! |
| 9 – Eporausubók che ánga, | Tem compaixão de minh'alma |
| 10 – Tipyatã nde resé. | Fortalecida por ti! |
| | |
| 11 – Nde po guýripe che mónga | Pondo-me sob tuas mãos, |
| 12 – Nde morerekoár che ri, | Tu velarás por mim... |
| 13 – Tosó che ánga iepí | Que vá minh'alma, de contínuo, |
| 14 – Tekó katú monoónga | Felicidades coligindo |
| 15 – Nde rakypoéra rupí. | Ao longo de tuas pegadas! |
| | |
| 16 – Che pyá, che ánga eiár | Toma meu coração e meu ser |
| 17 – nde mbaéramo tauié: | Como se fossem emanações de ti; |
| 18 – Che moapysýk iepé, | Consola-me!... |
| 19 – Nde rausúba aipotár | Teu carinho eu só desejo, |
| 20 – Sausubipýra sosé. | Amado sôbre todas as cousas. |
| | |
| 21 – Osykyié nde suí | Tendo receio de ti, |
| 22 – Añánga nde moabaetébo | Respeitando-te o Satanaz, |
| 23 – Eiorí emosykyébo, | Vem e faze com que, a temer-te, |
| 24 – Tosó umé óka rupí | Êle não vá pelas choupanas |
| 25 – Oré ánga monguébo. | Nossas almas a afrouxar. |
| | |
| 26 – Nde pópe oré ánga rui, | Em tuas mãos está nossa alma, |
| 27 – Oré rerekoareté: | Mestre nosso verdadeiro! |
| 28 – Oroierobiá nde resé, | Temos confiança em ti... |
| 29 – Oré rekobé pukuí | Que através de nossa vida |
| 30 – Oré rausubá iepé. | Tu sempre nos agasalhes!... |

### II – À VIRGEM SANTISSIMA MARIA MÃE DE DEUS, SENHORA NOSSA

| | |
|---|---|
| **Mote.** | **Mote** |
| 1 – Tupã-sý angaturáma, | Misericordiosa Mãe de Deus, |
| 2 – Santa Maria che iára, | Santa Maria, Senhora minha, |
| 3 – Nde resá porausubára | Teus olhares carinhosos |
| 4 – Che rekó katuãoáma | São delícias de minha vida, |
| 5 – Che ánga remiekára. | Desejada de minh'alma! |

## Glosa

Ababykagoereýma,
Karaibebé poaitára,
Ybakpóra mborypára,
Tekotebẽsabeýma,
Añánga momosembára.

Eneĩ morerekoára,
Ikó che ñeéng paáma
Jesus robaké moáma,
Tekó katú angagoára,
Tupã-sý angaturáma.

Ereikatú che peábo
Añánga rekó suí:
Che katuãoáma rí
Eneĩ che mboguatábo
Nde angaturáma rupí.

Che iekyíme be korí
Emokañé che raangára:
Che ánga nde rausupára
Erasó seroieupí,
Santa Maria che iára.

Abápe nde renoindára
Osó teñé nde suí?
Eñemossinã che rí:
Moreausúba rerekoára
Nde réra poáma iepí.

Ybypóra aipó ei;
Seyiñé nde rekasára,
Apuába abé mombegoára

Oimosãi tába rupí
Nde resá porausubára.

Otĩ koarasý oséma
Nde berába robaké;
Iasý-tatá kuépe é
Ĩñemimí, nde koéma
Ára rorý pabeté.

Apyába deiteé
Oýbamo nde moáma:
Neĩ, neĩ epuáma
Tereimoéng opabeñé
Che rekó katuãoáma.

Tupã Jesus nde membýra
Oimoĩ supí mbaé,
Iangaipábae deiteé
Oseká eté nde poguýra
Oiekosureymebé.

## Glosa

Virgem,
Dos anjos alentadora,
Animadora dos bemaventurados,
Tranqüila
Eliminadora do Demônio!

Eia, pois, protetora!
Aquí está a minha voz confusa
A face de Jesus a erguer-se;
Felicidade espiritual
Misericordiosa Mãe de Deus!

Possas tu ir me afastando
Da presença do Díabo,
Para que eu seja feliz.
Eis-me a vencer caminho
No rumo de tua bondade!

Logo mais, quando eu morrer,
Elide os meus pecados!
Minh'alma, de tí afeiçoada,
Fá-la com que se eleve,
Santa Maria, Senhora minha!

Qual dos teus recorrentes,
Parte desajustado de ti?!
põe-te de sôbre-aviso por mim.
Fonte de caridade...
Teu nome seja sempre erguido,

Pelos pecadores, neste instante;
Confluem os que te buscam
E os varões tambem, que se [ confessam.
Multiplicam pela aldeia
Teus olhares carinhosos.

Envergonha-se a alvorada
Em face de teu fulgor;
As estrêlas, de outro lado,
Ocultam-se, a emergir de ti
Dias felizes para todos.

Os homens, por isso,
Erguem-se à tua aparição.
Eia, eia! levanta-te!
Para que dês a todos
As delicias de minha vida.

Deus Jesus, teu filho,
Dispõe as cousas com justiça
E, por isso, os pecadores
Buscam, em verdade, tua ajuda
Quando querem ser felizes.

| | |
|---|---|
| 51 – Che angaipábo ramo abé | Eu, também, quando peco, |
| 52 – Aipousû eté eté che iára, | Procuro ansioso minha Senhora... |
| 53 – Iorí che pysyrõsára | Vem, minha salvadora, |
| 54 – Che moiekosûb iepé. | Faze-me sempre feliz, |
| 55 – Che ánga remiekára. | Desejada de minh'alma! |

III – AO SANTO ANJO DA GUARDA.

| | |
|---|---|
| **Estribilho** | **Estribilho** |
| 1 – Peiorí, apyabetá, | Vinde, varões! |
| 2 – Oiepé tiaimoeté | Veneremos, reunidos, |
| 3 – Iandé karaibebé. | O nosso Anjo-da-Guarda! |
| **Copla** | **Copla** |
| 4 – Che rarõána ybakyguára | Meu protetor celeste, |
| 5 – Karaibebé poránga, | Anjo-da-Guarda formoso, |
| 6 – Eimboé katú che ánga. | Adextra bem a minh'alma |
| 7 – Toikuáb ybáka piára. | Para que ela me indique o rumo do céu! |
| 8 – Che rúba, che rerekoára, | Meu pai, meu mestre, |
| 9 – Nde resé ño taguatá | Para ti somente eu caminho... |
| 10 – Eipeá che raangára, | Afasta as minhas tentações! |
| 11 – Peiori, apyabetá, | Vinde, varões! |
| 12 – Oiepé tiaimoeté | Veneremos, reunidos, |
| 13 – Iandé karaibebé. | O nosso Anjo-da-Guarda! |
| 14 – Tupã robaké eikóbo | Estando tu diante de Deus, |
| 15 – Che suí deresyrýki, | Não me deixes em abandono, |
| 16 – Nachemopyá tytýki | Não tornes meu coração precipite |
| 17 – Añánga che rapekóbo. | Ao encontrar o Diabo em meu caminho! |
| 18 – Deité mochý osóbo | E indo assim o perverso, |
| 19 – Oatápe che reiá | Ao avançar possas acolher-me, |
| 20 – Nde pó guýpe che moingóbo | Retendo-me sob tuas mãos. |
| 21 – Peiorí, apyabetá, | Vinde, varões! |
| 22 – Oiepé tiaimoeté | Veneremos, reunidos, |
| 23 – Iandé karaibebé. | O nosso Anjo-da-Guarda! |
| 24 – Che irúnamo memé | Tu sempre comigo, |
| 25 – Nde áme che rausubábo, | Eu, à tua sombra a agasalhar-me, |
| 26 – Daeikatúi ñemonguyábo | Não é possível me rebaixe |
| 27 – Tekó angaipába pupé. | Em vida pecaminosa... |
| 28 – Dotĩi serã asé | Jamais se envergonhará |
| 29 – Marã oikóbo ára iá | Quem assim viver, todos os dias, |
| 30 – Oaroáma robaké. | Em face de seu protetor. |
| 31 – Peiorí, apyabetá, | Vinde, varões! |
| 32 – Oiepé tiaimoeté | Veneremos, reunidos, |
| 33 – Iandé karaibebé. | O nosso Anjo-da-Guarda! |

## IV – DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA EUCARISTIA

| | |
|---|---|
| **Estribilho** | **Estribilho** |
| 1 – Miyapé ybakygoára, | Pão celestial, |
| 2 – Apyabebé rembiú, | Dos anjos alimento, |
| 3 – Che ánga rekó pukú. | Subsistência de minh'alma! |
| **Copla.** | **Copla.** |
| 4 – Che ambyasý posánga, | Consôlo de minha angústia, |
| 5 – Che rekó tebẽ rupiára, | Inimigo de meus males, |
| 6 – Esepiák che maraára, | Vê tu minha agonia |
| 7 – Teresausubár che ánga. | Para que minh'alma agasalhes! |
| 8 – Iorí che rekó moñánga, | Ao meu ser vem dar alento, |
| 9 – Miyapé ybakygoára, | Pão celestial, |
| 10 – Apyabebé rembiú, | Dos anjos alimento, |
| 11 – Che ánga rekó pukú. | Subsistência de minh'alma! |
| 12 – Che ánga taygaýba | De minh'alma delígência, |
| 13 – Che ánga ierobiasába, | De minh'alma consolação, |
| 14 – Ybipóra moesaimbába, | Bálsamo de pecadores, |
| 15 – Ybakapóra roryba, | Delícia dos venturosos, |
| 16 – Moreausubára ýba, | Arrimo dos desgraçados, |
| 17 – Miyapé ybakygoára, | Pão celestial, |
| 18 – Apyabebé rembiú, | Dos anjos alimento, |
| 19 – Che ánga rekó pukú. | Subsistência de minh'alma! |
| 20 – Nde angaturáma ri | Pela tua bemaventurança, |
| 21 – Eiorí che poreausubóka | Vem, e meu sofrimento |
| 22 – Eipytybyrók che róka | Expulsa de meu lar, |
| 23 – Nde pytasába iepí | Teu pouso de sempre, |
| 24 – Taguatá ño nde rupí | Para que eu possa viver só por ti, |
| 25 – Miyapé ybakygoára, | Pão celestial, |
| 26 – Apyabebé rembiú, | Dos anjos alimento, |
| 27 – Che ánga rekó pukú. | Subsistência de minh'alma! |
| 28 – Iangaturámbae supé | Aos que são justos, |
| 29 – Myiapé tekobé iára: | Tu, pão! essência da vida! |
| 30 – Ipochýbae tasára | Os que aceitam o que é mau |
| 31 – Teõ oguár cioupé: | A morte os tome para si... |
| 32 – Oiepé mbiú pupé | E no alimento que é um apenas |
| 33 – Pesepiák tekó parába? | Vêdes ainda variedade? |
| 34 – Miyapé ybakygoára, | Pão celestial, |
| 35 – Apyabebé rembiú, | Dos anjos alimento, |
| 36 – Che ánga rekó pukú. | Subsistência de minh'alma! |

237 . O espaçamento entre as estrofes aparece apenas na edição de 1618. A transcrição das cantigas da edição de 1665 segue a forma da primeira, para que se facilite a comparação entre ambas.

238 . Na tradução de PLÍNIO AYROSA, de 1941, encontramos, à p. 13, a seguinte observação (entre parêntesis, precedendo a « Transcrição integral »): « Os textos, transcritos em ortografia simplificada, são os que se encontram na 2ª ed. do 'Catecismo Brasilico', de 1686, reimpresso facsimilarmente, em 1898, por Júlio Platzmann ». AYROSA não comenta as sensíveis diferenças entre as suas versões dos « poemas brasílicos » e nem fornece tradução da versão de 1618.

# 115

# ANTÔNIO DE MATOS

## (1561 – 1645)

**DOCUMENTO:** **INFORMAÇÃO DAS OCUPAÇÕES DOS PADRES E IRMÃOS DO RIO DE JANEIRO PARA O PADRE ASSISTENTE DE PORTUGAL EM ROMA.** Rio de Janeiro, março de 1619.

**TEXTO:** Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras.** 3(1), ff. 195r-201v. O título, segundo LEITE (1938), v. 6, p. 568, que indica assinatura autógrafa ao final da carta, é o seguinte: « Informaçaõ das occupações dos P.es e Irmaõs do Rio de Janeyro P.a o P.e Assistente de Portugal em Roma – 1619, 1ª Via. De Antonio de Matos mandada para Roma pelo P. Simaõ Pinheiro Provincial do Brasil. Março de 1619 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** A « Informação » de Antonio de Matos aparece publicada apenas por LEITE (1938).

**NOTA SOBRE O AUTOR:** ANTÔNIO DE MATOS foi estudante do Colégio de S. Antão (Portugal) e entrou na Companhia de Jesus em 1577. Foi professor e administrador, chegando ao Brasil em 1599, onde residiu até morrer. Esteve em Angola em c. 1604 e preso na Holanda entre 1624 e 1628.

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***História da Companhia de Jesus no Brasil.*** Lisboa, Livraria Portugalia; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938. v. 6, Apêndice A, pp. 563-568: « Informação do Colégio do Rio de Janeiro pelo P. Antônio de Matos, 1619 ».

[...]

[7.] (*p. 564*) Nem ate agora disse mais q̃ o q̃ fazemos nas Cidades, villas, e povoaçoens povoadas de moradores portugueses e naõ as que fazemos nas aldeas dos Indios Brazis, e nas missoins, a que a seus tempos somos mandados ao sertaõ, e outras terras mui remotas em demanda de gentio, q̃ venha viver nas aldeas, q̃ estaõ a sombra dos Portugueses. E fallando destas Aldeas, temos nellas a cura spiritual, qual he a que tem o parocho de suas ovelhas. E tras consigo montes de occupaçoens a quem se determina fazer este off.o com a devida perfeiçaõ e principalmente entre gente de pouca capacidade qual he commũm.te a do Brasil. Aqui entra a cathequisar os gentios que se convertẽ à nossa Sancta fe, e bautizar os inocentes, e adultos, e outras cousas mais comũas q̃ pertencẽ ao offo pastoral. Temos cuidado de os domesticar nos costumes naõ som.te Christaõs senaõ tambem politicos para q̃ saibaõ viver em paz e quando for possivel sem queixa naõ somente entre si senão tambem com os vizinhos portuguezes, para que saibão promover o culto divino, e ajudar a celebrar os off.os divinos com canto de orgaõ e instrumentos musicos[239], e com a devida decencia. <...>

[...]

239 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. IV, 1713, p. 155) informa: « Instrumento, ou Instrumento musico. Qualquer engenho, que serve de fazer harmonia, sem intervenção da voz. **Organum, aptatum ad usus canendi. Senec. Philos.** O mesmo Author fallando em musica diz, **instrumentum**. Quando se póde duvidar em que instrumento se falla, melhor he dizer, **Instrumentum musicum** ». Cf. também LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1968, pp. 386-388).

116

## CAMARISTAS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO

**DOCUMENTO:** CARTA A EL-REI DE PORTUGAL. São Luís, 9 de dezembro de 1619.

**TEXTO:** GUILHERME STUDART, o único a publicar este documento, no mesmo volume que imprimiu a « História Portuguesa » de SEVERIM DE FARIA e 44 outros inéditos de sua coleção particular, não fornece indicações muito precisas sobre o manuscrito. A carta, redigida pelo escrivão da Câmara João Barbosa de Caldas, leva na edição de STUDART o seguinte título: « *9 de Dezembro de 1619 – Carta dos Camaristas de S. Luiz do Maranhão a El-Rei narrando a installação da primeira camara no logar e serviços que vae fazendo* ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** MANUEL SEVERIM DE FARIA – ***História Portuguesa e de Outras Provincias do Occidente Desde O Anno De 1610 Até O De 1640 da Felice Acclamação de El Rey Dom João O 4º Escritta em Trinta e Huma Relações Por Manoel Severim de Faria Chantre da Sé de Evora Copiado na parte que diz respeito ao Brasil, pela 1ª vez publicado e annotado pelo Barão de Studart. Com um Appendice de quarenta e quatro Documentos, ineditos, pertencentes à Colecção Studart.*** Fortaleza, Typ. Studart, 1903. Doc. 30 (Apêndice), pp. 186-196.

[...]

[10.] (*p. 193*) E asy deve V. Magd. mandar pera a gente q' vier e qua está armas espingardas arcabuzes q' serven p.ª as guerras destas partes E quoanto mais pequenos e leves milhores cõ seus frasquos e polvora e as mais moniçõis especialmente quatro bandeiras e hoyto tambores e quatro venables e duas trombetas bastardas[240] q' tudo he pera o serviço de V. Magd. e pera lhe fazermos hua grande colonia nestas partes e esperamos em deos q' com seu devino favor e con o que de V. Magd. e sua real grandeza esperamos pedimos avemos m.to cedo de por esta comquista en bom estado edefiquando nella hua nobre sidade em q' se faça hua famosa colonia de christandade em estas partes de muyto Rendim.to a fazenda de V. Real Magd.

[...]

240 . RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. VIII, 1721, p. 306) informa: « Trombeta bastarda. Instrumento de metal, a modo de trombeta ordinária, mas tem o cano mais estreito, & o som mais agudo ». Também sob a designação "bastarda", o mesmo autor (v. II, 1712, p. 64) acrescenta: « Trombeta Bastarda, ou Bastarda (sem mais nada.) He cujo som he hum misto entre o som forte, & grave da trombeta legitima, & o som delicado, & agudo do clarim ». ISAAC NEWTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 290) é mais sucinto: « É aquela que tem um tubo mais estreito que a ordinária, e dá som mais agudo ».

# 117

## MANUEL GOMES

## (c. 1570 – 1648)

**DOCUMENTO:** INFORMAÇÃO DA ILHA DE SÃO DOMINGOS, VENEZUELA, MARANHÃO E PARÁ (AO P. GERAL VITELLESCHI). Lisboa, 22 de Janeiro de 1621.

**TEXTO:** Archivum Romanum Societatis Iesu, **Bras. 8**, fl. 334r–338r. Data (no final da carta): « 22 de Janeiro de 621 Collegio de S. Antão [Lisboa] ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Este documento foi publicado apenas por LEITE (1938), sem maiores indicações sobre o original e outras versões existentes.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** De acordo com SERAFIM LEITE – *História*, v. VIII, 1949, p. 270), MANUEL GOMES « Nasceu cerca de 1570 em Cano (Arcebispado de Évora). Entrou na Companhia em Évora em 1586. Embarcou para o Brasil em 1595. Fez a profissão solene em Olinda a 13 de Setembro de 1609. Trabalhou em Ilhéus e nas Aldeias. Pregador e 'eloquente na língua brasílica'. Primeiro Jesuíta que esteve em S. Luiz do Maranhão, a cuja conquista assistiu na Armada de Alexandre de Moura (1615). Saindo dela em 1618, arribou às Antilhas. Seguiu para Lisboa. E voltando ao Brasil, ocupou-se com os Índios. Faleceu a 15 de Outubro de 1648, no Rio de Janeiro ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA:** SERAFIM LEITE – ***História da Companhia de Jesus no Brasil***. Lisboa, Livraria Portugalia; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938. v. 3, Apêndice B, pp. 427-431: « Manoel Gomes – Informação da Ilha de S. Domingos, Venezuela, Maranhão e Pará (1621) ».

### [4] INFORMAÇÃO DA ILHA CHAMADA MARANHÃO

[1.] (*p. 429*) Ho que agora chamão Maranhão he huma ilha duas legoas da terra firme, a qual fazem os rios Muni, Itapurucu, e Meari, os quaes se aiuntão em hum, antes de esboquar no mar, deixando esta ilha no meyo, tem dezoito legoas de comprido, e sinco de largo e como esta na boca dos rios tem duas barras huma de maes de tres otra de maes de sinco, nesta ilha tinhão os francezes suas fortalezas daqui os lançamos tomandolhe a artelharia cõ todos os petrechos de guerra e fizemos tres fortalezas nesta ilha e terra firme nos ocupamos na salvação das almas, levantando cruzes e igrejas cõ musica e charamelas[241] que eu levava, cantando aos dias santos e domingos missas de canto de orgão[242] com os cantores Indios que do Brasyl levava, para afeiçoarmos os animos dos Gentios a nossa Fee, e para verem a diferença que avia de nos aos hereies. Nos povos a que chegava mandava todos os dias fazer sinal cõ huã campainha pella manhã aiuntandosse na igreja, eu ou o Padre meu companheiro lhes ensinavamos as orações pregavamos dando noticia de Deus, domisterio da Santissima Trindade, da encarnação do Verbo Eterno, e dos maes milagres de nossa santa fe, repartindo o catequismo e instrução por dias logo se dizia huma missa.

[2.] A tarde mandava fazer o mesmo sinal e depois de lhe ensinar as orações continuavamos cõ o catecismo antes da noite se tornava a fazer o mesmo sinal, a que acodião os meninos, e saindo da igreja em procissão davão volta pello povo, cantando as orações, entoando hum de nossa casa ao qual seguião os maes, recolhendose na igreja, se lhes contava laguma historia, isto tudo pella lingoa Brasylica, curavamos aos doentes, aplicando as

mesinhas que a charidade nos ensinava, levava quatro sangradores e muitas vezes acontecia antes da missa mandar fazer vinte sangrias por aver huma doença perigosa, emfim eramos enfermeros. apos os remedios do corpo aplicavamos os da alma, catequizando, bautizando, aiudando a bem morrer, levandoos a enterrar, dizendo-lhe responsos, e como as doensas forão muitas, padecemos muito trabalho, levantandonos da mesa a acodir aos doentes para que nos chamavão. Tres casos apontarei, deixando otros.

[3.] Estando hum dia levantando huã cruz que de ordinario passavão de sesenta palmos de comprimento, por aver naquellas partes maderos altissimos, cõ musica e charamellas, pregava o Padre companhero as mersês que o Senhor por meyo daquelle santissimo sinal nos fazia, disseme hum principal se he verdade isto que nos pregaes rogai a Deus dê saude a meu filho que esta mal, respondilhe fizesse elle a petição poes em sua povoação levantamos a crux ao que tornou se vos não ossaes a lho pedir, que o conheceis, como o farei eu que o não conhesso, rogeilhe nos pusessemos de Joelhos e repetisse o que eu dissesse. Fe-lo elle assi. Fizemos oração a Deus, ovio-o o Senhor e recolhendose en casa achou o filho são.

[...]

241 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. II, 1712, p. 277) descreve a **charamela**: « Instrumento de assopro, a modo de trombeta direita, sem voltas, de certas madeiras fortes. Querem alguns, que **Charamèla**, se derive do Grego **Cheir**, que val o mesmo, que **mão**; porque nos agulheiros da charamelas se occupaõ quasi todos os dedos de ambas as **mãos**. Para distinguir este instrumento de outros Instrumentos de boca, que naõ saõ taõ grandes, nem fazem tanto estrondo, eu lhe chamera, **Decumana tibia, ae. Fem.** ». DOMINGOS VIEIRA (**Grande dicionário português**, v. II, 1873, p. 196) parece se referir a outro tipo de **charamela**, pois o descreve como « Instrumento de musica pastoril, flauta delgada que tem o som de tiple muito agudo; e de pequenas dimensões; e o seu diapasão não chega a duas oitavas ». De fato, ERNESTO VIEIRA (**Diccionario Musical**, Lisboa, E. Gazeta Musical, 1890), citado por PEDRO SINZIG (**Pelo mundo do som**, 1959, p. 149), informa haverem três tipos: a charamela "bastarda", a "média" e a "charamelinha". MÁRIO DE ANDRADE (**Dicionário musical brasileiro**, 1989, p. 129) dá « Instrumento de sopro, pequena flauta delgada, sem chaves, de som muito agudo. O mesmo que pífano, pífaro [?], chorumela, xorumela, churumela ». TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (**Dicionário de música**, v. I, 1962, p. 306) acrescentam: « A charamela pròpriamente dita tinha, porém, uma característica muito especial e muito sua que convém mencionar, porque nunca a perdeu senão quando de fato se calou, para figurar nos museus instrumentais: a cobertura da sua palheta por um tubo semelhante ao que tiveram os flajolés, impedindo-a por completo do contacto directo com os lábios do tocador. Este soprava no tubo condutor, e era pela fôrça do ar expelido que o agente sonoro, postado à distância, ressoava sem suavidade nem doçura, mas com uma rudeza de timbres tal que afligia, arrepiando os ouvidos dos mais conformados com a inevitável aspereza de tão esquisita timbração. Os sucedâneos imediatos em função da clássica charamela (o oboé, o clarinete e o fagote) nem de longe lembram sequer a triste odisseia da sua amargurada vivandeira ». Cf. também ISAAC NEWTON (**op. cit.**, 1994, p. 65). RUI DE PINA (**Crônica de El-Rei D. João II**, 1950, cap. XLIX, p. 133), escrevendo em 1792, dá outra variante do termo, relatando uma cena portuguêsa de 1491, onde houve « grande estrondo de bastardas, choromellas, e muitos tiros de fogo ». TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (**op. cit.**, v. I, 1962, p. 470) informam que « André de Escobar, português do século XVI, escreveu um manuscrito hoje perdido, Arte musica para tanger o instrumento da charamelinha » e dão (**idem**, entre as pp. 388-389) uma gravura antiga, onde se vê uma charamela. O músico seiscentista português DAMIÃO DE GÓIS » (**Crônica do felicissimo Rei D. Manuel**, 1556, v. II, parte III, p. 93) descreve seu uso já em 1513, na entrada de três embaixadores portuguêses em Roma: « Primeiramente vinhão seis trombetas, & seis charamelas, & depois hum Indio sobre hum fermoso cavallo ». Cf. a GRAVURA II.

242 . MANUEL GOMES 44, aqui, com exatidão, as ocasiões onde eram celebradas **missas de canto de órgão**: « aos dias santos e domingos ».

# 118

# MANUEL DA ILHA

**DOCUMENTO: NARRATIVA DA CUSTÓDIA DE S. ANTÔNIO DO BRASIL, OU RELAÇÃO E NÚMERO DAS CASAS E DAS DOUTRINAS NELA EXISTENTES OUTRAS COISAS DIGNAS DE MENÇÃO, ETC.**. Convento de Santa Catarina de Carnota de Portugal, 30 de agosto de 1621.

**TEXTO:** Autógrafo em latim. Arquivo da Província Franciscana de S. Gregório em Pastrana, Espanha, Registro da **Curia Discalceatorum [...] et Recollectorum**, nº 32-A, tomo II, ff. 270r-312r [antes, riscado, ff. 54r-55r]. Do f. 302v, saltou-se para o f. 304r. O título que, segundo Ildefonso Silveira (cf. publicação utilizada, p. 10) « tem início numa folha e completa-se na seguinte, através de quase todo o manuscrito até f. 300r », é o seguinte: « Divi Antonii Brasiliae Custodiae enarratio seu relatio numerique domorum et doctrinarum quae in illa sunt necnon aliarum rerum narrationis dignarum, etc. ». Data (última frase do texto, f. 312r): « et memoria dignae excerpsi legique, quae mihi non parum negotii facesserunt illas investigando, ut hac certa veraque relatione in lucem prodirent. In quarum fide et veritate propria manu subscribo in conventu Sanctae Catharinae a Carnota Portugalliae, die trigesima augusti anno 1621. Fr. Emanuel Insulanus ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** A Narrativa, referente à « Custódia de Santo Antônio », portanto, ao período de 1585 a 1621, foi unicamente publicada por Ildefonso Silveira em 1975, criteriosamente transcrita e traduzida, com desdobramento de abreviaturas e numeração de parágrafos.

**NOTA SOBRE O AUTOR:** Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro VI, cap. II, nº 2, p. 300), « Frei Manuel Insulano (da Ilha) pregador e membro da Província de Santo Antônio terminou sua *Narrativa* atestando que conforme a prescrição e ordem a ele dada pelo Frei Benigno de Gênova, ministro geral de toda a família franciscana, leu e extraiu todas as coisas dignas de memória das relações sobre a custódia brasileira longa e cuidadosamente por ele procuradas e investigadas ».

**PUBLICAÇÃO UTILIZADA (COM TRADUÇÃO PORTUGUESA):** FREI MANUEL DA ILHA - ***Narrativa da Custodia de Santo Antonio do Brasil - 1584-1621***. (**Texto bilingue, Introdução, notas e tradução portuguesa por Frei Ildefonso Silveira, O.F.E.**). Petrópolis, Vozes, Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1975. 143 pp.

## TEXTO LATINO

[...]

51. <...> [*f. 285r*] (*p. 65*) custos frater Henricus cum ceteris religiosis, qui primo tunc in Indiam orientatem navigavere, quoddam altare erexere prout melius potuereunt et rem divinam celebravit [*f. 285v*] et fuit celebrata; sed vix non erat confecta cum incolae ethipes magis ad rubeum colorem declinantes, nudi, suos arcus et sagittas in manibus gestantibus ut bruti et agrestes pervenere, admirati sua in regione videndo homines indutos, et non plus missae ceremonias et musica instrumenta quibus celebrabatur. <...>

[...]

## TRADUÇÃO

[...]

<...> (*p. 65*) Frei Henrique celebrou a santa missa [*em "Porto Seguro", a 1º de maio de 1500*], que foi a primeira celebrada pelos Religiosos Minoritas em toda aquela província e região, até o momento inculta. Não findaram ainda a missa quando apareceram indígenas, de cor avermelhada, nus, brutos e agrestes, com arcos e flechas nas mãos, admirados de verem em suas terras homens vestidos e não menos de contemplar as cerimônias da missa e os instrumentos musicais que a solenizavam. <...>

[...]

**71.** [*f.* *283v*] (*p.* *88*) De Doctrina Sancti Michaelis de Iguna

Doctr. 2

<...>

**72.** (*p.* *89*) Ingressis tamen ad hos evangelicis praedicatoribus, paulatim eos as orthodoxam fidem reduxerunt, baptizantes illico infantes, parentes catechizantes, ut mos est, et omnes alios, qui noviter a montanis et nemoribus ducti Spiritus Sancti impulsu veniunt. In quo opere masimum Deo obsequium praestant quoti(*p.* *90*)die quatour religiosi, qui semper illos in quodam receptu instar conventus comitantur, quem ipsi neophiti ex lignis et parietibus luteis cum quadam pergrandi ecclesia construxere. Et praeter fidei doctrinam, quam gentilibus illis communicant, etiam eorum filios in legendo et scribendo exercent; et illorum quam plurimi musicis artibus canendi et pulsandi omnia instrumenta, quibus diedus festivis rem divinam decantant, sunt periti. <...>

[...]

**87.** [*f.* *299r*] (*p.* *108*) Relatio Rituum et morum regionis Brasiliae.

[...]

<...> Habent inter se aliquos principales magis ad bellum quam ad pacem deputatos, quibus nullum solvunt tributum; sed solum eos invitant ad bibendum, cum habent aliisque leguminibus coctis et mansis (*p.* *109*) per virginis et dilutis aqua, quousque fiat acetum, conficiunt. Non bibunt quando comedunt, sed cum saltant et canunt. <...>

[...]

(*p.* *88*) A Doutrina de São Miguel de Iguna.

2ª Doutrina

[...]

(*p.* *89*) Indo para lá [*"São Miguel de Iguna", na "Capitania da Paraíba", em fins do século XVI*], os pregadores evangelicos [*franciscanos*] paulatinamente os conduziram [*os "indígenas"*] à verdadeira fé, batizando logo as crianças, catequizando os pais, como é costume, e todos aqueles que ultimamente vinham chegando das serras e matas, sob impulso do Espírito Santo. Nesse trabalho, quatro Religiosos prestam diaria(*p.* *90*)mente a Deus o máximo obséquio; fazem sempre companhia aos indios num recinto semelhante a um convento que os mesmos construíram, com uma grande igreja de madeira e com paredes de barro. Além do catecismo que ministram aos indígenas, ensinam também aos filhos deles leitura e escrita. Muitos dentre eles são mestres em música tanto vocal como instrumental, com o que nos dias de festa solenizam o culto divino. <...>

[...]

(*p.* *108*) Relação dos ritos e costumes dos indios do Brasil.

[...]

<...> Entre se têm [*"todo gentio da Provincia do Brasil"*] alguns principais, "um capitão mais para a guerra que para a paz". "Porém nem a estes, nem ao maioral pagam os outros algum tributo ou vassalagem mais que chamá-los quando têm vinhos, para os ajudarem a beber, ao que são muito dados, e os fazem de mel ou de frutas, de milho, batatas, e outros legumes, mastigados por donzelas e delidos em água até se azedar, e não bebem quando (*p.* *109*) comem, senão quando praticam, ou bailando ou cantando".[243] <...>

243. Nota de ILDEFONSO SILVEIRA, nesta edição (nota 66, p. 146): « Em os nºs 87, 88, 89 nessa **Narrativa** depende da perdida Crônica de Frei Vicente do Salvador, de 1618. Por isso, em vez de traduzir com próprias palavras o texto latino, colocamos entre aspas o texto de Frei Vicente do Salvador, repetido pelo mesmo na sua **História do Brasil**, Livro 1, cap. XII-XVI ».

# 119

# MANUEL DE ARAÚJO

## (1590 - após 1639)

**DOCUMENTO:** EXTRATO DE ALGUMAS COUSAS ESCRITAS DO BRASIL NO ANO DE 1621. s.l., 31 de dezembro de 1621.

**TEXTO:** Publicado nas pp. 119-136 de *Lettere Annue* (é o 4º documento), seu título encontra-se na p. 119 (IM): « Estrato | DI ALCUNE COSE | Scritte Dal Brasile | Nell' Anno MDCXXI ». Na p. 136 (I4) vem o autor, ao final da carta: « Per ordine del P. Rettore Ferdinando Cardim. | Michele Darajo. ». A data se encontra à última linha do texto, p. 136: « l'vltimo di Decembre. 1621 ».

**NOTA BIBLIOGRÁFICA:** Esta carta também aparece na *Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Malabar, Brasil, et es Indes Orientales...* (Paris, Sebastien Cramoisy, 1628).

**NOTA SOBRE O AUTOR:** SERAFIM LEITE (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, v. VIII, 1950, p. 64) informa: « Nasceu em 1590 em Viana do Minho. Entrou na Companhia na Baía em 1608. Aprendeu a língua tupi, na Aldeia da Escada (Pernambuco), onde estava com o P. Luiz Figueira em 1619. Voltou à Baía, onde em 1621 era Mestre de Humanidades. E em 1633, à data da invasão holandesa, residia, já Padre, no Colégio de Olinda. Deixou de pertencer à Companhia em 1639 ».

**EDIÇÃO UTILIZADA:** *LETTERE | Annue | D'Etiopia, Malabar, | Brasil, E Goa. | Dall'Anno 1620. fin'al 1624. | Al Molto Reuer. in Christo | P. Mutio Vitelleschi | Preposito Generale della Com|pagnia di Giesv.* | [grav.] | In Roma, Per Francesco Corbelletti. MDCXXVII. [1627] | Con Licenza de' Superiori. [16 X 10; 343 pp.] (BGUC: LP-I-9).

**TRADUÇÃO PORTUGUESA:** PAULO CAETANA.

### TEXTO ITALIANO

[2] (*p. 128*) **Collegio, e Residenza del Fiume Gennaro.**

[...]

[7.] (*p. 130*) La selua Goitaca, piena di barbari, e seluaggi, ha cominciato à rendere qualche frutto degno de'celesti giardini, mercè alla coltura incredible de'nostri; tra l'altre opere, l'vna è, che richiesti d'nostri à dargli li bambini per battezzargli; n'offeriono tredici, de'quali abbelliti con l'acqua battesimale, vndici n'andarono al Cielo, ad intercedere per li loro genitori; per meglio addolcire questi ad offerirgli alla sacra fonte; determinarono li nostri di dare sepoltura à quei felici corpicciuoli, con funerale di qualche mostra; Per tanto due Padri con la Cotta in dosso, accompagnato

### TRADUÇÃO

**Colégio e Casa do Rio de Janeiro**

[...]

A selva goitacá, repleta de bárbaros e selvagens, começou a render algum fruto digno de jardins celestes, graças à incrível dedicação dos nossos. Entre outras obras, uma foi, a nosso pedido, o batismo dos meninos. Apresentaram-se-nos treze, dos quais, abençoados com a água batismal, onze se foram ao céu, a rogar por seus próprios pais, para melhor os mitigar, oferecendo-lhes a sacra fonte. Determinaram os nossos que se sepultassem aqueles felizes corpúsculos, com funerais de alguma mostra. Para tanto, dois padres com sobrepelizes às costas, acompanhados de muitos índios, com tochas acesas e ao som de sinos, com vozes

da molti Indiani, con fiaccole accese, à suono di campane, con voci di canto, gli condussero alla Chiesa. Stauano merauigliati li barbari, e rallegrati dal non più veduto spettacolo, si resero poi molto cortesi à simili rechieste. <...>

de canto os conduziram à igreja. Estavam maravilhados os bárbaros, alegrados pelo espetáculo nunca visto, voltando-se depois muito corteses a semelhantes convocatórias. <...>

[8.] <...> (*p. 131*) Nel giorno poi della festa, egli stesso cantò il vespro solennemente, vi sù musica triplicata, stromenti varij, addobbi pretiosi, e con vna bellissima processione si terminò tutto; <...>

<...> No dia seguinte à festa [*"para a beatificação do B. P. Francesco Xauerio"*], ele mesmo cantou as vésperas solenemente, a 3 coros, instrumentos e ornamentos preciosos. E com uma belíssima procissão se terminou tudo. [244] <...>

244 . Na ***Histoire de ce qui s'est passé*** (Paris, Sebastien Cramoisy, 1628, p. 164), este trecho vem escrito da seguinte maneira: « Le jour de la feste il officia à vespres, où il y eut vne musique excellente à trois choeurs de voix & d'instruments ».